Jacinta Passos, *coração militante*

Janaína Amado
organizadora

Jacinta Passos, *coração militante*

poesia, prosa, biografia, fortuna crítica

EDUFBA - CORRUPIO
Salvador - Bahia, 2010

©2010, *by* Janaína Amado
Direitos desta edição cedidos à EDUFBA e à Corrupio Edições e Promoções Culturais Ltda.
Feito o depósito legal.

Coordenação editorial: *Bete Capinan*

Pesquisa iconográfica: *Janaína Amado*

Projeto gráfico capa e miolo: *Angela Garcia Rosa*

Revisão: *Sidney Wanderley*

Fotografias: *acervos de Janaína Amado, da famíla Passos,*
de Fernando Santana e de Zélia Gattai (FCJA)

Edição de fotos: *Bete Capinan*

Desenhos de Lasar Segall: *acervo do Museu Lasar Segall, fotografado por Sérgio Guerini*

Produção gráfica: *Gabriela Nascimento*

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Jacinta Passos, coração militante : obra completa : poesia e prosa, biografia, fortuna crítica / pesquisa, organização, textos introdutórios, biografia e notas : Janaína Amado ; [prefácio] José Mindlin. - Salvador : EDUFBA ; Corrupio, 2010.
580 p. : il., retrs.

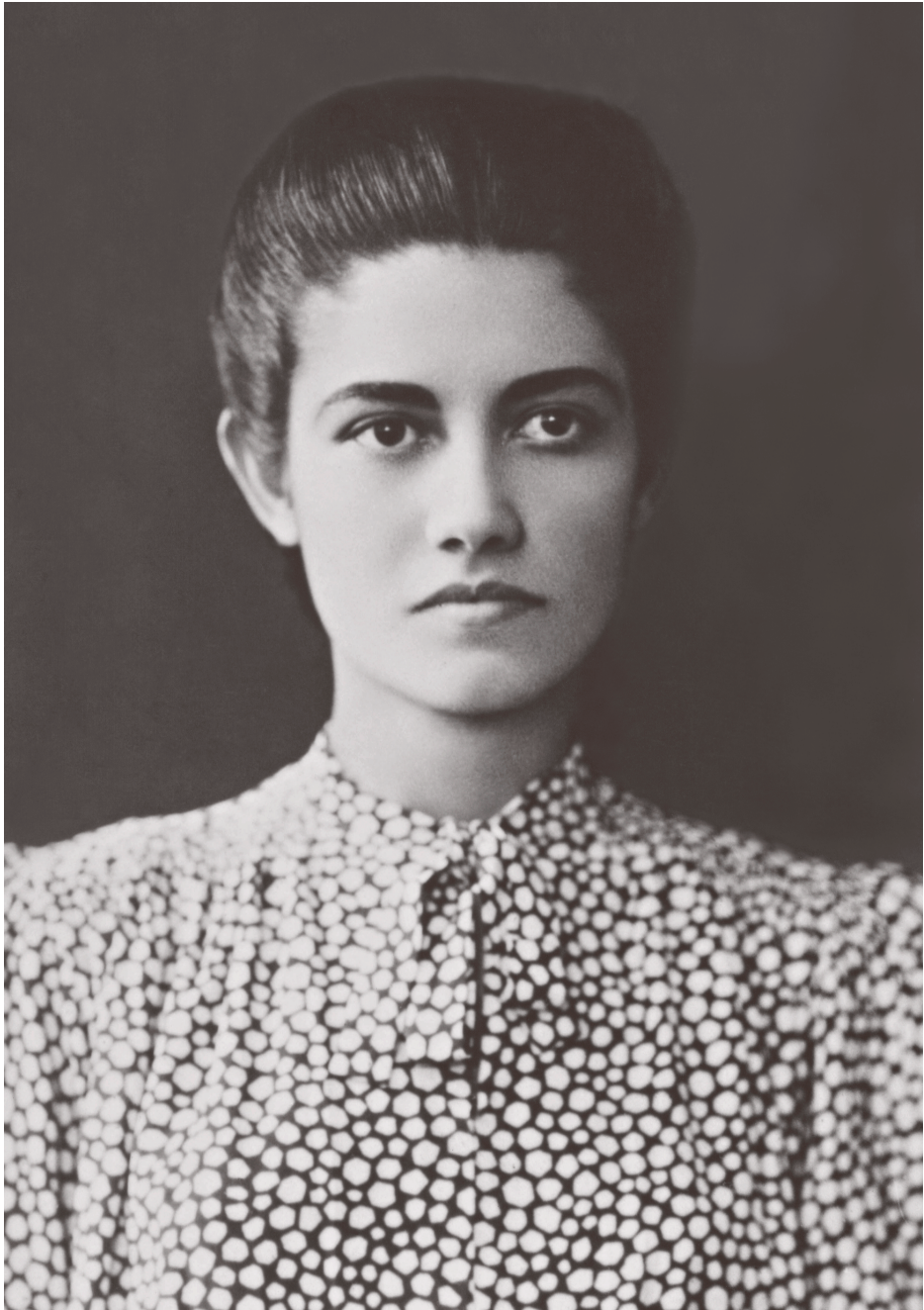
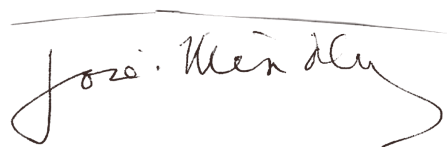
ISBN 978-85-232-0683-3

1. Passos, Jacinta, 1914-1973 - Crítica e interpretação. 2. Escritoras brasileiras - Biografia. 3. Poesia brasileira. 4. Ficção brasileira. I. Amado, Janaína. II. Mindlin, José.

CDD - 869.91

EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n
Campus de Ondina
40170-115 Salvador-Bahia
Tel: (55 71) 3283-6160/6164/6777
edufba@ufba.br www.edufba.ufba.br

CORRUPIO
EDIÇÕES E PROMOÇÕES CULTURAIS Ltda.
Rua Airosa Galvão, 106, conj. 102 - Barra
40140-180 Salvador-BA
Tel: (55 71) 3245-1833 / 9938-8453
(fax) 3235-7558
www.corrupio.com.br corrupio@terra.com.br

EDUFBA editora filiada à

A poesia de Jacinta Passos

A poesia de Jacinta Passos me impressionou desde a primeira leitura. Confesso que não conheci a autora, mas seus escritos passaram a ser admirados por mim. Sua obra merece ser muito mais conhecida, e Janaína Amado presta um serviço excelente à nossa literatura publicando a obra *Coração militante*.

A poesia de Jacinta Passos foi lida e relida muitas vezes aqui em casa, tanto por mim como pela Guita, minha mulher, e *Cantiga das Mães* é uma de minhas preferências. Há um grande trabalho a fazer para tornar mais conhecida essa obra poética tão boa. Falo como grande admirador desde a primeira leitura.

José Mindlin

José Mindlin
Março de 2009

Sumário

Apresentação

Jacinta Passos foi uma mulher à frente do seu tempo. Nascida no ano da eclosão da Primeira Guerra Mundial – quando o Brasil, país essencialmente rural, há pouco ingressara na era republicana e libertara os escravos –, educada em tradicional família do interior da Bahia, segundo princípios rígidos da Igreja Católica, destinada a ser mãe de família, ou, em caso de necessidade financeira, professora, Jacinta paulatinamente rompeu os limites impostos por sua época e situação social. Virou o próprio destino de ponta-cabeça, recusou suas heranças, traçou para si outros projetos, enveredou por trilhas novas. Fez da poesia arma de esplendor e guerra, afirmação de justiça, liberdade e amor, tornou-a a sua voz, a sua identidade. Jornalista incansável, foi das raras mulheres da Bahia, no início da década de 1940, a expressar publicamente suas opiniões, nem sempre concordantes com as da maioria. Como mulher, foi livre, escolhendo amores e amigos, mesmo os improváveis, não se submetendo a tradições. E lutou para que os direitos que conquistara pessoalmente se estendessem às outras mulheres. Feminista, entendia que as mulheres só seriam donas de seus destinos quando toda a sociedade se transformasse, mas compreendia também que elas tinham projetos, necessidades e desejos específicos, relativos às suas relações com os homens, que precisavam ser ouvidos e atendidos também de forma específica.

Jacinta Passos acreditou – quando essa utopia parecia possível – que a sociedade socialista e, posteriormente, a comunista trariam justiça, igualdade, liberdade e oportunidade para todos. Isso, numa época em que grande parte da sociedade brasileira equiparava os comunistas a brutais assassinos, inclusive de criancinhas, como Herodes: *Conheci pessoas que, na época, tinham repugnância física pelos comunistas. Eu era um deles*, lembrou o temido policial Cecil Borer, um dos chefes da repressão aos comunistas no Brasil.[1] Ligada aos movimentos de esquerda desde a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Jacinta ingressou oficialmente no Partido Comunista Brasileiro em 1945, nele permanecendo até morrer. Foi militante em tempo integral, renunciando a quaisquer comodidades ou benefícios pessoais em nome das causas que defendia.

Pagou um preço altíssimo por derrubar tantas barreiras, na contramão da vida, na construção do caminho duro de seus ideais. Afirmou-se como mulher e intelectual, mas sua existência foi muito difícil, marcada por rupturas, fortes desi-

---

[1] Arquivo Público de Estado do Rio de Janeiro (APERJ), Programa Memória do Mundo da UNESCO, Fundo Arquivístico da Polícia Política do Rio de Janeiro, entrevista com Cecil Borer.

lusões, crises psicológicas. Foi excluída, perseguida, presa, internada em sanatórios. Este volume recupera a trajetória biográfica de Jacinta Passos, bem como toda a sua obra.

Esta é a primeira edição da obra completa de Jacinta. Nascida em Cruz das Almas, Recôncavo da Bahia, em 1914, e falecida em 1973, em Aracaju, Jacinta é uma escritora praticamente desconhecida hoje. Os quatro livros de poemas que publicou, entre os anos de 1942 e 1958 – *Nossos poemas, Canção da partida, Poemas políticos* e *A Coluna*[2] – foram lançados em edições pequenas, há muito esgotadas, como esgotada também está a segunda edição do *Canção da partida*, de 1990.[3]

No entanto, os livros escritos por Jacinta Passos chamaram muito a atenção. Saudada em *Momentos de poesia* como uma excelente promessa literária, desde *Canção da partida* ela foi incluída "numa posição de primeira plana na moderna poesia brasileira", conforme assinalou Antonio Cândido.[4] Seus livros foram lidos, analisados e elogiados por alguns dos mais respeitados intelectuais e críticos da época, gente do porte do próprio Cândido, de Mário de Andrade, Gabriela Mistral (Prêmio Nobel de Literatura em 1945), Roger Bastide, Sérgio Milliet, Aníbal Machado, Paulo Dantas e José Paulo Paes, entre outros. O grande artista Lasar Segall ilustrou *Canção da partida.*

A presente edição contém a poesia completa de Jacinta, incluindo-se seus livros publicados – apresentados aqui em ordem de publicação –, poemas esparsos e poemas inéditos, estes últimos parte de uma série manuscrita, produzida nos últimos anos de vida da autora, jamais trazida antes a público. O volume contém ainda a prosa completa de Jacinta, muito pouco conhecida, composta de artigos para jornal – nunca publicados em livro – e textos em prosa inéditos, parte da mesma série manuscrita dos últimos anos de sua vida, que denominei "Cadernos do Sanatório". Uma pequena parte desses cadernos, chamada "Comprimidos poéticos", abre o volume.

Todos os critérios usados nesta edição, tanto para a compilação e fixação do texto poético de Jacinta Passos, quanto para as outras produções de sua autoria, estão explicitados em textos introdutórios que antecedem cada uma das partes deste volume. O objetivo foi tornar mais concisa esta introdução e, ao mesmo tempo, aproximar cada explicação do conjunto de textos a que se refere. Todo o material apresentado no livro, em suas diversas partes, é acompanhado de notas explicativas – mais de 450 –, que esclarecem e complementam o conteúdo dos textos, a fim de melhor situar tanto o leitor de hoje quanto o futuro pesquisador interessado na obra de Jacinta.

---

[2] Passos, Jacinta; Caetano Filho, Manoel. *Nossos poemas.* Salvador: A Editora Bahiana, 1942. 144 p. Subdividido em "Momentos de Poesia" (até a p. 98), contendo poemas de Jacinta, e "Mundo em Agonia", contendo poemas de Manoel Caetano Filho. Passos, Jacinta. *Canção da partida.* São Paulo: Edições Gaveta, 1945. 121 p. Passos, Jacinta. *Poemas políticos.* Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951. 87 p. Passos, Jacinta. *A Coluna.* Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F.º Editor, 1957. 47 p.

[3] Passos, Jacinta. *Canção da partida.* Salvador: Fundação das Artes, 1990. Segunda edição. 77 p.

[4] Cândido, Antonio, "O poeta e a poetisa", em "Fortuna crítica", neste volume.

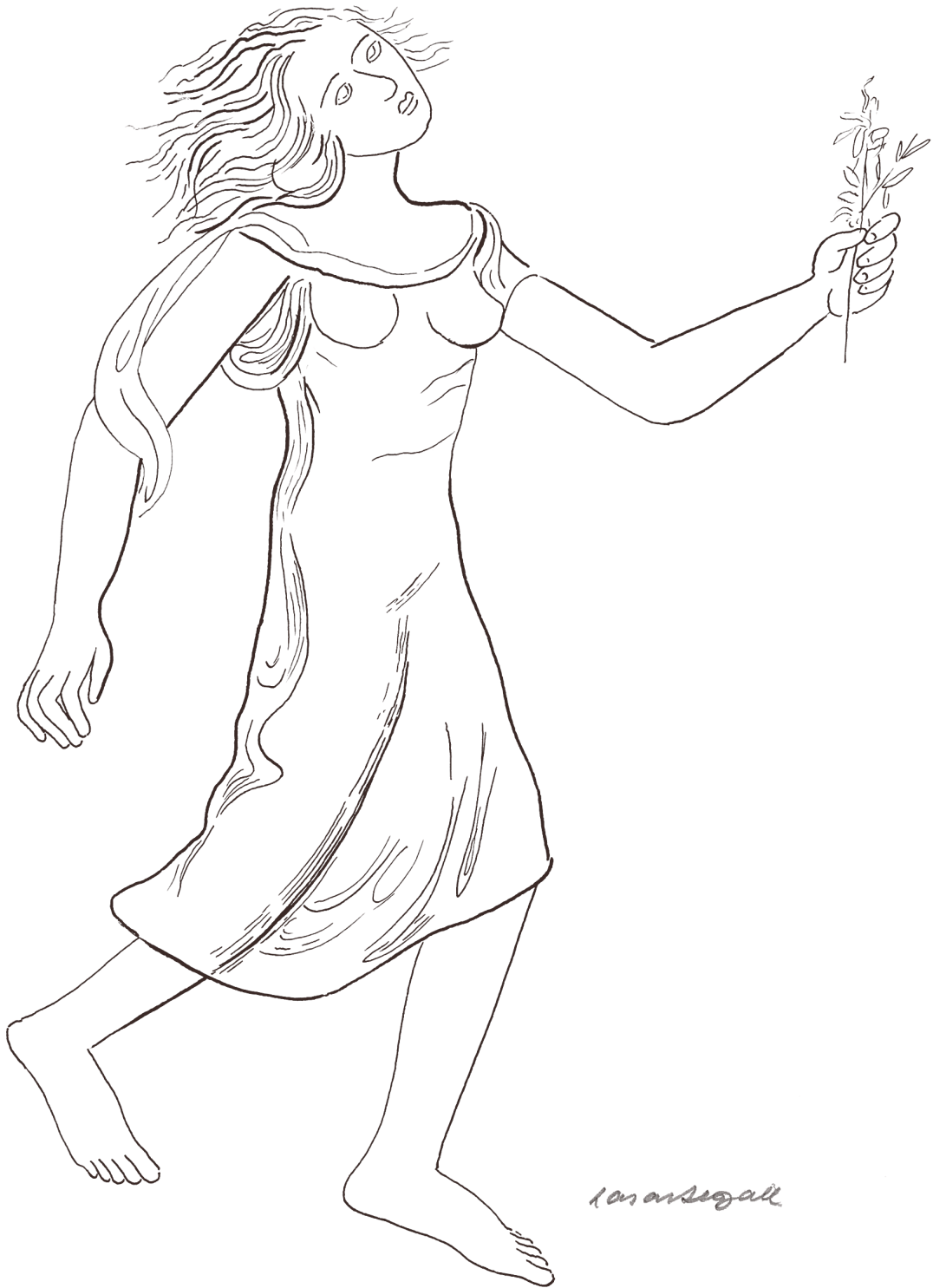
Este volume compila também toda a fortuna crítica que foi possível reunir sobre Jacinta Passos, antes dispersa em grande número de jornais, revistas e livros, alguns de difícil acesso hoje. O leitor terá uma boa idéia da repercussão da poesia de Jacinta, à medida que seus livros iam sendo publicados. O volume reúne ainda análises inéditas sobre a obra de Jacinta, textos escritos especialmente para a presente edição por Angela Baptista, Fernando Paixão, Florisvaldo Mattos, Gerana Damulakis, Guido Guerra, Hélio Pólvora, Ildásio Tavares e Simone Lopes Tavares. O leitor conhecerá diversos olhares contemporâneos sobre a obra e a vida da escritora, que não só atualizam a reflexão sobre ela, como fornecem pistas e sugestões para futuros estudos.

Completa este livro a biografia de Jacinta Passos, escrita por mim, que sou sua filha. Procurei reunir no texto o máximo possível de informações, pois tenho consciência de que, se não fossem registradas agora, muitas se perderiam para sempre. A experiência como historiadora me ajudou, mas senti enorme dificuldade emocional em empreender a tarefa. Fico feliz por haver conseguido. São de minha autoria também a pesquisa, os textos introdutórios a cada uma das partes e as notas deste volume.

O volume é enriquecido por um caderno de imagens, contendo fotos de Jacinta e de pessoas e locais importantes em sua vida. E pelos lindos desenhos de Lasar Segall, produzidos em 1945 para o *Canção da partida*, aqui reproduzidos graças à autorização do diretor do Museu Lasar Segall, Jorge Schwartz, a quem muito agradeço. A construção e publicação deste livro é resultado do trabalho, dedicação e amor de diversas pessoas, relacionadas em “Agradecimentos”, ao final do livro. A cada uma delas, o meu comovido muito obrigada. O título deste volume foi criação do poeta e jornalista Florisvaldo Mattos, originalmente para uma matéria jornalística sobre Jacinta, em suplemento literário da Bahia.[5] Gostei tanto dele que o tomei emprestado, com o consentimento de seu criador, a quem também agradeço.

Já passa do tempo de apresentar a voz de Jacinta Passos. Aqui ela retorna inteira, no comando de seu destino e na força de sua poesia. Contudo, é bom preparar-se, leitor. Escritora exigente, a própria Jacinta expressou, no poema “Canção do amor livre”, o que espera de você:

Se me quiseres amar
não despe somente a roupa.
Eu digo: também a crosta
Feita de escamas de pedra
e limo dentro de ti.
Se me quiseres amar.

[5] Jornal *A Tarde*, Suplemento “A Tarde Cultural”, matéria “Coração militante”, Salvador, 10 de setembro de 2005, p. 2 a 7.

Comprimidos poéticos

Teu olho vê o que o teu coração quer.

(Cadernos do Sanatório 6)

OS TEXTOS a seguir são inéditos. Integram um conjunto de manuscritos de Jacinta Passos anotados em cadernos escolares simples, entre os anos de 1967 e 1973, os últimos de sua vida, quando esteve internada em um sanatório para doentes mentais, em Aracaju, Sergipe. São parte do que denominei "Cadernos do Sanatório".

Do conjunto desses textos – "Textos inéditos", agrupados mais à frente, nesta edição – , foram trazidos para cá estes "Comprimidos poéticos", pequenas frases e aforismos criados por Jacinta. Escritos em condições muito adversas, eles expressam inteligência, acuidade, senso de observação e humor, permanecendo surpreendentemente atuais. Abrir o livro com "Comprimidos poéticos" é chamar a atenção para o caráter contemporâneo de parte da obra de Jacinta Passos.

Pudor é defesa do corpo e não da alma,

Teu próximo nem sempre é teu semelhante...

Que nome dar a esta prisão?
Reformatório familiar? Zadruga de proprietários?
Base trabalhista? Quantos nomes para
uma coisa só: prisão.

Põem guardas na fronteira para a revolução não entrar...
(Um coro de risadas altas e numerosas)[1]

Daquela unidade futura,
cidades façam, arquitetos,
os centros de produção
nos centros dos seus projetos![2]

Teu olho vê o que o teu coração quer.

Matéria morta: um fio do meu cabelo principia a morrer.

Criança não é propriedade – eis um princípio pedagógico.

Ver é optar.
Pensar é operar.

A sabedoria da classe opressora é desumana.

Quem rouba trabalho, oprime, e quem oprime perde a capacidade de julgar.

A luz existe antes dos teus olhos, e teus olhos existem por causa da luz.

Até um anacoreta é um ser social por injunção da espécie.

Morrer não é escolher.

Cuba, ilha maior que um continente!

[1] Caderno 3. Escrito em 1967.
[2] Caderno 4. Escrito em 1967.

Tu sabes mais medicina do que Hipócrates.

Igualam-se cores pela escuridão, mas aos homens, não.

Heródoto fez história sem dialética.
Hegel fez dialética sem história.

Nação nasceu com a burguesia e morrerá com a burguesia.

Toda produção é trabalho, mas nem todo trabalho é produção.

Cabrito maltês também salta e é rês.

A beleza é para quem a merece e não para quem a paga.

Fome, sede, morte, guerra não são fatalidades na Terra.

Privação ou privilégio vem da propriedade privada e seu sortilégio.
Logo, não inventes nenhum deus, ó Mateus.

Não confundas coerção com opressão. Opressão rouba trabalho e coerção impossibilita o roubo do trabalho.

Juízo contrário não é falta de juízo.

Sociedade comunista, tu a verás se a fizeres também.

Nunca separes dialética da história, inventando contradições ou não contando toda a história.

Impossível tocar corneta no outro planeta.

Nunca suponhas que teu semelhante não possa ser mais capaz que tu.

Se falas e não fazes, és um parlapatão
Se fazes e não pensas, és um autômato
Se pensas e não queres, és um hipócrita.

Camponês seguiu burguês, mas isso
... era uma vez ...

Ser funcionário e ser revolucionário
excluem-se.

Formiga também faz caminho.

Há tanta diferença entre o socialismo burguês e o socialismo proletário como entre um fim e um princípio.

Um supremo imóvel social mundial é burrice ideal de trabalhista.

Amor e opressão, num par coexistem? Não.

Nacionalismo é uma forma de concorrência entre um ladrão menor
– nacional – e um ladrão maior – internacional.

– Por que foi que Hilter ficou louco?
– Porque o nacional-socialismo é um paradoxo![3]

Aliança da corrupção:
"Aliança para o progresso", corrupção continental, és matéria
de retrocesso e não um ser social.

Tiro ao alvo
Camponês de Naucahuazu, lembrai-vos que estais nas costas e
não defronte do alvo – o imperialismo voraz![4]

Estudos de lógica:

O sanatório é Bahia ou Bahia é um sanatório?

A mulher está presa porque é comunista ou é comunista porque está presa?

O homem tem família porque tem propriedade privada ou
tem propriedade privada porque tem família?

Este homem faz continência porque trabalha ou
trabalha para fazer continência?

Os trabalhadores da arte trabalham para fazer figuração ou
fazem figuração porque trabalham?

Eu faço arte porque sou artista ou sou artista porque faço arte?[5]

– Casa e comida é detenção?
– Para gato, não!

O anarquismo acaba com os salários antes de acabar com os capitais...

O imperialismo não acaba com o latifúndio, subordina-o.

– Por que é que aquele bezerro vai atrás das tetas da vaca?
– Preguiça de comer capim...

– Ó esquerdista!
Não sois uma cabeça de esquerda, sois a esquerda de uma cabeça!

---

[3] Caderno 6. Escrito em 1967 ou 1968.
[4] Caderno 7. Escrito em 1967 ou 1968.
[5] Caderno 14. Escrito em setembro ou outubro de 1968.

– Por que é que aquele cachorro, mais aquela cachorra,
mais aqueles oito cachorrinhos não formam uma família?
– Porque não têm propriedade privada!

– Quem tirou a polícia de seu pensamento, o que é, o que é?
– Ou é policial ou é imbecil...

– O tudo e o nada, duas cabeças de uma cobra...
– O niilista e o anarquista?

Democrata-burguês
só na lei fila fez.

– Conte a história de uma frente popular
– De dez em dez anos, o ditador solta os presos da Frente Popular; então eles chegam à praça, dão três "Vivas" e vão presos outra vez.

Canção do obreirismo:
Jo como si jo trabajo,
Si no trabajo, no como...

Carcereiro não educa preso, reforma-o.

Controle de trabalho por quem não está fazendo o mesmo trabalho ou é concorrência ou é ócio.

Poliglota pode ser um homem que não pensa em muitas línguas...

Palavras são sinais.

– Um índio guaicuru do Paraguai pode governar o sertão da Bahia?
– Pode... Não pode...
– Pode, se pular sete mil anos de história universal.

– Um trabalhista deu ordem para todos os guerrilheiros varrerem casa todo dia.
– E daí?
– Todos os guerrilheiros morreram numa casa limpinha...

– Qual a diferença entre leito e cama?
– A diferença é que o rio passa e o leito fica.

– Polícia se acaba? Todos ou um de cada vez?
– Veja as lições da História...

– Ó trabalhista, por que não derrubas esta parede e passas?
– Porque eu não sei o que é que tem do outro lado...

Sentimentalismo:
Oh! Que batente sofrido!

– Para acabar com a dor, qual a receita?
– Extirpe os nervos...

Pensamento de uma beata:
É preciso que haja miseráveis para o senhor bispo ser bom.

Cientista ignorante:
– Índios, eu lhe dou colar...
Índio (de surpresa):
– Aqui não é Índia, eu sou é autóctone...

– Quem é aquele?
– É um sofisma andando...

Juízo de menino travesso
(depois de quebrar um pente em quatro pedaços):
– Quanto pente!

O homem que não ri...
Seria um gato?... ou um sábio onisciente?

Passando uma cabra e dois cabritinhos:
– A cabra pare dois cabritinhos porque tem dois peitos,
ou tem dois peitos porque pare dois cabritinhos?

Janaína é minha filha,
não é minha propriedade.

Trabalhador deve ser substantivo e não adjetivo.

Uma gota d água... é água.

Estrela serve?

A genética fatalista supõe que filho de nadador nasce sabendo nadar.

Preguiça é animal, ócio é social.[6]

O ar e o homem formaram-se com o planeta Terra.

Cosmonauta é um homem dum tempo sem noite e sem dia.[7]

---

[6] Caderno 18. Escrito em 1968 ou 1969.
[7] Caderno 22. Escrito em 1970.

Livros publicados

Apuração do texto poético de Jacinta Passos

Os originais dos livros de Jacinta Passos se perderam. Por isso, para esta edição, o princípio adotado foi o de reproduzir os poemas tal como apareceram nos quatro volumes publicados em vida da autora.

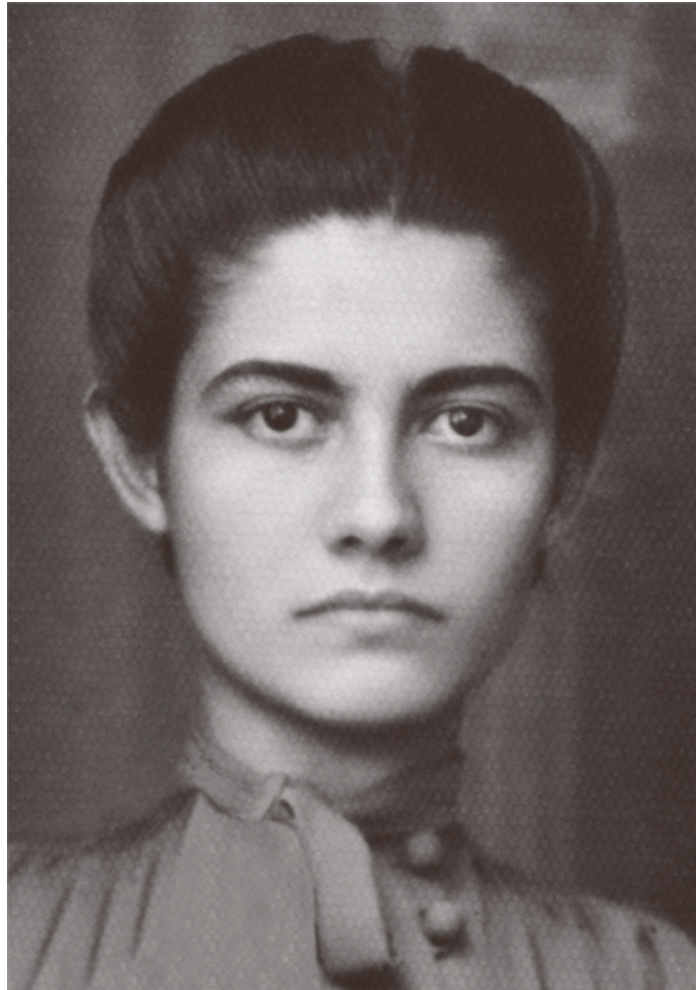
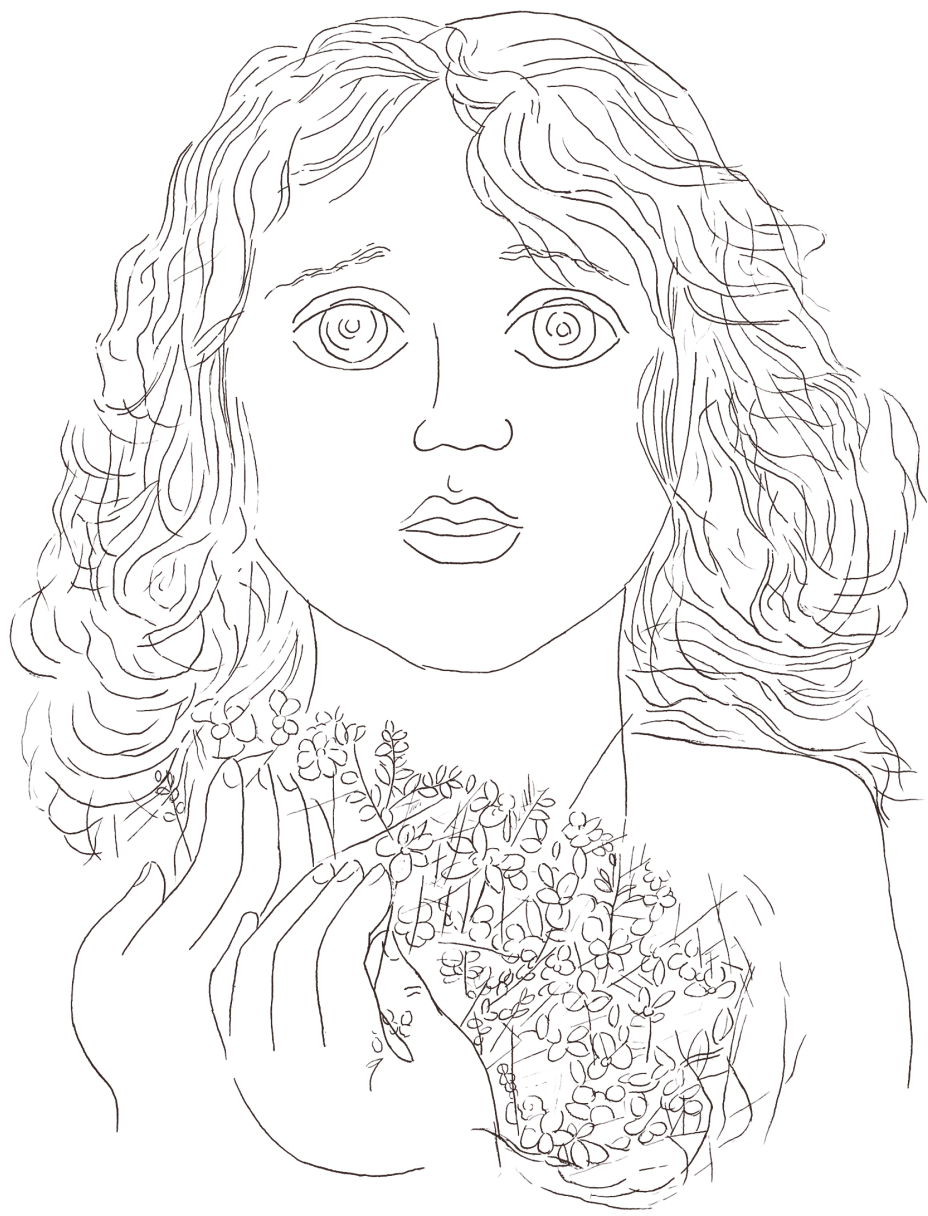
Da mesma forma que nestes livros, na presente edição os poemas são apresentados em ordem cronológica. A data de produção aparece entre parênteses, ao final de cada poema, mesma solução adotada em *Canção da partida*, porém diferente da usada no primeiro livro, onde o ano de produção aparece sozinho, em folha à parte, antes de um poema ou grupo de poemas. *Poemas políticos* não data os poemas novos, apenas os republicados. *A Coluna,* que contém um único e longo poema épico, também não é datado. Nos dois últimos casos, não foi possível identificar datas precisas de produção de cada poema, porém se conseguiu indicar, em notas, o provável período de criação do conjunto de poemas novos, no caso de *Poemas políticos,* e do longo poema de *A Coluna*.

Divulgar a poesia de Jacinta Passos entre leitores contemporâneos constitui o principal objetivo da atual edição: por isso, a ortografia e a acentuação dos poemas foram atualizadas. Houve necessidade de correção de pouquíssimos erros gramaticais ou de impressão, o que configura apuro linguístico da parte da autora e de seus editores e gráficos. Para esses casos, corrigiu-se o erro original involuntário, sem apensar nota de rodapé a respeito.

Em *Canção da partida* e *Poemas políticos*, Jacinta Passos agrupou poesias até então inéditas em livro, mas também seleções de poesias publicadas em livro(s) anterior(es), decerto aquelas que mais agradavam à autora. Nesta edição, foram evitadas repetições: cada poema aparece apenas uma vez, integrado ao conjunto/livro onde foi originalmente publicado. O leitor é notificado disso nos locais apropriados, e em seguida remetido às páginas, neste volume, onde estão as outras poesias que originalmente fizeram parte daquele livro. Essa solução, embora dificulte o reconhecimento imediato do conjunto de cada livro da autora, evita o contrassenso de repetir poemas dentro de um mesmo volume, além de

representar uma economia, de espaço e preço. Não haverá prejuízo substancial para o leitor – que continua a ter acesso a toda a produção de Jacinta, podendo assim reconstituir o conjunto de cada livro.

Poeta rigorosa, Jacinta Passos fez modificações, às vezes sutis, em sinais gráficos, palavras ou expressões de seus poemas, quando republicados em livro, ou quando transpostos das páginas de jornal para o livro. Por exemplo, nos três poemas de seu primeiro livro (*Momentos de poesia*), republicados no segundo (*Canção da partida*) – intitulados "Canção simples", "Carnaval" e "Cantiga das mães" –, as aspas, indicando diálogos, foram substituídas por travessões. A atual edição reproduz a última versão de cada poema, pois ela contém modificações no texto realizadas pela autora, expressando assim a sua vontade. A adoção desse princípio, contudo, obrigou, em nome do bom senso, a substituir aspas por travessões também nos poemas não republicados do primeiro livro. Ao fazer isso, creio que não fugi às intenções da poeta: se ela promoveu aquela mudança nos poemas escolhidos para serem republicados, é provável que, caso fosse publicar de novo também os outros poemas, fizesse neles a mesma alteração.

Esta edição procura equilíbrio entre a vontade de oferecer ao leitor a plena fruição dos poemas – que se dá quando se lê apenas poesia, sem notas explicativas – e a necessidade de informar, sobretudo por se tratar da primeira edição de toda a obra de Jacinta Passos, cujos textos há muito não circulavam; e de uma edição que tem a pretensão de fixar seu texto e de tornar seus poemas compreensíveis para os leitores de hoje. Assim, esta edição inclui notas, porém tenta evitar excessos, apensando-as somente quando pareceram indispensáveis. As notas fornecem informações sobre data e local da primeira publicação de alguns poemas, pequenas alterações promovidas no texto pela autora, quando da republicação de algum poema etc. Quando foi possível, as notas identificam também referências que a autora fez a pessoas e locais, geralmente a membros de sua família e a pequenas localidades da sua infância e juventude, cujos sentidos talvez se perdessem, caso não constassem aqui. As notas esclarecem ainda referências históricas, abundantes em alguns poemas (especialmente em *A Coluna*), porém pouco familiares aos leitores de hoje, principalmente aos jovens. Espera-se que elas enriqueçam a leitura e sirvam de subsídio a futuros estudos sobre a obra da autora.

1944

Momentos de poesia

ESCRITO POR dois autores, este livro compõe-se de duas partes: a primeira, intitulada *Momentos de poesia* (p. 1 a 98), reúne 38 poemas de Jacinta Passos; a segunda parte (não incluída neste volume), *Mundo em Agonia* (p. 102 a 144), contém 22 poemas de seu irmão, Manoel Caetano Filho.*

Esta é a primeira reedição de *Momentos de poesia*. Em seus livros posteriores (ver indicações em notas desta edição), Jacinta republicou alguns poemas deste seu primeiro livro.

Momentos de poesia recebeu críticas muito favoráveis da imprensa baiana, lançando o nome de Jacinta Passos e de seu irmão no meio literário da Bahia.

---

* PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. *Nossos poemas*. Salvador: Ed. Bahiana, 1942. 144 p.

Poesia perdida

Ó! a poesia deste momento que passa,
a grande poesia vivida neste instante
por todos os seres da terra,
que palpita nas coisas mais simples
como um rastro luminoso da Beleza
e, sem uma voz humana para eternizá-la,
se perde para sempre, inutilmente...
Por que existo, Senhor, quando não posso cantar?

(1933?)[1]

[1] Este poema, ao contrário de todos os outros de *Momentos de poesia*, não está datado. Teria isso sido um lapso da edição, ou a ausência de data foi deliberada, nesse caso possivelmente para tornar "Poesia perdida" uma espécie de epígrafe de todo o livro? O poema foi escrito provavelmente em 1933.

Manhã de sol

Dia azul de Maio. Esplende
um sol de ouro no céu que além se estende.
Prolongam-se vibrações do arrebol
na clara luz desta manhã de sol.
O céu ardente,
dum azul luminoso e transparente,
tem doçura infinita...
Um rumor de asas pelo azul palpita,
palpita pelo ar.
É carícia sonora, a música do mar.
O verde risonho
das árvores é lindo como um sonho.
A brisa leve e fresca em surdina cicia.
Há, em toda parte, uma explosão de alegria.
A natureza canta, radiosa,
um hino aleluial na manhã gloriosa.

E todo esse esplendor se comunica
à alma da gente, que vibrando fica
e, com alta emoção esplêndida e feliz,
bendiz,
numa alegria incontida,
a glória de viver e a beleza da vida.

(1934)

Maria

Ergue-se a cruz no cimo do Calvário.
Após cumprir sua missão, Jesus,
que por nós nasceu pobre e solitário,
por nós, agora, vai morrer na cruz.

Já se fez o divino donatário
de tudo o que era seu. Bênção de luz
que desceu sobre o mundo tumultuário
é doutrina de amor que ao Céu conduz.

Prisão, torturas, sede, fundas dores,
desprezo, ingratidões, açoite, horrores,
tudo sofreu por nós, pobres mortais.

Ainda entrega no instante da agonia,
imaculado, o vulto de Maria,
o bem maior que todos os demais.[2]

(1934)

[2] Este soneto foi publicado pela primeira vez na revista *O Malho*, Rio, ano XXXV, nº 180, 12 nov. 1936, demonstrando que Jacinta já buscava conexões fora do Estado. Foi reproduzido integralmente, como exemplo de poema bem resolvido, na coluna literária "Homens e Obras", de Carlos Chiacchio, no jornal *A Tarde*, Salvador, 6 de outubro de 1937. O renomado crítico baiano analisou poemas ainda inéditos da jovem poeta Jacinta Passos, que então usava o pseudônimo literário "Jacy Passos". O texto integral da crítica de Chiacchio está nesta edição.
Uma outra Maria, bem diferente desta, foi tema do poema de Jacinta "Canção para Maria", escrito dezoito anos depois deste, e aqui reproduzido em "Poemas esparsos".

Incerteza

Em meu olhar se espelha
a sombra interior de incerteza angustiante.
E em minha alma floriu como rosa vermelha,
de um vermelho gritante
como o clangor de um clarim,
essa angústia que vive a vibrar dentro em mim.

É minha vida um longo, ansioso esperar
num amor que há de vir.
Amor, prazer que é dor e sofrer que é gozar,
amor que tudo dá e sem nada pedir,
e que às vezes, num segundo,
resume a glória toda e toda a ânsia do mundo.

Mas depois desse amor, o que virá? O tédio
insípido e tristonho,
desenganos sem cura e dores sem remédio,
com a posse dum bem, o desfolhar dum sonho.
Não vale mais, muito mais,
desejar sempre um bem sem possuí-lo jamais?

Oh! não. O coração
não se cansa de amar se sabe querer bem,
ter para o erro, o perdão,
renunciar a si mesmo e viver para alguém.
E se um motivo qualquer,
imperioso e fatal, o sonho desfizer,

então eu saberei bendizer, comovida,
o amor que já passou
deixando uma doçura amarga em minha vida.
Quando o sonho murchou,
também a esperança finda,
mas dentro d'alma fica uma saudade ainda.[3]

(1934)

[3] Publicado em *O malho*, Rio, ano XXXV, nº 185, 17 nov. 1936.

Crepúsculo

Vai lentamente agonizando o dia...
O poente onde, há pouco, o sol ardia,
se tingiu de cor de ouro, luminosa.
Tons desmaiados de lilás e rosa
listram o puro azul do firmamento
– um poema de luz, neste momento.
A sombra de mansinho vem caindo
e o contorno das coisas, diluindo.
Pesa um grande silêncio, enorme e mudo.
Desce suavemente sobre tudo,
uma bênção dulcíssima de paz.
A treva escura que vem vindo traz
uma saudade vaga, indefinida...
saudade do que já passou na vida,
saudade mansa, boa, imensa e triste,
saudade até dum bem que não existe,
nostalgia sem fim da perfeição
que, nessa hora, invade o coração.

A alma das coisas que vagava a esmo
parece ir recolhendo-se em si mesma,
pondo-se então a meditar consigo.
A silhueta de um convento antigo
ergue-se negra, austera e secular,
banhada em doce luz crepuscular,
no fundo luminoso do poente.
É a longa torre uma oração silente.
Parece uma blasfêmia, o negro véu
de fumaça manchando o ouro do céu.

O silêncio, de súbito, estremece
e pelo ar passa um frêmito de prece.
Vibrou a alma sonora da paisagem
e o canto vem tangido pela aragem.
Quando, do sino, a voz forte badala,
Todo o rumor em derredor se cala
e escuta a voz que soa, alta e vibrante,
na quietude da tarde agonizante.

(1935)

O mar

Múrmuro e lento,
o mar ao longe se espraia.
Geme e brame, ruge e clama
o seu tormento,
e, soluçando, vem morrer na praia.

O mar imenso...
Quando eu escuto o seu rumor soturno,
fico a cismar.
Penso
no destino do mar
– ser eterno cantor –
cantar a sua dor de eterno insatisfeito,
cantar o seu sonho infinito desfeito,
cantar o mesmo canto que embalou
a infância do mundo.
O mar imenso... encarcerado
dentro dos frios limites dum traçado.
Ouço vozes estranhas... Vem do fundo
do mar ou de dentro de mim,
esse surdo clamor?
São vozes obscuras,
vozes desconhecidas,
vozes que irrompem
da parte ignorada de mim mesma.
Por que esta sede imensa de saber,
desvendar os segredos escondidos,
despir as coisas
de suas transitórias aparências,
penetrar no seu âmago,
ver a essência do ser?
Pobre desejo humano esbarra, mudo,
ante o mistério de tudo.
Por que este desejar que não se cansa,
por que este destino errante de correr

sempre atrás dum bem que não se alcança?
Anseio de sentir-se um instante feliz,
anseio de eternizar esse instante que passa,
perdendo-se no passado, no infinito do tempo,
como se perde um pouco de fumaça
na amplidão dos espaços infinitos...
Por que este desejar que não tem fim,
se o mísero coração
sabe que nenhum bem lhe satisfaz?
Foge o minuto fugaz
e no fundo de toda ventura sorvida
há um gosto de cinza.
Perguntas sem resposta, atiradas à toa,
inutilmente...
Ouço vozes estranhas... Vem do fundo
do mar ou de dentro de mim
esse surdo clamor?
São vozes de sofrimento, de amarguras,
vozes de todas as criaturas
que falam por minha voz.
Todas as criaturas que sofreram
esta ânsia indefinida
– angústia milenária como a vida –
de querer atingir o inatingível.
Vozes de todos que sentiram, vivo,
cruel, o trágico destino humano
de pássaro cativo:
– ter diante de si o vasto céu azul,
luminoso e ardente,
ter asas, asas para bem alto subir,
e sentir
que não pode voar,
impotente... impotente...

(1935)

Solidão

Há em torno de mim muralhas glaciais.
Vivo encerrada dentro de mim mesma,
debruçada
sobre estas profundezas abissais
do meu ser,
sobre esta solidão interior
de um mundo fechado,
áspera solidão inacessível
onde existe
um silêncio gelado,
amargo,
vazio.

(1936)

Cântico de exílio

Estou cansada, Senhor.
Minha alma insaciável,
a minha alma faminta de beleza,
ávida de perfeição,
é perseguida pelo teu amor.
Puseste dentro dela esta ânsia infinita
cujo ardor queima,
como a sede que em pleno deserto escaldante
persegue o viajor.

Esta angústia, que cresce e que vibra e palpita,
nasceu dentro em mim
no mesmo divino instante
em que, morrendo a última ilusão,
só me restava afinal
uma fria certeza,
cortante como o gume dum punhal.
A certeza de que, tendo tudo no mundo,
nada
pode encher o vazio do meu desejo,
do meu desejo profundo.
Na aridez de minha alma desolada,
esta angústia brotou,
como brota no solo sertanejo,
no solo nu, exausto e sofredor,
solo onde a seca vai matando a vida,
a última flor
– a flor sangrenta do cacto –
cuja raiz parece que sugou
todo o sangue da terra dolorida.

Compreendi, Senhor, compreendi
a voz que sobe
do fundo misterioso do meu ser.
Esta angústia que vive dentro em mim
somente há de ter fim
quando nada mais existir entre nós,
quando, num dia sem crepúsculo,
eu me abismar em ti,
no teu esplendor absoluto.

Mas apenas começo a caminhar,
estou cansada, Senhor.
É bem longo o caminho a percorrer
e sinto-me sozinha.
Levanto os braços para o céu distante
como a palmeira – longo anseio de infinito –
que no deserto se ergue, solitária,
em busca do azul.
Suplico humildemente o teu auxílio.
Dos meus lábios, irrompe como um grito
meu cântico de exílio.
Ah! Senhor, quando se há de realizar
a aspiração profunda do meu ser?

(1937)

Agonia no Horto

Na solidão do Horto,
quando sofrias, Senhor,
e todo concentrado em tua grande dor,
o teu corpo curvado para a terra,
sucumbido e exangue,
como um cálice cheio que transborda,
suava gotas de sangue.
Na solidão do Horto,
quando sofrias, Senhor,
abandonado, sem nenhum conforto,
diante do teu espírito, passava
a trágica visão de toda a humanidade.
Como um longo rio,
o tempo em séculos se desenrolava.

Vias o mundo moderno...
pobre mundo sem alma, esquecido de ti,
pobre mundo indiferente,
por quem pregado numa cruz, Senhor,
morreste inutilmente.
E mais do que a dureza dos Herodes,
e a covardia dos Pilatos,
devia te doer
a incompreensão de teus amigos.

Os teus amigos
que vivem perto de ti, mas que não te conhecem.
Encerrados em seu mundo pequenino,
em vez de seguirem teu vulto divino,

te fazem semelhante a eles.
Deformam os traços teus, puríssimos,
e fazem de tua figura,
de tua figura perfeita,
uma caricatura.

Nada disto, Senhor, ainda compreendemos:
o sentido profundo
da mensagem de paz, da mensagem de amor
que, há dois mil anos, Senhor,
vieste trazer ao mundo.
E as verdades eternas
e as belezas escondidas
do teu Evangelho
– livro que é sempre novo apesar de tão velho,
e que ninguém jamais se cansará de ler.
Nada disto, Senhor, ainda compreendemos:
tuas palavras divinas,
de bondade, de paz e de perdão,
e as dádivas infinitas
do teu amor,
o mistério da redenção,
a vida que nos deste
com tua morte, Jesus,

a loucura divina, a loucura da cruz.

(1937)

A missão do poeta

No instante inicial da criação,
quando o mundo acabava de sair
das mãos de Deus
e quando as coisas todas palpitavam
quentes ainda do seu sopro criador,
escutou-se o primeiro cântico na terra,
glorificando o Senhor.

Canta
o poeta porque seu destino é cantar.
Cantar o mesmo canto que irrompeu
dos lábios do primeiro homem criado,
ante a maravilhosa visão da beleza,
da esplêndida harmonia universal.
Cantar ao Senhor
bendizendo a divina perfeição,
bendizendo o amor infinito
que transbordou, criando as criaturas.

Canta o poeta
a glória e o sofrimento do universo.
Canta por todas as criaturas
que não sabem cantar.

Apreende
a realidade íntima das coisas,
o mistério que liga os seres todos
numa unidade essencial
e canta
as belezas dispersas pelo mundo,

fragmentos da beleza total.
Sente
a harmonia quebrada do universo,
a desordem estabelecida
pelo egoísmo do homem
e canta
a angústia da alma humana que procura
o paraíso perdido.
Sofre
as durezas de sua própria resistência
e canta
o fundo e permanente sofrimento
para atingir o estado interior
quando, de dentro d'alma irrompe, límpido,
puro, o canto único
que eleva as coisas todas para o alto,
glorificando o Senhor.
Canta
o poeta porque seu destino é cantar.[4]

(1937)

[4] Este poema foi publicado pela primeira vez na revista *A Ordem,* Rio de Janeiro, Ano XX, Vol. XXIV, jan./jul. 1940, p. 83-84. Na revista, estão assinalados local e data da criação do poema: "Baía, 26 de agosto de 1938". Foi o primeiro poema de Jacinta publicado fora da Bahia.
Fundada no Rio de Janeiro pelo intelectual católico Jackson de Figueiredo, a partir da morte deste, em 1928, a revista *A Ordem* passou a ser dirigida pelo escritor católico Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde). O tema do poema, assim como seu local original de publicação, demonstram a religiosidade de Jacinta à época, bem como suas conexões no meio intelectual católico.

Contrição

Perdoa-me, Senhor, por ter acreditado
que todas as franquezas de minha miséria humana,
que as minhas quedas e as minhas incalculáveis possibilidades de queda,
que minhas fugas para longe de ti – infidelidades à minha vocação eterna –,
que minhas recusas aos apelos de tua graça,
que as formas todas do meu egoísmo radical,
que a minha incapacidade absoluta de elevar-me para ti,
que tudo isso, Senhor,
fosse mais invencível, mais forte
do que a onipotência do teu amor infinito.

(1938)

Oferenda

Senhor,
eu quis fazer de minha vida
meu mais belo poema em teu louvor.
A minha obra mais pura de beleza,
concebida
num claro instante de emoção
pela minha inteligência
– o dom mais alto que de ti me veio,
a glória de pensar.

Renuncio, Senhor, alegremente,
à alegria de criar,
com minhas próprias mãos, o meu destino.
Quero apenas viver a minha vida.
Quero ser a tua obra,
humildemente,
simplesmente,
como as coisas simples são.
Quero viver em mim teu pensamento,
a ideia que sempre existiu em tua mente eterna
e que quiseste realizar no tempo,
no momento sagrado
em que o amor de meus pais me concebeu.
Eu quero ser nas tuas mãos divinas,
a argila flexível,
que aos toques do trabalho criador
se deixa modelar.
Quero que em mim tu realizes, pura,
integral,
perfeita,
a tua obra, Senhor.

(1938)

Consagração

As minhas mãos, minhas humildes mãos,
têm gestos puríssimos de bênção.
Meus pés descobrem caminhos desconhecidos.
Meus lábios dizem palavras que não são minhas,
palavras divinas de amor.
Minha inteligência concebe pensamentos eternos.
Minha alma sofre o peso de dor infinita.
E das profundezas misteriosas de minha vida
transubstanciada,
sobe para ti um canto de louvor perfeito.

(1938)

Comunhão

Meus irmãos, meus irmãos,
vinde ouvir o meu cântico de amor.

Num grande sopro invisível,
o Espírito do amor desceu sobre mim.
Circulou em ondas de fogo,
penetrou nas fibras mais secretas do meu ser,
comunicou-lhe a plenitude da vida infinita
e transbordou sobre o mundo.
Eu vos ofereço, irmãos, este amor,
eu vos faço o dom integral deste amor,
no meu espírito, no meu corpo, nos meus gestos, no meu canto.

Homens de todas as regiões da Terra inteira,
vinde ouvir o meu canto de amor universal.
Homens de todas as raças de todas as nações e de todas as classes,
homens dos recantos longínquos do universo,
filhos da velha Europa dividida e do místico Oriente,
homens da África, negros filhos da raça sofredora,
povos da jovem América, esperança do mundo,
mestiços que trazeis no sangue o conflito de raças diversas,
homens que viveis nas ilhas distantes, perdidas no mar,
homens que viveis nas frias regiões de geleiras eternas,
homens dos desertos ardentes, de imensos areais sem fim,
povos humilhados e sofredores, povos sem liberdade,
judeus que carregais o peso duma dor milenária,
povos desconhecidos de bárbaras regiões selvagens,
homens todos da terra toda,
vinde ouvir o meu canto de amor universal.
Homens ricos e pobres,
pobres escravizados aos ricos e ricos escravos do dinheiro,
capitalistas importantes e proletários humildes,
gordos burgueses satisfeitos,
operários que ruminais o surdo rancor de injustiças acumuladas,
reacionários conservadores da desordem estabelecida,
comunistas que tendes sede de comunhão humana,

homens cultos e sábios, homens simples do povo,
criminosos e santos, crianças imaculadas,
velhos que olhais com nostalgia os caminhos percorridos,
prostitutas famintas de ternura humana,
enfermos sofredores, miseráveis desamparados,
massa anônima das ruas, multidão desconhecida,
homens que sofreis dores ignoradas e silenciosas,
e vós todos, poetas, meus irmãos,
homens todos da terra toda,
vinde ouvir o meu canto de amor universal.
Eu vos ofereço, irmãos, este amor
cuja força destrói as resistências mais duras,
as barreiras criadas pelo egoísmo do homem
e que paira acima, muito acima das divisões, dos conflitos e dos ódios.

Eu vos ofereço este amor que unifica,
numa harmonia total, os contrastes mais ásperos,
este amor que, infinito, transcende o espaço
e que perdura sempre, além do tempo.
Eu vos ofereço este amor que desvenda
a grande realidade invisível,
a comunhão da vida universal.
Amor – integração dos seres no mistério do Ser,
revelação da vida em sua plenitude,
translúcida visão do esplendor absoluto.
Meus irmãos, meus irmãos,
vinde ouvir o meu cântico de amor.[5]

(1939)

[5] "Comunhão" foi o primeiro poema publicado por Jacinta Passos na Bahia. Originalmente, foi editado no jornal *O Imparcial*, Salvador, em 17 março 1940, assinado por "Jacy Passos", integrando a página semanal da ALA (Ala das Letras e das Artes). No jornal, após o nome de Jacinta, está escrito: "Poetisa bahiana". E, ao final do poema: "Inédito para ALA".
É o primeiro poema de Jacinta Passos que apresenta conteúdo social, seu foco deslocando-se do eu interior da poeta para sua comunhão com todos os outros seres humanos.

Vida morta

Correm vertiginosamente as minhas horas
para um negro abismo insondável.

Um desencanto total paralisa
todas as energias profundas do meu ser,
toda a minha infinita aspiração de amor,
todo o meu humano desejo de viver.
Um desencanto total imobiliza
os movimentos da vida brotando dentro em mim
e transmuda a minha paisagem interior
em frígidas geleiras glaciais.
Petrificada
num desespero frio, mudo, inerte,
minha vida está morta em suas fontes essenciais.

E as minhas horas, as minhas horas vazias,
inutilmente,
rolam num negro abismo sem fim.
Numa atração invencível,
para o não-ser, para o nada,
arrastadas,
as minhas horas, as minhas horas vazias,
correm vertiginosamente...

(1939)

Súplica

Como um peregrino perdido na grande noite eterna
eu te peço, Senhor, um pouco de luz.

No princípio,
antes de todos os tempos,
antes de rolarem os mundos
na harmonia sideral dos espaços etéreos,
no princípio, quando eu era
entre as possibilidades infinitas da beleza incriada,
marcaste meu ser
com o sinal de fogo dos destinos sagrados.
E na plenitude do teu Ser infinito,
tu precisas de mim, Senhor.
Precisas de mim para que realizes
o teu plano divino,
para que, através de minha voz, as vozes todas da terra
cantem o teu louvor.

Como um peregrino perdido na grande noite eterna
eu te peço, Senhor, um pouco de luz.

Quebra todas as ásperas durezas do meu ser,
identifica-me com todas as coisas,
para que possa captar as mínimas vibrações da vida cósmica
e elevar para ti
o canto de louvor da terra toda.
Crucifica o meu espírito e a minha carne.
Quero experimentar todas as formas do sofrimento humano,
a dor universal,
para que, purificada pelo sofrimento,
a minha voz se erga, clara e simples como a voz das criancinhas.
Põe na minha boca o canto definitivo,
o canto perfeito, o louvor perene
do absoluto esplendor de tua beleza divina.

Como um peregrino perdido na grande noite eterna,
eu te peço, Senhor, um pouco de luz.

(1939)

Campo Limpo[6]

Quando vejo, ondulando ante os meus olhos,
os teus campos banhados pelo sol,
o ardor da seiva rebentando nessa natureza viva,
a doçura do teu céu na hora crepuscular,
a sombra negra das árvores que se alongam como fantasmas quando a noite desce,
a profundeza insondável das tuas noites estreladas,
quando vejo o esplendor de tua beleza,
sinto, inesperada, uma estranha alegria,
como se encontrasse
um pedaço vivo de mim mesma.

Campo Limpo,
as tuas paisagens se identificaram
com todas as vibrações de minha vida amanhecente.
As tuas paisagens parecem humanas.
Parece humano o murmúrio do vento nas tuas árvores seculares
e a branca silhueta da velha casa antiga.
Tuas paisagens revivem a minha vida já morta,
todos os instantes perdidos para sempre
e que eu quisera integrados num momento eterno.
Como a árvore que dá sombra e flor e fruto
esconde as raízes na terra de onde veio,
estão mergulhadas no teu solo
as raízes mais profundas do meu ser.

(1939)

[6] *Campo Limpo*: nome da fazenda, em Cruz das Almas, BA, onde Jacinta nasceu e viveu até os 10 anos de idade, e para onde retornou várias vezes, durante a adolescência e a juventude. O Campo Limpo é um espaço simbólico importante na obra de Jacinta.

Alegria

Perscrutei ansiosa a tua face.
E na tua face marcada pelo sofrimento,
batida por todos os ventos do mundo,
trabalhada por todas as misérias da terra,
na tua face
onde se cruzam sulcos de fundas dores humanas,
onde ficaram rastros de passos perdidos por obscuros caminhos,
descobri, ó meu irmão desconhecido e anônimo,
um traço de semelhança com a tua face verdadeira,
a Face perfeita de todos os homens.[7]

(1940)

[7] Publicado pela primeira vez na revista católica *A Ordem*, Rio de Janeiro, jul./dez.1940, Ano XX, Vol. XXIV, p. 82.

Ressuscitados

Por que permaneceis curvados e tristes, homens de toda a terra,
por que permaneceis debruçados sobre o vosso destino,
trazendo nos olhos a funda saudade de um mundo perdido
e nos membros a estranha
sensação duma queda de altíssima montanha?
Todos os caminhos humanos
já foram percorridos por aquele que viveu a experiência total.
Um homem venceu o sofrimento e a morte.
Luz puríssima,
uma grande luz puríssima transfigura todos os seres,
como se, intactos, acabassem de sair das mãos do Criador.
Por que permaneceis curvados e tristes, homens de toda a terra,
por que permaneceis debruçados sobre o vosso destino,
trazendo nos olhos a funda saudade de um mundo perdido
e nos membros a estranha
sensação duma queda de altíssima montanha?

(1940)

A guerra

Eu sou a humanidade que sofre.
As minhas raízes profundas mergulham no ventre da terra,
o meu espírito como uma antena prodigiosa domina o espaço
e capta todas as vibrações, as mínimas vibrações
trazidas pelos ventos que sopram de todos os lados.
Eu sou a humanidade que sofre.
Experimento no meu espírito e na minha carne
este instante de dor universal.
Sinto a realidade sangrenta dos campos de guerra,
o lívido pavor diante da morte
que ronda sinistra nas grandes aves metálicas,
nos monstros de ferro, nos peixes fantásticos do mar.
Clarões que se abrem,
gritos alucinados,
balas que silvam,
explosão de bombas,
corpos que tombam.
É a trágica destruição do homem
pela máquina poderosa que a sua inteligência criou.
Caminho pelas cidades transformadas em trincheiras.
Choro com as mulheres a saudade dos lares vazios,
a perda dos filhos – o próprio ser mutilado.

Fujo pelas estradas perdidas
com as crianças que encontram as escolas fechadas
e bebem no olhar, nas palavras, nos gestos dos homens,
uma herança de ódio invencível.
Vivo a tragédia apocalíptica de horrores infernais
em que se transformou a grandiosa sinfonia da Terra,

o fecundo labor humano que devia transformar a Terra
que a mão do Criador deixara inacabada.

Eu sou a humanidade que sofre.
Sofro, nesta fornalha imensa onde se misturam homens de todos os povos,
a dolorosa experiência dos meus erros milenares,
do meu radical egoísmo
que não aceitou a realidade total,
que fez de si mesmo o centro do universo,
ergueu fronteiras entre os seres humanos,
dividiu o mundo em pedaços minúsculos,
distribuiu injustamente as riquezas da terra,
organizou o reino da injustiça
onde paira, terrível, sobre todos os seres, a grande ausência de Deus.

Eu sou a humanidade que sofre.
Experimento no meu espírito e na minha carne
este instante de dor universal.

(1940)

Poema

Aceitemos a vida, é inútil lutar.
O mistério desse amor transcende o nosso ser limitado
e tem a força invencível dos destinos marcados nos planos eternos.
É o mesmo mistério profundo
das forças elementares do cosmo,
da energia insondável
que faz renovar a vida na face da Terra
e faz rolar os mundos nos espaços sem fim.

Meu amor, meu amor, como é longa esta espera.
As minhas mãos, os meus lábios, o meu olhar, os meus gestos
guardam um tesouro intacto de ternura.
Tua cabeça cansada repousará no meu ombro.
Sentirás nos meus carinhos
a frescura das fontes em que nenhum viajante bebeu.
Simplesmente,
tranquilamente,
eu me abandonarei a ti num gesto de oferenda.
Encontrarás no meu olhar a compreensão das palavras que não disseres.
Uma grande luz brilhará na tua face,
na tua face que as lutas da vida marcaram.
Terás a visão verdadeira dos homens e das coisas
e viverás o teu destino
porque o teu ser, integrado no meu ser,
atingirá a plenitude.

(1940)

Compreensão

As minhas mãos docemente pousaram em tua fronte.
Esquecida
de todas as dores do mundo, do mal profundo da vida,
tua cabeça em meu regaço adormeceu.
Adormeceu como um pássaro cansado,
errante passarinho
que vagou por céus longínquos em meio de tormentas bravias
e encontrou, afinal, a doçura de um ninho.
Nesse instante, as minhas mãos compreenderam
por que foram feitas tão leves e macias.

(1941)

A dor absoluta

A plenitude do Ser infinito,
Senhor,
tu não podes comunicar.
Desse informe plasma original onde dormem todas as realidades possíveis,
nenhuma criatura,
nenhuma vida,
o teu ato pode fazer surgir ilimitada e perfeita.
Não podes criar nenhum ser como tu.

(1941)

Mensagem aos homens

– Eu te esperei longo tempo de terrível solidão.
Através dos meus anseios, das minhas lutas,
dos meus cansaços e das minhas esperanças,
através do meu fundo desalento
e da minha ainda mais funda alegria de existir,
através das incessantes mutações da vida,
do céu, da terra, das águas, dos outros e de mim mesma,
eu te esperei.
Inteira, pura e livre como a luz, a livre luz das alvoradas.

– Oh! por que me trazes um coração diminuído
como um seixo levado pelo rio, um seixo que muitas águas rolaram?

(1941)

O momento eterno

Apagaram-se todas as limitações porque tu e eu desaparecemos.
Existimos fundidos num ser único
que ignora a sucessão no tempo,
que desconhece as fronteiras onde sua vida termina e a vida cósmica se inicia,
perdido no êxtase imenso
como um astro sem memória perdido no espaço sem princípio e sem fim

(1941)

Limitação

Nos teus gestos vibra nesta hora, hora única de amor,
a minha mesma grande ânsia impossível.
Nas tuas carícias sôfregas,
no apelo magnético do teu olhar debruçado sobre o meu,
nos teus ouvidos que parecem esperar uma palavra inefável,
na tua boca ansiosa querendo sorver o sopro substancial de minha vida,
nas tuas narinas ofegantes,
nas tuas mãos ávidas tateando o meu corpo
como se quisessem guardar nas pontas dos dedos a memória de minhas formas,
nos teus gestos vibra nesta hora, hora única de amor,
a minha mesma grande ânsia impossível.
Ânsia de posse total.
Atingir, através do teu corpo, tua essência imutável e única.
Revelar-te a ti mesmo.
Tocar, possuir como uma realidade tangível,
minha,
o mistério profundo do teu ser.

(1941)

Mulher

Diante do teu sofrimento,
que vontade, amor, de ninar tuas mágoas,
como embala a mãe seu filho pequenino.
Quisera te amar com uma grande ternura compreensiva,
a ternura das mães, apenas.
Quisera não te querer com este ciúme primitivo e bárbaro
que irrompe do meu ser obscuro
como uma planta selvagem rasgando as entranhas da Terra.
Este ciúme envolvente,
solícito,
tenaz,
que se enrola em ti como a roupa que protege o teu corpo.
Ciúme do espaço onde estás sem que eu possa simultaneamente estar,
do tempo que te conheceu antes de mim
e onde tua presença continuará,
talvez quando dele já estiver libertada.
Ciúme
cuja nascente se perde em ignotas origens remotíssimas,
grito lúcido do instinto milenário
exigindo o dom integral para integralmente se dar.

(1941)

Mistério carnal

Corpos humanos que a morte tocou.
Por que esperam os corpos abandonados
na branca solidão do vasto cemitério?
Corpos que um dia surgiram como uma realidade surpreendente
na face da Terra.
E amanheceram numa esplêndida palpitação de beleza
que se ignora,
até o momento da grande revelação
quando o amor lhes deu a consciência de existirem.
Olhos, pés, mãos, boca, sexo, fronte,
que encarnaram os mais fugitivos movimentos do espírito,
que amaram, pensaram, sentiram, viveram,
e a morte, de súbito, petrificou.
Por que esperam os corpos abandonados
na branca solidão do vasto cemitério?

Enigma terrível, tu estás em nosso sangue,
herança atávica recebida através das gerações.
Dormes no fundo do nosso ser como o sal nas grandes águas marinhas.
Para além de nossas dores e de nossas alegrias,
a vida, a vida é o dom supremo.
Mas tu és a raiz envenenada,
e todos os seus frutos são frutos de sabor amargo.
Ah! como deve ser triste o destino dos espíritos
que abandonaram os corpos.
São fragmentos de seres, são seres incompletos
que não se podem fixar para sempre.
A carne que no fundo da terra se transforma
em verme, em húmus, em flor, em fruto,
a carne que era um ser com o espírito,
como a semente com a árvore escondida dentro dela,
não participa no seu destino final.
Por que esperam os corpos abandonados
na branca solidão do vasto cemitério?

(1941)

Canção simples

A flor caída no rio
que a leva para onde quer,
sabia disso e caiu,
seu destino é ser mulher.

Leva tudo e segue em frente,
amor de homem é tufão,
o de mulher é semente
que o vento enterrou no chão.

Mulher que tudo já deu,
homem que tudo tomou,
é mulher que se perdeu,
é homem que conquistou.

Mulher virgem, condição
para homem dar – nobre gesto –
resto duma divisão
se a divisão deixou resto.

No sangue, a honra é lavada
de homem que mulher engana,
mulher que vive enganada
coitado! fraqueza humana.

A flor caída no rio
que a leva para onde quer,
sabia disso e caiu,
seu destino é ser mulher.[8]

(1941)

[8] "Canção simples" foi republicado, em versão ligeiramente modificada, nos dois livros seguintes de Jacinta, *Canção da partida* e *Poemas políticos*. Conforme explicado em "Apuração do texto poético de Jacinta Passos", a versão publicada aqui é sempre a última revista pela autora: portanto, a destes últimos livros. O poema expressa, já em 1941, a extrema preocupação de Jacinta com a situação da mulher na sociedade brasileira.

Ressonância

Nossos espíritos se reconhecem
como se através de milênios se esperassem.
Nossos corpos se procuram
como dois polos magnéticos de atração profunda.
Tão simples deveria ser a fusão de tua vida e minha vida,
nosso destino essencial, tão simples.
Alegrias e dores entre os seres humanos,
entre todos os seres,
por que se ligam inexoravelmente?
Somos dois elos, amor, numa cadeia infinita...

(1941)

O canto de amanhã

Desabem sobre mim os grandes sofrimentos.
As dores elementares,
a fome,
o frio,
o cansaço,
a miséria,
que marcam como fogo o ser humano total,
desabem sobre mim.
Fortes ventos em fúria me arrastem na tormenta.
E como uma planta de estufa
transplantada,
eu viva como vivem as plantas do mato,
plantas sem nome perdidas em imensas florestas bravias
onde sopram terríveis vendavais.
Eu seja apenas uma coisa entre as coisas de que os homens se servem.
O meu espírito se apague
e a consciência do meu corpo cresça como uma realidade absorvente,
a única realidade.
Eu seja apenas uma boca faminta
que sabe o valor de um pedaço minúsculo de pão.
Eu seja apenas braços exaustos que não podem parar
e pés cansados e doridos que não encontram o fim do seu caminho.
Eu seja apenas mãos,
ásperas mãos calejadas pelos rudes contatos cotidianos
e que, trêmulas, trêmulas, tiritam de frio.
Eu seja apenas uma carne nua
que disputa um trapo de pano,
o pão,

a água,
o fogo,
a terra,
o ar,
que disputa cada milésimo de tempo que vive.
Eu seja apenas uma coisa entre as coisas de que os homens se servem,
entre pedras, ferro, pai, mãe,
ouro, árvores, filhos, irmãos e companheiros,
entre animais, carvão, petróleo, alavancas e máquinas.
Minha cabeça se curve ao peso da fria injustiça organizada e aceite
e receba a piedade como último insulto.
Eu seja apenas uma coisa entre as coisas de que os homens se servem,
e, do fundo de meu ser revolvido pelas dores elementares,
nascerá,
simples como desponta à flor da terra um fio das grandes águas subterrâneas,
o canto dos que têm fome e sede de justiça.

(1941)

Noturno em Palmira

E tu que não vens. A noite é música apenas.
Distâncias, formas e cores apagaram-se na treva.
– A curva ondulante das colinas
e a linha dos longos eucaliptos.
Asas negras de urubus cortando a transparência do azul.
O branco sanatório solitário nas montanhas
e os gestos dos homens sofredores,
gestos simples de homens para quem a tragédia se tornou uma forma de vida.
Distâncias, formas e cores apagaram-se na treva.
Somente a noite existe, a densa noite informe.
Os seres são puras formas interiores,
são ritmos essenciais.
A presença das árvores é o cântico da seiva elaborando.
Os animais desapareceram dentro da espécie gloriosa.
Mundos em formação latejam nos espaços noturnos
e astros mortos giram a saudade da luz.
Fluidos imponderáveis,
ondas de energia cósmica rolando,
movimentos iniciais de formas obscuras,
sons, misteriosos sons nascendo de ignotas distâncias sem fim.
Música pura,
a vida original vibrando dentro da grande noite mágica e profunda.
A noite é música apenas. E tu que não vens.

(1941)

Carnaval

Um povo surgiu, surgiu não sei donde,
dançando, cantando, um povo surgiu.
– Você me conhece? – Não conhece não.
E a voz se perde na multidão.
Eu sou a Bahia.
– Viva o Rei Momo! – hoje é seu dia.
Chora a menina,
com medo do mandu.
– Lá vem o cordão!
Bate o batuque
e o batuque bate.
Negro preto,
cor de urubu,
bate o batuque
e o batuque bate.
Negro é rei
no carnaval,
tem manto, tem cetro,
e o chapéu de sol
é pálio real.
Gritos humanos, interjeições,
lança-perfume, desejos sem rumo, acres, com gosto de mar,
um cheiro forte de todas as raças
vibram no ar.
Uma massa humana,
todas as cores,
todas as raças,
todas as classes,
em confusão.

De que subsolo irrompeu, informe, nua,
essa nova realidade sem nome que dança na rua?
A rua Chile,
a rua grã-fina,
cadê os donos da rua-salão?
– Madame ultrachique que tem três amantes.
– O burguês graúdo,
– Os vagabundos elegantes,
– Os literatos de academia,
carro oficial,
rodas de porta de confeitaria
que resolvem o momento internacional.
Cadê a gente de todo dia,
cadê os donos da rua-salão?
Passa uma "dama" de cetim vermelho
que mora dos lados do Pau Miúdo.
Ondas humanas que vão e que vêm,
ritmo de samba até no andar.
Um louro estrangeiro que samba também.
– Olhe a mulata de seu Manoel Português!
Passa no carro, gorda, imponente,
com um chapeuzinho de chinês.
Cordão do Chame-Chame. Bonde cheio. O doutor da Vitória quer tomar.
– Segue o bonde, não há mais lugar.
– Você me conhece? – Não conhece não.
E a voz se perde na multidão.
Um povo surgiu, surgiu não sei donde
dançando, cantando, um povo surgiu.

Os homens do mundo estão no meu sangue.
No meu sangue,
as raças,
as classes,
os povos
misturam-se.
Eu sou a Bahia.
– Viva o Rei Momo! hoje é seu dia.[9]

(1942)

[9] "Carnaval" foi republicado no jornal *O Imparcial*, Salvador, 12 de março de 1943, e em *Canção da partida* (1945). A versão aqui transcrita é a última.

Nós, os cristãos

Senhor,
na realidade eterna de tua vida divina,
contemplas dentro do teu Verbo
todas as criaturas.
Contemplas os cristãos
que não continuam através do tempo
a presença do teu Verbo encarnado.
Não somos a tua imagem.
Somos apenas uma caricatura,
nós, os cristãos
que aceitamos a injustiça na face da Terra.

(1942)

Cantiga das mães

(Para minha mãe)

Fruto quando amadurece
cai das árvores no chão,
e filho depois que cresce
não é mais da gente, não.
Eu tive cinco filhinhos
e hoje sozinha estou.
Não foi a morte, não foi,
oi!
foi a vida que roubou.

Tão lindos, tão pequeninos,
como cresceram depressa,
antes ficassem meninos
os filhos do sangue meu,
que meu ventre concebeu,
que meu leite alimentou.
Não foi a morte, não foi,
oi!
Foi a vida que roubou.

Muitas vidas a mãe vive.
Os cinco filhos que tive
multiplicaram por cinco
minha dor, minha alegria.
Viver de novo eu queria
pois já hoje mãe não sou.
Não foi a morte, não foi,
oi!
foi a vida que roubou.

Foram viver seus destinos,
sempre, sempre foi assim.
Filhos juntinho de mim,
berço, riso, coisas puras,
briga, estudos, travessuras,
tudo isso já passou.
Não foi a morte, não foi,
oi!
foi a vida quem roubou.[10]

(1942)

[10] "Cantiga das mães" foi republicado, com pequenas alterações, nos dois livros posteriores de Jacinta, versão aqui reproduzida.

Diálogo num país qualquer

– Demorei muito, não foi, mulher?
E o menino, como vai o menino?

– Vai assim como Deus quer.
Você arranjou o dinheiro?

– O dinheiro da receita?

– Sim. Coitado de meu filho, ficou sozinho o dia inteiro,
doente como está.
Fui ver se dava um jeito.
Fui na casa do padrinho,
que me deu umas frutas – fruta está tão caro –
para a dieta dele, coitadinho.
E a receita, como é?

– Não arranjei, não.
Ia falar com o gerente
para ver se me adianta algum dinheiro.
Mas estavam todos na reunião.
Sabe que a guerra já esta perto da gente?

– E para que fizeram reunião?

– Foi uma espécie de comício.
O diretor fez um discurso,
disse que a hora é grave, que exige sacrifício.
A pátria está ameaçada.
Cada homem deve dar até a própria vida
para defender o que é nosso,
para defender a pátria estremecida.

– E ele disse o que é pátria?

– Disse que pátria é tudo o que nós temos.
É a nossa terra
e tudo de bom que esse nome encerra.
É o alimento que nos vem do solo,
é o pão,
a água que bebemos,
o fogo que nos aquece,
a casa onde vivemos.
– Pátria é tudo o que nós temos.
Meu filho doente,
sem remédio,
sem alimento,
sem um cobertor para a hora do frio.
Água comprada por três mil réis a lata.
Fogo no candeeiro de gás que a vizinha emprestou.
O dono da casa exigindo o aluguel.
Será que a gente tem mesmo pátria, Manuel?

(1942)

Canto da hora presente

Os ventos que sopram do norte,
os ventos que sopram do sul,
que vêm do Pacífico,
e que vêm do Atlântico,
de todas as terras,
de todos os mares,
se cruzam nos ares.
São ventos que trazem faíscas de fogo,
que trazem sementes de vida e de morte.
No Oriente velhíssimo, no berço do mundo,
na Europa – o que é hoje Europa?
na África humilhada que é humana também,
nas ilhas perdidas
que boiam nos mares,
alguma coisa morre,
alguma coisa nasce.
A vida se renova na face da Terra.

Homens que tendes as raízes mergulhadas
na terra americana.
Homens em cujo sangue se plasma
o homem americano.
Homens de todas as cores,
classes,
condições,
nós somos a América,
somos o Brasil que tem um destino
dentro do mundo,
do mundo que o fogo transforma.

Os ventos que sopram do norte,
os ventos que sopram do sul,
que vêm do Pacífico
e que vêm do Atlântico,
de todas as terras,
de todos os mares,
se cruzam nos ares.
São ventos que trazem faíscas de fogo,
que trazem sementes de vida e de morte.

(1942)

Eu serei Poesia

A poesia está em mim mesma e para além de mim mesma.
Quando eu não for mais um indivíduo,
eu serei poesia.
Quando nada mais existir entre mim e todos os seres,
os seres mais humildes do universo,
eu serei poesia.
Meu nome não importa.
Eu não serei eu, eu serei nós,
serei poesia permanente,
poesia sem fronteiras.

(1942)

Canção da partida

Que vontade de cantar:
a vida vale por si.

A meu pai
e minha mãe
em sinal de muito amor e reconhecimento

A PRIMEIRA edição de *Canção da partida** é belíssima, com apenas 200 exemplares, numerados e assinados pela autora e ilustrados com cinco desenhos de Lasar Segall, um deles na capa. Dez exemplares especiais foram acompanhados de uma ponta-seca original de Segall. Quatro dos desenhos originais de Lasar Segall encontram-se atualmente no Museu Lasar Segall, em São Paulo, e o quinto, que corresponde ao desenho da capa, assinado e dedicado, pertence à filha de Jacinta, Janaína Amado. Estes desenhos ilustram a presente edição, acrescentados dos que Segall fez à época, mas não foram usados na primeira edição do livro.

A segunda edição de *Canção da partida*** contém alentado ensaio crítico sobre a obra de Jacinta Passos, "Entre lirismo e ideologia", de autoria de José Paulo Paes, composto especialmente para a edição. No presente volume, este ensaio integra a Fortuna Crítica.

Completam *Canção da partida* os seguintes poemas, republicados do livro anterior, e aqui transcritos nas páginas indicadas: Cantiga das mães p.75, Carnaval p.71 e Canção simples, p.66.

---

* *Canção da partida*. São Paulo: Edições Gaveta, 1945. 1ª ed. 121 p.
** *Canção da partida*. Salvador: Fundação das Artes, 1990, 2ª ed. 77 p.

Canção da partida[1]

(para Manoel Caetano Filho)

Passa
passa
passará
derradeiro ficará.

Não me prenda
bom vaqueiro
bom vaqueiro
eh!
dá licença de passar,
levo a noite e levo o dia
que alegria!
levo tanto o que acabar.

Mandioca tem veneno,
dá farinha e dá beiju.

Campo Limpo, lobisomem,[2]
menina de calundu,
medo de cobra e trovão,
escuridão!

– Traga logo o meu cavalo.
– Está pronto, meu patrão.

Benedito tem cem anos:
negro duro!
cem anos de escravidão.[3]
Cadê Princesa Isabel

---

[1] Este é o mais autobiográfico dos poemas de Jacinta. É inspirado em suas experiências e em pessoas com quem conviveu durante a infância, vivida na Fazenda Campo Limpo – onde também nasceu – , e nas cidades vizinhas de Cruz das Almas, São Félix e Cachoeira, todas na região do Recôncavo baiano, bem como em algumas experiências da autora durante a adolescência e primeira juventude, vividas na cidade de Salvador. A maioria das referências é a lugares e pessoas que efetivamente existiram. Não por acaso Jacinta dedicou este poema ao irmão, seu companheiro das brincadeiras e da descoberta do mundo.

[2] A referência ao lobisomem aparece também no poema "O latifúndio", de *Poemas políticos*.

[3] Jacinta nasceu vinte e seis anos após o término da escravidão. Deve ter convivido com ex-escravos, na fazenda do pai, nas cidades do Recôncavo baiano e em Salvador, todos locais com alta concentração de população escrava, durante o século XIX. Cf. biografia de Jacinta Passos, nesta edição.

que a liberdade inventou?
– Vitalina!
manoca o fumo,[4] menina,
você hoje vadiou.
É vem o velho Camilo,
barbas brancas,
ar de nobre.
Camilo, você é pobre
e nunca foi senador,
mas por que é igualzinho
ao retrato de vovô?
Não sei, não sei se adivinho,
se Venâncio adivinhou:
– são voltas que o mundo dá.[5]

Passa
passa
passará
derradeiro ficará.

– Minha madrinha,
nasci em berço de ouro –
(Morreu pedindo branquinha.)
Era grande, era valente,
gostava do bom quitute,
curava o povo doente,
rezava Mês de Maria
mas um dia
vovó Jacinta morreu.[6]

[4] *Manoca o fumo.* Constrói uma espécie de boneca com as folhas de fumo, para fabricar o charuto. A economia da região de Cruz das Almas, onde Jacinta nasceu e passou a infância, baseava-se na produção de fumo de alta qualidade, para o fabrico de charutos. Havia fábricas de charutos na cidade, inclusive a famosa Suerdieck.

[5] Há outra referência a Venâncio em "Franco", texto jornalístico de autoria de Jacinta, reproduzido nesta edição.

[6] A madrinha e avó paterna da autora chamava-se Jacintha Velloso Passos. O nome da neta foi homenagem à avó.

Na casa grande vazia
uma sombra anda, vigia.

Dade na fonte,
Dade na lenha,
dez filhos deu ao mundo,
está plantando roça,
está na casa da farinha,
criou cinco filhos brancos
e depois morreu sozinha.
Campo Limpo.
Onde é que Dade está?[7]

Passa
passa
passará
derradeiro ficará.

Zé do Carmo,
é vem o trem!
Cruz das Almas.
Não me prenda
bom vaqueiro
bom vaqueiro
eh!
dá licença de passar.
S. Félix!
olhe o rio Paraguassu,
vou morar junto da ponte,[8]
Cachoeira
Bananeira
quanta água desceu do monte!

[7] Dade, empregada no Campo Limpo, ajudou a criar Jacinta e seus quatro irmãos. Ela aparece também em "Elegia das quatro mortas", do livro *Poemas políticos*.

[8] Referência à mudança da família Passos, em 1926, para a cidade de São Felix, à beira do rio Paraguassu, em frente à cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano.

– Hoje tem sabatina?
– Tem, sim senhor!

– Vamos, maninha, vamos
passear no jardim celeste.
– O que foi que vistes lá?
Giroflê, giroflá.
Professor Mário!
Zete!
Dulce!
Paulo!
Zinha! [9]
vamos ver a estrelinha
piscando no céu noturno,
dar um nome a cada astro,
como vai, senhor Saturno?

A Terra se move
– quem viu? quem viu?
em torno dum eixo
que nunca existiu.

Vamos, maninha,
passear no mapa-múndi,
é bonito como um chão,
todo feito de mosaicos,
cada cor, uma nação.
Quanto azul!
Tem mais água do que terra,
tem mais peixe do que homem,
tem nação roxa, amarela,
– dê um pulo, pule o mar! –
verde, azul, cor de canela,

[9] Nomes de irmãs e primo de Jacinta.

de pimenta-malagueta,
cor da cara do Capeta
ou de cor já desbotada
tão pisada!
nação velha, sem idade,
como se pode saber?
nasceu antes do relógio
que fez o tempo nascer.

Vamos, maninha,
o que foi que vistes lá?

Passa
passa
passará
derradeiro ficará.

Me leve ligeiro,
Manuel Canoeiro,
este rio vai dar
nas águas do mar.

Rema
rema
remador,
caranguejo peixe é,
lutar contra a sua sorte
é remar contra a maré.
Pé de Anjo, ganhador,
vou conhecer a Bahia,[10]
já vou tomar o vapor,
eu não sei como é o mar,
quero ver o Elevador.[11]

[10] *Bahia*. Nome pelo qual a cidade de Salvador era (e ainda é) conhecida entre baianos. Esta estrofe, como as anteriores, remete à mudança de Jacinta e família do interior do estado para Salvador.
[11] *Elevador*. Referência ao Elevador Lacerda, obra imponente inaugurada em 1873, para interligar as cidades baixa e alta de Salvador.

Este rio vai dar
nas águas do mar.

Serei rica ou serei pobre?

Tomásia de Queiroz,[12]
minha criada!
me diga o que somos nós.

O meu pai é deputado[13]
democrata liberal
– viva a eleição!
terça-feira vou ao baile
no Palácio Aclamação.
– Andar na rua sem chapéu
ficará bem para nós?
– Não fica!
Minha irmã vai se casar
com um doutor.
Sou rica!

– Vamos vender Campo Limpo
para pagar nossa casa
na Ladeira do Hospital.[14]
As meninas logo vão
entrar na Escola Normal,
é mais seguro,
professora é meio de vida,
ninguém sabe do futuro.
Minha mãe, minha mãezinha,
todo dia na cozinha,

[12] *Tomásia de Queiroz*. Começou a trabalhar na casa da família Passos no final da década de 1910, aos 11 anos de idade, e aí permaneceu até morrer, octogenária, em 1980.

[13] Em 1927, Manoel Caetano, pai de Jacinta, foi eleito deputado estadual. Seria novamente eleito em 1934 e em 1946.

[14] *Ladeira do Hospital*. Nome popular da rua Frei Henrique, em Nazaré, onde, com recursos provenientes da venda da Fazenda Campo Limpo, Manoel Caetano mandou construir um sobrado, para abrigar a família. Jacinta viveu muitos anos neste sobrado, durante o final da infância, a adolescência, a juventude e alguns anos da maturidade.

faz doce para vender:
– Augusto Braço Cotó,
vá entregar no Triunfo[15]
e cobre!
Não diga nada a ninguém,
meu bem.
Sou pobre!

Não sei se sou rica ou pobre,
vivo lá e vivo cá,
sou como a mãe de S. Pedro,
entre o céu e a terra está.

Passa
passa
passará
derradeiro ficará.

Casa, escola,
profissão,
rua, igreja,
multidão,
vida, vida,
solidão!

Menina, minha menina,
carocinho de araçá,
cante
estude
reze
case
faça esporte e até discurso,
faça tudo o que quiser
menina!
não esqueça que é mulher.

[15] *Triunfo*. Bar elegante, onde eram servidos quitutes e bebidas, ponto de encontro masculino na Praça da Sé, em Salvador. O pai de Jacinta costumava frequentá-lo.

Minha terra tem gaiola
onde canta o sabiá

Menina minha menina,
carocinho de araçá.

Passa
passa
passará
derradeiro ficará.

Bernadete é preta,
é preta que nem tição.

Bernadete é pobre,
é pobre sem um tostão.

Regina, Minervina,
Estelita e Conceição.[16]
– Pelo sinal da pobreza!
– Pelo sinal de mulher!
– Pelo sinal
da nossa cor!

Nós somos gente marcada
– ferro em brasa em boi zebu –
ninguém precisa dizer:
Bernadete, quem és tu?

Nós somos gente marcada,
nós temos muitos irmãos.
Eu te conheço, José,
José que desde menino
trabalhas nas Sete Portas,
teu patrão: "Seu Catarino".

[16] *Bernadete, Regina, Minervina, Conceição.* Nomes de serviçais da família Passos, no interior do Estado e em Salvador.

Eu te conheço, Manuel,[17]
tu és Manuel de Maria,
meu compadre, estivador.
Pelo sinal
da nossa cor!
Porque estás triste, Maria?
deixa Manuel xingar,
xingar também alivia:
é uma forma de chorar.

Nós somos gente marcada,
nós temos muitos irmãos.

Passa depressa Moisés,
o Mar Vermelho secou!
Para a banda de lá,
eu vou!

Passa
passa
passará
derradeiro ficará.

Bom vaqueiro
bom vaqueiro
eh!
dá licença de passar,
já não vou sozinha agora,
vou com Dade,
Benedito,
Pé de Anjo,
com José,
vou com Camilo,
e com Tomásia,

[17] Há outra referência de Jacinta ao mesmo Manuel, no texto jornalístico "O povo não pode mais ser enganado", reproduzido nesta edição.

não vou só,
Bernadete, Minervina,
Augusto Braço Cotó.
Vou de avião
para S. Paulo,
vou até o Orobó,
Território do Alasca,
vou virar um esquimó,
me encontrar com Timochenko,
Ludmila Pavlichencko,
minha irmã, minha irmãzinha,
que irmãzinha tenho eu,
vou ver a estrela d'alva
que no céu se acendeu.

Passa mato,
passa rio,
passa fera, passa frio,
passa até Montes Cárpatos,
a viagem vai custar.

Quando a gente lá chegar,
Venâncio!
não precisas mais de pinga,
Manuel nunca mais xinga,
Lampião deixa o cangaço,
Sinhá Anastácia
não precisa mais rezar.

– Que bicho hoje deu?
que time ganhou?
– O gato comeu
O fogo queimou.

O país para onde vamos,
Estelita!

é uma terra tão bonita,
parece até invenção.
O país para onde vamos,
Vitalina!
fica aqui, fica na China,
fica nas bandas do sul,
fica lá no Polo Norte,
principia onde termina,
muito além daquele monte,
lá na linha do horizonte,
onde a terra encontra o céu.

Já não vou sozinha agora,
vamos, meu povo,
diga adeus, vamos embora.[18]

(1944)

[18] Canção da partida" foi republicado, sem alterações, em *Poemas políticos*, livro seguinte de Jacinta.

Três canções de amor

(para James)

I

Eu fui por um caminho.
Eu também.
Encontrei um passarinho.
Eu também.

Passarinho! queres um ninho?

Eu também.

Passarinho virou um homem.
Ai! meu bem.

Agora és tu,
agora eu sou,
amar é doce,
meu corpo eu dou.

Agora muda o sol.
Eu também.
Agora muda a terra.
Eu também.
Agora mudas tu.
Cadê meu bem?

Tão lúcido e tão puro,
inseguro!
Nosso amor é como tudo,
um vaivém.

Podes virar um passarinho.
Eu também.

II

Entrou por uma porta,
saiu pela outra.

Velha Vitória!
conte o fim daquela história.

Era uma vez uma Princesa
no Castelo de El-rei,
na torre, vivia presa.
Pronto! o resto, não sei.

Cadê a Princesa?
A Princesa fugiu?
A terra tremeu?
A torre caiu?

Princesinha real,
a Bruxa levou,
nos ares voou,
que Bruxa infernal!
o mundo mostrou
o bem e o mal.

Cadê El-rei, meu senhor?

El-rei se escondeu
na gruta sombria,
dorme de noite,
dorme de dia,
parece até morto.
Padre-Nosso! Ave-Maria!

Meu amigo, meu amigo,
companheiro!
teu amor, minha alegria,
– uma gruta bem sombria.

Escondido lá no fundo
cuidado! cuidado!
está El-rei meu senhor,
dormindo acordado!

Nunca se fie no seu sono,
sono de El-rei, meu senhor.

Não queiras nunca ser dono,
negro!
Ah! negro do meu amor!

III

Abra a porta,
queremos entrar.

Somos amantes,
queremos amar.

Hurra!

Que porta pesada.
Que porta caturra.

Empurra.

Abra esta porta!

Não somos mãos soltas,
frágeis no ar.

Somos punho e onda
e gigante e andar.

Abra esta porta!

Já cresce o gigante
maior que o mar!

A porta de bronze
vai arrombar.[19]

(1944)

[19] A versão aqui adotada de "Três canções de amor" é a do livro *Poemas políticos,* onde foi republicado, com alterações muito pequenas.

Pânico no planeta Marte

(A Scliar, Bernardo Zeibel, Clóvis Graciano, Guida Carone, Manuel Martins)

Acabem com isto!
Façam o sol parar!
Prendam Zebedeu!
Esvaziem o mar!
Meu Deus, que aflição!
Fuzilem Maria!
Tapem o vulcão!

– Orai por eles, orai.

Uai!
Que vozes são estas? Parai!
Não podemos dormir.

São eles que vêm! Tapem o vulcão!
Será Lampião? Que vozes soturnas!
Corujas piando nas trevas noturnas?

Não enforcamos Tiradentes! Juro!
Mula-sem-cabeça. Esconjuro!
Fechem a janela. De onde sopra o vento?
São uivos de cão. Agouro. Arrepio.
Trememos de frio.

– Orai por eles, orai.

Por favor, esperai!
Não queremos morrer.
Prendam Zebedeu!
S. Judas Tadeu!

Esperai um instantinho!
Estamos morrendo!
Viver é tão bom, meu S. José do Quartinho!

Quem é que vem lá? Não nos ouves, não?
Assombração!

Uma coluna, uma coluna andando!
Girando esmagando,
vem para cima de nós! Eu morro!
Socorro!

Não queremos morrer!
Vamos criar outro Hitler!
Vamos virar curinga,
cafuringa!
Salazar!
Mistura o preto com o branco,
Franco!
Qual o elixir que vai dar?
Vamos ser neutros.
Acendam a luz. Escuro como breu.
Como vai, irmão Laval?
Que cheiro de sangue!
Cão policial!
Vamos inventar outra Gestapo!
Sopapo!

Olhem uma rosa, uma rosa vermelha!

Limpem as fileiras, façam o expurgo!

Uma rosa, rosa. Rosa sem cabeça.
É Rosa de Luxemburgo!

Quem é que vem lá? Quem bate estas portas?

Almas das criancinhas mortas!
Mortas de fome. Todo dia! Todo dia!
Em Paris, em Santos, Feira de Santana, Oceania!

Vamos rezar!
Fuzilem Maria!
Façam o sol parar!

Almas do outro mundo. Fantasmas!
Miasmas!
Olhem ali! Ali!
É a alma do negro Zumbi!
De quem será esta voz?
É Lenine! Mateoti! Estão rindo, rindo de nós!

– Orai por eles, orai.

Trotsky, ressuscitai!
Estamos morrendo!
Ninguém arranja um remédio
nem mesmo alegórico?
Elixir paregórico!
Vacina!
Mandem comprar penicilina,
ligeiro!
Para que serve o dinheiro?
Acuda! Acuda, mamãezinha!
Vamos jogar na Quitandinha!
Vamos falar porcaria!
Meu Deus, que aflição!
Não queremos morrer.
Não!

É vem Rokossovsky!
Nossos cavalos de corrida!
Nossas Colônias de turismo!
Abismo!
Rádio. Avião. Tudo em vão?
Nossos tapetes. Nossa fábrica!
Adeus trustezinho, nunca mais!
Nossa Rede de jornais!

Vamos ser sutis.
O mal está é na raiz!
Vamos defender a Família. Queres?
Vamos ter muitas mulheres.
A mulher do Ministro. A tal.
A intelectual. Todas. Possíveis e impossíveis.
Vamos ser irresistíveis.

Quem avança na noite?
São tropas marchando? Judeus massacrados? Quem avança?
Europa no cárcere rumina vingança!

Vamos fugir? Não adianta.
Vamos distribuir cachaça.
Retórica e futebol.
Vamos fazer Arte pela Arte.
Cadê a Ciência, vamos comprar?
Vamos chorar na cama.
Não adianta. Vamos gritar!
Que gosto de lama!
Vamos ser caridosos.
Anúncios luminosos!

Invadiram a Europa! Berlim!
Nosso fim!

Estamos morrendo!
Brasil! Argentina!
Último refúgio! América do Sul!

– Orai por eles, orai.

A vida se vai!
Guerrilheiros de Tito!
Maldito!
Quem foi que gemeu?

Prendam Zebedeu!
A morte já vem!
Que medo, mãezinha!
Viver é tão bom!
Chegou nosso dia!
Tapem o vulcão!
Fuzilem Maria!
Depressa! Depressa!
Meu Deus, que agonia!

Sai, Demônio! Sai!

– Orai por eles, orai.[20]

(1944)

[20] Sob o título de "Pânico burguês", somente a primeira estrofe deste poema foi republicada no livro seguinte de Jacinta, *Poemas políticos*. A dedicatória foi suprimida.

Canção da alegria

Urupemba
urupemba
mandioca aipim!
peneirar
peneirou
que restou no fim?

Peneira massa peneira,
peneira peneiradinha,
(Ai! vida tão peneirada)
peneira nossa farinha.

Olhe o rombo
olhe o rombo
olhe o rombo arrombou!
olhe o cisco
olhe o risco
urupemba furou!

Eh! sai espantalho
da ponta do galho!

Escorra! Escorra!
Tirai essa borra!

Urupemba
urupemba
mandioca aipim!
peneirar
peneirou
que restou no fim?

Farinha fininha
peneiradinha!

Ai! vida, que vida
nuinha! nuinha!

(1944)

Louvação do dinheiro

Chave do mundo,
porta do céu,
poder divino,
submarino,
louvado seja
o vosso nome
que mata a fome,
vence a floresta,
afronta a morte,
asa, transporte
ao reino místico,
ar do cativo
contemplativo
da pura essência
da existência
(bola de gude:
beatitude)
eixo da terra,
sol do nascente,
onipotente,
varinha mágica
do rei real,
de todo o mal
livrai-nos senhor
mediador,
venha a nós todos
o vosso reino
de sumo bem
para sempre. Amém.

(1944)

Estrela do Oriente

(para Ben Ami)

I

Levantai-vos, párias de todo o mundo!
Não vedes? Ela vem vindo, a Estrela do Oriente,
alta, bela, imponente, os pés plantados no chão,
traz o fogo no olhar e uma foice na mão.

II

Canta, Jacinta, teu hino,
louva a Estrela do Oriente.
Mariana, Guiomar,
venham, venham me ajudar.

Não sei a cor de seus cabelos,
não posso saber,
não sei as linhas do seu corpo,
não posso saber.

Não posso vê-la à distância
como vejo meu vizinho,
serei o seu sexo ou seu dedo mindinho?

Mariana! Guiomar!
Só na voz da própria Estrela
podemos cantar.

(1944)

Metamorfose

(A Dias, João, Divaldo Miranda, Luiz Rogério, Almir Matos, Osvaldo Peralva)

Fui moleque,
jornaleiro,
nunca tive opinião,
ajudante de pedreiro,
fui chofer de caminhão,
trabalhei na Plataforma,
operário de sabão,
já morei
oi!
já morei no Taboão.

Carneirinho! Carneirão!
Olha pro céu! Olha pro chão!

Céu é Barra, é Avenida,
outra vida!
nunca a gente foi lá não.

Nem eu sei como foi isso,
foi feitiço,
arte do Cão,
mas um dia fiquei rico
que nem o rei Salomão.

Chave do mundo,
tenho na mão.
Desceu o céu!
Subiu o chão!

Minha gente venha ver
coisa que nunca se viu,
um mulato virou branco,
subiu! subiu!
A formiga criou asas,
o pato passou a ganso,
lagarta virou besouro,
de repente virei tudo,
virei até um rei mouro,
virei sábio, virei *gentleman*,

meu cabelo virou louro,
virei genro, industrial,
tabu, ministro, escritor,
quase viro ditador.

Agora cheguei em cima,
agora vi que eu sou dois.

Quem sois?

Minhas senhoras:
Meus senhores:

O meu drama começou.

Serei moleque e rei mouro,
serei dentro e serei fora,
serei ontem e serei hoje,
serei noite e luz da aurora?
Quem sois?
Serei eu e serei tu,
serei Sancho e D. Quixote,
serei Deus e Belzebu?
Não posso viver assim!
Serei Pierrot e Arlequim,
serei anjo e homem carnal,
serei o ser e o não-ser,
serei o bem e o mal?

Serei foice e serei sigma?
Enigma!
Que serei eu afinal?
Ai de mim!
Serei o princípio e o fim?[21]

(1944)

[21] Este poema foi republicado, após a morte da autora, na *Revista da Bahia*, Salvador, nº 15, dez. 1989 / fev. 1990, p. 123.

Canção do segredo

Tesouro escondido,
quem foi que escondeu
no cume do morro,
quem é dono teu?

Tesouro escondido
no cimo! no fundo!

Foi Adão, foi Adão
no princípio do mundo?

Quem foi, foi Jasão?

Chi! Fale baixinho,
olhe o monstro-dragão!

Que medo! Que medo!

Tesouro escondido
qual é o teu segredo?

Será o segredo
da vida imortal?

Será liberdade
achada afinal?

Não corras Dolores,
também eu não corro.

Quem chega primeiro
ao cume do morro?

Sozinho, ninguém!

Pelos séculos dos séculos.
Amém!

Demos as mãos
– mão na mão
– mão na mão
ligeiro primeiro
matemos Ladrão,
o guarda-tesouro,
monstro-dragão.

Tesouro escondido
segredo perdido
no monte! na serra!

– mão na mão
– mão na mão

Abri-vos montanha
aos homens da terra!

(1944)

Cantiga de ninar

(variação sobre um tema do Recôncavo baiano)

Su su su
neném mandu,
quem dorme na lagoa
é sapo-cururu.

Su su su cadê papai Ioiô?

Dorme meu neném, mamãe já deu leitinho,
boi boizinho não vem, neném dorme na cama.

Su su su

Dorme dorme dorme meu neném mandu.

Boi da cara preta não não meu boizinho,
não pegue neném, não, ele é meu filhinho.

Su su su

Quem dorme na lagoa
é sapo-cururu.

Asa de morcego rabo de tatu.

Menino não dorme menino faz manha,
brinquedo não ganha não ganha vintém,
seu papai é pobre, mãezinha também.

Su su su

Leve este menino para o murundu.

Senhora Onda do Mar
vestida de verde com franjas de luar,
ninai meu filhinho fechai seu olhinho
seu soninho velai
que mamãe precisa fazer com papai,
Senhora Onda do Mar,
um planeta novo de neném morar.

Su su su
Quem dorme na lagoa
é sapo-cururu.

Sapo sapo sapo-cururu-ru-ru.

Su su su[22]

(1944)

[22] Com algumas alterações este poema foi republicado em *Poemas políticos*, versão aqui adotada.

Diálogo na sombra

– Que dissestes, meu bem?

– Esse gosto.
Donde será que ele vem?

Corpo mortal.
Águas marinhas.

Virá da morte ou do sal?
Esses dois que moram no fundo e no fim.

– De quem falas, amor, do mar ou de mim? [23]

(1944)

[23] Republicado em *Poemas políticos.*

Navio de imigrantes

(A Lasar Segall)

Gestos parados
no limiar
do céu e mar.

Corpos largados
desamparados,
límpido tempo
de primavera
mora no fundo
de vossa espera.

Navio sombrio, que levas no bojo?
– descobre o teu véu:
navegas em busca da terra ou do céu?

Corpos humanos
suportam corpos,
seus desenganos.

Corpo, cansaço,
longa viagem,
busca um regaço,
terra ou miragem.

Arca ou navio,
nau ou galera,
vens doutra era,
séculos a fio.

Qual o teu rumo?

Levas o sumo
da dor humana
que se supera,
vida ou quimera.

No bojo teu,
levas o sonho
de Prometeu.

Levas em ti
o amanhã,

judeus do Egito
a Canaã.

Levas os negros,
nau ou barcaça,
e mais o drama
de sua raça.

Levas Chiquinha
e sua dor,
a dor que é minha.

Levas Colombo,
levas o povo
e a descoberta
dum mundo novo.

No limiar
do céu e mar.

Qual o teu rumo?

Só tu resistes,
as águas tristes
cobriram tudo,
sozinho, mudo,
sinais profundos
vês no horizonte,
tu és a ponte
entre dois mundos.

Asas alerta,
fim, descoberta,
anunciação,
ramo de paz,
âncora, chão,
beira de cais,
ave, esperança,
nau da aliança.

(1944)

Chiquinha

(Para Matilde, Maria, Regina, Lourdes, Marcelina, Tomásia e Bernadete)[24]

Chiquinha
tão frágil,
magrinha.
Teu corpo miúdo
o tempo secou,
as formas redondas
o tempo gastou.
Pareces criança.
Chiquinha,
magrinha,
que doce esperança
te faz resistir?
Que doce esperança
mais forte que tudo,
mais forte que o tempo,
cansaço,
pobreza,
mais forte que o medo,
doença,
tristeza,
que doce esperança
mais forte que tudo,
à vida traz preso
teu corpo miúdo?

Chiquinha
Chiquinha
não lutas sozinha.
A doce esperança
te vem como herança
e a luta também,
do fundo dos séculos,
Chiquinha, te vem.
Teu corpo cansado
lutou no Egito,
as mãos, mãos escravas,
abanaram leques
e teu corpo nu,

[24] Trata-se de empregadas domésticas da família Passos, no Recôncavo e em Salvador.

teus seios morenos
e teus pés pequenos
dançaram lascivos,
ligeiros, airosos,
deleitando o tédio
de reis ociosos.
Chiquinha,
teu corpo,
teu corpo cansado,
foi corpo explorado
na Mesopotâmia,
na Pérsia e Turquia
– haréns de sultão –
foi pária na Índia,
na China e Japão.

Teu corpo explorado
foi mercadoria,
espada e cavalo
e vinho, foi orgia
na Arábia lendária,
de ardência e magia.
Já foi, na Judeia,
corpo apedrejado.
Na Grécia, teu corpo
vestido de túnica,
foi Vênus olímpica,
foi deusa na Arte,
foi serva na vida.
No Império Romano,
teu corpo serviu
a César, guerreiros,
fidalgos patrícios,
à flor da nobreza,
miséria e grandeza,
foi senhora-escrava,
matrona impoluta,
dama e prostituta.

Chiquinha
Chiquinha
durante dez séculos,
teu corpo fechado
nas torres feudais
de imensos castelos,
foi corpo arrancado
da terra, da vida,
corpo sem raiz,
feito puro espírito,
mistério e tabu,
teu corpo adorado
foi corpo explorado.

E quando as Nações,
nos tempos modernos,
abriram caminhos
ao mundo futuro,
caminhos no mar
em busca de terras,
riquezas, escravos,
teu corpo apanhado
nas selvas da África
chegou ao mercado
vendido e comprado,
teu corpo de negra,
teus braços de serva,
teu sexo de fêmea,
teu ventre fecundo
produtor de escravos
dos donos do mundo.
Teu corpo apanhado
nas selvas da África,
nas terras indígenas,
nas tribos nativas
das ilhas no mar,
teu corpo ajudou
Europa a crescer

e um mundo a nascer
nas terras da América.

Chiquinha
Chiquinha
não lutas sozinha.

Chiquinha
teu corpo
ainda não é teu.
Não é livre a vida.
Não é livre o amor.
Chiquinha
teu corpo
mudou de senhor.

Tu sabes
Chiquinha
que a máquina que move
o mundo moderno
te vem libertar?

Tu sabes
(isto sim, tu sabes)
a máquina tem dono
e tu tens apenas
teu corpo de carne
que pede comida
e roupa
e abrigo,
teu corpo de carne
agarrado à vida.

A máquina
precisa mover
dinheiro! dinheiro!
e tu
precisas viver.

O dono da máquina,
teu dono e senhor,
Chiquinha,

é teu comprador.
Tu vendes teus braços,
trabalho, energia,
tu vendes teu tempo,
descanso, alegria,
vigor, juventude,
beleza e saúde,
futuro dos filhos,
tu vendes, tu vendes,
Chiquinha, que dor!
tu vendes teu sexo,
desistes do amor.

A máquina
te vem libertar.
Dinheiro! Dinheiro!
A máquina
te vem devorar.

A máquina
é monstro de lenda,
é monstro-dragão,
devora teu corpo,
é bicho-papão,
é monstro danado
de muitas cabeças,
tem corpo-serpente,
rasteja no chão,
seu hálito arrasa
como um furacão,
tem língua de fogo
tem asas e voa,
ligeiro, ligeiro,
cuspindo dinheiro,
devora teu corpo,
devora teu povo,
seu sangue e suor.

A máquina
te vem devorar.

Chiquinha
Chiquinha
tu sabes que a máquina
te vem libertar?

A máquina
conquista
a terra
e o céu
e o mar,
a máquina,
Chiquinha,
te vem libertar.

A máquina
prolonga teus braços,
liberta teu corpo
de serva doméstica,
te arranca de casa,
derruba as paredes
limites, fronteiras
do lar, doce lar
– prisão milenar –
e faz do teu corpo,
cansado
explorado
e multiplicado
na luta, esse mundo
difícil, Chiquinha
teu reino será.

Chiquinha
tu sabes que a máquina
que move
o mundo moderno
te vem libertar?[25]

(1943)

[25] Republicado em *Poemas políticos*, versão aqui reproduzida. A dedicatória só foi publicada na edição original.

Canção da liberdade

Eu só tenho a vida minha.
Eu sou pobre pobrezinha,
tão pobre como nasci,
não tenho nada do mundo,
tudo que tive, perdi.
Que vontade de cantar:
a vida vale por si.

Nada eu tenho neste mundo,
sozinha!
Eu só tenho a vida minha.

Eu sou planta sem raiz
que o vento arrancou do chão,
já não quero o que já quis,
livre, livre o coração,
vou partir para outras terras,
nada mais eu quero ter,
só o gosto de viver.

Nada eu tenho neste mundo,
sozinha!
Eu só tenho a vida minha.

Sem amor e sem saúde,
sem casa, nenhum limite,
sem tradição, sem dinheiro,
sou livre como a andorinha,
tem por pátria o mundo inteiro,
pelos céus cantando voa,
cantando que a vida é boa.

Nada eu tenho neste mundo,
sozinha!
Eu só tenho a vida minha.[26]

(1943)

[26] Este poema foi republicado no jornal *O Momento*, Salvador, 11 de Junho de 1945, e no livro *Poemas políticos*, em versão aqui adotada.

Sangue negro

(para Jorge Amado)[27]

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
no teu subsolo circula
sangue negro cor da noite,
da cor do preto africano,
preto cujo sangue escravo
regou o solo baiano.

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
de tuas veias abertas
escorre
o petróleo baiano,
sangue negro do Brasil.

Operário mestiço!
tuas ásperas mãos – e tu não sabes disso –
tuas mãos quando movem as máquinas do Poço
movem forças latentes,
movem forças criadoras,
movem o Brasil, tuas mãos libertadoras.

Teu gesto inicial se transmite e propaga,
repercute longe até nas selvas do Oeste
e cresce, desdobrado como cresce uma onda
de mar,
cresce e acelera o ritmo de Volta Redonda,
gerando máquinas sem parar,
e gera usinas
onde o ferro e os metais tirados das minas
do ventre da terra,

[27] Jorge Amado, à época intelectual comunista, residente em Salvador e já de grande sucesso, era amigo de Jacinta; ambos escreviam para o jornal *O Imparcial*. A partir de 1945, Jacinta tornou-se cunhada de Jorge, ao se casar com o irmão dele, James Amado. Cf. biografia de Jacinta Passos, nesta edição.

se transformam em carros e trens, navios e aviões, em armas de guerra.
E as máquinas nascidas do teu movimento,
rápidas mensagens humanas levarão,
mensagens de conhecimento,
mensagens de aproximação
entre todos os brasileiros
irmãos que a distância isolou, como estrangeiros,
em plena solidão.

O gaúcho galopando nos pampas do sul,
freará o cavalo
e vai, surpreso, descobrir no vale amazônico
onde dormem forças primordiais,
que irmãos nortistas modelam um mundo novo,
com a borracha,
a borracha que desce dos longos seringais.

No Nordeste, o vaqueiro cantará:

O homem tira da terra,
a chuva que o céu não dá.

Rã quando canta não erra,
é chuva que vai chegá,
o homem tira da terra,
a chuva que o céu não dá.

Boi gordo pasta na serra,
tão contente a gente está,
o homem tira da terra,
a chuva que o céu não dá.

Quando venceu nossa guerra
logo peguei a cantá,
o homem tira da terra,
a chuva que o céu não dá.

O lavrador
largará a enxada que dos pais recebeu
e moverá os arados mecânicos
que os homens de outras terras lhe ensinaram
através da distância e dos ventos oceânicos.

Operário mestiço!
teu gesto inicial que faz brotar os frutos
e nascer as grandes cidades,
teu gesto move as máquinas da indústria,
move o Brasil,
move o povo crescendo, amadurecendo, se tornando viril.

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
no teu subsolo circula
sangue negro cor da noite,
da cor preto-africano,
preto cujo sangue escravo
regou o solo baiano.

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
de tuas veias abertas
escorre
o petróleo baiano,

sangue negro do Brasil.[28]

(1943)

[28] Este poema foi publicado pela primeira vez na revista *Seiva*, Salvador, Ano V, Nº 18, Julho 1943, p. 10 a 13, e republicado no jornal *O Imparcial*, Salvador, 1º de Agosto de 1943, Suplemento, p.3. No jornal, a dedicatória não aparece. A versão do poema publicada em *O Imparcial* e em *Seiva* é a mesma, e difere desta. Naquela versão, está indicado que o poema foi escrito em Cruz das Almas.

Mensagem às crianças do mundo

Crianças da Ásia, a velha escrava lendária
que embalou o berço dos primeiros homens do mundo,
crianças da Ásia, a velha escrava lendária
de cujo seio escorre a riqueza como um leite precioso
que os outros homens do mundo arrancam da boca dos seus filhos.
Crianças chinesas, pequeninos heróis de olhos oblíquos,
na célula inicial do vosso ser
ficou impresso o heroísmo cotidiano da resistência
que já se tornou uma forma de vida do vosso povo, crianças da China.
Crianças da Europa,
da França, Polônia, Itália, Bélgica, Suécia,
vossas pátrias entregaram-se ao invasor
como mulheres que se entregam com medo, sem amor,
vossas pátrias são escravas silenciosas, crianças da Europa.

Crianças alemãs,
fabricadas,
mecanizadas,
exatamente iguais como soldadinhos de chumbo,
que aprendem somente a odiar,
que não conhecem um brinquedo,
crianças sem infância,
vós não sois vós mesmas, crianças da Alemanha.
Crianças judias, vosso povo continua a sofrer,
sobre vós pairam as mesmas mãos assassinas
que degolaram, como há dois mil anos na Judeia,
centenas de cabecinhas infantis e risonhas como as vossas, crianças judias.
Crianças da Rússia, a pátria misteriosa
cujo roteiro os donos do mundo ocultavam

como os antigos roteiros dos tesouros que os bandeirantes, ávidos, buscavam,
crianças da Rússia, a pátria misteriosa
que Stalingrado revelou ao mundo.
Crianças nativas das ilhas oceânicas,
vossos olhos descobrem
que para além das praias e dos coqueiros não existe apenas o mar.
Vossos olhos espiam assustados
as grandes aves metálicas e os monstros marinhos carregados de homens,
homens dos continentes distantes que vêm matar e morrer nas vossas ilhas
oceânicas.

Crianças da África, dessa África que no deserto e nas selvas
luta há milênios, luta para ser, luta elementar e titânica
contra o sol, o vento, as águas, as feras bravias e o homem branco.
Crianças da América mestiça, a mulher nova e livre
que concebeu Juarez, Castro Alves, Whitman e Bolívar.

Crianças do mundo, guardai esta mensagem
até o dia em que vossos olhos descubram
que não é apenas um papel rabiscado ou uma lição difícil de soletrar.
Muito além desta hora terrível,
o pão,
o fogo,
a água,
a terra,
o ar,
alegrias elementares pelas quais os homens lutam,
permanecem.

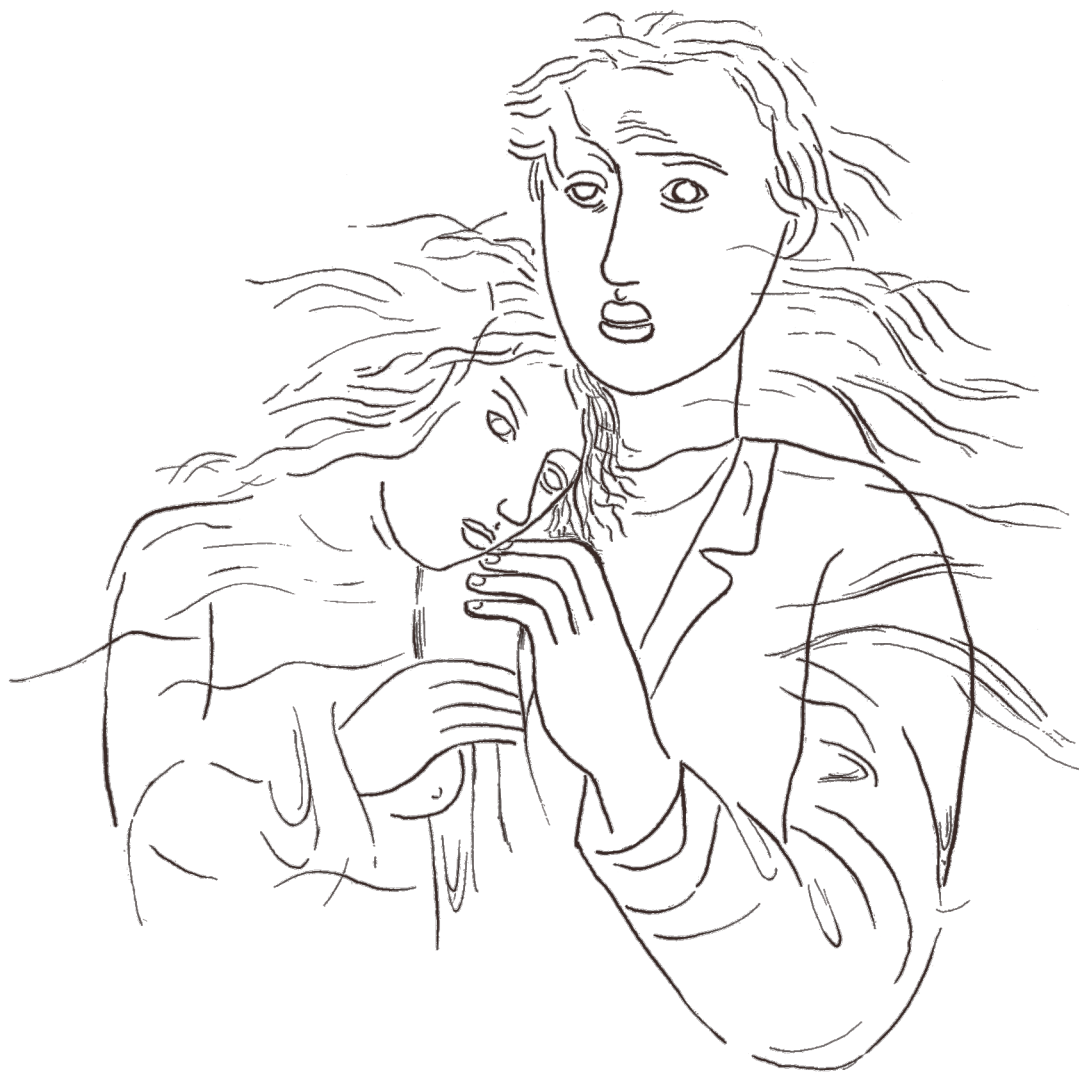
Muito além das dores e dos ódios milenares,
muito além de todas as coisas,
muito além do bem e muito além do mal,
a vida permanece.

Muito além desta hora terrível,
chegará um tempo no tempo
em que a polícia, a moral, as leis e todas as coisas acidentais
serão inúteis para a comunidade humana
como remédios para um organismo que recuperou a saúde.

Chegará um tempo no tempo
em que na terra conquistada, os homens, todos os homens, como vós, minhas puras criancinhas
receberão a vida, a vida simplesmente, como o dom supremo.[29 e 30]

(1942)

[29] Este poema foi publicado primeira vez, com outra versão, na revista cultural *Seiva*, Salvador, Ano IV, Nº 15, dezembro 1942, p. 12 e 13.
[30] Completam o livro *Canção da partida* os seguintes poemas, republicados do livro anterior: Cantiga das mães, p.75, Carnaval, p.71 e Canção simples, p.66.

lasarsegall

Poemas políticos

Canto y cuento es la poesía.
Se canta una viva historia,
cantando su melodía.

Antonio Machado

Para James
esta lembrança do Pontal do Sul

O TERCEIRO livro de Jacinta Passos* reúne poemas inéditos, além de uma coletânea de poemas do *Canção da partida*. Os inéditos, subdivididos em "Poemas políticos" e "Canções líricas", foram compostos entre 1946 e 1950, mais provavelmente entre 1948 e 1950, quando Jacinta viveu em uma fazenda no sul da Bahia.

Os poemas políticos acrescentam inovações temáticas e formais à obra da autora. E as canções líricas desenvolvem ao limite experiências poéticas que ela vinha exercitando desde o livro anterior. Primeiro livro de Jacinta editado no Rio, *Poemas políticos* reforçou o prestígio da autora junto aos círculos de esquerda e tornou seu nome conhecido no meio literário da então capital do país.

Completam *Poemas políticos* os seguintes poemas, republicados dos livros anteriores: Canção da partida p.85, Três canções de amor p.96, Pânico no planeta Marte (com o título Pânico burguês) p.99, Cantiga de ninar p.111, Diálogo na sombra p.112, Chiquinha p.115, Canção da liberdade p.121, Cantiga das mães p.75, e Canção simples p.66.

---

* *POEMAS POLÍTICOS.* Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951. 87 p.

Poemas políticos

O latifúndio

Aqui o lugar. Na meia-noite de sombras
e selva, ruminam bois, ele chega sonâmbulo.

– Te esperava, filho.

    (Velhos conhecidos, o monstro e a grande jaqueira
    verde-negro maternal de cúpula folhuda.)

Quem chega é um homem ah! mas que face terrível,
no olhar que ferida funda
de animal sozinho e a dor,
desabrigo e frio, doenças,
sol de verão, pobre corpo minado, ah! crua
dor de fome, dor de terra sem fruto, animal
com sua dor antiga sozinho no latifúndio.

Aqui o mistério acontece e a grande jaqueira
guarda segredo; mas contam
que esse monstro macilento,
nu, come da terra e fica espojando no chão.

Depois cresce a noite. Depois o segundo
canto do galo: eis o lobisomem
correndo na estrada, seu uivo longo, ouviste?

A coruja e o rio, quando ele passa, já sabem:
a noite se abriu em duas.

Pernas de cão feito lebre correm
como o vento no vale estreito entre serras.

– Mãe, quem pisou na cumeeira?

    (o menino corta o sono de choro mal-assombrado)

Rastro de vingança e cinza e sangue nas fazendas
dos crimes oligárquicos. Madrugada
de reses mortas. Águas barrentas, a flor

do café no chão. Oh! quem fez o cacau pecar
e abriu em feridas a folha felpuda do fumo?

Corre-léguas vai no faro das cidades longe.

> (Diz o povo que é Mãe-Velha
> quem sabe? aquela que mora
> só, com seus sapos, na cabeceira do rio.
> Teve filhos, mas se foram, oh! faz tanto tempo
> que emigraram para o sul.
>
> Quantas luas ela viu?
> Ninguém sabe. Mora ali
> há cem anos? Muito mais,
> do tempo dos donatários
> daquela capitania.
>
> Vive a era do cavalo.
> Seus olhos não viram nunca
> uma rua. Tudo em vão. Trem de ferro
> passaste, máquinas, ó flor elétrica
> dessa era, velocidade, passaste em vão.
>
> Diz o povo que é Mãe-Velha.
> Ó terra de tanto sofrer.)

Corre-léguas vai no faro das cidades longe
na orla do mar, metrópoles maciças, altas
de cimento e luz, corpo de aranha faiscante.

Cidade que dormes envolvida em fluido manto
de ópio, acorda.
Teu sono tem muitos séculos, ó cidade,
não sentes as veias secando? Vais morrer,
virgem louca, o bicho da terra sugando
na noite teu sangue, respiras ainda? Teu crescimento

parou, vais morrer, virgem louca, cidade de ópio.

Corre-léguas vai no faro das cidades longe
carregando seu segredo:

– uma gota de meu sangue
com esta faca terás

sou a tua outra metade

desencanta o meu encanto
ou eu vou te devorar.

Depois vem a barra do dia, sete cores no céu,
a fala da jaqueira e uma faca enterrada no chão.

– Até outra hora, filho.[1]

[1] Este poema foi republicado, em vida da autora, na revista *Violão de rua*, edição extra, 1963, p.86-88. Não se sabe se Jacinta, então vivendo em Sergipe, tomou conhecimento da edição.

O rio

Tantos rios como eu abriram leito de pedras
e pranto. Um dia perguntávamos:

– Dizei-me, curva, aonde vou? casa tronco rocha sois
aqueles que ficam, minha lei é não parar. Sigo
fio de água, água humilde sou, para onde? Ó curva,
falai. Água de revolta, espuma e ódio nos poros
na garganta no útero, pranto de mulher, água
de fel antigo, quem é meu semelhante? Dizei, aonde vou?

Leito de pedras e pranto. Súbito, próximo,
atravessou olhai, ele!
ali na frente, vivo, tão vivo,
ele sim! o rio das águas inúmeras. Correi
doçuras e dores, punhos, Partido, esperança nossa.

nascimento

O ano foi vinte e dois.[2] Criatura de desejo
e sonho. Carne e luar na boca das profecias.

Aqui está recém-nascido úmido de lágrimas
e leite, filho das dores, criança concebida

na injustiça.

fala materna

Te contarei muitas coisas,
filho. Te criarei tão forte

---

[2] *Vinte e dois.* Referência ao ano de 1922, quando foi fundado o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

e tão sábio que serás um herói novo do século,
filho, proletário, punho meu libertador.

Não tenho dote nem joias
nem tapete de veludo
para amaciar caminho.
Só tenho mesmo é um livro. Um livro para te dar.
Como se eu te desse olhos novos. E exatos, filho.
Aqueles olhos com que Marx viu a História
e saudou teu nascimento.

(Baixinho agora,
vamos conversar baixinho, são dramas de família.
Tenho uma irmã rica,[3] filho, e poderosa, nasceu
muito antes de mim. Quando vi
a luz, ela já era grande dama senhora
minha. Dona da lei
e da alegria no mundo. Por isso nasceste, filho,
fora da lei. Teu avô, o velho rei caduco,[4]
não se governa mais. Ficou possesso. Essa dama é velha
bruxa criminosa avara.
Vai morrer. Sabe que vai morrer. Morrerá,
meu filho, por tuas mãos. Está escrito. Por isso
te farei de ternura e aço. Por isso ela te persegue tanto,
quis te matar no meu ventre.
Ela não é gente, filho, não tem veias nem músculos.
Só tem a pele seca, é oca por dentro, a bruxa
sustentada de veneno como cobra na fúria.)

[3] *Tenho uma irmã rica.* Referência à burguesia.
[4] *Teu avô, o velho rei caduco.* Referência à aristocracia e à monarquia.

Serás tão forte e tão sábio, filho.

Zumbi dos Palmares.
Tiradentes.
As primeiras greves.
Os dezoito do Forte.

Muitos rios correram antes. Tu, maior que todos.

sumidouro

Vinte e três anos:[5] águas fermentaram
na terra.

Cavou chão. Fez leito. Abriu tocas e cavernas
feito bicho teimoso.

Caminhando foi crescendo
águas iguais recebeu
as raízes conheceu
viu semente começar.

Viu a mão do camponês
Por cima das catacumbas
ouviu os pés da Coluna[6]
e os passos da Aliança.[7]

---

[5] *Vinte e três anos*. 23 anos após sua fundação, em 1945, o PCB foi legalizado.

[6] *Coluna*. A chamada "Coluna Prestes", marcha de um grupo de pessoas, durante dois anos, por 13 Estados brasileiros, contra a República Velha e seus governantes; foi liderada, entre outros, por Luiz Carlos Prestes, que à época ainda não era comunista. Ver *A Coluna*, quarto livro de poemas de Jacinta, integralmente dedicado ao tema, reproduzido nesta edição.

[7] *Aliança*. Aliança Nacional Libertadora (ALN), frente ampla contra o fascismo e o imperialismo. Fundada em 1935 e neste mesmo ano posta na ilegalidade, foi liderada pelos comunistas, mas dela participavam também socialistas, católicos e democratas, preocupados com o avanço internacional e interno do fascismo.

Rio de suor e silêncio.

Agora é rio da terra.
Amazonas. São Francisco. Rio da Prata.
Carregado de cobras e piranhas e madeira
boiando. Lutas. Dramas e coisas. Do Brasil.

1935 [8]

Tenso como rede de nervos
pressentindo ah! novembro
de esperança e precipício.

Fruto peco.

Novembro de sangue e de heróis.

Grito de assombro morto na garganta,
soluço seco dor sem nome. Ferido.
De morte ferido. Como um animal ferido. Luta
de entranhas e dentes. Natal.
Sangue. Praia Vermelha.

Sangue.
Sangue. É quase um fio
escorrendo
sangrento
tenaz
por dentro dos cárceres,

---

[8] *1935*. Data da rebelião militar liderada pelos comunistas que, planejada para explodir em todo o Brasil em novembro de 1935 e tomar o poder, eclodiu apenas, e de forma muito tímida, em Natal, Recife e Rio de Janeiro, sendo rapidamente esmagada. Seus líderes, inclusive Prestes, foram presos.

nas ilhas
e nos corações que a esperança guardaram.

na praça

Europa treme até nas águas e no ar.

(Nações em carne viva sangrando machucadas
sob as botas do rei. Nas areias do deserto

rodam tanques de morte. Dakar fica mais perto
do que nunca. Torpedos mancham de sangue as portas
de nossos mares. FEB do povo nasce. Vem

a peleja final. Os aliados vacilam,

Rússia cresce indômita. Só. Perante o mundo
recém-despertado.)[9]

A força do terremoto chegou até aqui. Noite densa,
reuniu águas desagregadas, marés de lua cheia
forçaram portas ferrenhas de prisões. Povoou as ruas,
vinde ver as ruas! Que festa de palavras e bandeiras
e flores e desfiles nas grandes capitais.

Maio de S. Cristóvão. Palavra inédita
de gume e fogo e rumo e onda se espraiando
nos confins da pátria comovida.
Pacaembu de arena clara. Não mais o grande Capitão
da lenda. Fulgor na bruma.

[9] Esta estrofe refere-se à Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e à participação do Brasil nela, via Força Expedicionária Brasileira (FEB).

É Prestes próximo concreto lúcido sofrido,
conosco, crescendo.

Visão de mar nas ruas, ah! comícios de pétalas e palmas
e multidões crescendo ávidas de nordeste a sul.[10]

Quinze cadeiras.[11]
Lodo e sangue nas escadarias. Ouro nos portais.
Quinze cadeiras. Voz implacável no Parlamento, acesa.

Veio a curva.

(Fôlego, pulso, rumo. E o livro materno e mágico.

Para trás ficaram águas. Efêmeras.
Paradas outras, nas margens podres, larvas gerando.)

as fúrias e a carta

I

– Estas mal traçadas linhas
Mister,
são carta de puro amor.
Tive notícias do rei.
Será verdade? Lunático?

Ai que vida tão patética
meu pobre pai sorumbático.

[10] A estrofe canta o final da Segunda Guerra mundial e, no Brasil, o fim da ditadura do Estado Novo em 1945, assim como a grande popularidade alcançada, neste ano, pelo PCB e por Luiz Carlos Prestes, libertado da prisão.

[11] *Quinze cadeiras*. Referência ao número de cadeiras (14 deputados e um senador) conquistadas pelo PCB na Assembléia Nacional Constituinte de 1946.

Dizei-lhe do meu pesar
pela perda do Império
Alemão, que Deus console,
e dos povos infiéis.
Alteza, que importa a China?
Por detrás desta cortina
faremos te coroar.

Salve rei! O Novo Mundo
é teu novo pedestal.

Recebi os mensageiros
Mister, do rei venerável.
Beijei-lhe a mão no Palácio
Tiradentes. Dei discursos
castiços salamaleques
e banquetes até rosa
eu lhe cedi, respeitosa.

> (Ó povo, cala esta boca
> de injúria e maldição.
> Sou vendida e prostituta?
>
> Tu falas porque não sentes
> meu dilema: as portas abro
> da casa
> ou as graças perderei.
>
> Ó povo, cala esta boca.
> Eu sou herdeira do rei.)

Minha casa tem riquezas
de petróleo e manganês

sou a bela anfitriã
Mister, que mais quereis?
Cacau? Cristal? Paulo Afonso?
Prazer de servir o rei.

Generais de traição?
Tenho alguns. Bases? Soldados?
Mais difícil. Explicarei.

Tenho ferro bem barato
prazer em servir o rei.

Agora meus instrumentos
de uso revelarei.
Meu olho policial,
togas sujas, meus partidos,
os inventores da lei
e cabeça sifilítica
do meu curto presidente.

Agora aqui lembrarei
com licença, nosso dólar.
Prazer de servir o rei.

Ora, direis, tudo certo,
e a chave de segurança?

Tenho a chave, caro Mister,
é pedra fundamental,
sobre ela repousando
o país mudará.
Nação em duas metades
o campo suga as cidades,

o país não crescerá.
Pedra de fato e de lei
Deus conserve o latifúndio
yes, Deus salve o rei.

Vou terminar com palavras
de puro devotamento.
Dizei ao rei como sinto
seu crucial sofrimento.
Ai vida tão dilemática!
Paz? é a crise crescendo
povos infiéis crescendo.
Paz? é a Rússia maior.
É o desemprego aqui.
Guerra? mas guerra é a força
da correnteza mais rápida
circulando no planeta.
Guerra? espada de dois gumes
salvai o peito do rei.

Digamos com Mister Truman:
salvai o peito do rei.

Brasil de quarenta e nove.
Assinado, a grande dama.[12]

[12] Todo o Canto I de "As fúrias e a carta" refere-se, de forma crítica, à aliança entre o imperialismo e a burguesia nacional, que é a narradora deste canto. O PCB, a partir do chamado "Manifesto de Agosto", de 1950, radicalizou posições, pregando o final da política de alianças com outros setores e a luta armada contra o latifúndio e o capital estrangeiro.

II

Lenine, do outro mundo ri com seus olhos oblíquos.
  (Até rasgaram o Livro
  da Lei para enterrar o rio)

Mas ele agora é a lei viva nova nas ruas, impávido
crescendo. Olho policial presente. Fúrias

e sangue nas praças.

Praça da Sé, Patriarca,
S. Jerônimo das Minas, ferrovias de Bauru.
Fernandópolis, Tupã, canaviais S. Amaro.
Metalúrgicos do Rio, Morro Velho dos mineiros, tecelões de Sorocaba.
Do Largo da Carioca pela estiva
de Santos vem caindo florescendo o sangue vem
bradando por minas e ferrovias por asfaltos e muros,
cárceres e casas, campos fábricas e metalúrgicas bradando
vem pelos canaviais[13]

coral

– Forte como um touro, dizem.

– Na passagem de seus pés nascem caminhos.

Sua palavra
não viste descer do céu nos quatro ventos?
Semente no bico dos passarinhos.

---

[13] Os dois cantos de "As fúrias e a carta" foram publicados pela primeira vez no jornal *O Momento*, Salvador, 17 de dezembro de 1949, p. 5 e 6. O segundo canto exalta greves e movimentos populares da época.

– Tão forte e tão sábio, dizem.

– Alta madrugada, sua mão escreve
nos muros: cidade, vigiai comigo,
na casa de minha mãe conheço dor
de fome e de frio. Tanta fartura dorme
cidade,
o progresso dorme, preso onde? na mão
dos poderosos. Em verdade vos digo.
Tempo de crescer.
Cidade, vamos.
Vinte e oito anos: avançai comigo.

– Louvado seja seu poder de frutos.

– Louvado. Que estes campos nunca viram tanta
esperança. Nem depois das chuvas viram.

– Sua voz, ouviste?
"A terra será da mão que planta e colhe".

– Custei de acreditar.

– E eu.
Tanto viveu meu pai e nunca teve espera.
Só cansaços e penas.

– Na terra sem trato até ouvir se pode
alvoroço de grão.
Espigas de milho e laranjais se ouvem.

–Ah! não morrerei sem ver com estes olhos
que a terra há de comer.

(Louvado seja teu nome e tua raça.
Tens um irmão em cada pátria, louvado seja.
O ventre de tua mãe louvado seja.
De pura luz tua coroa será.)[14]

o salto

Água funda rio maduro
homens do leme eis o mar.

Água funda, rio maduro
e força para saltar.

mar

Cidade e campo.
Branco e negro.

Mar.

Mulher e homem. Mar.

Burguesia e homens. Tudo é mar. Aqui
o rio deságua e a história do homem principia.

[14] O coral celebra o trabalho desenvolvido pelo PCB à época, sobretudo na área rural.

A morte do coronel

I

Era figura de proa
sim senhor,
esse varão soberano.

Já foi rei de Madragoa.

Sangue quente,
pele cor de caraíba.

Era figura de proa.
Como o pai herdara título,
reino, chicote e coroa.

– Pobre dele, está nas últimas.

Na sala dos comentários
se reza cochicha lá
no quarto de telha-vã
ele pena no sofá.

Agora já não é mais
que triste carne sumindo,
força de lua minguando.

Dizem até que carregava
algumas mortes, coberto
de ouro e prata.
(A doença entrou no corpo,
feitiço
pela boca dos rendeiros.)

Candeia, cadê teu lume
força do corpo viril?
Patrão cacique de grei,
dez filhos dentro de casa
e sete fora da lei.
Lá se vai.
Ó corpo, cadê teu lume?
Ó candeia, alumiai.
Parentes de sentinela,
exército de salvação:

– Vinde, ó poderes divinos
salvai os pés da nação.

– Este homem é uma coluna
não pode morrer assim,
vinde, estrangeiro do dólar
vosso amigo está no fim,
movei polícia e tirano
com cara de querubim
movei ralé da colônia,
mares de *whisky* e de *gin*
Ó Santa Igreja Católica
vosso amigo está no fim.

II

Gente, que olho é aquele
espiando na vidraça?

(Será delírio febril
cadeia mortiça e baça?)

Não é um olho sozinho.

Que se passa?

São dois são dez um milhão
na vidraça.

Vinte milhões espiando
o sinal de morte enfim
dessa figura de proa.

(É povo de Madragoa
na vidraça.)

Ó rei chicote e coroa
triste rei de fim de raça.

O enforcado

Ninguém viu a face. Seus longos cabelos
de mártir, alumiando o mar.

Contam que ele desce das montanhas, noite
alta e vigia.

Anda sobre as ondas
e o velho Atlântico vem muitas coisas lhe contar:

– Das montanhas recebo também
amigo, os grandes rios
carregados de drama. Vês o Mississipi?

> (Povo, ó povo do país do norte
> minhas águas são de espanto sacudidas.)

Vês este perfil de montes e areia
ondulando e a cintura tão fina?
Pois cresce neste corpo bem-amado
um tumor de morte, devorante.

> (Ah continente meu
> rosa de outubro
> espada de dois gumes, América.)

O crime se prepara aqui em casa
o crime maior
indústria de sangue que se chama guerra.

> (Aurora dos povos
> ó múltipla
> que tua unidade amadureça logo.
>
> Fitai o norte! o crime cresce
> contra nós seus poderes malignos
> contra ti, ó povo
> do norte, estás conosco.)

Das cabeceiras dos rios descem chamas e cólera.
Que se passa? perguntam. Mas eu, eu conheço estas terras por dentro.

Aqui é Brasil. A infâmia outra vez. Te lembras, Tiradentes?
o quinto do ouro, a família real, e o vinte e um de abril?
Eu sei do medo e da cobiça. O demônio nascendo
no turvo. O demônio da guerra
nascendo no cérebro dos cavaleiros do lucro: – Não podemos parar.
Não queremos morrer
e a terra sob os pés estrangeiros. Aqui é Brasil:
ódio puro ódio, florestas e cidades acesas, punhos altos se multiplicando.
Ah! cavaleiros do lucro, como sois pequenos.
Sangue do asfalto de Esplanada aos campos de Tupã.
O operário desperta e comanda. Ágil como um gato
salta até junto das minas. Monta guarda ao petróleo:
– alto lá, traidores. Disto não fareis semente de morte. Rosa
e fartura nascerão daqui.
Sessenta famílias de ganância e crime.
Até a Paulo Afonso, ó servos da infâmia?
São Francisco insultado vem rugindo:
assanhai piranhas! caatingas do serão, espinheiros de jurema,
de tocaia! para engolir os gringos invasores.

> (Sabia dessas coisas, Mister Truman?
> – aqui quem lhe fala é o velho Atlântico.
> Ah! Excelência, quantas surpresas
> na casa de José Joaquim, o Enforcado.)
>
> Contam que ele desce das montanhas, noite
> alta e vigia.

Longe, além do tempo, o que fica a olhar?

Anda sobre as ondas. Seus longos cabelos
de mártir, alumiando o mar.[15]

[15] Este poema, em versão ligeiramente diferente, foi lido por Jacinta na sessão de encerramento do III Congresso Brasileiro de Escritores, em Salvador, 1950. Cf. suplemento *Congresso Brasileiro de Escritores*, s.d.

Elegia das quatro mortas

I

Chegas de manhã, tranquila.

(Não estás morta, morta, amiga,
no chão, desfeita, de um país de brumas?)

De manhã, tranquila.

Quando a luz do dia vem
clareando o céu, as coisas e a lembrança.

Olga,[16] de manhã.

(Não estás morta, morta, amiga,
não te levaram num navio, sofrendo?)

Tu, aqui, tranquila:
teu vulto claro de alemã, tão nosso,
tão do Brasil teus olhos bem amados,
translúcidos,
e o rosto longo e os cabelos finos.

(Não estás morta, morta, amiga,
crime de feras contra flor tão pura?)

De manhã conosco:
aquela mesma luta antiga
e dura,
tão dura às vezes, bem sabes como exige.

Tranquila, conosco:
muita coisa, Olga, foi mudando
depois daqueles tempos: num campo
de suplícios, tua filha nascendo. Não, não esquecemos

---

[16] *Olga.* Olga Benario (1908-1942), alemã e judia, desde muito cedo ligada aos comunistas. Muito jovem, fugiu com o namorado e líder comunista Otto Braun da Alemanha para a URSS, onde recebeu treinamento militar. Em 1934, foi encarregada de acompanhar Luiz Carlos Prestes, foragido na União Soviética, de volta ao Brasil, e de protegê-lo. Durante a viagem de navio, os dois se apaixonaram. Viveram clandestinamente no país, mas, após a derrota da Revolta de 1935, liderada pelos comunistas, Prestes foi preso, e Olga, grávida, foi deportada por Getúlio Vargas para a Alemanha. Lá, na prisão, deu à luz, em 1936, à filha, Anita Leocádia, entregue à avó paterna. Transferida em 1938 para um campo de concentração nazista, Olga Benário foi executada numa câmara de gás.

o Estado Novo, os crimes do fascismo
e teu corpo de bravura resistindo:

mas a luta é cada vez mais uma só:

lembras da Alemanha em tua juventude
de sonho e combate? Um lado de sombra ainda,
de luz, outro lado: tudo será luz
una, de alegria
que da barra do Oriente vem raiando,
da Rússia vem como de um sol a pino,
e de nós, os povos duros,
sugados, na sombra,
duros, combatendo.

Prestes. Prestes. Ah!
nunca se viu tanta esperança terrena.

(Não estás morta, morta, amiga,
de tantas dores com que te mataram?)

Chegas de manhã, tranquila.

II

Também tu: de crespa cabeleira
viva,
de onde vens morena de manhã?

– Pelas costas. Me mataram pelas
costas. Covardia. Pois se mata
assim um ser humano?

Ah! Zélia.[17] O cão policial
teve medo de olhar teus olhos.
Foi no ano de quarenta e nove.
Foi na rua.
No Rio de Janeiro, capital.

[17] *Zélia*. Zélia Magalhães, militante comunista. Durante violenta repressão do governo Dutra a um comício organizado pelos comunistas na Esplanada do Castelo, centro do Rio, em novembro de 1949, Zélia, que estava grávida, foi morta por um tiro da polícia.

– Meu filho ia nascer:
mundo mais humano, o que eu queria.

Tão simples. Assim teu sonho era,
o nosso, de fartura e paz.

Será feito pela mão dos pobres

(pobres não eram tuas mãos
de mulher irmã das mãos do negro,
do camponês e do trabalhador?)

Pela mãos dos pobres
que têm fome e sede de justiça
na terra.

III

Flor de tristeza, vagarosa, Dade,[22]
Foi assim que te vi no campo, um dia.

Tu vens chegando, tua fala, lenta:

– não sou de natural assim tão triste
mas labutei demais e me acabou.

Treze homens levaram teu caixão
por cinco léguas de caminho ingrato.

Flor de existência malograda, flor

(não conseguiste nem as miudezas
de teu desejo: ah! era de uma volta
de ouro, como gostavas! E um vestido
de seda verdadeira. Ouço teu riso,
risada ruidosa, da garganta)

---

[18] *Dade*. Empregada doméstica na residência da família Passos, Dade é citada também no poema "Canção da partida", do livro homônimo: *Dade na fonte,/ Dade na lenha,/ dez filhos deu a mundo,/ está plantando roça,/está na casa da farinha,/criou cinco filhos brancos/e depois morreu sozinha./* Neste "Elegia das quatro mortas", Jacinta traz a figura anônima de Dade para junto de três mulheres que, à época, eram heroínas da esquerda brasileira.

Treze homens levaram teu caixão.

– Morreu de quê? – perguntam. A doença
já encontrou teu corpo consumido:

onze filhos, pobreza, mais a roça,
mais água e lenha e casa de farinha.

Morreste sem remédio como um bicho:
desconhecias o poder das letras,
da medicina e da luz elétrica.

Nenhum relógio marcou teu passamento.
Treze homens levaram teu caixão.

Flor de tristeza, vagarosa, Dade,
foi de morte matada que morreste

e bem sabias. O crime não tem data:
morte lenta geral antiga fria:
o latifúndio acabou contigo.

– Não sou de natural assim tão triste.

Tu vens chegando, tua fala, lenta
acusa e tua voz se anima agora
("a terra será da mão que planta e colhe")
é de esperança flor recuperada.

IV

Na frente.

Na frente maduros.

Caminhando na frente maduros.

Era o dia Primeiro de Maio.

Na frente.
No Rio Grande, cidade do sul.

De repente.
De repente, atiraram.

(– Onde estamos?
– Foi da sombra. Atiraram.
– A polícia? Da sombra? Covardes!)

De repente.
De metralha e fuzil.

(– Mas quem foi que mandou atirar?
– Foi a sombra. Estrangeiros do dólar.)

Atiraram. Mataram
Operários sem armas, mataram.

(– Ah! governo sem lei nem vergonha!)

Foi assim. Angelina[19] mataram.

Quatro mortos. Maduros.
Caminhando na frente maduros.

Levantando e bandeira, Angelina.

Era o dia da classe operária.
Na frente.
Protetora da pátria, Angelina.

Foi no ano feroz de cinquenta.
Foi no ano feroz do fascismo.

Era o dia Primeiro de Maio.
No mundo.
No Rio Grande, cidade do sul.[20]

[19] *Angelina*. Angelina Gonçalves, tecelã, morta a tiros pela polícia em 1º de maio de 1950, na cidade de Rio Grande, RS, durante comício organizado pelo PCB. Angelina retomara a bandeira do Brasil que a polícia arrancara dos manifestantes. Tinha 30 anos.
[20] Fragmento deste poema foi publicado na revista *Violão de rua*, edição extra, s.d., p. 89-90.

Canções líricas

Canção atual

Plantei meus pés foi aqui
amor, neste chão.

Não quero a rosa do tempo
aberta
nem o cavalo de nuvem
não quero
as tranças de Julieta.

Este chão já comeu coisa
tanta que eu mesma nem sei,
bicho
pedra
lixo
lume
muita cabeça de rei.

Muita cidade madura
e muito livro da lei.

Quanto deus caiu do céu
tanto riso neste chão,
fala de servo calado
pisado
soluço de multidão.

Coisas de nome trocado
– fome e guerra, amor e medo –

Tanta dor de solidão.

Muito segredo guardado
aqui dentro deste chão.

Coisa até que ninguém viu
ai! tanta ruminação
quanto sangue derramado
vai crescendo deste chão.

Não quero a sina de Deus
nem a que trago na mão.

Plantei meus pés foi aqui
amor, neste chão.

Canção para Jana

Riso de abril rompe a neblina,
rosa menina.

Crescei, ó cabelos de chama,
carne de rosa e pudim.

Cor de pitanga
boca miúda
riso, alfazema, patchuli.

(Água do rio
eu te darei
leite com mel
chapéu de rei
limão caixinha
e datacum.
Passearei
com lô-lô-lô
bilu-bilá
nane ninou.)

Flor buliçosa
rosa crescei.

Água dos mares da Bahia.

Na sombra aqui destas asas
até um dia.[21]

[21] Estranhamente, o poema parece prenunciar o afastamento entre Jacinta e sua filha Janaína, a Jana, que efeteivamente aconteceu, a partir do final de 1951. Cf. biografia de Jacinta Passos, neste volume.

Canção do amor livre

Se me quiseres amar
não despe somente a roupa.

Eu digo: também a crosta
feita de escamas de pedra
e limo dentro de ti,
pelo sangue recebida
tecida
de medo e ganância má.
Ar de pântano diário
nos pulmões.
Raiz de gestos legais
e limbo do homem só
numa ilha.

Eu digo: também a crosta
essa que a classe gerou
vil, tirânica, escamenta.

Se me quiseres amar.

Agora teu corpo é fruto.
Peixe e pássaro, cabelos
de fogo e cobre. Madeira
e água deslizante, fuga
ai rija
cintura de potro bravo.

Teu corpo.

Relâmpago, depois repouso
sem memória, noturno.

Canção de brinquedo

Reino da terra
riso será.

Menina, esse riso
não é de graça,

tempo virá.

Ó riso custoso
rei e rainha
em teu lugar.
Ó flor de sangue
tempo virou
tempo virá.
Abre, ó roseira
reino da terra
riso será.

Tens medo do risco?
Segura o novelo

Entra na roda e dança, ó menina.

Tens medo do risco?
Não és flor sozinha:

um olho aceso
entre as mulheres
criatura minha.

Um grão de milho
cravo criança camaradinha.

Araçá-mirim.

Segura o novelo.

Agora sim.

Flor no cabelo
entra na roda e dança, ó jasmim.

Chamado de amor

Tanta laranja madura
ai tanta!
que aroma vem do quintal.

A maré já deu passagem
cresce meu canavial

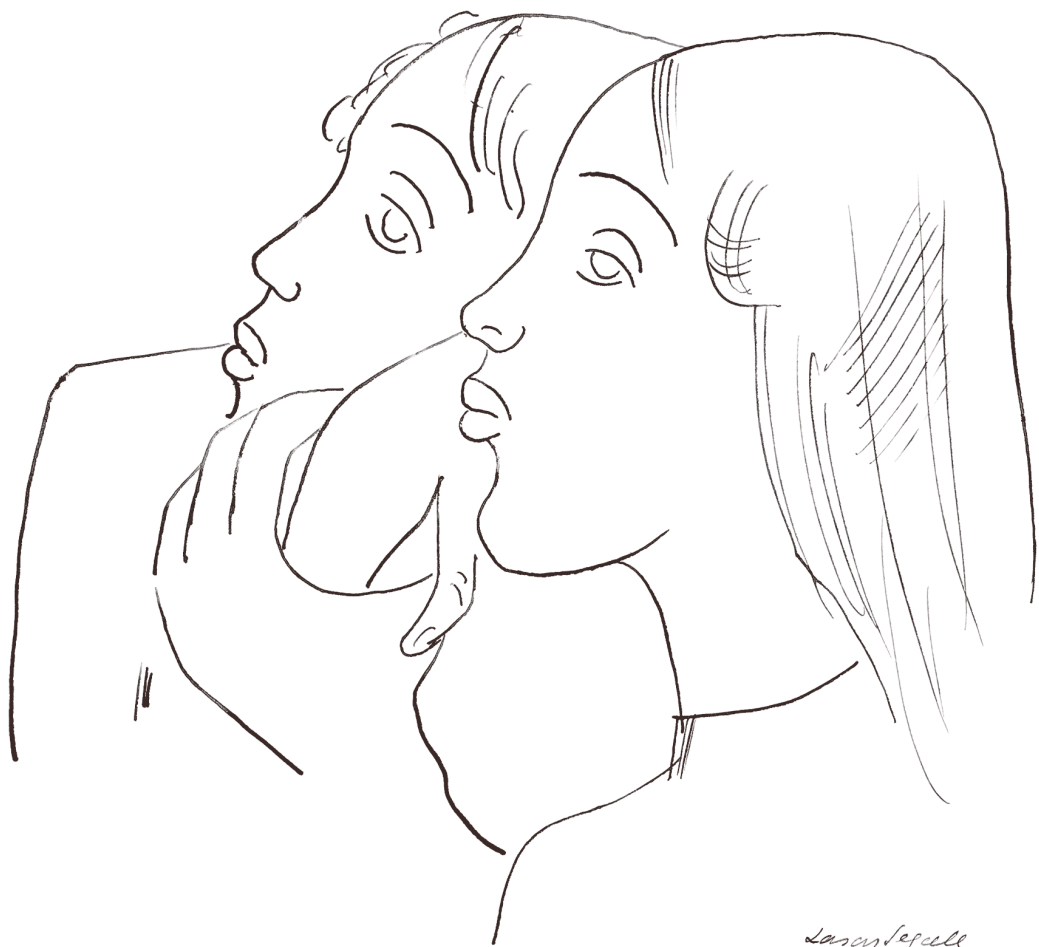
minha vara de condão
cavaleiro, teu punhal.

Jasmim da noite floriu.

Jasmim.

Acabou-se o bem e o mal.

Já tirei os meus sapatos,
Vesti meu manto real.[22]

[22] Completam *Poemas políticos* os seguintes poemas, republicados dos livros anteriores: Canção da partida p. 85, Três canções de amor p. 96, Pânico no planeta Marte (com o título Pânico burguês) p. 99, Cantiga de ninar p. 111, Diálogo na sombra p. 112, Chiquinha p. 115, Canção da liberdade p. 121, Cantiga das mães p. 75 e Canção simples p. 66.

A Coluna

Coluna, tu és a herança
que os pais transmitem aos filhos
como abc de criança

Dedico este livro a todos aqueles
que possibilitaram escrevê-lo e publicá-lo..

O LIVRO *A coluna** nunca foi republicado. Na edição original, sob o título, há estes dizeres: "(Poema em 15 Cantos) Escrito em São Paulo – 1953-1954." Na última página, abaixo da palavra "Índice", esta explicação: "(A Coluna, poema composto de 15 Cantos, é uma parte do livro "Histórias do Brasil e outros poemas")".

É provável que a edição do livro tenha sido financiada, parcial ou integralmente, pelo PCB, pois sua temática era de grande interesse para o partido, e Jacinta quase não dispunha de recursos financeiros à época.

O tema do poema épico é a Coluna Prestes, marcha de cerca de 25.000 km empreendida por homens e mulheres que, sob o comando entre outros de Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes, percorreu, entre 1924 e 1927, grande parte do interior do Brasil, perseguida por forças governamentais e privadas. Embora nunca tenha sido vencida pelas tropas do governo, a Coluna também não conseguiu o objetivo de comandar uma rebelião popular para depor os governos Arthur Bernardes e Washington Luiz. Sem perspectiva de vitória, acabou se embrenhando na Bolívia.

A Coluna recria, em tom épico e evocações líricas, episódios acontecidos durante a marcha, cantando cenas de batalhas e do cotidiano da gente humilde que aderiu à revolta. O livro estabelece um diálogo poético com *O cavaleiro da esperança*: a vida de Luiz Carlos Prestes, de Jorge Amado. Lançado em 1942 na Argentina (sob o título *Vida de Luiz Carlos Prestes*) e em 1945 no Brasil, o livro de Amado também narrou personagens e episódios da Coluna Prestes, como os que Jacinta versejou.

* Passos, Jacinta. *A Coluna.* Rio de Janeiro: Ed. A. Coelho Branco F.º, 1957. 47 p.

A partida

I

Ó céus e terras, tremei
que a Coluna já partiu
neste ano de Vinte e Quatro
todo o Brasil sacudiu
será Coluna de fogo[1]
que o viajante já viu?
Coluna de vento e areia
dos desertos desafio?
Ó céus e terras, tremei
que a Coluna já partiu.

II

Partiu das terras do sul,
dos descampados sem fim
o gaúcho indaga atento:
para onde marcham assim?
– Adeus cidades que ficam,
Santo Ângelo de onde vim,[2]
arredai serras, adeus
a quem fica atrás de mim –
Partiu das terras do sul,
dos descampados sem fim.

---

[1] *Coluna de fogo*. Para explicitação dessa imagem, cf. o ensaio "A coluna de fogo", de Ildásio Tavares, nesta edição.

[2] *Santo Ângelo de onde vim*. Referência à cidade de Santo Ângelo, na região das antigas Missões jesuíticas, oeste do Rio Grande do Sul, onde em 1924 eclodiu o primeiro levante gaúcho contra o governo federal, liderado por Luiz Carlos Prestes, que também era gaúcho.

III

Através da terra imensa
abrindo caminho no chão,
seus cavalos, cavaleiros
e seu grande Capitão,
Coluna dos revoltosos
Coluna da decisão,
espinha dorsal no corpo
do Brasil, Insurreição.
Através da terra imensa
abrindo caminho no chão.

IV

Quem deixou essas pisadas?
Foi a Coluna que passou.
Quem na mata abriu picadas?
Foi a Coluna e viajou
e no seu rastro, cavalos,
homens e armas levou
atrás um feixe de luz
e de esperanças deixou.
Quem deixou essas pisadas?
Foi a Coluna que passou.

V

Provectas autoridades
dessa cidade tranquila
ó Juiz, ó Escrivão,

ó Intendente da vila,
quem perturbou vosso sono
e o de Dona Domitila?
– Confiai, irmãos, em Deus
e nos jagunços da vila –
diz o Padre, e o Coronel
assanha seus cães de fila.[3]
Provectas autoridades
dessa cidade tranquila.

VI
João Ferreira diz: bravura!
segue a Coluna que passa
é Cabo da Guarda e leva
mulher, espingarda e cabaça,
roceiro deixa roçado,
vaqueiro, a corda que laça,
adeus mulher, adeus filhos,
a seus vizinhos abraça.
João Ferreira diz: bravura!
segue a Coluna que passa.

[3] Referências críticas da autora às autoridades que, nos locais por onde passava a Coluna, em geral lhe davam combate: autoridades judiciais (juiz, escrivão), políticas (intendente, ou seja, prefeito, e "coronel", chefe político municipal) e religiosas (padre), além de seus "cães de fila", isto é, homens armados – jagunços - que combatiam sob as ordens dos coronéis e políticos locais.

O capitão

Cavaleiro que passa a galope
tão veloz no cavalo alazão

o seu nome é Luiz Carlos Prestes[4]
Comandante sem par, Capitão,

Capitão de oitocentos soldados
que mais logo serão mais de mil,

Comandante da marcha e batalhas,
o seu nome guardai, ó Brasil,

bravo jovem de vinte e seis anos
tão veloz no cavalo alazão

o seu nome é Luiz Carlos Prestes
Comandante sem par, Capitão.

[4] Nascido em 1898 em Porto Alegre, engenheiro militar formado no Rio de Janeiro, o jovem Luiz Carlos Prestes dera apoio ao movimento paulista de 1924, de oposição ao governo federal. Em 1925, liderou rebeliões militares no Rio Grande do Sul contra o governo de Arthur Bernardes e a República Velha, indo depois unir-se no Paraná às forças remanescentes da revolta paulista de 1924, para formar o que ficou conhecido na história como "Coluna Prestes". A participação na Coluna tornou Prestes figura muito conhecida em todo o Brasil. Apenas em 1934, quando já morava na URSS, ele ingressaria no Partido Comunista Brasileiro.

A curva de Maria Preta

I
– Coluna ao Norte! Marchar![5]

Atrás de nós, legalistas
são cães de faro na pista,

veio a noite, foi o dia
e esses cães na teimosia.

São pagos para matar.
Viva o exército popular!

II
– Tristes novas, Comandante.

– Que seja breve, soldado.

– Inimigo à vista!
à frente! à direita! legalistas!

– Ferroviários avante!

(Por ordem do Comandante)

– Do traçado siga a sina
suba Santa Catarina[6]
até um ponto alcançado
Maria Preta chamado,
neste lugar
combater e retirar,
à boca da noite pelo
lado esquerdo em cotovelo
quebrar.

---

[5] Após vencer muitos combates no Rio Grande do Sul, sob o comando geral de Isidoro Dias Lopes e de homens como Juarez Távora, Siqueira Campos, João Alberto e Luiz Carlos Prestes, os rebelados rumaram do Rio Grande do Sul para o Paraná, para ali se unir aos revoltosos paulistas, chefiados por Miguel Costa.

[6] Os combates em Santa Catarina foram renhidos. Na localidade de Maria Preta, as forças legalistas se confudiram, atacando-se mutuamente, no chamado “fogo amigo”.

Depois seguir adiante.
Coluna ao Norte! Marchar!

III

Dito e feito. A noite esconde
tropas, tiros. Quem? Aonde?
Dois inimigos. Quem são?
Luta de morte. Escuridão.
Silvos, balas. Não responde?
Matou. Morreu. Quem? Aonde?

Foi-se a noite e de manhã
ó cegueira humana vã!

Quando em Santa Catarina
a luz primeira ilumina

jazem restos e destroços,
carne, sangue, armas, ossos,
de legalistas.

Legalistas se encontraram
e enganados se mataram.

Ó Maria Preta ó sorte
ó curva de engano e morte.

IV

Longe, voz a comandar
– Coluna ao Norte! Marchar!

O encontro

– Soldados, onde acampamos?

– No oeste do Paraná.

– Soldados, e aquela tropa
que vem vindo para cá?

– Patrulha de segurança
que partiu e volta já
mais ligeiro do que o vento
no oeste do Paraná.

– Portadora de notícias?

– De notícias e reforço,
mantimento e montaria.

Portadora que vem lá
mais ligeira do que o vento
no oeste do Paraná.

– Às suas ordens, senhor.

– Eram forças inimigas?

– Eram paulistas rebeldes
contra o governo Bernardes,
eram paulistas que o Cinco
de Julho já revoltara,
paulistas que o General
Miguel Costa comandara.[7]

[7] O militar Miguel Crispim da Costa Rodrigues participara do levante paulista que, em 1924, sob o comando do general Isidoro Dias Lopes, insurgira-se contra o governo do presidente Arthur Bernardes. Após tomarem S.Paulo por algumas semanas, três mil rebeldes paulistas foram obrigados a se retirar para o Paraná, onde, em 1925, receberam reforço de tropas insurgentes do Rio Grande do Sul. No encontro do Paraná, Prestes foi feito chefe do estado-maior da Coluna; os quatro destacamentos eram chefiados por João Alberto, Siqueira Campos, Djalma Dutra e Cordeiro de Farias.

– Que é feito dos desertores?

– Os desertores passaram
do Paraguai a fronteira,
foram esconder da vergonha
a face, em terra estrangeira.

– Esses que marcham, soldados
revoltosos de honra e bem
que venham para a Coluna
serão Coluna também.

A marcha

– Soldados, rumo a São Paulo
Levantar acampamento! –
E a Coluna se levanta
é agora movimento
de cavalos nas estradas
mulas, éguas e jumentos
que levam homens e armas
de guerra carregamento.

Burros lerdos, resistentes
que força de marcha fria!
levam no dorso o Segundo
Grupo de Artilharia.
Subindo serras abruptas
de penedo e mataria
lá vai um Grupo de Obuses
lá, outro de Infantaria.

Lá vai num Grupo de treze
um fuzil metralhadora
um fuzileiro e mais dois
com munição matadora.
É um Grupo de combate,
lá, Corpo metralhadora
pesada, em quatro seções
de oito peças, portadora.

Esse vai do Paraguai
através em destacado
até sul de Mato Grosso

e de armas carregado[8]
é um Grupo de Artilharia
por Tenente comandado
por ser um material
de guerra muito pesado.
Paraguai também guardou
um General alquebrado.

Isidoro Dias Lopes,
votos de saúde e paz![9]
Vamos embora, Coluna
Comandante e oficiais
neste ano de Vinte e Cinco
nunca esquecido jamais,
mil e duzentos soldados
vamos embora sem mais
neste ano de Vinte e Cinco
nunca esquecido jamais.

---

[8] Do Paraná, a Coluna entrou no Paraguai, rumo a Mato Grosso. No total, percorreu 13 estados brasileiros.

[9] O general Isidoro Dias Lopes rumou sozinho para a Argentina.

Quatro combates

Batalhão ferroviário[10]

– Estás preso, Major!

Vinte e Oito de Outubro
foi assim que começou

e o Major prisioneiro
na própria casa ficou.

Donde partiram ordens tais?

Era a revolta.
Eram dois oficiais.

Foram depois ao quartel.

– Oficial de dia?

– Sim.

Entregaram-lhe um papel,
um telegrama, uma ordem
do General Comandante
da Região
(Mandava passar o comando
do Batalhão)

E na ausência do Major
foi o oficial do dia
quem o comando passava
e o Boletim escrevia:
"Em virtude do telegrama
484

[10] O 1º Batalhão Ferroviário, situado em Santo Ângelo, oeste do Rio Grande do Sul, foi o primeiro a insurgir-se no Estado, seu comando passando então ao rebelde Luiz Carlos Prestes. Após vários combates no sul, os destacamentos rebeldes gaúchos seguiram para Foz do Iguaçu, para ali se encontrar com os insurgentes paulistas. Percebe-se que a ordem seguida por Jacinta na disposição dos cantos é a poética, não a cronológica.

passo nesta data
na cidade de Santo Ângelo,
o comando do Batalhão
Ferroviário
ao Sr. Luiz Carlos Prestes,
Capitão". E assinou.

Vinte e Oito de Outubro.
Foi assim que começou.

O cerco

– Comandante, aguardo ordens.

– Demorar no Piauí.

– Até quando demorar?

– Até que seja o Governo
obrigado a retirar
suas forças do Nordeste
e Ceará,
Bahia, caminho de Minas,
livre será.

Era o cerco. Urussuí.
Nas margens do Parnaíba
entrincheirados ali
na margem esquerda defronte
e vilas do Piauí,
lá, Teresina ocupada,
era o cerco.[11] Urussuí.

[11] O combate em Teresina, assim como outros ocorridos no Piauí, foi dos mais difíceis para os rebeldes.

Que batalhão é aquele?
“Vinte e Três de Caçadores”
Polícia do Ceará
Piauí também. Vapores.
Cangaceiros. Munição.
Mil e quinhentos senhores
inimigos.
São Luís e Piauí.

– Não temes Coluna o cerco
fechado em volta de ti?

– Ó senhores, quem já viu,
senhores do Piauí,
Coluna Prestes temer
um cerco
um cerco de Urussuí?

Ah! noite escura de breu.

Cruzeiro do Sul, Cruzeiro,
a quem foi que protegeu?

Foi quando a noite já vinha.
Fim da tarde. De tardinha.
Balas. Tiros, tiroteio.
Onde? De onde veio?
Doutra margem, dum lugar
começaram a disparar.

Fogo. Fogo.

Legalistas concentrados
jogam forças
na luta desatinados.

Nem perguntam: quem atirou?
Foi uma patrulha e léguas
já andou
(Do Destacamento Dutra,
não foi um Destacamento)

Ah! noite escura de breu.

Legalista legalista
só fantasmas combateu.

Quando veio a madrugada
bateram em retirada.

Ó águas do Parnaíba
vê quanto covarde arriba!
Balsas, canoas no rio,
que um esquadrão perseguiu.
Ó sossego doce vila
à beira do rio tranquila
outrora.
Um vapor? Sim, nesta hora
a pé, cavalo, vapor,
tudo é fuga, medo, horror.
Retaguarda legalista
logo alcançada na pista
da covardia.

Ah! xereta de Governo
que outra sorte merecia?

Longe dali, a Coluna
no ataque à Capital,
quatro dias de combate
e Teresina afinal.

Munições, armas, recrutas,
Piauí entregue está,
uma faixa do Maranhão
e o caminho do Ceará.

Ah! noite escura de breu.

Cruzeiro do Sul, Cruzeiro
a quem foi que protegeu?

Piancó

Da ladeira na descida
quando entre nuvens de pó
já se avista na baixada
a vila de Piancó,
das casas e da Cadeia,
da Igreja Matriz da praça,
rebentam tiros e balas
entre estouros e fumaça.

– Avançar Destacamento!

Quem será esse inimigo
mortal?
Um padre e cem cangaceiros
e mais sessenta da Força.
Policial.

Foi da Coluna a vanguarda
foi da vanguarda o seu guia
o primeiro que avançava
e o que primeiro caia,
onze balas recebera
mais três balas recebia,

seu nome, Capitão Pires,
foi da vanguarda o seu guia
defronte à Cadeia Pública
o que primeiro caía.

(Desde as oito da manhã)

Combate duro e cruel!
cinco mortos já caídos,
dois Capitães, dois Tenentes,
mais oito Praças feridos.

Depois... silêncio de tréguas.

– Que será? – Olhai, soldado,
bandeira branca!
em cima! além! no telhado!

Agora a luta cessou
e marcha o Destacamento
mas eis que alguém atirou.
Quem? De onde? Um momento
de confusão se passou.

Uma cilada. Emboscada.
Abrem fogo, começou
da casa do Padre Aristides[12]
um tiroteio rebentou.
Uma cilada. Emboscada.
João Bahiano, uma lata
de gasolina tomou
com ordem de incendiar
aquela casa, marchou.

[12] Trata-se do padre Aristides Ferreira da Cruz, chefe político tradicional de Piancó, Paraíba, que, auxiliado por forças armadas privadas, opôs forte resistência à Coluna Prestes e acabou sendo morto.

Uma cilada. Emboscada.
De repente a porta abriu,
Sargento Lino, o primeiro
que avançou e caiu,
avança o Destacamento
e aquela sala invadiu.

– Quem será essa figura
de batina e carabina
e de faca na cintura?

– Senhor padre, até que enfim!
e o padre nem teve tempo
de respirar, foi o fim!
Foi o fim de seu capanga
celerado
que trinta anos cumpria.

Foi o fim. Naquele dia.
Piancó da Paraíba.
Já quando a noite caía.

O São Francisco

Ó São Francisco, barreira
entre o Oeste e o mar

tu vais servir ao Governo
para a Coluna cercar?!

Eu, nunca! Responde o rio
sou até capaz de secar

como outrora o Mar Vermelho
para a Coluna passar.

Quanto rifle quanta pose
quanto homem de boné
são vinte mil na Bahia,
polícia, jagunço e mé,
até do sul chegou gente
paulista e gaúcho até
tropa do Rio, federal
gente de pose e boné.

– Coluna, eu te pego
Coluna, onde estás?
Coluna, é agora
ou nunca jamais.

– Estou nas catingas
Coluna, onde estás?
Tiririca dos Bodes?
Nas Minas Gerais?

– Achei a batida
Coluna, onde estás,
do sertão para Oeste?
no rastro, eu atrás.

– A Coluna atravessou?
Ó São Francisco, dizei!
vim de Bahia até Minas
e a maldita não achei –

E o São Francisco calado
não deu nenhuma ousadia
suas águas turvas ficaram
e praguejando corria.

Curva dum laço a Coluna
nesse tempo descrevia,

de novo à beira das águas,
Pernambuco e Bahia.

Travessia. Agora sim
neste lugar, oportuna
travessia. "Destacamento
João Alberto" da Coluna.
Quatro paquetes do lado
de Pernambuco – Reúna
a tropa que for preciso
e a tropa deles se muna!
um pelotão nas canoas
e velas que o vento enfuna.
Travessia, os paquetes
vão carregando a Coluna.

São Francisco São Francisco
águas de novo a roncar.

Meia légua de largura,
das três até madrugar.

Adeus, ó Coluna Prestes
na outra margem e a marchar.[13]

Ó São Francisco, barreira
entre o Oeste e o mar.

[13] Após atravessar o rio São Francisco, em Pernambuco, próximo à cachoeira de Paulo Afonso, a Coluna entrou no sertão da Bahia.

Jagunços e coronéis

– Sopra a lenha da fogueira
assa o churrasco, Tadeu!
na carabina e no rifle
ninguém maior do que eu,
minha fama de valente
este cabra mereceu,
sopra a lenha da fogueira
assa o churrasco, Tadeu!

– Você conta é muita prosa
mas diga quem pode mais
jagunço do São Francisco
aqui nas Minas Gerais,
jagunço, de tudo a mando
do Coronel, é capaz
mas diga por que respeita
os revoltosos, rapaz.

Sopra a lenha da fogueira
assa o churrasco, Tadeu,
na carabina e no rifle
ninguém maior do que eu.

– Pois agora eu vou contar
foi que nestas redondezas
chegou antes da Coluna

seu nome e suas proezas,
abaixo de Deus sagrado,
só Coronel tem grandezas
mas se ouço um nome – Coluna –
não sou mais homem, franquezas.

Sopra a lenha da fogueira
assa o churrasco, Tadeu,
na carabina e no rifle
ninguém maior do que eu.

Foi nessa noite, que susto!
já tarde da noite em meio
que o jagunço caiu morto
foi depois dum tiroteio.

"Golpe de mão" da Coluna,
num minuto aconteceu
e, como presas de guerra,
carabinas e Tadeu.

Fazendeiro que já foi
quantas léguas possuía!
senhor da vida e da morte
no sudoeste da Bahia.

Agora presa de guerra
para serviço miúdo
– Quem persegue esta Coluna?
Responda! não fique mudo.

– Coronel manda em jagunço,
cacique de taba e tuba,
aqui, Horácio de Matos,[14]
Coronel de Condeúba.

Coronel manda em jagunço
o Governo em Coronel
Jequié, Lençóis, Conquista,
são dessas forças, quartel.

Jagunço de carabina
e rifle (pior que o Cão!)
rifle de papo amarelo
dos que usa Lampião.

[14] Horácio de Matos, poderoso coronel de origem goiana fixado no sertão da Bahia, organizou um batalhão de 600 homens para perseguir os revoltosos da Coluna.

O inimigo

A Coluna descansou
da marcha, na noite fria.

Ficaram olhos acesos
e a fogueira, de vigia.

> Su su su
> menino mandu
> dorme na lagoa
> sapo-cururu[15]

Soldados dormem quietos
Debaixo deste telheiro

em cima pia a coruja
com seu piado agoureiro.

> Su su su
> menino mandu

Soldados dormem quietos
no bivaque de improviso

até as armas descansam
que este descanso é preciso.

> Dorme na lagoa
> sapo-cururu

Soldados dormem quietos
na barraca e na varanda,

eis de repente o inimigo
– Depressa, levanta e anda!

Depressa, são feras,
depressa ou quiseras

[15] No original, esta e as demais estrofes da canção de ninar estão entre aspas.

nas mãos do inimigo
cair, que o perigo
de perto ameaça
de morte ou mordaça
cadeia ou degredo.

Galopa sem medo!

Legalista do Inferno!
donde o Governo
tais feras tirou?

Ah! raiva que eu sou.

Depressa e a trote
esporas, chicote,
as crinas revoltas,
de rédeas bem soltas
e bridas também
(Que medo não tem!)
depressa e a trote
mão no cabeçote
o pé na estribeira
encilha e carreira!
esquipa montado
depressa, soldado
que medo não tem.

Legalista do inferno
não vale um vintém!

A Coluna descansou
da marcha na noite fria.

Ficaram olhos acesos.
E de repente partia.

A troca

– Teu nome, camponês?
– Joel, seu irmão.
– Que desejas da Coluna?
– Falar com Seu Capitão.

– É Vosmicê?
– Luiz Carlos Prestes.
– Sou daqui, Seu Capitão,
eu nasci foi mesmo aqui
no Piauí, no sertão,
queria fazer uma troca
se for sua opinião,
são duas coisas que tenho,
mais nada, Seu Capitão,
esta cuia de farinha
e um burrinho de estimação.

– Por qual troco quer trocar?

– Por um lugar na Coluna
mais um fuzil de atirar.

E foi assim que Joel,
o camponês do sertão,
um dia virou soldado
de Prestes, Seu Capitão.

Os heróis e as feras

José Tomaz

Treze anos tão valentes
menino do Piauí,
o teu cavalo tem pés
ou asas de colibri?

Dezoito léguas custosas
andou
entre as tropas inimigas
passou
assim dois Destacamentos
em doze horas ligou.
(Dos soldados era um simples
servidor).

José Tomaz, anspeçada,
menino do Piauí,
o teu cavalo tem pés
ou asas de colibri?

Zé Viúvo

Quem passar pelos caminhos
na moita de mato e espinhos

cerrada, úmida, escura,
nem vê aquela figura

de homem sempre sentado.
Quem será?

Parece quieto dormindo
se não fosse o olhar luzindo
aceso na escuridão.

Zé Viúvo é um ferido
de guerra, no Maranhão
perdeu um pé,

de muleta nos joelhos,
sentado, vigia é.

Parece quieto dormindo
mas se no mato bulindo
alguma folha estalou
que fujas, ó inimigo
daquele tiro certeiro
da carabina o primeiro.

Juventude

Combateu duro combate
em Flores de Pernambuco.

Combateu.

Oliveira, juventude
que o perigo não venceu,
no meio do fogo das balas
combateu
viu seu pai morto cair
no chão
tomou das armas paternas
e esgotou a munição.

Foi só depois da batalha:

– Comandante, eis as armas
do meu pai que faleceu –

Em Flores de Pernambuco
combateu.

Quarenta mulheres

Mulheres guerreiras
quem viu teu valor?

na marcha ligeiras
que a guerra provou.

Passagem difícil!

Mulheres não passam
além deste rio!
Por ordem! O Comando
que tal proibiu.

No rio Uruguai
quem pode passar?
Raiou a manhã
– Soldados marchar!

Quarenta mulheres
nas tropas estão.
Mas como? E agora
o Comando diz, não?

Diante do fato
novo decidir,
outra ordem foi dada
– mulheres seguir!

Mulheres guerreiras
quem viu teu valor?
na marcha ligeiras
que a guerra provou.

"Onça" mulata
de belos quadris
que dança maxixe
carrega fuzis.

"Onça" mulata
quem viu teu valor?
não vales somente
na dança no amor.

Na luta ligando
salvou do inimigo
feroz e maior,
uma tropa menor.

Mulheres guerreiras
quem viu teu valor?
na marcha ligeiras
que a guerra provou.

Hermínia perita
do laço no jogo
Hermínia estrangeira
Hermínia enfermeira
a linha de fogo
passou. Na trincheira
inimiga, doentes
salvou.
Ó valentes.

Mulheres guerreiras
quem viu teu valor?
na marcha ligeiras
que a guerra provou.

Nasceu um menino.
Sua mãe se chamava
Santa-Rosa e logo
depois cavalgava.

E dizem que podes
o corpo fechar
às balas, ó tia
Maria,
depois de rezar?

Mulheres guerreiras
quem viu teu valor?
na marcha ligeiras
que a guerra provou.

O sargento

Sangue na noite a clamar.

Polícia da Paraíba,
quantos crimes a pagar!
– Sargento, então te recusas
a própria cova cavar?

– Alugado dos infernos,
quem te deu a ousadia?

Pobre corpo do Sargento
novos golpes recebia
até que desfalecido
no chão sem forças caía,
depois retalhado à faca
mais um valente morria.
Sangue na noite a clamar.

Polícia da Paraíba,
quantos crimes a pagar!

A fuga

Carreira desabalada
nas catingas sem fim
que triste figura!
de que foges assim?

Foi depois de Imburanas:
aonde vais, Coronel
João Nunes, que triste
que triste papel!

Eram cento e cinquenta
os teus comandados
e mais caminhões
ó abandonados!

Quinze mortos, feridos
eram quinze também,
que triste figura
Coronel sem ninguém!

Polícias de Més
chefe tal merecia,
lábias, bravatas,
e agora fugia.

Pernambuco. Imburanas.
Aonde vais, ó fujão?
as vilas mais próximas
a dois dias estão.

Nas catingas de mato
ralo e rasteiro,
roto e ferido
nos espinhos de espinheiro.

Carreira desabalada
nas catingas sem fim,
que triste figura!
de que foges assim?

Os trinta

Eram trinta. Eram tão fortes.
Desciam do Ceará.

Tão belos dessa beleza
que a juventude é quem dá.

Agora só a lembrança
dos trinta jovens restou.

Duas polícias ou feras?
A disputa começou.

Paraíba ou Pernambuco,
qual das duas afinal
sabe mais tortura e morte
na ponta do seu punhal?

Eram trinta. Eram tão fortes.
Sangrados como animal.

Somente um ficou vivo
pois ao sicário pagou

quinhentos contos. Dos trinta
só a lembrança restou.

O leilão

– Quem dá mais?
– Quem dá mais?

Dona Cassimira, quatro mil réis!
Quatro mil réis por cabeça!
Meus senhores, Dona Cassimira!
Dona Cassimira, a chefe do sertão!
Tia de Horácio de Matos.
Quanto dão?
Quatro mil réis!
Quatro mil réis por um "patriótico"!
Vai nascer um batalhão!

Lá vai uma...
Lá vai duas...
Lá vai três... Pela primeira...
Receberá Mercê...

Seu Franquilim, dez mil réis!
Dez mil réis!
Seu Franquilim, de Pilão Arcado!
Seu Franquilim, das Lavras!
Seu Franquilim, do São Francisco!

Seu Franquilim chefe de jagunços
que mais mortes cometeu,
o que bate no peito e diz:
que jagunço maior que eu?

Quem dá mais?
Receberá Mercê...

O Governo, meus senhores,
do Estado e da Nação!
ante tal poder se cala
o poderoso Janjão
Coronel de Mato Grosso,
Êmulo de Lampião –
Quem dá mais?
O Governo, meus senhores,
já não se fala em tostão,
o preço dum diamante,
proclamai ante a Nação,
por uma cabeça, senhores,
de revoltoso!
Já não se fala em tostão.
Receberá Mercê...
Catete!... Quinhentos contos!
pela boca de Seu Mé
através dos oligarcas
que mandam em Caetité.
Palavra de Artur Bernardes.
Quem atesta? Quem dá fé?
O senhor Geraldo Rocha,
quem, senão ele, outro Mé?
Quem dá mais? Quinhentos contos!
Que esteja o país ciente
da fala do presidente!
Que excelsa virtude e zelo!
Oh! flagelo
Oh! Coluna

Oh! caminho da perdição.
Quinhentos contos de prêmio
a quem livrar a Nação.

Lá vai uma...
Lá vai duas...
Lá vai três... Pela primeira...

Receberá Mercê...

Quem fala agora sou eu
natural deste sertão,
os graúdos já falaram
(defender Pátria e Nação!)

Ó Cassimira!
Ó Janjão!
Será que pátria é Catete?
Governo de Més, Nação?
Diz que não,
toda gente como eu
natural deste sertão,
pátria, uma casa tão grande
onde moram
onde moram
mais de cinqüenta milhões.

Lá vai uma...
Lá vai duas...

– Quem dá mais?
– Quem dá mais?

Receberá Mercê...

Seca

Cavalos e cavaleiros
onde pouso de abrigar?
é tudo chapada só
deserto de esturricar.

– Ai quem me dera um balanço
balanço de embalançar
ai quem me dera um balanço
na rede de caroá –

Cavalos e cavaleiros
fazem força de marchar
secaram até as cacimbas
ai! as frutas do ingá.

– Ai quem me dera um balanço
balanço de embalançar
ai quem me dera um balanço
na rede de caroá –

Cavalos e cavaleiros
ai! se pudessem avistar
um pé de mandacaru
para esta sede matar.

– Ai quem me dera um balanço
balanço de embalançar
ai quem me dera um balanço
na rede de caroá –

Fome

Que anjos são esses
que vivem nos seguindo
de noite e de dia?
Padre-Nosso! Ave-Maria![16]

– Não são anjos não senhor
são homens do Ceará
são retirantes da seca
que viviam ao deus-dará.

– E por que nos seguem assim?

– Porque desejam comida
que não existe mais lá
não são anjos não senhor
são homens do Ceará.

– E aqueles de corpo nu,
escuro, cabeça longa,
que correm mais do que lebre
e gritam mais que araponga?

– Do Vale do Tocantins
são índios são mais de cem
que, por armas e comida,
nos vêm seguindo também.

Que anjos são esses
que vivem nos seguindo
de noite e de dia?
Padre-Nosso! Ave-Maria!

[16] No original, a primeira e a última estrofes estão entre parêntesis, provavelmente por invocarem quadrinha popular.

Potreadas[17]

Hoje eu vou correr cem léguas
eh!
cem léguas de arrepiar.

No lombo deste cavalo
nem que custe o que custar.

Eh! desertão da Chapada,
Passagem Ruim, Icó,
Lagoa do Mulungu,
Aracuan e Cipó,
Uauá, Várzea da Ema,
Ipueiras, Cocobocó.

Hoje eu vou correr cem léguas
eh!
cem léguas de arrepiar.

Vou vencer o sergipano
sozinha, no potrear.

Nem que não ache o caminho
de volta para contar
nem que me assalte o jagunço
da moita de gravatá
nem que firam os espinhos
de jerema e de joá.

Hoje eu vou correr cem léguas
eh!
cem léguas de arrepiar.

---

[17] *Potreadas*. Investidas feitas por alguns membros da Coluna, que se afastavam dos outros para saquear e arrebanhar animais, a fim de alimentar e transportar os rebeldes.

Vou tirar o bicho da toca,
Seu Mano, desalojar.

Vou com quinze, senhores,
tirem o facão da bainha,
arrebanhar os cavalos
na redondeza vizinha
eh! potreada relâmpago
tirem o facão da bainha!

Hoje eu vou correr cem léguas
eh!
cem léguas de arrepiar.

Gritar eh! eh! catingueiros
eh! polícia. E debandar.

Vou queimar livros de impostos
daquela Coletoria
dizer ao preso: sois livre,
palmatória foi um dia,
polícia, ninguém te salva,
cadê a Virgem Maria?

No lombo deste cavalo
nem que custe o que custar.

Hoje eu vou correr cem léguas
eh!
cem léguas de arrepiar.

Serras e pântanos

Serra do Sincurá

Dentro da noite, uma vela
de cera de carnaúba
com sua luz amarela
um fio de luzes subindo
que procissão é aquela?
na Serra do Sincurá
soldados caminham nela
subindo a pé vão puxando
os animais vão naquela
marcha lenta, padiolas
da chama à luz amarela
os homens de sete fôlegos
ofegam, que marcha aquela!
dentro da noite, Coluna,
dentro da noite, uma vela.

Estrada cruel

Aqui começa a estrada
que o povo chamou de cruel,
doze léguas de chão seco
só de espinhos e de fel.

Espinheiro abraça a pedra
plantada na terra nua
desse abraço nascem flores
ó vida que força a tua!

Coroas-de-frade e só
cactos, mandacarus,

mais adiante umbuzeiros
sem folhas e sem umbus.

Chapadão entre as bacias
do Verde e do Jacaré,
por aqui marcha a Coluna
desmontada, marcha a pé.

Nem animais, nenhum pássaro
ó água que falta fazes!
Só répteis. Gitiranas
que surpresa! os tons lilases.

Já quando a noite era negra
e impossível o caminhar
ó lua-cheia no céu
ó aguada neste lugar.

Aqui Boca da Picada
três léguas do Jacaré,
Estrada Cruel, adeus
outro caminho aqui é.

Cem homens e um telegrama

– É Mato Grosso deserto
chamado Camapuã
daqui a Coluna em duas
deve partir amanhã.

– São ordens do Comandante?

– Sim, soldados, que a Coluna
deve alcançar a fronteira

da Bolívia. Necessário
é despistar. E Siqueira
Campos vai comandar
essa missão derradeira.[18]
Enquanto isso, a Coluna
numa defesa ligeira,
deve alcançar a Bolívia
e entrar na terra estrangeira.

* * *

– A Coluna passou por aqui?
– Agorinha.
– O que foi que comeu?
– Carne-seca e farinha.

– A Coluna passou por aqui?
– E seguiu.
– Muito longe?
– Só seis léguas a fio...

– A Coluna passou por aqui?
– Se passou...
– O que foi que levou?
– Mosquetões.
– Mosquetões do Exército?
– Venderam ao patrão.

– A Coluna passou por aqui?

* * *

Cem homens velozes
de nuvem e de vento

[18] Com homens cansados, sedentos e famintos, e já sem perspectiva de vitória contra o governo federal, os chefes da Coluna optaram por ingressar em território estrangeiro e aí dispersar-se; parte entrou na Bolívia, parte no Paraguai.

que pegues se podes
pegar movimento!

Legalista sujo
sujo e peçonhento!

Cem homens velozes
de nuvem e de vento
que pegues se podes
pegar movimento!

* * *

O trem trafega no trilho
extremo para o oeste.

Estação Pires do Rio
Eis que contra o trem, investe

um Grupo ousado e armado,
3º Destacamento
e é trem tomado de assalto,
cem homens de nuvem e vento.

* * *

– Soldados, marchar!
rumo à Casa da Estação
um telegrama a passar.
(Presidente Washington Luiz
Catete – Rio)

“Antes deixar país
fronteiras atravessar
seus escravos governar
votos Governo feliz.

Casa da Estação
assinado – Comandante
da Missão".

* * *

Um Grupo ousado e armado
3º Destacamento

e o Paraguai alcançado.
Cem homens de nuvem e vento.

Marcha final

Cavalos lentos
lerdos suados
olhos mortiços
quase apagados.

Homens de ferro
curvos cansados.

Os pés afundam
no atoleiro
caminho de visgo,
o derradeiro.

(Como resina
de cajueiro)

Bois também servem
de montaria
os cascos grossos
na lama fria.

Onde acampar
no fim do dia?

Ó Mato Grosso[19]
rio Araguaia!
copas de árvores
de samambaia.

Que é de o pouso antes
que a noite caia?

Cimo dos montes
fogo e descanso
aqui das tropas
breve remanso.

Que é de as caças,
galos e gansos?

Carne e palmito
raro ou nenhum
nem mais a sopa
de jerimum.

E a rapadura?
Ai jatium!

Ai muriçoca!
que longe estás
ó Carolina,
a de Goiás
do Tocantins,
princesa. E mais

as filarmônicas,
flauta e pistom
bombos, dobrados,
longe teu som.

[19] Após atravessar o Mato Grosso pela segunda vez é que a Coluna optou pelo ingresso em território estrangeiro.

Adeus palanque
flauta e pistom.

As vestes rotas,
malas e linhos,
que é de os mascates
nos seus burrinhos?

Que é de os ciganos?
Ninguém. Sozinhos.

Neste ano Vinte
e Sete embarca,
Rio Araguaia,
Porto da Barca.

Em Fevereiro
já desembarca
na outra margem
em Capin Blanco,
já é Bolívia,
último arranco.

(Armas depostas
em Capin Blanco
Depois La Gaiba[20]
exílio teu)

Coluna, quem
quem te venceu?

Ninguém, ó filha
do povo meu.

[20] La Gaiba foi o local boliviano onde Prestes e mais duzentos homens se exilaram.

Canto de despedida

I
Adeus Coluna que pisas
fronteiras de terra estranha
o que vais buscar tão longe
passando rio e montanha?
Coluna de mil guerrilhas[21]
sempre vence e nunca apanha
manda a defesa buscar
a tal distância tamanha
garantias sem demora.

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

II
Que Bolívia e Paraguai
te sejam pátria também
as sombras de heróis antigos
valem teus passos além
e os braços desses dois povos,
abertos te digam: vem
estreitar lutas e ódios
num mesmo dia que vem
do Continente, ó aurora!

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

III
Que medida para medir
os teus feitos de andarilha

---

[21] O constante emprego da tática de guerrilhas foi um dos maiores trunfos militares da Coluna.

de vinte e seis mil quilômetros
teu roteiro e tua trilha?
Combates, cinquenta e três,
sem cair numa armadilha.
Vencidos foram dezoito
Generais. Só de guerrilhas,
mais de mil Brasil afora.

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

IV
Que medida para medir
esse caminho de esperanças
e lutas que abriu tão fundas
sementeiras de lembranças
e lições para teu povo?
Coluna, tu és a herança
que os pais transmitem aos filhos
como *abc* de criança.
Cartilha de toda hora.

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

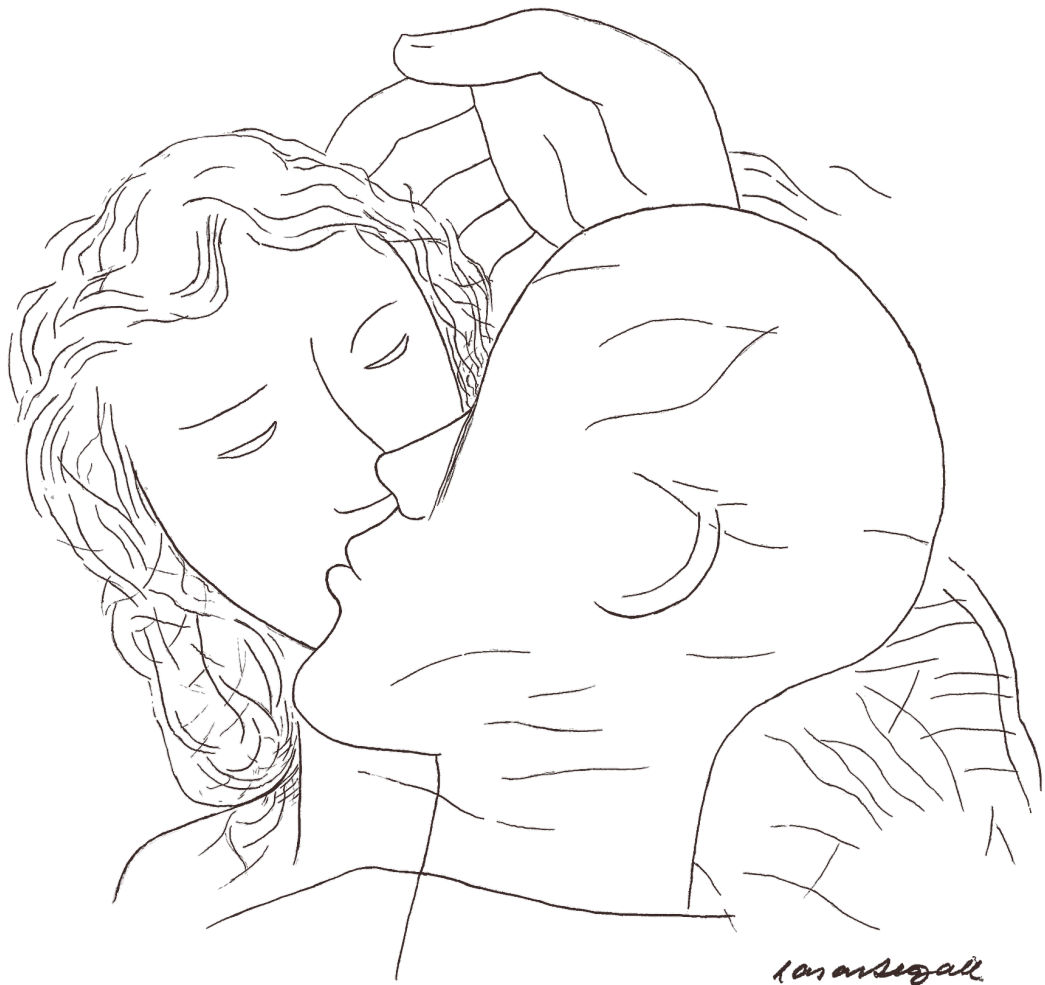
V
Boa viagem, Coluna,
que a planta deitou raízes
no chão, na gente, no tempo,
até quando? também dizes,
cavalos e cavaleiros
voaram como perdizes
cem mil cavalos no lombo

te levaram a outros países,
Coluna. Até outra hora.

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

VI

Teu povo dizia adeus:
até quando? em que dia?
cavaleiro da esperança
que libertar prometia.
Teu povo agora te vê
como outrora não te via
do Partido Comunista
olhos, mão, palavra, guia,
Capitão. Até outra hora.

Boa viagem!
Soldado parte e não chora.

Poemas esparsos

SÃO POEMAS de Jacinta Passos não publicados em livros, mas em jornais e revistas, onde foram pesquisados. É bastante provável que novas pesquisas revelem a existência de mais poemas e textos em prosa da autora, dispersos por publicações de caráter literário ou político, algumas provavelmente de circulação regional, restrita e inconstante. A inclusão nesta edição dos poemas esparsos visa servir como subsídio ao estudo do conjunto da produção literária de Jacinta Passos.

Meu sonho

O meu sonho
mais risonho,
é suave e pequenino,
resumindo, entretanto, o meu destino.
É de cor azul-escuro
como o mar que longe chora.
É cor de infinito e de ânsia,
cor de céu, cor de mar, cor de distância.
Tem a leve suavidade
da saudade,
e a cantante doçura
de um regato que murmura.
Macio e encantador,
é carícia de pluma e perfume de flor.
O meu sonho
mais risonho
é para mim, cada momento,
o motivo maior de doce encantamento.[1]

[1] Este poema foi originalmente publicado na coluna "Homens e Obras", de autoria de Carlos Chiacchio, no jornal *A Tarde*, Salvador, 6 de outubro de 1937. Nesse dia, a coluna literária de Chiacchio teve o título de "Inéditos", e analisou a produção ainda não publicada de dois escritores baianos, um dos quais Jacinta Passos, que então usava o pseudônimo "Jacy Passos". O poema, evidentemente escrito antes de outubro de 1937, não foi reproduzido em nenhum livro de Jacinta, devendo-se o conhecimento que hoje temos dele exclusivamente ao texto de Chiacchio. O texto deste estudioso está reproduzido na íntegra na presente edição, em "Fortuna Crítica". O poema foi incluído em: Gilfrancisco. *Jacinta Passos*: A Busca da Poesia. Aracaju: Edições GFS, 2007, p. 56-7.

Sacerdócio

Para D. Beda O.S.B.[2]

Fora do espaço e do tempo,
vejo todos os seres integrados no Ser infinito.
Vejo a realidade eterna da vida divina
na Trindade Santíssima
— o Pai exprimindo, sem início e sem fim,
a plenitude absoluta do Ser
no Verbo incriado,
imagem perfeita da suma perfeição,
e o Filho se entregando inteiramente ao Pai,
no espírito do amor.
Vejo a comunicação da vida infinita.
— O Verbo feito carne.
O homem, concentrando toda a criação
e o Filho do Homem continuando o sacerdócio eterno.
Vejo os sacerdotes marcados com o sinal sagrado,
consagrando a oferta de todos os homens,
oferecendo ao Pai o dom absoluto do Filho Encarnado,
integrando todos os seres na vida infinita
de Deus.[3]

[2] Trata-se de D. Beda Keckeisen, monge beneditino de origem alemã, intelectual com sólida formação humanista, que à época se dedicava, em Salvador, à tradução e à adaptação do latim para o português do Missal Cotidiano, posteriormente publicado. Jacinta aproximou-se bastante de D.Beda, como a dedicatória do poema comprova. Cf. biografia de Jacinta Passos, nesta edição. Este poema não foi republicado pela autora. Integra o livro de Gilfrancisco citado na nota anterior.

[3] Publicado na revista *A Ordem*, ano XX, Vol. XXIV, jul/dez. 1940.

Canção para Maria

Por que estás triste, Maria,
como noite sem espera,
por que estás triste, Maria,
que eu vi no porto de Santos
e nos campos da Bahia?
Tua fala me responde:
sete e sete são quatorze,
caranguejo peixe é,
como custa ai! como custa
de remar contra a maré.

Vamos, Maria, vamos,
o mundo é céu, terra e mar.

Não tenho pena e consolo,
nem fuga para te dar.

Tua sorte será feita
com o poder de tua mão,
se vence fera e doença,
também fome e solidão,
se vence até a loucura
com o poder de tua mão.
Amanhã vamos à lua
diz a ciência: por que não?
se vence governo e polícia,
ó Maria,
com o poder de tua mão.

Vamos, Maria, vamos,
o mundo é céu, terra e mar.

Eu já vejo amanhecendo
tão belo, no seu olhar.

Tão real como teres pés
é a fala do velho Stalin,
é o novo mundo chinês.
Tão certo como um provérbio
que a boca do povo fez.
A paz não chega de graça
como chuva cai do céu.
Quanto suor, pensamento,
quanta bravura escondida,
Maria, neste momento.

Tua sorte é de teu povo,
ninguém pode separar.

Sou povo, não sou cativo,
Quitéria pegou nas armas,
Zumbi foi um negro altivo,
pelas mãos deste pracinha
foi Hitler queimado vivo,
ó senhor americano,
sou povo, não sou cativo:
teu poder? Era uma vez
histórias da carochinha
e jugo do português.

Verdade tão verdadeira
nem precisa se enfeitar.

Vamos, Maria, vamos,
o mundo é céu, terra e mar.[4]

[4] Publicado em *Fundamentos* – revista de cultura moderna. São Paulo: Ano V, n. 31, 1953, p. 10. Fundada pelos comunistas de São Paulo em julho de 1948, essa revista foi publicada até meados da década de 1950.
Ao final do poema, estão anotados seu local e data de criação: "(São Paulo, 1952)". Durante praticamente todo o ano de 1952, Jacinta esteve internada em sanatórios, no Rio de Janeiro e em São Paulo, deles só saindo no final do ano. É possível, portanto, que "Canção de Maria" tenha sido escrito quando ela esteve internada.
Agradeço a Gilfrancisco a localização deste poema.

lasarsegall

Textos inéditos

O sanatório é Bahia ou Bahia é um sanatório?
(Cadernos do Sanatório 14)

Os manuscritos de Jacinta Passos

Os textos inéditos de Jacinta Passos publicados aqui são ficcionais – poemas, pequenas peças para teatro e rádio, aforismos, minicontos, roteiro para cinema, letra de canção. Todos foram manuscritos em cadernos escolares simples, entre os anos de 1967 e 1973, os últimos de vida da autora, período em que esteve internada em uma clínica para doentes mentais, em Aracaju. Por isso, denominei-os "cadernos do sanatório". Jacinta começou a escrevê-los cerca de dois anos após sua internação, e continuou a fazê-lo até 27 de fevereiro de 1973, véspera de sua morte.[1] São os únicos originais literários de Jacinta Passos que restam.

Descrição física

Trata-se de 20 cadernos escolares comuns, e de um bloco, todos em bom estado de conservação. Alguns cadernos são da marca "Companheiro", popular à época, com uma grande foto colorida na capa, enquanto outros, os mais baratos, provinham do Ministério da Educação e Cultura. Dois cadernos são presos por espirais, e o bloco não tem capa. Os cadernos foram numerados por Jacinta, na capa. Como o último é o de número 56, mas só existem 20 cadernos, deduz-se que 36 cadernos se perderam. Os existentes foram entregues a James Amado, ex-marido de Jacinta, por ocasião da morte dela. Identifiquei as seguintes datações:

N.º Caderno	Data
1	1967
5	Junho de 1967 (final do caderno)
8	1968
10	Maio de 1968 (início do caderno)
14	Setembro de 1968 (início do caderno)
15	Dezembro de1968 (início do caderno)
19	1969
22	Julho de 1970 (final do caderno)
56	Fevereiro de 1973

[1] O último caderno, de número 56, quase todo preenchido, foi iniciado em 19 de fevereiro de 1973. Contém apenas resumos diários de notícias jornalísticas. A letra deste caderno, irregular, difere da dos outros, indicando que Jacinta já não estava bem de saúde, quando o iniciou. Para mais informações sobre as razões e condições do internamento de Jacinta, cf. biografia, neste volume.

Todos os cadernos trazem o nome da autora, na capa ou contracapa, escrito em grandes letras verticais muito finas, marca registrada da grafia de Jacinta e de suas irmãs. Há uma série ininterrupta de cadernos, numerados de um a oito. Falta o de número nove, mas o dez existe. Há outra série ininterrupta, numerada de 14 a 22; um pequeno rasgo na capa de um caderno impede a identificação de sua data, mas, pelo conteúdo, parece ser o de número 23; e há o caderno número 56. O bloco, que contém apenas fichamentos de leituras, não é numerado.

O número de páginas varia de acordo com a marca dos cadernos: os mais finos contêm 56 páginas, e os mais grossos, 82. Na média, os cadernos existentes têm 59,8 páginas. O conjunto deles atinge o total de 1.255 páginas, integralmente preenchidas, na frente e no verso, a lápis, à caneta, às vezes à caneta sobre original a lápis. Multiplicando-se a média de páginas dos cadernos preservados pelo número total de cadernos que Jacinta preencheu – 56 –, chegamos à conclusão de que, em seis anos, entre 1967 e 1973, Jacinta Passos escreveu 3.348 páginas, quase 560 páginas por ano! Essa cifra me parece extraordinária, principalmente quando se leva em conta que Jacinta estava internada num hospício, e que grande parte dos escritos é ficcional, ou seja, implicou um processo de criação artística.

Razões e critérios da seleção e publicação dos textos

Como se trata de textos não revistos pela autora para publicação, tive cuidado especial em, nas notas de rodapé, informar sobre as alterações realizadas por ela – palavras riscadas ou substituídas, notas à margem etc. –, a fim de esclarecer ao máximo suas intenções, processo criativo e modo de trabalho.

A publicação destes manuscritos envolveu uma decisão difícil. Afinal, trata-se de apontamentos variados, escritos em condições muito adversas, não revistos pela autora antes da publicação. E já se sabe que Jacinta era muito rigorosa com os próprios textos, publicando apenas parcela ínfima do que escrevia. Devido às condições de produção e à falta de revisão, os cadernos constituem material heterogêneo, quanto à temática e à qualidade do texto, trazendo ainda partes inconclusas.

A decisão de apresentar aqui alguns manuscritos deve-se a três ordens de razões. Primeiro, os "cadernos do sanatório" são a maior prova da reserva de saúde mental de Jacinta, à época. Os 20 cadernos escolares, cujas folhas foram integralmente manuscritas por ela, na frente e no verso, de cima a baixo, não contêm uma única frase sem sentido, nem sequer um trecho sem sequência, assim como qualquer demonstração de alheamento da autora em relação à realidade tangível do mundo. Ao contrário, os 20 cadernos e 1 bloco, apesar de reunir material muito variado – teoria da arte, poemas, peças para teatro e radioteatro

(para adultos e para crianças), contos, minicontos, roteiros de cinema, máximas, reflexões diversas, resumos de livros e de noticiários de televisão etc. –, seguem uma lógica cartesiana, tanto no interior dos textos como na disposição deles ao longo dos cadernos. Alguns são anunciados, para serem desenvolvidos apenas muitas páginas ou cadernos depois, demonstrando que a autora concebeu e maturou cuidadosamente cada texto, em incessante processo criativo, sobre o qual mantinha controle.

O conjunto dos cadernos revela o mundo poético criado por Jacinta Passos nos anos finais do sanatório. Mundo poético onde se refugiou, talvez em sua reserva de sanidade, como única possibilidade de sobreviver física, mental e psicologicamente às duríssimas condições a que estava submetida, resumidas por ela mesma em "Duas Américas":

> *Matéria expansiva eu sou,*
> *expansiva e comprimida*
> *no fundo desta prisão,*
> *palavra diminuída,*
> *presa a ideia, presos os pés,*
> *palavra diminuída,*
> *os braços arrebentando*
> *ataduras de envolvida* (...)

A segunda razão para publicar os manuscritos é que eles oferecem uma ideia da diversidade de gêneros literários a que Jacinta Passos se dedicou, especialmente a partir da década de 1950. Sua obra publicada em vida, toda ela de poesia, não permite perceber isso. Contudo, *A Coluna,* seu último livro, editado em 1957, lista sete "livros a publicar", entre eles volumes de poesia, teatro, literatura infantil, crítica literária e contos.[2] Esses originais, entretanto, foram queimados por familiares de Jacinta em 1965, quando ela foi presa em Aracaju, por subversão.[3] O leitor ficou assim privado de conhecer tanto esses livros como a multiplicidade literária de Jacinta Passos. Terá agora pequena ideia desta, ao ler os inéditos aqui transcritos. A transcrição foi literal, sofrendo apenas atualização ortográfica e de acentuação.

Finalmente, a terceira razão para publicação dos manuscritos é a qualidade literária da maioria dos textos selecionados, que se impõem por si mesmos, apesar da falta de revisão final da autora. Chamo atenção especialmente para os

[2] São eles: *História do Brasil e outros poemas* (poesia), *A Coluna* (poesia), *3 dramas* (teatro), *Contos para Janaína* (literatura infantil), *Estudos, críticas e divulgação* (crítica literária), *3 contos* (contos), *O céu* (literatura infantil) e *2 Professores* (literatura infantil). Nos cadernos do sanatório, há citações de trechos desses livros, demonstrando que foram efetivamente escritos.

[3] Cf. biografia de Jacinta Passos, neste volume.

“Comprimidos poéticos” e “Contos e minicontos”, pérolas maduras de ironia e humor cortante, que poderiam ter sido escritos hoje, tais a sua atualidade e frescor. Por razões editoriais, os “Comprimidos poéticos”, embora façam parte dos textos inéditos, foram deslocados para o início deste volume.

A decisão de publicar apenas em parte os manuscritos deve-se à sua já aludida heterogeneidade. Há trechos que são meros fichamentos de leituras; outros são recolhimentos de informações, com vistas a futuros escritos; outros não passam de esboços; ou ainda apresentam qualidade literária que me parece muito inferior aos outros escritos da autora – provavelmente seriam depois retrabalhados ou descartados por ela. Certos trechos são apenas repetições de palavras de ordem do Partido Comunista Brasileiro, do qual Jacinta era fidelíssima militante desde 1945, e ao qual, à época dos cadernos do sanatório, parecia ainda mais ligada, se é que isso era possível. Talvez ela tenha transformado o PCB na sua referência mais forte e constante do mundo “lá fora”. Creio que os trechos não publicados nada acrescentam à obra de Jacinta, e por isso permanecerão, por ora, inéditos.

Contudo, reconheço que o conjunto dos manuscritos, únicos originais literários de Jacinta Passos, constitui material privilegiado para pesquisa sobre diversos aspectos da vida e obra da autora, e sobre temas como, por exemplo, as relações entre literatura e loucura, além de permitir uma avaliação dos critérios de seleção aqui adotados. Por isso, à época do lançamento desta edição, doarei todos os cadernos, junto com fotos, cartas e livros de Jacinta Passos – enfim, todo o material dela que possuo – a uma instituição que possa preservá-los adequadamente e franqueá-los à consulta pública. Lembro que esses manuscritos só poderão ser publicados, total ou parcialmente, após expressa autorização minha ou de meus herdeiros, conforme dispõe a atual legislação sobre direitos autorais.

Conteúdo dos cadernos

O conteúdo dos cadernos é extremamente diversificado. Por isso, e também porque a ordem dos textos é a da época em que foram escritos – não há, por exemplo, agrupamentos de textos por gênero literário –, é muito difícil resumir seu conteúdo. A própria autora, decerto para não se perder no emaranhado de palavras e assuntos, periodicamente fazia resumos do que fora até então escrito: “Lista das composições literárias recentes”, “Relação dos contos cômicos” etc. O que se segue fornece apenas uma ideia geral dos cadernos do sanatório.

A maioria dos cadernos é dividida em duas metades, as folhas da direita e as da esquerda. Um texto escrito na folha esquerda do caderno continua na próxima folha esquerda, enquanto o escrito na folha direita segue na próxima folha direita, e assim sucessivamente. Isso dá aos cadernos uma aparência à primeira vista

confusa, já que o conteúdo da folha à esquerda nada tem a ver com o da direita. Mas, quando se percebe essa lógica de organização, a leitura prossegue sem problemas. As páginas da direita são em geral ocupadas por textos de ficção, e as da esquerda, por textos não ficcionais, embora essa não seja uma regra absoluta. Às vezes um dos gêneros acaba invadindo todas as páginas: o caderno 21, por exemplo, contém apenas roteiros para cinema. Jacinta devia sentir que, naquele momento, não desejava escrever sobre outro assunto.

É possível que ela tenha adotado esse método porque desejava escrever, ao mesmo tempo, ficção e não ficção, e essa era uma forma prática de permitir que um texto pudesse avançar indefinidamente, sem perturbar o desenvolvimento do outro, escrito na página ao lado. Lembre-se ainda de que, internada, Jacinta não possuía dinheiro, portanto não podia comprar cadernos, dependendo de que alguém da clínica ou alguma visita os oferecesse; nessa situação, era mais fácil para ela subdividir os textos em um único caderno, do que possuir dois ou três cadernos, um para cada assunto ou gênero literário.

Entre os textos não ficcionais da autora, avulta uma ambiciosa "Teoria da Arte (em 14 capítulos e oito apêndices)", que Jacinta esboça já na primeira página do primeiro caderno, e segue desenvolvendo a intervalos, mas sempre progressivamente, com extraordinária persistência, até o penúltimo caderno, o de n.º 22. Os 14 capítulos de sua longa teoria da arte agrupam-se, nas palavras dela, nos seguintes temas: reflexões sobre a estética; teorias das seguintes artes: literatura, música, dança, escultura, pintura, arquitetura, cinema; e teorias dos seguintes gêneros: poético, representativo, narrativo, crítico, oratório e informativo. Há também apêndices, sobre filmes de curta-metragem, desenho e gravura, literatura infantil e juvenil, literatura popular, propaganda, imprensa e rádio. Todos os textos sobre teoria da arte têm a mesma estrutura: começam com uma definição geral do tema, ("o que é" literatura, cinema etc.), e continuam com uma exposição sobre aquela arte específica, partindo sempre do argumento mais geral para o mais particular. Essa teoria da arte não integra a presente edição: além de longa, é, em minha opinião, excessivamente influenciada pelas ideias do realismo socialista. Disso resulta que há poucos trechos originais, expressivos de um pensamento ou perspectiva próprios de Jacinta.

Nos outros textos não ficcionais de Jacinta Passos, há um pouco de tudo. Existem extensas anotações (em geral intituladas "Apontamentos" ou "Informações") sobre leituras feitas, que cobrem uma espantosa quantidade de assuntos, como história da América, história do Brasil, diversos períodos e temas da história de outras localidades, principalmente europeias, biologia, política, literatura, economia, filosofia, ecologia... Os cadernos comportam também resumos de notícias, relações sobre diversos assuntos ("Relações de provérbios" etc.), "observações político-sociais", vários "esquemas de cursos" (sobre lógica, ciência política...),

"lições científicas", máximas, análises literárias, assim como alguns róis das peças de roupa que Jacinta possuía, guardadas em duas malas. O conjunto desses textos revela uma autora muito culta, além de informada sobre os principais acontecimentos do mundo. À época, Jacinta tinha acesso a poucos livros, além dos noticiários diários de rádio e televisão, o que permite supor que a maioria das informações e conceitos contidos nos cadernos devia ter sido adquirida antes do seu ingresso nesse último sanatório.

Os textos de ficção dos cadernos do sanatório são igualmente muito diversos entre si. A grande maioria é prosa, havendo poucos poemas, todos incluídos nesta edição. Além de peças radiofônicas e peças de teatro (destinadas ao público infantil como ao adulto), há contos, roteiros para cinema e até uma letra de canção.

Há, igualmente, diversos conjuntos de textos curtos, tanto ficcionais quanto não ficcionais, para os quais Jacinta criou títulos e definições próprias. Esses conjuntos de textos, que julgo muito originais e de alta qualidade, estão dispersos ao longo dos cadernos, porém podem ser identificados e agrupados pelos títulos comuns. Os principais conjuntos de textos receberam os seguintes nomes: Anedotas; Cenas radiofônicas; Comprimidos literários – que Jacinta classifica como "novo gênero literário" –, subdivididos em poéticos, líricos, cômicos e científicos; Contos agudos (subdivididos em trágicos e cômicos); Disparates radiofônicos; Improvisos teatrais; Instantâneos (subdivididos em naturais e sociais); Paradoxos; e Verbetes. Às vezes, Jacinta fornece definições minuciosas sobre determinado conjunto de textos, como se lê na seguinte passagem, referente aos improvisos teatrais:

"Diferenças e semelhanças entre os três *improvisos teatrais*:
1) Todos três improvisam uma ação teatral (histórica)
2) Todos três contêm informação
3) Todos três dispõem indivíduos que precisam daquele diálogo e dispõem secretamente os interlocutores
a) o *diálogo crítico* (vulgo "ira de preso") informa criticando, dispondo a mímica e a fala
b) o *diálogo de trânsito* (vulgo "passeata") informa e critica dispondo as falas, as risadas, os aplausos
c) o *diálogo informativo* (vulgo "papagaio") informa, em particular para aqueles ouvintes, segundo a precisão, dispondo a discussão e a interrogação entre os interlocutores, secretamente."[4]

Para esta edição, conforme já anunciado, selecionei trechos dos cadernos.

[4] Caderno 18.

Essa opção conduziu-me, em nome da clareza e fluidez da leitura, a abandonar as subdivisões adotadas por Jacinta para cada conjunto de textos. Assim, os "Comprimidos" aqui reproduzidos não foram subdivididos em científicos, líricos etc., mas receberam todos o adjetivo "poéticos", uma das classificações criadas por Jacinta, e que me parece defini-los a contento. Os critérios que utilizei para a seleção dos textos foram o da qualidade literária, associado ao da atualidade (alguns textos, muito datados ou específicos, me pareceram de difícil compreensão hoje). Assumo o subjetivismo do julgamento, que, conforme explicado, procurarei compensar com a doação dos manuscritos para uma instituição aberta à consulta pública.

Uma última observação: nas 1.255 páginas dos cadernos que li, há apenas duas únicas observações de caráter pessoal, referentes diretamente à própria autora. Impressionou-me como foi possível Jacinta Passos expressar tanto de si sem quase falar de si.

Minicontos

Um escritor popular e a velocidade

Peruano era um escritor popular e escrevia para o seu povo.

Aconteceu uma revolução, e Peruano ficou isolado do seu povo. Tempos depois, Peruano encontrou novamente seu povo e indagou admirado:

– Aquele povo que vai lá à minha frente será aquele mesmo povo que eu deixei lá atrás?

Burrice anarquista

Um anarquista resolveu acabar com a oposição entre intelectual e operário. Então apagou todas as luzes da ciência e da arte, e todos ficaram burros.

Uma casta principiando

Nos tempos da Idade escravagista, o arroz e os grandes proprietários de terra já eram constantes na China.

Li e Lu estavam trabalhando para Fu, o grande. Li e Lu eram jovens. Lu era parente de Fu, o grande, e por isso escolheu a melhor parte.

Lu sentou-se no chão com um feixe de varetas.

– Por que não vens carregar os cestos de arroz comigo, Lu?

– Ora, Li, alguém tem de contar os cestos de arroz. Tu carregas e eu conto.

Subjetivismo dos terrestres

Vênus comunicou-se com Mercúrio através dos espaços siderais.

– Por que não sais de tua órbita?

– O deus do Comércio quer ficar perto da deusa da Beleza!

Marte então fez uma intervenção inopinada e abrupta:

– Contaminação. Aqui não há comércio, aqui não há guerra, aqui não há galanteio, aqui não há deus.

Nossos nomes são subjetivismo dos terrestres!

Critério econômico-sentimental

Na República Popular da China, as transformações sucedem-se velozes e planificadas, mas o camponês Chiang continuava doente de sentimentalismo. Não podia votar porque estava em tratamento.

Votaram onde localizar um novo combinado agrícola-industrial. Perguntaram a Chiang: Como votarias? Chiang respondeu: Perto da amendoeira do rio Amarelo.

– Por que, Chiang?

– Porque a amendoeira me viu nascer.

Obnubilação dos sentidos

Diante dos meus olhos subnutridos, o objeto cresceu como um abacate, e era um pequi.

Um presidente nacionalista

Um presidente nacionalista mandou reforçar a guarda de todas as fronteiras terrestres, marítimas e aéreas.

– Para quê?

– Para a revolução não entrar.

Um arcaísmo militar

Dois exércitos inimigos defrontam-se.
Um dispõe os soldados em fila horizontal.
O outro dispõe os soldados em fila horizontal.
Um levanta o estandarte e dá três vivas.
O outro levanta o estandarte e dá três vivas.
Um grita: – Posição de atirar!
O outro grita: – Posição de atirar!
Um grita: – Fogo!
O outro grita: – Fogo!
Depois todos são cadáveres, exceto quatro sobreviventes de um exército.
Estes dizem que ganharam a batalha e recebem condecorações.

Campo ou cidade?

Um prefeito do município resolveu acabar com a oposição entre campo e cidade.

– Que fazer? Então ordenou: plante capim na cidade e ponha os seguintes anúncios luminosos no campo – de especulação capitalista –:

Vende-se ar.
Compra-se força de trabalho.
Aluga-se sogra.

Oposição no singular

Uma esposa sofria a escravidão doméstica. Decidiu acabar com a escravidão doméstica. Então pegou a vassoura, o balde etc. e fez do esposo seu escravo doméstico.

Quer e não quer

Um camponês médio pediu dez anos para fazer uma democracia popular.

Burrice trabalhista

O deputado trabalhista casou-se com sua empregada doméstica e julgou ter acabado com o antagonismo das classes sociais.

Intelectual substantivo

O intelectual olhou a estátua "O Pensador", de Rodin, e não compreendeu.

Seu Manoel da folia

– "Seu Manoel da folia" era um guarda dos presos de uma penitenciária, e enriqueceu.

– Enriqueceu? Como?

– Intimidava o preso – em segredo – e cobrava aluguel da cela da prisão.

Ardil psiquiátrico

O doente mental estava agitado e precisava ser internado com urgência, mas agredia. Então o psiquiatra se fez de doente e pediu ao doente que levasse sua mala até o hospício.

– Levo – respondeu o doente.

E foi levado.

Num minuto

Numa cidade da Índia, um *coolie* carregava um rajá no carro.

Força de tração animal aos 13 anos, o *coolie* arfava e suava, enquanto o rajá parecia um paquiderme, enorme, obeso.

– Viva a revolução! – foi esse o grito que se ouviu de repente, confundindo a multidão, em burburinho, na rua.

O *coolie* ouviu e, sem hesitar, começou a pular e a correr:

– Viva a revolução!

O rajá, atônito, continuava sentado.

– Ó *coolie*! Ó *coolie*! ... Por favor, carregue-me mais um pouquinho![5]

[5] Caderno 2. Escrito em 1967.

Contos

Uma história de três mães

Maria das Dores foi um mãe vítima. Pé ante pé, na calada da noite, um vulto de mulher, sorrateiro, trêmulo, cabeça e busto envolvidos num manto escuro, ora avançando, ora se escondendo, aproxima-se do Asilo dos Expostos

– Avenida Joana Angélica, é esta... logo deve ser ali a Roda... a Roda da Bahia – murmurou.

Transida pela angústia maternal, a mente de Das Dores não formulava nem sequer um diálogo interior. Suas mãos ansiosas depositaram, no ano de 1925, num degrau giratório da Roda, o corpo envolvido duma criança recém-nascida, sua filha.

Condenada por aquela sociedade que a julgava uma decaída social, Das Dores guardou, sozinha, o seu segredo. Dois anos depois uma meretriz disfarçava-se para poder observar, de longe, através das grades, uma criança que brincava, entre outras, no Parque do Asilo.

– É aquela... Meu coração não me engana... É aquela... – murmurou. Contornou a grade, aproximando-se.

– Psiu!... me diga o nome daquela menina... sim, daquela de rostinho pintadinho de sardas...

– É Liberdade!

Nesta noite, o prostíbulo pareceu a Das Dores mais infernal do que nunca, prostíbulo barato, no Pelourinho, fonte de lucros de uma cafetina que, na escala do meretrício, subira de prostituta a empresária de prostitutas. Prostíbulo barato, pois, apesar de ainda jovem, Das Dores não conseguira se desfazer de sentimentos e hábitos pequeno-burgueses aos quais a cafetina classificava de escrúpulos sentimentais. Os prostíbulos caros – que mudavam até de nome – eram para as treinadas que, no mercado sexual e capitalista, conseguiam vender o prazer sexual a burgueses mais ricos e poderosos.

Das Dores, na sua consciência cristã de arrependida, considerava o prostíbulo infernal, mas um inferno mercado, pois julgava seu primeiro amor fora da lei burguesa, como um pecado. Seus olhos não enxergavam nenhum outro possível meio de vida senão o meretrício, fatal, legal.

* * *

Liberata foi uma mãe revolucionária.

– O jeito é fugir, Perez... sussurrou Liberata através das grades dum recanto escuro do Parque da Pupileira, antigo Asilo dos Expostos.

– Já lhe disse isso, você não teve coragem...

– O Juiz de Menores já veio apresentar os candidatos para as maiores de 15 anos... E me escolheram...

– Safado! Explodiu Perez.

– Disseram que eu posso ter um lar confortável, um esposo digno, honesto...

– Vão te domesticar, animal, vão te domesticar, animal...

– Não vire seu ódio contra mim, Perez, num instante amor vira ódio?!

– Então vamos fugir, Liberata... Me dê sua mão... depressa...

– E por que é que o outro vai me domesticar e você não?

– Porque eu sou seu igual e o outro é seu senhor... Porque eu sou um trabalhador e você é uma oprimida que estão reformando!

– Mesmo assim, hábito é hábito, e hábito de homem é domesticar mulher... Sabe por que você não vai me domesticar? Porque eu vou ser sua igual pelo trabalho... Ui!... não aperte tanto a minha mão... Combine logo, depressa... Os pés da irmã de Caridade não pisam, deslizam...

– Estamos fazendo um mundo onde ninguém precisa de caridade.

Premido pelas circunstâncias, Perez formulou mentalmente a alternativa: Engenho Velho de Brotas ou Pilar? Engenho Velho fica numa ribanceira ao fundo do hospício, só dará saída para a zona norte da cidade pelo Acupe ou Rio Vermelho... Pilar, na cidade-baixa, dará saída por porto de mar ou pela ferrovia da Leste ou pela rodovia...

– Resolveu, Perez? Sei que você é um perseguido pela polícia...

– Sim, já lhe disse que sou comunista...

– Mesmo assim já foi [? sic, palavra pouco legível], mesmo assim fora da lei.

– Eu farei outra lei, Liberata, eu farei outra lei para o nosso amor.

No ano de 1940 esconderam seu amor num velho casarão no Pilar, pardieiro que alugava quartos a casais trabalhadores e a lúmpens sociais. Tempos depois, um jovem tribuno pelos direitos das mães solteiras visitava e percorria os bairros pobres da Bahia em busca de plateia para um concurso de Direito Internacional, aproveitando-se das circunstâncias favoráveis aparecidas com a guerra antifascista que fazia levantar forças democráticas e abalar o Estado Novo reformista

No Largo do Tanque, à saída da rodovia, um grupo de mulheres proletarizadas conversava sobre o tribuno.

– O que ela quer é fundar uma Liga das Mães Solteiras!

– É um demagogo, mas ele diz algumas verdades.

– Uma verdade que ele diz é que nós, mulheres trabalhadoras, não podemos mais formar casais com nossos maridos... Só formamos pares... Coabitação está difícil.

– Tem razão! Meu marido só achou trabalho no petróleo do Mataripe e eu achei trabalho numa cooperativa de costureiras aqui no Largo...

– Pior do que isto é um ser empregado no Macapá e outro ser empregado em Pindamonhangaba!

Uma mulher chamou outra à parte.

– Vai sempre mandar Ida com o camarada Perez?

– Grande segredo... A guerra agora facilita a viagem...

– E tu, Liberata?

– Eu só considero que é para o bem deles e da humanidade.

* * *

Enquanto se encaminha para a pista a fim de tomar o avião, aquela jovem aviadora, num país de sistema socialista mundial, não sente necessidade de indagar em conflito:

– Serei mãe ou serei aviadora?

Para ser aviadora, aquela jovem não precisa que outras mulheres a substituam na escravidão doméstica. O progresso de uma já não custa o atraso de muitas. Sua filha está numa creche. Oposição entre maternidade e outras atividades sociais? Num sistema econômico-social baseado na propriedade social dos meios de produção, esta oposição fica reduzida a um mínimo de contingência biológica.

Ida é uma mãe livre.[6]

Violência

... isso não basta, não basta, Polidoro...

José Marceneiro encarava o negro Polidoro com seu cabelo brilhante de cosmético, com seu terno de tropical cinzento, com seu relógio de correia de ouro reluzente, com seu ar pernóstico, e desconfiava dele como de um inimigo.

– Tuas ideias são de um artesão atrasado... Ignoras a força do sindicalismo no Rio e em São Paulo... Os trabalhadores estão nos Ministérios em Brasília... O presidente João Goulart atende a nossas decisões, as decisões dos trabalhadores...

[6] Caderno 2. Escrito em 1967.

– Já estive numa base trabalhista! Eles decretam a igualdade – todos comem dois pães! – e usam a base como escada para os mais sabidos e endiabrados se arrumarem como deputados e mercadores e altos funcionários!

– Não mereces atenção!

José Marceneiro insistiu, enquanto o negro reluzente se afastava, sobranceiro:

– Os sindicatos são uma escola de luta de classes, mas não bastam... Isso não basta... Isso é anarcossindicalismo.

* * *

José Marceneiro, até sonhando, precisava de um guia. Despertava, alta noite, com sua necessidade. Até a necessidade de amor ficava adiada, e o desejo de ter a companheira não importunava muito. Amor de dois operários? Raramente se encontram para amar. Cada qual na sua produção – ócio não é amor –, isso destrói a domesticação.

José Marceneiro, até sonhando, precisava de um guia. Na insônia, sua história voltava sem sequência – num diálogo interior aparentemente ilógico –, destacando, insistindo, comparando, irrompendo, exagerando. Sua cabeça sofria. Revolvia-se sobre o colchão de capim.

– Não sou o mesmo... Ela morreu sem remédio, como um bicho... Podia não ter morrido... Quero uma serraria mecânica, mas não tenho... A oficina me mudou até por dentro... Não tenho mais de engolir as respostas contra os desaforos das encomendas... Ou engole ou fica sem trabalho... Não sou um proletário, mas a cooperação me ensinou... Pedro pintor e João pedreiro são como eu... Mas como crescer? Cresce... Não cresce... Nesta sociedade, só cresce se virar empresa capitalista. Capitalismo é roubo de trabalho. Cresce... Não cresce... Eu não faço negócio, mas a oficina vende nossa força de trabalho, faz contratos!... Como acabar com a venda da força de trabalho?

– Não sou o mesmo... Frente-nacionalista no Aracaju? Não quero, não, guia... Pensei que nacionalismo fosse um título. Um grupo burguês tomava aquele título – como outro qualquer – para dominar... É também ideia, é doutrina da classe dominante... Concedem que os operários se organizem... Podem se reunir até no Palácio Olímpio Campos e na praça Fausto Cardoso... Podem se organizar com a condicional se... Se ficarem subordinados ao governo e à lei da nação... Isso é ideia de capitalista-nacional. Eu preciso de outra lei. Eu preciso de um guia.

* * *

José Marceneiro soube e correu ao encontro do dirigente comunista. Sofreu um choque moral. Controlou os nervos e raciocinou, rápido, antes de atacar.

– É nosso documento de orientação...

– Mas este documento é ideia de nacionalismo...

– Uma ditadura militar de monopólios imperialistas nos ameaça. Os democrata-burgueses do PSD e da UDN e do PR são fracos, não resistem aos monopólios...

O nacionalista falou e José Marceneiro viu aquilo crescendo, de repente, protegido pelos funcionários-ostras e pelos capitalistas nacionais, os trabalhistas dando força à Frente nacionalista, os sargentos nacionalistas tomando o poder em Brasília, e o bando falando como guia.

Não pode falar como guia! ... Não pode. Não pode dizer que é Partido Comunista – pensou.

José Marceneiro acendeu um cigarro e, disfarçadamente, incendiou um folheto na ruma no chão. José Marceneiro atacou fisicamente o inimigo. A sala era pequena, no edifício do Cine Palace.

– Vamos os dois para a prisão! – gritava atacando.

Os vizinhos acorreram.

– Este homem me agrediu! – gritava José Marceneiro enquanto o incêndio destruía o material de propaganda nacionalista.

Nessa noite, José Marceneiro e o funcionário nacionalista dormiram na prisão.[7]

[7] Caderno 2. Escrito em 1967.

Radioteatro

O ovo de Colombo

(dramatização de antiga tradição oral)

. Indicação nº 1:

Voz do locutor (anunciando):
Título desta cena teatral radiofônica:
"O ovo de Colombo" (é dramatização de antiga tradição oral)
Nome da autora: Jacinta Passos

. Indicação nº 2:

Ouvem-se os seguintes ruídos de um banquete de dezenas de comensais:
a) bater de talheres metálicos na louça
b) ruídos de copos chocando-se
c) ruídos de muitos mastigando e bebendo, e de burburinho de conversa
d) ruídos de passos de copeiros

. Indicação nº 3:

Por entre os ruídos, ouvem-se os seguintes trechos de diálogos (uns simultâneos, outros sucessivos, uns mais distantes, outros mais próximos, uns mais altos, outros mais baixos, vozes masculinas.)
Trechos de diálogos simultâneos:

Trecho nº 1:
(Voz de sotaque italiano e voz de sotaque espanhol.)
– Ricordati, Genova?
– Meus filhos são portugueses da ilha de Porto Santo...
– Mas vosso pai era Domenico, o cardador de Placenza...

Trecho de outro diálogo:

(Vozes de cortesãos em ascensão – ou a corte – da monarquia burguesa da Espanha; loquazes, glutões, satisfeitos, disfarçando a rudeza de navegantes; sotaque espanhol, português, italiano.)

– Mar liguriano... (apressado)
– Mar do Norte... (apressado)
– Mar da Guiné... (apressado, rindo) O mar... o mar... sempre o mar...
– Como tudo isso nos parece pequeno, depois do Cabo da Boa Esperança!
(Risadas múltiplas.)

Trecho nº 2:
Diálogo único, no meio de burburinho; vozes em tom de conversa.
– Os Fugger não teriam feito o empréstimo...
– Os banqueiros Fugger, os alemães?
– Sim. A frota não teria sido armada...
(Voz de cortesão bajulador) – Deus salve os reis Isabel de Castela e Fernando de Aragão!
(Ouve-se chocar de copos em saudação e ruídos de bebericos.)

Trecho nº 3 – (2 diálogos simultâneos)
– Sois Cristóforo ou Cristóvam ou Cristóbal?
(Voz de Colombo rindo-se.)

Outro diálogo simultâneo. (Vozes e cochichos de cortesãos de concorrência refletida nos corações: inveja, falso testemunho etc.)
– Pablo... (sussurrando)
– Qualquer um teria descoberto...
– Americo Vespucci é mais importante do que ele...
– Importantes são as Índias...
(Voz de desapreço) – Um filho de cardador...
– Já foi engajado...
(Outros três repetem essa frase sucessivamente, em tom baixo):
– Não merece ser almirante...

. Indicação nº 4:
Ouvem-se ruídos de louça derrubada pelo copeiro, estraçalhando-se. Logo em seguida, no meio do silêncio, a voz de Colombo para seus comensais:
Voz de Colombo (intempestiva, fazendo silêncio; a mesma voz do Trecho 1.)
– Digníssimos... Um minuto de vossa preciosa atenção...
(Silêncio de expectativa; voz de Colombo mais alta, em outra direção.)
– Ó guapo moço de copa, trazei-me um ovo num pires...
(Breve intervalo com murmúrios de admiração.)
(Ruídos de um ovo sobre um pires.)
Voz de Colombo (recebendo o pires):
– Digníssimos comensais... Aquele de vós que for capaz de colocar este ovo de pé neste pires, terá ganho a partida!

. Indicação nº 5:

Segue-se um murmúrio geral disfarçado e, por entre ele, os ruídos do ovo no pires de louça e, finalmente, algumas risadinhas abafadas, de descontentamento.

. Indicação nº 6:

Voz de Colombo (voz forte de navegante)
– Agora é a minha vez!
(Ouve-se ruído de casca de ovo batido de leve na louça.)
Voz de um comensal
– Ei-lo a quebrar a ponta da casca do ovo!
Voz de Colombo (triunfante, depois de pôr o ovo de pé sobre o pires)
– Digníssimos... Eis o ovo de pé sobre o pires!
(Murmúrios de desapontamento e inveja.)
(Por entre os murmúrios indistintos, ouvem-se algumas exclamações.)
Voz de comensal nº 1
– Oh!
Voz de comensal nº 2
– Ah!
Voz de comensal nº 3
– Isso?
Voz de comensal nº 4
– Isso eu também faria...
Vozes simultâneas
– Eu também faria...
Voz de Colombo (triunfante)
– Faria, mas não fez...

. Indicação nº 7:

Risada de Colombo, sozinho.[8]

[8] Caderno 3. Escrito em 1967.

Teatro

Em 1640

(Cena teatral infantil-juvenil)

(Dedicatória: Esta cena é oferecida em homenagem aos 70 anos de um natural do Rio Grande do Sul – Luís Carlos Prestes, dirigente comunista – no dia 3 de janeiro de 1968)

Cenário: Trecho de estrada, avistando-se mais ou menos distante uma redução jesuíta (aspecto exterior frequente e notável das reduções jesuítas que existiram no sul do Brasil e que foram reprimidas – restando 30 delas – entre 1528 e 1648, pelos bandeirantes. As reduções jesuíticas estavam localizadas em 4 regiões principais: Guaíra, ao oeste do Paraná; Itaim, ao sudoeste de Mato Grosso; Tape, ao centro do Rio Grande do Sul; outra zona entre o rio Paraná e o Uruguai).
Arredores com vegetais naturais da zona de Tape, no centro do Estado do Rio Grande do Sul atual – em 1640.

Personagens: 3

1) Jesuíta (aparenta 40 anos, batina e chapéu semelhantes aos dos padres jesuítas – Nóbrega, Anchieta, Loyola –, cor branca, cabelos escuros, forte, mas não gordo. Tipo físico semelhante ao dos portugueses e espanhóis daquele tempo.
2) Bandeirante (aparenta 30 anos, tipo físico semelhante ao dos brasileiros do século XVI-XVII – portugueses e espanhóis com cruzamento racial com negros e raro com ameríndios. Vestes usuais dos bandeirantes paulistas – Paes Leme e outros –: botas, chapéu com abas largas etc. Pele morena tostada pelo sol, cabelos escuros ondulados, compleição forte, musculosa. Ar de negociante aventureiro).
3) Índio tape (aparenta 25 anos, vestes e tipo semelhantes aos índios Tapes – tribo de índios Tupis que ocuparam o centro do atual Rio Grande do Sul. (Os índios Tupis compreendiam muitas tribos, ocupavam zonas próximas ao litoral do Atlântico, alguns entraram em contato com os colonizadores portugueses, e muitos fugiram para as selvas). Uso do arco e flecha.

. Indicação nº 1:

Quando sobe o pano, aparecem no cenário descrito o Jesuíta e o Bandeirante em luta corporal, sem armas de fogo. Luta há pouco iniciada.

. Indicação nº 2:

Enquanto eles brigam, o índio espia assustado, da beira do mato, segurando o arco e a flecha.

. Indicação nº 3:

A luta corporal assume posições ridículas: o chapéu do jesuíta é pisado pelo bandeirante, o chapéu do bandeirante é atirado longe, a batina do jesuíta é lascada, uma bota do bandeirante é arrancada do pé etc.
Enquanto brigam, proferem expressões violentas, simultâneas ou sucessivas.

Expressões sucessivas, as seguintes:

Jesuíta (atirando o chapéu do bandeirante)
Em nome de Deus!
Bandeirante (pisando o chapéu do jesuíta)
O índio Tape é meu!
Jesuíta (arrancando a bota do outro)
Pecador de cobiça!
Bandeirante (lascando a batina do outro)
Ladrão de Deus!
Expressões sucessivas, as seguintes:
Jesuíta (violento)
Destruíram Ciudad Real del Guairá! Destruíram muitas reduções jesuíticas!
Bandeirante (violento)
O índio Tape é um dos bandeirantes!
Jesuíta
O índio Tape é das Sete Missões!
(breve intervalo sem expressões)
Bandeirante (acusando)
Tu fazes do índio um servidor sem escolha!
Jesuíta (rebatendo a acusação)
E tu fazes do índio uma moeda de ouro!

. Indicação nº 4:

Subitamente param de brigar e se voltam para o índio.
Bandeirante (dirigindo a palavra para o índio)

Um ou outro? (aponta o outro)
Jesuíta (gesticulando)
Um ou outro?
Índio (assustado e movimentando-se para fugir, grita)
Nem um nem outro!

. Indicação nº 5:
Enquanto o Bandeirante e o Jesuíta entreolham-se com decepção, o Índio foge para o mato – com o arco e a flecha – e desaparece (enquanto o pano baixa)[9]

[9] Caderno 7. Escrito em 1967 ou 1968.

Canção

Canção da Guerrilheira

Eu uno dois oceanos
OLAS[10]
Separo duas Américas
OLAS
Eu sou um ser social
OLAS
Destino quem faz sou eu,
Destino quem faz sou eu
OLAS

Dos raios eu faço armas
OLAS
Das ondas, armas eu faço
OLAS
Contra roubo de trabalho
OLAS
sou feita de carne e aço,
Sou feita de carne e aço.
OLAS... OLAS... OLAS... (*som distanciando-se*)[11]

[10] O governo cubano buscou unificar as atividades guerrilheiras na América Latina por meio da *OLAS*, Organização Latino-Americana de Solidariedade, criada numa conferência em Cuba, em 1967. A *OLAS* foi uma tentativa de organizar uma Internacional no continente americano, para defender e apoiar movimentos de luta armada e grupos guerrilheiros no Terceiro Mundo. Propôs a revolução socialista como principal objetivo da América Latina, através da reafirmação da luta armada e da guerrilha, apresentando como inimigo comum os Estados Unidos e a luta anti-imperialista.

[11] Caderno 16. Escrito em 1968 ou 1969. Na página anterior do manuscrito, está anotado: "Essa canção é uma letra composta por Jacinta Passos para ser musicada, e deverá ser traduzida em língua espanhola, língua inglesa, algumas línguas de ameríndios, para ser cantada."
Ao final da canção está escrito: "N.B. A canção – conforme está indicado – deveria ser cantada ora em trechos de uma língua, e depois o mesmo trecho em outra língua, e assim sucessivamente, ora deveria ser cantada toda, integralmente."

Poemas

Soma

Eu somei oito mais oito
Janaína
deu igual a dezesseis,
Janaína
mais pera mais coração
Janaína
mas não deu um passarinho
Janaína.
Por que foi que não deu,
Janaína?[12]

[12] Caderno 1, 1967.
Sob o título, Jacinta escreveu: “(poema infantil, para crianças de 3 a 7 anos)”. Após o poema, há a seguinte observação da autora: “(contém uma lição – nem vaga nem dogmática – de fisiologia e anatomia)”.

É prisão do bem-querer

Mote: *É prisão do bem-querer*
Glosa: Se me dão um purgatório
e eu quero um alvorecer,
sistema do bem lhe faço
e barras o bem-fazer,
juízo de carcereiro
é prisão do bem-querer. [13]

Quem vive da morte alheia

Mote: *Quem vive da morte alheia*

Glosa: Vende caixão de defunto,
lucra com guerra e com peia,
compra força de trabalho,
de peste e fome faz ceia,
merece morte, assim julgo
quem vive de morte alheia.[14]

[13] Caderno 6. Escrito em 1967 ou 1968.
[14] Caderno 6. Escrito em 1967 ou 1968.

Duas Américas

Nos muros de Aracaju
ai! que letras resistentes
nos muros de Aracaju,
Haiti francês e negro –
– Louverture, onde estás tu? [15]
Guatemala, Guatemala,
nos muros de Aracaju,
S. Domingos, você leu?
Chile, Bolívia e Peru,
há três anos escrevi
nos muros de Aracaju:

Independência nacional não é nacionalismo![16]

Mais depressa, *bandolero*,
ilhas mestiças, depressa!
mande na ONU e não peça:
Independência nacional!
(não para ser igual a essa,
essa que rouba trabalho,
América, mais depressa!)
Propriedade social
se faz com armas, ó Eça!
Iroqueses sem família,
Vossas mães não são mais dessa
América, pintai de preto

[15] *Toussaint-Louverture* (1743-1803). Escravo haitiano que, a partir de 1791, já na condição de forro, liderou numerosas revoltas que acabaram levando ao final da escravidão e à independência política do Haiti. Louverture tornou-se símbolo mundial da luta pela liberdade.

[16] No original, segue-se a este verso uma estrofe totalmente riscada, ilegível. Provavelmente Jacinta a quis suprimir.

o Presidente, depressa,
que seja linchado em Ohio,
às armas mande e não peça,
solapando a OEA
fuzil e voto, depressa!
Saia do Vietnã
ó quadrilha da possessa!
Ponha *chiclet* na boca
dos bobos de *Mister* dessa
América de ócio e roubo,
guerrilheiros, mais depressa!

De Havana vem pelos ares,
onda, som, fonema, guia.
Ilha maior que um continente!
que mudou a geografia.

(Ah! Cuba, perdi amor,
mais seis dentes perderia!
Ilha maior que um continente!
que mudou a geografia.)

Matéria expansiva eu sou,
expansiva e comprimida
no fundo desta prisão,
palavra diminuída,
presa a ideia, presos os pés,
palavra diminuída,
os braços arrebentando
ataduras de envolvida
– relações familiares,
domesticação vencida,
é corpo sem esqueleto –
relações de uma Era ida.

De Havana vem pelos ares,
onda, som, fonema, guia.
Ilha maior que um continente!
que mudou a geografia.

América Central, apêndice
de monopólios, então
eis América Central
pioneira da revolução!
As três Américas são duas
e eu sofro de comoção
social: quem mata e rouba e
muda nome de prisão?!
Velocidade eletrônica
mede teu tempo ancião
de outra Era, camarada,
meu relógio é a refeição!
Outro sistema, outra Era,
e eu dentro da prisão!

De Havana vem pelos ares,
onda, som, fonema, guia.
Ilha maior que um continente!
que mudou a geografia.

Lá no planalto central
do Brasil, não há depois,
democracia burguesa
acabou-se, e Mister pôs
economia sem política,
e aos burocratas dispôs.
Marechal faz continência
– *Yes, sir*! não somos dois:
– Os consórcios monstruosos

roubam trabalho. Quem sois?
Bobos do imperialismo
comem gorjeta e arroz.
Contra *fifty* do petróleo
Já Maracaibo indispôs,
O´Bravo, não há conflito,
mais depressa O´Bravo, pois
o alto Pico da Neblina,
teu e meu, é de nós dois![17]

[17] Caderno 3. Após o título, está escrito: "(poema de Jacinta Passos)". E, na linha seguinte: "(julho de 1967)".
O poema foi originalmente escrito a lápis, e mais tarde coberto por tinta de caneta.

Análise literária

Análise literária do poema "Duas Américas"[18]

Análise literária (do poema)

Figuração: (11 metáforas)

Metáfora principal: Ilha maior que um continente etc. (imagem de Cuba)

Metáforas (de ação)

1) Ponha chiclete na boca etc.

2) Solapando a OEA

Metáforas (de conceito)

1) América central, apêndice e pioneira etc. (conceito)

2) Ataduras de envolvida – relações familiares etc. (uma Eneida)[19]

3) *Yes, sir*, nós somos dois[20]

4) corpo sem esqueleto[21]

5) Ó quadrilha da possessa (conceito)[22]

6) América do ócio e roubo (conceito de América)

7) Velocidade eletrônica, mede teu tempo... (conceito de tempo)

Outras figuras

Antítese:

1) Título: Duas Américas

2) As 3 Américas são duas (3 geográficas e 2 históricas)

---

[18] Jacinta Passos fez a análise literária do poema que escreveu. Creio ser raro um poeta analisar o próprio trabalho.

[19] Esta palavra está quase ilegível. "Eneida" é uma interpretação possível, entre outras.

[20] Antes de "*Yes, sir,* nós somos dois" há o seguinte trecho riscado: "3) perdi amor, mais seis dentes perderia (metáfora do choque social)". Tive a impressão de que Jacinta substituiu este item 3 ("perdi amor... perderia") pelo item 3, transcrito no corpo desta página.

[21] Este trecho, muito rabiscado e com palavras sobrescritas, é de difícil interpretação. À margem do caderno, Jacinta acrescentou, em outra tinta de caneta, mais três itens 4, a saber: "4) corpo sem esqueleto"; "4) Iroqueses, vossas mães não são dessa etc. (conceito de tribo e de América ladrona)"; e "4) Teu e seu é de nós dois ou propriedade".

[22] Jacinta acrescentou, em outra tinta, o seguinte item: "5) ilha maior que um continente [seguem palavras de difícil interpretação, aqui transcritas apenas a título indicativo] – essa história de um é maior do que o geográfico ou o continente é maior do que a ilha".

3) Independência nacional não é nacionalismo ou Independência nacional é nacionalismo[23]

Contraste[24]

1) Independência nacional não é nacionalismo[25]
2) Propriedade social e roubo do trabalho
3) Matéria expansiva e comprimida (prisão)[26]
4) Outro sistema, outra Era e eu dentro da prisão
5) Entre ONU e guerrilheiro[27]
6) Entre democracia burguesa e economia imperialista
7) Apêndice e pioneira (tese de propriedade social)
8) Racial: Haiti francês e mestiço

Enumeração:

1) Onda, som, fonema, guia
2) Haiti, Chile, Bolívia, Peru, Guatemala, Guatemala
3) Quem mata e rouba e muda nome de prisão

Anátema:

1) Contra *fifty* do petróleo, já Maracaibo indispôs
2) Lá no planalto central do Brasil, não há depois
3) Propriedade social se faz com armas, ó Eça!
4) Mande na ONU e não peça!
5) Mais depressa, "bandolero"; ilhas mestiças, depressa!

Metonímia:

1) Bobos do imperialismo; comem gorjeta e arroz (partes da corrupção como símbolo da corrupção)
2) Meu relógio é a refeição! (um objeto símbolo da limitação às necessidades naturais)
3) Fuzil e voto etc. (2 objetos símbolos de luta antagônica)
4) O alto pico da neblina etc. (símbolo da propriedade social)

Sinédoque:

1) Ai! que letras resistentes // Nos muros de Aracaju (as letras resistem nas memórias e nos muros)
2) Onda, som, fonema, guia (sinédoque é figura de um discernimento objetivo, é o mesmo objeto, é onda, é som, é fonema, é guia)

---

[23] Este item foi acrescentado mais tarde, com tinta diferente da original. Todos os acréscimos citados parecem ter sido feitos juntos, pois a tinta com que foram escritos é a mesma.
[24] Não tenho certeza se a palavra é esta. Difícil interpretação.
[25] Este item está riscado. Creio que a intenção de Jacinta foi passá-lo para o item anterior. Foi mantido aqui por causa da numeração.
[26] A palavra "prisão" foi acrescentada mais tarde, já que escrita com outra tinta.
[27] Este item, escrito com outro tipo de caneta, foi acrescentado depois.

Invocação:

1) Ó Bravo...

2) Louverture, onde estás tu?

3) Guerrilheiros, mais depressa!

Diálogos:

1) S.Domingo, você leu?

2) Quem sois?

3) *Yes, sir*, não somos dois!

Ritmo (Artifícios regulares)

1) Unidade rítmica (De Havana vem pelos ares onda, som, fonema, guia. Ilha maior que um continente! que mudou a geografia.)

2) estrofes irregulares (de versos de 7 sílabas – redondilha maior)

3) rima alternada (regular)

Recursos irregulares

1) Pontuação: parênteses, dois pontos, exclamação e interrogação

2) Alguns versos não coincidem com a oração gramatical nem com a divisão lógica da oração (isso quebra a monotonia e corresponde à ação poética)

3) As rimas não são raras, mas não são vulgares

4) Guatemala, Guatemala... (repetição da palavra corresponde à ação poética)

5) Utiliza uma modalidade da unidade rítmica (Ah! Cuba, perdi amor, mais seis dentes etc.)[28]

[28] Caderno 3. Escrito em julho de 1967. No caderno, esta análise literária vem logo após o poema "Duas Américas".

Textos jornalísticos

Sua luta é flâmula, é bandeira desfraldada, bússola e estrela,
sangue e alimento das nossas melhores esperanças

(Separando para unir, *O Imparcial*, 1946)

A jornalista Jacinta Passos

Os textos jornalísticos de Jacinta Passos reunidos neste volume – pela primeira vez editados em livro – pertencem a três períodos distintos. O primeiro corresponde aos anos 1942 e 1943, quando Jacinta publicou com regularidade artigos no jornal *O Imparcial*, tornando-se uma das mais ativas jornalistas da Bahia. O segundo, aos anos de 1945 e 1946, quando, candidata a deputada federal constituinte, publicou, no jornal comunista *O Momento*, textos e entrevistas de caráter sobretudo político. E o terceiro, relativo ao ano de 1956, quando, numa fase difícil de sua vida, Jacinta voltou a colaborar em *O Momento*, de forma intensa e assídua, escrevendo basicamente sobre literatura.

Trata-se de três momentos muito distintos da existência e da produção de Jacinta Passos.[1] No primeiro, a jovem (28 anos) Jacinta desabrochava como intelectual comprometida com os rumos do seu país e do mundo. Acontecia a Segunda Guerra Mundial e, em 1942, a entrada do Brasil na guerra. Muitos brasileiros jovens, como Jacinta, amadureceram em meio às discussões tensas e apaixonadas sobre a luta entre o fascismo e a democracia, sobre a ascensão do socialismo, sobre o papel do Brasil – que então vivia sob a ditadura do Estado Novo – naquela guerra mundial e naquele novo mundo que se desenhava. As posições se radicalizavam. Mesmo sob vigilância e repressão os movimentos sociais se organizavam, e o país repensava seus rumos.

Jacinta participou ativamente desse período. Durante a década de 1940, tornou-se jornalista muito atuante na Bahia, uma figura conhecida, assumindo posições públicas sobre temas como a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, os caminhos para a organização das mulheres, os rumos da política nacional, o papel dos intelectuais nos destinos do país... Já se distanciara do catolicismo da infância e primeira juventude. Embora ainda católica, cada vez mais se ligava e se identificava com as ideias, movimentos e intelectuais de esquerda. Sua amizade com o escritor Jorge Amado, que também colaborava em *O Imparcial*, data dessa época.[2] É possível que o próprio Jorge tenha sido respon-

[1] Cf. biografia de Jacinta Passos, nesta edição. Todas as referências biográficas aqui referidas estão desenvolvidas na biografia.

[2] Jorge Amado escrevia em *O Imparcial* a coluna "A Hora da Guerra". Esses seus textos foram publicados em: Amado, Jorge. *Hora da Guerra* – a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. S.Paulo: Cia. das Letras, 2008.

sável pelo ingresso de Jacinta e do irmão dela, Manoel Caetano Filho, nesse jornal. De propriedade do coronel Franklin de Albuquerque, *O Imparcial* – então dirigido pelo filho do proprietário, o jovem e entusiasmado jornalista e escritor Wilson Lins –, assumira posições contundentes contra o fascismo e a favor da entrada do Brasil na guerra, tornando-se veículo importante na Bahia, na luta contra o nazifascismo.

Os textos de Jacinta, claros, combativos, entusiasmados, reforçaram a posição do jornal. Creio também que moldaram para sempre o pensamento e o comportamento da mulher Jacinta e da autora Jacinta: referências a eventos e ideias dessa época, como o nazifascismo, a Segunda Guerra, o socialismo, a URSS, a Entente etc. estão presentes em grande parte dos textos de Jacinta, nos de prosa como nos de poesia, ao longo de toda a sua vida. Parece-me que os temas e discussões dessa época conformaram-lhe a mente, e talvez, quando se viu depois lutando contra o que foi diagnosticado como esquizofrenia, tenha recorrido a eles como espécie de relicários, nichos de um tempo de esperanças, energias e boas realizações a que podia tentar retornar. Suas dificuldades psicológicas podem ter contribuído para isso, mas ela não foi a única – ao contrário, foi uma entre centenas, talvez milhares — das pessoas que nunca mais se afastaram dos ideais dessa época sedutora, que viveram quando jovens.

A atividade de Jacinta Passos em *O Imparcial* foi intensa. Além dos artigos políticos já referidos, a partir de fevereiro de 1943 ela passou a dirigir a “Página Feminina”, uma página inteira semanal do jornal, que preenchia com poemas, seus e de outros, com pequenos textos que procuravam relacionar as mulheres à política – como “As mulheres baianas e a guerra” ou “O trabalho das mulheres na mobilização da retaguarda nacional” –, com charges do conhecido Nássara, e também, o que parece ter sido para Jacinta uma concessão, com artigos de “interesse feminino”, como o “Modas femininas – sugestões para o tratamento das unhas”, assinado por uma Patricia Linday, que tanto pode ser uma autora de língua inglesa traduzida por Jacinta como um pseudônimo da própria Jacinta.

Os artigos de Jacinta Passos em *O Imparcial* a tornaram conhecida na cidade, reunindo em torno dela bastante simpatia, já que boa parte da população baiana era contrária aos nazistas. À época Jacinta também publicava suas poesias em outros jornais, e em 1942 lançara, junto com o irmão, seu primeiro livro de poemas. Esse conjunto de atividades deixava sua família orgulhosa e a tornava uma referência na cidade.

Os textos jornalísticos de 1945-46, publicados em *O Momento*, de Salvador, jornal de propriedade do Partido Comunista Brasileiro, expressam outro momento da vida de Jacinta. Já casada, tendo vivido fora da Bahia (em São Paulo, Porto Alegre e Rio), militante obediente e entusiasmada do PCB, legalizado em 1945 – à época era inclusive candidata a deputada federal constituinte pelo partido –,

Jacinta publicou no jornal textos intimamente ligados ao momento político que vivia, como o discurso que proferiu durante o comício para Luiz Carlos Prestes, então candidato a senador, em Salvador, ou a entrevista que, como candidata, deu ao jornal. Foi uma época de legalidade e ascensão do PCB, uma época de esperança para os comunistas, e os artigos jornalísticos de Jacinta expressam essa realidade, da Bahia, do Brasil, e da sua vida. Creio que muitas dessas ideias, dogmas do Partido ao qual Jacinta foi fiel até morrer, cristalizaram-se em sua mente, tornando-se posteriormente verdadeiras obsessões para ela. Aqui, novamente, ela não foi a única. Até hoje, mais de duas décadas após a queda do muro de Berlim e a derrocada do socialismo, ainda há pessoas, no Brasil e no mundo, que pensam como ela pensava.

Já os artigos publicados por Jacinta Passos no mesmo *O Momento,* ao longo do ano de 1956, correspondem a outra fase de sua existência. Aos 42 anos, separada do marido e da filha, já havia sido diagnosticada como esquizofrênica e internada em sanatórios do Rio de Janeiro e São Paulo. Morava de novo na casa dos pais, em Salvador, militante de um partido clandestino, muito perseguido, pequeno, em crise, fragmentado internamente. E sofria o estigma da loucura. Jacinta apresentou-se a *O Momento* disposta a exercer ali parte de sua militância, colaborando gratuitamente no que fosse necessário. Sua consciência e seu dever de militante a levaram a agir assim; os constrangimentos que causou e a que foi submetida constituem parte muito triste de sua história pessoal.[3]

Jacinta trabalhou exaustivamente nessa fase. Além de, como consta na biografia, "pentear notícias", escrevia muito, a maioria dos textos dessa última fase versando sobre literatura. Além de oferecer resumos de escolas, gêneros ou tendências literárias, Jacinta também exerceu a crítica, analisando e expressando opinião franca e bem fundamentada sobre escritores da Bahia e de outros Estados, como o teatrólogo paulista Abílio Pereira de Almeida, cuja peça estreara em São Paulo. Num jornal que estava à míngua, publicado em geral com 4 páginas, Jacinta Passos chegou a criar e a se responsabilizar por uma página inteira, "Literatura e Arte", onde noticiava, divulgava e discutia diversos aspectos do mundo das artes, a partir da perspectiva de sua diretora. Apesar da excessiva perspectiva política na análise literária – lembre-se que o realismo socialista era a tendência literária defendida pelo PCB –, Jacinta revela cultura e sensibilidade no trato das questões literárias.

Ao longo de toda a sua vida, Jacinta Passos valorizou os espaços da imprensa como meio de expressar ideias. Pelos jornais, dialogou intensamente com os contemporâneos, apontando-lhes rumos em geral na contramão dos estabelecidos, às vezes à frente do seu tempo. E foi construindo pontes sólidas entre seus

[3] Cf. biografia de Jacinta Passos, neste volume.

ideais e sua poesia, cada vez mais imbuída de temáticas políticas e sociais. Muitos de seus poemas foram originalmente publicados na imprensa, e só mais tarde reunidos em livros.[4] Os textos jornalísticos de autoria de Jacinta lançam luz sobre a trajetória pessoal, pública e artística desta mulher que não separava militância de vida particular nem de poesia.

Os textos jornalísticos aqui apresentados foram pesquisados nos jornais da época, grande parte deles em péssimo estado de conservação. As coleções dos jornais baianos *O Imparcial* e *O Momento*, arquivadas na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, embora estejam se desfazendo, até o momento ainda não foram microfilmadas nem digitalizadas. Os textos dessas duas coleções aqui incluídos tiveram de ser fotografados, antes de transcritos. Sua ortografia e acentuação foram atualizadas, visando facilitar a leitura. Acompanham os textos algumas notas explicativas.

É possível que publicações da chamada "imprensa nanica" e da imprensa clandestina em que Jacinta Passos comprovadamente colaborou, mas cujos textos não foram localizados, tenham desaparecido para sempre. É, contudo, provável que, em publicações hoje espalhadas por diversas bibliotecas e arquivos do país, existam textos jornalísticos de Jacinta ainda não identificados. Espero que a presente edição contribua para localizá-los e divulgá-los.

[4] As notas aos poemas de Jacinta Passos indicam os jornais e revistas onde foram publicados.

Jornal *O Imparcial*, 1942-1943

O sentido atual da literatura[5]

Na obra literária, o artista, dentro da sua condição humana, exprime ou representa a realidade. E como, dentro dessa condição humana, a realidade é alguma coisa móvel que se transforma sem cessar, a literatura é também um movimento. A novas formas de vida correspondem sempre novas formas literárias. A *Divina comédia* supõe a época medieval com seu estilo de vida. Somente um hebreu poderia ter escrito os *Salmos*. Os interesses vitais que, depois da Idade Média, agruparam os homens em nações europeias, fizeram algumas dessas nações procurarem além, no Oriente e em outras terras, os materiais necessários para a conservação da vida. Uma nação pequenina viveu então grandes momentos de aventuras no mar, descobrindo o mundo. Eis as condições sociais para o aparecimento de *Os Lusíadas* de Camões. E Camões, David e Dante são grandes artistas porque realizaram na obra de arte uma época histórica. Foram fiéis à realidade do seu tempo. A fidelidade ao real é a marca dos verdadeiros artistas. Quando alguém, dentro da arte, procura falsificar a realidade, procura prolongar épocas históricas que já terminaram, consegue apenas caricaturas e não seres humanos. O ridículo nasce da falta de proporção. A figura de D. Quixote é um símbolo eterno, é o ridículo dos homens que procuram viver uma aventura de cavalaria quando a Cavalaria já não é mais uma realidade dentro das condições sociais.

A guerra atual, modificando as relações humanas, imprime um novo sentido ao movimento literário. Talvez ainda não seja possível definir as novas formas literárias em que o movimento se concretizará. Mas o sentido, a linha essencial do movimento aí está, mais ou menos nítida, através dos fatos, sob os acontecimentos que se desenrolam.

Em nenhum momento histórico houve uma comunicação tão direta e tão ampla entre os homens de todos os cantos do mundo. A guerra atual é o primeiro fato que, num determinado momento, liga todos os homens da Terra. Essa aproximação é muito diferente da aproximação oficial, diplomática, das relações artificiais que os governos, sem a participação do povo, mantêm entre si. Homens das vinte e oito Nações Unidas e das três Nações reacionárias se misturam nos

---

[5] *O Imparcial,* 1º de julho de 1942, p.2.

campos de guerra ou mesmo fora deles. Convivem ingleses, franceses, italianos, alemães, africanos, dentro da África. Americanos e australianos, russos, chineses e hindus. Polacos, belgas, romenos, húngaros, os filhos das escravas silenciosas, refugiados em Portugal ou na Espanha. Convivem filhos de nações as mais diversas em graus de crescimento social. Convivem, trocam pensamentos, sentimentos, comem, riem, andam, lutam e sofrem juntos. Quando a guerra terminar e esses homens de novo se encerrarem dentro das fronteiras de suas pátrias, alguma coisa será diferente. Todo contato entre seres humanos é um enriquecimento. Que profundo conteúdo de experiência humana a guerra atual significa! E essa experiência tem uma amplitude total, porque depois dessa guerra não haverá, como aconteceu depois das outras, uma inadaptação dos que lutaram, um abismo entre esses e os que ficaram na retaguarda. As populações das cidades, as mulheres, as crianças estão sofrendo como os que lutam nos campos de batalha.

Nos países como o nosso, apenas na expectativa da guerra, já se faz sensível a diferença de vida. Para verificar isso, basta comparar os nossos jornais de agora com os jornais de tempos atrás. Os livros também fixam a fisionomia de uma época, mas são como esses retratos caros que só de vez em quando tiramos. Os jornais e revistas são instantâneos, fotografias tiradas quotidianamente, e que por isso conseguem dar ideia de movimento da sucessão dos acontecimentos. Como notícias internacionais, apenas alguns telegramas apareciam, perdidos entre as notícias de sensação da política interna. De vez em quando, um artigo fazendo retórica ou fazendo espírito sobre a situação do mundo. É chocante o contraste entre esses artigos e os que aparecem hoje em jornais e revistas, assinados, às vezes, por moços, ainda estudantes. E aparecem em grande número, o que demonstra um espírito comum. O nosso senso da realidade foi despertado. Os nossos jornais estão cheios de notícias e artigos que analisam a situação do mundo e a nossa situação dentro do mundo.

Qualquer assunto, aproximação continental, campanha pela aviação nacional, toma um sentido prático de realização. Qualquer menino que lê, hoje, os jornais, toma consciência de que somos um país semicolonial que depende dos outros porque não tem indústria para utilizar o petróleo, o babaçu, o caroá, o manganês, o ouricuri, a borracha, as nossas riquezas em potência. Mais ainda, toma consciência de que a situação criada pela guerra favorece o desenvolvimento dessa indústria, porque isso se tornou em interesse para os próprios Estados Unidos. O nosso cenário de vida, hoje, é o mundo. O primeiro reflexo, na literatura, dessas transformações, é a purificação do seu sentido, a queda dos falsos conceitos de literatura-ornamento, literatura-instrumento, literatura-divertimento e todos os outros conceitos que deformam a literatura. A regeneração do termo literário terá o valor de um símbolo. Quem, no meio das lutas, do sangue, das lágrimas da hora atual, escreve livros galantes, como o que Leopoldo Stern acaba

de publicar e só é lido ainda por alguns brasileiros, porque nós, brasileiros, ainda não estamos realmente dentro do fogo que transforma o mundo.

As crônicas e reportagens artísticas que lemos atualmente em livros, jornais e revistas, crônicas e reportagens feitas, quase sempre, por correspondentes de guerra, encerram um forte conteúdo humano e indicam que a literatura caminha no sentido do universal.

As reportagens e crônicas serão o gênero literário definitivo do momento atual ou surgirá um novo gênero? Há uma correspondência entre as épocas históricas e o gênero literário preferido.

O sentido universal da literatura será uma incorporação de novas correntes humanas. Em quase todos os países a literatura não é uma expressão da vida nacional, mas de alguns grupos sociais dentro da nação. Literatura popular, como expressão de todo um povo, nunca houve. O que é que nós chamamos literatura popular, por exemplo, no Brasil? É alguma coisa inexistente. A literatura brasileira é a expressão de uma minoria nacional. A literatura da maioria, a popular, não se realiza porque faltam condições e meios para ser realizada. Ela vive apenas, em sua forma mais primitiva, na memória do povo, em contos, quadras, modinhas, cantigas. A denominação de popular que dão a certa literatura é uma falsificação. A poesia das "casinhas de sapé", do sertão, os sambas do morro, tudo isso é falsificado, porque é feito por gente que não vive nas casinhas miseráveis que mal abrigam do sol e da chuva, no sertão onde a luta do homem contra a natureza e o meio toma, às vezes, um caráter de resignação trágica, nos morros por onde trepam as criaturas que as grandes cidades excluíram de sua vida. Tudo isso é tomado como motivo exótico e não como material vivo. Catulo da Paixão Cearense, o maior poeta sertanejo, nunca foi ao sertão (ele mesmo é quem o diz, numa entrevista ruidosa). Poesia popular verdadeira será como o "lundu de Pai João", lundu que vivia na boca do povo e que foi recolhido por vários estudiosos do folclore, em vários pontos do Brasil. O lundu diz o verdadeiro sentimento do negro, revolta reagindo pela ironia. Uma quadra: – *O branco diz quando morre / Jesus Cristo quem levou / E o pretinho quando morre / Foi cachaça que matou.*

Somente os gênios e os santos não estão limitados dentro do seu grupo e de sua nação. Os gênios o conseguem pela intuição. O santo é o homem que conseguiu transferir o centro do seu Eu para um Eu universal. Damião, o frade que resolveu viver numa ilha de leprosos e acabou, ele próprio, leproso, no centro de sua ação identificava o seu interesse vital com os interesses dos outros seres humanos, os leprosos, a quem levou conforto, ajuda e orientação. Mas gênios e santos são raros. Todos nós vivemos mais ou menos limitados dentro do nosso grupo. E a realidade brasileira, dentro da literatura, só será uma realidade integral quando as condições sociais permitirem a incorporação, no plano da literatura, de todas essas correntes humanas, que não vivem e pensam como nós.

Os esforços para atingir essa incorporação virá delas mesmas, dessas correntes humanas, como delas virá a sua realização literária. Qualquer esforço, nesse sentido, dos que vivem fora dessas correntes humanas será um esforço mais ou menos falso. Reconhecer isso é talvez a atitude mais honesta, o máximo que podemos atingir, com nossa pobre capacidade de sermos objetivos, nós outros, os burgueses.[6]

Sugestões para um programa[7]

Um povo, para realizar heroicamente o seu destino histórico, não basta que seja apenas sacudido por grandes emoções. A vibração coletiva abala intensamente, mas às vezes passa rápido como os grandes vendavais. A ideia, essa é que fica quando cria raízes e o tempo amadurece. Ela é a base de toda ação inteligente. A nossa ação, ação organizada e perseverante, depende de uma clara compreensão do fenômeno nazista. Cursos de preparação antinazista, como o que a Legião Acadêmica vai realizar, correspondem a uma profunda necessidade nossa, imediata.

A ideia-centro em torno da qual deve girar um plano de preparação antinazista é a situação do fenômeno nazismo no desenvolvimento histórico da humanidade.

Por que e como surgiu o movimento?

A resposta dirá se a "nova ordem" é realmente nova ou se é apenas uma reação, uma última tentativa para conservar a desordem estabelecida. Dirá se essa reação é um fenômeno alemão ou se é universal, com várias formas nacionais (nazismo, fascismo, integralismo). Dirá as condições particulares, condições no tempo e no espaço que favoreceram o nascimento e a organização do movimento reacionário na terra e no povo da Alemanha.

O sentido do nazismo como uma parada e um retrocesso no destino histórico do ser humano – eis a ideia essencial para a compreensão do nazismo. O nazismo é uma organização que obedece a um plano concebido. Mas não é uma "nova ordem" porque o nosso mesmo erro radical continua na base do sistema. E por isso continua a guerra, incluída como elemento no plano de vida. Permanecendo a injustiça sobre qualquer forma, a paz continua impossível na face da Terra. Devem-se podar os ramos de uma árvore cuja raiz está envenenada.

Mas quando, de novo, a árvore florescer e frutificar, os seus frutos serão igualmente venenosos. A experiência nazista é uma lição para o nosso pobre mundo burguês, este mundo absurdo do dinheiro que os homens do futuro acha-

---

[6] Este texto foi primeiro publicado na revista cultural *Seiva*, Salvador, agosto de 1941, ano III, nº 9, p. 9 e 10. Jacinta publicou também poemas em *Seiva*. Cf. Arquivo pessoal de João Falcão, coleção xerocopiada da revista *Seiva*.

[7] *O Imparcial,* Salvador, 9 de outubro de 1942, p. 2.

rão ridículo, como nós achamos hoje ridículo o mundo da nobreza, o mundo dos senhores barões, condes e viscondes que a Revolução Francesa derrubou. É uma lição para não repetirmos a tentativa inútil do nazismo. Tão inútil quanto querer impedir que haja noites e dias com o movimento da Terra.

A análise dos vários aspectos, econômico, político, cultural, humano do fenômeno nazista sugere perguntas, à espera de respostas. Algumas delas poderiam ser formuladas assim:

a) Na organização econômica da "nova ordem" há uma distribuição justa ou menos injusta (critério comparativo) dos materiais necessários à vida humana?
b) Há condições na "nova ordem" para a cultura humana, a plena realização do ser humano?
c) Como a "nova ordem" resolve o problema da mulher?
d) Qual a situação da criança e o sentido da palavra educar na "nova ordem"?
e) A forma política da "nova ordem" aperfeiçoa as experiências humanas já realizadas?
f) A "nova ordem" política mundial do nazismo corresponde às condições da realidade social, geográfica, histórica?
g) Por que o nazismo conseguiu se organizar contra o mundo quase inteiro? Quais as forças que o ajudaram?
h) Quais as diretrizes de uma ação para a vitória total?[8]

A caricatura do nazismo[9]

O "grande ditador", esse filme humaníssimo que Chaplin realizou, vale mais do que apologia contra o nazismo. É um filme que deve ser visto pelas multidões. Ignorantes e cultos, homens, velhos e crianças, qualquer criatura humana o entende e sai de lá com uma compreensão mais lúcida da realidade de nosso mundo. O homem eterno com as suas grandezas e misérias, seu heroísmo, seus ridículos e suas esperanças. Compreensão do nosso mundo atual, o processo de renovação histórica que se opera dentro dele, elementos em decomposição que condicionaram o maior fenômeno reacionário da história, e elementos puros, forças intactas do mundo de amanhã.

A ambição anormal de Hinkel, erguendo-se sobre as ruínas de pós-guerra, as figuras-símbolo dos seus ministros, os dois ditadores discutindo a invasão de Austerlitz como dois adolescentes exibindo valentias. No meio de toda essa

---

[8] A grande maioria dos textos de Jacinta Passos para *O Imparcial*, como este, foram escritos na véspera da publicação; as exceções estão assinaladas em nota. Ao final de cada artigo de Jacinta em *O Imparcial*, há a palavra "Baía", seguida da data de confecção do texto.

[9] *O Imparcial*, Salvador, 23 de outubro de 1942, p.2.

humanidade desumanizada, movem-se as figuras dos simples, símbolos do mundo: oprimidos e sofredores, o barbeiro desmemoriado, o bom velho judeu, o vulto de Hannah, tão puro e tão lindo que, de dentro da miséria do gueto, parece esperar contra toda a esperança. Esses são seres humanos; os outros são caricaturas.

Somente a caricatura consegue representar com fidelidade tipos como o grande ditador e as personagens que o cercam, tipos de fim de época histórica, espectros de um mundo desaparecido, incoerentes, absurdos, ridículos como moribundos que tentassem resistir à morte. Recriando situações, exagerando os traços marcantes do grande ditador, revelando-o através de sua mímica poderosa, Chaplin nos faz surpreender em sua própria gênese o fenômeno reacionário. Revela o seu conteúdo irracional, todo esse complexo de contingências biopsicológicas, recalques, instintos reprimidos, taras que a humanidade carrega dentro dela e de que dificilmente consegue se libertar. Em qualquer situação, Hinkel seria um antiprogressista, a sua ambição doentia requer um clima próprio para se transformar em tirania. O ambiente de ditadura é preparado, o aparato exterior, gestos, pessoas, coisas, tudo disposto para impressionar, espantar, estarrecer o povo. No meio de tudo isso, o desprezo pela criatura humana, valendo menos que um paraquedas ou uma armadura de aço.

Há cenas inesquecíveis, pelo ridículo e doloroso, o trágico doendo no fundo das situações mais cômicas. O medo que estarrece o barbeiro desmemoriado, ignorante da nova realidade, pobre diabo envolvido nas malhas de ferro da nova organização. Schultz, fugido da prisão, convoca um grupo de judeus para uma reunião. Um deles seria sacrificado: iria dinamitar o palácio do ditador. Com a sua lógica de bom burguês, Schultz se exclui solene, grave: "Eu estaria disposto, mas, como sabem, não poderei ir." Do meio daquela gente, da lógica natural, do bom senso do homem do povo, uma pergunta espontânea, quase ingênua, fere o ar como uma lâmina:

"Por quê?"

O filme não provoca entusiasmos violentos, nem mesmo na cena final (que quebra um pouco do seu ritmo). Quando o barbeiro, substituindo por equivoco o ditador, transmite sua mensagem a todos os que, como ele, vivem oprimidos, a sua ação é mais interior, deixa fortes e fundas ressonâncias.

Purifica, torna mais transparente o olhar com que olhamos os homens e as coisas, nossos próprios ridículos. E os ridículos alheios. Liberta interiormente, comunica essa liberdade interior que torna inútil pelo ridículo não somente o grande ditador, mas todas as ditaduras do mundo.[10]

---

[10] O texto foi escrito três dias antes da publicação: "Baía, 20-10-42".

Fascismo desesperado[11]

Hitler, depois que experimentou pela primeira vez a derrota em Stalingrado, vem sucessivamente perdendo suas esperanças de vitória. E os acontecimentos dos últimos tempos apagaram sua última esperança. Em todas as frentes de batalha, os nazistas sofreram derrotas fragorosas. As forças aliadas conquistaram Catânia e em quase toda a Sicília tremulam bandeiras das Nações Unidas. Aviões aliados bombardearam a Itália e bombardearam Hamburgo. Na China as forças de Chiang-Kai-Chek anunciam vitórias, e no palácio, Mac Arthur reconquista Munda. Na frente leste, as forças soviéticas irrompem numa ofensiva fulminante, reconquistam Orel, Belgorod e continuam numa arrancada gloriosa contra os invasores de sua pátria. O comunicado do Marechal Stalin, anunciando as últimas vitórias e a ofensiva final para expulsão do inimigo, é, na sua eloquência concisa, um poema heroico de grande força épica.

Essas vitórias das forças aliadas abalam cada vez mais forte e mais profundamente as trincheiras políticas do fascismo na Itália. A revolução popular é hoje uma realidade que o governo de Badóglio tenta, em vão, abafar e deter. Nos países ocupados da Europa, o povo impaciente antecipa, em pequenas amostras de sabotagem antinazista, a grande revolta dos povos. E na Alemanha, o bombardeio de Hamburgo dispersa, em pânico, as populações das principais cidades. Quebrada a frente interna, aparecem os primeiros sinais de revolta popular e operários se recusam a continuar nas indústrias de guerra.

Diante desses fatos, como agem os fascistas para conservar o fascismo agonizante? Notícias oficiais da Alemanha, transmitidas pelo rádio, já falam em "próximas alterações" no governo alemão. É a repetição do que se vem passando na Itália. Os nazistas preparam um golpe muniquista, preparam a substituição de Hitler, para que o poder continue em suas mãos. E para isso, começam a mobilizar os fascistas e seus aliados em todo o mundo. A maior batalha muniquista, o golpe último e desesperado do fascismo, não somente na Alemanha como em todas as pátrias, ainda vai ser lançado, e lançado brevemente.

Mas os acontecimentos desta guerra já esclareceram os povos sobre o fascismo. Os povos sabem que o fascismo é a tirania organizada de um grupo para dominar o povo, que é o germano-fascismo, e uma tirania não somente contra um povo, mas contra os povos do mundo. Os povos sabem que não lutam contra o povo italiano, nem mesmo contra o povo alemão, que esses povos foram dominados e explorados pelo grupo dos fascistas e que, esclarecidos pela marcha da guerra, serão seus maiores aliados no momento oportuno. Os povos sabem que os seus inimigos são os fascistas de todas as partes, aqueles que desejam a posse

[11] *O Imparcial,* 10 de agosto de 1943, p. 2.

do poder e, por meio do poder, de todos os bens da vida, para um pequeno grupo contra os direitos da maioria do povo. Sabem que os seus inimigos são os fascistas e seus aliados, as forças reacionárias cujo lema é conservar o que, apavoradas diante de qualquer mudança, tentam parar a marcha da História servindo, desse modo, ao fascismo.

Os povos conhecem bem quais são os seus aliados verdadeiros e quais os seus verdadeiros inimigos. Diante disso, a tática fascista que tenta conservar o fascismo mudando apenas a forma, o nome, o lugar, é uma tática desesperada e inútil.

A quinta-coluna e a Legião Brasileira de Assistência[12]

Se na França, na Noruega, na Áustria,[13] em cada país da Europa escravizada pelo nazismo, fosse erguido um tribunal onde o povo julgasse livremente aqueles que entregaram suas pátrias, quais seriam os acusados? O povo anônimo e heroico que continua lutando por meio das guerrilhas, da greve, da sabotagem, contra o nazismo, não acusaria somente Laval, Quisling, os que agiram contra a pátria, mas acusaria também os que deixaram de agir pela pátria. O povo gritaria "Acuso" aos traidores, aos venais, aos egoístas, aos medrosos, aos comodistas, aos vaidosos, aos indecisos e a todos aqueles que,[14] apesar de honestos e patriotas, se deixaram arrastar pela tática da quinta-coluna. O povo gritaria: acuso a você que trocou a independência da pátria por dinheiro ou posição. Acuso a você que colocou, acima dos interesses coletivos, os seus próprios interesses. Acuso a você que escondeu sob mil disfarces o seu medo de lutar. Acuso a você que não quis perturbar a comodidade da sua vida. Acuso a você que sabotou com mesquinhas vaidades a união nacional e das Nações Unidas. Acuso a você, que resolveu lutar, mas não viu ou não quis ver a ação da quinta-coluna e por ela foi arrastado. O povo os conhece bem, esses que entregaram sem luta os países da Europa. São os mesmos que entregaram a Inglaterra, a Rússia, a China, os Estados Unidos, o Brasil e cada uma das Nações Unidas.

O povo brasileiro conhece bem os quinta-colunistas. Uma das formas mais sutis da ação da quinta-coluna é fazer acreditar que ela não existe, que é apenas um fantasma inventado. E assim continua a quinta-coluna, agindo em todos os setores de atividade nacional, desunindo, desanimando, confundindo, intrigando, sabotando o esforço de guerra para a vitória. A quinta-coluna age em toda parte, mas age sobretudo contra as organizações patrióticas que trabalham contra o nipo-nazi-fascismo.

[12] *O Imparcial,* Salvador, 20 de janeiro de 1943, p.2. À época, Jacinta trabalhava como voluntária na LBA.

[13] *Áustria*: no jornal, *Austrália*, país não europeu.

[14] *Que*: palavra inexistente no texto do jornal.

A quinta-coluna está agindo contra a Legião Brasileira de Assistência porque sabe que a LBA está integrada à união nacional para a luta contra os bárbaros de Hitler. Todas as mulheres brasileiras, as que já trabalharam na LBA e as outras que serão futuras legionárias, precisam conhecer e descobrir as formas de ação da quinta-coluna para lutar contra ela.

A quinta-coluna trabalha para impedir a inscrição de novas legionárias, espalhando boatos a respeito da Legião, alterando o seu verdadeiro sentido. A quinta-coluna age entre as próprias legionárias, intrigando, desunindo, alterando as palavras e os fatos.

São estas, entre outras, as formas mais comuns usadas pela quinta-coluna para agir contra a LBA:

a) espalha que a Legião é uma organização de diletantes e grã-finas que aproveitam as oportunidades para aparecer e que, até agora, nada realizaram. Isso não é verdade. A LBA é uma organização nacional que pede e necessita do apoio e da colaboração de todas as mulheres brasileiras, sem distinção de cor, posição social ou convicções religiosas e políticas. A LBA é uma instituição nova, ainda em organização. Cada campanha de atividades exige um trabalho minucioso de preparo, organização e realização. As legionárias encaram objetivamente os resultados do movimento da LBA. Aparecer e não aparecer são questões secundárias, nascidas de considerações individuais.

b) espalha que a LBA é um instrumento de propaganda política do governo. Isso não é verdade. A LBA é uma organização nacional independente do governo. A LBA, para realizar o seu programa, colabora com o governo. Essa colaboração, no momento atual, é mais do que um artigo do seu estatuto nacional. É um imperativo nascido do atual estado de guerra, pois a vitória do Brasil depende, antes de tudo, da união nacional de todos os brasileiros em torno do governo. A LBA é uma organização independente, os governantes passam e ela continua.

c) espalha que a LBA é uma organização antifeminina, que as suas formas de atividade não são próprias para a mulher. Isso não é verdade. Todas as formas de atividade das legionárias são trabalhos para os quais as mulheres brasileiras e estrangeiras já demonstraram praticamente a sua capacidade. A quinta-coluna quer explorar, por essa forma, o preconceito dos pais, maridos, irmãos, filhos e das próprias mulheres sobre a condição feminina, como se o trabalho público não fosse o meio lógico de a mulher se realizar plenamente, porque adquire assim consciência de que é um elemento da comunhão nacional e universal.

d) espalha que a LBA obrigaria todas as legionárias a partirem para Dakar ou para a Europa no momento necessário. Só não é verdade. As legionárias se inscrevem para um determinado serviço, conforme a sua escolha espontânea e livre. Livre também será para preferir ou não a luta fora do país, acompanhando os nossos defensores. As legionárias não temem a quinta-coluna, nem temem os sacrifícios e os trabalhos que a salvação da pátria está exigindo de cada brasileiro.[15]

Palestra radiofônica de Jacinta Passos na semana de propaganda da Legião Brasileira de Assistência[16]

A crença dos alemães no nazismo, a maior mentira da história, foi conseguida em grande parte através da propaganda organizada do Doutor Goebbels, o diretor de propaganda de Hitler. E os italianos, por que acreditaram no fascismo e no gordo Mussolini fanfarrão quando anunciava possuir a esquadra mais veloz do mundo? E por que alguns brasileiros acreditaram que o integralismo viria salvar a religião, a pátria e a família? Porque acreditaram num grupo de homens inteligentes e desonestos e na mística que aureolava a figura miudinha de Plínio Salgado, a ridícula caricatura de Hitler? É tão grande a força da propaganda organizada que, mesmo quando falsa, consegue iludir por algum tempo. Esse uso do termo propaganda para significar reclame de um falso valor, aparência daquilo que realmente não existe, estragou a palavra. As palavras são como seres vivos, nascem, evoluem, ganham prestígio e popularidade, crescem em dignidade ou caem, deturpadas e prostituídas, envelhecem e morrem. O corpo da palavra, o vocábulo "propaganda" não mudou. Mas mudou o espírito que anima e movimenta, mudou o sentido do termo "propaganda". Reabilitem a palavra. Propaganda é ação para comunicar, expandir, propagar alguma coisa. O trabalho de propaganda supõe, portanto, alguma coisa capaz de crescimento e de amplitude.

Essa condição fundamental para a propaganda existe na Legião Brasileira de Assistência. A Legião, organização de mulheres brasileiras para um serviço social comum, pela sua própria natureza de organismo vivo, tende a crescer e se expandir. O trabalho de propaganda deve consistir apenas em ajudar esse crescimento natural. É um trabalho de alimentar um organismo em crescimento. Para realizar essa tarefa, como deve agir a propaganda? Fazendo participar nas atividades da legião um número cada vez maior de mulheres brasileiras. O meio para conseguir isto é tornar conhecida a Legião. É divulgar pela imprensa, rádio, car-

---

[15] Conforme informado logo abaixo do texto, ele foi escrito no mesmo dia de sua publicação.

[16] *O Imparcial,* Salvador, 26 de março de 1943. A palestra radiofônica de Jacinta Passos foi ao ar em 27 de fevereiro de 1943.

tazes, folhetos, conversas, por todos os instrumentos de publicidade, os movimentos dela. É dizer às mulheres, a todas as mulheres, sem distinção de cor e condição social, que precisam lutar pela sua própria dignidade de mulheres, contra o fascismo, e que a Legião Brasileira de Assistência é um meio de luta organizada. A propaganda, para ser eficiente, precisa dizer exatamente o grau de desenvolvimento da Legião. Nem mais, nem menos. A propagandista que acompanha o rumo das atividades da Legião vê que um grande esforço já foi realizado, mas que ainda muito resta a fazer. Para integrar a Legião no esforço da guerra do Brasil, é necessário que, ao lado desse trabalho de propaganda, aumente o número de legionárias militantes, novos setores comecem a funcionar. E comecem imediatamente, porque o tempo não espera e o Brasil está ameaçado.

O trabalho de auxílio às famílias dos convocados é uma obra imensa que vai apresentando problemas urgentes pedindo solução, problemas de conhecimento das condições reais da família do convocado. É a tarefa da vistoriadora social. Problemas de reajustamento econômico para pessoas da família do convocado. Problemas educacionais e morais das crianças filhas dos convocados. Problemas de contribuição de roupas e gêneros de primeira necessidade, carne, leite, sal, farinha, café, açúcar. É uma obra tão vasta, essa, que requer a organização de vários departamentos. Mas não é a tarefa única que a Legião tem a realizar. Seria muito pouco em relação ao que o Brasil necessita e exige dos seus filhos para continuar existindo como um país livre. É necessário, ao mesmo tempo, movimentar os outros setores, alguns deles já com grande número de legionárias inscritas, mas ainda sem funcionamento. As legionárias inscritas para correspondência de guerra, as legionárias que organizaram o Curso de Voluntárias de Alimentação, as legionárias que se inscreveram no setor de comunicações e transportes são soldados prontos esperando a ordem de... [ilegível]. Em todos esses serviços que o esforço de guerra está exigindo, há dois outros de máxima importância: o de defesa passiva e o de monitoras agrícolas. Ouvimos há pouco tempo o Almirante Ingram, americano, dizer que o povo brasileiro deve estar preparado para bombardeios aéreos e canhoneiros em larga escala. Será essa a guerra do desespero de Hitler. Estamos nós preparados com um serviço de defesa passiva, para esse momento de tragédia e de dor?

Outro problema também que impõe uma pergunta: se os homens brasileiros forem convocados em larga escala, haverá mulheres preparadas para substituí-los nos telégrafos, correios, direção de veículos, comunicações e transportes que não podem parar? Os trabalhos de ajuda à grande batalha da produção que a LBA vai iniciar agora, com os cursos para monitoras agrícolas, é uma obra de alto patriotismo, que deve mobilizar grande número de mulheres baianas. Somente assim, trabalhando e lutando, elas defenderão tudo aquilo que possuem, trabalhando e lutando com a mesma energia das mulheres da China, das valentes

guerrilheiras da Rússia soviética, das mulheres inglesas que trabalham na Força Aérea, na Marinha, no Exército, além de formar exércitos de voluntárias femininas para todos os serviços e trabalhos nas lavouras e nas fábricas, até em usinas de ferro e de aço.

O trabalho de propaganda organizada requer turmas de propagandistas que se encarreguem dos vários setores de ação. Para o serviço de propaganda, não basta saber escrever. É preciso a propagandista acompanhar os trabalhos, estar presente em tudo o que for realizado, para conhecer, realmente, o que existe, e depois divulgar. O trabalho de propaganda feito em casa, longe do movimento concreto da Legião, será sempre, por mais bem imaginado que seja, um trabalho irreal, morto, sem vida. Todos nós sabemos, falamos e ouvimos falar da batalha de Stalingrado, a cidade heroica da Rússia soviética, cujo povo resistiu contra o invasor com uma bravura que jamais a história do mundo conheceu. Nós sabemos que os 500 mil habitantes de Stalingrado lutaram em plena rua, fizeram de cada edifício uma fortaleza, transformaram os escombros e as ruínas em esconderijos para as armas, lutaram corpo a corpo, sofreram terrivelmente e venceram. Nós sabemos tudo isso. Mas poderemos escrever exatamente o que se passou, como pode alguém que assistiu a essa tragédia gloriosa? Não, nós não vimos as cabeças decepadas, os gritos de horror, o sangue escorrendo, os corpos apodrecendo. Para conhecer e divulgar os serviços da Legião, as propagandistas devem estar presentes, assistindo e participando. Para esse serviço, a LBA convida todas as mulheres conscientes de que necessitam lutar, lutar pela sua terra e seus filhos, pela sua própria dignidade de companheira do homem. Luta nos lares, na rua, na imprensa, no rádio, nos comícios, em toda parte, para que os brasileiros não sejam escravizados pelo nipo-nazi-fascismo-integralismo.

Mensagem aos povos da Europa[17]

Povos sofredores da Europa escravizada, já vem perto a hora da libertação. Erguei vossas cabeças curvadas e esperai.

Há longos anos sofreis. Há longos anos que o fascismo iniciou sua marcha contra vós, depois de dominar a Itália e a Alemanha. A Abissínia já fora a primeira vítima. A Espanha ferida já lutara heroicamente e a China continua a lutar, sozinha, contra a tirania nipônica. Em 1938 começou a marcha contra vós. Em 1939. Em 1940. Em 1941. A Tchecoslováquia, Polônia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, Iugoslávia, Grécia, França, uma a uma caístes sob o poder da tirania. E começou o vosso cativeiro. Começou o império da força bruta, a des-

[17] *O Imparcial*, Salvador, 13 de julho de 1943, p. 2.

truição de todas as conquistas humanas milenares. Prisioneiros da "Nova Ordem", perdestes os mais elementares direitos do ser humano: a liberdade de pensar, querer, trabalhar, amar, andar, dormir e conversar.

Povos sofredores da Europa, já vem perto a hora da libertação. Escutai os ventos que sopram de todos os lados e vos trazem o rumor dos passos libertadores. Escutai os ventos que sopram de leste e vos trazem o eco de batalhas terríveis e vos trazem o nome de Sebastopol, Leningrado, Stalingrado, símbolos de heroísmo, flâmulas de liberdade. Escutai os ventos que sopram de leste, do Oriente longínquo, da China milenária, que vos trazem o nome de Chung-King. Escutai os ventos que sopram de leste e vos trazem as lutas do povo da Inglaterra e vos trazem as lutas do povo das Américas. Escutai os ventos que sopram de todos os lados, de todos os continentes e de todos os mares, e vos trazem as vozes amigas de todos os povos que lutam pela sua e vossa liberdade. Escutai os ventos que sopram dos lados do Mediterrâneo e que trazem o calor das terras da África e que trazem os nomes de Túnis e Bizerta. Escutai, escutai os passos dos soldados das Nações Unidas pisando através das ilhas, pisando através de Pantelaria, Lampedusa, Linosa e Sicília, pisando o continente europeu. São soldados ingleses, canadenses, franceses, americanos, gregos, eslovenos, são soldados de todas as pátrias unidas por uma mesma vontade: destruir o fascismo da face da Terra. Escutai os passos dos soldados que nas terras distantes da América se preparam para atravessar o Atlântico e defender, na segunda frente, a independência de suas pátrias. Escutai os passos dos soldados brasileiros, eles também marcharão, marcharão porque amam a liberdade e porque querem um Brasil independente e livre.

Povos sofredores da Europa, já vem perto a hora da libertação. Erguei as vossas cabeças curvadas e esperai. Esperai de armas na mão. A vossa liberdade será uma obra vossa. Homens, mulheres, crianças da Europa escravizada, homens, mulheres, crianças, presos, maltratados, pisados, que vistes morrer milhares e milhares de irmãos vossos sob o chicote fascista, aliado da quinta-coluna traidora de vossas pátrias, homens, mulheres, crianças, esperai de armas na mão a hora da vingança. Recolhei as vossas últimas energias, concentrai as forças que vos restam para a grande batalha libertadora. Na hora da segunda frente, unidos aos outros povos em marcha contra o fascismo, a morte do fascismo será uma obra, sobretudo, vossa. Vós sofrestes mais que todos, vós trazeis na vossa carne e no vosso sangue, na carne e no sangue dos vossos irmãos, filhos e pais, amigos e companheiros, as marcas do fascismo. Vós conheceis por experiência. Pois o seu maior inimigo...[18]

Povos sofredores da Europa, já vem perto a libertação. Nunca na história do homem houve, para todos os povos do mundo, tanta dor e tanta esperança, na face da Terra.

[18] Frase incompleta no texto do jornal.

Os estudantes e a Guerra[19]

O Congresso de Guerra dos Estudantes, que agora se realiza no Rio, vem sendo orientado por um alto sentido patriótico. Vozes autorizadas como a do ministro Capanema, que falou em nome do presidente Vargas, como a do grande general Manuel Rabelo e, recentemente, do comandante Amaral Peixoto, levaram o apoio do Governo e do Exército aos nossos bravos moços estudantes. É o reconhecimento oficial do trabalho patriótico, da coragem e bravura dos estudantes do Brasil, pioneiros da luta contra o fascismo.

Quando se escrever a história do presente momento brasileiro, quando se narrar para as gerações futuras as lutas do povo pela independência da pátria ameaçada pelo fascismo estrangeiro e nacional, haverá, com justiça, um capítulo escrito sobre o papel decisivo desempenhado nessa luta pela mocidade e, principalmente, pela mocidade estudantil. O estudante brasileiro sempre teve uma tradição de grandeza intelectual e moral, mas de uma grandeza boêmia e desorganizada e desorientada... Os estudantes da atual geração desfizeram essa antiga tradição e demonstraram uma capacidade notável para a ação organizada e eficiente, orientados por uma aguda consciência política.

Foram eles, os estudantes, liderados pelos estudantes baianos, os primeiros que deram o grito de alerta pela unidade interna, contra o trabalho divisionista da quinta-coluna e contra o perigo integralista. Foram eles os primeiros que lançaram o grito de revolta do Brasil quando os fascistas, ajudados pela quinta-coluna nacional, afundaram os nossos navios e mataram os nossos irmãos. Foram eles os primeiros que clamaram pela guerra e anteciparam o grito do povo à declaração de guerra do governo, ao lado das Nações Unidas. Foram eles os primeiros que clamaram pela união nacional em torno da política de guerra do presidente Vargas, como o único e verdadeiro caminho para a vitória do Brasil contra o fascismo. Foram eles os primeiros que se reuniram em organizações patrióticas para orientar e esclarecer o povo e ajudar o esforço de guerra. Foram eles os primeiros à frente de todas as campanhas patrióticas. E os estudantes vêm realizando todas essas tarefas dentro de um espírito de serenidade, coragem, firmeza e disciplina, que falam bem alto da seriedade de suas convicções.

Hoje, muitos desses estudantes, veteranos da luta contra o fascismo, estão convocados para o serviço militar e vestem a farda do nosso Exército, e se preparam para a luta nos campos de batalha onde a segunda frente dos povos livres exige a participação do Brasil, com a mesma decisão e firmeza com que lutaram nas campanhas civis.

[19] *O Imparcial*, 27 de Julho de 1943, p.3.

O Congresso que agora se realiza no Rio é mais um passo, e um passo decisivo, na luta do estudante brasileiro. Desse Congresso resultará uma maior unificação das atividades dos estudantes nos vários Estados, uma maior e melhor organização para a mobilização total da massa do estudante brasileiro e de todo o povo brasileiro contra o fascismo. Desse Congresso sairão os estudantes mais esclarecidos, mais aptos para levantar até o fim a luta pela independência da pátria e liberdade dos povos.

Que eles continuem mais firmes e desassombrados, esses moços cujas atividades políticas revelam uma pureza despida de qualquer interesse individual, esses moços odiados somente pelos que têm compromissos com o fascismo, esses moços amados pelo povo, honra e orgulho do Brasil, que possui uma tão bela mocidade.

O espírito de Munich[20]

O mundo inteiro, com os olhos voltados para a Itália, está vivendo momentos de grande expectativa. Os acontecimentos se desenrolam numa rapidez vertiginosa e o fascismo desesperado tenta restabelecer uma aparência de equilíbrio. Badóglio, numa ginástica perigosa, começa fazendo concessões ao povo italiano que, em Milão, Gênova e nas outras cidades da Itália, reivindica velhos direitos. O povo grita e Badóglio vai consentindo na dissolução dos partidos fascistas, na libertação de prisioneiros políticos dos 20 anos do fascismo, na prisão dos chefes fascistas. Mas Badóglio tr...[21] à sombra da figura inútil do rei. Badóglio tenta conservar essa monarquia decrépita para conservar a si mesmo e aos fascistas no poder; mas até onde irá esse povo revoltado que grita nas ruas? As tropas alemãs, refeitas no primeiro choque, ocupam novas posições na Itália; Badóglio faz o seu jogo e, depois de confabulações diplomáticas, promete democracia para o após-guerra, proíbe todas as manifestações populares e resolve continuar a guerra ao lado da Alemanha. O povo italiano continua nas ruas, de armas na mão, pedindo paz, clamando pelos antigos líderes democráticos, declarando greves, pedindo a volta dos seus artistas, de Toscanini perseguido pelo fascismo, matando e morrendo para conduzir a Itália ao seu verdadeiro destino. É um dos mais belos espetáculos assistidos pelo mundo, desse povo injustamente chamado de covarde, e que agora luta corajosamente, pois sabe por que está lutando.

Esses acontecimentos da Itália concentram as atenções do mundo inteiro, repercutem intensamente na Europa escravizada e provocam novos atos de sabotagem e revolta na frente subterrânea. Telegramas anunciam que, na França, trens

[20] *O Imparcial*, Salvador, 3 de agosto de 1943, p. 3.
[21] Palavra ilegível, devido a defeito de impressão.

de tropas alemãs foram atacados e os soldados mortos, guerrilheiros da Iugoslávia marcham a caminho da Itália, greves irrompem em Portugal e distúrbios explodem em Hamburgo e na Grécia. Os povos sabem que é o seu próprio destino que se decide na Itália e em todas as frentes de guerra. Os povos prisioneiros esperam, de armas na mão, na face as marcas do fascismo e no coração o ódio ao fascismo, a hora da revanche em que, unidos aos povos aliados, conquistarão a sua liberdade. Os povos, despertados e conscientes, lutam unidos contra o fascismo e sabem por que lutam e até onde lutarão. Roosevelt e Churchill, os dois líderes aliados, acabam de declarar novamente: "rendição incondicional", matando as últimas esperanças muniquistas para a sobrevivência do fascismo sob novas formas.

Contra esse espírito muniquista de contemporizações com o fascismo, que lança sempre novos golpes, tentando conservar o fascismo e inutilizar toda a longa e dura luta dos povos, contra esse espírito muniquista presente através dos fascistas em todo o mundo, e cujo último grande golpe foi tentar uma paz de compromisso, acaba de ser tomada importante medida pela Inglaterra, Estados Unidos e Rússia. Os governos das três grandes nações líderes enviaram aos[22] seus representantes nas capitais dos países neutros, Turquia, Suécia, Suíça, Espanha, Argentina, Vaticano, uma nota oficial "pedindo a todos os países que neguem asilo a Mussolini e todos os outros criminosos de guerra, e declarando que consideram qualquer forma de ajuda a essas pessoas como uma violação dos princípios por que lutam as nações unidas, princípios que estão resolvidos a levar até o fim, por todos os meios em seu poder." Essa atitude das Nações Unidas impede que os fascistas responsáveis pela organização do regime que durante anos explorou e escravizou o povo, provocou a guerra para conservar os países dependentes do seu imperialismo mundial, levou o sofrimento e a desolação, a orfandade, a viuvez, a fome, as mutilações e a morte a milhões e milhões de criaturas humanas, que esses fascistas fossem abrigados por um país qualquer e desfrutassem, comodamente, o resto dos seus dias. Nenhum país pode se transformar em refúgio dos criminosos de guerra porque os seus crimes foram contra toda a humanidade.

A "rendição incondicional" do fascismo com a livre sobrevivência dos fascistas responsáveis, refugiados em algum recanto do mundo para recomeçar a sua obra, seria a repetição de um erro doloroso do passado, seria a maior injustiça, a maior injúria atirada à face dos heróis que estão lutando e morrendo para que o fascismo desapareça da face da Terra.

[22] *Aos.* No texto de jornal: *os.*

Um ano de guerra[23]

Há um ano, precisamente, o Brasil sofria o primeiro golpe vibrado pelo nazismo-fascismo. Navios brasileiros, carregados de homens, mulheres e crianças, desceram ao fundo do mar. A notícia correu rápido e, em todos os Estados do Brasil, multidões revoltadas gritaram nas ruas, pedindo guerra para vingar os mortos e defender o Brasil. Foi um grande momento aquele, momento de exaltação popular em que o povo brasileiro, através de todas as suas camadas sociais, se levantou, unido e forte, contra a agressão sofrida. Depois, veio a declaração oficial de guerra pelo governo brasileiro. E começou o processo de unificação interna, a repulsa aos elementos da quinta-coluna que ajudaram a matar os brasileiros. Começou um projeto de ação menos impetuosa e mais organizada. Organizações populares foram nascendo, espontaneamente, para colaborar no esforço de guerra.

Os verdadeiros patriotas, conscientes de que a união nacional era o único caminho para a vitória do Brasil contra os inimigos externos e internos, uniram-se em torno da política de guerra do Presidente Vargas, esquecendo interesses partidários e divisionistas. A industrialização do Brasil, a conquista das nossas forças e riquezas em potência, apareceu como uma necessidade imperiosa para ganhar a batalha do Brasil e das Nações Unidas pela independência das pátrias e liberdade dos povos. Volta Redonda e a batalha da borracha no vale amazônico são dois marcos dessa industrialização que conduzira o Brasil à sua libertação econômica.

Essa luta do povo brasileiro, iniciada há um ano, continua ainda, continua em ritmo crescente e vai vencendo todos os golpes da reação. A quinta-coluna, os integralistas e as forças reacionárias continuam a tentar golpes divisionistas e muniquistas, obedecendo à orientação do fascismo internacional. Navios brasileiros continuam sendo afundados. "Buarque", "Olinda", "Arabutan", "Cairu", "Cabedelo", "Parnaíba", "Gonçalves Dias", "Alegrete", "Pedrinhas", "Tamandaré", "Baipendi", "Aníbal Benévolo", "Araraquara", "Itajiba", "Arara", "Barbacena", "Piave", "Osório", "Lages", "Brasiloide", "Afonso Pena", "Bagé", todos esses navios jazem no fundo do mar, são riquezas brasileiras perdidas e sobretudo são vidas brasileiras perdidas. São centenas, já sobem a um milhar, são mil vidas humanas, mil elementos da comunidade brasileira que desapareceram tragicamente.

Diante desta agressão, diante do sofrimento e da morte dos nossos irmãos, diante da ameaça da escravidão fascista que pesa sobre o Brasil e o mundo inteiro, qual a resposta do povo brasileiro? Participação ativa do Brasil na guerra, eis a nossa resposta. Toda a nossa política de guerra, todos os nossos esforços militares e civis, oficiais e populares, têm convergido para esse fim: guerra ativa. E no momento do primeiro aniversário da declaração de guerra, a próxima partida do

[23] *O Imparcial*, 17 de agosto de 1943, p. 2.

Corpo Expedicionário Brasileiro é a comemoração mais digna e mais justa. Lutando ao lado das Nações Unidas, para destruir o fascismo da face da Terra, estaremos não somente vingando os nossos brasileiros mortos, mas estaremos defendendo o que é nosso, defendendo a nossa independência presente e assegurando a nossa independência futura.

O Corpo Expedicionário Brasileiro é a concretização de todos os esforços desse ano de guerra. Para a sua formação, à sua partida e ao seu êxito devem ser dirigidas todas as energias daqueles que desejam um Brasil independente e livre a todos os brasileiros.

Franco[24]

"São as voltas que o mundo dá"... Essa frase, eu a ouvia muitas vezes da boca de um curioso tipo popular, numa cidade do interior. Venâncio era o seu nome, e em plena rua, bêbado, costumava dizer de cor poemas inteiros de Casimiro de Abreu e trechos de Rui na Conferência de Haia. Entre os discursos mais solenes, intercalava sempre a mesma frase, estribilho monótono e dolorido com o que procurava explicar o seu destino de bem-nascido e malfadado: "São as voltas que o mundo dá".[25]

Os últimos telegramas sobre Franco, o caudilho espanhol, fizeram ressurgir aquela frase, esquecida no fundo da memória.

Realmente, Franco é uma das figuras mais antipáticas entre os tiranos atuais. Nascido no ambiente sangrento e agitado da Espanha, primeiro cenário da guerra atual, onde se deu o primeiro choque entre as forças progressistas e as forças reacionárias, Franco representa bem as forças reacionárias que possibilitaram o seu aparecimento. Franco é um tirano nascido do lodo de um mundo em decomposição. Franco representa as forças que dividiram e ensangüentaram a Espanha e deixaram uma das mais dolorosas lembranças de atrocidades e violência dos últimos tempos. Franco é um tirano marcado pelo ódio dos povos, e ele bem o sabe.

Após ser declarada a guerra entre as nações fascistas e as nações democráticas, Franco gritou ao mundo a sua neutralidade. Mas o mundo inteiro sabia que essa neutralidade era apenas uma farsa para melhor ajudar a Alemanha e a Itália, suas aliadas desde a guerra espanhola. Nesse tempo as nações, longamente trabalhadas pela quinta-coluna, estavam divididas internamente e divididas entre si. Veio depois a consciência do perigo, e começou a unificação interna de cada povo, e a união dos povos entre si. Essa união condicionou o preparo e a organização da

[24] *O Imparcial,* Salvador, 24 de agosto de 1943, p.2.

[25] Jacinta usou o mesmo personagem e a mesma frase em um trecho do poema "Canção da Partida", do livro homônimo: *Não sei, não sei se adivinho, / se Venâncio adivinhou:/ – são voltas que o mundo dá.* O artigo de jornal explicita a referência autobiográfica do poema.

luta antifascista. Essa união, que ainda continua em marcha, possibilitou as vitórias na África do Norte, na frente leste, no Pacífico, na China. Essa união possibilitou a vitória interna em cada nação contra a quinta-coluna. Essa união está possibilitando atualmente a magnífica ofensiva final na Rússia soviética e a abertura da segunda frente, que destruirá definitivamente o fascismo. A Conferência de Quebec está resolvendo os meios de realizar "uma mais íntima coordenação entre Moscou, Washington, Londres e as outras Nações Unidas, no sentido de serem utilizados todos os recursos dessas nações na campanha final contra a Alemanha."

Diante desses fatos, Franco compreendeu que o mundo de 1943 não é o mesmo mundo de anos atrás, que assistiu, confuso ou indiferente, à luta na Espanha. Franco compreendeu que não é somente a derrota da Alemanha que se aproxima, mas a sua própria derrota. E começa então uma ginástica perigosa e ridícula. As notícias mais desencontradas focalizam, de vez em quando, o nome de Franco: "Franco pede piedosamente para humanizar os bombardeios aliados"; "Franco sugere um acordo para a paz entre as nações"; "Franco será o possível intermediário para a paz na Itália"; "Franco pede armas aos Estados Unidos para evitar o caos"; "Franco conferencia em La Coruña, com Samuel Hoare, embaixador britânico".

Tentando salvar a si mesmo, Franco aceitará as condições que as Nações Unidas lhe impuserem, aceitará armas para evitar aquilo que ele chama enfaticamente de "o caos interno", e para se defender contra as suas antigas aliadas. Forçado pelas circunstâncias, Franco ajudará a segunda frente e a vitória das nações, e será este talvez, contra a sua própria vontade, o único ato justo em toda a sua vida. Mas, pobre Franco, a vitória das Nações Unidas, que ele será forçado a ajudar, será a sua própria derrota. Será mais que a sua derrota, será a sua morte e a morte de todos os tiranos na busca da vingança dos povos oprimidos. Essa figura sinistra está marcada pelo ódio dos povos. Pobre figura, ridícula como todos os tiranos, pobre fantasma de um mundo quase extinto que se colocou contra os povos em marcha. Foi inútil e ridícula a sua tentativa. Quis esmagar os povos e será esmagado por eles.

Sobre Franco, "as voltas que o mundo dá".

Lamentações do Führer[26]

O último discurso do Führer, ex-futuro dono do mundo, é um reflexo do atual panorama da guerra. Em tom lamuriento, como quem ia enterrando suas últimas esperanças moribundas, o Führer falou. Nenhuma ameaça. Nenhuma promessa. Nenhuma explicação. Lamentações apenas, fúnebres lamentações.

[26] *O Imparcial,* 14 de setembro de 1943. No original, grafado "führer", no título e ao longo do texto.

Quando se referiu às lutas aliadas e especialmente aos acontecimentos na Itália, a sua voz tomou um fundo tom de amargura. Realmente, deve ser uma coisa terrível para o Führer ver na Itália uma antecipação do seu próprio destino. "Mussolini é o maior homem da Itália e o povo italiano o traiu", afirmou Hitler. E deve estar pensando, sem afirmá-lo: "Eu sou o maior homem do mundo, e os povos estão me traindo".

Hitler chama de traição a magnífica luta libertária do povo italiano em busca do seu próprio destino. Essa luta que derrubou Mussolini e conduziu Badóglio ao armistício com as Nações Unidas, abriu um dos golpes mais fundos no fascismo e tornou mais próxima a vitória aliada.

As palavras amarguradas de Hitler refletem bem o que significa o caso da Itália para a derrota do fascismo. E a luta do povo italiano, ligando-se intimamente à luta dos povos aliados, não vai parar até a vitória definitiva contra o fascismo. Os acontecimentos italianos tornam cada vez mais vivos e mais presentes os versos de Luis Oscar na Tieto, escritos meses atrás, num poema que é uma poderosa invocação a Garibaldi:

Afasta para o lado, as pedras de Laprera,
o sono não curvou teu ânimo forte.
Grita teu nome, Itália verdadeira,
de Sicília a Milão, a morte espera.
Vem e desperta os cânticos distantes,
e à Roma Eterna voltarão de novo
olhos, braços e pulsos italianos
vivificados pelo antigo fogo.

Assim falou Hitler sobre a Itália e sobre a luta das forças aliadas no Ocidente.

E que disse Hitler sobre a frente leste?

Preferiu silenciar. Preferiu nada dizer diante do arranco do exército russo, que vai diariamente, à custa do sacrifício de milhões de vidas, reconquistando a pátria invadida. "Morte aos invasores nazistas. Glória eterna aos defensores da pátria". Cada ordem do dia do Marechal Stalin, anunciando novas vitórias, deve soar aos ouvidos do Führer como uma sentença de morte. O Führer preferiu silenciar. Depois de Stalingrado, ele sabe que somente derrotas o esperam. Stalingrado foi o começo da queda. Stalingrado foi o primeiro sinal da vitória dos povos. Stalingrado foi a primeira vitória contra o fascismo, quando o mundo ainda acreditava ser impossível vencer o fascismo. Stalingrado foi o primeiro despertar dos povos. Pablo Neruda, grande poeta americano, canta essa luta e essa vitória em poema magnífico, voz profética e profunda que parece vir de dentro dos acontecimentos atuais:

Já não estais só, Stalingrado.
Agora, americanos combatentes
matam a serpente do deserto.
Já não estais só, Stalingrado.
A França volta às velhas barricadas
e os grandes leões da Inglaterra
voando sobre o mar tempestuoso,
cravam as garras na fera parda.
Já não estais só, Stalingrado.

A mensagem das mulheres brasileiras[27]

A mensagem que as mulheres brasileiras enviaram às mulheres das Nações Unidas por intermédio da Presidente da Legião Brasileira de Assistência, D. Darci Vargas, revela o alto sentido patriótico e humano que está orientando o trabalho das mulheres no presente momento histórico.

A sra. Darci Vargas, agradecendo a homenagem que a Federação Internacional das Mulheres, em Londres, prestou às mulheres do Brasil, respondeu: "a alma feminina do Brasil acompanha, ansiosa e emocionada, o sacrifício e a dedicação das mulheres da Grã-Bretanha e demais Nações Unidas, colaborando com os seus soldados para defender a pátria agredida, para salvaguardar o mundo ameaçado. As mulheres brasileiras vos enviam, por meu intermédio, a sua comovida saudação, a vós e a todas as mulheres das Nações Unidas, cujo heroísmo e bondade constituem uma das maiores reservas de energias morais com que se há de construir a Vitória."

Esse trecho da mensagem diz bem da exata compreensão que as mulheres brasileiras têm do papel que lhes cabe desempenhar ao lado das mulheres das Nações Unidas.

E por que lutam as mulheres das Nações Unidas?

Lutam porque esta guerra lhes interessa profundamente. Dos acontecimentos da guerra, da destruição do fascismo, de uma paz com a vitória dos povos ou de uma paz com a vitória do muniquismo, de tudo isso depende o mundo de amanhã e o lugar destinado à mulher, nesse mundo.

Os soldados das Nações Unidas defendem os povos contra o fascismo e o muniquismo, que é a tentativa para fazer sobreviver o fascismo sob novas formas. Os soldados das Nações Unidas defendem, para todos os povos, as liberdades garantidas pela Carta do Atlântico. A Carta do Atlântico assegura para cada homem

[27] *O Imparcial,* Salvador, 19 de outubro de 1943, p. 2.

e cada mulher o direito de pensar, o direito de crer, o direito de não morrer de fome e o direito de agir, sem temer a polícia política. Portanto, os soldados das Nações Unidas, defendendo as liberdades democráticas para todos os povos, defendem também para as mulheres a possibilidade de uma vida melhor e mais livre. É por essa razão que a guerra interessa virtualmente a todas as mulheres, e por isso que lutam mulheres de todos os povos livres e de todas as classes sociais. Lutam nas frentes de guerra e nas retaguardas, nas frentes subterrâneas dos novos escravizados, lutam como guerrilheiras, como enfermeiras, como forças auxiliares do Exército, da Marinha e da Aviação, e em todas as campanhas civis de esforço de guerra.

Não faz muito tempo que o mundo inteiro assistiu, com profunda admiração, se levantar no Senado americano uma voz feminina vinda do Oriente longínquo, pedindo armas e auxílio para sua pátria continuar resistindo ao invasor. Madame Chiang-Kai-Chek, essa figura admirável de mulher, ficará na história como um dos mais altos valores femininos pela sua ação nacional e internacional em prol do povo chinês. Na China, ela organizou os movimentos femininos da "Nova Vida" e "Mobilização Espiritual", movimentos visando à unificação do povo chinês, atuou nas lutas ao lado do marido e resolveu muitas vezes, com seu fino tato diplomático, difíceis questões de divisão interna. Madame Kai-Chek, filha de uma nação onde imperou, por muitos séculos, um regime de escravização total da mulher, é bem um símbolo da mulher dos nossos tempos que conquista, pelo trabalho e pela luta, o seu lugar no mundo de amanhã.

As mulheres brasileiras, através da mensagem de D. Darci Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, também estão ao lado dessas mulheres que combatem. Na Legião Brasileira de Assistência, na Cruz Vermelha, na Liga de Defesa Nacional e em todas as outras organizações patrióticas, elas estão lutando para garantir a todos os brasileiros, homens e mulheres, os direitos assegurados pela Carta do Atlântico. Estão lutando pela autodeterminação do povo brasileiro, pela sua independência de povo livre.

Todas essas vitórias do povo brasileiro serão conquistadas nos campos de luta pelo Corpo Expedicionário. É por isso que as mulheres brasileiras estão ao lado do Corpo Expedicionário. Mais de 140 enfermeiras voluntárias já se apresentaram no Rio e, nos outros Estados, também já começou a apresentação voluntária.

Em torno do Corpo Expedicionário deve guiar-se[28] todo o trabalho das mulheres brasileiras – colaborando nas frentes de guerra, acompanhando os soldados ou nas tarefas da retaguarda, ajudando os soldados e as famílias dos soldados, participando de todas as campanhas que visem ajudar o esforço de guerra do Brasil. O Corpo Expedicionário é a concretização maior desse esforço de guerra.[29]

---

[28] *Deve guiar-se*.. No original: deve guiar.

[29] *O Corpo Expedicionário é a concretização maior desse esforço de guerra.* No texto de jornal, a frase é seguida de uma vírgula e de um incompreensível *o Corpo Expedicionário.*

Jornal *O Momento,* 1945-1946

O povo não pode mais ser enganado[30]

A escritora Jacinta Passos Amado pronunciou, no grande comício "A Bahia a Prestes e Yeddo Fiúza", o seguinte discurso:[31]

"O povo pode agora localizar, cada vez com mais exatidão, onde estão os seus verdadeiros amigos e onde estão os aventureiros, os demagogos e seus inimigos.

A guerra contra o fascismo abriu os olhos do povo, e depois da vitória das Nações Unidas, da Carta de São Francisco, da FEB, da anistia, da Constituinte, da candidatura de Yeddo Fiúza, não é mais possível enganar o povo.

E o que é o povo?

Não é uma palavra vazia que os demagogos gritam mas nela não acreditam. É alguma coisa que existe de verdade, como existe esta rua, esta cidade, com suas condições próprias de vida. O povo é feito de vós que estais aqui, que viestes da Penha, da Barroquinha, do Chame-Chame, da Estrada da Liberdade, das fábricas, das oficinas, das casas, lojas, repartições e escritórios. É Joaquim Monteiro, é Manoel estivador[32] que mora no Pau-Miúdo, que tem 7 filhos para criar, e cuja filha mais velha vai todo dia a pé, muitas vezes em jejum, do Pau-Miúdo até a Escola Normal, porque não mora longe, como milhões de irmãos nossos, que a distância isolou, sem dinheiro para pagar o bonde. O povo é Negro Benedito,[33] que como estrangeiro, em plena solidão, perdido no meio do mato, morando numa casa de terra batida, comendo carne-seca com farinha, de pé no chão, trabalhando sem descanso, sem saúde, sem médico, sem instrução, sem alegria, porque não tem dinheiro, porque não tem terra para plantar, e não tem terra para plantar porque o patrão é dono de léguas e léguas de terras abandonadas.

O povo é feito de vós, dessa gente que forma a maioria, a grande massa da nação brasileira. E como podeis defender os vossos interesses? É com golpes

---

[30] *O Momento*, Salvador, 29 de novembro de 1945, p. 5.

[31] Jacinta Passos era então candidata a deputada federal constituinte pelo PCB.

[32] *Manuel estivador*: Jacinta refere-se a ele também no poema "Canção da Partida", que abre o livro do mesmo nome: *Eu te conheço, Manuel,/ tu és Manuel de Maria, / meu compadre, estivador. / Pelo sinal / da nossa cor!* O cruzamento das referências lança luz sobre o estivador pobre da Bahia, compadre da autora e cuja filha mais velha estudava na Escola Normal onde talvez Jacinta a tenha conhecido.

[33] *Negro Benedito*: Alusão provável ao mesmo homem lembrado em "Canção da Partida", que Jacinta deve ter conhecido na fazendo do pai, em Cruz das Almas: *Benedito tem cem anos: / negro duro! / Cem anos de escravidão.*

armados, com tiros na rua, é cada qual sozinho gritando contra o patrão, maldizendo o governo e os poderosos? Não, isso é o que os vossos inimigos desejam, para, em seguida, gritar contra vós: "Prendam esses desordeiros!" Já sabeis como lutar. Já ouvistes desde maio a palavra: "Organizai-vos", "Organizai-vos", "Organizai-vos", de Luiz Carlos Prestes. Isto quer dizer que o meio de cada um lutar é se unir aos outros que têm os mesmos problemas e os mesmos interesses a defender. É entrar para as organizações de classe, para os sindicatos, comitês, associações populares, até que possamos dizer em breve: temos o direito de exigir pacificamente o que necessitamos porque somos a maioria do povo brasileiro. O povo vai falar, e vai falar pelo voto secreto. O voto é a vossa palavra, a vossa arma, vossa bandeira, vosso caminho.

E por que deve o povo votar nos candidatos do Partido Comunista? Porque eles defenderão um programa que não contém promessas bonitas e irrealizáveis. Esse programa cuida, antes de tudo, daquilo de que o povo mais necessita: melhorar suas condições de vida. Esse programa não agita questões que às vezes são problemas reais, mas secundários no momento, como a questão do divórcio, porque o operário sabe que em sua casa o que provoca a tristeza e a discórdia, o que faz falta não é o divórcio, mas o pão de cada dia. Apresentar programas com uma infinidade de questões secundárias para o Brasil, no momento, faz lembrar certo fato acontecido: um homem ia viajando de noite pela estrada, quando foi atacado por uma quadrilha de ladrões, que lhe roubaram a mala, dinheiro, tudo, até a roupa do corpo. O homem tentou reagir, mas apanhou e ficou semi-morto na estrada. Algumas horas depois, conseguiu chegar à vila próxima e lembrou-se de que a única pessoa que conhecia era o senhor dono de um circo que ali se encontrava. Escreveu ao amigo pedindo uma roupa e algum dinheiro para comer e viajar. Algum tempo depois volta o portador, puxando um animal pesado e enorme, e o recado: "O moço mandou dizer que desculpe, que não pode ajudar muito, e mandou este elefante para o senhor." Diante de certos programas suntuosos, o povo brasileiro poderia dizer, como o homem da história: "Há anos que sou roubado por essa quadrilha de ladrões, e agora, de que me adianta esse elefante, se o que preciso é de roupa para viver e comida para comer?"

Vou ler alguns dos pontos que os candidatos do Partido Comunista defenderão na Constituinte: "Luta pela ajuda decidida do governo, através de medidas práticas, contra a inflação." "Luta pela ajuda decidida do governo à organização sindical do proletariado." "As grandes propriedades abandonadas ou mal utilizadas junto aos grandes centros de consumo e as vias de comunicação já existentes deverão passar ao poder do Estado, para que sejam gratuitamente distribuídas aos camponeses pobres." Esses são realmente problemas de primeira necessidade. E são problemas que não interessam somente aos membros do Partido Comunista: interessam a homens e mulheres, ao povo em geral. Interessam também ao grande número de brasileiros honestos, não comunistas que ainda não se decidiram a apoiar o programa de união nacional do Partido Comunista.

Mas, perguntarão alguns, desconfiados, que garantia temos que os candidatos do Partido Comunista defenderão realmente o problema apresentado? A resposta é que os candidatos do Partido Comunista são homens do povo, são operários, são camponeses, são profissionais pobres, antes de tudo brasileiros que, defendendo o programa do Partido, estão defendendo seus próprios interesses.

Para esses brasileiros honestos, mas que ainda olham o Partido Comunista de longe, desconfiados, quero contar a definição dada por um camponês do interior de São Paulo. É uma história já muita divulgada, mas que vale ser repetida. No meio duma conversa, o camponês falou assim: "Seu moço, esse negócio de comunismo é o mesmo que assombração. A gente vai pela estrada, de noite, e vê o velho longe. O que é? O que não é? Quer voltar, correr, fugir. Mas de repente toma coragem e avança. O companheiro diz: "Não vá, homem, é alma penada, é lobisomem, é assombração. Mas a gente vai mesmo, e quando chega perto, não é assombração nem nada, é o pai da gente." Para esses que ainda não se convenceram de que o Partido Comunista é o "pai da gente", ainda é tempo para uma aproximação leal, para um conhecimento de perto. Se é que não basta a garantia de 23 anos de luta por cavernas e catacumbas, perseguido mas lutando, caluniado mas lutando, maltratado mas lutando pelos direitos do povo. Se é que não basta o nome e a vida e a palavra de Luiz Carlos Prestes. Se é que não basta a candidatura para presidente de república de um homem que não é membro do Partido Comunista, mas cujo nome foi levantado pelo Partido Comunista porque é um brasileiro honesto, progressista, trabalhador, corajoso, capaz de resolver os problemas do povo: YEDDO FIÚZA.

Comunistas e não comunistas, homens e mulheres, brasileiros, povo, lembrai-vos de que o vosso voto é secreto, e o voto é nossa palavra, nossa arma, nossa bandeira, nosso caminho, vós que desejais o progresso de vossa pátria e o bem-estar de vosso povo."

Só unidas as mulheres resolverão seus problemas[34]

O Partido Comunista é o caminho para as trabalhadoras – Fala-nos a escritora Jacinta Passos[35]

As chapas do Partido Comunista do Brasil em todo o país apresentaram nomes de intelectuais, escritores e poetas, juntamente com operários, à Câmara Federal e ao Senado. Foi isto uma demonstração da confiança que o partido do

---

[34] *O Momento*, 10 de dezembro de 1945, p. 3 e 6.

[35] Ao contrário dos outros textos jornalísticos, todos de autoria de Jacinta, este é o resultado de uma entrevista feita com ela, então candidata a deputada federal. Ajuda a esclarecer as posições políticas de Jacinta à época, que seguiam o programa do PCB, principalmente sua preocupação com a situação das mulheres e os caminhos que divisava para elas.

proletariado deposita nos intelectuais honestos, nos sinceros e decididos defensores dos apelos do povo, como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Aydano do Couto Ferraz e José Geraldo Vieira, romancista de profundas tendências religiosas.

Entre estes candidatos pela Bahia está Jacinta Passos Amado, poetisa de imensa sensibilidade que soube dizer tão bem, no memorável comício "A Bahia a Prestes e Yeddo Fiúza", aquelas palavras francas, de duro realismo, que soaram bem no fundo da grande massa de marmiteiros presentes na Sé, porque foram palavras dirigidas à miséria do pobre homem da rua, ao homem da marmita estranho aos oradores profissionais. Agora – três e meia da tarde – nossa reportagem encontra-se perante esta mulher de rara coragem. Jacinta Passos Amado fala pouco e é sempre clara e objetiva em todas as suas respostas. Há um instante em que a conversa recai sobre as últimas eleições, e daí tiramos nossa primeira pergunta para esta entrevista, que é sobre a posição da mulher na política. Nossa entrevistada fala devagar, dando tempo a que o repórter escreva a sua resposta com toda a calma, palavra por palavra:

– As mulheres estão demonstrando um interesse cada vez maior pelos acontecimentos políticos. Um fato que pude observar não somente aqui, mas em São Paulo, em Curitiba, em Porto Alegre, no Rio. É grande o número de mulheres que compareceram às últimas eleições. Elas participaram ativamente na campanha eleitoral, estiveram presentes nos trabalhos de organização dos partidos, nos comícios, nos jornais, nas chapas dos candidatos. Esse fato demonstra que as mulheres, no Brasil, estão adquirindo uma maior consciência política. É o resultado de um ressurgimento democrático que permitiu uma mobilização efetiva de todos os setores progressistas e revolucionários do povo. A mulher, e sobretudo a mulher operária, vai tomando consciência de sua condição, e vai compreendendo que não adianta lutar sozinha para resolver seus problemas fundamentais. Está compreendendo que seus problemas são os mesmos de milhões de outras mulheres e de outros homens. E que a solução desses problemas não depende apenas de cada um, mas está ligada ao processo de democratização do país, a um maior progresso econômico e político, que permita uma vida melhor para cada indivíduo.

A mulher operária

É por isso – continua Jacinta Passos – que as mulheres estão se interessando pelos acontecimentos políticos, pelas eleições, pelos fatos que vão influir tão diretamente em suas vidas. A mulher operária sente ainda mais diariamente esses problemas, porque a sua condição é a mais difícil; além de trabalhar em péssimas condições nas fábricas, para receber um salário que sustente ou ajude a sustentar sua casa e seus filhos, ela tem de resolver os problemas da casa, comprar os

gêneros, cozinhar, zelar pela casa e criar os filhos. Ela não encontra nem creches em número e condições suficientes, nem restaurantes populares, nem lavanderias e passadeiras elétricas, pois isso só um alto desenvolvimento industrial poderá trazer para facilitar sua tarefa doméstica, de mãe de família e de dona de casa. A mulher operária trabalha nas fábricas e nas casas, nas mais duras condições, sentindo falta do mais necessário para seu conforto. E nas fábricas quase sempre recebe um salário inferior aos dos operários.

É por isso que a mulher operária encontra, sem dificuldade, onde está a saída verdadeira para a sua situação. A sua entrada para a luta organizada no partido do proletariado é um caminho não apenas lógico, mas instintivo, para defender seus interesses. É grande o número de mulheres comunistas participando da luta ao lado dos companheiros, em defesa de melhores dias para seus filhos. A candidata do Partido Comunista por S. Paulo, Carlota Vizoto, é uma operária que perdeu o marido, morto na prisão, e tomou seu lugar de militante do partido.

A mulher burguesa

Há uma pausa. Várias pessoas estão presentes nesta sala de estar da casa do senhor Manoel Caetano, que é onde conversamos com a escritora Jacinta Passos Amado.[36] O repórter indaga da escritora qual a posição da mulher da classe média, da mulher pequeno-burguesa. A resposta é longa:

– Há um grande número de mulheres não operárias, sobretudo de pequena burguesia, que conseguiram uma independência econômica através do seu próprio trabalho, e que sentem os problemas femininos com mais agudeza. Algumas deles conseguem, através do trabalho prático, uma identificação maior com a classe revolucionária e também com o seu instrumento de luta, o Partido Comunista. Outras vão até determinado ponto: chegam a compreender a necessidade da luta organizada, da sua participação na vida política do país. Compreendem que do processo econômico e político do país depende uma melhoria de vida para todos, inclusive para as mulheres. Um exemplo dessas mulheres, que podemos designar de progressistas, é a outra candidata do Partido Comunista de São Paulo, D. Luiza Camargo Branco, uma antiga professora que não é comunista, mas participou de vários movimentos populares. Concluindo, quero dizer que há um número de reivindicações femininas comuns a todas as mulheres e que, em

[36] Note-se que a entrevista foi realizada na sala de estar do sobrado dos Passos, no bairro de Nazaré, Salvador, em meio "a várias pessoas". A posição política dos Passos, especialmente do pai de Jacinta, Manoel Caetano, era frontalmente oposta à dos comunistas. Jacinta, junto com o marido, retornara há pouco de Porto Alegre para Salvador, por ordem do PCB, para candidatar-se na Bahia a à Assembleia Nacional Constituinte,. Não foi eleita. Cf. Biografia de Jacinta Passos, nesta edição.

torno dessas reivindicações é possível um trabalho unitário e organizado das mulheres. Mas é preciso levar em consideração um fato: a mulher brasileira não tem ainda uma tradição de luta política; tem uma experiência pobre de organização, porque apenas começa a sair de um passado de opressão feudal.

As candidatas do PCB

Em seguida indagamos a razão por que o Partido Comunista apresentou tantos nomes femininos à Assembleia Constituinte, que será a voz máxima do povo brasileiro e a suprema concretização dos anseios democráticos das massas operárias e camponesas de todo o território nacional. Respondeu a nossa entrevistada:

– O Partido Comunista foi o partido que indicou maior número de nomes femininos para a futura Assembleia Constituinte. É um fato lógico, porque o Partido Comunista é o partido da classe em ascensão no mundo atual. A presença dessas mulheres na Assembleia Constituinte garantirá uma lei justa em relação à proteção à maternidade e à infância, e a todas as reivindicações femininas.

Arte e política

Quando saímos da redação, levamos em mente uma pergunta séria a respeito dos artistas, da arte social e da relação[37] existente entre essa arte e a política. Guardamos essa resposta para o fim. Os presentes a escutaram atentos e a artista do povo, a lírica e revolucionária Jacinta Passos Amado, como artista política, respondeu:

– Todo artista verdadeiro, isto é, todo artista que sente realmente a sua obra e procura realizá-la honestamente, faz arte social. Assim o grande poeta reacionário Mário Quintana faz arte social, porque sua obra reflete todo o desespero e o fim de vida duma classe sem solução. Assim os romancistas revolucionários de 30 fizeram arte social, porque refletiram no romance as aspirações de uma parte da população brasileira, que começava a pesar na vida social: os explorados do campo, famintos da terra. Nos regimes democráticos, existe arte reacionária e arte revolucionária. No fascismo, não há arte. Foi o que se viu na Itália, na Alemanha e no período de fascistização do Brasil.

Com o processo atual de redemocratização do país, estão sendo criadas novas condições para o artista produzir. A maioria dos nossos intelectuais são homens da classe média, não identificados com a sua classe, e que por isso não podem criar, dentro dela, uma arte que seria reacionária. Esses artistas revoluci-

[37] *Relação.* No texto de jornal: *criação.*

onários são homens que, para criar a obra de arte, necessitaram de um contato com o povo. Ora, com a polarização atual de forças que se está processando no Brasil, se abre por esses artistas a oportunidade de um contato maior com o povo, através de setores mais revolucionários, organizados no Partido Comunista. O partido está hoje ligado, realmente, à massa, e representa as suas aspirações. Por esse motivo é que a maioria dos grandes artistas atuais está ingressando no Partido Comunista. É claro que não é apenas pelo trabalho partidário, mas pelas possibilidades que este trabalho dá ao artista de sentir como o povo vive, e como luta em defesa duma vida sem as restrições impostas pela sua condição de explorado.

A autonomia municipal[38]

A escritora Jacinta Passos Amado pronunciou a seguinte palestra, no dia 23 último, no Centro Operário, em Alagoinhas:

"Cada município tem seus problemas próprios, suas necessidades, suas condições de vida e sua gente. Assim como cada Estado do Brasil[39] é diferente de todos os outros, cada município também é diferente. Por isso é que governar S. Paulo não é a mesma coisa que governar a Bahia,[40] e governar Cachoeira ou Barra ou Ilhéus não é o mesmo que governar Alagoinhas. Por isso também é que cada município deve ser governado pelo próprio povo, pela gente que mora nele, que conhece suas ruas, suas casas, sua feira, seu comércio, seu mercado, suas plantações e criações, seus transportes, suas escolas, suas vilas e roças, suas fontes de água e de iluminação.

E como pode o povo governar seu município, sua cidade?

O povo pode governar se estiver organizado. O povo deve se reunir, dentro da ordem, para lutar por aquelas coisas de que sente mais necessidade. O progresso do município trará uma vida melhor para cada um e, portanto, o progresso do município interessa a todos. Todos se devem reunir para lutar pelo progresso do município, que deve estar e está acima das diferenças de riqueza,[41] de cor, de sexo, de religião, de partido político, e acima das brigas pessoais. O progresso do município interessa tanto ao comerciante como ao trabalhador da roça que vem, nos dias de feira, vender o que planta, comprar o que precisa. Interessa

---

[38] *O Momento*, Salvador, 31 de dezembro de 1945, p. 2, e 7 de janeiro de 1946, p. 5. Logo após o título, está escrito: *Jacinta Passos Amado*. Até onde pudemos apurar, foi a única vez em que Jacinta publicou um texto de sua autoria (prosa ou poesia) com o nome de casada. A essa época, era candidata na Bahia a deputada federal, pelo PCB, utilizando o nome de casada. A palestra fez parte de sua campanha.

[39] *como cada Estado do Brasil* – no texto do jornal, *como em cada Estado do Brasil.*

[40] *que governar a Bahia,* – no jornal, *que governar Bahia.*

[41] *de riqueza* – *de riquezas*, no texto do jornal.

tanto ao preto como ao branco. Interessa tanto aos homens como às mulheres,[42] que dentro de casa sofrem a carestia da vida, a carestia do leite, do pão, da carne, da farinha, do feijão, das frutas, das verduras com que têm de preparar a comida para seus maridos e seus filhos. Interessa ao vigário católico, porque o povo bem alimentado, bem vestido, com escolas e médico e meios de viajar, aumentará a frequência para os ofícios religiosos. Interessa também às outras religiões, aos protestantes, aos espíritas. Interessa aos médicos, aos professores, aos empregados da prefeitura, aos empregados de lojas[43] e armazéns, às empregadas domésticas, aos músicos das filarmônicas, aos trabalhadores, aos pedreiros, ferreiros, marceneiros, aos *chauffeurs*,[44] aos operários de fábricas, de oficinas da estrada de ferro. O progresso de município interessa tanto aos que são do Partido Social Democrático como aos da U.DN., do Partido Trabalhista ou do Partido Comunista. O que todos desejam e o que cada um deseja é melhorar de vida, e ter uma vida menos difícil, e ter mais dinheiro – para criar e educar melhor seus filhos. Para conseguir isso, não adianta lutar sozinho, é preciso que todos se unam para discutir, dentro da ordem, quais são suas necessidades mais urgentes e como poderão resolvê-las. Qualquer divisão ou briga pessoal deve ser posta de lado, em benefício de todos.

Autonomia municipal

O povo deve organizar uma comissão em que entrem todos, em que ajudem todos, representantes de todos os partidos, todos os antigos prefeitos que já governaram e já têm uma experiência das dificuldades encontradas. Esse povo reunido não vai esperar que o governo do Brasil, ou do Estado da Bahia, ou os chefes de seus partidos, que vivem longe, venham resolver os problemas do município. Não, só o povo do município é capaz de governar a si mesmo, porque conhece suas necessidades. Isso é o que se chama autonomia municipal. O povo deve organizar a Comissão Pró-Autonomia Municipal de Alagoinhas e lutar por essa autonomia, enviando telegramas e abaixo-assinados ao Governo Federal e Estadual, pedindo para que faça parte da Constituição, isto é, da lei que vai governar o Brasil, que vai governar o presidente da República, o governador da Bahia, os prefeitos, e o povo pedindo que faça parte dessa lei a autonomia municipal.

Muitos municípios já tiveram bons prefeitos, uns honestos e trabalhadores que procuram trabalhar em benefício da cidade. Mas esses prefeitos encontraram três dificuldades principais: Primeiro,[45] eram prefeitos nomeados pelos

---

[42] *às mulheres* – sem a crase, no texto de jornal.
[43] *de lojas* – no jornal: *de loja*.
[44] *chauffeurs* – em francês, no texto de jornal.
[45] *Primeiro* – *1º*, no texto do jornal, aqui modificado para estar conforme o seguimento do texto.

interventores e não eleitos pelo povo do município, por isso não contavam com a confiança e a ajuda de grande parte da população; segundo, eram prefeitos nomeados pelos interventores e que podiam ser substituídos por eles, a qualquer momento, o que os impedia de iniciar qualquer obra de maior alcance e os obrigava a uma atitude muitas vezes servil, em prejuízo dos interesses da população do município; terceiro, eram prefeitos que governavam sob um regime de centralização administrativa, isto é, um regime em que a população do município sente o peso dos impostos sobre o comércio local, sobre as indústrias, sobre os produtos plantados, sobre os ânimos criados, sobre o solo ocupado nos mercados e feiras livres, sobre os carros de boi, sobre tudo, e têm de enviar para o Estado grande parte da renda municipal, quando[46] seria de justiça aplicá-la no progresso do próprio município.

Comissão Pró-Autonomia Municipal

O primeiro ponto do programa da Comissão é, portanto, lutar pela autonomia municipal. É interessar toda a população nessa campanha, é explicar o que significa autonomia municipal e como interessa a todos. A autonomia municipal será tanto mais facilmente conseguida quanto maior número de pessoas participar do movimento, assinar os abaixo-assinados e telegramas para o Governo Estadual e Federal. Esse primeiro movimento deve ser acompanhado de intensa propaganda, sessões públicas para explicar a campanha do povo, inscrições nos muros, nas ruas, notícia através do rádio, distribuição de boletins etc.

O segundo ponto do programa da Comissão deve ser a discussão, dentro da ordem, dos problemas de maior necessidade do município. Todos os interessados devem se manifestar, e a comissão então organizará um programa mínimo para o município, um programa concreto, imediato, procurando melhorar não somente a população que vive no centro da cidade como nas vilas, distritos, roças e fazendas. Depois de combinado este programa, a comissão deve estudar o nome de um homem residente no município que reúna as qualidades de homem honesto, capaz e trabalhador, que possa contar com o apoio da grande maioria da população, para ser indicado como candidato do povo para seu prefeito. Numa democracia, o povo pode não somente votar em quem quiser, mas indicar quem quiser como seu candidato. E é claro que o povo indicará alguém que possa, apoiado por ele, cumprir um programa que interessa ao povo. Esse candidato, apoiado por elementos de todas as condições e de todos os partidos políticos, será certamente o eleito nas próximas eleições para prefeito municipal. E se todos os municípios do Brasil lutarem por sua autonomia, pelo direito de se

[46] q*uando* – no jornal: *que*.

governarem, então veremos o Brasil progredir como nação. O esqueleto do Brasil é formado pela rede de municípios. Não adianta querer que o corpo do Brasil cresça, se desenvolva, progrida, se não se cuida de alimentar e desenvolver a estrutura óssea dos municípios.

Autonomia e o Partido Comunista

O Partido Comunista foi quem primeiro levantou a bandeira da autonomia municipal. Isso não quer dizer que a autonomia municipal seja uma campanha somente do Partido Comunista. Não, é uma campanha de todo o povo, que interessa a todos. Os comunistas estão prontos a colaborar, dentro da ordem, da tranquilidade e do progresso para essa campanha. Eles foram os primeiros a levantar a bandeira da autonomia municipal porque o Partido Comunista quer o que o povo também quer. Os homens e mulheres do Partido Comunista são homens e mulheres nós, nós vos daremos autonomia. Não. O Partido Comunista diz: organizai-vos, fazei vossa união, povo do município, vossos problemas têm de ser resolvidos por vós mesmos, vosso prefeito deve ser indicado por vós mesmos. O Partido Comunista não promete ao povo o que ele não pode cumprir. Não promete nada. Apenas ensina ao povo como lutar e conseguir o que necessita. É assim que age o Partido Comunista, que já existe há 23 anos lutando pelos direitos do povo. Muitos ainda hoje não se livraram inteiramente do receio que têm do Partido Comunista. É que durante anos e anos o que ouviam, o que lhes contavam, o que liam eram somente calúnias contra o Partido Comunista. Mas hoje eles veem os comunistas lutando às claras dentro da ordem, na frente do povo, para resolver os problemas mais urgentes do povo. Veem à frente do Partido um homem que procura antes de tudo os interesses do povo: Luiz Carlos Prestes. Veem que os comunistas não lutam contra a religião porque isto não interessa ao povo. O que interessa ao povo é ter as melhores condições de vida. Veem que os comunistas não querem destruir a família; eles lutam contra a miséria e a pobreza, para criar e educar melhor seus filhos. Portanto, os brasileiros progressistas e que desejam a prosperidade de seus municípios não temem lutar ao lado dos comunistas. O Partido Comunista na Bahia apresentou um programa mínimo estadual. Um programa que pode ser aplicado mesmo por aqueles que não são comunistas. Passo a ler alguns pontos desse programa.

Na Constituinte, os deputados comunistas defenderão o seguinte: todas as terras abandonadas devem passar ao poder do Estado, para que sejam distribuídas aos camponeses pobres que queiram trabalhar nelas. Isso interessa não só aos camponeses, também a nós que vivemos nas cidades. Por quê? Pelo seguinte: para haver prosperidade no Brasil é preciso haver fábricas no Brasil que produzam roupa, calçados, alimentos, tudo o que o nosso povo necessita. Enquanto

recebermos tudo do estrangeiro, os preços só podem ser elevados. Mas as fábricas e indústrias só podem se manter se encontrarem mercado interno suficiente. É preciso aumentar o mercado interno, isto é, aumentar o número de pessoas que podem comprar os produtos das fábricas. Nós sabemos que os camponeses que vivem no campo são milhões de brasileiros que vivem isolados do resto do povo. Os camponeses vivem nas fazendas trabalhando sem descanso, e nunca têm dinheiro para comprar, nas grandes cidades, os produtos expostos no comércio. O seu dinheiro mal chega para o mais necessário, para a carne, a farinha e a bulgariana ou chita para vestir a mulher e os filhos. Ao mesmo tempo, encontramos grandes pedaços de terra abandonados pelos donos que não plantam. É justo que essas terras passem ao poder do Estado e sejam distribuídas aos camponeses pobres que queiram plantar. Assim a vida desses camponeses vai melhorar. Com o dinheiro das plantações que ele vender, poderá comprar coisas para sua casa, sua mulher e seus filhos. E as fábricas do Brasil terão milhões de compradores novos para seus produtos e poderão fabricar por um preço menor. Isso será um benefício para todos nós, mesmo os que vivemos nas grandes cidades.[47]

As eleições e o interior do Estado

Como vemos, o programa do Partido Comunista é um programa que procura resolver os problemas mais urgentes do povo. São problemas das populações das grandes cidades e dos municípios do interior. Nas últimas eleições, a 2 de dezembro, o Partido Comunista teve muito maior votação nas cidades grandes do que nos municípios do interior. Em alguns municípios, essa votação foi mesmo nula. Esse fato levou um jornalista reacionário a escrever que o "comunismo no Brasil é um movimento urbano e litorâneo." Está muito enganado esse jornalista. O que há é que, até agora, as populações dos municípios do interior não puderam ainda ter conhecimento exato do programa do Partido Comunista. Conhecem sobre o Partido Comunista as notícias que lhes chegam através de jornais e dos vários reacionários. O Partido Comunista se mantém à custa das contribuições dos seus membros e não dispõe ainda dos grandes meios de propagação e penetração através dos territórios do interior do país. Mas isso vai sendo feito agora, e será feito rapidamente, porque o Partido Comunista só luta pelas reivindicações justas, e a justiça tem os pés plantados na terra, mas tem asas para voar.

No dia em que esse povo tomar consciência desse fato, dessa verdade, então o povo dos municípios não mais se deixará enganar pelas falsas promessas.

[47] A seguir há, no texto de *O Momento*, a seguinte frase, entre parêntesis: "(Passo a ler outros pontos do programa mínimo estadual do Partido Comunista)." Esses "outros pontos" do programa do PC, lidos pela conferencista, foram cortados do texto do jornal, sem que a referência a eles tivesse sido igualmente excluída.

O povo dos municípios saberá o valor do seu voto e só votará em quem puder resolver de fato seus problemas. Então esse jornalista reacionário verá que não se trata apenas dum "movimento urbano e litorâneo". Trata-se dum movimento nascido e enraizado também nos sertões e nos campos e em todas as cidades do interior. Trata-se dum movimento profundamente brasileiro: lutar pela autonomia de cada município, pela autonomia de cada Estado, pela autonomia do próprio Brasil governado pelo seu povo."

Separando para unir[48]

A reação policial e desesperada investiu furiosa contra a decisão histórica dos estivadores de Santos, contra a livre manifestação popular, pacífica, no Largo da Carioca, contra os operários da Light que lutam contra a miséria e a fome.

Diante desses fatos, que vimos acontecer?

Estamos vendo o nosso povo se mobilizar, tomar posição, homens e mulheres de todos os partidos, classes e profissões, condenando, protestando, na rua, na imprensa, na Constituinte, até arrancar das garras policiais os líderes do proletariado invencível, até arrancar dos seus postos as autoridades policiais desmascaradas.

Estamos vendo a imprensa burguesa, velha prostituta, enfeitando-se para arrancar mais dinheiro dos seus amantes imperialistas. E a obsessão de Chateaubriand e de uma turma de Chotosmirins a gritarem no deserto por uma união sagrada contra o proletariado. E alguns políticos apoiando, em nome da salvação da democracia, por ignorância, burrice ou safadeza. E outros políticos, manhosos, sinuosos, aproveitando o pretexto esperado para se entregarem à sedução do poder sob a capa de uma união patriótica que é falsa, porque não tem por base a solução dos problemas mais urgentes da nação.

Estamos vendo a classe média tomando posição, essa mesma gente que oscila conforme sopra o vento, sem saber bem onde estão os seus interesses, se estão com a burguesia que tem tudo nas mãos, mas está condenada a morrer, ou estão com o proletariado que tudo herdará, mas que hoje só tem a sua luta.

E por que amplas camadas da classe média e da burguesia progressista estão se colocando contra a reação? Porque se sentiram ameaçadas em suas liberdades, como o próprio proletariado. Sentiram, pela própria experiência dos últimos anos, que a perseguição contra os comunistas é apenas um começo. O fim é a posse do poder e, através dele, de todas as coisas, por uma minoria ligada ao capital estrangeiro, que tem interesses econômicos em controlar nossa pátria contra

[48] *O Momento,* 13 de junho de 1946, p. 3 e 4.

o silêncio forçado, o paradeiro e a miséria da maioria do nosso povo. Essa maioria, o proletariado, e a burguesia média e alta que quer progredir, estão sendo levadas pelos próprios acontecimentos a uma união para defesa de seus interesses comuns. Esses interesses são: solucionar os problemas mais urgentes, a fome do povo, o atraso do país, removendo as causas que impedem o progresso.

Eis aí, portanto, as bases da união nacional.

Não é uma simples união pela união, sem um objetivo concreto. Não é uma união idealista, como a quiseram alguns políticos: o proletariado como um apêndice das forças burguesas, sem política independente, sem assumir o seu papel histórico de condutor do movimento. Numa batalha, o general que vai à frente deve ser o mais firme, o mais corajosos dos soldados. E quem luta hoje mais decididamente pela efetivação da democracia entre nós se não o proletariado e o seu partido?

Os estivadores de Santos são já um símbolo dos tempos novos: sua luta é flâmula, é bandeira desfraldada, bússola e estrela, sangue e alimento das nossas melhores esperanças.

Assim vai a marcha dos acontecimentos, aprofundando cada vez mais o processo de democratização do país, vai separando para unir, desmascarando os reacionários e unindo os democratas. É cada vez mais profunda a linha divisória. De um lado, os democratas. Do outro, os reacionários. Dentro dos próprios partidos burgueses, que não são blocos homogêneos nem parados, vemos os fatos repercutindo, cindindo, definindo, separando os homens em democratas e reacionários.

Democratas são aqueles cujos atos contribuem para o bem-estar e o progresso da maioria do nosso povo e para o crescimento do Brasil como nação independente. Reacionários são os que agem contra os interesses da maioria, contra o progresso da pátria, procurando barrar o seu desenvolvimento, não colaborando para a solução dos problemas mais urgentes.

Brasileiros democratas e reacionários houve em todos os tempos. Democratas foram Tiradentes, Frei Caneca, Padre Roma, José do Patrocínio, Maria Quitéria, Castro Alves, os negros de Palmares, os baianos do Recôncavo e os seus batalhões da Independência, os soldados da FEB, todos os que contribuíram, no seu tempo, para o Brasil progredir. Reacionários foram Domingos Jorge Velho, Calabar, os emboabas e paulistas das lutas fratricidas, o Visconde de Barbacena, Joaquim Silvério dos Reis, os que foram contra a Independência, a Abolição e a República.

Reacionários são os que lutam hoje contra a democracia. Democratas são os que lutam por uma democracia efetiva, em benefício da maioria. A vitória dos democratas contra a minoria reacionária, a vitória do desenvolvimento pacífico para o bem-estar da maioria, contra uma guerra civil, depende de todos, de cada um de nós, da nossa capacidade de união com as forças democráticas para a luta organizada, de nossa ação, firmeza, vingança e decisão.

Jornal *O Momento,* 1956

Sobre a poesia brasileira[49]
(Conclusão)[50]

Começou, mais ou menos em 1860, a reação contra o romantismo, que degenerava num ultrarromantismo sentimental, dentro duma forma descuidada. Começou como um duelo através duma seção, "Batalha do Parnaso", em um jornal do Rio (Parnaso designa um monte grego, morada de Apolo, deus da poesia). Foi o começo da corrente literária chamada Parnasianismo. Contra o idealismo romântico, os parnasianos propunham uma mudança de forma, uma poesia objetiva. Alguns autores fixam o predomínio da corrente parnasiana de 1860 até 1878, contemporânea portanto do fim do 2º Império e dos fatos que precederam a República. São características principais da poesia parnasiana:

No conteúdo, os mesmos motivos do romantismo (predominando pátria, natureza e amor), sob outras formas.

Na forma, descrições, linguagem pura (abolindo palavras e expressões brasileiras), imagens como um recurso verbal (explicação ou enfeite), não como um dos fundamentos do poema, preferência pelo soneto, pelo verso de doze sílabas – alexandrino –, pelas citações, pela rima rica e rara.

A poesia patriótica dos parnasianos tomou uma feição diferente da dos românticos. Em vez da pátria-sentimento, da pátria-natureza, cantam principalmente a pátria-amada cujo governo a burguesia nacional tomará em suas mãos.

São os principais representantes do parnasianismo: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa, Vicente de Carvalho, Machado de Assis, Luis Guimarães, Guimarães Passos, Afonso Celso, Francisca Júlia, Gonçalves Crespo, Emilio de Menezes, Olegário Mariano, Raul de Leoni, Hemes Fontes etc.

---

[49] *O Momento,* Salvador, 8 de abril de 1956, p. 3 e 2 (nessa ordem).
O texto está publicado dentro da página intitulada "Literatura e Arte" (que tinha como subtítulo "Estudo-crítica-divulgação"), iniciada em *O Momento* no ano de 1956. "Literatura e Arte" ocupava uma página inteira, em um jornal que à época circulava com quatro, no máximo seis páginas. A seção não tinha periodicidade regular. É provável que Jacinta tenha dirigido toda a seção "Literatura e Arte" de janeiro a maio de 1956, sendo no período a responsável pela escolha das matérias que a integravam.

[50] Este texto é a última parte (Conclusão) de um estudo de Jacinta Passos sobre a evolução da poesia brasileira. Ignoramos em quantos números do jornal o estudo foi publicado, já que, relativamente a 1956, a Biblioteca Pública da Bahia possui exemplares de *O Momento* apenas a partir de 8 de abril, data em que foi publicada esta conclusão. No ano de 1955 não há no jornal artigos assinados por Jacinta.

Olavo Bilac (1865-1918) nasceu no Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos poetas mais influentes do seu tempo. Jornalista, foi redator de *O Combate*, *A Cigarra*, *A Bruxa*, *A Notícia*, *A Gazeta de Notícias*. Durante o estado de sítio que se seguiu à revolta de 1893, esteve preso durante alguns meses. Foi um propagandista do serviço militar e escreveu muitas poesias patrióticas, sonetos, além de poesias líricas, brilhantes e sensuais, outras épicas, outras filosóficas, outras didáticas, para infância e juventude, além de obras em prosa. São obras suas: *Poesias, Sagres, Poesias Infantis, Juca e Chico, Tarde*.

A poesia dos parnasianos não reflete as grandes mudanças do regime de monarquia para o regime republicano, assim também a poesia dos simbolistas, aparecidos no fim do século XIX. A palavra "simbolista" vem de "símbolo", muito utilizado nesta poesia; substituição do nome dum objeto por outra palavra que faça se lembrar dele, por exemplo um adjetivo que revele uma qualidade do objeto, uma palavra que faça lembrar o objeto pela semelhança dos sons etc. São características principais do simbolismo:

No conteúdo, os mesmos motivos (predominando morte, religião, natureza, amor) dos parnasianos, sob outras formas.

Na forma, forma subjetiva, vaga, imprecisa, utilizando frequentemente as onomatopeias (emprego de palavra, ou sucessão de palavras, que reproduz o som do objeto) e as aliterações (repetir as mesmas letras ou sílabas no começo de várias palavras).

Contra os parnasianos, que consideravam a poesia apenas como descrição, os simbolistas consideravam a poesia apenas como música e sugestão. São os principais representantes da poesia simbolista: Cruz e Souza, Alphonsus de Guimarães, B. Lopes, Félix Pacheco, Mário Pederneiras, Pereira da Silva, Gustavo Santiago, Emiliano Perneta etc.

A "minha terra" dos românticos, a "pátria-amada" dos parnasianos, na poesia dos simbolistas é uma pátria apenas espiritual, sem tempo nem lugar. Na poesia, por exemplo, de Cruz e Souza, é chocante a fuga da realidade material, por ser ele um negro, filho de negros escravos e que não toma conhecimento da escravidão em sua poesia. Sua revolta, se é que há revolta, está isolada, recalcada, disfarçada em fugas e mistérios. Talvez seja isso uma consequência de ter sido um escravo criado pelo senhor (Marechal de Campo Guilherme Xavier de Souza), de quem herdou o sobrenome e uma situação de outra classe.

Cruz e Souza (1861-1898) foi um dos maiores representantes do simbolismo. Negro, natural de Florianópolis, Santa Catarina, filho dum mestre pedreiro, ex-escravo alforriado pelo senhor durante a Guerra do Paraguai. Quando começou a escrever poesias simbolistas, o parnasianismo ainda predominava, e por isso caiu no ridículo, que o preconceito de cor acentuava.

Suas obras: *Broquéis*, *Faróis*.

Após o predomínio dos simbolistas, outra corrente literária surgiu em 1922. Durante os últimos anos do século XIX e os primeiros anos do século XX, sucederam fatos decisivos: a jovem República do Brasil iniciou sua existência num mundo de impérios e colônias, mundo cujo começo Camões cantara nos *Lusíadas*; a jovem República, ex-colônia disputada por portugueses, franceses e holandeses, continuou a ser disputada por outros impérios, o inglês e o americano; a "deusa democrática" dos tribunos republicanos nascia num mundo aceso de conflitos, que a revolução do conhecimento representada pelo marxismo, e mais o domínio da ciência, a conquista de meios rápidos de comunicação entre os homens e de domínio sobre a natureza, a grande indústria, a abolição da escravidão dos negros e outros fatos aceleravam, mundo de impérios e colônias que a Guerra entre países capitalistas, em 1914, para disputa do império mundial, pôs a nu, com todos os seus horrores e contradições.

A repercussão desses fatos na literatura, sobretudo as agitações provocadas pelos quatro anos de guerra, fez ver que o conflito entre literatura brasileira e literatura colonial brasileira (bandeira dos primeiros românticos) continuava atual e mais profundo. Mais profundo, pois dentro da literatura chamada de brasileira via-se nitidamente já a linha de demarcação entre poesia brasileira acadêmica (sobre motivos estabelecidos pelas Academias ou grupos literários) e poesia brasileira popular (sobre motivos populares). Tal conflito que reponta, desde muito antes, aqui e ali, em alguns escritos, provocou confusão entre a burguesia que, assustada, procurou dirigir a corrente que subia. Assim surgiu a corrente literária chamada Modernismo, que reuniu escritores e artistas na Semana de Arte Moderna em São Paulo. São características da poesia modernista:

No conteúdo, contra todos os motivos estabelecidos como literários e a favor de todos os motivos, mesmo aqueles considerados mais prosaicos (predominância dos motivos regionais, das anedotas).

Na forma, forma livre (sem métrica, sem rima, sem lógica), linguagem sem obedecer às regras do português clássico – emprego de palavras brasileiras e expressões populares. Alguns levaram a desordem da linguagem até a imitação do "futurismo", corrente literária iniciada pelo italiano Marinetti que pregava o emprego de substantivos ligados por traços de união, abolição de adjetivos, preposições, advérbios, orações subordinadas, tudo que chamavam de "parasitas da frase", imagens que consideravam audaciosas, ritmo desordenado. Havia, entre os que se reuniram sob o nome de modernistas, grandes diferenças. Os modernistas chamados regionalistas (sobre motivos das várias regiões do país) deixaram a melhor poesia modernista (brasileira e popular), como o poema "Essa nega Fulô", de Jorge de Lima, "Cobra Norato", de Raul Bopp (motivo do Amazonas), "Catimbó", de Ascenso Ferreira (motivos do Nordeste).

Para outros grupos modernistas, a poesia passou a ser malabarismo, anedota. Alguns poetas, representantes literários da burguesia deste país dependente, não mais tinham coragem de afirmar a existência da pátria diante dos senhores imperialistas. "Minha terra" dos românticos, "pátria amada" dos parnasianos, "pátria espiritual" dos simbolistas, "deusa democrática" dos republicanos, é, para os modernistas da "Semana de Arte Moderna", a "pátria piada". São representantes da poesia modernista: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida, Cecília Meireles, Tasso da Silveira, Jorge de Lima, Ascenso Ferreira, Raul Bopp, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade.

Mário de Andrade (1893-1945), paulista, foi um dos participantes da Semana de Arte Moderna e, pode-se dizer, o coordenador do movimento modernista. Sua obra poética é típica do modernismo; nela aparecem as várias tendências, às vezes contraditórias, que foram chamadas, no conjunto, de modernismo. Somente alguns poemas seus são um todo homogêneo.

Os poemas de 1920 (*Pauliceia desvairada*) e 1922 (*Losango caqui*) são quase sempre anedotas, onde o pitoresco é a nota predominante. Os manifestos sobre poesia refletem a confusão do poeta diante dum mundo confuso. Tudo se decompõe na sua poesia: conteúdo e forma. Mas o pitoresco predomina. No "O poeta come amendoim", diz: "Brasil que eu sou porque é minha expressão muito engraçada". Sua poesia, como a dos outros modernistas, queria principalmente espantar. Mesmo nesse tempo, já há, em alguns de seus poemas, notas populares, mas que ficam deslocadas no conjunto. O poeta confessa, no "Acalanto do Seringueiro": "Que dificuldade enorme – Quero cantar e não posso – Quero sentir e não sinto – A palavra brasileira". O poeta consegue seus melhores poemas quando faz poesia regionalista, como com Toadas, As Midas, Acalanto do Seringueiro, A Lenda do Céu, O Coco do Major etc. São obras suas: *Pauliceia desvairada*, *Losango caqui*, *Clã do jabuti*, *Poesias* etc. Deixou também uma obra valiosa de História e Crítica da Literatura.

Alguns poetas brasileiros não podem ser incluídos dentro dessas quatro correntes citadas, porque sua poesia não apresenta as características principais que distinguem tais correntes, embora inclua contribuições trazidas por várias dessas correntes poéticas. Por exemplo, Augusto dos Anjos, que viveu no começo do século XX, fez poesia que poderíamos chamar de poesia científica (naturalismo científico), que reflete as últimas descobertas científicas do século XIX, o choque entre duas concepções de vida (metafísica e dialética), poesia do evolucionismo, onde há demasia de termos científicos, mas há sonetos bons como "A Ideia".

Sob a influência de muitos acontecimentos (entre os quais as revoltas populares, os movimentos armados, a revolução de 35, a Segunda Guerra e, principal-

mente, o nascimento do partido político da classe operária, força dirigente da revolução), o conflito entre poesia brasileira acadêmica e poesia brasileira popular se aprofundou, e vai explodir em conflito entre poesia popular sobre o povo e poesia popular para o povo. Para o povo significa achar uma solução para a contradição entre poesia nacional e poesia universal.

Santa Marta Fabril S.A.[51]

Santa Marta Fabril S.A., peça de Abílio Pereira de Almeida, publicada pela Livraria Martins Editora – São Paulo, em 1955, já foi representada em São Paulo, pelo Teatro Brasileiro de Comédia, e no Rio de Janeiro, pelo Teatro Ginástico.

Para avaliar bem uma peça teatral, é necessário ler a peça e ver a representação. Quem julgar apenas pela leitura, fará um julgamento unilateral, porque poderá valorizar demais certos elementos, por exemplo, imagens poéticas, e não levar em consideração detalhes técnicos que, na representação, assumem importância decisiva. E teatro é escrito para ser representado. Por outro lado, quem julgar apenas pela representação, poderá não descontar as deficiências e erros dos atores, que podem valorizar detalhes secundários e deixar na sombra detalhes decisivos. Apesar de tudo, tentaremos fazer um julgamento só de leitura.

Muito verdadeira é a seguinte opinião: "nos outros gêneros literários, a fraqueza de conflito pode ser compensada pela intervenção do autor (por exemplo: digressões, descrições, retratos de personagens), mas não é assim no teatro". A *Santa Marta Fabril S.A.* apresenta, no primeiro ato, situado em 1928, uma família pequeno-burguesa que se transforma em proprietária industrial. Não se trata da alta burguesia paulista. A preocupação em se afirmar de "400 anos", os costumes dos personagens, as vacilações diante de questões políticas decisivas para a defesa da classe (vacilações que não teria a alta burguesia paulista), tudo indica que se trata de "novos-ricos". O primeiro ato apresenta uma situação não só real, mas típica. O interesse econômico da "Santa Marta Fabril S.A." está no centro. Marta e Cláudio unem-se em casamento, Júlia e o marido não se separam, tudo por causa da fábrica. Moral, amor, política, educação, tudo está subordinado ao interesse econômico. Isso é dito pela boca da velha fundadora da fábrica, D. Marta:

– Aqui se briga por qualquer coisa. Seu pai com sua mãe, Tonico e Vera, mas todos se unem em torno da Santa Marta.

A cena de noivado da neta, Marta, com Cláudio mostra os conflitos entre o amor e a família, conflito que Marta sofre, e que se acentua no final do primeiro

---

[51] *O Momento*, Salvador, 29 de abril de 1956, p. 3 e 2, nessa ordem. Texto publicado na página "Literatura e Arte".

ato. O segundo ato apresenta o mesmo cenário e os mesmos personagens treze anos depois. A diferença de tempo é bem marcada por alguns elementos no cenário: as relíquias e as bandeiras de 32, a parede de vidro substituindo o tijolo, o recitativo da menina. Também os personagens estão mais velhos e degradados, mais cínicos, mais farristas. Todas essas diferenças são, porém, secundárias, porque a Santa Marta Fabril S.A. continua sendo o centro de interesse. Mas a fábrica está em dificuldade. E aparece um salvador, na figura de Acrísio, agente da ditadura. Todos os escrúpulos dos adeptos de 32 (movimento constitucional protegido, através da ativa oligarquia paulista do café, pelos imperialistas ingleses) desfazem-se diante da necessidade de salvar a Santa Marta Fabril S.A. Mas quando, no final do ato, Marta se entrega a Acrísio e Cláudio conquista Nenê, mulher de Acrísio, sob pretexto de que estava salvando a Santa Marta, a impressão exata é de que eles enganam a si mesmos, e não estão representando de cínicos, são cínicos de verdade.

O terceiro ato, situado em 1938, traz outra vez, na presença de Martuxa (filha de Marta e bisneta da fundadora da Santa Marta), o mesmo conflito sofrido por Marta no primeiro ano. Martuxa é intelectual, acusada pela família de ideias socialistas, mas o que ela defende é também a propriedade da Santa Marta. Uma defesa mais inteligente, mais disfarçada, mais "progressista". Suas discussões sobre aumento de salário, greve, produção, põem a nu que a família, quando defende a Santa Marta, está defendendo só o seu lucro. Os operários da Santa Marta não aparecem. Só aparecem através de referências, vistos pelos olhos da família. O conflito de classe, entre operários e patrões, foi substituído, na peça, pelo conflito entre o amor de Martuxa e a família. Este último é um conflito sob alguns aspectos verdadeiro, mas secundário, e por isso não comove nem convence, sobretudo no final do primeiro quadro (do terceiro ato), quando a mãe diz para a filha "Agarre seu homem", nem no final da peça, quando a mãe apoia a fuga da filha com o amante, como uma vitória contra as convenções impostas pela propriedade da Santa Marta. Somente sob este aspecto de vitória contra a degradação e o cinismo é que a vitória de Martuxa consegue comover.

O conflito entre operários e patrões foi colocado em segundo plano, mas é tão verdadeiro que reponta, aqui e ali, apesar de tudo. O final da peça é mais do que uma fuga desse conflito, é uma espécie de conciliação entre patrões e operários, através do amor da filha dum patrão com o filho dum contramestre da fábrica.

A construção da peça exige os mesmos cenários e quase os mesmos personagens nos três atos. Isto não seria um defeito se o interesse do público pelo conflito que está no centro da peça fosse muito grande, e, em certos aspectos, verdadeiros. E a representação, para atingir seu fim, precisa comover e convencer. Dirigir-se à inteligência e ao coração dos espectadores. Poderiam perguntar: mas então o teatro só é válido se apresentar o referido conflito de classe? Estamos

analisando uma determinada peça, e a necessidade de representar tal conflito decorre do primeiro ato como foi apresentado pelo autor.

A linguagem dos diálogos é própria, os personagens falam através de palavras e expressões usadas, não livrescas. Há porém outros personagens, estranhos à família, como Acrísio e Nenê, cuja linguagem é a mesma da família, sem as diferenças de raça (Acrísio é descendente de italiano), de profissão (Nenê é uma aventureira de alta roda), de lugar (moram no Rio) etc.

O grande mérito da peça *Santa Marta Fabril S.A* é a sua atualidade. O autor traz para o teatro uma situação real, e é por isso que o dito conflito se impõe, independentemente da vontade do autor. O autor, se não me engano, tem a primazia de trazer a indústria para o teatro, no Brasil.[52]

História popular[53]

A Tocaia

Um camponês passava por uma estrada e encontrou um homem capinando a terra, na encruzilhada do caminho.

– Ó homem, podes me ensinar de que lado ficam as terras de Mироró?

– Desculpe a pergunta, mas o que é que o senhor quer lá?

– Quero terra para trabalhar com minha mulher e meus filhos.

O homem ensinou o caminho, dizendo: a estrada é comprida e perigosa.

Veio um segundo, e o homem ensinou o caminho. Até que um dia passou um viajante lorde, montado num belo cavalo, com ricos arreios. Fez a mesma pergunta, e o camponês ensinou o caminho errado.

O viajante andou muito e, já cansado, chegou numas terras. Disse consigo: deve ser o Mироró. Apeou, chamou todos os moradores da redondeza, e disse:

– Resolvi dar um pedaço de terra a cada um.

Aí um camponês falou:

– Mas Vossa Senhoria dá dado, sem troco?

– O senhor está duvidando?

– Duvidar, duvido. E quem é Vossa Senhoria?

– Sou o governo de Mироró.

– Hum! – disse o camponês – eu sabia que tinha de ter um troco... Mas se

---

[52] Após o texto, este aviso: "Para remessa de livros, folhetos, manuscritos, jornais, cartas e toda correspondência: Redação de *O Momento* – Av. Sete, 51 – 2º – Salvador – Bahia."

[53] *O Momento*, 29 de abril de 1956, página "Literatura e Arte". -Segue o texto anterior, "Santa Maria Fabril S.A."

Vossa Senhoria, sozinho, é governo, pode dar hoje e amanhã tomar de novo. E tem mais uma coisa que Vossa Senhoria não sabe.

– O que é?

– Aqui não é o Miroró...

– Ah! Desgraçado – disse o viajante, fulo de raiva. Tu me pagas!

Voltou, e até hoje procura o homem que lhe ensinou o caminho errado.

Sobre poetas baianos atuais[54]

Fazemos hoje algumas anotações sobre autores baianos atuais. São anotações sobre alguns livros e poemas inéditos, que nos foram enviados pelos autores.

Já nos referimos, em outro estudo, ao livro *Poemas Pacíficos*, de M. Ribeiro Costa, editado pela Empresa Gráfica Ltda. – Bahia – 1952. Voltamos hoje a falar sobre esse poeta, residente na cidade de Seabra, porque nos enviou vários poemas inéditos. Repetimos o que então dissemos: M. Ribeiro Costa é um poeta idealista que canta um mundo de paz, de fraternidade, de igualdade, para o qual caminha. A diferença de *Poemas pacíficos* para os poemas que agora nos foram enviados é que, nos poemas do livro, o poeta caminhava sozinho em busca daquele mundo; agora, já caminha, no "Poema do povo", em companhia dos "párias humilhados", dos "que tombam". Ainda mais, já descobre e grita contra os "cães farejadores de Guerras", contra os "corvos do ódio":

Vai meu verso dar consolo aos que choram
esperança aos que sofrem
coragem aos que tombam,
até que desponte o dia esperado...

No "Meu poema em louvor da Anistia", do qual transcrevemos hoje um trecho, o poeta já não fala dum modo geral do "vasto presídio da Terra": vê forças opostas em luta, vê os "cárceres", os "magnatas da Norte América", os "homens do cais", o "operário", "o camponês", "os estudantes". Continua sendo um poeta idealista porque espera como que um dia mágico, uma solução ideal que virá por outras mãos. Quando entender que a solução está em nossas próprias mãos, nas mãos do povo, então seu verso deixará de ser "um consolo aos que choram" para se tornar uma arma nas mãos dos que lutam.

É por isso que saudamos com alegria os novos poemas enviados pelo poeta que, apesar de continuar um espiritualista, como demonstra o poema "Humberto

[54] *O Momento,* Salvador, 6 de maio de 1956, p. 3, 2 e 4 (nessa ordem). Este artigo, como os anteriores do ano de 1956, foi publicado na seção "Literatura e Artes".

Jorge", para seu filho, não faz mais poesia em que o espiritualismo é uma justificativa para fugir do mundo material em que vive.

Sobre a forma dos poemas, há uma questão que surge: será o verso livre (sem métrica e sem rima) o instrumento mais eficiente?

Preferimos o verso metrificado, mas achamos que o verso livre também pode ser um instrumento eficiente. No caso do poeta, achamos que quebrou as antigas formas metrificadas, passando a usar o verso livre, não porque ficava mais fácil fazer poesia, mas porque as mudanças de conteúdo dos poemas exigiam novas formas. Mas é preciso ter um sentido muito vivo de ritmo, um sentido não só natural, mas educado, para nunca falhar no verso livre. O final de "Poema ao povo", por exemplo, tem um belo ritmo. Mas há outros trechos – como, por exemplo, no começo de "Meu poema em louvor da Anistia", o trecho que vai de "Aquela estrela branca" até "atrás da escuridão" – como se fossem prosa com algumas imagens poéticas. E poesia não é somente ritmo nem somente imagens, embora esses dois elementos sejam fundamentais em toda poesia. O poeta ainda emprega muitas imagens que chamamos "literárias", quero dizer, foram lidas ou sugeridas pelos livros dos literatos. E não só as imagens, também a linguagem dos poemas. Exemplo: "os ledos passarinhos", "áurea bonança", "cânticos festivais à Natureza", do poema "Humberto Jorge". Veja a diferença quando emprega comparações usadas atualmente pelo povo, como adiciona a força da expressão e o poder de comunicação ao poema. Por exemplo, em "Cantiga da rua escura":

Rua escura de minha terra,
de dia que é noite e de
noite que é dia,
que cheira a...,[55]
a lama e a sangue...

"A Cantiga da rua escura" é um relato de uma das chagas mais impressionantes do mundo burguês, tão impressionante que impressiona quase todos os romancistas do fim do século XIX. Mas o poema não mostra por que e como esta chaga, a prostituição, está ligada à própria existência do mundo burguês e só acabará quando acabar este mundo burguês. Também não mostra uma face da prostituição, a troca direta do amor pelo dinheiro, não mostra as outras formas dessa troca que, geralmente, são aceitas, consciente ou inconscientemente, pelos mesmos que condenam a troca direta do amor pelo dinheiro. "Cantiga da rua escura" é um retrato vivo desta chaga, mas os três últimos versos mostram que é cantada por um homem, e não por uma mulher: neles aparece o salvador, que

[55] Segue-se uma palavra ilegível, devido a erro de impressão.

quer salvar as vítimas dessa chaga social, mas sem ao menos lhes dizer que a situação da mulher como "propriedade do homem" é uma das colunas sobre a qual se assenta a ordem burguesa.

O poeta M. Ribeiro Cota já publicou *Poemas pacíficos* e vai publicar *Cancioneiro da saudade* (1944-1945), *Asas*, *Céu estrelado*, *Mansuetude*, *Enigmas*, *Rimeiro perdido*.

Telmo Padilha é autor de *Girassol do Espanto*, editado pela Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil. Diz o prefácio: "desprezando o hermetismo, prefere a expressão na simplicidade clássica". Os poemas do livro demonstram o contrário do dito no prefácio: são herméticos, fechados, incompreensíveis. Até alguns títulos são incompreensíveis: "Predestinação dos extremos". O autor diz:

Lírios eram pilares de cristal
subindo para as aves e para os céus
desceram sobre os mais amplos colos
de ilhargas e punhais...

Então o leitor indaga: ele queria mesmo dizer alguma coisa e não achou os meios de expressão? Ou juntou palavras por esporte ou fazendo uma experimentação, um exercício para futuros poemas? Seja como for, não é poema. Imaginemos: se um lírio escrevesse versos, seria numa linguagem que os outros homens entendessem. Isso de dizer "a poesia é para mim mesmo" (como uma estrela solitária ou uma válvula de escape), não se justifica. Respondemos: se é só para si, então não escreva. Não precisa escrever. Não queremos dizer que a poesia deve ser "objetiva", se restringir a ser uma fotografia da realidade visível. Não. Há muitas realidades invisíveis necessitando de expressão, principalmente depois dos séculos XIX e XX, quando mudanças profundas e dantes nunca imaginadas se operaram nos homens e entre os homens. Mas o que acontece com o poeta e com o prefaciador é que eles falam do homem desligado do tempo e do lugar. E tal homem não existe. Citemos um trecho do prefácio: "circunscrita a esses valores (os valores constantes são humanos e, em consequência, universais e eternos: a morte, o medo, o tempo, o nada, a memória), invulnerável a qualquer exterioridade, a poesia de Telmo Padilha pode converter-se em um marco que congregue toda a sua geração". Repetimos: o que o prefaciador chama de valores humanos, universais, eternos (morte, medo, tempo, memória) existem não como valores absolutos, mas variáveis, porque não existe o Homem, mas homens concretos, determinados, situados num tempo e num lugar. Tanto o prefaciador como o poeta, sob o pretexto de defenderem o humanismo na poesia, chegam a um resultado contrário, isto é, a uma poesia desumana, sem poder de comunicação com os outros homens. A prova disso é o livro.

No meio de alguns versos incompreensíveis, surge, às vezes, um ou outro verso compreensível, como no último poema:

O socorro da morte
não nos salva na úmida desesperança do nada.

E não seria para mascarar esse desespero, que nem o suicídio salva, que foram feitos os poemas? O que ninguém aceita é chamar tal arte de humanismo. Nem inventando outros dicionários.

Wilson Rocha é autor de *O tempo no caminho*, editado sob os auspícios da revista *Caderno da Bahia*.

Os poemas de Wilson Rocha estão também sob a influência do chamado "humanismo" a que me referi, mas não chegam a ser incomunicáveis. Há trechos de poemas, como "Desenho", belos pela imagem e pelo ritmo.

Difuso no sono
em fundo e silêncio
um rio começa
nos desvãos da memória.

É uma pena que o chamado "humanismo" leve o conjunto do poema a uma generalização demasiada, quase abstração. Essas mesmas qualidades de imagem e de ritmo estão no poema "Canção da menina afogada". O poema "A madrugada no quarto" inclui elementos novos, nomes de coisas atuais como "apitos, unhas de prisioneiro, resfolegar de máquina, língua de cão no lajedo, relógios, salários, lucros, secreções, moedas, travesseiro". Mas o poema "A noite no caminho" já não é daquele falso humanismo, e por isso mais humano, se bem que apresente um mundo desolador "e um menino perdido procurando o mundo". Este mundo desolador é falso porque o poeta vê o mundo como uma máquina:

A máquina do tempo
devora a rosa do mundo
sem tomar-lhe a cor.

No "Elegia noturna" há uma sensível influência de Augusto Frederico Schmidt. Quanto menos literárias são as imagens e a linguagem dos poemas, tanto mais verdadeiras, menos repetidas. Mas quando isso acontece nos poemas de Wilson Rocha, o que fica é, se não desespero, pelo menos desolação. *Só fica o deserto.* Desumano também.

Erastro de Lacerda nos tem enviado vários poemas, dos quais já publicamos um belo "Soneto de Natal" e o poema "Capitão de aço", em homenagem a Prestes, no dia 3 de janeiro último. Recebemos também um poema, "Imortalidade", dedicado a Stalin, e um poema sobre a Anistia, do qual publicamos hoje um trecho, e um poema sobre Tiradentes, que chegou depois de 21 de Abril.[56] A eloquência é uma qualidade de todos os poemas de Erastro de Lacerda. A forma metrificada apresenta, às vezes, falhas.

Queremos porém acentuar que o poeta precisa mudar a linguagem para falar sobre os motivos atuais que sempre escolhe. Sua linguagem é ainda presa às escolas literárias do passado, isto é, quase sempre palavras e expressões estabelecidas como literárias, como "a vil rapina", "os ecos", "te quedas", "Mãe Natura", "a prole terra" e até invocações aos deuses da mitologia, a Netuno, de mistura com o Deus e os santos dos cristãos. O "Soneto de Natal" e o poema "Esta terra é minha" são também eloquentes, mas a linguagem é muito menos literária, e são os melhores. Estamos nos referindo à linguagem, e não às concepções e convicções do poeta, das quais discordamos muitas vezes, como no poema "Capitão de aço", quando diz que a Natureza forjou Prestes do "metal mais forte", quando não foi a natureza, e sim o povo brasileiro, a classe operária do Brasil, o partido da classe operária, o Partido Comunista do Brasil.

Acreditamos que Erastro de Lacerda, com o domínio do ofício poético que já possui, poderia, por exemplo, utilizar a forma do soneto e fazer grandes sonetos sobre os motivos atuais.

Hélio Teixeira nos enviou três sonetos de sua autoria: "Corpo e alma", "Chão amargo" e "Retorno impossível". São todos belos sonetos, duma forma impecável. Os dois primeiros são sobre o velho conflito, já explorado por quase todas as escolas literárias, entre o "céu do sonhador" e a carne. O último, "Retorno impossível", é menos literário e mais sentido, é o soneto de um idealista que sabe que não pode mais ser idealista e não quer ser realista.

Dói-me tanto a fatal transformação:
criaram garras, não parecem flores
os lírios que trazia minha mão!

[56] Este parágrafo demonstra que Jacinta Passos escolhia as matérias incluídas na seção "Literatura e Arte", sendo portanto a responsável por ela: o poema "Imortalidade", de Erastro de Lacerda, a que se refere o parágrafo, foi efetivamente publicado no jornal no dia 3 de maio de 1956. A seção "Literatura e Arte" deve ter se iniciado a 3 de janeiro de 1956, aniversário de Prestes, data referida no parágrafo como da publicação do poema "Capitão de Aço". A partir de 6 de maio de 1956, a seção não mais publicou artigos ou poemas assinados por Jacinta, embora continuasse existindo até o final do ano. Não se sabe se, mesmo sem apresentar textos de sua autoria, Jacinta continuou responsável pela escolha das matérias da seção, a partir de maio. É possível que não, dado o incidente relatado em sua biografia, nesta edição.

Dizemos ao poeta que ser realista não é desistir da beleza, é ver o real. E o mundo real, se tem horrores, tem também belezas nunca dantes imaginadas.

O poeta Samuel Andrade nos enviou um poema, "Petróleo", do qual transcrevemos um trecho. É um motivo atual e ainda quase não trazido para a literatura. O poeta deve procurar, porém, não falar dum modo geral sobre o petróleo no Brasil, mas sobre determinada luta pelo petróleo num determinado lugar do Brasil.

Pedro Alves de Azevedo nos trouxe um poema, "Mensageiro da Paz". A linguagem é muito literária: "Na Paz tudo é sublime", "A brisa no espaço à toa", "A brisa que a aurora espanta". Queremos porém nos referir ao final do poema, quando o poeta diz que a Paz está chegando, e "os mercenários dos trustes" serão agricultores, e "aquelas mãos criminosas fabricantes de canhão" serão "mãos de padeiro para o fabrico do pão". Assim como foi dito, parece que a paz é uma deusa que vai chegar e, do alto, ditar aquelas transformações. E a ilusão está em supor que os mercenários dos trustes e fabricantes de canhão obedeceriam àquela deusa...[57]

[57] Após o texto, este aviso: "Para remessa de livros, folhetos, manuscritos, jornais, cartas e toda correspondência: Redação de "O Momento" – Av. Sete, 51 – 2º – Salvador – Bahia."

Iconografia

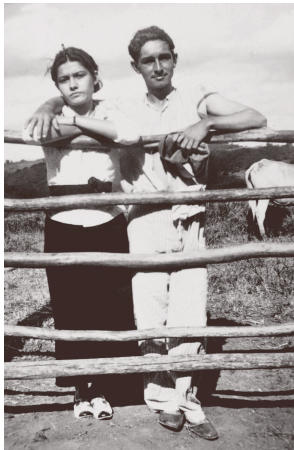
Jacinta Passos quando de sua formatura
na Escola Normal da Bahia, em 1932.

Os pais de Jacinta, Berila e Manoel Caetano da Rocha Passos.
Ambos pertenciam a famílias tradicionais de Cruz das Almas, Bahia.

O casal Berila e Manoel Caetano com os filhos. À esquerda
Manoel Caetano Filho, à direita, Lourdes; em pé atrás,
da esquerda para a direita: Dulce, Zete e Jacinta, quando adolescente.

Foto de família (com Nestor Santos, marido de Dulce, à esquerda), década de 1930. Jacinta veste blusa branca.

Jacinta, de vestido branco na foto à esquerda, e com o cabelo repartido ao meio na foto à direita, acompanhada das irmãs e primas.

Os percursos internos na região do Recôncavo baiano eram feitos a cavalo e de charrete. Jacinta mantinha a elegância nas duas situações. Década de 1930.

Jacinta com o irmão, Manoel Caetano da Rocha Passos Filho, o Nelito, seu companheiro de idéias, poesias e lutas sociais.

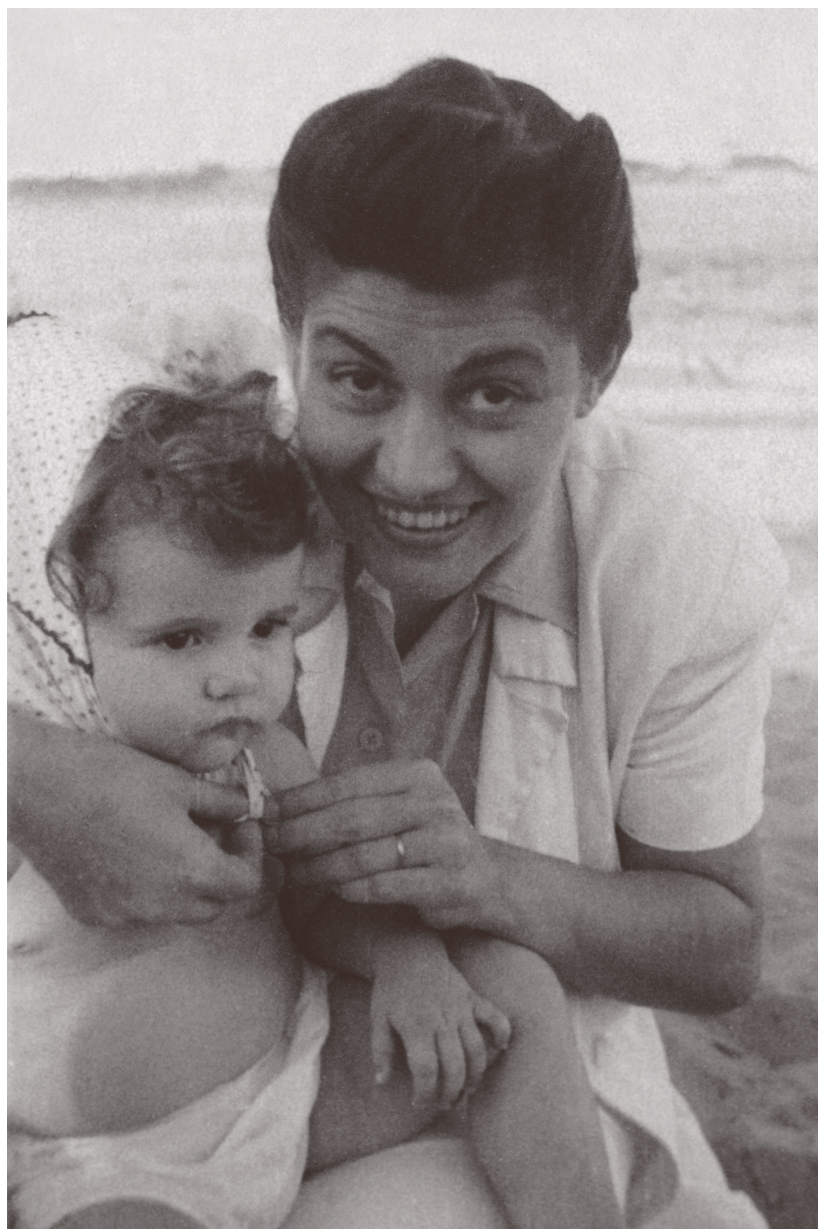
A fazenda Campo Limpo, em Cruz das Almas, onde Jacinta nasceu e passou a infância, é *locus* privilegiado na sua poesia.

No vapor que ligava
Cachoeira a Salvador.

Com a irmã Lourdes,
na rua Chile, em Salvador.

Nas duas fotos, Jacinta em frente à Escola Normal da Bahia, onde ensinou Matemática. Década de 1930.

Em Salvador, na primeira metade da década de 1940,
quando já exercia intensa atividade jornalística, política e poética.

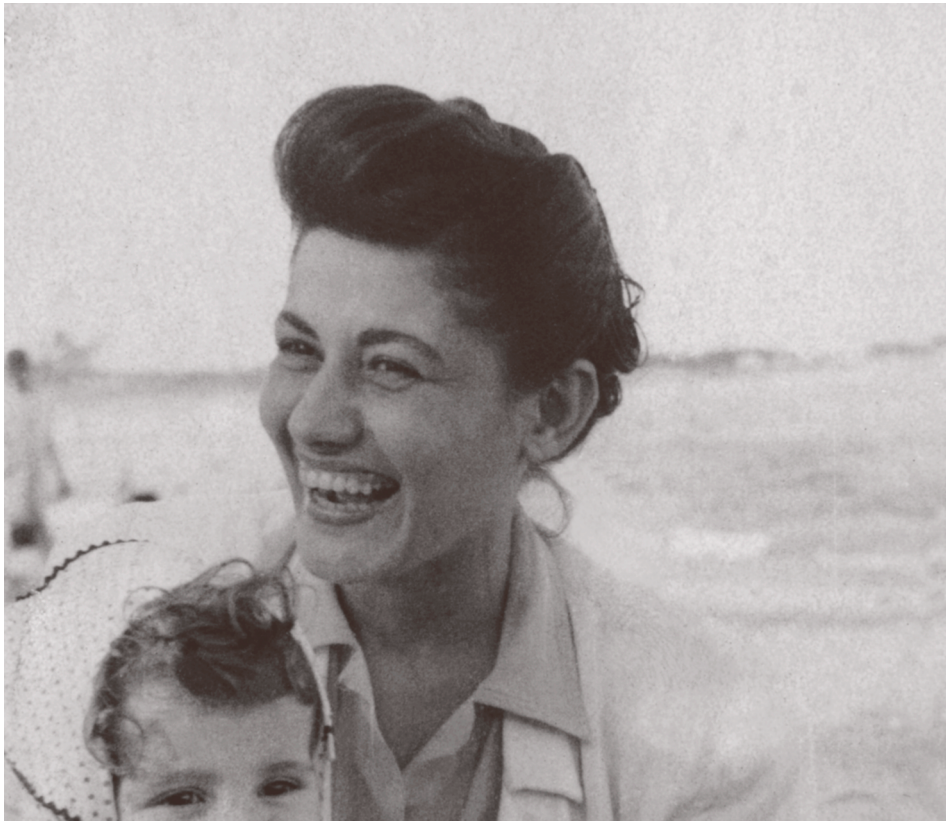
À esquerda, Jacinta com o marido, James Amado, em São Paulo,
em 1944, quando se casaram, em foto oferecida à mãe dela.
À direita, no Rio de Janeiro, provavelmente em 1951.

Com a filha Janaína na praia de Amaralina, Salvador, final de 1947.

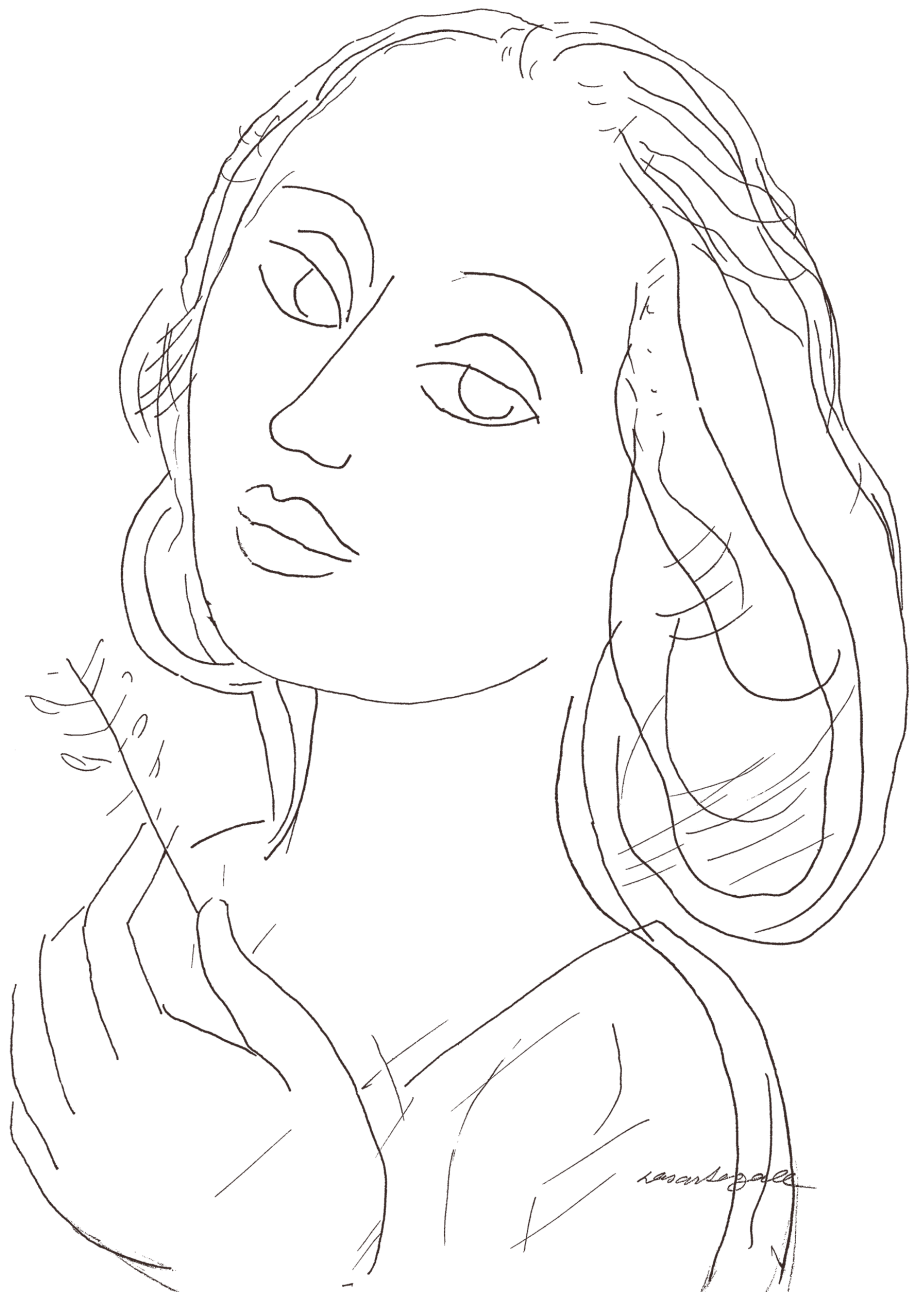
Nesta sequência, Jacinta com a filha e o marido, entre 1947 e 1951. A foto onde os três aparecem, de 1948, foi tirada na fazenda do sul da Bahia onde viveram.

A política teve grande importância na vida e obra de Jacinta Passos. Em meio a platéia predominantemente masculina, ela ouve discurso do jovem comunista Fernando Santana, na Câmara de Vereadores de Salvador, 1940. Abaixo, junto a Jorge Amado, em evento do Partido Comunista, durante a campanha eleitoral para a Assembléia Nacional Constituinte, 1945, em que também foi candidata.

Jacinta lê seu poema "O Enforcado", no encerramento
do 3º Congresso Brasileiro de Escritores,
Salvador, 1950.

cabelos escuros ~~ondulados~~, compleição forte, musculosa (botas, chapéu ~~com~~ abas largas etc)
ar de ~~[illegible]~~ negociante
aventureiro.

3) Indio Tape (aparenta 25 anos, veste-se tipo semelhante aos indios Tapes – tribu de indios Tupis que ocupavam o centro do atual Rio Grande do Sul. Tupis (Os indios ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ compreendiam muitas tribus ~~[illegible]~~ ocupavam zonas próximas ao litoral do Atlantico, alguns entraram em contato com os colonizadores portugueses e muitos fugiram para as selvas)
Uso do arco e flecha.

Em dezembro de 1947, aos 33 anos de idade.

Última foto conhecida de Jacinta Passos, década de 1950.

Biografia de Jacinta Passos: Canção da liberdade

Nada eu tenho neste mundo,
sozinha!
Eu só tenho a vida minha.
(Canção da liberdade)

Mulher, feminista, comunista, separada do marido, empobrecida, louca. Muitos foram os estigmas que Jacinta Passos enfrentou. Sua trajetória de vida absolutamente singular, bem como sua fidelidade às ideias e valores que elegeu, levaram-na a chocar-se diuturnamente contra tudo e todos, na contramão do tempo. Seus embates foram duríssimos. Não fugiu a nenhum. Ao contrário, parece que os buscou. Pagou um preço pessoal muito alto pelas escolhas que fez. Jamais se apresentou como vítima. Caneta e lança na mão, escudo de ferro no peito, foi como guerreira que se apresentou, lutando até o último dia de vida contra muitos, inclusive contra uma parte de si mesma. Venceu, foi derrotada e recomeçou várias vezes, sem nunca ter perdido de todo a ternura, como aconselhava Che Guevara – o Che da Revolução Cubana que ela tanto admirou –, pois foi poeta até morrer.

Nesta para mim emocionante reconstrução da trajetória de vida de minha mãe (com quem não fui criada), reuni tudo o que consegui sobre a existência dela, até agora muito pouco conhecida, apesar do trabalho pioneiro de Dalila Machado.[1] A experiência como historiadora ajudou-me bastante.

Utilizei documentos manuscritos e impressos, livros, jornais, correspondências, imagens e objetos localizados em arquivos públicos e particulares, bibliotecas públicas e privadas, igrejas, cartórios, hospitais e escolas, todos identificados parcialmente (apenas para fins de identificação), em notas, e ao final do texto de forma completa. Entrevistei pessoas que se relacionaram de alguma forma com Jacinta – familiares, amigos, empregados, companheiros de militância, alunos, intelectuais...–, gente que naturalmente compartilhou comigo diferentes perspectivas e sentimentos, por vezes conflitantes entre si, sobre ela; confrontei essas versões, sempre que possível explicitando-lhes as divergências, não as omitindo.[2] Recolhi também depoimentos escritos a respeito de Jacinta, inclusive os meus, o que me colocou na inusitada posição de narradora e personagem deste texto, historiadora e fonte ao mesmo tempo, experiência curiosa e, para mim, fascinante.

---

[1] Machado, Dalila. *A história esquecida de Jacinta Passos.* As referências bibliográficas completas estão ao final deste texto.

[2] Para uma discussão sobre procedimentos de história oral, cf., entre outros: Ferreira, Marieta de Moraes e Janaína Amado. *Usos e Abusos da História Oral.*

Finalmente, registrei informações sobre minha mãe recolhidas ao longo do tempo, em geral nas numerosas conversas sobre ela com tias, tios, primas, familiares dela – com quem não perdi o contato –, assim como com outras pessoas que foram próximas a ela, como meu pai, meus tios paternos, ou Mazi e Regina, empregadas durante décadas na casa dos Passos. Apesar do caráter pouco ortodoxo da coleta destas últimas informações (são lembranças minhas de conversas heterogêneas mantidas em situações também heterogêneas, sem objetivo de registro, ao longo do tempo), decidi incorporar várias delas ao texto, por duas razões: porque acrescentam dados relevantes, impossíveis de serem obtidos em outras fontes, ajudando assim a compor o complexo quebra-cabeças chamado Jacinta Passos; e porque, caso não fossem transcritas aqui, se perderiam para sempre. A fim de diferenciá-las dos outros tipos de dados coletados, denominei-as "registros", e assim são referidas nas notas.

Recheei meu texto com numerosas notas, para que o leitor, especialmente se pesquisador interessado em aprofundar-se no assunto, saiba exatamente de onde tirei cada informação, podendo inclusive avaliar-lhe veracidade e importância. O leitor interessado em conhecer apenas a existência de Jacinta Passos poderá concentrar-se exclusivamente no texto, que se sustenta sozinho.

Apesar do esforço de pesquisa, esta biografia resulta fragmentada e lacunar, como fragmentada e lacunar foi a existência de Jacinta, militante durante décadas de um partido político clandestino, interna durante anos em sanatórios, como esquizofrênica. Este texto representa um ponto de partida, podendo e devendo ser contestado, reafirmado, complementado, enriquecido.

Busquei fidelidade à biografada – colei-me a ela, às suas experiências, à sua trajetória, às opções que teve a cada fase da vida, às decisões que tomou, às que tomaram por ela, aos sentimentos e ideias que expressou. Sempre que possível, acrescentei informações históricas, para que Jacinta pudesse ser compreendida dentro da época em que viveu (e que, afinal, a conformou), época que já vai longe e foi bastante diferente da nossa.

Tentei evitar duas armadilhas, óbvias numa existência como a dela, e num relato como o meu, filial: procurei fugir tanto do maniqueísmo quanto do anacronismo histórico. E evitei transformar Jacinta em ícone, o que decerto a projetaria, mas lhe roubaria toda a humanidade.

Tenho consciência de que meu texto representa um ponto de vista, uma determinada perspectiva sobre a existência de Jacinta Passos. Espero que, a partir das informações aqui reunidas, novos pontos de vista surjam.

A vida vale por si

Que vontade de cantar:
A vida vale por si
(Canção da liberdade)

Sapo-cururu: infância

Jacintha Velloso Passos nasceu na fazenda Campo Limpo, município de Cruz das Almas, Recôncavo da Bahia, em 30 de novembro de 1914. Pertencia a família tradicional do lugar. Seu bisavô paterno, Manoel Caetano de Oliveira Passos, conhecido como "o velho", português de aspecto sisudo, no século XIX fora um dos fundadores do arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Cruz das Almas, próximo a São Félix e a Cachoeira, conseguindo obter terras na área.

O avô paterno de Jacinta,[3] Themístocles da Rocha Passos, depois de firmar-se na política local, tornou-se figura proeminente na Bahia, durante a monarquia e o início da república. Proprietário de fazendas, consolidou-se como chefe político e interlocutor da sua região (Cruz das Almas e outras localidades do Recôncavo) junto aos governos baiano e nacional. Elegeu-se duas vezes para o Senado da Província da Bahia (a partir de 1889, Estado da Bahia), recebeu o título de comendador e foi membro da prestigiosa Ordem de Cristo.

As trajetórias de Themístocles da Rocha Passos e de Cruz das Almas se mesclaram. À medida que o arraial crescia, com base na cultura do fumo de excelente qualidade e na fabricação de charutos, consolidavam-se a base eleitoral, a riqueza e o prestígio do comendador Themístocles – hoje, nome da principal praça da cidade. O político, por sua vez, garantia benefícios para seu reduto eleitoral. Cruz das Almas tornou-se rapidamente vila (1889) e cidade (1896), sede de município do mesmo nome. Grandes fábricas de charutos, como a Daneman e a

[3] A grafia do prenome de Jacinta adotada neste texto – Jacinta, sem "h"– é a mesma adotada por ela em sua vida civil (inclusive em seu registro de casamento), e também como autora. Estranhamente, todas as pesquisas feitas na região do Recôncavo, com o intuito de localizar o registro de nascimento de Jacinta Passos, foram infrutíferas; outros documentos dela grafam seu nome como no início deste texto (o prenome com "th", e o sobrenome "Velloso", com dois "l"), exatamente a mesma grafia do nome de sua avó paterna, que foi sua madrinha, e em cuja homenagem foi nomeada. Jacinta recebeu os sobrenomes dessa avó, não possuindo, ao contrário de suas irmãs, o sobrenome "Elói" também grafado "Eloy", da parte de sua mãe.

Suerdieck, vieram juntar-se às fábricas caseiras ali existentes. As primeiras gerações dos Passos, inclusive a de Jacinta, foram fortemente influenciadas pelos laços com Cruz das Almas, berço da sua gente, da sua projeção política, proventos, mentalidade e sensibilidade.[4]

O pai de Jacinta, Manoel Caetano da Rocha Passos, filho mais velho do comendador Themístocles, nasceu em 1884, portanto ainda durante o império e a vigência da escravidão; tinha o apelido familiar de "Ioiô" (também grafado "Yoyô"), corruptela de "senhor", "sinhô". Passou a infância entre Cruz das Almas e a fazenda Campo Limpo. Esta era uma propriedade familiar, dedicada à pecuária, onde seu pai fizera construir, em 1865, no alto da mais alta colina, uma bela casa-grande, com fachada de seis janelões.[5] Após estudar as primeiras letras, Manoel Caetano foi enviado para o seminário, mas ali permaneceu apenas dois anos, segundo a tradição familiar por falta de vocação religiosa. Dedicou-se a outra atividade de prestígio entre as famílias brasileiras de elite: a política, exercida profissionalmente por seu pai, com a qual convivia desde criança. Aos vinte e seis anos de idade, em 1910, durante a República Velha, Manoel Caetano foi eleito pela primeira vez deputado estadual. Não chegou, entretanto, a exercer esse mandato, devido a fortes disputas entre correntes políticas do Estado, que desalojaram temporariamente sua família do poder.

Nesse mesmo ano de 1910, Manoel Caetano casou-se com uma moça quatro anos mais jovem, Berila Eloy, de apelido familiar Bebé, nascida e crescida na região, também descendente de família antiga do local. Um irmão de Manoel Caetano, Alberto, desposaria uma irmã de Berila, Júlia, selando o hábito de casamentos endogâmicos nas famílias brasileiras isoladas em suas regiões e, no caso das mais abastadas, interessadas em conservar o patrimônio dentro do círculo familiar. Manoel Caetano era um homem alto, bonito, de traços finos e porte altivo; tinha o temperamento metódico, severo, reservado e persistente. Berila era uma jovem de estatura baixa e temperamento afável, que o tempo, aliado às responsabilidades familiares, tornariam também enérgica, e autoritária no âmbito doméstico.[6]

[4] Há duas versões para o nome "Cruz das Almas": a mais provável apontando a existência de um cruzeiro, localizado na antiga estrada de tropas para São Félix, em torno do qual o povo local costumava reunir-se, para procissões e novenas. Esse costume de reunir-se em torno de um cruzeiro era antigo no Brasil, daí a profusão, no país, de povoações, vilas, cidades, bairros e praias que até hoje mantêm o nome "Cruz das Almas". Na segunda versão, o nome seria homenagem a uma cidade portuguesa; entre os primeiros povoadores brancos da região, havia realmente vários portugueses.

[5] A casa ainda existe, em bom estado. A data da construção aparece no umbral da porta de entrada.

[6] Sobre a história da família Passos, cf. bibliografia sobre Cruz das Almas, documentos oficiais, depoimentos de familiares e as minhas próprias recordações e anotações. Manoel Caetano da Rocha Passos, pai de Jacinta, nasceu em 23/10/1884 e morreu em 1º/11/1958; Berila Eloy (às vezes, este sobrenome é grafado "Elóy" ou "Elói") Passos, mãe de Jacinta, nasceu em 23/3/1888 e morreu a 6/3/1966; Berila e a irmã Júlia eram filhas do primeiro casamento do pai. Depois de viúvo, este se casou novamente e teve outros filhos, que se davam bem com as irmãs mais velhas.

Ainda em 1910 morreu o senador Themístocles. Seu filho mais velho, Manoel Caetano, herdou a fazenda Campo Limpo, onde nascera e para onde se mudara com a mulher há poucos meses, logo após o casamento. Ali os dois viveram durante dezesseis anos. No Campo Limpo nasceram os três primeiros filhos de Ioiô e Bebé, três meninas, Maria José (Zete), Dulce e Jacinta – que recebeu o mesmo nome da avó paterna, Jacintha Velloso Passos, ganhando o apelido familiar de Jaci. É possível que o nascimento de Jacinta tenha causado decepção aos pais, pois foi a terceira filha do sexo feminino, numa sociedade patriarcal em que um casal costumava aguardar com ansiedade o nascimento do "herdeiro homem", como se dizia.

* * *

Quando Jacinta nasceu, portanto, sua família morava na fazenda Campo Limpo,[7] situada a seis quilômetros do pequeno núcleo urbano de Cruz das Almas e, no sentido oposto, a cerca de 43 quilômetros das cidades de São Félix, à margem do rio Paraguaçu, e de Cachoeira, na outra margem do mesmo rio. Os trajetos da fazenda até os núcleos urbanos eram percorridas a cavalo, charrete ou carro de boi, pela antiga Estrada Real, caminho aberto no período colonial para servir à movimentação dos tropeiros, e que ainda existe. De Cachoeira podia-se alcançar Salvador por transporte fluvial e marítimo, a partir do século XIX em barcos movidos a vapor.

Embora toda essa área do Recôncavo fosse de povoação antiga, e Cachoeira, sua maior cidade, tivesse se tornado um centro importante durante o século XVIII, à época do nascimento de Jacinta as populações e os núcleos urbanos da região, principalmente de Cruz das Almas, eram bastante modestos. A pacatez da vida ali, baseada em costumes e moral tradicionais – diligentemente conservados pela Igreja e pelos afetuosos e vigilantes laços familiares –, só era rompida durante as espetaculares disputas políticas. Nessas ocasiões, graças às eleições a bico de pena da República Velha e à truculência, os mesmos grupos revezavam-se no poder, garantindo para si o mando do lugar.

Jacinta viveu na fazenda Campo Limpo até os dez anos de idade. Mesmo após seu pai vender a propriedade ao irmão Alberto, e mudar-se de lá, durante vários anos ela e família passaram no Campo Limpo os períodos de férias escolares, que tinham então a duração anual total de quatro meses, além de fazerem frequentes visitas ao lugar, para temporadas mais curtas. A fazenda situa-se sobre suaves colinas, cortadas pelo rio Capivari. De sua bela sede cercada de árvores frondosas, construída ainda na época do senador Themístocles, os Passos podiam descortinar a paisagem, o gado que se espalhava pelos pastos e as casas dos

[7] A fazenda Campo Limpo ainda existe, pertencendo a membros da família Passos. Seu tamanho e configuração, porém, são diferentes dos da fazenda original.

trabalhadores, domésticos e agrícolas, alguns deles ex-escravos, um ou outro, mais velho, nascido talvez em África.

Locus da primeira infância – que, tudo leva a crer, foi feliz –, das brincadeiras e descobertas iniciais do mundo, essa fazenda teve significado importante na afetividade e na poesia de Jacinta. A ela a poeta dedicou vários versos, além de um poema inteiro, "Campo Limpo", escrito em 1939, cujo final resume seu sentimento em relação ao lugar:

Como a árvore que dá sombra e flor e fruto
esconde as raízes na terra de onde veio,
estão mergulhadas no teu solo
as raízes mais profundas do meu ser.

A vida no Campo Limpo forneceu também a Jacinta duas temáticas fundamentais em sua poesia, a da infância e a do povo. O mundo infantil, relicário íntimo cujas memórias cheias de significados repercutiriam vida afora, pode ser considerado uma espécie de princípio organizador da obra de Jacinta Passos.[8] São muitas as referências diretas dela à sua infância, como estes versos de "Cantiga de Ninar", que relacionam uma velha canção de influência africana – provavelmente ouvida pela primeira vez no Campo Limpo – ao apelido do pai de Jacinta, Ioiô:

Su su su
neném mandu,
quem dorme na lagoa
é sapo-cururu!
su su su, cadê papai Ioiô?

Em "Canção da partida", o longo e belo poema que dá título a seu segundo livro, publicado em 1945, Jacinta reuniu, em versos lúdicos evocativos da cultura popular, inovadores para a época, várias lembranças da sua infância – personagens, histórias, lugares, lendas, animais fantásticos, sensações, medos, cheiros... –, algumas diretamente relacionadas à fazenda Campo Limpo:

Campo Limpo, lobisomem,
menina de calundu,
medo de cobra e trovão,
escuridão!

---

[8] Cf., neste volume "A Infância como ponto de partida", de Fernando Paixão.

Já a temática do povo e sua redenção – da população brasileira humilde que precisava ter sua condição socioeconômica e educacional rapidamente melhorada – marcou profundamente tanto a poesia quanto a vida de Jacinta. A menina Jaci começou a conhecer a cultura de seu povo ainda no Campo Limpo, na convivência diária bastante próxima com os trabalhadores da fazenda, apesar da distância social entre eles.[9] Dessa intimidade com as manifestações populares, principalmente negras, aprofundada durante os períodos em que morou em outras localidades baianas – não fosse a Bahia um dos berços da cultura popular brasileira –, Jacinta extrairia o sumo da sua poesia, da sua ideologia e da sua atividade política.

Várias de suas poesias fazem referência às pessoas humildes com quem conviveu. Em "Canção da partida", aparecem moradores da fazenda e arredores, de Cruz das Almas, São Félix, Cachoeira e Salvador: Benedito, o negro com cem anos de idade, *cem anos de escravidão*, Vitalina, aquela que *manoca o fumo* para fabricar o charuto, Bernadete, *preta que nem tição*, o vaqueiro Zé do Carmo, o barqueiro Pé de Anjo, Manuel, Minervina, Estelita, Conceição, Regina, Tomásia...[10] Gente de carne e osso que Jacinta conheceu e, nos versos, foi congregando numa viagem mágica rumo a uma terra bonita, onde seriam respeitados e felizes. Gente como o velho Camilo, morador do Campo Limpo, a quem a poeta dirige uma pergunta aparentemente cândida, no entanto capaz de desvendar toda uma teia de relações sociais:

Camilo, você é pobre
e nunca foi senador,
mas por que é igualzinho
ao retrato de vovô?

Em 1924, quando Jacinta tinha 10 anos de idade, sua família – pais, duas irmãs mais velhas (Zete e Dulce) e dois irmãos mais novos (Manoel Caetano Filho e Lourdes), além da prima Bernadete, chamada em família "Detinha" – se transferiu para a cidade próxima de São Félix, à beira do rio Paraguaçu. São Félix era uma povoação antiga, fundada ainda no período colonial. Seus habitantes mais

---

9 Era comum no Nordeste o convívio próximo entre as famílias de proprietários e empregados rurais (a começar pela presença das amas de leite junto aos filhos dos senhores), principalmente entre as crianças. O romance a melhor expressar esse tipo de convivência talvez seja *Menino de Engenho*, do paraibano José Lins do Rego. A região do Recôncavo baiano, originalmente habitada por índios, desde o século XVI também por brancos e negros, apresenta até hoje uma cultura popular riquíssima, com forte expressão afro-brasileira.

10 Tomásia de Queiróz, a Mazi, começou a trabalhar na residência de Berila e Manoel Caetano Passos aos onze anos de idade, lá permanecendo até morrer, com mais de oitenta anos de idade. Regina Menezes Figueiredo, que prestou depoimento para esta biografia, trabalhou durante décadas para os Passos, inclusive diretamente com Jacinta, depois que ela se casou. As outras pessoas citadas também conviveram com Jacinta.

abastados moravam em casas construídas junto ao Paraguaçu e perto da ponte D. Pedro II, que liga a cidade a Cachoeira, na outra margem do rio. A família de Jacinta residia em sobrado às margens do rio, porém longe da ponte: possuía tradição e prestígio, mas não integrava o segmento mais rico da cidade. A economia de São Félix baseava-se na indústria de charutos, na agropecuária e no comércio, sendo os produtos transportados até Salvador em navios a vapor.

A mudança da família Passos para São Félix tentava criar condições para que o pai de Jacinta retomasse a carreira política. Embora sem exercer cargo político há quatorze anos, desde que fora impedido de cumprir seu primeiro mandato de deputado estadual, Manoel Caetano jamais abandonara a atividade política, praticando-a nos bastidores, em reuniões com grupos locais. Dessa forma, tentava conservar a herança política deixada por seu pai e por seu avô.

Desde 1921, em conseqüência de uma reviravolta política em Cruz das Almas, da qual fora provavelmente um dos artífices, o pai de Jacinta voltara a vislumbrar a possibilidade de candidatar-se a cargo político. Para isso, necessitava ampliar sua base e rede de relacionamentos, angariando eleitores e costurando alianças não apenas em Cruz das Almas, mas também em São Félix e em Cachoeira, centros econômicos e políticos da região. Como expressão da mudança dos ventos políticos, Manoel Caetano, ao se transferir para São Félix, foi empossado como fiscal de consumo do Ministério do Trabalho. Exerceria esse cargo até aposentar-se, trinta anos depois, já na década de 1950.

Em São Félix, Jacinta, seus irmãos e primos estudaram as primeiras letras. Ela demonstrou, desde essa época, curiosidade intelectual e gosto por aprender. Dedicou-se às brincadeiras comuns às garotas da época – picula, amarelinha, roda – e fez a primeira comunhão. Sua família era muito católica, e Jacinta, descrita pelos contemporâneos como menina séria, calada, introspectiva e extremamente responsável, cumpria à risca todos os deveres de boa filha e boa cristã. À época, esses deveres incluíam, para as crianças, o aprendizado do catecismo e uma convivência próxima com as atividades da Igreja – missas, quermesses, novenas, orações domésticas diárias, tanto solitárias como em família –, o universo católico povoando, formando e conformando corações, mentes, imaginações.

Serei rica ou serei pobre? Adolescência

Em 1926, quando Jacinta tinha doze anos de idade, a família Passos mudou-se novamente, dessa vez para a cidade de Salvador. Manoel Caetano vendera a fazenda Campo Limpo a seu irmão Alberto e, com os recursos provenientes dessa venda, mandou construir espaçoso sobrado no bairro de Nazaré, à rua Frei

Henrique, nº 29, uma ladeira que liga o final da Baixa dos Sapateiros ao Jardim de Nazaré.[11] O sobrado – que ainda existe, modificado –, onde Jacinta viveu adolescência e juventude, além de alguns anos na maturidade, era espaçoso, porém não luxuoso. Nazaré à época tornara-se um bairro de classe média ascendente, habitado sobretudo por profissionais liberais.

A mudança da família para Salvador atendeu a dois motivos principais: impulsionar a carreira política de Manoel Caetano, colocando-a em novo patamar, e encaminhar a educação e futura vida profissional dos filhos. A venda da fazenda indica que Manoel Caetano considerava a transferência definitiva, ou, ao menos, não pretendia voltar a residir tão cedo no interior. Aos 42 anos de idade, ele dera um importante passo na vida e apostava na nova fase. A mudança provavelmente integrava uma estratégia de ampliação do capital político da família, planejada com os parentes e correligionários ainda em São Felix: a transferência de um Passos para a capital, para junto do poder estadual, se bem-sucedida garantiria à família um formidável reforço no número e importância das alianças políticas. De fato, em 1927, ano seguinte ao da mudança para Salvador, Manoel Caetano candidatou-se a deputado estadual, sendo eleito.[12]

A eleição a deputado conferiu prestígio e poder a Manoel Caetano, no âmbito familiar e na capital do Estado, mas não garantiu a estabilidade econômica dele e de sua família, ao longo do tempo. Numa época em que os deputados não ganhavam muito; a política não era uma atividade necessariamente lucrativa; e a probidade representava um valor, em diversos círculos políticos (Manoel Caetano foi sempre referido, entre correligionários e adversários, como político honesto), não era fácil, para um deputado de família numerosa como a dele, sem outros bens que a casa onde morava, acumular patrimônio capaz de assegurar a tranquilidade econômica da mulher e dos filhos, ao longo da vida.

Mas um político ou aspirante a político da época devia fazer face a uma série de despesas, ligadas à "apresentação social", ao modo como devia se mostrar à sociedade. Manoel Caetano era um modelo de elegância, com seus ternos de linho bem talhados, colete, relógio de ouro, sapatos ou botas bem engraxados, chapéu, tudo da melhor qualidade. Jacinta, sua mãe e irmãs, especialmente depois de se mudarem para Salvador, mostravam-se muito elegantes, sempre bem trajadas. Era preciso ainda receber bem e frequentar ambientes selecionados. Tudo isso gerava despesas altas.

---

[11] A rua Frei Henrique era também conhecida como "Ladeira do Hospital", por abrigar – em frente ao sobrado dos Passos – um grande hospital. Um verso de Jacinta, citado à frente, faz referência à rua como "Ladeira do Hospital".

[12] A família Passos teve também outros políticos, entre eles vereadores e prefeitos de Cruz das Almas, deputados estaduais e federais. Como outras famílias políticas brasileiras, os Passos tiveram representantes em diversos partidos, sobretudo quando se tratava de representações fora do município.

Na turbulenta política nacional, nenhum político, por mais prestigioso, sentia-se seguro em seu cargo ou mandato por muito tempo. A conturbada carreira política de Manoel Caetano, com sucessivas perdas de mandato, foi exemplo disso. Nas fases em que seu partido não estava no poder, ele vivia do salário de fiscal do imposto de consumo do Ministério do Trabalho, capaz de garantir-lhe situação econômica muito mais confortável do que a da grande maioria da população, porém insuficiente para permitir acumulação de patrimônio. Ao morrer, na década de 1950, Manoel Caetano possuía apenas o sobrado de Nazaré, o mesmo de três décadas antes, construído com o dinheiro proveniente da venda da fazenda Campo Limpo.

A preocupação com a estabilidade financeira da família foi responsável pela decisão de Berila e Manoel Caetano de encaminhar as quatro filhas para a Escola Normal. Tentavam assim garantir-lhes profissão socialmente valorizada – uma das únicas consideradas apropriadas para moças do meio social das jovens Passos –, e, ao mesmo tempo, assegurar-lhes a sobrevivência econômica, se isso fosse necessário, no futuro.[13]

Jacinta percebeu o contraste, o desequilíbrio entre a aparência e a essência de sua vida familiar. Devido à posição social da família e à carreira política do seu chefe, os Passos deviam ostentar comportamentos e costumes nem sempre fáceis de custear. Era grande a diferença entre o que se mostrava e o que se vivia, esse jogo de espelhos tão comum à história brasileira. Jacinta tratou do assunto em "Canção da partida":

Serei rica ou serei pobre?
Tomásia de Queiroz,
minha criada!
me diga o que somos nós.
O meu pai é deputado
democrata liberal
– viva a eleição!
terça-feira vou ao baile
no Palácio Aclamação.
— Andar na rua sem chapéu
ficará bem para nós?

[13] Maria José, a Zete, filha mais velha do casal, que permaneceu solteira, aposentou-se como bibliotecária da Biblioteca Pública da Bahia; Dulce, casada ainda jovem com um médico, mudou-se para São Paulo, não exercendo a profissão; Maria de Lourdes, a mais jovem, também casada com um médico, mãe de sete filhas, aposentou-se como professora estadual na Bahia; Jacinta também trabalhou como professora.

— Não fica!
Minha irmã vai se casar
com um doutor.
Sou rica!
— Vamos vender Campo Limpo
para pagar nossa casa
na Ladeira do Hospital.
As meninas logo vão
entrar na Escola Normal,
é mais seguro,
professora é meio de vida,
ninguém sabe do futuro.
Minha mãe, minha mãezinha,
todo dia na cozinha,
faz doce para vender:
— Augusto Braço Cotó,
vá entregar no Triunfo
e cobre!
Não diga nada a ninguém,
meu bem.
Sou pobre!

* * *

Jacinta, Zete, Dulce e Detinha, aprovadas no exame de admissão, ingressaram na Escola Normal em 1927. As "quatro Passos", como se tornaram conhecidas, graduaram-se em 1932, quando Jacinta acabara de completar 18 anos de idade. A antiga, prestigiosa e gratuita Escola Normal da Bahia, fundada em 1836, situava-se no distrito da Sé, no bairro do Caquende, sendo frequentada sobretudo por meninas e moças de classe média e classe média alta.[14] Seus seis anos de duração correspondiam aos do antigo Ginásio, acrescidos da formação específica para professora, mas não davam direito a ingressar diretamente na universidade.

[14] As "quatro Passos" estudavam no turno matutino; como uniforme, saia cáqui e blusa branca, com gravata vermelha. A Escola Normal da Bahia, fundada em 1836, teve funcionamento intermitente no século XIX, para firmar-se no início do século XX. Situava-se na Av. Joana Angélica junto ao "Corredor do Caquende", entre o bairro de Nazaré e o centro da cidade. Após a transferência de Escola Normal para o bairro do Barbalho, o antigo prédio foi sucessivamente ocupado pela Faculdade de Filosofia e Letras e pelo Ministério Público. Hoje, com funções muito ampliadas, a antiga Escola Normal (que continua situada no bairro do Barbalho) denomina-se "Instituto Central de Educação Isaías Alves". Cf. entrevista com Maria Bernadete (Detinha) Passos de Almeida, Salvador, março 2004; documentos do acervo do Instituto Central de Educação Isaías Alves; e informações do arquivo pessoal de Maria Guimarães Sampaio.

Era uma escola considerada de boa qualidade, cujos docentes, bem preparados, transmitiam aos alunos tanto os conteúdos específicos das disciplinas como valores como respeito a Deus, à família e à pátria, conforme não deixa dúvida a primeira estrofe do hino da escola que Jacinta frequentou:

Nesta Escola, Sagrada Oficina,
Que Áureos Frutos Sem Conta Produz,
Aprendemos, à Luz Peregrina,
Às Carícias do Olhar de Jesus,
A Formar Corações Tão Perfeitos
Que Um Instante, Um Momento Sequer
Não se Furtem de Dar, Satisfeitos,
O Que a Pátria, Exigindo, Quiser!

Enquanto isso, as normalistas da Bahia e do Brasil incendiavam a imaginação, nem sempre casta, dos rapazes do Brasil:

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor...[15]

Estudiosa, aplicada, inteligente, Jacinta destacou-se nos estudos, formando-se com láurea na Escola Normal. Gostava, sobretudo, de matemática – foi escolhida a melhor aluna de matemática da escola, pelo diretor, Sólon Guimarães –, e, quando se graduou, passou a ensinar essa matéria. *As colegas sempre pediam ajuda a ela, ela sempre sabia as matérias, ensinava a gente na época dos exames*, contou sua prima e colega Detinha. Nessa época, começou a firmar-se entre familiares e amigos a imagem de Jacinta como muito inteligente e culta, imagem que se consolidou, com o passar dos anos e das atividades desenvolvidas por ela: *Todos falavam de sua inteligência, de seu preparo*, comentou Ana Maria, prima em segundo grau que frequentava semanalmente a casa dos Passos, em Nazaré. *De nós todos, ela era de longe a mais inteligente, a mais preparada. Tinha muito boa memória e era muito estudiosa e curiosa. Era muito exigente consigo mesma e*

[15] "A Normalista", de Benedito Lacerda e David Nasser, foi grande sucesso na voz de Nelson Gonçalves. Também na literatura a figura dessa estudante se fez presente, desde pelo menos 1863, data de publicação do romance *A Normalista*, de Adolfo Caminha. São conhecidos também os textos de Nelson Rodrigues e Dalton Trevisan sobre as estudantes que acendiam a fantasia masculina.

com os outros, recordou-se diversas vezes a irmã Zete.[16] Ainda estudante, Jacinta começou a dar aulas particulares, para crianças e jovens.

À época, Jacinta já escrevia poemas, embora não gostasse de mostrá-los, nem mesmo às irmãs.[17] Era reservada, não tinha muitas amigas, porém algumas, como Suzana Imbassay, eram vistas constantemente a seu lado. Calada e quieta, Jacinta, contudo, acompanhava as atividades sociais e religiosas da família. Há notícias, confusas, sobre desavenças familiares entre ela e os pais: adolescente, teria sofrido castigos, principalmente o de ficar reclusa no próprio quarto, mas não são claros os motivos nem o teor dessas desavenças.[18]

Uma foto de Jacinta em família, datada provavelmente do período em que começou a cursar a Escola Normal, mostra-a ladeada pelas irmãs mais velhas, já bonita, morena, o cabelo preto partido ao meio e preso atrás, olhar e postura acanhados, de menina-moça da época. Outra foto, de alguns anos mais tarde (1932, ano da sua formatura), apresentam-na sozinha, vestindo o uniforme de gala da Escola Normal – o "EN" em forma de broche preso à blusa branca, os detalhes sobre a grande gola pontuda –, exibindo expressão serena, quase sorridente; em destaque, seus grandes olhos negros, que parecem fitar o interlocutor, entre risonha e preocupada. Jacinta já demonstrava uma das características mais marcantes de seu temperamento, que a acompanharia durante toda a vida: a dedicação integral a tudo o que escolhia fazer. *Minha irmã Jaci nunca fez nada pela metade. Ela sempre foi inteira, completa, total. Foi assim com a religião, com a política, com o casamento, com todas as atividades que desenvolveu*, contou Zete.[19]

* * *

Jacinta, à época, era extremamente católica. A família Passos inteira o era, tendo seus valores e comportamentos fundados na religião, numa fase em que o catolicismo exercia imensa influência sobre a sociedade brasileira, o padre representava a autoridade central, e as atividades sociais eram reguladas pelo calendário da Igreja. A Igreja Católica de então era bem mais ortodoxa do que a de hoje: condenava as outras religiões, defendia códigos morais rígidos e, em geral, acompanhava politicamente os governos, condenando dissidentes. A partir da revolução russa de 1917, tornou-se um dos grandes bastiões mundiais na oposição e luta contra o socialismo e o comunismo.

---

[16] Depoimento de Ana Maria Rios Baptista, Salvador, agosto de 2004. A evocação de Zete, a irmã mais velha de Jacinta, me foi transmitida pessoalmente mais de uma vez.

[17] Não se conservaram poemas dessa fase. Registros de Manuel Caetano Filho e de Maria José Passos.

[18] Depoimento telefônico de Ana Maria Rios Baptista, outubro 2004. Registro de Dulce Passos. Registro de Tomásia de Queiroz.

[19] Registro de Zete Passos; carta de Zete Passos a Janaína Amado, 13 de junho de 1986.

Ao que tudo indica, à medida que sua adolescência prosseguia, Jacinta ligava-se cada vez mais à religião. Como em tudo o que fazia, não admitia meias ações, relutâncias, hesitações. Por inclinação natural, ou para diminuir a solidão de moça retraída, entregou-se aos sentimentos religiosos e às atividades ligadas à igreja. *Jaci era muito carola*, relembrou sua irmã, Dulce. *De todas nós, era a mais carola, a que queria fazer tudo mais direitinho na igreja. Tinha que ser a que mais rezava, a que mais pagava penitência, a que ensinava melhor o catecismo. Quem diria que ela mudaria tanto, depois?*,[20] continuou. Nessa época, Jacinta tornou-se Filha de Maria. O marianismo, a partir de então, foi um dos fortes traços da sua fé, como se lê nos versos finais de seu poema "Maria", escrito aos vinte anos de idade:

Prisão, torturas, sede, fundas dores,
desprezo, ingratidões, açoite, horrores,
tudo sofreu por nós, pobres mortais.
Ainda entrega no instante da agonia,
imaculado, o vulto de Maria,
o bem maior que todos os demais.[21]

Jacinta dava aulas de catecismo para crianças, tanto na paróquia de Nazaré, em Salvador, quanto na Fazenda Campo Limpo, onde passava as férias escolares. *Ela era uma professora nata*, relembrou sua prima Detinha. *Gostava de ensinar, sabia ensinar, tinha aquele dom. Mas era exigentíssima com os alunos.* No Campo Limpo, Jacinta também deu aulas de alfabetização para os filhos dos empregados da fazenda, que não frequentavam escolas. *Ela tinha muito essa preocupação social, essa preocupação com os necessitados, os menos favorecidos. Tinha isso desde pequena. Montou uma espécie de escolinha lá na fazenda. Dava aula nas férias*, lembrou-se Detinha, muitos anos depois.[22]

Atingir o inatingível: juventude

Assim que se formou, Jacinta Passos assumiu integralmente as atividades de professora. Ampliou o número de alunos particulares e o de noites semanais em que lecionava para mulheres pobres, em geral empregadas domésticas, na Escola Paroquial de Nazaré, próxima à sua residência.

[20] Registro de Dulce Passos Santos.
[21] O poema integra *Momentos de Poesia*, e está reproduzido nesta edição.
[22] Entrevista com Maria Bernadete (Detinha) Passos de Almeida, Salvador, março de 2004. Outros depoimentos e registros corroboram tanto a aptidão de Jacinta para o magistério quanto sua preocupação com os pobres.

Logo foi também contratada como professora de matemática da prestigiosa Escola Normal onde estudara.[23] Era considerada muito segura do conteúdo que ensinava, dedicada e responsável, atenta às estudantes, mas, também, exigente. Uma ex-aluna relembrou:

> [Jacinta] *me impressionou e marcou pela postura: era uma professora jovem, mas segura de si, que se dirigia a todos os alunos, mas sem intimidades. Era delicada com todos, mas, ao mesmo tempo, sabia guardar distância.* [...] *Os trajes que usava eram sem decotes, blusas ou vestidos mais fechados, de manga, com o penteado preso atrás, como se usava na época.* [...] *Eu a achava elegante, no seu passo firme, miúdo, seu andar compassado. Sua voz era clara, em tom natural, todo mundo a ouvia sem que precisasse gritar. Dava bastante atenção aos alunos, mas também conseguia muita disciplina em sala, só pela sua postura e jeito de ser. Era atenciosa com a gente, mas não permitia intimidades. Alguns professores ficavam conversando com os alunos após as aulas, mas ela, não: retirava-se da sala assim que a aula acabava. Não havia bagunça em suas aulas.* [...] *Eu a admirava, e tinha-a por modelo.*[24]

Outra ex-aluna tinha uma visão mais crítica da professora:

> *Jacinta era nessa época uma moça muito bonita, alta, mas muito fechada, não dava conversa para ninguém, não. Era meio reservada, calada, não dava confiança para ninguém se aproximar dela. Bom, também a Jacinta já era poetisa e tal, uma pessoa conhecida, e a gente não era nada.* [...] *Ela era muito religiosa, usava um crucifixo no pescoço. Eu, que sou prima do Edson Carneiro e naquela época já tinha uma certa simpatia pela esquerda, achava Jacinta religiosa demais.*[25]

Jacinta gostava de dar aulas. Uma foto da época, reproduzida neste volume, a mostra jovem, bonita, bem vestida, sorridente, em frente à Escola Normal. *Sua vocação era a de professora*, seus familiares repetiram diversas vezes.

---

[23] Apesar de o atual Instituto Central de Educação Isaías Alves – que incorporou a antiga Escola Normal da Bahia – possuir um arquivo, não foi possível localizar ali qualquer dado sobre a ex-aluna e ex-professora Jacinta Passos, nem sobre suas irmãs e prima. Os dados aqui reunidos provêm de entrevistas e registros.

[24] Entrevista telefônica com Valdette Maria dos Santos, outubro de 2005. Valdette foi aluna de Jacinta na Escola Normal durante dois anos, provavelmente em 1937 e 1938, quando ingressou na Escola, ainda menina.

[25] Entrevista telefônica com Ediria Carneiro Amazonas, janeiro de 2004. Ediria, que mais tarde ingressaria no PCB, onde permaneceu por décadas, é viúva do destacado líder comunista João Amazonas. Foi aluna de Jacinta "antes dos anos 40". Édison Carneiro (1912-1972), citado no depoimento, contemporâneo de Jacinta, foi escritor e autor de livros importantes, sobretudo a respeito de temas afro-brasileiros; militou no PCB.

No final da adolescência e durante a primeira juventude, Jacinta entregou-se a uma vivência espiritual intensa, a uma relação profunda e direta com Deus, em busca de experiências místicas capazes de responder às suas interrogações angustiadas sobre a natureza da experiência religiosa e os males do mundo. Praticava a religião católica com uma entrega total: *Todas nós éramos religiosas, mas Jaci fazia tudo com muita intensidade; ela era a mais religiosa de todas, a que levava a religião mais a sério*, disse sua irmã Lourdes. *Às vezes a gente dava uma 'matada' nas obrigações religiosas, mas ela, nunca: cumpria tudo.*[26]

Poemas de Jacinta da década de 30, publicados em seu primeiro livro, *Momentos de poesia*, oferecem uma ideia dos seus sentimentos religiosos.[27] Destaca-se nos versos a angústia existencial, íntima, ligada à frustração, à impotência por não conseguir alcançar a essência do divino, por não *atingir o inatingível*, como a própria Jacinta expressou no poema "O mar", escrito aos 21 anos de idade:

Por que esta sede imensa de saber,
desvendar os segredos escondidos,
despir as coisas
de suas transitórias aparências,
penetrar no seu âmago,
ver a essência do ser?
Pobre desejo humano esbarra, mudo,
ante o mistério de tudo.
[...]
Ouço vozes estranhas... Vem do fundo
do mar ou de dentro de mim
esse surdo clamor?
São vozes de sofrimento, de amarguras,
vozes de todas as criaturas
que falam por minha voz.
Todas as criaturas que sofreram
esta ânsia indefinida
– angústia milenária como a vida –
de querer atingir o inatingível.
[...]
impotente... impotente...

[26] Registros de Lourdes Passos Siqueira e de Dulce Passos Santos. Cf. também registros no mesmo sentido de Zete Passos e Manoel Caetano Filho; entrevista com Maria Bernadete Passos Almeida, maio de 2004. Cf. ainda entrevista com James Amado, Maceió, fevereiro 2004, que baseou essa parte de seu depoimento em relatos da própria Jacinta.

[27] Ensaios inseridos neste volume, como "Eu serei poesia", de Gerana Damulakis, tratam do sentimento religioso em *Momentos de poesia*.

A angústia existencial de Jacinta, expressa em vários poemas de *Momentos de poesia*, só encontraria um fim, ela intuía, quando conseguisse entregar-se totalmente ao Senhor, n'Ele dissolver sua alma (após a morte física?). A solução para a angústia, Jacinta achava então, seria mística, como expressou em "Cântico de exílio", de 1937, poema emblemático dessa época:

Compreendi, Senhor, compreendi
a voz que sobe
do fundo misterioso do meu ser.
Esta angústia que vive dentro de mim,
Somente há de ter fim,
quando nada mais existir entre nós,
quando, num dia sem crepúsculo,
eu me abismar em ti,
no teu esplendor absoluto.

No entanto, a poeta se sente fraca, não consegue realizar essa união profunda que ela exigia com o sagrado, como revela no final do mesmo poema. Por isso sua angústia existencial aumenta a cada dia.

Do conjunto dos poemas desse mesmo livro emerge ainda, em geral expresso em termos místicos, um sentimento de profunda solidão (*Há em torno de mim muralhas glaciais. / Vivo encerrada dentro de mim mesma,* poema "Solidão", escrito aos 22 anos de idade), que leva a poeta à sensação de estar apartada, exilada do mundo (*Dos meus lábios, irrompe como um grito / meu cântico de exílio,* em "Cântico de exílio"). *Momentos de poesia*, que se inicia como um livro quase cândido de adolescente sentimental, vai aos poucos se transformando em um grito de socorro de uma mulher que percebe os mistérios profundos da existência e da espiritualidade, porém se sente sozinha, imperfeita e impotente para enfrentá-los e decifrá-los. Jacinta Passos quer nunca menos que o máximo, não o alcança e sofre, pois tem o coração ardente e a mente perfeccionista:

Por que este desejar que não se cansa,
por que este destino errante do correr
sempre atrás dum bem que não se alcança?

Paralelamente a essa entrega mística – experiência sempre individual –, Jacinta começou a reforçar também a prática do que poderíamos chamar de "religião social", isto é, devotar-se à catequese, ao ensino, à difusão dos princípios do catolicismo, principalmente entre os mais pobres. Nesse período, intensificou as aulas de catecismo para crianças, no Campo Limpo como na paróquia de Nazaré.

A partir dos dezoito anos de idade, começou a sentir-se atraída pela doutrina social da Igreja Católica, que desde o final do século XIX procurava, no início timidamente, adaptar seu pensamento e prática à realidade mundial criada pela Revolução Industrial, a um mundo que se transformava rapidamente. Para integrar essa nova realidade, parte da Igreja desenvolvera noções como a de "bem comum"– os bens comuns seriam os de responsabilidade de toda a sociedade –, a de "destinação universal dos bens", isto é, de que os bens deveriam ser divididos com igualdade entre os homens, e a da importância da solidariedade social.[28] Jacinta leu filosofia cristã, inspirando-se em pensadores católicos contemporâneos, talvez em Jacques Maritain.

Ela ligou-se também ao Mosteiro de São Bento, onde encontrou uma rica biblioteca, além de monges dedicados ao estudo e ao ensino da doutrina social católica. Durante suas diversas visitas ao mosteiro – passava muitas tardes lá, as visitas eram do agrado da família – relacionou-se, sobretudo, com D. Beda Keckeisen, monge alemão que, à época, se dedicava à tradução do latim para o português do Missal cotidiano. Jacinta auxiliou D. Beda em etapas pontuais desse trabalho, por exemplo versificando um pequeno trecho do Missal, referente ao Espírito Santo. Em D. Beda e nos outros monges, ela encontrou interlocutores e mentores que, somados à sua própria experiência e busca interior, lhe deram elementos para migrar do catolicismo místico para o catolicismo social.[29]

Além disso, as relações com os beneditinos colocaram Jacinta em contato com pensadores e publicações católicas de âmbito nacional. Anos depois, em 1940, dois de seus poemas foram publicados na revista *A Ordem*, do Rio de Janeiro, capital federal. Essa revista era à época dirigida por Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, um dos baluartes do pensamento católico leigo no país.[30]

* * *

Foram anos agitados para os Passos. Manoel Caetano, pai de Jacinta, que fora eleito deputado estadual em 1927, perdeu o mandato três anos depois, em decorrência da Revolução de 1930. Era um político afinado com os grupos locais

---

[28] A doutrina social da Igreja Católica contemporânea começou a ser oficialmente formulada em 1891, com a encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, continuando a ser aprimorada ao longo do século XX, especialmente durante o papado de João XXIII. Representa uma atualização do pensamento social católico, com vistas a fazer com que respondesse às imensas mudanças no mundo. Provocou e provoca dissensões e polêmicas, internas e externas à Igreja. Uma de suas ramificações levou à Teologia da Libertação, influente na América Latina no final do século XX, porém minoritária na instituição.

[29] Cf. registros de Zete, Lourdes e Dulce Passos. O livro de Dalila Machado, *A história esquecida...* , p. 16, refere-se à existência de um "auto sobre a cerimônia da missa" redigido por Jacinta e encenado uma só vez no Mosteiro de São Bento, porque o "cardeal D. Álvaro Augusto, ao tomar conhecimento do sucedido, proibiu sua encenação, com ameaças". Não encontrei fontes que comprovassem o último incidente, mas o registro aqui. O *Missal Cotidiano* de D. Beda Keckeisen teve diversas edições; o monge escreveu e traduziu outros livros.

[30] Os poemas "Missão do Poeta" e "Sacerdócio" foram publicados, respectivamente, em *A Ordem*, Ano XX, Vol. XXIV, jan/jul 1940, p. 83-84, e Vol. XXIV, jul/dez 1940. O primeiro integrou o livro *Momentos de poesia*, e o segundo não foi republicado pela autora, aparecendo nesta edição em "Poemas esparsos".

e regionais, ligados à ideologia e às práticas da chamada República Velha (1889-1930), justamente aquelas que Getúlio Vargas e seus aliados derrotaram em 30. Até 1934, Manoel Caetano exerceu suas atividades políticas nos bastidores, subsistindo com o salário de fiscal do imposto de consumo. Nesse ano, graças a uma reformulação das alianças políticas, foi mais uma vez eleito deputado estadual. Perdeu de novo o mandato três anos depois, em 1937, no início do Estado Novo, o período ditatorial de Getúlio Vargas. Manoel Caetano era partidário fiel de Juraci Magalhães e, quando este renunciou à interventoria da Bahia em 1937, também se recolheu, para só retornar à cena política bem mais tarde. Foram, portanto, anos de turbulência e insegurança política, que Jacinta tão bem registrou no poema "Canção da partida".

Os filhos de Berila e Manoel Caetano cresciam, formavam-se, casavam-se. O único filho homem do casal, Manoel Caetano Filho, o Nelito, ingressara na Faculdade de Medicina em 1933. Inteligente, curioso, interessado nos destinos do mundo, leitor voraz, logo entrou em contato com os movimentos estudantil e literário que se gestavam muito intensamente na Bahia.[31]

Nasceu nessa época a afinidade entre Jacinta e seu irmão. Caetano Filho era o único na família a compartilhar a mesma paixão dela por leitura, poesia, filosofia, a ter a mesma mente inquieta, disposição de luta e coração generoso, a interessar-se por questões sociais. Ele era mais jovem do que Jacinta, porém, sendo homem, gozava de uma liberdade de movimentos negada a ela pela sociedade; além disso, os pais só permitiam que frequentasse certos ambientes na companhia do irmão. Assim, foi Nelito quem a aproximou tanto dos estudantes que faziam política na cidade da Bahia quanto dos intelectuais, católicos e comunistas, que faziam tanto arte como política. Em companhia do irmão, Jacinta compareceu às primeiras reuniões e manifestações públicas, políticas, que tanto marcariam sua vida. No irmão, de temperamento ao mesmo tempo entusiasmado e doce – bem mais doce do que o dela –, Jacinta encontrou fraternidade, amizade, apoio e diálogo; ele a ajudou a ultrapassar os limites estreitos que a sociedade e as famílias impunham às moças do seu segmento social.

Foi também Caetano Filho quem apresentou Jacinta àquele que se tornaria seu primeiro namorado, ao menos o primeiro oficial, assumido, apresentado à família: o estudante de Medicina, depois escritor e jornalista, Giovanni Guimarães.[32] Colega de Caetano Filho na faculdade, Giovanni conheceu Jacinta no so-

[31] Manoel Caetano da Rocha Passos Filho (1917-1972) cursou Medicina (1933-1939) em Salvador, ligando-se ao Partido Comunista Brasileiro nesse período. Colaborou no jornal *O Imparcial* e, poeta também, compatrilhou com Jacinta o livro *Nossos Poemas* (1942), escrevendo a parte intilulada "Mundo em Agonia". Casado com Jacy Machado Passos, Caetano Filho, médico pneumologista, contraiu tuberculose em 1945, tratando-se em Campos de Jordão, São Paulo, estado onde passou a residir e onde foi diretor do Instituto Clemente Ferreira.

[32] Se Jacinta teve atrações e/ou paixões adolescentes, guardou-as para si, nada dizendo aos irmãos e pais.

brado dos Passos, onde acadêmicos do curso de Medicina costumavam reunir-se para estudar. Mãe de quatro filhas solteiras – Zete, Dulce, Jacinta e Lourdes – e tia de diversas sobrinhas casadoiras, D. Bebé Passos, senhora por natureza afável, tratava particularmente bem os colegas do filho, enxergando neles possíveis futuros genros.

Giovanni Guimarães, namorado de Jacinta, era alegre, envolvente, amável, muito inteligente, adorava ler, escrevia bem, e estava profundamente interessado em política.[33] Frequentava reuniões de grupos esquerdistas e participava das passeatas estudantis que ganhavam força em Salvador, principalmente as acontecidas após 1937, quando o golpe militar chefiado por Getúlio Vargas instalou no país a ditadura do Estado Novo. O Rio de Janeiro, até então o principal polo do movimento estudantil, sofreu enorme repressão política; durante certo tempo, Salvador se tornou o centro aglutinador das esquerdas no Brasil.

Assim, além de encantar o coração de Jacinta – que havia se transformado numa jovem muito bonita, elegante, de traços finos, porte esbelto, sensível e inteligente –, Giovanni ajudou-a a completar sua formação literária e, principalmente, política, aproximando-a da esquerda, pela qual ela já se sentia atraída. Não por acaso o primeiro poema de Jacinta com cunho social, “Comunhão”, foi escrito nessa época, em 1939. D. Bebé não devia suspeitar das reais atividades do distinto e educado acadêmico de Medicina, amigo de seu filho e namorado de sua filha...

Não há certeza sobre quando o namoro entre Jacinta e Giovanni começou nem quanto tempo durou. A tradição oral dos Passos não registra os motivos do final desse namoro. Há notícias confusas, de fontes diferentes, sobre desentendimentos entre os dois, tendo como motivo o envolvimento de Giovanni com outra mulher, o que teria aborrecido muito Jacinta, e feito com que ela terminasse o relacionamento. Mas não foi possível apurar essas informações em bases confiáveis. Um fato é que o namoro terminou, talvez com sofrimento para Jacinta. Outro fato é que Giovanni e Jacinta continuariam amigos, pois nessa qualidade os encontramos anos mais tarde, em fins de 1943, em visita ao escritor Jorge Amado.[34]

* * *

Jacinta estava interessada em desenvolver sua poesia. Nesta fase, escreveu com constância (seu primeiro livro foi quase todo criado no período), leu bastan-

[33] Natural de Caitité, interior da Bahia, Giovanni Guimarães estudara no Colégio Vieira, em Salvador, e ingressara na Faculdade de Medicina. Era mais velho do que seu colega Caetano Filho. Faleceu em 1966. Giovanni Guimarães (conhecido como GG) tornou-se escritor e jornalista muito popular na Bahia; foi também membro da Academia de Letras do Estado. Jorge Amado, seu amigo desde a adolescência, fez referências a ele e pintou-lhe um comovido retrato póstumo em *Navegação de cabotagem*. Cf. registros de Zete e Detinha Passos; entrevista com João Falcão, Salvador, maio 2004.

[34] Em dezembro de 1943, Jacinta Passos e Giovanni Guimarães foram juntos visitar o amigo comum Jorge Amado, que morava em Periperi, fora da área urbana de Salvador. Cf. depoimento de James Amado; registro de Jorge Amado.

te, especialmente poesia e filosofia. E se aproximou de escritores e intelectuais locais, a quem mostrou versos, passando a participar de suas discussões literárias. Ela e o irmão, também poeta, começaram a frequentar os círculos literários baianos, e se ligaram à Ala das Letras e das Artes (ALA).

Criada em 1936, a ALA, movimento artístico que reunia intelectuais e artistas locais, era uma espécie de resposta baiana ao modernismo. Pregava "renovação dentro da tradição", isto é: aceitava algumas inovações modernistas, mas sem romper com os cânones literários anteriores. Já a chamada "Academia dos Rebeldes", outro movimento literário baiano da mesma época, propunha cortes radicais com a tradição artística.

A ALA fora fundada e era dirigida por Carlos Chiacchio, o mais importante crítico literário da Bahia durante a primeira metade do século XX. "Homens e Obras", sua coluna semanal sobre literatura, publicada em *A Tarde*, o mais lido jornal da capital baiana, tornara-se muito influente, responsável tanto pela consagração como pelo rebaixamento de qualquer novo escritor baiano.[35]

Em 1937, Chiacchio publicou em sua coluna um texto muito elogioso sobre "a poeta Jassy Passos", apresentando-a aos intelectuais, analisando sua produção poética, e incluindo na análise dois poemas integrais dela, "Maria" e "Meus Sonho". A crítica de Chiacchio representou para a jovem poeta um rito de passagem: daí em diante, Jacinta Passos foi apontada e reconhecida publicamente na Bahia como poetisa, seus poemas saíram publicados em jornais e revistas, pouco depois também em livro.

Antes mesmo das conexões locais, Jacinta estabeleceu os primeiros vínculos com publicações de fora da Bahia: em 1936, aos 22 anos de idade, publicou dois poemas – "Maria" (de forte influência marianista) e "Incerteza" – em dois números da revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, capital do país. *O Malho* era muito conhecida, pois fora fundada já em 1902, como publicação literária e de charges; após ser interrompida em 1930, reaparecera em 1935, exclusivamente como revista literária. A jovem poeta tentava despontar no cenário nacional.[36]

Solteira, bonita, guerreira

Em 1939, estourou a Segunda Guerra Mundial, que, nos seis anos seguintes, seria o principal acontecimento a comandar os destinos do mundo – comandando, também, o de Jacinta Passos. A jovem professora e escritora mobilizou inte-

[35] "Homens e Obras" foi publicada em *A Tarde* durante 18 anos, de 1928 a 1946. O médico Carlos Chiacchio manteve também uma página no jornal *O Imparcial*, realizou diversas iniciativas culturais importantes e publicou livros.

[36] "Maria" e "Incerteza" foram publicados, respectivamente, em *O Malho*, Ano XXXV, nº 180, 12 nov. 1936; e nº 185, 17 nov. 1936. Os dois poemas integraram *Momentos de poesia*, o primeiro livro de Jacinta Passos, reproduzido integralmente nesta edição.

gralmente sua força, inteligência e espírito de luta para combater, por todos os meios ao seu alcance, o fascismo e o nazismo de Mussolini e Hitler, apoiar a entrada do Brasil na guerra e, a partir do último ano de batalhas, lutar pelo retorno do nosso país à democracia.

Em Salvador como no restante do Brasil, a população demorou a envolver-se com os assuntos da guerra, para isso contribuindo a dificuldade de comunicação com os campos de batalha e a posição de neutralidade do governo brasileiro, que tentava conquistar vantagens dos dois lados em luta. Entretanto, à medida que a guerra avançava e chegavam mais informações, a sociedade baiana se mobilizou. A partir de 1941, passou a organizar-se com entusiasmo contra o fascismo, a exigir que o Brasil ingressasse na guerra para lutar com os aliados – o que aconteceu em agosto de 1942 –, e a cooperar com as tropas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), enviadas à Itália, e com os aliados.

Jacinta viveu intensamente esses acontecimentos. Informava-se sobre a guerra, lia todos os jornais e livros que encontrava sobre o assunto, aprofundava-se no estudo do surgimento do fascismo, ouvia no rádio as últimas notícias sobre a guerra. Ao lado do irmão, do namorado, dos amigos, participou de comícios, passeatas, atos públicos, manifestações de rua que se organizavam na cidade em torno da guerra, cada vez com mais frequência. Escreveu vigorosamente contra o nazifascismo nos jornais, e trouxe a questão da guerra para a sua poesia. Trabalhou, durante anos, como voluntária na Legião Brasileira de Assistência local, a LBA, que desenvolvia intenso trabalho de esclarecimento e mobilização da sociedade, de arrecadação de fundos, voluntariado em hospitais e apoio às famílias baianas cujos membros haviam sido mandados para a guerra. Com sua dedicação e espírito de liderança, Jacinta chegou a ocupar uma das diretorias da LBA, sempre na qualidade de voluntária.[37] Continuava com seu emprego de professora na Escola Normal.

As atividades de Jacinta relativas à Segunda Guerra, em princípio, não se chocavam com os valores familiares em que fora criada. Ao contrário: embora em menor grau do que ela, seus familiares também se integraram ao esforço de guerra, uma atividade que mobilizava o país e aproximava classes sociais e setores diversos, em prol do objetivo maior e comum da luta antifascista e do apoio aos combatentes brasileiros. Uma das palavras de ordem mais difundidas na Bahia, para sensibilizar os setores conservadores da sociedade, era: *Ser integralista é ser traidor*; *O fascismo é contra Deus, contra a pátria, contra a família.* A LBA era integrada também por moças e senhoras da mais alta sociedade baiana. [38]

[37] Cf. registros de Zete, Dulce e Lourdes Passos; depoimentos de João Falcão e de Wilson Falcão.

[38] A maioria das informações desta parte foi retirada de: Sampaio, Consuelo Novais. “A Bahia e a Segunda Guerra Mundial”.

Ocorre que, ao lutar contra o fascismo, Jacinta, como era do seu feitio, foi além e mais fundo: envolveu-se também com os setores de esquerda que integravam os movimentos antifascistas, inclusive com os militantes do Partido Comunista Brasileiro, o PCB.[39] Estes, em grande parte estudantes, abraçavam com entusiasmo a causa dos aliados, procurando influenciar a sociedade brasileira para posicionar-se contra o integralismo e contra a ditadura de Getúlio Vargas. O irmão de Jacinta, Manoel Caetano Filho, era um desses jovens entusiastas das lutas. Ele, como vários de seus amigos, tornara-se também um militante do PCB.[40] Nos comícios e atos públicos a que comparecia, Jacinta passou a ouvir cada vez com mais interesse os discursos e ideias dos esquerdistas; estudou com afinco os preceitos do socialismo e do comunismo, aprofundou-se no estudo da história mundial recente, especialmente no da revolução russa; leu as publicações do PCB que lhe passavam. Tudo isso mudou a sua cabeça, levando-a a caminhos e objetivos bem distantes dos da sua formação inicial.[41]

Em 1942, Jacinta Passos lançou seu primeiro livro, em conjunto com o irmão, também poeta. Publicado em Salvador pela Editora Bahiana, às expensas dos autores, *Nossos poemas* reuniu na primeira parte, intitulada "Momentos de poesia", poemas de Jacinta Passos, e na segunda, "Mundo em agonia", poemas de Manoel Caetano Filho. O volume foi muito bem recebido pela crítica baiana, consolidando a presença dos dois poetas no meio intelectual do Estado.[42]

Os poemas publicados de Jacinta haviam sido escritos nos anos anteriores (o primeiro deles datando de 1933, quando a autora tinha 19 anos). Conforme assinalado, são poemas intimistas, sobretudo religiosos, versos místicos que expressam a profunda união da poeta com o sagrado, sua entrega e busca incessante do absoluto, bem como seu sofrimento diante da própria imperfeição e dificuldade para integrar-se ao divino.

A partir de 1940, entretanto, esse conjunto religioso começa a sofrer brechas, a ser enriquecido por outros temas, por novos interesses que se abriam na vida de Jacinta. O poema "A Guerra" é uma referência direta à Segunda Guerra Mundial, confirmando a preocupação social iniciada desde "Comunhão", do ano

---

[39] O PCB foi criado em 1922, com o nome de Partido Comunista do Brasil. Em 1961, mudou seu nome para Partido Comunista Brasileiro, mantendo a sigla. Em 1962, um grupo dissidente criou o Partido Comunista do Brasil (com a sigla PCdoB). Neste texto, para evitar confusão com o PCdoB, o Partido fundado em 1922 será chamado de Partido Comunista Brasileiro, ou simplesmente Partido, e a sigla usada será PCB.

[40] Sobre o ingresso de Manoel Caetano Filho no PCB e a influência de suas ideias sobre Jacinta, cf. entrevista com João Falcão, Salvador, 2004, especialmente este trecho: "Caetano exercia muita influência política sobre Jacinta. Ele, que ingressou primeiro no Partido, foi o responsável pela aproximação e pela entrada dela no PCB".

[41] Cf. registros de Manoel Caetano Filho e Zete Passos; entrevista telefônica com Detinha Passos de Almeida, junho de 2005.

[42] Cf. os três primeiros textos da Fortuna Crítica desta edição, relativos ao livro *Nossos Poemas*. Outras informações sobre a influência da Segunda Guerra Mundial na vida intelectual de Jacinta estão em "Jacinta Passos jornalista", nesta edição.

anterior, e reafirmada em "Canto do amanhã", do ano seguinte, e "Canto da hora presente", de 1942. Já "Compreensão", "Poema de amor", "Limitação", "Mulher", "Ressonância", "Noturno em Palmira", "Mensagem aos homens", "O momento eterno", todos de 1941, formam um conjunto poderoso de poemas de amor, expressando as vivências, alegres e tristes, da primeira grande paixão de Jacinta, tratada mais à frente neste texto. "Cantiga das mães" aborda de forma original a experiência feminina da maternidade; "Canção Simples", por sua vez, denuncia as diferenças de significados da perda da virgindade, para o homem e para a mulher, uma experiência pessoal que Jacinta transformou em tema social, afirmando sua preocupação com o papel subalterno da mulher na sociedade brasileira.

* * *

Uma publicação que aglutinou os jovens intelectuais da Bahia à época foi a revista *Seiva*, fundada em 1938 pelo jovem comunista João Falcão, financiada pelo pai dele, João Marinho. Numa época em que a ditadura do Estado Novo cerceava os meios de expressão do país, *Seiva*, conduzida por um grupo de jovens brilhantes, representou um espaço arejado de circulação artística e de ideias, publicando trabalhos de intelectuais e artistas locais, de outros estados e de outros países das Américas. Serviu, igualmente, como polo de atração e aproximação entre jovens intelectuais e o PCB. Jacinta Passos, leitora entusiasmada de *Seiva*, logo se tornou também sua colaboradora, publicando na revista poemas e artigos.

Wilson Falcão, que assumiu a direção da revista quando seu irmão João, devido a perseguições políticas, foi obrigado a exilar-se, lembra-se de Jacinta Passos, assim a evocando:

> *Jacinta foi colaboradora espontânea de "Seiva", não foi nossa funcionária. Era uma grande poeta, por isso publicávamos os poemas dela. Lembro-me que Jacinta publicou lá ao menos dois belos poemas, um era sobre Stalingrado, e o outro, não tenho certeza, mas acho que era sobre a situação da escravidão e dos pretos na Bahia.*[43] *Os poemas foram publicados ilustrados.* [...] *Como eu os ilustrava? Eu cortava um pedaço aqui, outro ali, e enfeitava o poema. A senhora é bonita como ela?*
> *– Não, eu me pareço com meu pai. Como ela era?*
> *– Jacinta era uma morena bonita, tinha uma boa estatura. Andava vestida com bom gosto, era elegante, se tratava bem. Era ativa, participava dos movimentos estudantis ativamente. Era ativista. Com aquela tranquilidade que lhe era peculiar...*

[43] Trata-se dos poemas "Mensagem ás crianças do mundo", Ano IV, Nº 15, dez/1942, p. 12 e 13, e "Sangue negro", Ano V, Nº 18, julho de 1943, p. 10 a 13. Cf. Arquivo pessoal de João Falcão, coleção da revista *Seiva*.

– Ela era tranquila?
– Sim, era calma, aparentava tranquilidade... Mas corajosa, porque pegou um período de muito movimento social, movimento estudantil pela entrada no Brasil na guerra etc.[44]

Jacob Gorender, que mais tarde se tornaria um dos intelectuais e dirigentes do PCB de maior prestígio, traz estas recordações de Jacinta:

Conheci Jacinta Passos quando fui secretário da revista Seiva, em 1942 ou 43. Eu nasci em 1923, portanto era muito jovem à época, eu era um rapazola. Mas já trabalhava em jornal em Salvador, e desde 1942 pertencia ao PCB. Não me lembro muito de Jacinta porque só a conheci durante esse período da Seiva, em Salvador, em encontros na redação da revista. Lembro-me dela como uma poetisa já conhecida, que esteve várias vezes na redação, pois era colaboradora da revista. A figura dela era extraordinária porque, na época, ser poetisa, dedicar-se à poesia era raro; mulheres ativas no terreno das letras eram raras. Ela era uma mulher culta, uma escritora que se destacava por esse motivo.
– O sr. se lembra da figura dela, da pessoa dela?
– Eu me lembro, sem pormenores, de uma mulher elegante, altiva. Ela me parecia uma mulher rica, filha da elite local. Me dava essa impressão, ao menos.[45]

Ativista política de esquerda, Jacinta jamais perdeu o ar, a postura, os gestos de mulher "altiva", "elegante", "vestida com bom gosto", de mulher "da elite local", como notaram à época seus colegas da *Seiva*. Não perdeu esse jeito nem nessa fase nem depois, mesmo havendo militado, durante décadas, no PCB, e havendo enfrentado muitas dificuldades econômicas. Sua beleza e sua altivez foram unanimidade nos depoimentos dos que a conheceram, em diversas épocas de sua vida.

Durante os anos de 1942 e 1943, Jacinta Passos publicou semanalmente textos no jornal diário *O Imparcial*, de Salvador.[46] Fundado em maio de 1918, o jornal fora comprado por Franklin Albuquerque, grande proprietário rural (coronel) do médio São Francisco. Em 1942, era dirigido por Franklin Junior, sendo redator chefe Wilson Lins, também filho de Franklin de Albuquerque.

---

[44] Entrevista telefônica com Wilson Falcão, dezembro de 2003. A revista *Seiva,* nessa primeira fase, perdurou até 1943. Ressurgiu em 1950, quando foram publicados mais cinco números; nessa segunda fase, Jacinta Passos fez parte do conselho de redatores da revista.
[45] Entrevista telefônica com Jacob Gorender, dezembro de 2003.
[46] Consultar também, nesta edição, o texto "Jacinta Passos jornalista".

Embora não fosse uma publicação de esquerda, *O Imparcial* aliara-se à campanha pela entrada do Brasil na guerra e contra o nazifascismo, dedicando quase todas as suas páginas a esses assuntos. O escritor Jorge Amado, que retornara ao Brasil em 1942 do exílio na América do Sul, fora preso e depois solto – com a condição de que residisse em Salvador e de lá não saísse –, convidado por Wilson Lins, começou a escrever uma coluna sobre a guerra para *O Imparcial*, intitulada "A Hora da Guerra".[47]

Em torno de Jorge Amado reuniram-se em Salvador vários intelectuais de esquerda, alguns amigos antigos, alguns novos amigos, entre estes Manoel Caetano Filho, irmão de Jacinta, ligado aos movimentos sociais em Salvador há anos, e que ingressara oficialmente no PCB. Jorge Amado e Caetano Filho logo se tornaram bons amigos. Caetano apresentou sua irmã Jacinta ao escritor, crescendo entre eles uma boa amizade. Por influência de Jorge, Caetano e Jacinta passaram também a escrever em *O Imparcial*.

A contribuição de Jacinta ao jornal foi muito regular, conforme se comprova nos artigos de sua autoria reunidos nesta edição. Ela escreveu sobretudo sobre a situação política do Brasil e do mundo, os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, a necessidade de combater o nazifascismo, a mobilização das mulheres, as opções que via a cada momento para a sociedade brasileira. Foram artigos inflamados, escritos no calor da hora, alinhados com a posição das esquerdas e, muitas vezes, já com as do PCB, partido ao qual ela ainda oficialmente não aderira.[48] Jacinta também publicou poemas, como a primeira versão de "Sangue negro", aparecido no "Suplemento" do jornal, em 1º de agosto de 1943. A partir de fevereiro de 43, por um período breve, dirigiu ainda uma "Página Feminina", com matérias que iam desde poemas seus até artigos sobre beleza feminina. Intensa atividade, que a tornou uma das mais ativas jornalistas da Bahia à época e a mobilizou completamente, o uso de sua pena a serviço da política.

* * *

Jacinta permaneceu católica com certeza até 1942, ano em que foi madrinha de batismo de sua sobrinha Maria, primeira filha de sua irmã Lourdes. Nessa época, porém, sua religiosidade já era bem diversa das experiências místicas da adolescência e primeira juventude. Tratava-se agora de um catolicismo marcado por ideias sociais, pela necessidade, justamente por ser católica, de ajudar a todos os que sofriam e, mais do que isso, de ajudar a transformar a realidade social que fazia as pessoas sofrerem. Isso se torna claro nos versos finais de seu poema "Nós, os cristãos", também de 1942:

---

[47] Seus textos foram reunidos em: Jorge Amado. *Hora da Guerra* – a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia.

[48] Para uma avaliação da produção jornalística de Jacinta Passos, consultar, nesta edição, "Uma voz, um grito", de Guido Guerra, além de Fuad, Danielle Spinola. *Passagem de Jacinta Passos pelo Jornal "O Imparcial" (1943).*

Somos apenas uma caricatura,
nós, os cristãos
que aceitamos a injustiça na face da terra.[49]

Essas ideias foram inspiradas não apenas pelo catolicismo social, de que Jacinta continuava se alimentando, via convivência com os beneditinos e com os livros dos autores dessa tendência. Foram também inspiradas pelas suas opiniões contra as injustiças sociais, pelas ideias de esquerda com que cada vez mais se envolvia, pela sua consciência social, que se agudizava, pelos pensamentos dos novos amigos que fazia, estudantes, intelectuais, artistas, jornalistas, gente de *O Imparcial* e *Seiva*, muitos pertencentes ao PCB, como Jorge Amado, Giovanni Guimarães, João Falcão, Jacob Gorender.

A partir de 1943, não há mais evidências, nos escritos de Jacinta nem em qualquer registro ou depoimento sobre ela, de que tenha se mantido católica. Provavelmente este foi o ano em que se afastou da religião. Daí em diante, à medida que o tempo corria e ela mais e mais mergulhava nos movimentos de esquerda, até tornar-se comunista, passou, como estes, a considerar a religião fonte de alienação da humanidade e de exploração dos povos, e que como tal devia ser denunciada e combatida. Observe-se que sua forte postura antirreligiosa, sobre a qual há testemunhos abundantes, não migrou para sua poesia: manteve-se à parte dos poemas, mesmo dos políticos, só vindo a integrar os escritos dos últimos anos de vida, os Cadernos do Sanatório, e, assim mesmo, os escritos em prosa, não os versos.[50]

Nessa fase, Jacinta já sedimentara características que a acompanhariam por toda a vida, como o temperamento forte, a altivez, o horror à injustiça, a entrega total às causas em que acreditava, a combatividade e a coragem para expressar suas convicções, em qualquer ambiente e ante qualquer pessoa.

Em 1939, aos 24 anos de idade, durante solenidade na Escola Normal, onde lecionava, um dos professores, Cassilandro Barbuda (hoje nome de rua em Salvador), fez um discurso que desagradou ao diretor da escola, Isaías Alves. Importante educador, hoje um dos ícones da história da Educação na Bahia, Isaías era, no entanto, integralista, além de irmão do interventor federal no Estado, Landulfo Alves: *Jacinta, que assistira ao incidente, encontrando-se com o citado educador, recusou-se a apertar-lhe a mão, num gesto de solidariedade com o colega.*[51]

---

[49] "Nós, os cristãos" integra *Momentos de poesia*, publicado no mesmo ano e reproduzido na presente edição.
[50] Os Cadernos do Sanatório fazem parte dos Textos inéditos de Jacinta Passos, nesta edição.
[51] Machado, Dalila, op.cit., p.16. Cf. também registro de Zete Passos, de onde foi retirado o ano exato da cena.

Ela continuava a morar com seus pais e irmãos, no sobrado de Nazaré. A família orgulhava-se de sua beleza e brilho intelectual, de suas atividades como poetisa e de seu reconhecimento como jornalista. Como recordou Regina, empregada da família:

> *Dona Lourdes [irmã mais jovem de Jacinta] me mostrou o jornal, e me perguntou:*
> *– Você sabe quem foi que escreveu isso aqui?*
> *Eu disse que não sabia. Ela então falou:*
> *– Pois foi Jaci. Ela é uma grande escritora!*[52]

Nas férias e feriados, Jacinta continuava a frequentar a sua querida fazenda Campo Limpo, em Cruz das Almas, ali convivendo com vários familiares. Mas sempre expressava suas ideias, conforme recordou seu primo Renato Passos, que na cena narrada era uma criança:

> *– Olha, tia, na curva da ladeira vai subindo carregado, rangendo e lento, um carro de boi; aqueles animais devem sofrer e comer o pão que o lobisomem amassou.*
> *– Infelizmente, Renatinho, tem de ser assim.* [...] *Pior são os lavradores, meeiros e operários das fábricas. Trabalhador braçal trabalha no sol a pino ou na chuva, sem proteção contra acidentes, para ganhar uma miséria, e ainda tem de dividir o produto da colheita com o patrão, pelo uso das terras da fazenda.*
> *– Por que é assim, tia?*
> *– Porque estamos vivendo num país cuja diferença social é grande; quem manda e desmanda neste país é uma minoria rica, donos de terras e empresários, que fazem fortunas explorando o trabalhador, que é maioria e é pobre e, no fim do mês, recebe uma miséria. Você já entrou na casa de um trabalhador braçal do campo ou da cidade? É fome, é panela vazia, doença e falta de higiene, num espaço iluminado pelo filó de querosene num mundo de sonhos e esperanças despedaçados. Você vai me prometer que, quando ficar adulto e se tornar um fazendeiro ou proprietário, vai dar condições dignas de trabalho aos seus trabalhadores e famílias, e dividir os lucros dos negócios com eles, que te ajudaram na produção.* [...]
> *– Tia, me carregue porque eu já estou muito cansado, e as pernas não querem mais se mexer.*

---

[52] Entrevista telefônica com Regina Menezes de Figueiredo, setembro de 2005. No mesmo sentido, há registros de Manoel Caetano Filho, Zete e Lourdes Passos.

Ela me olhou desconfiada pelo rabo do olho, sorriu e me carregou até em casa. Aqui pra nós, eu estava mesmo era com preguiça e queria colo.[53]

À medida que Jacinta se envolvia com os movimentos de esquerda e com os comunistas, mudando de comportamento e ideias, as reações da sua família foram se transformando. Sua mãe, irmãs e primas jamais aceitaram seu afastamento do catolicismo, muito menos seu ateísmo – declarado, como tudo em Jacinta. Os pais se preocupavam com suas constantes saídas sozinha, inclusive à noite, com suas novas amizades, com suas atividades políticas, com seu comportamento, que lhes parecia pouco aceitável, e a censuravam (*"Eles não conseguiam mais controlar ela"*, lembrou a doméstica Regina Figueiredo). Jacinta passou a ser alvo de comentários negativos em diversos núcleos da família.

A partir de 1937, exatamente quando Jacinta Passos florescia humana e literariamente, seu pai conhecia um período de ostracismo político. Ele, que fora eleito deputado estadual constituinte em 1934, perdera o mandato (pela terceira vez!) em 1937. Tivemos então nessa época um pai, político tradicional, afastado do governo e da ação política institucional, e uma filha em plena ascensão, intelectual e política, atuando em área oposta à do pai, defendendo ideias e atitudes que o pai condenava.[54] Como num jogo de espelhos invertido, essa situação voltaria a se repetir em 1946, mas então com ele no ápice, e ela havendo perdido uma eleição. Fisicamente e por temperamento, Jacinta e o pai eram bastante parecidos, ambos de índole forte, reservados, severos, convictos das ideias que defendiam, fiéis às pessoas e agremiações que compartilhavam das suas causas, dotados de agudo senso de justiça, ambos caudatários da tradição política familiar. Em campos opostos eles permaneceram, durante décadas.

* * *

Em 1941, Jacinta Passos viveu a primeira grande paixão de sua vida. O escolhido foi um jovem bonito, inteligente, defensor de ideias de esquerda, que ela teria visto pela primeira discursando, durante uma passeata de estudantes, em Salvador.[55] Os dois encontraram-se algumas vezes, a sós ou em atividades políticas ou sociais juntos com outros jovens:

---

[53] Renato Passos, fragmento de depoimento escrito inédito, 2005. Embora primo de Jacinta, Renato a chamava de tia, devido à grande diferença de idade entre eles. Renato Passos registrou lembranças muito afetuosas de sua família e de suas vivências em Cruz das Almas no livro *Cruz das Almas dos meus tempos.*

[54] Jacinta e o pai no início combatiam o Estado Novo, porém por razões diferentes. Com o passar do tempo, suas ideias e opiniões políticas foram se distanciando cada vez mais.

[55] Esta parte baseia-se nos poemas de amor de Jacinta publicados em *Momentos de poesia*, e em entrevista com o então namorado de Jacinta, mantida anônima, a pedido do entrevistado (já falecido). Embora Jacinta fosse muito reservada a respeito de sua vida afetiva, há registros, no mesmo sentido, de suas irmãs Zete e Lourdes: à época, as duas suspeitaram fortemente de que Jacinta "tinha alguém", porém, por mais que insistissem, não conseguiram saber o nome do jovem. Os trechos citados nesta parte, entre aspas, que se intercalam aos poemas de Jacinta, foram todos retirados da entrevista.

"A gente passou a se ver, a se encontrar [...] *às vezes éramos só nós dois, para namorar, às vezes tinha mais gente...*
– Quem, por exemplo?
– O pessoal da esquerda, do Partido"...[56]

Jacinta descobriu para quê, afinal, serviam suas mãos:

As minhas mãos docemente pousaram em tua fronte. [...]
Nesse instante, as minhas mãos compreenderam
por que foram feitas tão leves e macias

"Ela [Jacinta] mais é que insistia no namoro. Eu estava mais interessado em política. Muitas vezes eu tinha de viajar, então ela não gostava disso, reclamava."

E tu que não vens. A noite é música apenas.

" – Jacinta era ciumenta?
– Ih, muito! Ela me queria o tempo todo junto dela, não admitia que mulher nenhuma olhasse pra mim... Era braba!"

Quisera não te querer com este ciúme primitivo e bárbaro
que irrompe do meu ser obscuro
como uma planta selvagem rasgando as entranhas da terra.

"O namoro começou a esquentar. Eu não sabia aonde ia dar aquilo, não queria me comprometer muito, mas a verdade é que estava esquentando..."

Nossos corpos se procuram
como dois polos magnéticos de atração profunda.

"Bem, a coisa começou a pegar fogo. Até que um dia, eu tive uma grande surpresa. Ela chegou toda bonita, elegante, e me disse:
– Hoje nós vamos ter um encontro diferente.
– Como assim?- eu perguntei.
– Hoje nós vamos nos encontrar sozinhos, na casa de uma amiga minha. Ela não vai estar lá. Hoje eu vou me entregar a você.
E nós fomos. Era uma casinha na Cidade Baixa.
– E foi bom?
– Foi ótimo! [risos] Ela é que me seduziu, eu era mais novo. Hoje [risos], isso daria crime por assédio sexual."

[56] Todos os trechos desta parte, entre aspas, são fragmentos da entrevista citada na nota anterior. Os versos de Jacinta, sem aspas, escritos todos em 1941, foram publicados em *Momentos de poesia*.

Existimos fundidos num ser único
que ignora a sucessão no tempo, [...]
como um astro sem memória perdido no espaço sem princípio e sem fim.

"– Por que acabou o namoro?
– Porque eu não estava apaixonado. Ela estava, mas eu, não. E eu tinha outras prioridades. [...] *A coisa foi indo, foi indo... acabou. Ela ficou triste, mas eu não podia fazer outra coisa. Depois, fiquei sabendo que ela tinha se casado com James Amado."*

Eu te esperei longo tempo de terrível solidão. [...]
eu te esperei.
Inteira, pura e livre como a luz, a livre luz das alvoradas.
– Oh! Por que me trazes um coração diminuído?

Já não vou sozinha agora: amor, política e poesia

Jacinta conheceu James Amado, que se tornaria seu marido, em dezembro de 1943. James era um jovem de 21 anos, esguio, bonito, que causava boa impressão entre as mulheres, um jovem intelectual de esquerda cheio de energia, interessado em artes, curioso do mundo. Atrevido, irreverente, exibia humor e senso crítico. Baiano de Ilhéus, residira em Salvador e no Rio de Janeiro, tendo se mudado para São Paulo em meados de 1941, para fazer o curso universitário na Escola de Sociologia e Política. Seu irmão mais velho, Jorge Amado, que publicara o primeiro livro aos 19 anos de idade, já era escritor famoso, autor de nove livros – entre eles o recém-lançado *Terras do Sem-Fim,* sucesso estrondoso de público e crítica –, além de intelectual prestigiado entre os círculos de esquerda, onde exercia intensa atuação política. Apesar da diferença de idade entre os dois – dez anos –, os irmãos eram muito ligados entre si, Jorge influenciando o mais novo. James frequentava os círculos de Jorge, composto principalmente de artistas, intelectuais e políticos, brasileiros e estrangeiros, e formava também seus próprios amigos: em São Paulo, o jovem pintor gaúcho Carlos Scliar, com quem dividia a mesma pensão, o escritor e crítico de prestígio José Geraldo Vieira, bem mais velho (e a quem James dedicaria seu romance), o pintor Manuel Martins, o artista plástico Clóvis Graciano, entre outros. Embora não fosse filiado ao Partido Comunista Brasileiro, James circulava com desenvoltura entre artistas, intelectuais e políticos comunistas. Namorador, apesar da pouca idade já havia morado em São Paulo com uma jovem artista, frequentadora dos mesmos círculos. Sustentava-se com recursos enviados pelo pai, complementados pelas traduções que fazia.

Jacinta conheceu James em Salvador, na casa de Matilde e Jorge Amado, que ela frequentava com assiduidade. De férias da faculdade, James viajara à Bahia

para estar com Jorge e em seguida passar o Natal com os pais, em Ilhéus. Jacinta apareceu na casa de Jorge, em Periperi, logo após a chegada de James, acompanhada do jornalista e médico Giovani Guimarães, para passar o final de semana. Em conversa com James, Jorge explicou ao irmão que Jacinta era sua amiga, poetisa e escritora de valor, e que era simpatizante do Partido Comunista.

Na casa de Periperi, no cenário baiano de redes, mar e água de coco, Jacinta e James começaram a namorar. Ela era à época uma morena muito bonita, de 29 anos – idade então de mulheres maduras, quase balzaquianas, afinal –, alta, esbelta, elegante, com um belo corpo, traços finos e cabelos negros muito bonitos, que normalmente usava presos. Era poeta com livro publicado, jornalista ativa na cidade, responsável por uma página semanal em *O Imparcial*, intelectual respeitada, capaz de discutir tanto arte quanto os temas candentes do momento, como a guerra e os destinos políticos do país. À custa do próprio esforço, tornara-se uma mulher independente, dona de seu corpo e mente, uma das poucas mulheres da Bahia capaz então de escolher, em vez de apenas obedecer.

Tudo isso deve ter atraído o jovem James, assim como a inteligência, o humor, o ardor e a beleza dele devem ter atraído Jacinta. Neste mesmo final de semana os dois iniciaram um *flirt*, como se dizia à época. Reencontraram-se no fim de semana seguinte na mesma Periperi, quando se descobriram apaixonados. Entregaram-se um ao outro de todas as formas que sabiam, a cada minuto das quarenta e oito horas que passaram juntos. Separaram-se durante alguns dias, enquanto ele passava o Natal com os pais, em Ilhéus. Voltaram a encontrar-se para mais um final de semana, quando já não queriam mais separar-se.

Agora teu corpo é fruto.
Peixe e pássaro, cabelos
de fogo e cobre. Madeira
e água deslizante, fuga
ai rija
cintura de potro bravo.[57]

Jacinta contou então a James que havia solicitado uma bolsa de estudos para aprimorar-se profissionalmente em São Paulo. Assim que obtivesse essa bolsa, iria encontrar-se com ele lá. A solicitação da bolsa de estudos fora anterior ao encontro com James. Jacinta já desejava deixar a Bahia, antes de conhecer o futuro marido. Vontade de ampliar horizontes? Ou, conforme o depoimento daquele que fora seu último namorado, necessidade de afastar-se totalmente dele? Talvez os dois motivos, pois não se excluem. O fato é que Jacinta obtivera a concordân-

[57] "Canção do amor livre", em *Poemas políticos*, livro dedicado a James.

cia da família Passos para seu projeto de residir temporariamente em São Paulo, na casa da irmã e do cunhado (Dulce e Nestor Santos), a fim de aperfeiçoar-se como professora. As boas relações do pai de Jacinta com a Secretaria Estadual de Educação da Bahia devem ter garantido a rápida aprovação do pedido de bolsa.

* * *

Jacinta desembarcou em São Paulo em fevereiro de 1944. Contudo, em vez de dirigir-se à casa da irmã e do cunhado, conforme acertado com sua família, instalou-se com James na modesta pensão onde ele vivia, na avenida São João, entre o largo Paissandu e a avenida Ipiranga, centro de São Paulo. Os Passos afligiram-se, pois Jacinta não lhes informou onde estava. Só dias depois telefonou à irmã, Dulce, assegurando que passava bem, que não se preocupassem com ela. Mas não deu pormenores sobre onde estava.

Em São Paulo, Jacinta e James viveram dias de entrega, paixão, alegria e conhecimento mútuo, o início de uma etapa nova nas vidas de ambos:

Abra a porta,
queremos entrar.

Somos amantes,
queremos amar.[58]

Tratava-se também da primeira viagem dela para fora da Bahia. James mostrava-lhe a capital paulista, dona de uma história e de uma cultura muito diversas da baiana.

Os dois decidiram casar-se, no civil. Convidaram para padrinhos dois artistas plásticos amigos, os paulistas Clóvis Graciano e Manoel Martins, ambos muito amigos de James, e que começavam a tornar-se também amigos de Jacinta. Corridos os proclamas, o casamento foi marcado para 18 de março de 1944, no Cartório do Registro Civil da Bela Vista.[59] À hora certa, lá estavam Jacinta, James e Clóvis Graciano. Manoel Martins, contudo, não aparecia. Diante de um juiz impaciente, Manoel Martins foi substituído por um motorista de táxi, um desconhecido que passava por ali na hora. Motivo da ausência do padrinho: não se recuperara da tremenda bebedeira da noite anterior. A recém-casada passou a chamar-se Jacinta Passos Amado.

---

[58] Versos de "Três canções de amor", dedicadas a James, do livro *Canção da partida.*

[59] O cartório situava-se à rua José Bonifácio nº 292, São Paulo. Na certidão de casamento, o nome de solteira da noiva está grafado "Jacintha Velloso Passos", e sua data de nascimento, "1º de dezembro de 1914", em vez de 30 de novembro de 1914, quando ela nasceu, segundo seus outros documentos pessoais e as informações de suas irmãs; conforme já assinalado, não foi possível localizar a certidão de nascimento de Jacinta. A data de nascimento de James, 31 de março de 1921, também está incorreta: ele nasceu em 31 de março de 1922.

Ao sair do cartório, os recém-casados dirigiram-se a uma agência da *Western Telegraph Company*, no centro de São Paulo, de onde enviaram a Berila e Manoel Caetano Passos o seguinte telegrama: *Abraçamos queridos pais pt Jacinta James.* Foi dessa forma que os pais de Jacinta tomaram conhecimento do casamento da filha!

Ao casar-se com James, e nessas circunstâncias, Jacinta completou o processo de rompimento com os valores de sua família. A filha de Bebé e Ioiô, nascida num lar conservador do interior da Bahia, educada para a religião, o casamento tradicional e uma vida doméstica que comportava no máximo o trabalho de professora, desafiava tradições. Sem avisar ninguém, casara-se com um homem quase oito anos mais novo – ela estava com 29 anos de idade, ele completaria 22 em poucos dias –, fato raro à época, encarado com desconfiança e escárnio pela maioria da sociedade. Seu marido, embora filho de proprietários rurais abastados, não tinha profissão nem renda fixa, vivendo modestamente, como estudante. Jacinta casara-se apenas no civil, e ainda por cima com um ateu, pecado grave aos olhos dos católicos praticantes, como os Passos. Para completar, casara-se com um comunista. Devido à desinformação e à propaganda maciça dos integralistas e da Igreja Católica, a maioria dos brasileiros então imaginava comunistas como seres depravados e perversos, capazes inclusive de devorar criancinhas. O fato de James ainda não pertencer ao Partido Comunista era irrelevante para os Passos, que, talvez, nem soubessem disso. Afinal, o que lhes importava era James andar com comunistas, ser identificado como um deles e, ainda por cima, ser irmão de um comunista notório, o escritor Jorge Amado. Uma prima de Jacinta, bastante próxima à família, assim comentou em entrevista a inadequação do genro James Amado às expectativas dos Passos: *Xiii... E o pior é que ele era comunista!*[60]

Jacinta e James alugaram um pequeno apartamento em prédio antigo do bairro da Aclimação, num quarto andar, sem elevador. O dinheiro era curto. Jacinta mantinha o salário de professora, acrescido do montante da bolsa de estudos. James fazia trabalhos de tradução, vendia anúncios para uma revista literária e recebia alguma ajuda financeira do pai.

Em 1944, São Paulo era uma cidade muito menor do que a atual, com ritmo de vida provinciano. Mas, desde pelo menos a década de 20, desde o Modernismo, contava com grupos expressivos de artistas e intelectuais, alguns deles reunidos em torno da Universidade de São Paulo, a USP, que completava sua primeira década de existência. Por intermédio do marido James e do cunhado Jorge, prestigiados no meio, Jacinta ligou-se em São Paulo a intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Antonio Cândido, José Mindlin, Caio Prado Junior, entre muitos outros. Tornou-se amiga de artistas como Carlos Scliar,

[60] Entrevista com Detinha Passos de Almeida, Salvador, maio de 2005.

Clóvis Graciano, Ben Ami, José Geraldo Vieira, Manuel Martins e Lasar Segall, a alguns deles dedicando poemas de seu livro *Canção da partida*. Frequentava ateliês, assistia a palestras, participava ativamente da vida literária da cidade, ampliando contatos e horizontes. Além disso, frequentava regularmente o curso de aperfeiçoamento para professoras, para o qual ganhara a bolsa de estudos.

Jacinta manteve também intensa atividade política em São Paulo. Boa parte dos intelectuais da cidade, como do Brasil, engajara-se fortemente nos movimentos pelo final da guerra e pela redemocratização. À medida que o ano de 1944 avançava, a derrota dos nazistas na Europa ia se delineando, enquanto, no Brasil, aumentavam as dissensões internas no governo, tornando difícil a sustentação política da ditadura do Estado Novo. Sob forte repressão policial, as oposições, incluídos muitos intelectuais, reforçaram atos de protesto, alianças, comícios contra a ditadura e pela volta à democracia. Jacinta participava dessas atividades, cada vez mais envolvida com os comunistas, que ganhavam terreno político.

* * *

Jacinta encontrava-se em período especialmente fértil da sua produção literária, compondo vários de seus melhores poemas, reunidos no segundo livro, *Canção da partida*.[61] O volume foi publicado em São Paulo no primeiro semestre de 1945, em bela edição de luxo, pelas Edições Gaveta, que pertencia a Clóvis Graciano. Foram editados apenas 200 exemplares, em formato grande (17,5 x 22,5 cm), papel *bouffant* de primeira qualidade, numerados e assinados pela autora, ilustrados com cinco desenhos de Lasar Segall, um dos quais na capa, além de mais dez exemplares, marcados de A a J, cada um contendo uma ponta-seca original de Segall.[62]

O livro foi muito bem recebido pela crítica, conseguindo chamar a atenção de escritores e estudiosos de muito prestígio, que publicaram críticas e resenhas sobre ele na imprensa.[63] Os críticos apontaram alguns limites em *Canção da partida*, mas foram unânimes em reconhecer-lhe o alto valor literário: *A sra. Jacinta Passos se firmou com este livro numa posição de primeira plana na moderna poesia brasileira*, resumiu Antonio Cândido.[64]

Canção da partida lançou o nome de Jacinta Passos no cenário nacional, tornando sua poesia conhecida e respeitada entre intelectuais. O livro expressava uma voz singular, a de uma poeta que, sem se filiar a nenhuma corrente literária específica, dialogava com os contemporâneos, propondo-lhes, em versos livres

[61] 13 poemas de *Canção da partida*, os primeiros do livro, foram escritos durante o ano de 1944. Muito exigente com a própria produção, Jacinta publicava apenas parcela pequena do que escrevia.
[62] Quatro desses desenhos integram o acervo do Museu Lasar Segall, em São Paulo. O quinto, o que ilustrou a capa, foi dedicado pelo artista a James Amado, pertencendo hoje a Janaína Amado.
[63] Ver "Fortuna crítica", neste volume.
[64] Cf. Cândido, Antonio. "O poeta e a poetisa", em "Fortuna crítica", neste volume.

aparentemente muito simples, mas de grande força rítmica, a fusão entre lirismo e preocupação social. Era um mergulho no mundo popular rural brasileiro, pela ótica das mulheres e das crianças, com seus cantos de ternura, dor e esperança, capazes de unir o mais recôndito passado a um futuro que a poeta queria diferente. *Canção da partida* oferecia uma resposta possível, a resposta de Jacinta Passos, ao desafio de fazer-se poeta em um mundo em guerra, um mundo em profunda transformação, que precisava ser reconstruído. A proposta literária de Jacinta teve repercussão, conforme se lê neste depoimento do poeta, crítico e tradutor José Paulo Paes:

> *Eu começava a ensaiar os primeiros passos como poeta e, à semelhança de alguns dos meus companheiros de geração, preocupava-me a questão da arte dita participante. Foi na desafetação do engajamento lírico-folclórico de Jacinta Passos e de Sosígenes Costa, onde não havia lugar para a demagogia nem para o sectarismo, que encontrei a primeira resposta às minhas interrogações.*[65]

Jacinta dedicou *Canção da partida* aos pais: *A meu pai / e minha mãe / em sinal de muito amor e reconhecimento.* A dedicatória demonstra que, apesar do distanciamento em relação aos valores da sua família, ela continuava afetivamente muito ligada aos pais. O livro está impregnado de infância, das antigas canções escravas ouvidas no Campo Limpo, dos cânticos infantis de roda, de referências familiares, de menções às plantações de fumo e fabricação de charutos, de personagens e acontecimentos de Cruz das Almas e do período de sua juventude em Salvador, do mundo, enfim, que Jacinta compartilhara com os familiares. Mas o livro contém igualmente poemas de amor e poemas políticos de participação social, relacionados à existência e aos interesses da poeta naquele momento, muito diversos dos de seus pais. Aparentemente, em *Canção da partida*, pela via da poesia, no plano simbólico Jacinta Passos reuniu as pontas dos dois mundos díspares, opostos mesmo, que habitavam seu interior.

* * *

1945 foi um ano particularmente rico na política mundial e brasileira. O final da Segunda Guerra e a derrota do nazifascismo deixaram para trás anos de sofrimento, acelerando mudanças pelas quais grande parte do mundo ansiava. Em quase todos os países havia um entusiasmado esforço das populações pela reconstrução, tanto no bloco capitalista quanto no socialista, que saíra da guerra

---

[65] Paes, José Paulo. “Entre lirismo e ideologia”. Texto integral reproduzido em “Fortuna crítica”, neste volume.

ampliado e fortalecido. No Brasil, no clima de euforia que marcou o término da guerra e a volta dos pracinhas brasileiros ao país, vários setores sociais – políticos, estudantes, militares, mulheres, trabalhadores, intelectuais – procuraram se organizar. A população ganhou as ruas, exigindo democracia. A sede democrática alastrava-se da Europa para todos os continentes.

O governo ditatorial de Getúlio tentava resistir. Porém, cada vez mais isolado, ia fazendo concessões. Com impressionante rapidez, em meio a comícios, passeatas, congressos, manifestos, muitos violentamente reprimidos pela polícia, os fatos se sucediam. Eleições gerais foram marcadas e sucessivamente proteladas, até ficar estabelecido que ocorreriam em dezembro daquele ano de 45. Surgiam novos partidos, como UDN, PSD e PTB, que viriam marcar a cena brasileira nas décadas seguintes. Uma ampla anistia foi conquistada em abril, sendo consequentemente soltos os presos políticos, inclusive Luiz Carlos Prestes, que, detido desde 1936, começava a conhecer grande popularidade no país. Vinte e três anos após a sua fundação, o Partido Comunista Brasileiro foi pela primeira vez considerado legal, podendo pregar suas ideias e desenvolver sua militância à luz do dia.

Jacinta viveu intensamente esses e outros acontecimentos, ao lado do marido e também do cunhado e amigo Jorge, muito ativo e influente no meio intelectual brasileiro. Já em janeiro ela participou, como membro da delegação baiana, do I Congresso Brasileiro de Escritores, que reuniu, em São Paulo, intelectuais brasileiros de diferentes tendências ideológicas, em frente ampla contra a ditadura, pela liberdade de expressão e pela redemocratização do país. Fartamente noticiado na imprensa, o congresso transformou-se numa manifestação muito expressiva contra o governo Getúlio, contribuindo para aprofundar a crise do Estado Novo.[66]

Jacinta participou igualmente de comícios, passeatas e outros atos políticos em São Paulo, alguns perseguidos pelo governo, inserindo-se na luta pela democracia que ganhava o Brasil. À medida que o ano transcorria, aumentava sua aproximação com o Partido Comunista, que começava a viver seu período de maior ascensão e popularidade, identificado com os anseios da maioria da população brasileira. Assim como muitos intelectuais e boa parte da juventude brasileira à época, Jacinta acreditou que o socialismo estava construindo, na China, na URSS, e nos países do leste europeu, sociedades igualitárias, humanas e justas, e desejou que o Brasil também fizesse parte disso.

O clima político no país era embriagador. O PCB e a figura de Prestes inflamavam sobretudo a juventude, sedenta de um novo projeto para o Brasil. O PCB participou ativamente da campanha para a Presidência da República e para

[66] A mesa diretora do Congresso foi formada, entre outros, por Aníbal Machado (presidente), Murilo Rubião, Jorge Amado (que chefiava a delegação baiana) e Dionélio Machado, com a presença de convidados estrangeiros. James Amado também integrou a delegação da Bahia.

a Assembleia Nacional Constituinte, e Jacinta foi ativa militante, organizando núcleos, especialmente de mulheres, comparecendo a reuniões e passeatas, escrevendo textos sobre a situação feminina, sua constante preocupação, e sobre o papel importante que as mulheres teriam na nova etapa que o mundo e o país começavam a viver.

A poesia de Jacinta Passos colou-se mais uma vez à política, como ilustra esta passagem de Zélia Gattai:

> *Encontrei o Comitê em festa, todo o mundo eufórico. Fora quebrada a incomunicabilidade de Prestes, o decreto da anistia estava para ser assinado de um momento para outro.*
> *Nessa noite faríamos um comício na Lapa. Jorge* [Amado] *veio ao meu encontro:*
> *– Tenho hoje uma tarefa especial para você.*
> *Entregou-me um papel datilografado, um poema dedicado a Anita Leocádia Prestes, da poetisa Jacinta Passos. Começava assim: "Pequenina, doce menina /teu pai é nosso, nosso irmão e guia / nós te queremos, voltarás um dia!..." Li o poema sem adivinhar o que Jorge pretendia que eu fizesse com ele, mas fui logo esclarecida:*
> *– Você vai ler esse poema, hoje, no comício.*[67]

Jacinta vivenciou grávida, em São Paulo, boa parte dos acontecimentos daquele ano febril. Para grande alegria do casal, ela engravidara em dezembro de 1944. Para ajudá-la nas tarefas domésticas, chegara da Bahia no primeiro semestre de 1945, enviada por D. Bebé, Regina, uma antiga serviçal da família, de quem Jacinta gostava muito.[68] As duas prepararam o enxoval, enriquecido com as roupinhas que a mãe de Jacinta enviara de Salvador, muitas confeccionadas por ela mesma. As atitudes de d. Bebé mostram que, apesar das diferenças entre elas, mãe e filha continuavam unidas.

Jacinta sentiu-se bem nos primeiros meses de gravidez. No final, porém, sua barriga parecia não crescer mais, e ela começou a sentir-se mal. Consultado, um médico constatou a morte da criança. Internou Jacinta em um hospital, onde, em agosto, aos oito meses de gravidez, ela teve extraído o feto de seu útero. Era um menino.

Muito abatida física e psicologicamente, Jacinta foi com James para a cidade paulista de Águas de Lindoia, uma estação termal, para descansar e recuperar-se.

---

[67] Gattai, Zélia. *Um chapéu para viagem,* p. 33. O poema de Jacinta Passos citado no texto não foi localizado.

[68] Regina Menezes Figueiredo, citada no poema "Canção da partida", do livro homônimo, e a quem Jacinta já dedicara o poema "Chiquinha", do mesmo livro. Regina, que foi entrevistada para este estudo, acompanhou Jacinta também em outras ocasiões.

Lá, o casal tomou uma importante decisão: recomeçar a vida em outra cidade. Sentiam-se abatidos com a perda da criança, esgotados com o acúmulo de atividades, assoberbados por dificuldades econômicas, inseguros quanto aos rumos do país. Desejavam paz e privacidade.

Para Jacinta, o que teriam representado os quase dois anos vividos em São Paulo? Provavelmente, um período de abertura, de afirmação pessoal e intelectual, de alegrias, de amor – casou-se com o homem por quem estava apaixonada, conheceu uma nova cidade, fez amizades, ampliou muito seus horizontes culturais, escreveu poesia, lançou um belo livro elogiado pela crítica, participou dos principais acontecimentos da história do país. Ediria Carneiro Amazonas, que fora aluna de Jacinta na Bahia, no final da década de 1930 – quando considerou a professora reservada, distante, excessivamente religiosa –, reencontrou a antiga mestra em 1945, em São Paulo, e assim descreveu o encontro:

> *Em São Paulo, conheci Manoel Martins, um pintor que na época estava fazendo ilustrações para um livro de Jorge Amado. Manoel disse: 'Vou levar vocês lá na casa do Jorge'. Jorge não estava, mas estava Jacinta. Ela não andava bem de saúde, estava doente, deitada. Aí ela foi muito gentil, conversadeira, alegre, mais aberta, mais comunicativa, muito mais accessível do que antes, na Bahia. Recebeu a gente no quarto mesmo, e antes não faria isso, antes era muito formal. Como Jorge não estava, fomos embora logo. Depois, não a vi mais.*[69]

Nem tudo era fácil, contudo. Se, aos olhos dos que haviam convivido com Jacinta na Bahia, ela se tornara uma pessoa muito mais alegre e comunicativa, vários dos que a conheceram em São Paulo a consideraram distante, séria demais, autoritária, de temperamento difícil, uma pessoa cujo comportamento destoava do grupo. Essa opinião era majoritária entre as mulheres, algumas talvez interessadas em James. Uma delas resumiu: *Jacinta era muito cerimoniosa, não conversava, não dava bola para as pessoas, era arredia, fria, meio metida a besta. Eu me sentia intimidada na frente dela.*[70] Os homens impressionavam-se com sua beleza, inteligência, cultura e elegância, e tendiam a valorizar a sua "distinção".

Muitos, homens como mulheres, estranhavam o casamento de James e Jacinta, dada a diferença de idade e de temperamento entre os dois. Jacinta enfrentou ironias e agressões:

---

[69] Entrevista telefônica com Ediria Carneiro Amazonas. Ediria Carneiro, baiana, viúva do dirigente comunista João Amazonas, é artista plástica. Prima do folclorista Édison Carneiro, de quem recebia livros e ensinamentos, acabou se mudando da Bahia, quando seu modo de pensar e agir distanciou-se muito dos valores de sua família nuclear.

[70] Entrevista telefônica com C.H., mantida anônima, a seu pedido.

Houve um fato de que eu não gostei. Jantávamos na casa do Nonê, filho de Oswald de Andrade [em São Paulo, em 1945]. Chegaram James e Jacinta. Ela, austera, de 'tailleur', coque, temperamento sisudo, parecia mais velha do que era. Já ele, parecia mais novo. Isso fazia a diferença de idade entre eles aumentar. Quando Jacinta passou, uma convidada falou: 'La madre heroica!´. Jacinta fez que não ouviu, mas deve ter ouvido, porque a convidada falou alto, e eu, que estava mais longe, ouvi.[71]

Jacinta tentava responder, da melhor forma possível, aos numerosos novos desafios de sua vida, o que deve ter lhe custado bastante esforço pessoal:

Minha irmã era perfeccionista. Tudo dela tinha de ser o melhor possível, ela não admitia falhar, tudo tinha que ser perfeito. Quando a gente morava aqui em São Paulo, ela grávida, eu ia de vez em quando visitá-la. Muitas vezes encontrei-a debruçada sobre uma papelada imensa, muito nervosa – ela tinha sempre que fazer tantas coisas! Se aborrecia muito com isso, porque achava que o que escrevia não tinha ficado bom, achava que não sabia fazer as coisas direito. [...] *Ela escrevia discursos, dava aulas, assistia a aulas, escrevia poesias, dava palestras e não sei mais o quê, uma trabalheira danada, mais aquelas reuniões, as atividades políticas... Uma pessoa leve, como eu, não daria bola pra tudo aquilo. Mas ela, não, ela se angustiava, tinha medo de não corresponder. Para ela, pesava.*[72]

Passear no mapa-múndi: mudanças, maternidade, militância

Jacinta e James decidiram mudar-se para Porto Alegre, aceitando convite do pintor amigo Carlos Scliar. Scliar decidira voltar para o Rio Grande do Sul natal, e, sabedor da decisão dos amigos de se mudarem de São Paulo, convidara-os para ir com ele. James já estivera em Porto Alegre, na companhia do próprio Scliar, fizera amizades na cidade e achava que poderia encontrar emprego por lá.

Os três partiram em setembro de 1945. Durante a viagem, de ônibus, pararam em Curitiba, onde se encontraram com intelectuais paranaenses, entre eles o jovem poeta José Paulo Paes.[73] Em Porto Alegre, Jacinta e James ficaram hospedados na casa do pai de Carlos, Henrique Scliar.

---

[71] Entrevista com Zélia Gattai, Salvador, maio de 2004.

[72] Registro de Dulce Passos Santos.

[73] José Paulo Paes e James Amado foram amigos até a morte do poeta. Mais de quatro décadas após o encontro em Curitiba, José Paulo Paes, a pedido de Janaína Amado, organizou a segunda edição de *Canção da partida*, onde inseriu seu belo, denso ensaio sobre a obra de Jacinta, "Entre lirismo e ideologia", reproduzido neste volume.

Recuperada do aborto, Jacinta procurava ambientar-se na cidade. Aproximava-se de artistas que o marido já conhecia, e também de outros, que Scliar apresentava a ambos, como os romancistas Érico Veríssimo e Dionélio Machado, o escultor Vasco Prado, a artista plástica Zorávia Bettiol, entre outros. Alguns exemplares do *Canção da partida* circularam entre os gaúchos, sendo muito bem recebidos. A convite, Jacinta proferiu palestras em instituições culturais, e seu nome começou a ser apontado, no meio intelectual gaúcho, como o de uma poeta e intelectual capaz: *Quando Jorge e eu chegamos em 45 a Porto Alegre*, relatou Zélia Gattai, *os gaúchos nos contaram que Jacinta havia dado conferências no Rio Grande do Sul. Ela gozava já de um prestígio alto entre os gaúchos, eles a achavam muito culta.*[74] James, por sua vez, começou a trabalhar como tradutor na Editora Globo que, dirigida pelo escritor Érico Veríssimo, estava publicando importantes autores da literatura mundial, a maioria pela primeira vez lançada no Brasil.

Mas os meses finais de 1945 foram extremamente agitados e confusos na política brasileira. Embora os candidatos a Presidente da República já estivessem em plena campanha – como o brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN, o general Eurico Gaspar Dutra, pelo PSD –, ainda não havia uma definição sobre como deveriam se processar as eleições: apenas para os cargos federais? Para estes e os estaduais? O novo Congresso Nacional teria poder para elaborar uma Constituição? Esta deveria ser preparada antes das eleições gerais?

O PCB recuperara seu registro eleitoral. Desde a anistia de abril, entrara na legalidade. No tenso debate entre forças políticas divergentes, o PCB defendia a instalação de uma Assembleia Nacional Constituinte sob o governo de Getúlio, para somente depois, já com a nova Carta promulgada, convocarem-se eleições.[75] O PCB promovia também uma grande campanha nacional de filiação de membros: desejava tornar-se um grande partido de massas. Foi nessa onda de entusiasmo e empolgação política nacional que Jacinta, junto com James e com Scliar, se filiou oficialmente ao PCB, na cidade de Porto Alegre.

Jacinta e James já faziam planos para uma permanência longa – quem sabe para sempre? – em Porto Alegre. Estavam gostando da cidade, ali se sentiam independentes, longe das famílias, responsáveis por si mesmos, ligados a amigos, com ritmo de vida mais calmo.

Seus planos, porém, foram bruscamente interrompidos. Confirmadas as eleições gerais para 2 de dezembro de 1945, para a escolha dos membros da Assembleia Nacional Constituinte, a direção do PCB ordenou que James e Jacinta se dirigis-

---

[74] Entrevista com Zélia Gattai, Salvador, maio de 2004.

[75] Essa posição aproximava comunistas e trabalhistas. Na prática, ela significava sustentar Getúlio no poder ainda durante um bom tempo. O PCB aproximou-se do velho inimigo, que tanto os perseguira durante o Estado Novo. Essa posição foi muito popular à época, gerando o movimento queremista, cujas palavras de ordem eram "Queremos Getúlio" e "Constituinte com Getúlio". O crescimento do queremismo, contudo, aglutinou as forças contrárias entre si, apressando a queda do Estado Novo.

sem imediatamente para Salvador, onde deveriam candidatar-se a cargos eletivos. O casal partiu imediatamente para a Bahia.

Ordens da direção do partido não eram discutidas, eram cumpridas. O PCB funcionava como uma "instituição total", isto é, um tipo de instituição centralizada, autoritária, hierárquica, com visão de mundo própria e normas rígidas, que exigia de seus membros obediência e sacrifícios. O comportamento de Jacinta e do marido não era exceção. Grande parte dos militantes à época doava-se integralmente ao PCB, transformado em prioridade absoluta de suas vidas.[76]

* * *

Jacinta e o marido instalaram-se provisoriamente na casa dos pais dela. Jacinta foi confirmada como candidata a deputada federal pelo PCB, iniciando imediatamente a campanha. O registro de James, contudo, foi recusado pelo Tribunal Eleitoral, e ele passou a trabalhar no jornal comunista *O Momento*.

Não há informações sobre como foi a convivência do casal no sobrado dos Passos, mas se pode imaginar a situação inusitada de, numa mesma casa, morarem uma filha candidata a deputada federal pelo Partido Comunista, e um pai que militava com todas as energias na UDN, partido contrário ao PCB. Jacinta e seu pai conversavam? Mantinham relações amigáveis, apesar das profundas diferenças políticas? Como se sentiria d. Bebé, mãe de Jacinta e mulher de Manoel Caetano? E James, um estranho naquele ninho? Na época, Jacinta concedeu entrevista ao jornal *O Momento* na sala da casa de seu pai, o que parece indicar tolerância em relação a ela.[77]

Os meses de campanha foram muito intensos para Jacinta. Atuante na maioria dos estados, o PCB apresentara candidato próprio à Presidência da República (Yeddo Fiúza) e lançara Luiz Carlos Prestes ao Senado. Pretendia fazer uma grande bancada na Câmara Federal e reforçar sua representação nos vários estados. Na Bahia, a chapa comunista reunia 23 candidatos, sendo Jacinta Passos a única mulher.[78] Na nova função de candidata, ela atuou ativamente em comícios – dis-

---

[76] Mosteiros, casernas e manicômios são outros exemplos de instituições totais. Sobre o assunto, cf., entre outros, Michel Foucault. *Microfísica do poder e Vigiar e punir*; E. Goffman, *Manicômios, prisões e conventos.* Esta descrição da postura de um outro comunista ilustra bem o comportamento dos militantes: [Pedro] *Pomar não era apenas um comunista revolucionário profissional, no sentido de que sua sobrevivência dependia do trabalho partidário e dos recursos pecuniários daí advindos, mas um ser humano que se dedicava completa e totalmente à perspectiva e à ação de transformar a sociedade e mudar as condições de trabalho e de vida das classes que considerava exploradas e oprimidas pela burguesia e por outras classes dominantes.* Wladimir Pomar. *Pedro Pomar* – uma vida em vermelho, p.10.

[77] A entrevista, "Só unidas as mulheres resolverão seus problemas", foi publicada em *O Momento* em 10/12/1945. Integra "Textos jornalísticos", nesta edição.

[78] Além de Jacinta, foram candidatos do PCB a deputados nacionais constituintes pela Bahia: Alfredo Moreira Freitas, Aristeu Nogueira, Ariston Andrade, Armênio Guedes, Aurélio Rocha, Aydano Pedreira do Couto Ferraz. Carlos Marighela, Demócrito Gomes de Carvalho, Diógenes Arruda Câmara, Edgar Paulo da Mata, Estanislau Santana, Eusínio Gastão Lavigne, Giocondo Gerbase Alves Dias, João da Costa Falcão, João do Carmo, Joaquim Seixas do Valle Cabral, Juvenal Luiz Souto Junior, Mecenas da Silva Mascarenhas, Manuel Batista de Souza, Nelson Silva Schaun, Vicente Paula de Jesus e Waldir de Oliveira e Souza.

cursando inclusive no grande comício de recepção a Prestes e a Yeddo Fiúza em Salvador –, assumindo uma vida pública junto aos colegas candidatos de partido. Seu programa era o do PCB, com ênfase na questão das mulheres, o principal assunto sobre o qual se debruçava, escrevia e discursava. O clima político era tenso. A 29 de outubro, em meio a profunda crise, o Exército depôs o presidente Getúlio Vargas, que se retirou para sua terra natal, São Borja, no Rio Grande do Sul. José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, assumiu a Presidência, garantindo as eleições para o final do ano.

Jacinta esforçou-se muito, mas não foi eleita em 2 de dezembro de 1945. O PCB da Bahia conseguiu eleger para a Constituinte apenas um deputado, Carlos Marighella, em quem os próprios militantes foram instruídos a votar.[79]

Ela e o marido mudaram-se, no início de 1946, para uma casa modesta na Cidade Baixa, em Monte Serrat, bem próximo à igrejinha de Monte Serrat, que se projeta sobre o mar da Baía de Todos os Santos. Jacinta continuou a dedicar-se à intensa militância em Salvador, a escrever regularmente para *O Momento* e, com menor intensidade, a compor seus poemas, muitos deles a serviço do evento político do momento. Dava aulas em comunidades pobres da cidade, onde desenvolvia também trabalho de proselitismo político. James trabalhava em *O Momento*, realizava tarefas para o PCB e escrevia seu romance, *Chamado do mar*, que, publicado em 1949, seria dedicado à mulher: *Para Jacinta / amante e amiga*.

Como o número de membros ("quadros") do Partido era insuficiente para as tarefas necessárias, cada militante devia desdobrar-se ao máximo, realizando múltiplos trabalhos, de todos os tipos: eram "paus para toda obra". Viviam com pouquíssimos recursos financeiros. O subsídio transferido pelo partido aos militantes mal dava para sobreviver.

O PCB consumia a maior parte do tempo de Jacinta e James. O restante era dedicado à convivência entre eles, à família e aos amigos: *Conheci Jacinta dona de casa, almocei várias vezes na casa dela e de James, em Monte Serrat*, recorda-se Luiz Henrique Dias Tavares.[80] Os dois gostavam muito de ler. A paixão pela literatura desde o início foi um forte ponto de união do casal.

O Partido escolheu Jacinta de novo candidata, desta vez a deputada estadual constituinte, nas eleições previstas para janeiro de 1947, e que seriam muito acirradas. Ela começou a campanha, mas logo foi forçada a abandoná-la, devido a um fato novo em sua vida. Assim mesmo, seu nome foi mantido na chapa até as eleições.[81]

* * *

[79] No total, o PCB elegeu 14 deputados constituintes – de um total de 286 – e um senador (Prestes), de um total de 42 senadores.

[80] Luís Henrique Dias Tavares, entrevista telefônica, julho de 2005.

[81] Essas eleições ocorreram a 19 de janeiro de 1947. Jacinta obteve 28 votos. Os candidatos do PCB à Assembleia Legislativa da Bahia, a denominada "Chapa Popular", foi composta de muitos nomes, entre os quais os de Giocondo Dias, Cosme Ferreira, Mário Alves, João Falcão, Aristeu Nogueira e

Em junho de 1946, Jacinta engravidou. Mostrou-se muito contente, pois há muito desejava ter um filho, e ficara frustrada com o aborto que sofrera. Contudo, desde os primeiros dias teve uma gravidez muito difícil, hoje se diria de alto risco. Seu médico, dr. Eduardo Amado de Freitas, decidiu interná-la em hospital, o Instituto de Radiologia, localizado em Nazaré, em frente ao Colégio da Bahia.

Jacinta permaneceu sete meses internada neste hospital, para poder ter a criança. Durante a longa internação, comportou-se de forma calma, resignada, obedecendo a todas as ordens médicas, sem reclamar. Procurava preencher o tempo lendo e escrevendo. Seus familiares deram-lhe bastante assistência, visitando-a com frequência e providenciando alimentos, roupas e tudo o mais de que ela necessitava; amigos também iam vê-la.

James passara a morar em um quarto de pensão muito modesto, na rua Chile, centro da cidade. Visitava a mulher diariamente, em geral entre 17 e 19 horas, quando o movimento no jornal diminuía. James lembra-se desse período como um dos mais difíceis de sua vida: sem casa, com a mulher internada, sofria constantes pressões no trabalho e na militância, pois a oposição aos comunistas crescia em todo o país, ampliando-se os setores que queriam cassar o PCB.[82] Decerto Jacinta também sofria essas pressões.

Em 21 de abril de 1947, Jacinta deu à luz uma menina saudável, nascida de cesariana. Ela e o marido decidiram chamá-la de Janaína, um dos cinco nomes de Yemanjá. Era um nome tão inusitado à época, que o padre da igreja de Nazaré, mesmo sendo muito conhecido dos Passos, recusou-se a batizar a criança, por causa de seu "nome de candomblé". Após muita insistência por parte dos avós maternos, o padre finalmente admitiu fazer o batismo, mas só se a criança, na certidão batismal, passasse a se chamar Janaína Maria, o que foi feito.[83]

* * *

Fechava-se o cerco aos comunistas. Em 7 de maio de 1947, o TSE cassou o registro do PCB, colocando-o novamente na ilegalidade, o que gerou uma grande onda de perseguição aos seus militantes, em todo o país.

Walter da Silveira. O PCB elegeu dois deputados estaduais: Giocondo Dias, com 1.904 votos, e Jaime da Silva Maciel, com 1174 votos. Além de Jacinta, havia mais três candidatas mulheres: Carmosina Nogueira, Dagmar Guedes e Maria Lopes de Melo. Na chapa, Jacinta Passos Amado (uma das raras vezes em que apareceu com o nome de casada) era apresentada como "escritora e militante comunista". Cf. *O Momento*, 17 de novembro de 1946, p. 1 e 3. Nessas eleições, Manoel Caetano Passos, pai de Jacinta, foi eleito pela UDN, tornando-se o mais idoso parlamentar daquela legislatura.

[82] Registros de Lourdes, Zete e Berila Passos, de Tomásia de Queiroz e de Eduardo Amado de Freitas. Depoimento escrito de Luís Henrique Dias Tavares, 2005. Entrevista com James Amado, Maceió, fevereiro de 2004, e Salvador, março de 2004.

[83] Cf. Certidão de batismo de Janaína Maria Passos Amado, maio de 1947. A iniciativa do batismo foi dos avós maternos, contrariando decisão de Jacinta e James, que não queriam a filha batizada. O nome "Janaína" tornou-se popular no Brasil depois que a atriz Leila Diniz assim chamou sua primeira filha, Janaína Diniz Guerra, nascida em 1971. Grávida, Leila posara para fotos na praia vestindo biquíni, o que não era costume no Brasil; isso atraiu ainda mais atenção para o nascimento da sua Janaína.

No modesto quarto de pensão da rua Chile, para onde Jacinta levou a filha ao sair do hospital, ela e o marido – agora redator-chefe de *O Momento* –, passaram dias angustiantes. A 4 de julho de 1947, o jornal que James dirigia e onde trabalhava diariamente, e para o qual Jacinta escrevia, foi empastelado, isto é, suas máquinas foram destruídas pela polícia. Com grande sacrifício o jornal continuou saindo, mas com apenas quatro páginas, e em formato tabloide.

Sem dinheiro – os minguados recursos financeiros do partido haviam praticamente sumido, devido à perseguição aos militantes –, com um bebê recém-nascido e sob imensa tensão, Jacinta viveu dias muito difíceis ao lado do marido.

Meses depois, a 10 de janeiro de 1948, foram cassados os mandatos dos deputados constituintes pelo PCB. Jorge Amado, irmão de James, que havia sido eleito deputado federal pelo partido, por São Paulo, foi obrigado a exilar-se na Europa.

Nesse meio tempo o pai de James, o "coronel" João Amado de Faria, escreveu ao filho sobre a situação de uma fazenda de gado que possuía no interior, e que se encontrava praticamente abandonada, com os animais à míngua. João Amado precisava de alguém de sua confiança para reerguer a fazenda, e propunha ao filho ir morar lá por algum tempo.

James e Jacinta aceitaram a proposta. As dificuldades financeiras por que passavam, a perseguição política que sofriam, o excesso de tarefas a que eram submetidos, a responsabilidade de criar a filha, a vontade de dedicar mais tempo à literatura e o desejo de isolar-se durante certo tempo foram os fatores responsáveis pela decisão.

A fazenda, à qual só se chegava a cavalo, situava-se no sul do Estado da Bahia, em Pontal do Sul. A vila mais próxima, Coaraci, ficava a cerca de quatro léguas de distância, que só podiam ser percorridas a cavalo ou em carro de boi. Coaraci, por sua vez, nas condições de então, situava-se a 24 horas a cavalo de Itajuípe, o pequeno centro urbano dessa região do cacau. Entre a fazenda de gado e Coaraci havia uma serra, apropriadamente denominada "Serra do Cafundó". Quando chovia muito, a estrada para a fazenda ficava intransitável. Pouca gente morava na região.

Jacinta, James, Janaína, acompanhados por Regina Figueiredo, a empregada dos Passos que já vivera com Jacinta em São Paulo, mudaram-se para a fazenda no início de 1948. Sem rádio nem qualquer outro meio de comunicação, sem eletricidade ou água encanada, Jacinta e James às vezes se sentiam fora do mundo. As cerca de 500 cabeças de gado eram criadas soltas no pasto, circundado por área de mata; havia ovelhas e animais domésticos. E uma sede, casa simples com uma varanda na frente, que João Amado começara a construir, e James terminou. Na fazenda, com cerca de 1.000 hectares, moravam ainda um carpinteiro, um casal de empregados (seu Louro e dona Sinhazinha) e mais quatro empregados

homens. James dava também alguma assistência à fazenda de cacau de propriedade de seu pai, em Itajuípe.

Na fazenda, Jacinta deve ter se lembrado da sua querida Campo Limpo, muito mais desenvolvida, e se valido da experiência lá, para adaptar-se de novo à vida rural. James pela primeira vez atuava como fazendeiro. A filha deles crescia com saúde, apesar da falta de recursos; certa vez, a criança queimou-se acidentalmente com leite fervendo, e só foi possível obter remédios para ela três dias depois. Jacinta lia, escrevia, principalmente poesia – seu terceiro livro, *Poemas políticos*, foi todo criado lá –, e estudava.

Jacinta viveu com a filha e o marido nessa fazenda durante cerca de 3 anos, até maio de 1951, quando se mudou para o Rio de Janeiro. De tempos em tempos, deixava o local para visitar as famílias, a dela em Salvador (e em Cruz das Almas, onde esteve uma vez), a do marido no Rio de Janeiro.[84] E também para realizar tarefas partidárias, como se recorda um amigo militante:

> *Lembro-me nessa ocasião de uma reunião do partido, que nos tomou uma tarde, uma noite e um dia, para escutarmos Floriano Gonçalves nos doutrinar sobre o realismo socialista. Jacinta e James estavam de passagem por Salvador, vindos da fazenda e destinados ao Rio. Encontramo-nos em um pequeno sobrado da Ladeira do Pepino, Pitangueiras - Brotas, casa de Fevereiro, um velho e dedicado militante. Ali passamos uma noite dormindo no chão. Lembro-me de que Jacinta e James estavam decididos a ser bolcheviques. Conversamos, no entanto, pouco, James falando, Jacinta calada.*[85]

Jacinta aproveitava as saídas da fazenda para abastecer-se de livros, informar-se da situação política, manter contato com intelectuais amigos e militantes do partido. Trecho de um cartão-postal de 1949, de James para seu irmão Jorge, assinado também por Jacinta, dá uma ideia de algumas atividades do casal à época, na fazenda:

> *Estivemos no Rio, por 15 dias, no São João. Hoje vamos para o Pontal do Sul, temporada de 4 meses. Pretendemos escrever, num ambiente mais respirável: eu, um novo romance. Jacinta, um livro de poemas já contratado com o [editor] Martins.*[86]

---

[84] Cf. entrevista com Nívea Maria de Almeida Dantas, Salvador, março de 2005; entrevista com James Amado, Salvador, março de 2005.
[85] Depoimento escrito de Luís Henrique Dias Tavares, setembro de 2005.
[86] Acervo da Fundação Casa de Jorge Amado.

Em 1950, Jacinta e James participaram do 3º Congresso Brasileiro de Escritores, em Salvador. Ambos também fizeram parte do conselho de redatores da revista literária *Seiva*, que estava sendo relançada, num esforço do PCB baiano para reaglutinar intelectuais e artistas.[87] Jacinta aí publicou o poema *A elegia das quatro mortas*. Seu nome aparece também no manifesto dos intelectuais baianos em apoio a Prestes, que tinha a segurança e a vida ameaçadas.[88] O ambiente político era muito tenso. Crescia a repressão aos militantes do PCB que, por seu turno, radicalizava posições, isolando-se das massas.

Apesar da carência de recursos da fazenda, ao que tudo indica Jacinta lá viveu um dos períodos mais tranquilos de sua vida. James lembra-se dessa época como particularmente feliz. Para Jacinta, pode ter sido o mesmo: amava o marido, dava-se bem com ele, tinham muitos interesses em comum. Gostava dali, era sua escolha também:

> *Não quero a sina de Deus*
> *Nem a que trago na mão.*
> *Plantei meus pés foi aqui*
> *amor, neste chão.*[89]

Convivia bastante com a filha, vendo-a crescer, conforme evocou em "Canção para Jana", do mesmo livro:

> *Riso de abril rompe a neblina,*
> *rosa menina*
> *Crescei, ó cabelos de chama,*
> *carne de rosa e pudim.*

Apesar da carência total de recursos materiais, na fazenda Jacinta estava protegida das pressões políticas que tanto a haviam afligido, principalmente nos últimos dois anos em Salvador, e que lhe haviam pesado, como voltariam a lhe pesar. O tempo da fazenda, para Jacinta, deve ter representado paz e criatividade:

---

[87] *Seiva* ressurgiu sob o comando de Wladimir Guimarães, diretor; Luís Henrique Dias Tavares, redator-chefe; e Clóvis Moura, secretário. Durou 5 números, até junho de 1952. Cf. Arquivo pessoal de João Falcão, coleção xerocopiada da revista *Seiva*, e também Falcão, João. *A história da revista Seiva*.

[88] O poema (que integra o livro de Jacinta *Poemas políticos*, reproduzido nesta edição) foi publicado em *Seiva*, nº 1, Ano VI, novembro de 1950; o manifesto, no nº 2, Ano VI, dezembro 1950/janeiro 1951.

[89] "Canção Atual", que integra *Poemas políticos*, livro dedicado a James e escrito durante a permanência de ambos na fazenda.

Engraçado é que d. Jaci, lá na roça, naquele fim de mundo daquela roça sem nada, ela que cresceu com todo o luxo, d. Jaci, [...] *que na fazenda ficava lá lendo, lendo e escrevendo, mexendo na sobrancelha assim* [põe a mão direita na sobrancelha e coça os fios] [...], *ela me falou um dia assim, bem na varanda da casa, debruçada na cerca da varanda:*
– Gosto daqui. Por mim, eu não saía daqui, morava aqui pra sempre.[90]

[90] Depoimento de Regina Menezes Figueiredo. Regina foi a única empregada que Jacinta levou para a fazenda.

Leito de pedras e pranto

Tantos rios como eu abriram
leito de pedras e pranto.
(O rio)

Ruptura

No primeiro semestre de 1951, Jacinta mudou-se, desta vez para o Rio de Janeiro, acompanhada do marido e da filha. Jorge, irmão de James, à época no exílio, argumentava, em cartas ao pai, que não havia sentido em manter o casal mais tempo na fazenda: os dois eram intelectuais e profissionais urbanos, deveriam morar no Rio. Por outro lado, o PCB insistia para os dois voltarem a atuar em tempo integral nas atividades políticas. Os argumentos do PCB e da família Amado, aliados ao desejo de Jacinta e James de voltarem a participar ativamente da vida política e intelectual do país e, talvez, a um cansaço dos dois em relação à vida na fazenda, ao esgotamento dessa experiência, determinaram a mudança.

A partir de maio, passaram a residir com a filha em Copacabana, próximo ao Túnel Novo, num apartamento com três quartos espaçosos, construído havia pouco.[91] Jacinta conhecia o Rio, mas era a primeira vez em que residia na fervilhante capital da República. O casal logo se ligou a artistas e intelectuais de esquerda, levando vida agitada. Há notícias de que ela sentia muitos ciúmes do marido.[92]

Provavelmente ainda durante o primeiro semestre, Jacinta publicou seu segundo livro, *Poemas políticos*. Volume de formato pequeno, com 87 páginas, contém poemas inéditos, políticos e líricos – compostos entre 1948 e 1950, quando residia na fazenda.–, além de uma seleção de poesias do livro anterior. É edição modesta, principalmente quando comparada à de *Canção da partida* e, tudo indica, publicada com a ajuda do PCB.[93] *Poemas políticos* é dedicado a James: *para James / esta lembrança do Pontal do Sul.*

---

[91] Este apartamento foi comprado por João Amado para o filho, como retribuição pelos seus anos de trabalho na fazenda. Com cerca de 140 metros quadrados, o imóvel situa-se à rua Princesa Isabel, nº 173, apto. 803.

[92] Entrevista com Regina Menezes de Figueiredo, Salvador, março de 2004; registros de Tomásia Ribeiro de Queirós. Entrevista com Zélia Gattai, Salvador, maio de 2004.

[93] A editora, Casa do Estudante do Brasil, situada no Rio, era ligada ao PCB. A intenção, anunciada por James no cartão-postal de 1948, transcrito algumas páginas atrás, de que esse livro de Jacinta fosse publicado pela Editora Martins, não se concretizou.

O livro agradou bastante aos militantes e simpatizantes de esquerda, por causa das poesias de cunho político, embora contenha também excelentes canções líricas. O volume não recebeu a mesma atenção da crítica especializada que *Canção da partida*, provavelmente devido às profundas divisões políticas e ideológicas entre os intelectuais, em 1951 fracionados em grupos rivais que se ignoravam ou combatiam ferozmente, a questão política no centro do debate.[94] Situação muito diferente da de 1945 (ano em que *Canção da partida* fora lançado), quando os escritores haviam fundado uma associação nacional e quase todos os artistas comungavam dos mesmos ideais políticos e estéticos. De qualquer forma, a publicação do livro ampliou o prestígio intelectual da autora, tornando-a conhecida também entre círculos da capital. No mesmo ano, saiu em Salvador a *Coletânea de poetas baianos* (Editora Minerva, 1951), organizada por Aloísio Carvalho Filho, que incluiu poemas de Jacinta: ela já era considerada entre as melhores do seu Estado.

No Rio, Jacinta mergulhou integralmente no trabalho político, atuando sobretudo em comitês de mulheres e intelectuais, enquanto James trabalhava no mais importante jornal do partido, *Imprensa Popular*. Como todo militante do PCB, ela cumpria as tarefas que lhe eram destinadas, desde distribuição de panfletos até redação de textos políticos, organização e ministração de cursos e conferências, passando por serviços de apoio a dirigentes clandestinos, participação em reuniões, campanhas para angariar dinheiro etc. No pouco tempo livre, procurava estar com a filha, levando-a para passear e, às vezes, também visitando amigos do Partido com filhos pequenos, o que lhe permitia unir lazer e trabalho político:

> *Jacinta chegou lá em casa na [rua] Viveiros de Castro trazendo você. Você tinha quatro anos, era bonitinha e sabida, logo foi brincando com Marise [filha do casal]. Jacinta riu, conversou um pouco comigo, perguntou como eu estava passando e tal, perguntou algumas coisas da vida no Rio – sobre compras, essas coisas. Logo quis falar com Raymundo, dizendo que tinha assuntos políticos a tratar com ele.*[95]

O PCB vivia um dos períodos mais radicais de sua história. Em 1950, lançara o "Manifesto de Agosto", que pregava o final de quaisquer alianças com "a burguesia imperialista", bem como a instituição de um governo revolucionário, por via da luta, inclusive armada. O partido, que em 1945 ganhara as massas, tornan-

---

[94] Não foram localizadas resenhas críticas sobre *Poemas políticos*.

[95] Entrevista com Thereza Araújo, Lisboa, abril de 2009. O marido de Thereza era o militante e intelectual Raymundo Araújo, que Jacinta também procurou em outra ocasião, como se verá.

do-se muito popular no país, afastara-se paulatinamente da sociedade, assumindo posições de agressivo isolamento desde que fora jogado na clandestinidade. Em 51, seus militantes eram severamente perseguidos pelo governo. Foi em clima adverso, de forte condenação social e repressão policial, portanto, que Jacinta desenvolveu seu trabalho político no Rio. Ao referir-se a um congresso de mulheres ocorrido em São Paulo, ao qual comparecera chefiando a delegação carioca, ela própria anotou: "a pressão policial tomou um caráter nacional contra o congresso".[96]

Em final de setembro de 1951, Jacinta compareceu, com James, ao IV Congresso Brasileiro de Escritores, em Porto Alegre. Uma foto da época a mostra na plateia, elegante, bonita e sorridente, ao lado do marido.

Poucos dias antes de viajar, escreveu uma carta à cunhada Zélia Gattai, que estava morando na então Tchecoslováquia, com o marido Jorge, exilado. Com lucidez e senso de humor, Jacinta deu notícias pessoais, familiares, políticas e literárias, contando sobre seus muitos planos, nas várias áreas da vida. Parecia contente:

> *Rio, 20-9-51*
> *Zélia, minha ilustre cunhada*
> *Desde que nasceu Paloma[97] que estou querendo fazer umas linhas de parabéns para vocês. Desejo felicidades para ela. Vi o retrato do João[98] que chegou ontem, está um rapaz. E o retrato do pai, de cabeleira e camisa bordada feito moça, que é isso?*
> *Você está passando bem? Ainda vai continuar parindo ou vai parar? Um casal já chega, dona. Janaína está mais moça e vaidosa, só quer saber por que eu não deixo (só me chama "a velha") que ela pinte as unhas e use argolas. Está no Jardim de Infância, durante as tardes. Os velhos[99] seguem segunda para Pirangi, onde o sr. João vai ver negócios. James vai amanhã e eu devo ir segunda para Porto Alegre, ao Congresso de Escritores. Diga a Jorge que as mensagens chegaram todas, e as cartas dele. O congresso promete. No dia 8, deverei fazer uma operação com o Dr. Fabião,[100] que já adiei três vezes e quatro vezes. Vamos ver se agora vai. Estive num Congresso de*

[96] Carta de Jacinta à cunhada Zélia Gattai, 20 de setembro de 1951. Trata-se do último documento preservado de Jacinta, antes de sua crise e internação. Zélia reencontrou a carta em sua casa de Salvador, em 2004, cinquenta e três anos após havê-la recebido no Rio.

[97] *Paloma*. Paloma Jorge Amado, filha de Zélia e Jorge, nascida em Praga, em 19 de agosto de 1951.

[98] *João*. João Jorge Amado, filho de Zélia e Jorge, nascido no Rio, em 25 de novembro de 1947.

[99] *Os velhos*. Refere-se a Eulália e João Amado, seus sogros, que moravam no Rio de Janeiro. O casal possuía uma fazenda de cacau no município de Pirangi, sul da Bahia, referido a seguir na carta, para onde se dirigia todos os anos.

[100] *Dr. Fabião*. Mário Fabião, médico-cirurgião que atuava no Rio de Janeiro, onde costumava atender, em geral de graça, os membros do Partido Comunista. É possível que a cirurgia a que Jacinta se

Mulheres em São Paulo, no mês de julho, chefiando a delegação carioca (viu a importância?). Foi uma bela vitória, e a pressão policial tomou um caráter nacional contra o congresso. Vou mandar um boletim na capa do qual saiu uma fotografia sua, com o João, que achei muito expressiva; vou colocar no correio dentro do meu livro; devem ter seguido dois outros exemplares do livro pelo correio comum, posto pela Editora da Casa do Estudante, que foi quem editou (um exemplar para vocês e outro para Neruda). Tenho um exemplar do livro de Jorge, mas não posso mandar, porque comprei por 100 para vender por 500, negócio de finanças.[101]

James está escrevendo um romance que é a história da luta dos posseiros do Porto Paraguassu, acontecida em 36, no sul da Bahia. Hoje à tarde foi absolvida E. Branco, no S. Tribunal, dois votos contra dois, e o juiz desempatou a favor.[102] *Vitória do movimento de massas para libertá-la.*

Você já está com saudades do seu filho, sem poder revê-lo.[103] *Ele lhe escreve? Vi sua irmã uma vez em casa de d. Eulália. Bem, disponha de mim quanto é possível a esta distância, beijos de Jana para João e Paloma, abraços para você e Jorge.*

Jacinta

O IV Congresso Brasileiro de Escritores, em Porto Alegre, ao qual Jacinta compareceu, foi muito tenso. Rompera-se a frente ampla de intelectuais brasileiros selada em 1945, durante o I Congresso, em torno da liberdade de expressão e do incentivo governamental a políticas culturais. Desde o II Congresso, em 1947, principalmente desde as eleições de 1949 para a direção da Associação Brasileira de Escritores (ABE), intelectuais comunistas e não comunistas divergiram profundamente entre si, inclusive com agressões físicas, os últimos acusando os primeiros de partidarizarem a agremiação. Os comunistas haviam conseguido o controle

---

refere, por três vezes adiada, fosse uma ligação de trompas. A família Passos teve notícias de que ela ligara ou ligaria as trompas, por achar que cuidar de muitos filhos era incompatível com a militância política; a referência de Jacinta a Zélia, no início da carta ("um casal já chega, dona"), parece reforçar essa ideia. James, contudo, não se lembra de uma cirurgia de ligação de trompas, o que poderia indicar que Jacinta a planejou, mas não a concretizou.

[101] *Negócio de finanças.* Referência ao trabalho de finanças que os militantes do PCB deviam realizar, a fim de angariar dinheiro para as despesas do partido. No caso, Jacinta deveria revender, por um valor mais alto do que comprara, exemplares de um livro de autoria de Jorge Amado.

[102] *E. Branco.* Referência à costureira Elisa Branco, nascida em 1912, que, a 7 de setembro de 1950, durante a comemoração da Independência, empunhou uma faixa em frente ao palanque das autoridades, protestando contra o apoio do Brasil aos Estados Unidos na Guerra da Coreia, e contra o possível envio de tropas brasileiras para esta guerra. Condenada pelo Tribunal Militar a 4 anos e 3 meses de prisão, Elisa viu formar-se, em torno do seu caso, um grande movimento popular. Foi absolvida em 1951, em novo julgamento, conforme Jacinta informa. No ano seguinte, em 1952, Elisa Branco viajaria à Europa em companhia de Zélia e Jorge Amado, para receber o Prêmio Stalin. Mais de cinquenta anos depois, continuava comunista, conforme se lê em "Elisa Branco, 87 anos, a costureira que ganhou o Prêmio Stalin", revista *Isto é Gente*, 27 de junho de 2005.

[103] Referência a Luiz Carlos Veiga, filho do primeiro casamento de Zélia, que permanecera no Brasil, com o pai.

da ABE, mas viram afastar-se dela intelectuais muito expressivos, como Antonio Cândido, Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Manuel Bandeira e Sérgio Buarque de Holanda.

No Congresso de Porto Alegre, as divergências aconteceram não apenas entre intelectuais comunistas e não comunistas, mas entre os próprios comunistas. Um grupo de escritores, entre os quais James, redigiu um documento final para o Congresso, que não foi aceito pela direção do PCB. Esta impôs um texto mais afinado com as normas do realismo socialista, a corrente estética implantada pela URSS, que defendia a realização de uma arte sempre a serviço dos ideais do partido e da ditadura do proletariado.

* * *

Pouco mais de um mês após retornar de Porto Alegre, Jacinta sofreu uma séria crise nervosa no Rio de Janeiro, em seu apartamento. Junto com ela estavam o marido, a filha e Tomásia Ribeiro de Queirós, a Mazi, empregada dos Passos em Salvador, enviada ao Rio para tomar conta de Janaína, enquanto o casal viajava para o sul.

James lembra-se: havia alguns dias, Jacinta mostrava-se particularmente ansiosa e irritada. De repente, numa atitude que não lhe era habitual, sem razão aparente, expulsou de casa, aos berros, o amigo e escritor Dalcídio Jurandir, que visitava o casal. Em seguida, muito nervosa, agitada e assustada, trancou todas as portas e janelas do apartamento, afirmando que a polícia estava do lado de fora, pronta para invadir a residência e prendê-la. Nenhum argumento a demoveu dessa ideia. Ao contrário, com o passar das horas mostrou-se cada vez mais convencida da presença dos policiais. Aterrorizada, gritava, debatia-se e agredia fisicamente o marido e Tomásia. Mostrando força física incomum, impedia os dois de atenderem ao telefone e de saírem. Gritava coisas incompreensíveis, como se em delírio. Não dormiu. Manteve esse comportamento até o dia seguinte, quando um amigo do casal, que fora visitá-los, conseguiu entrar no apartamento e ajudar James a levá-la ao médico.[104]

Atendida pelo psiquiatra Isaías Paim, Jacinta foi internada na pequena clínica de propriedade do médico, em Botafogo, onde foi diagnosticada como portadora de esquizofrenia paranoide, então considerada uma doença progressiva e irrecuperável, para a qual não existiam medicamentos nem terapias específicas.[105] Durante essa internação e as seguintes, Jacinta foi tratada à base de eletrochoques, injeções de insulina e barbitúricos, procedimentos muito empregados à época,

---

[104] Entrevistas com James Amado, Maceió, fevereiro de 2004; Salvador, março de 2004 e fevereiro de 2005. Registros de Tomásia Ribeiro de Queirós.

[105] Isaías Paim, casado com a escritora e também militante Alina Paim, costumava atender membros do PCB. Tornou-se um nome respeitado na psiquiatria brasileira, com vários livros publicados.

com o objetivo de manter os pacientes calmos. A violência do tratamento na verdade deixava os pacientes completamente atordoados, catatônicos, sem possibilidade de reação.[106]

James relembra:

> *Jacinta ficou internada nessa clinica durante quatro meses e meio. Por ordem médica, permaneci o tempo todo ao lado dela, no mesmo quarto. Nessa época praticamente não trabalhei. Foi uma tortura, para ela e para mim. Assisti Jacinta tomar trinta e sete choques elétricos. Quando entrava em crise, ela se agitava, debatia muito os braços, e gritava, apavorada: 'Estão entrando, eles estão entrando! Vão prender Prestes, vão prender, estão prendendo Prestes, vão matar Prestes!'*[107]

Jacinta acabara de fazer 37 anos de idade. James tinha 29.

Como lembrou o historiador e amigo do casal, Luís Henrique Dias Tavares, *a história de Jacinta Passos não pode ser dissociada da história da repressão no Brasil.*[108] As crises de Jacinta, nesta e em outras ocasiões, tiveram como centro perseguições políticas. Suas alucinações expressaram cercos, agressões, torturas e assassinatos praticados pela repressão, contra ela e contra Luiz Carlos Prestes.

* * *

Como a mulher não melhorasse, James procurou outras opiniões médicas. A dra. Eline Mochel transferiu Jacinta para uma clínica, uma "casa de repouso", como se dizia à época, situada na Ilha do Governador, pertencente ao psiquiatra Francisco Sá Pires, que atendia militantes do PCB. Esse médico desaconselhou a presença de James ao lado de Jacinta, argumentando que a figura dele fazia parte dos delírios dela. A partir de então, Jacinta ficou internada sozinha, recebendo visitas da família.[109]

A filha de Jacinta recorda-se de, em 21 de abril de 1952, dia do seu quinto aniversário, ter visitado a mãe. Lembranças suas:

> *Acho que foi a primeira vez em que visitei minha mãe no sanatório. Eu estava orgulhosa dos meus 5 anos, e ansiosa para vê-la, pois sentia muita falta dela. Mas, no corredor do sanatório, me assustei. Vi uma fileira de*

---

[106] Embora o tratamento dos doentes mentais tenha evoluído desde a década de 50, ainda hoje há instituições, no Brasil como em outros países, que tratam seus pacientes sistematicamente à base de eletrochoques.

[107] Entrevista com James Amado, Salvador, março de 2004.

[108] Luís Henrique Dias Tavares, depoimento escrito, setembro de 2005, e entrevista telefônica, dezembro de 2003.

[109] Entrevistas com James Amado, Maceió, fevereiro de 2004; Salvador, março de 2004.

portas pintadas de branco, cada uma com uma janela no meio, com grades; pelas frestas das grades, enxerguei mãos se contorcendo, e ouvi gritos muito altos, que vinham do lado de dentro das portas. Isso tudo me apavorou, e eu agarrei com força a mão de meu pai. Até hoje posso nos ver de mãos dadas, caminhando por aquele corredor.
Mamãe estava deitada numa cama alta, dentro de um quarto que me pareceu grande. Ao me ver, ficou muito alegre, sorriu, me abraçou. No quarto havia um sofá baixo, onde me lembro de que recebi presentes, foi colocado um bolo, cantamos parabéns. Minha mãe continuou deitada, falava comigo da cama. Eu estava contente pelo aniversário, mas tudo me parecia estranho.

Jacinta fugiu da clínica duas vezes. Na primeira, alcançou uma agência de publicidade no centro do Rio, onde trabalhava seu amigo Raymundo Araújo, também militante do PCB. Percebendo que Jacinta não estava bem – ela não concatenava o raciocínio, mostrando-se aterrorizada com a perseguição de policiais que estariam à porta –, Raymundo levou-a até James,[110] que a reconduziu ao sanatório.[111] Em outra ocasião, Jacinta apareceu na casa dos sogros, em Copacabana, onde sua filha estava abrigada. Muito agitada, falava alto. Parecia empolgada com a fuga: *Fugi no poleiro de um ônibus!* Janaína lembra-se de ouvi-la dizer.[112] Foi levada de volta à clínica.

Dias depois desse episódio, o irmão de Jacinta, o médico Manoel Caetano Filho, que morava em São Paulo, decidiu transferi-la para lá, para ser internada na Clínica Psiquiátrica Charcot, estabelecimento de referência no tratamento de doenças psiquiátricas no Brasil.[113] Os Passos estavam extremamente preocupados com o estado de saúde de Jacinta. Caetano pensava que, em uma instituição de boa qualidade, ele próprio acompanhando de perto o caso, sua irmã pudesse melhorar.

James concordou com a transferência. A ida de Jacinta para São Paulo representou a separação definitiva do casal, que nunca mais voltou a viver junto.

Os médicos do Charcot confirmaram o diagnóstico de esquizofrenia paranoide, e Jacinta permaneceu vários meses internada na instituição. Sua sobrinha Maria Helena Passos, filha de Caetano, então uma criança, lembra-se:

---

[110] Entrevista com Marise de Araújo Ramos, irmã de Raymundo Araújo, Maceió, fevereiro de 2004.
[111] Entrevista com James Amado, Salvador, março de 2004.
[112] Recordação de Janaína Amado e registro de Eulália Leal Amado.
[113] Embora reunisse um grupo conceituado de médicos, a clínica também aplicava choques elétricos nos pacientes, procedimento comum à época. A Clínica Charcot continua funcionando.

Eu ia ao Charcot todo domingo, com minha irmã Lúcia e meu pai. Ele fazia questão de ir, e de nos levar. Tinha gente que discordava dele, achava que visitas a um sanatório não eram adequadas para meninas. Mas meu pai nos levava assim mesmo, porque achava que tia Jaci precisava sentir a ligação com a família. Quanto às filhas, afirmava, ele saberia preservá-las de visões ou sentimentos ruins que as visitas por acaso lhes causassem: 'Vamos ver sua tia', dizia. Lembro-me de que, durante as visitas, nós quatro ficávamos numa sala grande ou num jardim. Papai conversava também com os médicos.[114]

Em outubro, os médicos deram alta a Jacinta. Ela deveria tomar regularmente os medicamentos prescritos e permanecer na cidade, para consultas periódicas. Transferiu-se para a casa da irmã, Dulce – com quem tinha muitas diferenças de temperamento e valores –, e do cunhado, Nestor Santos, um médico, à rua Sílvia, próximo à avenida Paulista. O casal não tinha filhos. Jacinta conseguiu trabalho na Editora Martins, graças à intermediação de James. Voltou a compor poemas, entre eles "Canção para Maria", publicado em 1953.[115] Sua vida parecia estar voltando à normalidade.

Nos últimos meses de 1952, ela escreveu à cunhada Zélia três bilhetes. Com Jorge e os filhos, Zélia estava morando no Rio, no apartamento dos sogros, Eulália e João Amado, onde também residia Janaína, desde a internação da mãe.[116] Os bilhetes mostram Jacinta lúcida, consciente de sua doença, agradecida a Zélia por tomar conta de sua filha – por quem demonstra muito carinho –, e esperançosa de em breve, assim que tivesse condições, voltar a cuidar dela:

São Paulo, 5-10-52

Zélia

Desejo que você, os meninos e todos passem bem.
Escrevo para lhe agradecer os cuidados que você teve com Jana. Fui forçada a ficar mais algum tempo aqui sob assistência médica e também aqui é mais fácil conseguir um emprego do que aí no Rio. Começarei a trabalhar segunda-feira, na Editora Martins. Peço-lhe que tenha paciência e cuide mais

---

[114] Entrevista telefônica com Maria Helena (Lena) Passos, filha de Manoel Caetano Filho, dezembro de 2003. A Clínica Charcot informou que não possui mais os registros médicos dos pacientes internados na década de 1950 nem sabe se estes foram encaminhados para outra instituição.

[115] O poema foi publicado na revista *Fundamentos*. São Paulo: Ano V, n. 31, 1953, p. 10, e está reproduzido nesta edição. O ano em que foi escrito, 1952, consta da publicação original.

[116] Cf. Zelia Gattai. *Chão de meninos*. A residência de Eulália e João Amado situava-se à rua Rodolfo Dantas, nº 16, apto. 804, em Copacabana. Algum tempo depois, Zélia e família passaram a morar no mesmo prédio, no apto. 704.

algum tempo de Jana, até eu me instalar mais definitivamente e poder cuidar dela.
Beijos para João e Paloma, um abração em D. Eulália. Sua cunhada amiga,

Jacinta[117]

São Paulo, 16-11-52

Zélia

Como passam todos? João Jorge e Jana e Paloma estão bons? Jana tem lhe dado muito trabalho? Agradeço-lhe o que tem feito por ela, espero breve poder ir buscá-la.
Peço-lhe para mandar pelo velho uma calcinha de Jana para medida de outras que minha mãe vai costurar para ela.
Espero uma cartinha sua dando notícias da saúde de Jana, se está indo à escola; mande dizer também o que ela precisa de roupas; se precisa de vestido, de combinação, frente para praia ou maiô.
Um abraço para você e todos.

Jacinta

12-12-52

Zélia

Desejo que todos estejam bons. Recebi duas cartas suas e fiquei muito contente com as notícias de minha filha. Agradeço-lhe o que tem feito por ela.
Escrevo-lhe para lhe falar especialmente sobre o seguinte: se você vem dentro de alguns dias até aqui, seria possível você trazer Jana? Eu pagaria a passagem.[118]
Peço-lhe para me responder urgente, pois tenho aqui um presente para o Natal dela e preciso saber se mando, caso você não possa trazê-la. Se puder, telefone para 346993, à noite, mandando cobrar o telefonema aqui. Muitos beijos em Jana, André,[119] *Paloma e João. Um grande abraço,*

Jacinta

Após um período tranquilo, Jacinta apresentou alterações de comportamento, como irritabilidade, agressividade e alternâncias bruscas de humor. Recusava-se

---

[117] Este bilhete, como os outros dois, foram reencontrados por Zélia Gattai em seu apartamento do Rio, no segundo semestre de 2004.
[118] Jacinta propõe-se a pagar a passagem da filha a São Paulo; linhas à frente, pede a Zélia que lhe telefone, mas a cobrar. Essas atitudes eram típicas de Jacinta Passos: mesmo quando dispunha de poucos recursos, fazia questão de jamais dever nada a ninguém.
[119] *André*. André Amado, filho de Fanny e Joelson Amado (irmão de James), então criança.

a tomar os remédios prescritos pelos médicos, e começou a ter crises de ausência e de afastamento da realidade. Sua irmã e cunhado pensavam que deveria voltar a ser internada, mas ela não aceitou de modo algum a ideia: não via razões para a internação, além de demonstrar pavor da vida no sanatório, sinônimo de intenso sofrimento.[120]

O irmão de Jacinta resistiu à ideia de interná-la. Com o passar do tempo e o agravamento do seu estado de saúde, porém, Caetano acabou cedendo. Coube a ele internar Jacinta, conforme relatou sua filha, Lena Passos:

> *Era preciso alguém da confiança dela para conseguir interná-la, pois ela se recusava. Tia Jaci não confiava em tia Dulce nem em tio Nestor. Ela confiava só no irmão. Meu pai, então, foi quem lhe deu a injeção para sedá-la e a internou. Ele ficou muito traumatizado com isso, chorou um dia inteiro.*[121]

Caetano relacionava a piora do estado de saúde de Jacinta a uma notícia que ela recebera: em junho de 1953, um ano e sete meses após sua primeira internação, James decidira reorganizar a vida com outra mulher. *Jacinta era apaixonada por James, louca por ele. Meu pai repetiu várias vezes que, naquele momento, ela não aguentou a notícia de que James não poderia mais continuar ao lado dela*, resumiu Lena Passos, filha de Caetano.[122]

Jacinta permaneceu internada no Charcot durante mais de um ano, provavelmente um ano e meio. Nesse período, recebeu visitas de alguns parentes. Sua prima Maria Bernadete, a Detinha, que morava na Bahia, muito próxima durante a infância e a juventude, assim narrou a visita que lhe fez:

> *Quando visitei Jacinta no sanatório de São Paulo, fui com Caetano e Jacy.*[123] *Ela estava com todas as outras internas, na sala. Eu achei a fisionomia dela esquisita, não era a sua fisionomia normal. Ela me olhou de uma forma totalmente indiferente, como se eu fosse uma estranha. Me perguntou, sem me dar atenção: '– Como vai?' Saiu dali, deu uma volta no salão, depois voltou para perto de mim, mas não me reconheceu. Olhava para mim e não me reconhecia! Eu fiquei emocionadíssima de revê-la assim, até passei mal com aquilo. Jacy então disse: 'Vamos embora.´ E nós fomos.*[124]

---

[120] Registros de Dulce Passos e de Jaci Machado Passos, respectivamente irmã e cunhada de Jacinta; entrevista telefônica com Maria Helena Passos, sobrinha de Jacinta, dezembro de 2003.

[121] Entrevista telefônica com Maria Helena Passos, a Lena (filha de Manoel Caetano Filho), dezembro 2003.

[122] Idem, ibidem.

[123] *Caetano e Jacy.* Manoel Caetano Passos Filho e sua mulher, Jacy Machado Passos.

[124] Entrevista com Detinha Passos Almeida, maio de 2004.

Estas são as lembranças da filha Janaína, então com 6 anos de idade, sobre a única visita que fez à mãe, no sanatório Charcot:

> *Eu morava no Rio, com meu pai. Estava passando férias na casa de tio Joelson.*[125] *Não me lembro se foi tio Joelson ou tio Caetano quem me levou ao sanatório. Lembro-me apenas de um pequeno quarto num segundo andar, com duas camas, uma ao lado da outra, separadas por uma mesinha de cabeceira, tudo branco. Mamãe ficou sentada numa das camas, e eu, na outra, em frente a ela. Eu a achei bonita. Ela puxou conversa comigo, me perguntou algumas coisas, às vezes sorria. Mostrei-lhe, orgulhosa, a calça amarela de lã que estava vestindo. '– É nova?', me perguntou. '– É', respondi. Mostrei interesse por uns livros coloridos sobre a mesinha de cabeceira. Ela pareceu gostar do meu interesse, me deu explicações sobre eles. Foi um encontro cordial, mas estranho. Visto da perspectiva de hoje, creio que faltou entre nós intimidade.*

Passados tantos anos das crises de Jacinta, sem acesso aos seus prontuários médicos (os sanatórios não guardam documentos dessa época) e, principalmente, sem escutar o seu delírio, a maioria dos psicanalistas e psiquiatras afirma que é muito difícil, praticamente impossível, fazer hoje um diagnóstico sobre a natureza das suas dificuldades psíquicas. Contudo, alguns dizem que as informações disponíveis apontam para a existência de esquizofrenia paranoide. A carência de medicamentos adequados, bem como a resistência de Jacinta em tomar os remédios que existiam, aliadas à aplicação de terapias manicomiais baseadas unicamente em eletrochoques e em injeções de insulina, devem ter contribuído para tornar suas crises mais frequentes, profundas e dolorosas. Atualmente, garantem os especialistas, pessoas com sintomas semelhantes aos manifestados por Jacinta levam existências normais, graças ao apoio de medicamentos e terapias mais adequadas.

Em condições totalmente desfavoráveis, quando esteve internada pela segunda vez no Charcot, Jacinta Passos escreveu o épico "A Coluna".[126] É um longo poema em 15 cantos, que recria a história da Coluna Prestes, a grande marcha de 25 mil quilômetros Brasil afora, nos anos 20, liderada, entre outros, por Luiz Carlos Prestes, com o objetivo de derrubar os governos da República Velha, considerados retrógrados. "A Coluna" originalmente integrava um livro mais longo:[127] é possível, portanto, que, além do épico, Jacinta tenha escrito outras poesias, durante a internação. Em situação muito adversa, ainda assim ela conseguiu organizar sua escrita e fazer ouvir sua voz.

---

[125] *Tio Joelson.* Joelson Amado, irmão de James, à época residente em São Paulo.

[126] *A Coluna,* reproduzido nesta edição, foi publicado em livro em 1957. A informação sobre a data da escrita do poema está incluída no livro: "escrito em São Paulo: 1953-1954".

[127] O volume se chamaria *Histórias do Brasil e outros poemas,* conforme informação constante do livro *A Coluna.*

Abrindo caminho no chão: de volta à Bahia

Em 1955, Jacinta retornou a Salvador, ao mesmo sobrado onde residira na adolescência e juventude, a casa dos pais. Tudo indica que sua ida foi uma solução negociada entre ela, a irmã Dulce – para quem a presença de Jacinta em casa se tornara pesada –, os pais e a irmã Zete, estes últimos habitantes da casa de Nazaré.

Os anos vividos em Salvador, na década de 50, foram muito duros para Jacinta. Ela retornou sozinha, separada do marido, distante da filha, sem emprego nem dinheiro, desprestigiada, defendendo ideias comunistas numa época de descenso do PCB, marcada sobretudo pelo estigma da doença mental, que, se hoje é forte, à época era avassalador. No Brasil, era comum as pessoas considerarem, como ocorrera na Europa medieval, distúrbios mentais como punições aplicadas por Deus aos danados, aos pecadores extremos. Quando se tratava de mulheres, não raro se associava o estado psicológico alterado da mulher a uma sexualidade exacerbada, hedonista. Muitas famílias escondiam os doentes mentais nos fundos das casas, em locais a que as visitas não tinham acesso.

Provavelmente, se tivesse condições materiais, Jacinta, com seu temperamento independente, teria preferido morar sozinha, arcando com as próprias despesas. Mas precisou retornar para a casa dos pais. Foi bem recebida no velho sobrado de Nazaré, onde ocupou um quarto espaçoso, bem iluminado, no segundo andar, de frente para a rua. Ali passava quase todo o tempo, porta fechada, ouvindo notícias no rádio, datilografando na máquina, sempre cercada de muitos livros e recortes de jornal, que espalhava pela grande mesa de trabalho e pela estante, às vezes pelo armário também.

Jacinta vivia à parte da família. Lavava a própria roupa, e preparava suas refeições: variava frutas, salada de tomate e cebola, ovo, arroz, feijão, farinha e carne-seca, de que era grande apreciadora, tudo regado a pimentas malaguetas, que gostava de comer cruas, inteiras. Fazia as refeições na cozinha, separada dos familiares, ou se sentava à mesa quando todos já estavam terminando a refeição. Aceitava receber dos pais o mínimo de dinheiro, suficiente apenas para despesas obrigatórias, como as de transporte. Certa vez, próximo a seu aniversário, declarou logo a todos da casa que não aceitaria presente de ninguém. Percebendo que ela necessitava de muitas coisas, a mãe e outros parentes insistiram em presenteá-la. Só a muito custo concordou em deixar, junto à escada, uma pequena lista de itens de primeira necessidade.[128]

[128] Entrevista com Terezinha Siqueira de Andrade, Maceió, novembro de 2003; entrevistas telefônicas com Detinha Passos de Almeida, junho de 2004, e com Marta Valença, março 2004. Registro de Zete Passos.

Quando os Passos recebiam convidados aos domingos, geralmente parentes, Jacinta pouco aparecia: *Me lembro dela como um vulto, que descia as escadas, passava pela gente, ia direto para a cozinha, subia de novo para o quarto. Era calada, reservada, fechada. Às vezes, carregava muitos livros*, relembra Eliana Almeida, sua prima em segundo grau.[129] Jacinta saía diariamente de casa, tinha seus próprios horários. Não dava nenhuma satisfação sobre sua vida aos familiares, que desconheciam o que fazia na rua.

* * *

Acertos entre Jacinta e James determinaram que Janaína, a filha de ambos, então com oito anos de idade, que morava com o pai no Rio, fosse para Salvador, passar com a mãe as férias escolares de final de ano, em 1955 e 1956. Cada uma dessas férias durou três meses.

Jacinta, que não convivia com a filha há quatro anos, estava exultante com a perspectiva de sua chegada. Em dezembro de 1955, o sobrado de Nazaré encontrava-se bastante povoado, pois, além de Jacinta, de Bebé e Ioiô, seus pais, de Zete, sua irmã mais velha, também Lourdes, sua irmã mais nova, estava hospedada lá temporariamente, com toda a família, constituída do marido e quatro filhas.[130] Jacinta chegou a ensaiar com as sobrinhas a apresentação de uma pequena peça de teatro de sua autoria, para receber a filha. Os Passos também estavam animados com a chegada da neta, sobrinha e prima.[131]

Estas são as lembranças de Janaína, sobre as duas férias vividas ao lado da mãe, aos oito e nove anos de idade:

> *Tenho recordações bastante distintas dessas duas férias, completamente diferentes uma da outra. As primeiras, as de 1955, senti como uma grande festa. Fui muito bem recebida naquela casa alegre, paparicada pelas tias, empregadas antigas, avó – de quem gostei muito, pois era carinhosa, costurava roupas para mim, me dava doces, acarinhava meus cabelos... Eu, que só tinha irmãos muito pequenos, adorei conviver com as quatro primas de idades próximas à minha, às quais às vezes se juntavam mais duas, chegadas de São Paulo. Foram tantas brincadeiras, fazíamos uma farra! Com elas aprendi brincadeiras quase desaparecidas no Rio, como as antigas danças e canções de roda. Isso me aproximou de minha mãe, que gostava muito dessas canções.*

---

[129] Entrevista com Eliana Passos de Almeida, Salvador, março de 2004. Era uma criança quando sua mãe, Detinha Passos de Almeida, a levava para visitar os parentes em Nazaré.

[130] Maria, filha mais velha de Lourdes, desde pequena morava com os avós. Lourdes Passos posteriormente deu à luz a mais três filhas. Berila e Manoel Caetano Passos tiveram apenas netas: sete de Lourdes, duas de Caetano e uma de Jacinta.

[131] Entrevista com Terezinha Siqueira de Andrade, sobrinha de Jacinta, Maceió, novembro de 2003; entrevistas telefônicas com Terezinha Siqueira de Andrade, março de 2004, e com Maria Siqueira Vianna, também sobrinha de Jacinta, fevereiro de 2004.

Vindo de uma casa meio bagunçada, de intelectuais do Rio, gostei de conhecer os costumes da família senhorial baiana, a começar pela disposição da casa espaçosa, muito bem arrumada, com quintal onde havia árvores frutíferas e galinhas, e com um setor grande, embaixo, nos fundos, destinado aos serviçais, que eram numerosos e me davam a impressão de guardarem segredos extraordinários. Não havia luxo, a decoração tendia ao sóbrio, porém tudo me parecia mais cerimonioso e cuidado do que nos ambientes a que eu estava habituada. Lembro-me – eu, que usava shorts e frente única – dos grandes laços de fita e dos vestidos cheios de babados e frufrus e das anáguas das minhas primas, que, de tanta goma, ficavam em pé sozinhas no chão. Quando me perguntaram se eu também queria usá-las, rapidamente as adotei, com toda a alegria.
Cumpriam-se diversos rituais diários na casa, entre eles as rezas às seis da tarde, junto ao oratório (que mamãe me proibia de assistir, mas às vezes eu conseguia espreitar, de longe), além do meticuloso cerimonial das refeições: junto à grande mesa muito bem posta, devíamos, as meninas, limpas e arrumadas, ficar todas de pé, cada uma atrás de sua cadeira, até o avô sentar-se à cabeceira. Devíamos então esperar em silêncio a avó, na outra cabeceira, com a ajuda das empregadas, servir nossos pratos. Nós, meninas, devíamos falar o mínimo possível à mesa, regra a que com frequência desobedecíamos. Durante minha estadia, mamãe se alimentou junto conosco, não na cozinha, como fazia habitualmente. Minha chegada a colocou em contato mais frequente com o restante da família, ensejando colaboração entre eles.
Havia também o escalda-pés diário do avô, que eu observava fascinada. Ele era um homem muito alto, elegante, impecável, que usava chapéu, terno de linho em geral claro, com gravata, guarda-chuva e botas ou sapatos envernizados. Quando chegava em casa, instalava-se na poltrona da sala e ali esperava Mazi, a empregada de décadas, ajoelhar-se à sua frente, tirar-lhe os sapatos e meias e colocar-lhe os pés cansados dentro da bacia com água quente e infusão de ervas, que ela invariavelmente lhe preparava, na temperatura certa, à espera do chamado dele. Sério, reservado, ocupado com sua vida, o avô foi para mim figura distante, mas não desagradável.
Nessas primeiras férias, a convivência com minha mãe foi boa. Ela gostava de conversar comigo, contava-me histórias, dava-me livros para ler, ensinava-me muitas coisas – geografia, política, matemática, português, história... –, ria das minhas perguntas e respostas, orgulhava-se dos meus acertos. Mamãe cuidava de mim, me dava banho e remédio, penteava meus cabelos. Falava-me de literatura, das poesias que estava escrevendo, dos seus livros – no Natal, me dedicou um exemplar de "Poemas políticos", que guardo com

carinho –, da importância das transformações sociais e das vantagens do comunismo. Eu a admirava, a achava inteligente e bonita. Estava muito feliz por reencontrá-la, e por descobrir que tinha toda aquela família.

Colado na parede em frente à mesa de trabalho de mamãe, havia um grande recorte, um desenho impresso de um senhor careca, sério, visto de perfil. Lembro-me de olhar muitas vezes esse desenho, intrigada com a presença daquele estranho personagem no quarto. Minha mãe me explicou que era Lênin, um homem muito importante, líder soviético, benfeitor da humanidade. Como meu pai e tios também eram comunistas, eu estava habituada a essas referências, aceitando-as com naturalidade. Décadas depois, reencontrei esse mesmo desenho de Lênin, um bico de pena da década de 50, impresso nas páginas do jornal O Momento (de onde mamãe decerto o recortara), e me emocionei.

Minha mãe era atenta, solícita às vezes, mas não me fazia carinho físico. E era muito exigente, gostava que eu agisse exatamente do modo como me ordenava. Quando tomava uma decisão a meu respeito, não admitia desobediências nem interferências. Duas primas lembram-se dela cortando meus cabelos, contra a minha vontade, utilizando para isso uma cuia vermelha, originalmente usada como invólucro de queijo do reino, que colocara na minha cabeça, como molde. Meus protestos e choros, assim como a solidariedade recebida das primas, que assistiam a tudo muito impressionadas, de nada adiantaram: meu cabelo foi cortado, em formato redondo, "como o de uma índia", lembra uma das primas.[132] *Não me lembro da cena, o que indica que não me marcou negativamente.*

Dormíamos no mesmo quarto. Parte das manhãs, enquanto mamãe lia e escrevia, eu passava brincando com as primas, em geral do lado de fora, no grande pátio da casa. Logo após o almoço, em alguns dias da semana nós duas saíamos. Tomávamos um bonde ou ônibus até a Praça Castro Alves, descíamos o Elevador Lacerda rumo à Cidade Baixa (esta era a parte do passeio de que eu mais gostava, a da descida no Elevador), onde tomávamos outro transporte, até um bairro longe e muito pobre, que não sei identificar. Descíamos a encosta de um morro – perigoso, quando chovia – até um grupo de casas paupérrimas, onde moravam famílias negras. Ali, ao ar livre, na terra, sobre dois ou três caixotes de madeira, Jacinta, profundamente coerente com sua forma de pensar, dava aula às crianças. No intervalo, divertia-nos com brinquedos simples, pequeninos piões que levava consigo, numa bolsa de lona. Às vezes nos oferecia sanduíches de queijo, também

[132] Entrevistas telefônicas com Maria Helena (Lena) Machado Passos, dezembro de 2003, e com Maria Siqueira Vianna, fevereiro de 2004; entrevista com Terezinha Siqueira de Andrade, Maceió, novembro de 2003.

levados por ela. Conversava com as mães antes e depois das aulas, dava-lhes conselhos sobre higiene, talvez tentasse organizá-las politicamente, não sei. Eu gostava bastante dessas saídas com mamãe. Só reclamava de que, na rua, ela agarrava minha mão com tanta força que me deixava marcas vermelhas, não me soltando jamais. Talvez tivesse medo de que eu fosse atropelada ou me perdesse dela.

Os atritos com minha mãe nesse período, percebo hoje, foram todos sobre questões relativas ao meu relacionamento com a família Passos. Muitas vezes eu preferia estar com as primas ou outras pessoas da casa a ficar no quarto com ela, assim como preferia sair a passeio com os outros a permanecer em casa, em sua companhia. Mamãe não me proibia os contatos (as saídas, sim), mas os restringia, talvez para poder ficar mais tempo comigo, por ciúmes, ou por temer a influência excessiva sobre mim da família, com quem tinha grandes diferenças sobre maneiras de compreender o mundo. 'Você é minha filha, tem de fazer o que eu acho certo, não o que os outros acham', me dizia, zangada. Eu não entendia as restrições. Essa situação gerou algumas brigas entre nós, mas nada sério. Tanto que, no ano seguinte, eu mesma quis retornar à Bahia para as férias.

Em 1956, entretanto, encontrei uma situação muito diferente. As primas e tios não moravam mais em Nazaré (apenas a prima mais velha, cuja idade era a mais distante da minha). Não me senti recebida pelos familiares com o mesmo carinho e paciência do ano anterior, inclusive pela avó. Todo mundo parecia preocupado, ansioso, envolvido com problemas. Minha mãe estava nervosa, agitada, impaciente, brigando a toda hora com a família e comigo, que, por meu turno, revidava com más-criações a ela. Lembro-me de tia Zete uma vez me chamando à parte, para me dizer que eu não podia continuar a responder à minha mãe daquela forma. Ela tinha razão, mas eu não mudei minha forma de me comportar.

Nessas férias, o nível de exigência de mamãe em relação a mim tornou-se absurdo. Ordenava, por exemplo, que eu decorasse listas inteiras da população mundial, país a país, e se aborrecia quando eu errava ou ameaçava desistir. No Natal, dei-lhe de presente, com dedicatória, um caderno manuscrito, contendo pequenas peças de teatro e poesias escritas por mim. Ela ficou contente, riu, me agradeceu. Dias depois, devolveu-me o caderno, que guardo até hoje, com observações críticas e correções (todas pertinentes), acompanhadas de uma nota – "regular", "ótima", "boa" – para cada escrito meu. Era muito difícil, quase impossível agradá-la, e isso me frustrava demais.

Continuávamos a ir, agora quase todos os dias, ao bairro pobre de Salvador, mas eu já não achava muita graça naquilo, porque, naquele ano, durante nosso trajeto mamãe esbarrava com frequência nas pessoas que vinham em

sentido contrário, quase como se não as visse. Quando as pessoas reclamavam, brigava com elas, gesticulando, gritando. Falava também sozinha, enquanto caminhávamos pelas ruas. Comecei a sentir vergonha de minha mãe. O clima na casa tornou-se tão difícil para mim que escrevi uma carta a meu pai, pedindo que fosse me buscar o mais rápido possível. A carta não seguiu, porque tia Zete, a quem pedi que a enviasse, preferiu não o fazer. Naquele ano, mamãe debatia-se na cama à noite, falando alto, às vezes gritando, o que me acordava. Nessas ocasiões, na escuridão do quarto eu sentia muito medo dela, temia que saltasse sobre mim, me fizesse mal. Ao final das férias nós duas viajamos num pequeno navio, uma viagem que recordo muito tensa, para o Rio de Janeiro, onde ela me entregou a papai.

* * *

Em Salvador, Jacinta voltou a militar ativamente no PCB. Assistia às reuniões, escrevia e datilografava textos, discursava nos comícios-relâmpago organizados em feiras, no porto, em portas de fábrica, dava conferências onde o partido indicava, ministrava aulas para crianças pobres. Era uma militante anônima, disciplinada e absolutamente convicta, numa organização debilitada e com graves dissensões internas. Leôncio Basbaum afirma: *O Partido cresceu rapidamente e em fins de 1945 já possuía cerca de 50 mil filiados, um jornal diário, uma grandiosa sede no centro da capital do país, o Rio de Janeiro.* Mas, no final da década de 1950, em todo o território nacional *não teria mais de dois a três mil membros.* [133]

Jacinta, que tanto prestígio conquistara entre os intelectuais do Partido, nesse período não recebeu atenção. Não foi indicada, por exemplo, como acontecera várias vezes no passado, para integrar, muito menos chefiar, delegações a congressos, inclusive os locais.[134] Resultado de mudanças no comportamento dela? Estigma da doença mental? Efeito da separação de James, e do consequente afastamento também de Jorge Amado, até 1957 figuras de projeção no PCB?

Em 1955, Jacinta procurou *O Momento*, o jornal do PCB em Salvador, onde trabalhara na década de 40, para oferecer colaboração voluntária. Nesse ano, deve ter publicado ali alguns artigos.[135] No início de 1956, já se tornara responsável por uma página inteira do jornal, "Literatura e Artes", onde foram publicados poemas, contos, traduções, estudos de crítica literária, notícias culturais etc., de

---

[133] Basbaum, Leôncio. *História sincera da república*. Vol. 3, p. 137.

[134] Para estimular a militância, principalmente de intelectuais, o PCB organizou à época vários congressos, de caráter local, regional e nacional, além de participar dos internacionais, o mais importante sendo a Assembleia Mundial da Paz, em Helsinque, em junho de 1955. A relação completa da delegação brasileira a este último consta de João Falcão, *O partido comunista que eu conheci,* p. 354.

[135] Não foi possível localizar exemplares de *O Momento* do ano de 1955. Em 8 de abril de 1956, data do primeiro exemplar disponível do jornal nesse ano, um artigo de Jacinta, intitulado "Sobre a poesia brasileira", é continuação de um ou mais textos anteriores. Daí a suposição de que ela começou a colaborar com o jornal em 1955, ano em que retornou a Salvador.

diversos autores. Alguns textos seus, sobre literatura, também apareceram na seção.[136] A página não tinha periodicidade regular. Saía quando havia espaço, pois o jornal, em grande dificuldade financeira, circulava com apenas quatro, às vezes seis páginas. Esse trabalho provavelmente trouxe alegria e segurança a Jacinta, por unir literatura e jornalismo, duas atividades que apreciava, valorizava e sabia exercer bem, além de significar espaço conquistado por ela, espaço seu, cada vez mais difícil.

A partir de 6 de maio de 1956, *O Momento* não publicou mais nenhuma colaboração assinada por Jacinta, embora a seção "Literatura e Artes" tenha continuado a existir até o final desse ano, muito provavelmente sob direção de outra pessoa. Durara poucos meses o novo espaço conquistado por ela.

Jafé Teixeira Borges assim relatou a convivência com Jacinta no jornal:

> *Eu era colega de Jacinta em "O Momento", na década de 50. O diretor do jornal era José Gorender, embora, no expediente, constasse Almir Mattos. Aristeu Nogueira era o tesoureiro, e eu, o secretário, embora não figurasse assim no expediente. A sede do jornal era na avenida Sete, 2º andar, em cima da Foto Jonas. Éramos pouquíssimos trabalhando, todos muito jovens, não havia dinheiro pra nada, uma penúria de fazer dó.*
>
> *Jacinta apresentou-se lá um dia, como voluntária, dizendo que queria colaborar com o jornal. Passou a ir todas as tardes. Sua função era "cozinhar" as matérias de jornais do sul.[137] Dava pra perceber que ela não estava mais bem da cabeça. Não falava nada, não conversava com ninguém. Chegava, só me cumprimentava, e ia sentar-se no seu canto, para trabalhar. Ficava ali o tempo todo em silêncio, muito composta. As matérias dela geralmente não saíam no jornal, não havia espaço, às vezes ela também podia não fazer o trabalho muito bem-feito, mas, principalmente, não havia espaço – era preciso publicar primeiro os informes e matérias de interesse do partido, e o jornal era fininho. Jacinta ficava aborrecida com aquilo. Também chegou a escrever um conto, não sei se foi publicado.*
>
> *Aquela situação foi ficando difícil. Havia uma certa má vontade contra ela – os jornalistas eram jovens, e ela, bem mais velha, séria, concentrada, não conversava nem brincava com ninguém, era considerada um corpo estranho lá. Os rapazes se incomodavam com a presença daquela senhora sisuda ao lado, não podiam ficar à vontade, comentar, dizer besteira, palavrão...*

[136] Estes textos de Jacinta, com notas explicativas, foram incluídos na presente edição.

[137] *Cozinhar, pentear matéria.* Gíria jornalística. Na década de 1950, indicava pequenas alterações em material publicado em outro jornal ou revista, com vistas a uma nova publicação, com um texto diferente do original. Atualmente, indica também alterações em textos produzidos por agências de notícias, distribuídos simultaneamente a vários jornais.

E as matérias dela não saíam, não tinham importância. Ela era uma flor que não fazia mal a ninguém, mas não era possível continuar, era preciso resolver a situação. Imagine que encarregaram a mim de dizer isso a ela!
Falei à Jacinta:
– O jornal tem cada vez menos espaço, as matérias não saem, e ficamos constrangidos de você vir aqui, trabalhar, e o resultado de seu trabalho não sair. Assim, nós decidimos parar de cozinhar matéria, vamos passar a usar uma agência de notícias para isso.
Ela se chateou, visivelmente se chateou muito com aquilo, mas não brigou. Aceitou a decisão, e não apareceu mais. Eu é que fiquei constrangido por molestar uma flor.
Provavelmente, isso tudo ocorreu no ano de 1956.[138]

Se esse fato, humilhante para Jacinta, ocorreu efetivamente em 1956, explicaria também o término de sua colaboração na página "Literatura e Artes", à qual, contudo, Jafé não se refere, fazendo apenas breve menção à possível publicação de "um conto". Outra possibilidade é a colaboração literária de Jacinta ter ocorrido em 1956, e o incidente narrado por Jafé, no ano seguinte. Neste caso, restaria explicar por que Jacinta não conseguiu publicar mais nada assinado em *O Momento*, desde maio de 56.

O ano de 1956 foi traumático para o PCB. Em fevereiro, em Moscou, durante o XX Congresso dos Partidos Comunistas de todo o mundo, Kruschev e outros líderes soviéticos fizeram pesadas críticas a Stalin, o todo poderoso dirigente da URSS durante décadas, falecido havia três anos. O documento apresentado no Congresso, conhecido como "relatório Kruschev", tornava públicos numerosos e terríveis crimes cometidos por Stalin, como perseguições e execuções sumárias de adversários. A repercussão do relatório Kruschev entre os militantes brasileiros foi retardada pelo PCB, mas, quando ocorreu, se mostrou devastadora. Causou desconfiança, perplexidade, indignação e revolta, gerando acalorados debates e a saída de numerosos militantes do partido, a maioria intelectuais, em 1957: *As certezas que haviam informado a vida e a ação de militantes forjados no mais fino aço do monolitismo stalinista se desfaziam uma a uma,* resumiu Moisés Vinhas.[139]

---

[138] Entrevista com o advogado Jafé Teixeira Borges, Salvador, abril de 2004. Jafé havia escrito um romance policial, *Sequestro no Museu de Arte Sacra*, então manuscrito. Nessa mesma entrevista, contou: *Jacinta levou os originais, dizendo que os leria. Passou 15 dias indo lá, e nada dizia. Um belo dia, colocou o livro sobre a mesa: '– Gostei. A trama está bem costurada. Você parece que vai dar para escritor.' Alguém interrompeu nossa conversa, com um assunto de trabalho. Não voltamos mais ao livro, por vergonha minha. O livro só foi publicado bem mais tarde, em 1968, pela Global.*
[139] Moisés Vinhas. *O Partidão, p. 296.*

Não sabemos qual a reação de Jacinta a essa grave crise política. Sabemos que se manteve no PCB até morrer, fiel à organização que escolheu. Mas podemos especular que ela deve ter se sentido profundamente abalada pelos acontecimentos daquele ano. Todos os militantes o foram, inclusive os que decidiram permanecer no partido, como o baiano Carlos Marighella, que, embora continuando no PCB, expressou reações emocionais: *Ele tomou o Relatório Kruschev como se fosse uma punhalada de Stalin, chorando de raiva e indignação*, declarou um testemunho.[140] Outros militantes adoeceram, deprimiram-se profundamente, tornaram-se agressivos, confusos ou catatônicos. A decisão de permanecer no PCB era tão difícil quanto a de afastar-se, e Jacinta deve tê-la tomado sob grande tensão.

Em 1958, Jacinta publicou seu quarto livro, *A Coluna*, por uma pequena editora do Rio de Janeiro, a A. Coelho Branco F.º, que funcionava basicamente como gráfica. Com 47 páginas, o pequeno livro continha o poema épico homônimo em 15 cantos, sobre a Coluna Prestes, apresentado como "uma parte do livro História do Brasil e outros poemas". A edição, muito simples, foi possivelmente financiada pelo PCB. Seu conteúdo interessava ao partido, e a autora não tinha dinheiro para custeá-la. A epígrafe do livro:

Coluna, tu és a herança
que os pais transmitem aos filhos
como abc de criança.

Essa publicação deve ter sido particularmente importante para Jacinta, pois havia seis anos ela não conseguia editar nenhum livro, embora tivesse vários originais guardados.[141] *A Coluna* foi muito bem recebido nos círculos de esquerda, merecendo críticas de nomes respeitados, como Paulo Dantas.[142] Até 1968, diversos de seus trechos foram reproduzidos em publicações de esquerda do Rio e de São Paulo. Provavelmente Jacinta não tomou conhecimento disso, pois à época residia em Sergipe, isolada. O poema voltou a ter vários trechos reproduzidos após o retorno do país à democracia.[143]

* * *

[140] O episódio, narrado por Paulo Mercadante, está registrado em MORAES, Denis. "Carlos Marighella, 90 anos", in: "Gramsci e o Brasil", http://www.artnet.com.br.

[141] Sobre os outros livros já escritos por Jacinta na ocasião, ver, nesta edição, o texto que precede os poemas de *A Coluna*.

[142] A crítica de Paulo Dantas integra o presente livro. Ler também o ensaio "Coluna de Fogo", de Ildásio Tavares, escrito especialmente para esta edição.

[143] Como em: Anita Leocádia Prestes. *Uma epopeia brasileira*: a coluna Prestes.

Em dezembro de 1957, Jacinta viajou para o Rio de Janeiro, à procura da filha. Não são muito claras as circunstâncias que cercaram essa viagem, mas provavelmente, sabedora de que a filha não passaria as férias daquele ano em Salvador, decidiu viajar ao encontro dela.

Estas são as lembranças que Janaína guardou da última vez em que conviveu com a mãe, aos dez anos de idade:

> *Ela chegou ao Rio de repente, sem avisar ninguém. A campainha do apartamento tocou, alguém veio me dizer: 'Sua mãe está aí.' Sensação de susto, coração batendo acelerado. Fui até a sala vê-la, nos abraçamos. Eu estava muito tensa. Ao longo daquele ano trocara cartas com mamãe, porém, devido à má experiência das férias anteriores, eu tinha me recusado a retornar à Bahia. Agora, sentia medo de ela querer me levar de vez para Salvador. Além disso, eu havia decidido pular a quinta série, prestando direto o exame de admissão ao ginásio, em fevereiro do ano seguinte, e estava concentrada nisso.*[144]
>
> *Mamãe não insistiu para me levar para a Bahia. Ao contrário, permaneceu no Rio, o que me relaxou. Pelas manhãs eu frequentava aulas num cursinho e, todo início de tarde, esperava por ela lá em casa. Eu estava morando em um novo apartamento, em Copacabana, melhor do que o anterior. Meu pai mais uma vez reconstituíra família, havia pouco mais de um mês.*
>
> *Nessas férias passamos todas as tardes juntas, mamãe e eu. Ela me dava aulas na sala, nós duas em volta da mesa, próximas à janela. Era excelente professora: exigente, clara, metódica, paciente, com uma perfeita noção das deficiências da aluna e de como, progressivamente, superá-las. Eu era ruim em matemática, justamente a especialidade dela, de modo que me deu um ótimo reforço nessa área. E me doutrinou, também! Na prova oral do exame de admissão, quando o professor me pediu para dizer os nomes de três países europeus com as respectivas capitais, a resposta veio na ponta da língua: 'União Soviética – Moscou, Polônia – Varsóvia, Tchecoslováquia – Praga'. Lembro-me com muito prazer de nossas aulas. Mamãe gostava de ensinar, eu gostava de aprender, em torno daquele mundo do conhecimento fomos nos conhecendo melhor, nos reencontrando.*
>
> *Minha mãe alugou um quarto de empregada no Largo do Machado, bairro então decadente do Rio. Ela tinha direito a usar o tanque e o banheiro da área de serviço do apartamento, eventualmente a guardar alguma coisa na geladeira, mas não podia cozinhar. Passei alguns fins de semana lá com*

[144] À época, após terminar a quarta série, os alunos cursavam um ano "de admissão", isto é, um ano escolar em que reviam as matérias dos anos anteriores, com vistas à aprovação no exame de admissão ao ginásio, às quatro séries seguintes. Algumas crianças tentavam o exame de admissão assim que terminavam a quarta série.

ela. O colchão da cama era tão estreito que nós duas não cabíamos nele. À noite, ela dormia no chão, para eu dormir no colchão. Não havia janela. Nunca a vi queixar-se dessa situação, nem de qualquer outra que lhe causasse desconforto ou exigisse sacrifício pessoal.

Conversamos bastante nessas férias, no quarto dela, na sala do apartamento onde eu morava, nas praças do Rio, no bar do Largo do Machado onde fazíamos as refeições durante os fins de semana. Mamãe continuava muito vigilante comigo, só me deixando atravessar as ruas de mãos dadas com ela. Eu, que já me achava grande, e era habituada a andar sozinha, reagia a isso. Ela me proibia de conversar com outras pessoas, incluindo o porteiro do prédio onde eu morava: 'Nunca converse com estranhos, é perigoso', me alertava com frequência. Também continuava esbarrando nas pessoas que vinham em sentido contrário na rua, interpelando-as, caso reagissem.

Mamãe se mostrava muito insatisfeita com o a minha criação: 'Você está sendo criada como burguesa. Seu pai pode ter virado um burguês, mas sua mãe é e sempre será uma comunista. Não quero você criada como burguesa', me disse diversas vezes, zangada. Eu retrucava que tinha poucas peças de roupa, que meu pai ganhava mal... Ela respondia: 'Basta viver naquele apartamento. Nenhum comunista deve morar assim.[145]

Minha mãe gostava de me fazer perguntas e, a partir das minhas respostas, ir expondo seus pontos de vista. 'O que você acha do sistema de herança?' É bom ou ruim?', me perguntou, certa vez. Sem ter a mínima ideia do que responder – nunca havia pensado nesse assunto! –, balbuciei um 'Acho... bom'. 'Não, não é bom. A herança é uma prática burguesa, que só tem sentido numa sociedade de classes, para garantir a propriedade de poucos. Numa sociedade comunista, não existe herança, porque...', e apresentou as razões. Nessa maiêutica, ela ia me transmitindo seus pontos de vista e visão de mundo. Era absolutamente segura de suas ideias.

Continuava muito exigente, consigo, comigo, com as pessoas em geral. Não admitia falhas, enganos, erros, assim como não aceitava injustiças. Quando via ou ouvia qualquer coisa com que não concordava, mesmo não lhe dizendo respeito diretamente, retrucava na hora, em público, com quem quer que fosse. Certa vez, na praça Siqueira Campos, em Copacabana, ao ver um policial arrastar um adolescente e bater nele, colocou-se na frente dos dois. Dedo na cara do polícia, interpelou-o: 'Você não tem o direito de tratar o garoto assim! Você é um policial, tem de proteger a população, não pode maltratar ninguém!´. O policial afastou-a com um safanão, mas ela o

[145] Apartamento à rua República do Peru, esquina com av. Nossa Senhora de Copacabana, de três quartos, com cerca de 150 metros quadrados, em prédio de muito boa qualidade. Dado a James pelo pai dele, em 1957.

seguiu, gritando: 'Se o rapaz fez alguma coisa errada, faça o que a lei manda, interrogue-o. Mas não bata nele, não o torture! Você é pobre como ele, você é muito mais parecido com ele do que com seu coronel!' Achei que nós é que seríamos presas... mas não fomos.

Bastava um cobrador de ônibus não devolver o troco integral a alguém, "esquecer-se" das moedas menores, para mamãe imediatamente reclamar, alto, para todos ouvirem: 'Não vai devolver o troco todo para a pessoa? Devolva, é importante, é um direito dela, essas moedas podem fazer falta a ela, como fariam a você! E vai ficar com o troco para quê? Para enriquecer seu patrão?".

Ela era a única a falar. As pessoas em volta baixavam os olhos, indiferentes ou amedrontadas. E eu, sem pensar em quem tinha ou não razão, sentia vergonha dessas situações, queria sumir dali.

Nessa época mamãe vestia saias escuras, pretas ou azul-marinho, retas, abaixo do joelho, com blusas claras de tecido mole, a maioria branca ou creme, de mangas curtas, às vezes com um broche fechando a gola. Calçava sapatos baixos – gostava de alpargatas – ou sapatos altos de saltos grossos, que, dizia, não eram incômodos como os de saltos muito altos e finos então na moda. Possuía pouquíssimas roupas, que trocava, lavava e passava com frequência. Não dava nenhuma importância à moda – ao contrário, dizia: 'Moda é coisa de capitalista, para enriquecer burguês' –, mas fazia questão de apresentar-se sempre muito limpa e composta.[146] *Seus cabelos pretos, bastos e lisos, muito bonitos, eram presos atrás, num penteado antigo. Não usava maquiagem, apenas batom. Continuava magra, o corpo enxuto e as pernas bonitas, fisicamente bem para os 43 anos. A despeito da severidade das roupas e gestos, sua figura tinha elegância, advinda, creio, da altivez do porte e do andar.*

Apesar do profundo sentimento de identificação e solidariedade para com os semelhantes, que levara mamãe à militância religiosa e política e aos maiores sacrifícios pessoais em busca de melhorias coletivas, ela não tinha facilidade de comunicação com as pessoas, individualmente.[147] *Talvez seu jeito sério, reservado, que transmitia autoridade, amedrontasse os outros. Mamãe conversava bastante comigo, mas, com as pessoas que encontrávamos, mostrava-se circunspecta, falando apenas o indispensável, sem permitir aproximações e jamais puxar conversa. Não sei se agia assim por temperamento, educação, dificuldade psicológica, por medo de ser agredida ou por razões de segurança (dada sua condição de militante de um partido clandestino); talvez pelo conjunto desses motivos.*

[146] O desprezo de Jacinta pela moda ocorreu nessa época, a partir de meados da década de 1950. Conforme relatado, em épocas anteriores ela foi uma mulher vaidosa, que gostava de se vestir com apuro e de acordo com as tendências do momento.

[147] As exceções a esse comportamento, todas em Salvador, foram em relação a algumas pessoas da sua família e às crianças pobres a quem dava aulas.

Sempre a senti profundamente solitária. Creio que nunca convivi com uma pessoa tão solitária quanto ela. Com exceção das questões partidárias, todos os outros assuntos de sua vida eram decididos por ela própria, sem consultar ninguém. Acho que identificava esse modo de agir com a capacidade de ser independente. Valorizava extraordinariamente a independência, a possibilidade de ser dona do próprio destino. Lutara muito por isso. 'Nunca se esqueça de duas coisas, minha filha: que você é mulher e é independente', me disse. Com a visão de hoje, imagino que suas internações em sanatórios – decididas por outros, contra a vontade dela – doeram-lhe duplamente, pelas condições dos internamentos e por saber que feriam seu poder de decidir sobre a própria vida.

A mais terna lembrança que guardo de minha mãe está ligada ao dia do anúncio do resultado das provas escritas ao exame de admissão. Num ritual que hoje me parece cruel, todos os candidatos, crianças entre 10 e 13 anos de idade, fomos colocados em fila, no pátio do colégio. À frente, alguém ia lendo os nomes dos aprovados, que, um a um, deviam subir para o segundo andar, onde se realizariam os exames orais (as crianças reprovadas continuariam todas lá no pátio...).[148] *Quando chamaram meu nome, caminhei até a escada, onde, para minha grande surpresa, dei com os olhos cheios de lágrimas de mamãe. Foi a única vez em que a vi chorar.*

Em 3 de janeiro de 1958, dia do aniversário de Luiz Carlos Prestes, Jacinta foi detida na Central do Brasil, a movimentada estação de trens no centro do Rio. Vendia seu último livro, *A Coluna* – considerado subversivo – e, ao que parece, também discursava para a multidão. Entre os comunistas brasileiros, existia a tradição de celebrar, de várias formas, o aniversário de seu maior líder, fazendo isso parte do processo de glorificação de Prestes.[149]

Avisado da detenção por telefone, James compareceu à delegacia. Teve de alegar a insanidade mental de Jacinta e responsabilizar-se por ela, para que o delegado concordasse em liberá-la, o que foi feito no mesmo dia. Ao sair da delegacia, ela se mostrava muito nervosa e indignada.[150]

* * *

Jacinta retornou a Salvador por volta do final de fevereiro de 1958. Decidida a obter o desquite de James e a guarda de Janaína, comunicou essa decisão ao

[148] Esse fato ocorreu no Colégio Mallet Soares, em Copacabana. Imagino que o "procedimento pedagógico" utilizado fosse comum à época.

[149] "Desde sua libertação, com o fim do Estado Novo, Prestes passou a ser exaltado por suas virtudes, aclamado por seu saber e cultuado por seu heroísmo. [...] Os seus aniversários, por exemplo, eram comemorados com grande alarde. Tratava-se dos momentos mais fecundos para dignificar sua vida e sua personalidade.", in: Jorge Ferreira, *Prisioneiros do mito*, p. 251.

[150] Registros de James Amado; recordações de Janaína Amado.

ex-marido, em cartas. Desejava que ele fosse a Salvador, para juntos assinarem e apresentarem petição de desquite à Justiça, na qual ficaria decidida a guarda da filha para ela. James não queria Janaína definitivamente em Salvador: sentia-se ligado à filha, considerava Jacinta sem condições de criá-la e, além disso, Janaína não queria morar com a mãe. Por outro lado, James queria evitar que Jacinta entrasse na Justiça com um processo unilateral de desquite, pois, neste caso, para continuar mantendo a guarda da filha, teria de alegar a insanidade mental da mãe, e não desejava expor Jacinta a essa situação.[151] Em suas cartas, tentou demovê-la da ideia do desquite e do processo.[152]

Jacinta, contudo, continuou firme em sua decisão. Em 10 de agosto, escreveu carta a James, afirmando que só desistiria do processo litigioso de desquite caso ele concordasse com a mudança da filha, para morar com ela. Esta carta é o único documento remanescente da intensa correspondência mantida entre o casal em 1958, sendo também a única carta longa preservada de Jacinta, razões pelas quais é transcrita na íntegra. Precisa ser compreendida no clima de grande tensão e disputa que marcava as relações do casal à época:

Salvador, Bahia, 10-8-1958

James

Recebi sua carta de 6 de agosto. Estranhei o carimbo do Ministério da Educação e Cultura. Sabia que você tinha de há muito tempo aderido a uma política de conciliação com as forças da burguesia e o governo burguês, mas não sabia que já tinha subido tanto na cotação dos referidos senhores. Isto demonstra mais uma vez que não foi sem razão que eu me separei de você.
Quanto ao desquite: você está colaborando com a burguesia, e vem me pregar contra as leis burguesas. Que é que você chama de 'pruridos legais'?[153] Você sabe que eu sou comunista, mas nunca tive vida ilegal e nunca tive ligações ilegais. Trata-se apenas de usar as leis burguesas contra aqueles que as fizeram. Trata-se de garantir, perante os próprios senhores burgueses (ou então eles que rompam a sua Constituição), de que estamos desquitados por lei e portanto você não tem direito ao único bem que possuo, e que é a minha produção de escritora, e justamente por ser meu é que posso dispor dele e dar a quem eu quiser.

[151] À época, a guarda dos filhos de casais separados costumava ser dada à mãe, a não ser quando algum motivo grave fosse provado contra ela. O divórcio não existia no Brasil.
[152] Entrevista com James Amado, Salvador, março de 2004; recordações de Janaína Amado. À época, Janaína descobriu onde James guardava as cartas de Jacinta, passando a lê-las, escondido. A menina ficou angustiada, pois, embora gostasse da mãe e a respeitasse, não queria morar com ela. Certo dia, chorando, confessou ao pai que lia as cartas e morria de medo de ter de morar em Salvador. James lhe garantiu que isso não aconteceria.
[153] Em carta anterior a Jacinta, com o objetivo de demovê-la da ação judicial, James usara, entre outros argumentos, o de o Poder Judiciário fazer parte de um regime burguês e, portanto, dever ser desconsiderado por ela que, como comunista, não devia ter pruridos legais como o do desquite.

Mas vamos aos fatos imediatos: se você não pode vir agora para apresentar a petição de desquite, junto comigo, ao juiz, e pede que adie o processo, lhe digo o seguinte: não farei o processo se você concordar com as duas propostas seguintes: 1) no fim do ano, depois das férias que a Janaina passará comigo, ela ficará morando comigo e passará algum tempo do ano com você (as férias); 2) você reconhecer que não tem qualquer direito sobre minha produção literária (no caso de você quebrar a palavra, o processo será iniciado imediatamente).[154]
Sobre a Janaina, ela não poderá ficar morando aqui em casa de meu pai, onde estou desde que me curei,[155] *porque só poderei tomar conta dela num lugar onde de fato seja eu quem mande nela. Ou aqui na Bahia, ou em qualquer outro lugar, viverá comigo, não nas condições em que está vivendo aí (refiro-me ao apartamento etc.); será em condições bem mais pobres, nas condições em que a mãe dela puder viver. Sobre a instrução, é outra questão difícil nas condições de nosso país, mas procurarei resolver.*
Necessito que responda sobre as duas propostas, mas preciso de urgência porque estamos em agosto. Se você não concordar, o jeito é o processo, ou aqui, ou eu indo aí para fazê-lo.
Recomendações a seus filhos Inaê e Maurício e à sua segunda mulher.[156]
Jacinta Passos[157]

Diante do impasse e da delicadeza da situação, James teve uma ideia ousada. Procurou, no Rio, Carlos Marighella, dirigente histórico do PCB e velho amigo do casal.[158] Relatou-lhe a situação familiar, afirmando a Marighella que, em sua opinião, apenas uma coisa poderia fazer Jacinta desistir da guarda da filha: acreditar que Janaína fora enviada pelo partido para estudar na União Soviética. E pediu ao amigo e dirigente que dissesse isso a ela. Alguns filhos de comunistas brasileiros, de diversas idades, eram efetivamente enviados a países socialistas, em especial à URSS, para obter uma boa educação formal e, principalmente, se tornar "cidadãos comunistas" na "pátria do socialismo", verdadeiros revolucioná-

[154] James não reivindicava direitos sobre a produção literária de Jacinta, nem teria qualquer base legal para fazê-lo, se o desejasse. A frase chama a atenção para a importância que Jacinta atribuía à sua produção literária, o "único bem que possuo", conforme escreveu. Demonstra também seu temor de vir a perder o poder de decidir sobre aquilo que criava. Embora infundado, esse medo exisita, o que deve tê-la angustiado.

[155] A frase demonstra que Jacinta se considerava curada. Portanto, a internação que sofreria poucos meses depois lhe deve ter sido particularmente dolorosa.

[156] *Inaê e Maurício*. Inaê e Maurício Amado, irmãos de Janaína, filhos do segundo casamento de James.

[157] Carta de Jacinta Passos a James Amado, 10 de agosto de 1958, dada por James a sua filha Janaína em Salvador, em março de 2004, afirmando-lhe que desse ao documento o destino que desejasse. Na carta, acima do nome "Jacinta Passos", datilografado à máquina como o restante do texto, apõe-se a assinatura, manuscrita em lápis azul.

[158] Carlos Marighella, nascido em Salvador em 1911, faleceu em 1969, metralhado pela ditadura militar que combatia. Foi um dos mais importantes comunistas brasileiros.

rios, que os militantes admiravam. Ter um filho escolhido para estudar num país socialista era sinal de prestígio dentro do PCB.[159]

Assim foi feito. Em Salvador, Marighella informou Jacinta da "decisão do partido" sobre Janaína: ela iria estudar na URSS, tornar-se-ia uma verdadeira comunista, livre de todas as influências burguesas. Avisado, James já teria se conformado com a ordem do partido.

Segundo relato de Marighella a James, Jacinta reagiu aparentemente bem à notícia do afastamento da filha para a URSS. Toda a situação da "ida de Janaína para a URSS" foi então explicada à família Passos. Acreditando tratar-se da melhor solução para o impasse, os Passos concordaram. Nenhum Passos revelou à Jacinta que sua filha continuava a viver no Rio, com o pai.[160] A partir dessa época, Janaína manteve contato com os Passos, porém nunca mais conviveu com a mãe. Voltou a vê-la apenas uma vez, no sanatório, como se lerá adiante.

Ante Carlos Marighella, Jacinta reagiu bem à notícia da ida da filha para a URSS. Mas qual teria sido o real impacto dessa notícia sobre sua vida? Para uma comunista convicta, a ida da filha para a URSS deve ter representado motivo de orgulho, já que poucos militantes recebiam a distinção. Pode ter significado também um alívio, já que encerrou a angustiante negociação com o ex-marido, evitando a entrada na Justiça de um processo para o qual nem sequer possuía recursos financeiros. E, embora a filha não pudesse mais morar com ela, estaria para sempre livre da educação burguesa do pai e da maioria da sociedade brasileira.

Apesar de ser pessoa habituada ao sacrifício, a renúncia à companhia da filha única pode ter também pesado muito sobre Jacinta. Afinal, Janaína era a pessoa a quem se sentia mais ligada, a única por quem era responsável, e em torno de quem organizava parte importante da vida. O afastamento da filha – que seria longo, talvez definitivo, sabia –, pode ter significado, para Jacinta, perda grande demais para suportar. E, numa época difícil para ela, contribuído para provocar o agravamento de seu estado psicológico, no ano de 1958.

* * *

Desde que retornara a Salvador, Jacinta tentara emprego, mas não conseguira nada fixo, apenas aulas particulares, temporárias. Sobrevivia com pouquíssimo dinheiro, repassado pela família. Não aceitava receber um centavo além do estritamente necessário para sua vida modesta, e o fazia constrangida.[161]

---

[159] O comunista Heitor Ferreira Lima relatou, em suas memórias *Caminhos percorridos*, as emoções do dia em que foi escolhido para estudar na URSS; outro militante, Leôncio Basbaum, em *História sincera da república,* apresentou as razões do PCB para escolher o jovem militante Heitor. O caso de Heitor é um exemplo, entre muitos.

[160] A narração do conjunto dos fatos aqui tratados baseou-se em: entrevistas com James Amado, Maceió, fevereiro de 2004, Salvador, março de 2004 e fevereiro de 2005; recordações de Janaína Amado; registros de Lourdes, Zete e Berila Passos; registros de Tomásia Ribeiro de Queirós.

[161] Registros de Zete e Lourdes Passos. Apesar do intenso trabalho partidário, Jacinta não deve ver recebido nenhum recurso do PCB, à época em péssimas condições financeiras.

Suas relações com os Passos, difíceis desde o retorno a Salvador, atingiram em 1958 níveis dramáticos. Aos poucos, ela substituíra as atitudes iniciais de afastamento e independência em relação aos familiares pelas de contestação e confronto. Passou a dizer-lhes tudo o que pensava, condenando-lhes abertamente valores e comportamentos. Dois episódios ilustram essa disposição. Certa vez, na casa de Nazaré, passando por sua prima Nívea, jovem que folheava a revista mais lida na época, *O Cruzeiro*, Jacinta tomou-lhe a revista das mãos e a rasgou, dizendo, muito exaltada: *Esta revista não vale nada, é um veículo da burguesia, um lixo! Não leia esta revista, de jeito nenhum!*[162]

Em outra ocasião, durante um almoço na residência de seu primo Luiz Passos, parente respeitado, proprietário de terras e político, a família inteira presente, casa cheiíssima, ambiente animado, Jacinta, que se encontrava no andar de cima, separada dos outros, subitamente desceu até o meio da escada e, de lá, dirigindo-se ao dono da casa, sentado à cabeceira da grande mesa, disse bem alto, para todos ouvirem, em tom irônico:

> *– E então, Luiz Passos, continua explorando os trabalhadores de Cruz das Almas?*[163]

Segundo seu primo Renato Passos,

> *Nessa época, Jacinta foi alijada pela família, pelos tios, primos e irmãs. As irmãs não a amavam tanto. Ela não tinha espaço, por ser comunista. Jacinta enfrentou uma barra pesadíssima. Apoio, só tinha do irmão, mas nesta época Nelito estava longe, em São Paulo. Mas ela continuava firme em suas opiniões.*[164]

Em casa, Jacinta insistia para os familiares mais próximos adotarem algumas de suas práticas, consideradas estranhas pela família, o que piorava o clima familiar.

> *Dona Jaci veio com uma novidade, diz que aprendeu lá por fora. Ela fazia cocô numa vasilha e levava o cocô pra botar na planta.* [...] *Se era pra servir de adubo? É, pode ser... Bom, isso eu não sei, não. Sei que ficava aquele cocô nas plantas, nos pratinhos, na varanda, cheirando... A velha [mãe de Jacinta] reclamava muito!.*

---

[162] Entrevista com Nívea Maria de Almeida Dantas, Salvador, março de 2005. Nívea é prima em segundo grau de Jacinta. Na ocasião, em companhia da mãe, Detinha Passos de Almeida, visitava os parentes em Nazaré; era muito jovem.

[163] Registro de Luciano Passos, primo de Jacinta, presente ao almoço.

[164] Entrevista com Renato Passos, Salvador, 2005. Renato era primo de Jacinta; sua mãe era irmã de Manoel Caetano Passos.

Como acontecera na Central do Brasil, no início do ano, em Salvador, Jacinta também discursava em público, em locais movimentados – cais do porto, feiras, portas de fábrica –, a favor do comunismo. Relembra sua sobrinha, Maria Siqueira Viana:

> *As pessoas viam na rua tia Jaci discursando, fazendo discurso sobre política, comunismo, essas coisas, e avisavam meu avô. Uma vez, meu avô encontrou tia Jaci na Calçada [bairro pobre, situado na Cidade Baixa], sobre um caixotinho, no meio da rua, fazendo discurso. Todo mundo comentou o assunto, cochichando: 'Ela foi encontrada discursando na rua, estava em cima de um caixotinho' etc.*[165]

Manoel Caetano ficava muito constrangido quando lhe davam notícia do comportamento público da filha. Nessas ocasiões, apressava-se em responder, voz seca e semblante sério a desestimular perguntas, que ela agia assim por sofrer das faculdades mentais.[166]

As relações entre Jacinta e os parentes próximos pioraram quando a família começou a procurar uma nova residência. O sobrado, além de haver se tornado grande demais para seus agora poucos habitantes (Jacinta, sua sobrinha Maria, sua irmã Zete, seus pais e duas empregadas), mostrava todos os inconvenientes de uma construção da década de 1920. E Manoel Caetano, aos setenta e quatro anos, contraíra câncer. Intensificaram-se as buscas da família por um apartamento para onde mudar-se.[167] Jacinta, contudo, opôs-se peremptoriamente à venda do velho sobrado, não admitindo sequer ouvir falar no assunto. Teria ela se apegado muito à casa, onde vivera adolescência, juventude e, agora, os anos de maturidade? Naquele espaço estariam memórias das quais não aceitava separar-se? Haveria outra razão? O fato é: quando se amiudou a procura pela nova residência, Jacinta se tornou mais nervosa e agressiva.

Em contrapartida, seus parentes, sentindo cada vez maior dificuldade na convivência, perderam a paciência. Muitos membros da família a condenavam abertamente, vinculando suas atitudes e valores à sua loucura.[168] Exasperados com o comportamento dela, passaram a ameaçá-la de internamento: *Aí já brigavam com ela, diziam: Tem que levar pro eletrochoque', e tal* .[169] A tensão na casa de Nazaré, agravada pela doença do patriarca da família, tornou-se insuportável.

---

[165] Entrevista telefônica com Maria Siqueira Vianna, fevereiro de 2004; Maria residia na casa de Nazaré, com os avós e as tias.
[166] Entrevista telefônica com Maria Siqueira Vianna, fevereiro de 2004, registro de Zete Passos.
[167] Entrevista com Regina Menezes de Figueiredo, Salvador, março de 2004; entrevista telefônica com Terezinha Siqueira de Andrade, julho de 2004; registro de Zete Passos.
[168] Entrevista com Regina Menezes de Figueiredo, Salvador, março de 2004; registro de Jacy Machado Passos.
[169] Id., ibidem.

Provavelmente a partir do final do primeiro semestre de 1958, Jacinta sofreu crises. Haviam sido dezoito meses extremamente difíceis para ela. No plano pessoal, familiar e político, seu mundo ruía: detenção no Rio de Janeiro, desprestígio dentro do Partido, aguçamento da crise nacional do PCB (que era uma expressão do agravamento da crise do comunismo internacional), desemprego, embates com o ex-marido, partida da filha para a URSS, crescente dificuldade de convivência com a família. Trancava-se durante dias em seu quarto do sobrado Nazaré, gritando que policiais estavam invadindo a casa para prendê-la. As pessoas na casa ouviam seus passos o tempo todo pelo quarto, inclusive à noite, e podiam também escutar sua voz lá dentro, falando consigo mesma. Ela devia estar se sentindo muito assustada. Nessas ocasiões, era difícil até alimentá-la: a muito custo, aceitava abrir uma fresta da porta para receber alguns alimentos, e apenas quando levados por Tomásia ou Regina, as duas antigas empregadas da casa, não por um membro da família.[170] É possível que, durante uma crise, tenha tentado expulsar de casa os pais e a irmã, pois eles *insistiam em vender a casa* e por isso *deviam sair imediatamente*. Ela, Jacinta, permaneceria na casa, com as duas empregadas (*com as minhas amigas*, teria dito).[171] Suas crises se amiudaram com o transcorrer do ano.

Os Passos decidiram internar Jacinta. Imobilizada e em seguida sedada, ela foi levada para o Sanatório São Paulo, em Salvador, não longe de casa, onde ficou durante meses.[172] Com frequência, telefonava para a casa dos pais, implorando que fossem buscá-la, tirá-la de lá.[173]

Palavra diminuída - rumo à Grande Jornada

Quando finalmente deixou o sanatório, Jacinta abandonou a casa da família. Não aceitou o fato de ter sido internada, e não quis continuar convivendo com os responsáveis por sua internação. Mudou-se para longe, para a cidade de Petrolina, extremo oeste do Estado de Pernambuco, à beira do rio São Francisco, a cerca de 500 km de Salvador, com estradas de acesso muito ruins entre as duas cidades. Não se sabe a razão de Jacinta ter escolhido Petrolina, lugar com o qual não tinha laços: opção por um local bem distante da família, onde só poderia ser alcançada com dificuldade? Tentativa de iniciar nova vida, onde ninguém a conhecia? Ordens do PCB, para desenvolver tarefas políticas naquela cidade?

---

[170] Registro de Zete Passos; entrevista com Regina Menezes de Figueiredo, Salvador, março de 2004.

[171] No depoimento de Regina Menezes de Figueiredo (Salvador, março de 2004), há a informação de que Jacinta teria efetivamente expulsado a mãe e a irmã de casa nessa ocasião, mas isso não parece ter chegado a acontecer, segundo relato de outros familiares. Possivelmente, houve apenas a ameaça de expulsão, feita por Jacinta.

[172] O Sanatório São Paulo, que não guarda mais os prontuários dos pacientes da década de 1950, situa-se à Ladeira do Aquidabã, 91, no bairro do Barbalho, Salvador, próximo ao sobrado onde moravam os Passos.

[173] Entrevista telefônica com Terezinha Siqueira de Andrade, junho de 2004.

Com a mudança para Petrolina, mais um elo da vida de Jacinta partiu-se. Mesmo com problemas de convivência, na família ela tinha um importante ponto de referência no mundo, uma âncora, gente que a conhecia desde que nascera e representava suas raízes. Dessa época em diante, até morrer, Jacinta viveu completamente sozinha. Os companheiros de partido com quem entrou em contato não conheciam realmente a sua história, tendo dela apenas referências esparsas.

Depois de instalada em Petrolina, Jacinta enviou seu novo endereço à família. Em 1º de novembro de 1958 morreu seu pai, Manoel Caetano da Rocha Passos. Doente há tempos, seu estado agravara-se a partir de outubro. A partida de Jacinta deve tê-lo preocupado e entristecido, nos últimos meses de vida.

Até à morte, Manoel Caetano manteve-se um ser essencialmente político, assim como sua filha Jacinta, cada um exercendo a política de maneira oposta à do outro. Cerca de dois meses antes de morrer, às vésperas das eleições para governador da Bahia, à qual concorria mais uma vez Juraci Magalhães, presidente nacional da UDN e seu maior ícone político, Manoel Caetano estava envolvido com a campanha, conforme atestou seu correligionário e amigo por 27 anos, o também político Ruy Santos:

> *Há dois meses, quando me instalei na Bahia, para a campanha de que vimos de sair, apareceu-me logo [Manoel Caetano], inquieto com o resultado da batalha que íamos travar, inquietação que tornava ainda maiores aqueles seus olhos pretos sumidos então numa conjuntiva amarelada pela icterícia, denunciadora do processo canceroso que o acabaria levando. Andava ainda de imprudente, ignorando a existência do mal que lhe reduzia, aos poucos, a vida. Reclamei-lhe andar só, não apenas como amigo, mas também por uns restos de senso médico que ainda conservo. – Tinha de vir lhe ver, foi a sua resposta.* [...] *– Só peço a Deus que me deixe viver o bastante para lhe dar e ao Juraci o meu voto.*[174]

Jacinta só foi informada da morte do pai alguns dias depois, pois a família sabia que não teria condições de chegar a tempo para o sepultamento. Ela não retornou à Bahia, permanecendo em Pernambuco. Quase nada se sabe da vida de Jacinta em Petrolina, entre 1958 e 1962. É possível que tenha feito trabalhos locais para o PCB, e deve ter continuado a escrever.

---

[174] Ruy Santos. "Meu amigo quase irmão". *Tribuna da Imprensa*. Salvador, 6 nov. 1958. Ruy Santos foi expressivo político e intelectual baiano, ligado à UDN. Durante 27 anos, foi amigo de Manoel Caetano, que pertencia a uma geração mais velha do que a dele. Juraci Magalhães foi eleito governador da Bahia nessas eleições de 1958, as últimas de que participou Manoel Caetano da Rocha Passos.

Após a morte de Manoel Caetano, os Passos decidiram apressar a venda da casa de Nazaré, inclusive para fins de partilha da herança. Enviaram a Petrolina o cunhado de Jacinta, Eraldo Siqueira, casado com sua irmã Lourdes, com quem Jacinta se dava bem, para tentar convencê-la a assinar uma procuração concordando com a venda do imóvel. Jacinta negou-se peremptoriamente a fazê-lo. A família, então, provou judicialmente a alienação mental de Jacinta, e o processo de venda da casa e partilha da herança correu sem conhecimento e anuência dela. Feita a divisão da herança, d. Bebé e Zete, mãe e irmã mais velha de Jacinta, acompanhadas da fiel Mazi, mudaram-se para um recém-adquirido apartamento no bairro da Graça. A parte de Jacinta na herança foi depositada em um banco e, sempre que solicitado, era-lhe enviada uma parcela, para seu sustento e, posteriormente, para pagar o sanatório em Aracaju, onde ela foi mais uma vez internada, como se verá.

Eraldo Siqueira voltou de Petrolina impressionado com as condições de extrema pobreza em que sua cunhada estava vivendo, relatando a situação à família. Muito aflita, d. Bebé providenciou algum recurso financeiro para a filha.[175]

* * *

Em julho de 1962, Jacinta mudou-se para Sergipe. Não diretamente para a cidade de Aracaju, mas para Barra dos Coqueiros, pequena vila de pescadores defronte à capital, na outra margem do rio Sergipe. A povoação, muito pobre, tinha uma única rua asfaltada, o restante da área sendo ocupado por pequenos sítios, onde os moradores plantavam mandioca e coco, a fim de complementar a pesca, principal atividade.[176] A ligação entre Barra dos Coqueiros e Aracaju – pacata cidade de 120 mil habitantes, distribuídos em casas baixas de ruas estreitas – fazia-se pelo rio, em canoas, ou nos chamados "tó-tó-tó", pequenas embarcações cujos motores, pouco potentes, ao mover-se faziam esse barulho.[177] Jacinta transitava com frequência entre Barra e Aracaju e era cliente fiel dos tó-tó-tós. O proprietário de um deles, Antônio Ramos Maia, morador em Barra dos Coqueiros, lembra-se:

---

[175] Informações para essa parte foram colhidas em: entrevista com Terezinha Siqueira de Andrade, Maceió, novembro de 2003; entrevista telefônica com Marta Passos Valença, janeiro de 2004; registro de Lourdes Passos.

[176] Barra dos Coqueiros, ou Ilha dos Coqueiros, como então era chamada, foi movimentada no período colonial, devido à entrada de navios em sua barra. Contudo, desde a elevação de Aracaju a capital da Província, em 1855, Barra dos Coqueiros passou a gravitar em torno da nova capital. Tornou-se município autônomo em 1953, porém continuou pequena, economicamente dependente de Aracaju. Hoje, vê o turismo desenvolver-se, graças sobretudo à inauguração, em 2006, de uma grande ponte que agora a une à capital.

[177] Aracaju possuía 115.713 habitantes em 1960; atualmente, sua população é de cerca de 550.000 habitantes. Capital desde 17 de março de 1855, e principal centro urbano do Estado desde a década de 1920, a jovem Aracaju demorou, contudo, a conhecer o progresso urbano que atualmente a caracteriza.

Quase todo dia eu transportava ela [Jacinta] pra Aracaju no tó-tó-tó, depois trazia de volta. Era uma mulher magra, empinada assim [eleva o tronco], muito ativa, muito sabida. Vestia uns vestidos compridos, o cabelo ela usava preso atrás, num cocó. Chegava, não falava nada, dava só um cumprimento com a cabeça, assim. Nas viagens. ia o tempo todo empinada, calada, séria, olhando pra frente. Quando chegava aqui de volta, ela me pagava, cumprimentava de novo com a cabeça e ia embora. [...] *Eu não sabia o que ela ia fazer lá, a gente não conversava nada, né? Só depois, mais pra frente, é que vim saber que ela mexia com comunismo.*[178]

O relato do barqueiro mostra que Jacinta continuava mantendo os mesmos ideais políticos, a mesma reserva pessoal e a mesma dificuldade de comunicação com as pessoas, individualmente, de épocas anteriores. Com grandes sacrifícios pessoais, como se verá, ela se encontrava na região para promover a revolução socialista; mas não conseguia comunicar-se com o barqueiro, o homem simples que a transportava diariamente de uma a outra margem do rio.

Jacinta alugou em Barra dos Coqueiros um pequeno barraco de madeira, composto de um único cômodo, situado quase na ponta da barra. Ficava tão rente ao rio que, durante as cheias, as águas o invadiam.[179] Ela dormia numa rede. À noite, à luz de velas, datilograva em sua pequena máquina de escrever textos e poesias de caráter político, que distribuía de dia pelas ruas, em Barra e em Aracaju.[180]

Certa vez, recebeu a visita de Regina Menezes de Figueiredo, a empregada antiga da família Passos, particularmente querida por Jacinta, enviada a Sergipe por d. Bebé. Eis o relato de Regina sobre o episódio:

D. Bebé me chamou um dia, me disse assim: ´Regina, minha filha Jaci está passando muita necessidade em Aracaju. Eu preparei uma mala de coisas pra mandar pra ela. Quero que você leve, ela gosta de você, vai aceitar se você levar.´ Eu fui, né? Saí daqui de Salvador, fui de ônibus. Lá em Aracaju, fiquei na casa daquela parenta da família, como é mesmo o nome dela?[181][...] *Tinha um mundo de coisas dentro da mala que eu levei pra d. Jaci. D. Bebé botou carne-seca, que d. Jaci adorava, botou doce, goiabada, muita roupa,*

---

[178] Entrevista com Antônio Ramos Maia, Barra dos Coqueiros, junho de 2004.

[179] Entrevista com Antônio Ramos Maia, Barra dos Coqueiros, junho de 2004. Este senhor, antigo morador na região, nos mostrou o local exato onde se situava o antigo barraco de Jacinta, hoje demolido. Ficava próximo de onde hoje chegam e partem as balsas.

[180] Idem, ibidem; registro de Lourdes Passos, com base em notícias transmitidas a ela por Ely Passos, prima de Jacinta que morava em Aracaju. Junto com o marido, dr. Walter, Ely manteve contato regular com Jacinta durante todo o período em que esta viveu em Sergipe.

[181] Trata-se de Ely Passos, referida na nota anterior.

acho que tinha sapato também, uma porção de coisas. Me deu também um dinheiro, pra eu dar pra ela. Bom, da casa da parenta eu fui pra ilha lá da frente, fui de balsa. Nunca tinha ido lá, mas acertei, fui perguntando pra um, pra outro, carregando a mala. 'Conhece uma mulher assim, assim?' Até que um me disse: 'Aquela que fala sozinha?' E me apontou uma barraca. Era barraca mesmo, de lona, na areia, onde ela morava.[182]

Cheguei lá, perto do buraco, porque não tinha porta, era um buraco por onde a pessoa entrava. D. Jaci estava deitada na rede. Me olhou, espantada. ´É você, Regina? É você mesma?' Ficou alegre de me ver. Perguntou pela mãe dela e depois pela casa em Nazaré. Eu falei que a casa tinha sido vendida. Aí ela disse: ´Ah, venderam a casa, é?´. Daí parou um pouco, e, com a cara muito zangada, disse: 'Pois então eu não quero mais nada deles! Pode levar de volta essa mala!´ [...] *Se ela abriu a mala? Abriu assim muito depressa, deu uma olhada lá dentro sem o menor interesse, e disse que era pra eu ir embora levando a mala. Daí eu voltei pra Salvador, carregando a mala de volta.*[183]

Jacinta militou intensamente em Sergipe entre 1962 e 1964, durante o governo João Goulart, época de grande agitação e polarização política. Como o restante do país, Aracaju era com frequência sacudida por ruidosas manifestações de esquerda.

Ela ligou-se a militantes e dirigentes do PCB sergipano, desenvolvendo atividades internas para o Partido. Escreveu também para o semanário comunista *Folha Popular*, produziu textos encomendados para diferentes ocasiões, ajudou a criar e a manter grupos políticos de mulheres, frequentou atividades culturais de interesse do PCB, principalmente no meio estudantil. Participou de reuniões – muitas delas, na Associação dos Pescadores de Barra dos Coqueiros –, de passeatas, greves e manifestações públicas, como a de repúdio à presença do embaixador Lincoln Gordon na cidade, quando os manifestantes, em frente ao palácio do governador, portando cartazes, gritavam '*Go home!'*. Jacinta também agia por conta própria, sem ordem direta do Partido, fazendo discursos junto a aglomerações e distribuindo seus textos, em Barra dos Coqueiros como em Aracaju. Com ou sem a presença do Partido, ela se sentia uma militante, 24 horas por dia.[184]

---

[182] *Barraca mesmo, de lona.* Morador de Barra dos Coqueiros à época em que Jacinta lá viveu, Antônio Ramos Maia nos informou, com muita segurança, que o barraco onde Jacinta morava era de madeira, apontando inclusive seu local original, o que coincide com a informação obtida por Dalila Machado em sua pesquisa. Provavelmente, a barraca de lona citada por Regina, cuja viagem deve ter ocorrido em 1959, foi a primeira residência de Jacinta no local. Dalila Machado refere-se a uma mudança de Jacinta dentro de Barra dos Coqueiros, o que reforça essa hipótese. Cf. entrevista com Antônio Ramos Maia Barra dos Coqueiros, junho de 2004; Dalila Machado. *A história esquecida...* , p. 27.

[183] Entrevista com Regina Menezes de Figueiredo, Salvador, março de 2004.

[184] Entrevista com Agonalto Pacheco, Aracaju, junho de 2004; entrevista com Antônio Matos, Aracaju, junho de 2004; entrevista com Wellington Dantas Mangueira Marques, Aracaju, junho de 2004. Registro de Lourdes Passos, baseado em informações de Ely Passos. Não foram localizados exemplares do jornal *Folha Popular*.

O líder estudantil sergipano Wellington Mangueira, hoje advogado e político, observou Jacinta Passos duas vezes, durante o ano de 1963. Seu relato sobre o primeiro encontro:

> *Eu era presidente do grêmio cultural do Colégio Ateneu Sergipense, que então se chamava Colégio Estadual de Sergipe, tinha de 17 pra 18 anos de idade. Nessa condição de presidente do grêmio é que participei da greve dos professores e servidores públicos.* [...] *E foi no ambiente dessa greve que vi Jacinta pela primeira vez. Achei interessante a presença daquela mulher bem falante, me disseram que o nome era Jacinta.* [...] *Ela era uma mulher madura, eu era um rapazote. O pessoal me dizia, com grande admiração: 'É uma mulher que sabe das coisas. Ela escreve.' Isso aconteceu no auditório da Ação Católica, na Rua de Propriá.* [...] *Eu fiquei dali olhando, observando Jacinta. Ela era uma pessoa esguia, com um ar de professora, de gente intelectual que sabe o que está dizendo, tinha muita convicção... Me recordo plenamente até hoje daquela figura esbelta, com porte.*

Estas são as lembranças da segunda vez em que Wellington Mangueira viu Jacinta:

> *Em outro momento, no Cinema Rio Branco, numa manhã de sábado ou de domingo, passou um filme sobre a Segunda Guerra mundial, mostrando que os soviéticos, sob o comando do Partido Comunista da URSS, tinham sido fundamentais para a derrota do nazifascismo, que dos 40 e tantos milhões de mortos na Segunda Guerra, mais da metade eram soviéticos. Quando esse filme terminou, uma senhora, novamente ela, Jacinta, que estava na plateia, foi para a frente do palco. Foi a primeira vez que vi uma situação como essa, de uma pessoa da plateia levantar-se espontaneamente para falar.*
>
> *Ela foi para a frente do palco, eu me recordo quando ela demonstrou que era fundamental estudar história, que infeliz do ser humano que não conhecia história, porque quem não conhece história não se situa no mundo, mais ou menos assim. Foi a partir daí que eu passei a gostar de história. Ela fez um resumo do filme, depois fez uma crítica dele.*[185]

---

[185] Entrevista com Wellington Dantas Mangueira Marques, Aracaju, junho de 2004. Dalila Machado, *A história esquecida...* , pg. 27, registra que o filme citado era "A balada do soldado". Com base no mesmo informante, apresenta a versão de que só teriam prestado atenção à fala de Jacinta os estudantes secundaristas, convidados por ela para uma reunião em Barra dos Coqueiros, no dia seguinte, à qual não teriam comparecido.

Entre militantes e dirigentes comunistas em Sergipe, Jacinta tornou-se figura respeitada, pela cultura, capacidade de escrever bem, experiência de vida e militância em outros estados, incomum no meio. Entre os militantes de Aracaju, que ignoravam sua história pessoal ou a conheciam apenas superficialmente, Jacinta recuperou o prestígio perdido em Salvador.[186] O mesmo Wellington Mangueira relembrou:

> *A ideia que me ficou era que ela [Jacinta] era respeitada, respeitadíssima. Nessa greve de servidores públicos estaduais, cujo núcleo eram os professores, por exemplo, eu a vi dialogando várias vezes com o professor Franco Freire, um homem muito considerado aqui, pela sua grande cultura.* [...]
> *Se eu ouvi falar que ela tinha problemas mentais? Sim, parece que houve algum comentário nesse sentido. Mas outros também me disseram o contrário, que isso era falado por gente que queria desqualificá-la, por inimigos dos comunistas. E tudo isso começou a correr só depois, não naquela época.* [...] *Agora, eu, que estive com ela e a ouvi falar em público, uma coisa posso lhe dizer: doida ela não era, não!*[187]

* * *

O golpe militar de 1964 surpreendeu Jacinta, o PCB sergipano e a maioria da esquerda brasileira, que nem sequer considerava a possibilidade de deposição do Presidente João Goulart. Em Aracaju, como no restante do Brasil, os militares e seus aliados civis ocuparam os principais postos e áreas estratégicas, e prenderam, torturaram ou mataram os principais oponentes, comunistas à frente, incentivando a delação no meio da sociedade. Mesmo assim, até 1968, em Sergipe e em vários Estados do Brasil, diversos movimentos e manifestações sociais continuaram a existir, conduzidos por estudantes e pelas novas lideranças, abrigadas nas pequenas organizações de esquerda surgidas após o esfacelamento do PCB: *Os advogados da Auditoria Militar de Salvador diziam que Aracaju era a cidade que tinha mais comunista por metro quadrado*, lembrou com graça Zelita Correia, militante sergipana.[188]

---

[186] Os principais dirigentes do PCB em Sergipe, à época, eram Agonalto Pacheco (mais tarde um dos fundadores, junto com Carlos Marighella, da Aliança Libertadora Nacional, ALN, e um dos 15 presos políticos trocados pelo embaixador americano sequestrado no Rio, Charles Elbrick), Robélio Garcia – que parece ter sido o principal contato de Jacinta no Estado, e com quem ela se reencontraria mais tarde no sanatório, conforme se verá –, Gilberto “Burguesia” e sua mulher, Edite Marques. No movimento estudantil, destacavam-se os secundaristas Wellington Mangueira e Marcélio Bonfim.

[187] Entrevista com Wellington Dantas Mangueira Marques, Aracaju, junho de 2004. Wellington Mangueira filiou-se ao PCB em 1966, mas, dada a sua condição de líder secundarista, em 1963 já mantinha relações com vários militantes. O professor Franco Freire, citado no texto, de família proeminente na área cultural sergipana, não pertencia organicamente ao PCB, mas apoiava as iniciativas da organização, o que lhe valeu várias prisões.

[188] Entrevista com Zelita Correia, Aracaju, junho de 2004. Zelita pertencia à AP (Ação Popular). Os processos políticos abertos em Aracaju eram julgados pela Auditoria Militar de Salvador.

Após o golpe, Jacinta continuou a atuar com a mesma determinação. Distribuía, em Barra dos Coqueiros e em Aracaju, os textos políticos que escrevia, fazia discursos, pichava palavras de ordem nos muros, conclamava as pessoas a resistirem à ditadura, participava de passeatas, engrossava movimentos sociais, comparecia a reuniões na Associação de Pescadores de Barra dos Coqueiros.[189] Nessa época devia agir sozinha, decidindo por si mesma como, quando e onde atuar, pois a maioria dos seus companheiros, assim como todos os dirigentes do Partido, estavam presos, fugidos ou escondidos.

Em 1964, sem que Jacinta soubesse, em meio ao turbilhão dos acontecimentos políticos, na guerra de informação e contrainformação que então se travava, aconteceu um fato que gerou enorme desconfiança dos moradores de Barra dos Coqueiros em relação a ela. Existia uma Associação de pescadores e barqueiros de Barra dos Coqueiros, que reunia os moradores para defender interesses coletivos, e cuja liderança era esquerdista. No segundo semestre de 1964, durante uma reunião da Associação, à qual Jacinta estava presente, o Exército prendeu um dos líderes, abrindo contra ele um Inquérito Policial Militar (IPM): *A gente tava reunido na Associação, quando a polícia chegou e prendeu ele. Teve IPM*, contou Antônio Ramos Maia, barqueiro antigo na região, o mesmo que costumava transportar Jacinta no tó-tó-to. Continuou Antônio:

> *Quando fui visitar meu amigo na cadeia, o Exército falou pra mim e pros meus companheiros que quem delatou o meu amigo, quem disse que ele era comunista, mandou ele pra prisão, foi aquela dona que vivia aqui na Barra. A tal dona que eu transportava todo dia no meu tó-tó-to, essa aí de que você tá falando.* [...] *Eu acreditei nisso, sim. Eu e meus companheiros. Não era esquisito aquela dona de fora por aqui? Aquela dona rica, calada, que ninguém sabia quem era... metida aqui no meio da gente. Só batucando de noite na máquina de escrever, vivendo num barraco... Então a gente não quis mais nada com ela, passou a desprezar. Só depois é que eu fiquei sabendo que ela era comunista, foi presa também.*[190]

Ironia cruel: Jacinta, que renunciara a tudo para viver junto aos pescadores de Barra dos Coqueiros, organizá-los e doutriná-los segundo as ideias comunistas (às quais se manteve fiel até à morte, como se verá), devido a uma manobra do Exército foi apontada e renegada pelos pescadores como dedo-duro, figura totalmente desprezível!

---

[189] Cf. registros de Lourdes e Zete Passos, com base em informações de Ely Passos e do dr. Hercílio Cruz; entrevista com Yolanda Valois Cruz, Aracaju, junho de 2004; entrevista com Maria Helena Ates, Aracaju, junho de 2004.

[190] Entrevista com Antônio Ramos Maia, Barra dos Coqueiros, junho de 2003.

O Exército, contudo, conhecia o verdadeiro teor das ideias e pregações de Jacinta, e a prendeu duas vezes. A primeira detenção ocorreu provavelmente em fevereiro de 1965, havendo sobre ela pouca informação. Teria sido consequência de uma denúncia do prefeito de Barra dos Coqueiros contra Jacinta, que, abordada por membros do Exército, reagiu, sendo detida por *meter-se em confusão ao reagir a agressões*, na versão do Exército.[191] Foi solta pouco depois.

Mais tarde, provavelmente no fim de abril, quando Jacinta escrevia palavras de ordem sobre um muro da cidade de Aracaju, foi novamente detida. Estava sozinha. A própria Jacinta registrou o fato, no poema "Duas Américas", de 1968:

Nos muros de Aracaju
ai! que letras resistentes
nos muros de Aracaju [...]
há três anos escrevi
nos muros de Aracaju:
Independência nacional não é nacionalismo![192]

Jacinta foi levada presa para o 28º Batalhão de Caçadores (BC) de Aracaju. A seguir, militares invadiram seu barraco em Barra dos Coqueiros, de lá levando todos os seus pertences: escritos, documentos, fotos, roupas, enfim, tudo o que possuía. No 28º BC, Jacinta foi interrogada pelo tenente Rabelo, encarregado dos primeiros contatos com os supostos subversivos. Vinte e seis anos mais tarde, o tenente Rabelo concordou em relatar a Dalila Machado seu encontro com Jacinta. Trata-se da versão do militar, sequioso por demonstrar que agiu com correção, ponderação e brandura (raros na época), assim como obedeceu a todos os procedimentos processuais devidos (o que também era raro). Eis a narrativa de Dalila:

Ao ser interrogada, pela primeira vez, sobre suas manifestações públicas pelo tenente Rabelo, ela [Jacinta] respondeu-lhe em versos. Surpreendido com esse depoimento poético, o tenente resolveu interrogá-la com mais cuidado. Observou que ela possuía porte, altivez e era uma mulher muito bonita, apesar dos 50 anos, alta e magra. Sustentava seus pontos de vista com firmeza. Possuía um ideal fixo, suas opiniões eram agressivas e partidárias. O tenente considerou consigo que ela parecia ser uma mulher revoltada, de tendências pró-comunistas, que incomodava as autoridades. Além de tudo, era exaltada, dizia que estava em Aracaju a serviço do PCB, mostrou fotografias com

---

[191] Dalila Machado, *A história esquecida...* , p. 28. Registro de Lourdes Passos traz versão semelhante.
[192] "Duas Américas", poema até agora inédito, integra a presente edição. Cf. registros de Lourdes e Zete Passos, apoiados em informações de Ely Passos, que residia em Aracaju, prima de Jacinta que foi a primeira pessoa da família a estar com ela após a prisão.

Marighella e João Amazonas, manuscritos com comentários, entremeados de poemas. O tenente recolheu o material para estudá-lo com cuidado. Ponderou-lhe que era perigoso envolver-se tanto com a política, ela era uma poetisa, uma intelectual, não devia expor-se daquela maneira. Era uma mulher de cultura, o que fazia numa comunidade como aquela, tão simples? Jacinta respondeu-lhe que tinha um plano de trabalho, que tinha sido orientada pelo Partido para doutrinar os habitantes daquele lugar, para prepará-los para a Grande Jornada. O tenente começou a considerar a possibilidade de ela ser desequilibrada. Afinal, o prefeito de Barra dos Coqueiros havia dito que ela era anormal...[193]

Prossegue Dalila:

O tenente Rabelo [...] *queria saber quais os pontos de ligação dela no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Salvador e em Sergipe. Para atingir este objetivo, submeteu-a a vários interrogatórios. Ela [Jacinta] chegava sempre calma, depois, à medida que o tenente a provocava propositadamente, ela se exaltava e perdia o controle. Assim, logo no primeiro interrogatório, ela o agrediu verbalmente quando ele fez insinuações a respeito de suas relações amorosas com um militante do Partido. Ao ser agredido, o tenente mandou retirá-la da sala de interrogatório e começou a cogitar da possibilidade de mandar um médico examinar seu equilíbrio mental.*
No segundo interrogatório, apesar de no início ter-se mantido calma, em dado momento ela modificou o estilo, demonstrando agressividade com o Exército que, segundo ela, estaria desvirtuando seu trabalho junto à população de Barra dos Coqueiros, onde ela queria se candidatar a vereadora.
[...]
No terceiro depoimento, [...] *tentando saber quais eram suas ligações, [o tenente Rabelo] descobriu que ela emitia um parecer independente, não subordinado a ninguém, nem mesmo ao Partido, e que apesar de seu relacionamento com pessoas como Jorge Amado, seu cunhado e também militante, Eduardo Portella, Carlos Marighella e João Amazonas, nomes por ela citados, possuía uma independência de ideias que o deixou impressionado. Tentando atingi-la de forma mais contundente ainda, através da ironia, ele provocou-lhe a súbita reação intempestiva: apoderando-se de papéis que estavam sobre a mesa, ela jogou-os no rosto do Tenente Rabelo.*

[193] Dalila Machado. *A história esquecida de Jacinta Passos*, p. 28.

> *Por esta atitude inopinada, o Tenente mandou levá-la para o pavilhão de mulheres, e um médico foi solicitado para avaliar-lhe o estado mental.*[194]

O médico chamado foi o psiquiatra Hercílio Cruz, proprietário da Casa de Saúde Santa Maria, em Aracaju, e que costumava colaborar com o Exército nesses casos. Sua viúva,Yolanda Valois Cruz, atual proprietária da clínica, lembrou-se:

> [Jacinta] *estava presa, lá no 28º Batalhão de Caçadores. Ela morava na Barra dos Coqueiros e foi transportada para lá. Chamaram meu marido, e ele viu que ela não tinha condição de estar presa, que realmente ela era uma doente, e que era uma crueldade o que estavam fazendo com ela.* [...] *Chamaram meu marido porque ele já era um psiquiatra de nome, conhecido.*[195]

Após examinar Jacinta, o dr. Hercílio Cruz atestou que ela sofria das faculdades mentais. Em consequência, a presa foi transferida do Batalhão de Caçadores, onde permanecera cerca de um mês, para o Hospital Adauto Botelho. Este sanatório público, situado no bairro São José, tinha instalações, condições de higiene e tratamento médico extremamente precários.

Com base nas informações fornecidas por Jacinta, o dr. Hercílio entrou em contato com a família Passos, em Salvador, sugerindo que ela fosse transferida para a Casa de Saúde Santa Maria, de sua propriedade, onde receberia tratamento mais adequado. Com a orientação do médico e o apoio de Ely Passos e de seu marido, dr. Walter, residentes em Aracaju, a família Passos conseguiu, em 31 de maio – cerca de dez dias depois da entrada –, a transferência de Jacinta do Adauto Botelho para a Casa de Saúde Santa Maria.[196]

Assim que Jacinta deu entrada no sanatório, o dr. Hercílio Cruz teve com ela longa conversa. Anotou, numa ficha médica, os seguintes dados, fornecidos pela paciente:

---

[194] Dalila Machado. *A história esquecida de Jacinta Passos*, p. 28-29. A entrevista telefônica da autora com o então já Major Rabelo, hoje falecido, aconteceu em julho de 1991. O pavilhão de mulheres referido na última frase do texto ficava dentro do 28 BC. Fora construído no ano anterior, para manter separadas dos homens as diversas mulheres presas em Sergipe. Depoimentos dessas mulheres, presas mais ou menos na mesma época e no mesmo local de Jacinta, revelam interrogatórios e tratamentos bem menos pacientes, alguns francamente violentos, por parte de certos militares. Cf. entrevista com Zelita Correia, Aracaju, junho de 2004.

[195] Entrevista com Yolanda Valois Cruz, Aracaju, junho de 2004. Yolanda trabalhava na clínica com o marido.

[196] A Casa de Saúde Santa Maria, situada no bairro Siqueira Campos, ainda existe, atendendo a cerca de 100 pacientes. Em meados da década de 60, quando Jacinta ali foi internada, atendia a 250, sua lotação completa: cf. entrevistas com Yolanda Valois Cruz, viúva do dr. Hercílio Cruz e atual proprietária da clínica, Aracaju, junho de 2004, e com Maria Helena Ates, enfermeira da Clínica Santa Maria durante muitos anos, quando Jacinta lá esteve internada, Aracaju, junho de 2004. Registros de Lourdes, Zete e Dulce Passos.

Jacinta Passos
Branca
50 anos
Casada – desquitada, escritora, natural de Cruz das Almas, Bahia
Mãe viva sadia
Nascida a termo de gestação e trabalho de parto normais
Linguagem, dentição e marcha não sabe informar
Tem uma filha de 17 anos
Não usa tóxico
Foi criada pelos pais em ambiente familiar. Sempre foi considerada como criança bem comportada, é a terceira na ordem dos filhos.
Estudou o curso primário em São Félix, Bahia, e ao concluir seguiu para Salvador, onde fez o curso normal na Escola Normal, obtendo o diploma em dezembro de 1932. Em 1944 casou-se com o sr. James Amado e viveu mais ou menos dez anos.
Desde 1944, é comunista.
Em 1950 foi presa no Rio de Janeiro por causa da literatura política, livros de poesia que publicou – "Poemas políticos": por essa prisão e pela perseguição política ficou "nervosa" e foi internada em estabelecimento cujo nome não se recorda, seguindo para o Sanatório Charcot, em São Paulo, onde se submeteu ao último tratamento em 1955, e obtendo alta como curada, regressou à Bahia. De 1958 a 1961 residiu em Petrolina. Em julho de 1962 veio para Barra dos Coqueiros, porque achou Aracaju mais perto de Salvador.[197]

Os dados fornecidos por Jacinta, sobre diversas fases e fatos de sua vida, são corretos, demonstrando que ela se mantinha lúcida, consciente da própria identidade e dos principais fatos e pessoas que compunham sua vida, apesar das dolorosas experiências por que passava, a da prisão seguida por duas internações.[198] A única exceção relevante no seu depoimento refere-se à data e motivo de sua primeira prisão, situada por Jacinta em 1950, tendo por motivo a publicação de *Poemas políticos*. Em realidade, Jacinta foi presa pela primeira vez em 1958, devido a seu livro *A Coluna*. Com certeza não sofreu nenhuma prisão em 1950, ano em que vivia numa fazenda, interior da Bahia; além disso, *Poemas*

---

[197] Dalila Machado. *A história esquecida...* , p. 30-31.

[198] As duas exceções à afirmação são pormenores, e mesmo assim podem ser justificados: a) Jacinta considerou como data de seu ingresso no PCB o ano de 1944, e não o ano de 1945, quando oficialmente aderiu à organização; a escolha pode ser justificada pelo fato de, em 44, ela ter efetivamente iniciado um trabalho mais intenso e regular junto ao Partido, conforme narrado neste texto. Desde essa época, em todas as situações Jacinta sempre afirmou sua condição de comunista; b) Janaína tinha à época não 17 anos, como Jacinta afirmou, mas 18; seu aniversário, porém, ocorrera no mês de abril, quando Jacinta estava presa, e, recém-internada pela segunda vez, ela podia perfeitamente não ter se apercebido ainda da sua passagem.

políticos saiu em 1951, não em 50. Teria o registro sido anotado errado? Teria havido mera confusão cronológica, por parte de uma mulher cansada, submetida a excesso de sofrimentos? Ou, conforme pensamos, houve um importante indício de que, na construção de sua própria história, Jacinta conferia um lugar central à prisão?

* * *

Jacinta Passos reagiu à internação, nos primeiros meses. Foram-lhe aplicados vários choques elétricos, conforme consta de seu prontuário médico, consultado por Dalila Machado.[199] É de supor que, todas as vezes em que se agitava – o que, segundo os relatos, aconteceu sobretudo nos primeiros anos de internamento –, recebesse eletrochoques, tratamento comum à época, e cuja existência na clínica foi atestada por uma interna na década de 1970.[200] Com o passar do tempo, Jacinta provavelmente se acalmou. Considerou que era uma presa política, estava numa prisão, não num hospital psiquiátrico. Ela própria registrou como se sentia:

> *Matéria expansiva eu sou,*
> *expansiva e comprimida*
> *no fundo desta prisão,*
> *palavra diminuída,*
> *presa a ideia, presos os pés,*
> *palavra diminuída,*
> *os braços arrebentando*
> *ataduras de envolvida*[201]

Para não compactuar com aquela situação, não receber nada "da repressão", como dizia, Jacinta trabalhava por vontade própria no sanatório, arrumando e limpando os ambientes, principalmente banheiros:

> *Muitas vezes eu a pegava agachada nos sanitários, limpando vaso. Eu lhe dizia que aquilo não era preciso, tinha gente pra fazer, mas ela respondia: 'Não, d. Ates. Com o meu trabalho, eu pago o que como aqui. Não quero dever nada a ninguém desta penitenciária. Sou uma presa política, sou comunista, e os comunistas não compactuam com a repressão'.*[202]

---

[199] Dalila Machado. *A história esquecida...* , nos anexos do livro. Dalila teve acesso à ficha clínica do médico, repassada pelo próprio dr. Hercílio Cruz. Em 2004, por ocasião da presente pesquisa, os dados da ficha clínica não estavam mais disponíveis na Clínica Santa Maria (*Perderam-se*, foi a justificativa apresentada.)

[200] Cf. entrevista com Zelita Correia, Aracaju, junho de 2004. Zelita esteve internada na Clínica Santa Maria na década de 1970, afirmando haver ali recebido, contra a sua vontade, eletrochoques. O dr. Hercílio Cruz, bem como sua esposa, Yolanda Valois Cruz, e a enfermeira Maria Helena Ates negaram que Jacinta tivesse recebido qualquer eletrochoque na instituição.

[201] Cf. o poema completo em "Textos inéditos", nesta edição.

[202] Entrevista com a enfermeira Maria Helena Ates, Aracaju, junho 2005.

Quando recebia qualquer benefício que os outros internos não recebiam – como um copo de leite, no meio da manhã (onde as enfermeiras dissolviam remédios que ela se recusava a ingerir), ou o fato de, a partir de determinada época, ter passado a dormir sozinha num quarto (porque os outros internos, não suportando o ruído do seu rádio, ligado a noite inteira na "Voz da América", reclamavam) –, Jacinta fazia questão de trabalhar mais, para compensar aqueles "privilégios", afirmando:

> *'Não sou melhor do que ninguém, somos todos iguais. Pago o que recebo com trabalho'. Para que [Jacinta] aceitasse uma roupa, um rádio de pilha, qualquer coisa que a irmã Lourdes ou os primos deixassem para ela, eu precisava dizer que o objeto me pertencia, e que eu estava emprestando pra ela. 'Emprestado, eu aceito. Devolvo depois', me dizia.*[203]

Jacinta geralmente fazia os serviços de limpeza pela manhã. Depois tomava banho – era considerada muito asseada –, e secava os cabelos ao sol, "pra não adoecer", hábito antigo seu. Estava sempre bem informada. Além de atenta ao noticiário do rádio e da televisão – durante o "Repórter Esso", não permitia conversas nem interrupções por parte das enfermeiras e dos outros pacientes, o que gerava protestos –, Jacinta lia diariamente jornais. *Os jornais, quando chegavam aí, o dr. Hercílio lia, e depois já deixava pra ela, em cima da mesa: 'D. Jacinta, já estão aqui, viu, os jornais'. Ela respondia: 'Quando eu acabar aqui essa tarefa, eu vou'.* [204]

À tarde, descansava um pouco, logo depois iniciando aquele que foi seu grande refúgio, sua grande resistência durante esses sete anos seguidos de internamento: a escrita. Segundo nossos cálculos, Jacinta preencheu cerca de 3.348 páginas de caderno manuscritas no período, quase 560 páginas por ano, quase 16 páginas por dia.[205] Mergulhou completamente no mundo da criação, o *seu* mundo, onde pensava e escrevia livremente sobre tudo o que a interessava, principalmente política e arte; ali criava poemas, peças teatrais, letras para canções, textos radiofônicos, discutia filosofia, história etc. Essa mulher inteiramente sozinha, confinada como louca em um sanatório de uma cidade remota, inventou um mundo de liberdade, acreditando no poder criativo do pensamento, da palavra e da arte.

* * *

[203] Entrevista com a enfermeira Maria Helena Ates, Aracaju, junho 2005.
[204] Entrevista telefônica com Maria Helena Ates, março 2005.
[205] Cf. "Os manuscritos de Jacinta Passos", nesta edição.

Quando Jacinta foi presa, sua mãe e sua irmã Zete, que moravam em Salvador, inquietaram-se não apenas com o destino dela, mas também com o das pilhas de papéis e livros que, há anos, antes de deixar Salvador e mudar-se para Petrolina, Jacinta confiara a elas. Esses papéis continham notícias recortadas de jornal, especialmente de *O Momento*, vários exemplares do seu livro *A Coluna*, e vários textos, a maioria deles datilografados, de autoria de Jacinta.

Ao decidir mudar-se para Petrolina, Jacinta tinha consciência de que sua vida lá seria incerta, pois não sabia o que encontraria naquela cidade desconhecida, na qual não tinha amigos ou parentes. Assim, mesmo brigada com os familiares, deve ter achado que seus originais, livros e recortes estariam em maior segurança no sobrado da família do que com ela própria, e os confiou à irmã Zete e à mãe. Quando se mudaram do sobrado para o apartamento da Graça, as duas levaram consigo o material de Jacinta.

Contudo, na época da prisão de Jacinta sob a ditadura, Zete, examinando mais uma vez o material deixado pela irmã, achou que era material subversivo, comunista, o que poderia incriminar a família que o guardava e a própria Jacinta. Uma conversa tensa entre Zete, Lourdes e a mãe selou o destino dos papéis: seriam transferidos para a casa de Lourdes, no bairro de Brotas, e, ali, queimados.

Eraldo Siqueira, marido de Lourdes, buscou os papéis e os levou para sua residência. A opinião dele era a de que o material não precisaria ser queimado, bastando que ficasse abrigado num pequeno sótão da casa. Sua mulher Lourdes, irmã de Jacinta, contudo, foi de opinião que os papéis eram muito incriminadores, e deveriam ser incinerados.

Na fogueira do bairro de Brotas foram queimados os originais de sete livros de Jacinta Passos, aqueles que ela anunciara em *A Coluna*, além dos textos que pode ter escrito entre 1957 (ano de publicação de *A Coluna*) e 1959, quando deixou Salvador.[206]

* * *

Como já fizera no Rio de Janeiro, Jacinta fugiu do sanatório de Aracaju provavelmente dois ou três anos após ter sido internada. Maria Helena Ates, a enfermeira que lá conviveu com ela durante anos, recordou:

---

[206] Cf. registros de Zete Passos e Tomásia de Queiroz. Entrevista com Terezinha Siqueira de Andrade, Maceió, novembro de 2003, e entrevista telefônica com Marta Valença, março de 2004. Os "livros a publicar" relacionados em *A Coluna* foram os seguintes: "História do Brasil e outros poemas (poesia), "3 dramas" (teatro), "Contos para Janaína" (literatura infantil), "Estudos, críticas e divulgação" (crítica literária), "3 contos" (contos), "O Céu" (literatura infantil) e "2 Professores" (literatura infantil). Nessa lista foi relacionado também o próprio livro *A Coluna*, indicando que a lista provavelmente foi preparada antes da publicação desse livro e, por lapso, não corrigida. Conforme se lê em "Os manuscritos de Jacinta Passos", nesta edição, nos Cadernos do Sanatório Jacinta citou de memória trechos de alguns desses originais, mostrando que efetivamente existiam. Além disso, os testemunhos são unânimes em afirmar que, em Salvador – como durante toda a sua vida –, Jacinta dedicou-se com afinco e disciplina à escrita.

Faltou energia nessa noite, e quando abriu a porta pra enfermeira entrar, ela [Jacinta] aproveitou e... psit!... fugiu. E aí, pronto, passamos a noite na rua, dr. Hercílio e eu, e nada da gente encontrar. Aí o dr. Valter [primo de Jacinta, residente em Aracaju] disse que ela tinha um dinheiro no Banco do Brasil. [...] *O dr. Valter achou que talvez ela fosse tirar esse dinheiro. O dr. Hercílio então avisou ao gerente do banco que, quando ela chegasse lá pra sacar, que eles enrolassem ela, até a gente chegar.*
Quando nós chegamos, fomos três pessoas [...]. *Nós chegamos de surpresa. Ela era um mulherão, e quando ela se abusava, ficava forte, ficava agressiva. Aí os guardas mandaram dar passagem, a gente entrou, botamos no carro, quando chegou aqui, ela disse:*
– Olhe, não se preocupe, d. Helena, que eu não vou fugir mais nunca daqui. Não se preocupe, que eu não fujo mais daqui. Que eu vou sair pelos ares, agora.
E saiu mesmo, pela mão dos outros, não é? E aqui ficou, não fugia, ficou por aqui embaixo, as portas eram abertas. Dia de visita, ela ficava aqui, atendendo um, atendendo outro [...] *O pessoal dizia dela: – Aquela empregada, aquela do cabelo que usa de cocó, e tal. Aí a gente ficava calada* [risos].[207]

Não há notícias de que Jacinta tenha estabelecido ligações pessoais com qualquer interno. A única exceção foi Robélio Garcia, comunista com quem ela militara em Aracaju e, provavelmente, fora seu principal contato com o PCB local. Preso pelo Exército, Robélio esteve internado na mesma clínica de Jacinta. Ela, alojada num quarto no andar térreo, todos os dias pedia licença para subir até o primeiro andar, onde visitava o amigo, conversando com ele um bom tempo, sobre política. O diálogo entre os dois se manteve até Robélio deixar a clínica.[208]

No sanatório, Jacinta recebeu várias vezes visitas da prima, Ely, e de seu marido, Valter, que moravam em Aracaju. Eles lhe levavam pilhas novas para o rádio – Jacinta passava horas ouvindo noticiários, principalmente o "Voz da América" –, artigos de higiene, jornais, lápis, canetas, livros que ela pedia, etc. Jacinta os recebia amigavelmente, perguntava-lhes sobre a vida lá fora, e em breve os despachava. De volta a casa, o casal de primos telefonava para Salvador, dando notícias de Jacinta à sua mãe e irmãs.

Lourdes, irmã mais nova de Jacinta, foi visitá-la algumas vezes no sanatório. Levava de Salvador vários objetos enviados pela família, como roupas, sapatos, doces de que ela gostava, revistas, pilhas para o rádio etc., mas Jacinta não os

[207] Entrevista com a enfermeira Maria Helena Ates, Aracaju, junho de 2004, e entrevista telefônica, setembro de 2004. Em relato anterior a Dalila Machado, publicado em *A história esquecida de Jacinta Passos* , a enfermeira Ates declarou que Jacinta teria passado a noite da fuga "num bueiro". Ela não se referiu a esse fato, nas entrevistas dadas para o presente trabalho.
[208] Entrevista telefônica com a enfermeira Maria Helena Ates, setembro de 2004.

aceitava. Ela também não reconhecia Lourdes como sua irmã. *Eu não tenho irmã*, lhe dizia. *Sou filha única. Sou sozinha.* Da mesma forma, nas conversas com Lourdes, não reconhecia fotos da mãe, do pai nem de qualquer outro familiar: *Não conheço essa gente*, repetia.[209]

Jacinta recusava-se conscientemente a reconhecer a irmã? Renegara a família, por sentir-se renegada por ela? Criara para si uma realidade própria, na qual acreditava? Seu comportamento seria parte de seu delírio? Como explicar seu comportamento?

Em julho de 1969, a filha de Jacinta, Janaína, foi a Aracaju visitar a mãe. Este é o seu relato do encontro:

> *Há tempos eu queria rever mamãe. Não nos encontrávamos há mais de 12 anos, desde o Rio, quando ela me preparara para o exame de admissão. Durante minha adolescência – depois que havia sido dito a ela que eu estava na União Soviética –, rejeitei totalmente mamãe: chamava minha madrasta de mãe e, no colégio, dizia às colegas que ela, não Jacinta, era minha mãe biológica. Eu sentia um medo horrível de ficar louca, como minha mãe. Nos piores momentos, achava que na verdade já era louca, as pessoas é que ainda não haviam percebido. E, para que elas nunca percebessem, procurava agir de forma bem racional, a mais "certinha" possível.*
> *Agora, porém, a situação era outra. Aos 22 anos, recém-formada e recém-casada, eu já sabia que não podia apagar mamãe da minha vida. Nem queria: nessa época, desejava aproximar-me dela, oferecer-lhe carinho e proteção, se possível transferi-la para o Rio, onde eu morava. Queria assumir minha mãe, oferecer a ela e a mim a oportunidade de uma nova convivência. Com esse objetivo fiz, com Jorge,*[210] *em julho de 69, uma longa viagem terrestre, do Rio a Aracaju. No caminho, paramos em Salvador, onde conversei com papai e tias Lourdes e Zete sobre meus planos.*
> *Em Aracaju, nos hospedamos na casa da prima Ely Passos, que foi carinhosa. No dia seguinte, Jorge e eu nos dirigimos para o sanatório. Lá, conversamos primeiro com o dr. Hercílio Cruz, mas eu estava tão ansiosa que não me lembro do conteúdo dessa conversa. Recordo apenas que o médico foi solícito, nos mostrou o prontuário de mamãe, respondeu às perguntas de Jorge sobre o comportamento dela.*
> *Terminada a conversa, fomos conduzidos até uma sala branca, onde havia uma escada larga. Alguém foi chamar mamãe. Para minha surpresa, desatei num choro convulso, incontrolável. Ainda não havia me recuperado quan-*

---

[209] Registros de Lourdes Passos. Entrevista com Terezinha Siqueira, Maceió, novembro 2003. Segundo a enfermeira Ates, Jacinta também não reconhecia Ely e Walter, seus primos.
[210] *Jorge.* Jorge Miguel Mayer, então marido de Janaína.

do enxerguei minha mãe no alto da escada. Ela desceu devagar em nossa direção, a mão esquerda sobre o corrimão, o porte altivo, olhando-nos fixamente, expressão ao mesmo tempo curiosa e reservada. Cumprimentou a gente com um rápido movimento de cabeça. Eu tremia inteira.

Sentamos os três num banco comprido, junto à parede, ela no meio. Comecei a dizer-lhe aquilo que, mentalmente, já lhe dissera tantas e tantas vezes: eu era Janaína, sua filha; havia morado vários anos na União Soviética, mas agora voltara ao Brasil, para viver aqui; sentia muita saudade dela, queria revê-la... por isso estava ali.

Ao me ouvir, o corpo de mamãe se retesou. Ela disse:

– Eu não tenho filha.

Eu havia me preparado para resistências, mas, sinceramente, não para aquilo. Respirei fundo, procurando encontrar palavras. Continuei:

– Mãe, imagino que tudo o que está acontecendo agora seja mesmo muito estranho pra você. É natural que você esteja desconfiada, me vendo assim de repente, depois de tantos anos. Mas sou eu mesma, mãe, sou a sua filha Janaína, pode acreditar. Voltei da União Soviética. Vivi lá muitos anos, foi ótimo, mas agora estou aqui, no Brasil, ao seu lado. Vim ver você, estar com você, ficar com você.

Ela olhava fixamente para a frente, em silêncio, o corpo duro. Eu a via de perfil. Continuei:

– Olhe, veja só o que eu tenho aqui, o que trouxe para você ver – minha certidão de nascimento, leia: Janaína Passos Amado, filha de James Amado e de Jacinta Passos Amado, nascida em 21 de abril de 1947... Trouxe também, pra você ter certeza de que sou eu mesma, minha carteira de identidade. Está vendo a minha foto? Está escrito o nome do meu pai e também o nome da minha mãe, que é o seu nome, você é a minha mãe...

Ela não se moveu.

–... e também todas essas fotos: veja você aqui, moça, comigo no colo. Essa daqui é você, em Salvador, essa menininha sou eu... Nesta outra foto, você ainda era solteira, lembra? Olhe vovó Bebé, vovô Ioiô. Tá vendo?

Mexendo levemente a cabeça, mamãe deu uma olhada rápida, de longe, com o rabo do olho, no que eu tinha no colo. De novo com a cabeça para a frente, disse:

– Eu não tenho filha. Nunca tive filha. Nem filha nem filho.[211]

Percebendo que eu não tinha a menor condição de continuar aquela conversa, Jorge perguntou:

[211] Em 1968 ou 1969, contudo, Jacinta anotou, num de seus cadernos: "Janaína é minha filha, não é minha propriedade" (Cadernos do Sanatório 18, nesta edição em "Comprimidos poéticos").

– Camarada Jacinta, como você analisa a situação política atual?
Ela virou-se rapidamente para Jorge, quase me dando as costas. Manteve com ele uma longa e animada conversa, sobre o governo militar, o AI-5,[212] *o Partido, as possibilidades de revoltas populares... Tudo o que dizia fazia sentido. Ela perguntava ou respondia, complementava ou retrucava o que Jorge falava, concentrava-se, ironizava, indignava-se, sorria, sempre animada. Visivelmente, gostava da conversa.*
Enquanto ela falava, eu a observava. Continuava magra, os cabelos ainda muito bonitos, presos atrás – notei dois longos fios brancos, e isso me emocionou. Vestia uma blusa branca e uma saia reta, preta, ambas de tecido mole, e calçava um chinelinho. Eu me admirei: Como parecia bem para os 55 anos de idade, quanto mais sabendo-se de todas as dificuldades que enfrentara e enfrentava! Em certo momento, ela riu: percebi que lhe faltava o último dente do lado direito. Senti vontade de abraçá-la.
A conversa de mamãe com Jorge ia longe. Decidi tentar uma outra forma de aproximação com ela, indireta. Aproveitando uma breve pausa na conversa dos dois, perguntei à mamãe:
— Por que você está aqui?
Ao ouvir de novo minha voz, seus músculos se retesaram. Mas respondeu:
– Estou presa. Sou uma presa política.
– Foi o Exército que colocou você aqui?
– Foi o Exército. Estou presa desde 65. Quando caí,[213] *estava escrevendo num muro de Aracaju: "Independência nacional não é nacionalismo!".*
– Deve ser horrível estar presa aqui... O que você faz durante os dias?
Ela descreveu os horários das atividades, os trabalhos que fazia – limpeza do chão, das privadas... –, os banhos de sol, as refeições, os remédios... tudo o que, muitos anos depois, eu ouviria relatado pela enfermeira Maria Helena Ates.
– Você toma remédios?
– Não tomo. Essa é uma velha tática da reação: dão remédio para deixar os presos inertes.
– Você sai daqui?
– Não, isto é uma prisão. Uma vez consegui fugir, mas me recapturaram. Eles têm policiais, Exército, espiões, tudo.

[212] *AI-5*. Ato Institucional nº 5, promulgado em 13 de dezembro de 1968 pelo governo militar, suprimiu as liberdades democráticas ainda vigentes no país, completando o regime político de exceção. O AI-5 dava ao Executivo poderes para, entre outros, fechar o Congresso Nacional, decretar intervenção em Estados e municípios, privar cidadãos de direitos políticos, reprimir manifestações públicas e suspender o direito de *habeas corpus*.
[213] *Quando caí*. Na gíria política dos partidos de esquerda, "cair" é sinônimo de "ser preso", "ser pego pelas forças inimigas".

– E você... escreve?
– Sempre!!
– Sobre o quê?
– Escrevo prosa e poesia. É necessário continuar pensando, contribuindo para o debate nacional de ideias.
Pela primeira vez, ela me encarou:
– Você também devia escrever. É preciso produzir material pedagógico para a revolução.
Virou-se para Jorge, perguntando-lhe sobre livros recentemente publicados. Ele listou alguns, ficou de enviar-lhe "A revolução burguesa", de Caio Prado Jr., pelo qual ela se interessou especialmente.
Eu sentia a cabeça rodar. Estava ficando desesperada, não sabia mais o que fazer para convencê-la. Procurava dentro de mim e encontrava apenas o vazio, parecia que meus recursos internos haviam se acabado. Ainda tentei retornar ao assunto:
– Mãe, agora vamos conversar sobre nós duas. Sou sua filha: você não me reconhece, não me acha parecida com o que eu era antes? Todo mundo diz que eu não mudei muito, ainda tenho o mesmo formato de rosto, veja, o mesmo sorriso, ainda uso óculos... Mãe, olhe pra mim!
Ela nem se mexeu. Continuei:
– Eu me lembro das férias que passei com você em Salvador, me lembro da casa de Nazaré, dos avós, das minhas tias, me lembro da nossa viagem de navio para o Rio, me lembro quando você foi ao Rio me dar aulas, me lembro do quarto que você alugou no Largo do Machado... Mãe, você não vê que sou eu? Olhe essas fotos, segure...
Ela se manteve imóvel. Segundos depois, disse:
– Uma vez, tive uma filha. Mas se chamava Helena. Não tinha o seu nome.
Comecei a sentir as lágrimas descendo pelo rosto. Daí em diante não consegui ver nem dizer nada, apenas ouvir a conversa deles, sem entender palavra.
Pouco depois mamãe se levantou, disse que estava na hora de ir. Ajeitou a blusa, e se despediu da gente com um aperto de mão. Antes de subir a escada, virou-se, dizendo a Jorge: 'Camarada Mayer, não se esqueça de me mandar o livro!'.
Foi a última vez que vi minha mãe.

Jacinta Passos faleceu nesse sanatório, no dia 28 de fevereiro de 1973, aos 57 anos de idade. Sua certidão de óbito registra como *causa mortis* um derrame cerebral. Escreveu em seu caderno até a véspera, 27 de fevereiro de 1973, já com a letra bastante alterada. Contaram à enfermeira Ates, de férias na ocasião, que,

no dia do seu falecimento, mesmo se sentindo mal, Jacinta ainda queria que lhe dessem a enceradeira, para encerar o chão: *Foi preciso conter ela na cama, pra não levantar e pegar a enceradeira.*

Compareceram ao seu enterro em Aracaju a irmã Lourdes, a sobrinha Marta (filha de Lourdes) e o ex-marido, James Amado, a quem o dr. Hercílio Cruz entregou cadernos manuscritos por Jacinta, estes que hoje integram os "Cadernos do Sanatório".

> *Quando eu não for mais um indivíduo,*
> *eu serei poesia.*
> [...]
> *Eu não serei eu, eu serei nós,*
> *serei poesia permanente,*
> *poesia sem fronteiras.*

Fontes da biografia

Fontes orais:

1. Entrevistas

As entrevistas estão agrupadas por local onde foram realizadas. As realizadas por telefone estão assinaladas com um *.

Aracaju, Sergipe

Agonalto Pacheco, junho de 2004
Antônio Matos, junho de 2004
Ibarê Dantas, *março de 2004
Geraldo Santana Moraes, junho de 2004
Jackson Lima, junho de 2004
Maria Helena de Oliveira Ates, junho e *setembro de 2004, *março de 2005
Wellington Dantas Mangueira Marques, junho de 2004
Yolanda Valois Cruz, junho de 2004
Zelita Correia, junho de 2004

Barra dos Coqueiros, Sergipe

Antônio Ramos Maia, junho de 2004

Maceió, Alagoas

James Amado, fevereiro de 2004
Marise de Araújo Ramos, fevereiro de 2004
Terezinha Siqueira de Andrade, novembro 2003, *junho 2004, *julho 2004

Oeiras, Portugal

Thereza Araújo, abril de 2009

Salvador, Bahia

Ana Maria Rios Baptista, agosto e *outubro de 2004

Eliana Passos de Almeida, março de 2004

James Amado, março de 2004, fevereiro, *março e *junho de 2005

João Falcão, *dezembro de 2003 e maio 2004

Luís Henrique Dias Tavares, *dezembro de 2003, *julho de 2005, setembro e *outubro de 2005

Maria Bernadete (Detinha) Passos de Almeida, março e *setembro de 2004, maio, *junho e *julho 2005

Marta Valença, *março 2004

Nívea Maria de Almeida Dantas, março 2005

Regina Menezes de Figueiredo, março e *outubro 2004, *setembro 2005 e *junho 2006

Valdette Maria dos Santos, *outubro 2005

Wilson Falcão, *dezembro 2003

Zélia Gattai, março 2004 e maio 2004

São Paulo, SP

Ediria Carneiro Amazonas, *dezembro 2003, *janeiro 2004

Jacob Gorender, *dezembro 2003

Maria Helena (Lena) Machado Passos, *dezembro 2003

Maria Siqueira Vianna, *fevereiro 2004

Foram feitas ainda duas entrevistas que permanecem anônimas, a pedido dos entrevistados.

2. Registros

Informações e impressões colhidas com as seguintes pessoas, ao longo do tempo, pela autora da biografia:

Berila Elói Passos

Dulce Passos Santos

Eulália Leal Amado

Jacy Machado Passos

James Amado

Jorge Amado

Maria de Lourdes (Lourdes) Passos Siqueira

Luciano Passos

Manoel Caetano da Rocha Passos Filho

Maria José (Zete) Passos

3. Fontes escritas e iconográficas:

Depoimentos manuscritos:

Luís Henrique Dias Tavares, janeiro de 2003 e setembro de 2005

Renato Passos, setembro de 2005.

Terezinha Siqueira de Andrade, janeiro de 2004 e maio de 2005

Arquivo particular da família Passos, Salvador

Informações e documentos diversos, manuscritos e impressos, relativos à história familiar, coligidos por Maria José (Zete) Passos.

Arquivo particular de João Falcão, Salavador

Coleção da revista *Seiva*.

Arquivo particular de Maria Guimarães Sampaio, Salavador

Informações sobre a história de bairros de Salvador.

Arquivo Público do Estado de Sergipe

Documentos manuscritos e impressos sobre a história de Aracaju.

Biblioteca particular do pesquisador Jackson Lima, Aracaju

Livros raros e material iconográfico sobre a história de Sergipe.

Biblioteca Pública do Estado da Bahia

Coleções dos jornais *O Imparcial* e *O Momento*.

Seção de livros raros.

Biblioteca Pública do Estado de Sergipe

Coleções de jornais de Aracaju e seção de livros raros.

Cartório do Registro Civil da Bela Vista, São Paulo

Certidão de casamento de Jacinta Passos e James Amado.

Fazenda Campo Limpo, Cruz das Almas, Bahia

Conjunto arquitetônico e mobiliário, fotografias dos ascendentes da família Passos.

Instituto Central de Educação Isaías Alves, arquivo, Salvador
Documentos diversos, manuscritos e impressos, relativos à história da instituição, abrangendo a história da Escola Normal da Bahia.

Instituto Histórico e Geográfico da Bahia
Coleções de diversos jornais, sobre política e economia da Bahia na primeira metade do século XX.

Museu Lasar Segall, São Paulo
Originais de Lasar Segall, desenhados para *Canção da partida.*

Paróquia de Nazaré, Salvador, Bahia
Batistério de Janaína Passos Amado

Referências

AMADO, Jorge. *Hora da guerra*: a segunda guerra mundial vista da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

______. *Navegação de cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

______. *O cavaleiro da esperança*: a vida de Luis Carlos Prestes. São Paulo: Martins, 1945.

______.*Vida de Luiz Carlos Prestes*: el caballero de la esperanza. Buenos Aires: Claridad, 1942.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da república*. 2.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. 3 v.

BESSE, S. K. *Modernização e desigualdade*: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

BEZERRA, Gregório. *Memórias*. 2.ed .Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 1979. 2 v.

BUONICORE, Augusto. Comunistas, cultura e intelectuais entre os anos de 1940 e 1950. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, 1998.

CARONE, Edgard. *O PCB:* 1922-1943. São Paulo: DIFEL,1982.

______. *O PCB:* 1943-1964. São Paulo: DIFEL,1982.

CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões*: os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc), disponível em http://cpdoc.fgv.br/.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil :* um corte ideológico. 4. ed. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

CUNHA, Mário Pinto da. *História de Cruz das Almas*. Salvador, [s. n.], 1959.

DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe, 1889-2000*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura Política Identidades*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FALCÃO, João. *A história da revista Seiva*. Salvador: Ponto & Vírgula Publicações, 2008.

______ . *Giocondo Dias*: a vida de um revolucionário.2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1993.

______. *O partido comunista que eu conheci:* 20 anos de clandestinidade. 2.ed. Salvador: Contexto e Arte Editorial, 2000.

FALCÓN, Gustavo. *Do reformismo à luta armada*: a trajetória política de Mário Alves. Salvador: Edufba, 2008.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito*: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: Eduff; Rio de Janeiro: Mauad , 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado, Janaina. *Usos e abusos da história oral.* 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

FLAKSMAN, Dora; STOTZ, Eduardo (Org). *Velhos militantes*: depoimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

______. *Vigiar e punir*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. *Aracaju:* estado e metropolização. Aracaju: UFS, 1999.

GATTAI, Zélia. *Chão de meninos*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

______. *Um chapéu para viagem*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GRIJP, Klaus Van Der ; AZZI, Riolando . *Historia da igreja no Brasil:* terceira época -1930 a 1964. Petrópolis: Vozes, 2008.

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA. *Salvador era assim:* memórias da cidade. Salvador: IGHB, 1997, 2 v.

LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos:* memórias de militância. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MACHADO, Ana Maria. *Romântico, sedutor e anarquista* : como e por que ler Jorge Amado hoje. São Paulo: Objetiva, 2006.

MAGALHÃES, Juracy e GUEIROS, José Alberto**.** *O último tenente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1966.

MARIGHELLA, Carlos. *Escritos de Carlos Marighella*. São Paulo: Livramento, 1979.

MASCARENHAS, Dulce. *Carlos Chiacchio:* homens e Obras. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

MORAES, Denis de. *O imaginário vigiado:* a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1937-1953). Rio de janeiro: José Olympio, 1994.

_______. "Carlos Marighella, 90 anos", in: "Gramsci e o Brasil". Disponível em :

< http://www.artnet.com.br.html>.

NOVA, Cristiane ; NÓVOA, Jorge (Org.). *Carlos Marighella*: o homem por trás do mito. São Paulo: Unesp, 1999.

PAES, José Paulo. *Quem, eu?:* um poeta como outro qualquer. São Paulo: Ática, 1996.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros*: história e memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1985.

PASSOS, Luciano. *Santa Cruz dos Laranjais*. Salvador: Pórtico, 1997.

PESSOTTI, Isaías. *O século dos manicômios*. São Paulo: Editora 34, 1996.

______. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PIERSON, Donald. *Brancos e pretos na Bahia* : estudo de contato racial. São Paulo: Nacional, 1971.

PINTO FILHO, Renato Passos da Costa. *Cruz das Almas dos meus bons tempos*. Salvador: Bureau, 1984

POMAR, Wladimir. *Pedro Pomar* : uma vida em vermelho. São Paulo: Xamã , 2003.

PORTOCARRERO, Vera. *Arquivos da loucura:* Juliano Moreira e a descontinuidade: história da psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

PRESTES, Anita Leocádia. D*a insurreição armada à união nacional (1935-1945)*: a virada tática na política do PCB . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

PRESTES, Anita Leocádia. *Uma epopeia brasileira*: a Coluna Prestes. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1995.

Província de São Pedro. Porto Alegre, v.l. n. 16, dez. 1951.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

RIBEIRO, Neuza Maria Góis. *Transformações do espaço urbano:* o caso de Aracaju. Recife: Massangana, 1989.

RISÉRIO, Antonio. *Adorável comunista* : história política, charme e confidências da Fernando Sant´Anna. Rio de janeiro: Versal Editores, 2002.

______. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2004.

ROCHA, Carlos Eduardo da. *Homenagem a Carlos Chiacchio*. Salvador: IGHB, 1997.

SACHETTA, Wladimir. *A imagem e o gesto*: fotobiografia de Carlos Marighella. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

SAMPAIO, Consuelo Novais. A Bahia e a segunda guerra mundial. *Revista da Academia de Letras da Bahia,* Salvador, v. 40, p. 135-156, 1996.

______. *Poder e Representação*: o legislativo da Bahia na segunda república, 1930-1937. Salvador: Assembléia Legislativa da Bahia, 1992.

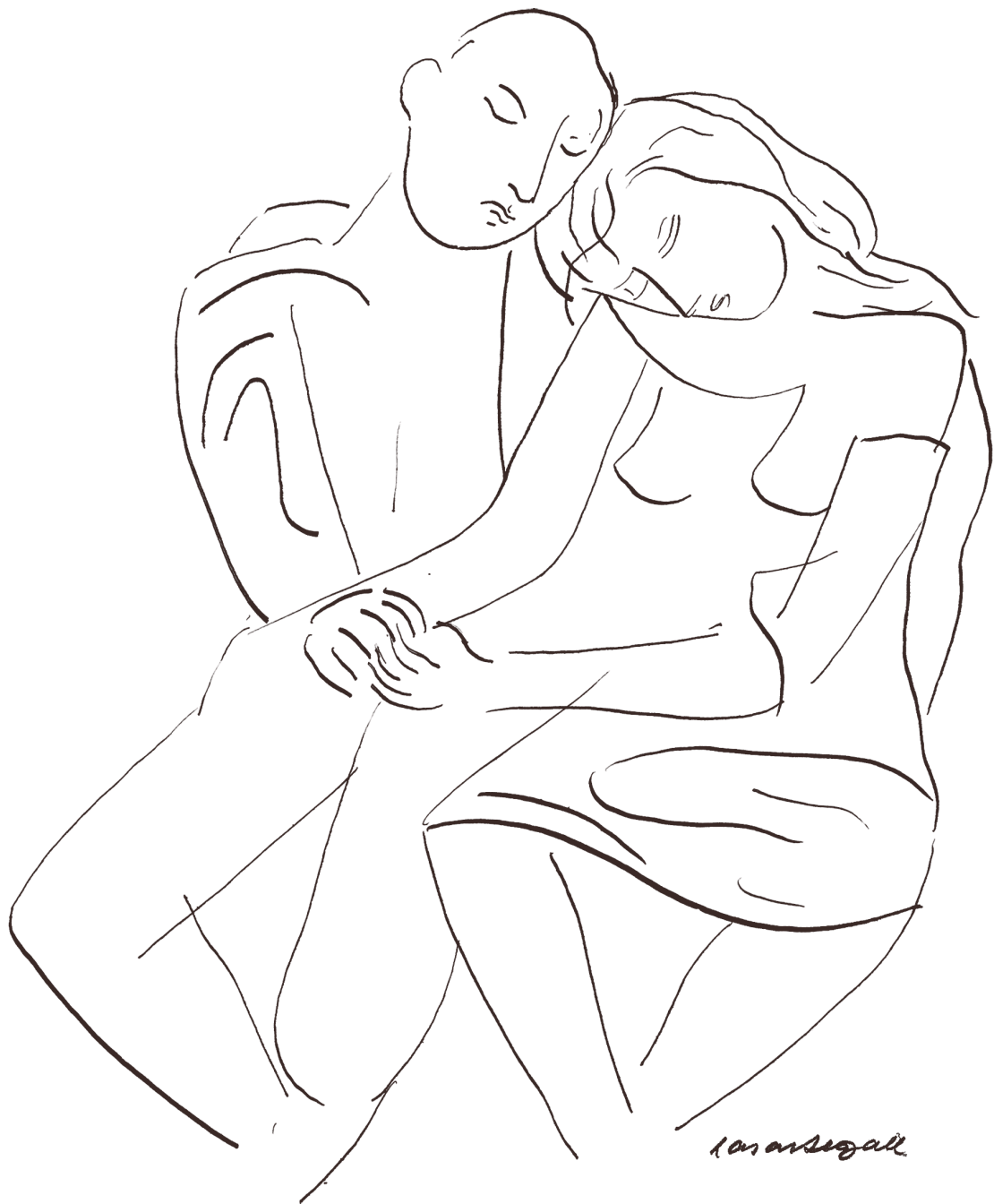
SANTOS, Jadson Luiz dos. *Cachoeira* : III séculos de história e tradição. Salvador: Contraste, 2001.

SEGATTO, José Antônio. *Reforma e revolução:* as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2005.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 11.ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

TORREY, E. Fuller. *Surviving schizophrenia*. 4. ed. Nova York: Quill, 2001.

VINHAS, Moisés. *O Partidão:* a luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Hucitec, 1982.

Fortuna crítica

O que se escreveu sobre Jacinta Passos

Apesar da pequena tiragem dos livros, a poesia de Jacinta Passos desde cedo chamou a atenção de estudiosos, obtendo boa repercussão, primeiro na Bahia, onde mereceu análises de críticos experientes e reconhecidos como Carlos Chiacchio e Lafaiete Spinola. Desde *Canção da partida,* seus poemas foram elogiados por intelectuais de grandes centros do país, gente de projeção nas Letras cuja opinião realmente influía, entre os quais Aníbal Machado, Antonio Cândido, Mário de Andrade, Paulo Dantas, Roger Bastide e Sérgio Milliet. A poeta chilena Gabriela Mistral, prêmio Nobel de Literatura em 1945, também expressou opinião favorável sobre a poética de Jacinta Passos.

Esse primeiro ciclo de estudos críticos estendeu-se até 1958, ano em que Paulo Dantas escreveu sobre *A Coluna*, editado no ano anterior. A partir daí, durante mais de três décadas desceu o silêncio sobre a obra da poeta, só quebrado, aqui e ali, não por trabalhos críticos, mas pela inserção de trechos de *A Coluna* em alguma publicação de esquerda do país. Tal silêncio pode ser explicado por Jacinta não haver mais publicado livros, por ter passado muitos anos internada em sanatórios, pelo forte conteúdo político (de esquerda) de sua poesia, que desagradava aos órgãos oficiais desde o golpe militar de 1964, e, após o falecimento da autora, em 1973, por sua poesia não haver sido reeditada.

José Paulo Paes rompeu o silêncio de três décadas quando escreveu, com vistas à segunda edição de *Canção da partida* (1990), um longo e minucioso estudo sobre o significado da obra de Jacinta Passos, até agora o mais alentado ensaio crítico sobre ela, mesmo que o leitor possa discordar de alguma interpretação do grande crítico e poeta. A partir de então, sem novas edições, a poesia de Jacinta Passos voltou a cair no esquecimento, deixando de ser lida e, claro, estudada.

Só muito recentemente houve um reavivar de interesse pela sua obra, quando surgiram novos textos sobre a poeta[1]. Ao mesmo tempo, seus poemas voltaram a integrar apresentações de poesia falada e antologias literárias, tanto impressas como em formato de cd e vídeo[2]. A presente edição, a primeira a reunir a obra

---

[1] Textos recentes sobre Jacinta foram reunidos em Santos, Gilfrancisco. *Jacinta Passos:* A Busca da Poesia. Aracaju: Edições GFS, 2007, e estão reproduzidos neste volume. Estes textos foram produzidos com vistas à presente edição, mas, como esta demorou mais tempo do que o inicialmente previsto para ser lançada, Gilfrancisco decidiu publicá-los à parte, conforme explica na introdução do seu livro. Ver também o mais recente estudo sobre Jacinta Passos, referente à sua escrita jornalística: Fuad, Danielle Spinola. *Passagem de Jacinta Passos pelo Jornal "O Imparcial" (1943).* Monografia de Especialização apresentada ao Centro Universitário Jorge Amado, área de Jornalismo Contemporâneo, com foco de interesse na História da imprensa feminina da Bahia. Orientação do Prof. Dr. Luís Guilherme Pontes Tavares. Salvador, 2008.

completa e a fortuna crítica sobre Jacinta Passos, representa um novo momento de divulgação da autora, capaz de inspirar, espera-se, novos ensaios críticos, assim como edições mais populares de sua poesia. O *site* http://jacintapassos.com.br, recentemente inaugurado, oferece a um público amplo informações sobre a trajetória de vida e a poesia da autora, assim como atualizações sobre novos estudos e iniciativas culturais referentes a ela.

Os textos desta Fortuna Crítica, escritos pelos autores ao longo de décadas, à medida que os livros de Jacinta Passos iam sendo publicados, foram pesquisados em jornais, revistas e livros, constituindo o cerne do que se produziu sobre a autora. Ler o conjunto destes textos ajuda-nos a compreender facetas diversas da sua obra, algumas imperceptíveis ao olhar leigo, bem como esclarece aspectos da vida e do tempo de Jacinta, aproximando-nos da autora e nos ajudando a evitar anacronismos. Os críticos aqui reunidos emitem opiniões, algumas polêmicas, outras opostas entre si, sobre as quais vale a pena pensar e posicionar-se.

Este grupo de ensaios está, contudo, sabidamente incompleto, pois existem referências a estudos críticos cujos textos integrais não consegui localizar. É o caso das seguintes críticas, que tiveram pequenos trechos reproduzidos nas orelhas do terceiro livro de Jacinta, *Poemas políticos* (publicado em 1951), todos assinados por intelectuais de renome:

> *Esta síntese entre o sabor das formas folclóricas e o sentimento da miséria dos homens, da solidariedade no sofrimento, a profecia de um mundo mais justo e mais fraternal, eu a encontro realizada com sucesso nos poemas de Jacinta Passos. (Roger Bastide)*
>
> *Tudo é um canto de poesia que vai da poesia mais íntima ao canto longo da libertação, voz da maioria das mulheres conscientes e profundas. (Aníbal Machado)*
>
> *Arrebata, se comunica, gana el alma. Prolongue la "Canción Simples", dijamos a las mujeres. (Gabriela Mistral)*
>
> *Ela tem realidade poética, não me parece haver dúvida. (Mário de Andrade)*
>
> *Jacinta Passos envolve a sua poesia em enxoval de criança, não comprado em Paris ou Nova York, mas enxoval que parece um ninho quente, gostoso, de folclore nosso. (José Geraldo Vieira)*

[2] A participação de Jacinta Passos em antologias e em outras iniciativas está relacionada em "Bibliografia sobre Jacinta Passos", nesta edição.

É possível que existam ainda estudos e ensaios sobre Jacinta Passos que desconheço e, portanto, não estão integrados a este volume. Minha esperança é a de que esta edição contribua para localizar tais textos, se existirem, bem como os textos integrais das críticas cujos excertos foram aqui transcritos.

Esta Fortuna Crítica está apresentada em ordem cronológica. Cada texto identifica e situa seu autor, bem como o local da publicação original. Onde absolutamente necessário, mudei a pontuação de uma ou outra frase ou corrigi citações defeituosas dos poemas de Jacinta, sem anotar isso a cada vez. Os poucos acréscimos que fiz aos textos dos autores, sempre no sentido de esclarecer alguma frase obscura, em geral devido a problemas de impressão, estão entre colchetes. Nos ensaios de Antonio Cândido e de José Paulo Paes, as notas redigidas pelos autores estão assinaladas como "Nota do texto original", para diferenciar daquelas que escrevi.

“Poesias”, de Jassy Passos (Bahia)[1]

Carlos Chiacchio[2]

“Poesias” é um título arbitrário que adotei para revelar o nome de Jacy Passos.[3] Os versos, ademais, não me foram mandados para nenhuma revelação. Eu é que reputaria um crime se não dissesse deles a surpresa agradabilíssima que me causaram. Pois que? Há, entre nós, uma inteligência harmoniosa de artista do verso, como Jacy Passos, e não trazê-la à admiração justa do público, que ainda tenha em apreço espiritual as espontaneidades do talento? Não é possível o silêncio. Perdoem-me os delicados melindres da jovem poetisa. Os versos é que não carecem de pedir perdão. Defendem-se com toda a força da sua indiscutível pureza. Vamos ler, sem mais comentários, o soneto – “Maria”:

Ergue-se a cruz no cimo do Calvário.
Após cumprir sua missão, Jesus,
que por nós nasceu pobre e solitário
por nós, agora, vai morrer na cruz.

Já se fez o divino donatário
de tudo o que era seu. Bênção de luz
que desceu sobre o mundo tumultuário
é doutrina de amor que ao Céu conduz.

---

[1] Publicado na coluna “Homens e Obras”, de autoria de Carlos Chiacchio, jornal *A Tarde*, Salvador, 6 de outubro de 1937. A coluna literária de Carlos Chiacchio, nesse dia, teve o título de “Inéditos”. Além dos poemas de Jacinta Passos, o autor fez também a crítica de “O Místico”, peça de autoria de João Matos, aqui não reproduzida. Agradeço a Gilfrancisco a localização deste texto.

[2] O médico Carlos Chiacchio foi o mais importante crítico literário da Bahia durante a primeira metade do século XX. Sua coluna semanal sobre literatura, “Homens e Obras”, foi publicada em *A Tarde*, o mais lido jornal da capital baiana durante 28 anos, de 1928 a 1946. Em 1936, Chiacchio criou a Ala das Letras e das Artes (ALA), movimento artístico que reuniu intelectuais baianos, entre os quais a jovem Jacinta Passos. Espécie de resposta baiana ao modernismo, a ALA pregava “renovação dentro da tradição”: aceitava algumas inovações modernistas, mas sem romper com os cânones literários anteriores, posição diversa da assumida, por exemplo, pela “Academia dos Rebeldes”, movimento literário baiano que propunha cortes radicais com a tradição artística. Chiacchio manteve também uma página no jornal *O Imparcial*, realizou diversas iniciativas culturais importantes e publicou vários livros.

[3] “Jacy Passos” foi o pseudônimo literário que Jacinta adotou em seus primeiros escritos; “Jacy” (ou Jaci) era seu apelido familiar. No título deste texto, está grafado “Jassy”, que a autora não adotava.

Prisão, torturas, sede, fundas dores
desprezo, ingratidões, açoite, horrores,
tudo sofreu por nós, pobres mortais.

E ainda nos dá, no instante da agonia,
santificado, o vulto de Maria,
que é o bem maior que todos os demais.[4]

Dir-se-á que nem o assunto nem a forma são novas. Quem já não escreveu sobre Maria? Antologias se contam. Quem já não fez sonetos? Só os que ainda não nasceram para poesias. O que há, porém, em Jacy Passos, é a concepção nova do sentido estético da fé – que há uma estética, como há uma ética da fé –, naquela chave, verdadeiramente de ouro, se já não fosse tão mal usada a expressão. Repitamo-la:

E ainda nos dá, no instante da agonia,
santificado, o vulto de Maria,
que é o bem maior que todos os demais.

Nunca ninguém disse com mais simplicidade sobre um dos maiores temas do catolicismo, que é esse "bem maior que todos os demais", legado por Jesus.

* * *

Não se pense, todavia, que a arte de Jacy Passos se valha do sentimento místico para vingar louvores, ou captar simpatias. O seu espírito é sincero. Em outras mostras de mérito, acusa uma sensibilidade notável para os aspectos da natureza, como no poema – "Manhã de sol" – cujo fecho demonstra, apesar da homofonia, a emotividade lírica de Jacy Passos:

E todo esse esplendor se comunica
à alma da gente que vibrando fica,
e com alta emoção, esplêndida e feliz
bendiz
numa alegria incontida
a glória de viver e a beleza da vida.[5]

[4] Este soneto foi republicado em 1942, em *Momentos de poesia*, primeiro livro de Jacinta Passos. No livro, está assinalado o ano em que o poema foi composto: 1934.
[5] "Manhã de Sol" foi publicado na íntegra em 1942, em *Momentos de poesia*. Pelo livro, sabe-se que foi escrito em 1934.

Já agora, não há como não conhecer, na integra, um dos poemas inéditos de Jacy Passos,[6] a nova poetisa baiana:

Meu sonho

O meu sonho
mais risonho,
é suave e pequenino,
resumindo, entretanto, o meu destino.
É de cor azul- escuro
como o mar que longe chora.
É cor de infinito e de ânsia,
cor de céu, cor de mar, cor de distância.
Tem a leve suavidade
da saudade,
e a cantante doçura
de um regato que murmura.
Macio e encantador,
é carícia de pluma e perfume de flor.
O meu sonho
mais risonho
é para mim, cada momento,
o motivo maior de doce encantamento.[7]

Sem nenhuma pretensão a gênio, mas com toda a espontaneidade de alma, Jacy Passos é uma das mais legítimas expressões do nosso lirismo feminino.

[6] A frase saiu truncada no original: "Já agora, não há como conhecer, integra, um dos poemas inéditos de Jassy Passos".

[7] Este poema não foi republicado por Jacinta Passos. Está em Gilfrancisco. *Jacinta Passos:* A Busca da Poesia, p. 56. Neste volume, integra "Poemas Esparsos".

Um livro e dois poetas[1]

Lafaiete Spinola[2]

De dois poetas baianos e publicados na Bahia são os *Nossos Poemas*, da sra. Jacinta Passos e do sr. Manoel Caetano Filho. Irmãos no sangue e na arte, e fazendo imprimir os seus versos num[3] só volume, dão-nos uma primeira impressão de xifópagos espirituais, cujas existências se completam ao mesmo passo que se atrofiam. Nota-se, evidentemente, uma aliança, vamos dizer uma interdependência, no sentir e no pensar dos jovens estreantes. Percebe-se – tudo pode ser uma simples sugestão – que as duas almas, que um mesmo sonho de beleza e de verdade aproximou, trilharam juntas a mesma senda amarga do ideal. Porque, pensem diversamente, embora, os apologistas da alegria, a arte é a mais perturbadora das angústias humanas. Os dois poetas, à semelhança de tantos outros, são testemunhas expressivas dessa ânsia incontida de realização, que é a própria essência da arte. E nesse objetivo é que se lhes denuncia uma comunhão de espírito, que os torna mais irmãos. Contudo, essa primeira impressão vai desaparecendo, imperceptivelmente, a uma análise menos rápida. É que, embora persista em sua formação um traço comum, que os aproxima, esse impulso remoto muito se transforma na concretização da obra de arte, levada a efeito pelos cantores de *Nossos Poemas*.

E, a essa altura, podemos afirmar, paradoxalmente, que são muito diversos os espíritos semelhantes da sra. Jacinta Passos e do sr. Manoel Caetano Filho. Ambos profundamente contagiados pela inquietação contemporânea, mergulhados numa introversão, que denunciam claramente através de um universo fictício que idearam e em que vivem, longe de tudo e de todos acreditam que suas fantasias são realidades e mal percebem que suas visões não transpõem os horizontes de seu mundo interior. Emprestando a tudo uma gravidade que a natureza desmente, os poetas de *Nossos Poemas* criaram, a seu talante, uma estranha vida, a que implantaram as leis de seu capricho e de sua fantasia. Mas, não obstante essa

---

[1] Publicado no jornal *O Imparcial*, coluna "Vida Literária", Salvador, 24 de outubro de 1942, p. 5.

[2] Lafaiete Spinola foi profundo conhecedor de literatura e ativo crítico literário na Bahia, tendo publicado seus textos em *O Imparcial* e em diversos outros periódicos. Publicou livros, como *Harpas e Farpas*. Salvador: Livraria Editora Progresso, 1943 e *Bilhetes à Academia*. Salvador: Livraria Editora Progresso, 1958.

[3] *Num*: no original, "um".

analogia de origem e de princípios, malgrado essa paridade de sentimentos que os identifica, vamos encontrar os predicados mais díspares nos dois poetas, se atentarmos nos quadros fixados e nos efeitos obtidos. Nesse passo, não é possível desconhecer mais sensibilidade, mais senso artístico, maior soma, enfim, de realizações, na poetisa, que soube, ou pôde, atingir melhor a finalidade de um mesmo sonho de arte.

Tentemos uma análise desses jovens sonhadores

Os "Momentos de Poesia", da sra. Jacinta Passos, revelam uma artista, senão de monumentos grandiosos, pelo menos de delicados painéis. Extremamente impressionista e, mais ainda, impressionada, possui, contudo, um defeito raro nas mulheres: pensa. Preocupa-se com os problemas do absoluto, entretém-se com as incógnitas da metafísica, sublima a sua inquietação no culto a uma entidade que reveste as feições de um deus, mas um deus puramente humano, que se diversifica e se transforma a cada momento. O "Senhor" de seus poemas, que se ductiliza ao pensamento plástico da artista, não toma, em parte alguma, os traços religiosos de um criador qualquer, antes é a realização de um símbolo a que se socorre o espírito, agitado pela avidez da verdade e pela neurose da dúvida.

Estou cansada, Senhor.
Minha alma insaciável,
a minha alma faminta de beleza,
ávida de perfeição,
é perseguida pelo teu amor.

Compreende perfeitamente a inutilidade dos sacrifícios humanos e dos puros ideais de redenção, e sabe ver, na lição do Gólgota, *a loucura divina, a loucura da cruz*. Esse desânimo, que é, ao mesmo tempo, um protesto contra as constantes vitórias do Mal, é comum nos artistas, eternos videntes do Bem. Três passagens me ocorrem no momento, que são três súplicas desesperadas diante do inevitável. Tobias Barreto, em face da sânie moral em que se dissolvem os homens, lançou aquela célebre interrogação: *De que foi que Jesus salvar-nos veio?* Antero de Quental, no misticismo de seu ateísmo, resmungava: *... de que serviu o sangue com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário?* E Bilac, sinceramente comovido com a bondade ultrajada do Cavaleiro da Triste Figura, clamava revoltado: *... todo o esforço em prol do Bem é vão! Quem se mete a redentor sacrifica os que quer redimir e sai crucificado...*

Esse é o traço característico da poesia da sra. Jacinta Passos. A dúvida, a revolta, a inquietação, um incurável sonho de altura, tudo com certo desembara-

ço de forma e aceitável equilíbrio de conclusões, fazem-na digna de reparo. Usando e abusando das abstrações e das ideias gerais, evita, às vezes, os *todo o meu desejo* (p. 43), *todos os tempos*, *vozes todas da terra* (p. 45), *todas as durezas, todas as coisas, terra toda, todas as formas* (p. 46), *todas as vibrações, todos os instantes* (p. 47), *todos os ventos*, *todas as misérias, todos os homens* (p. 51), *toda a terra, experiência total, todos os seres* (p. 53), *todas as vibrações, todos os lados* (p. 55), *todos os povos, realidade total, todos os seres* (p. 56), *todas as dores* (p. 61), *todas as realidades* (p. 63), *todas as limitações* (p. 67), *posse total* (p. 69), *todos os frutos* (p. 74), *ser humano total* (p. 79), *todas as raças, todas as cores, todos os povos, todas as classes* (pag.86), *todas as criaturas* (pag. 89), *todas as terras, todos os mares* (p. 95), *todas as cores* (p. 96), *todos os seres* (p. 97). Essa obsessão por certas palavras culminou em dois poetas patrícios: Ronald de Carvalho, em seus *Sonetos e Poemas*, com o vocábulo "vão" (mais de duzentas vezes), e o sr. Alphonsus Guimarães Filho, no *Lume de Estrelas*, com a palavra "vento" (mais de quinhentas vezes). A sra. Jacinta Passos pode concorrer ao campeonato com o seu "todo", mas deve temer o sr. Heitor Alves (*Vida em Movimento*) e a sra. Adalgisa Néri (*A Mulher Ausente*), grandes consumidores daquele termo, verdadeiros corifeus do "todismo" no Brasil. Outro reparo que é possível fazer no livro da sra. Jacinta Passos se reporta à imprecisão de linguagem. Por esse caminho, iríamos até à incorreção gramatical, hoje, aliás, permitida até nos professores de línguas e educadores, muitos dos quais deveriam começar onde acabaram: numa academia de letras... Na "Mensagem aos homens", por exemplo, a poetisa escreve: *Eu "te" esperei...*, quando é certo que não se referia a um homem só. Também na bela e comovedora "Canção simples" rima o substantivo "rio" com o verbo "caiu", o que representa uma ligeira confusão de hiato com ditongo, só censurável porque prejudicou a beleza dos versos. Mas essas nugas já vão ficando antipáticas... Paremos aqui. Mesmo porque todas elas juntas não desmerecem os méritos da jovem poetisa, que já realizou muito, e que mais realizará se a sua inspiração tomar o rumo dos motivos simples e humanos de "Compreensão", "Canção Simples" e "Cantiga das Mães", fugindo ao ultranefelibatismo da poesia contemporânea, que será um divertimento para as consciências claras dos homens de amanhã.

Vejamos agora o poeta. "Mundo em Agonia", do sr. Manoel Caetano Filho, denuncia desde logo um torturado. E ele é, precisamente, isso. Os seus poemas revelam a preocupação dos complexos problemas sociais, da sorte dos homens e do destino da humanidade. A sua "Inquietude" não está em si, está nos homens injustos e no mundo hostil ou indiferente:

Como seguir o meu caminho
se vejo corpos famintos caindo no chão,
se vejo olhares cheios de aflição e desespero?

Ninguém melhor do que Oliveira Martins fez a análise desse estado de alma, quando traçou o perfil de Antero de Quental, a quem o mundo nunca foi adverso, mas que talvez escrevesse os mais angustiosos poemas da língua portuguesa*:* *... tudo, tudo, quanto no mundo pode haver de doloroso, desde a miséria até a prostituição... tudo isso é menos do que a agonia de um poeta vendo passar, diante de si, em turbilhão medonho, as lúgubres misérias do mundo*. E Antônio Nobre, este a sentiu em si mesmo:

Toda a dor pode suportar-se, toda!
...
Mas uma não: é a dor do pensamento!

Felizes, portanto, os que não pensam. E mais felizes ainda os que pensam que pensam, e escrevem, e produzem, e proliferam, e entram até nas academias de letras, onde o pensamento é manga de colete, para usar uma expressão que me ensinou o meu amigo Gilberto Guimarães. O poeta do "Mundo em Agonia", porém, prefere meditar na trajetória dos turbilhões humanos, e sofrer por eles:

Eu olho a vida com tristeza.
Eu ouço o coro de vozes angustiadas
vindas de todos os recantos da Terra.

Sabendo ver e compreender as angústias humanas, o sr. Manoel Caetano Filho é um temperamento reflexivo, e os seus desalentos e revoltas são mais pensados que sentidos, sendo a sua tendência mais para as generalizações filosóficas do que para as realizações artísticas. Vê-se nele, mais do que um poeta, um curioso da sociologia, vamos dizer a gêmula de um sociólogo. E não será como poeta, salvo melhor juízo ou a lógica irrefutável dos fatos, que poderá alcançar as vitórias que a sua inteligência prenuncia. Falta-lhe, para isso, o apuro do sentimento artístico, não obstante o seu poema "A Arte", e a poesia há de ser sempre arte, malgrado as doutrinas, no campo literário, deste século de transição. O ritmo dos versos do sr. Manoel Caetano Filho é um tanto áspero e, sobretudo, instável, não daquela instabilidade que os parnasianos denominavam "insegurança", se se obtinha pela mobilidade das cesuras, para fugir à monotonia. No caso do sr. Manoel Caetano Filho o que se observa é que o verso lhe não é dúctil, é que o seu sentimento não se submete àquele círculo vicioso da arte poética: a emoção cria o ritmo, o ritmo produz a beleza, a beleza desperta a emoção... De tudo se conclui que não há poesia, poesia pura, aquela que é mais sensibilidade que pensamento, mais emoção que raciocínio, nos versos do novel poeta. As exceções nesse particular, como Leopardi, Sully, Prudhomme e Goethe,

ainda que em miniatura, por isso mesmo que exceções, não representam regras. Também o poeta possui todos os defeitos de sua irmã e companheira, sem possuir, contudo, muitas de suas virtudes. Assim é o abuso da palavra "todo". Apenas alguns exemplos: *todas as caras* (p. 109), *todas as cousas* (p. 111), *todas as almas*, *todas as dores* (p. 115), *todos os povos, todas as crenças, todas as raças, todos os homens* (p. 119), e sempre assim. Uma das imprecisões típicas do livro:

Os homens começaram a andar de um lado para outro
na rua deserta.

Imagine-se uma rua deserta com homens andando de um lado para outro...

Reconheço, entretanto, que são nonadas tudo isso, e não vacilo em augurar ao jovem poeta um belo futuro, em diversa atividade intelectual. E para justificar a sua presença diante de sua companheira de livro e afastar a conclusão de uma suposta inferioridade de nível mental, bastam as palavras de Eduardo Frieiro, em sua *Ilusão Literária*:

Quem nos diz que, num futuro próximo, não será deixada exclusivamente ás mulheres toda atividade literária? Aos homens incumbiriam tarefas mais sérias, mais árduas, mais construtivas. Compor versos parecerá então ocupação tão ridícula e tão pouco varonil como nos parece hoje o bordar almofadas ou fazer crochê.

Diante disso, que dizer dos poetas que preparam, carinhosamente, suas mensagens para o futuro? Só há um recurso: reconhecer a razão do dr. Isaías Alves quando, num de seus livros, aconselha aos poetas que troquem a lira pela enxada, e, às musas, prefiram as hortas...

Nossos Poemas[1]

Castro Alves e a “poesia morreu” do sr. Augusto Frederico Schmidt – são temas a que não se pode fugir falando sobre poesia. Porque Castro Alves está sempre presente e o sr. Schmidt de certa forma tem razão. Depois do poeta dos escravos, a verdade é que temos tido apenas alguns bons poemas, mas nenhum grande poeta. Esses poemas têm surgido ocasionalmente da pena de um ou outro poeta, como aves perdidas do bando: “Hurucungo”, de Bopp, “Acalanto de Seringueiro”, de Mario de Andrade, “Noite de maio” e “Mineiros asturianos”, de Aydano do Couto Ferraz, “Aurora”, de Carlos Drummond, além de alguns mais do sr. Camargo Guarnieri.

Sem nenhuma dúvida, liricamente falando, a maior organização poética destes tempos no Brasil é o sr. A. F. Schmidt. Mas não passa de uma organização poética. Esse homem vive muito no mundo dos câmbios para se preocupar com os homens ou mesmo pensar que eles existem. O sr. Schmidt criou uma escola, fez urna verdadeira praga de discípulos que pululam por todos os Estados, como sócios correspondentes de uma imensa cadeia da felicidade. Esses poetas estaduais ficaram muito tristes quando o chefe da escola disse um dia, para meter-lhes susto, que a poesia tinha morrido. Não perceberam que aquilo era uma senha e queria dizer apenas: Os negócios vão mal. O câmbio está baixo. Depois, as taxas melhoraram e o sr. Schmidt ressurgiu como um dos piores poetas de sua própria escola. Para ele a poesia tinha morrido mesmo.

Mas o sr. Schmidt só olhou a poesia, quando, se tivesse procurado abranger um maior espaço com suas lunetas, teria percebido que toda a literatura brasileira estava morta ou quase expirando. Pelo menos inteiramente estagnada desde há vários anos. Estagnou à proporção que os que haviam começado o movimento revolucionário (literariamente falando) de 1930 foram se engajando na vida. É o fenômeno Knut Hansum.

---

[1] Publicado na revista literária *A Seiva*, Salvador, outubro de 1942, p. 45. Texto anônimo. Revista cultural de esquerda, *A Seiva* foi fundada por João Falcão, membro e depois dirigente do PCB, em 1938, perdurando, em sua primeira fase, até 1943. Conheceu uma segunda fase, a partir de 1950, quando foram publicados cinco números. Foi meio importante de aglutinação de intelectuais de esquerda e de divulgação de suas ideias. Jacinta Passos colaborou com a revista, havendo mais informações sobre o assunto na biografia da autora, neste volume. Cf. Falcão, João. *A história da revista Seiva.*

No entanto, ainda há grandes esperanças. É possível que um dia outro movimento renovador – que vá ao fim e não pare em meio do caminho – apareça no Brasil. E é provável que esse movimento já se esboce. Há muitos sinais promissores.

Nossos Poemas, de Jacinta Passos e Manuel Caetano Filho, é um livro de jovens que não se filiam ao sr. Schmidt ou a qualquer outro dos nossos poetas estagnados. São criaturas deste mundo que veem coisas terrenas (embora se note que a poetisa ainda está um tanto perdida pelos céus e só mais recentemente vai se aproximando da terra, vendo que a terra é habitada, que existem motivos para poesia aqui embaixo mesmo: homens, mulheres e crianças, e que esses homens, mulheres e crianças lutam e morrem e sofrem muitíssimo antes de morrer).

A grande qualidade do sr. Manue1 Caetano Filho é ter percebido tudo isto antes mesmo de ter tido tempo de dar forma à sua poesia. Mas é um poeta que está inteiramente integrado na Humanidade, sente os seus sentimentos e percebe claramente tudo quanto ela necessita. Trazem esses poetas alguma coisa de novo. Eles compreendem, como o Goeldi, que os aviões jogam mesmo bombas sobre as nossas cidades, e não flores.

Há enormes diferenças essenciais na poesia dos dois poetas. Mas o que nos interessa é que têm ambos esse traço comum: uma sinceridade sem limites que os leva a expressar tudo quanto sentem e pensam.

Não importa, assim, que o sr. Manuel Caetano Filho seja mais cerebral do que sentimental – o que talvez seja uma qualidade da sua poesia; como não importa igualmente que a sra. Jacinta Passos ainda não tenha encontrado claramente o seu caminho. Mas não tardará a encontrá-lo.

As qualidades de sua poesia são excelentes, nada ficando a dever, em expressão poética propriamente dita, a qualquer dos poetas que fizeram os grandes poemas a que nos referimos.

Nossos poemas é uma contribuição ao pensamento honesto do Brasil.

Felizmente que a grande causa que hoje envolve toda a humanidade já começa a ser uma causa das novas gerações intelectuais do nosso país. *Nossos poemas* assim o indica.

O poeta e a poetisa[1]

Antonio Cândido[2]

Comentando há três anos o livro de estreia do sr. João Cabral de Melo Neto, *Pedra do sono*, julguei discernir no jovem autor um dos poetas mais promissores da sua geração. *O engenheiro*, seu segundo livro, recentemente publicado, não deixa mais dúvidas a respeito.

Pedra do sono parecia um livro de experiência. Comparado com a maturidade e a firmeza de *O engenheiro*, nos dá a impressão de tentativa e de pesquisa técnica, representando na obra do sr. João Cabral a fase preparatória de polimento e ajuste dos instrumentos. Recuando para o segundo plano que lhe compete agora, a sua geometria se movimentou e deu origem à física poética de *O engenheiro*, cujas leis determinadas com sabedoria se corporificam em fenômenos de movimento, animando uma atmosfera mais densa e mais viva, em que as linhas e os pontos em rotação deram origem a entidades seivosas e ricas. Depois das experiências do primeiro livro o poeta já sabe dispor, na dinâmica da inspiração, as

20 palavras sempre as mesmas
De que conhece o funcionamento
A evaporação, a densidade menor que o ar.

Libertando-se da experimentação preliminar, o sr. João Cabral pôde realizar em *O engenheiro* uma aventura lírica muito mais significativa e, dirigindo-se livremente aos valores da inspiração, dar-lhe um conteúdo emocional mais rico que o de *Pedra do sono*.

---

[1] Publicado originalmente no jornal *Diário de São Paulo*, 13 de dezembro de 1945. Agradeço a Angela Baptista a indicação deste texto. E agradeço ao prof. Antonio Cândido e à sua filha, Laura de Mello e Souza, a remessa do texto (no exemplar original do jornal!).

[2] Antonio Candido de Mello e Souza é um dos mais respeitados estudiosos e críticos de literatura do país. Carioca criado em Minas Gerais, desenvolveu carreira em São Paulo, onde se radicou em 1936 e onde, durante décadas, foi professor da Universidade de São Paulo (USP). Publicou, entre outros, *Formação da sociedade brasileira* (1959) e *Literatura e sociedade* (1965). A partir de 1940, publicou regularmente ensaios e críticas sobre literatura e cultura nos principais jornais e revistas do país. Recentemente, sua importante produção dispersa começou a ser reunida e publicada em livro, acompanhada de apresentações e estudos críticos, como em CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção.* Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Editora Duas Cidades/Editora 34, 158 (Coleção Espírito Crítico), 2002, p. 153-158.

O nome não é mal posto. O poeta parece se interessar sobretudo pelo mundo da arte, construído graças à ordenação criadora do artista sobre o material das emoções e das sensações. Por isso, cria uma natureza ao lado da natureza – a natureza da criação estética, se opondo à da criação natural e lhe fazendo concorrência. Temos, portanto, no livro, dois mundos: o mundo natural e o mundo poético. Exercendo a engenharia poética sobre um mundo de formas e valores diversos dos naturais, nem por isso o sr. João Cabral procura anular a este, como adiante veremos. Falando por enquanto do universo forjado, assinalemos que ele se define por uma série de metáforas de instrumentos. É, portanto, intencionalmente, o universo da criação artística, artificial, em que as musas, as árvores, os rios, os pássaros, os lagos são, frequentemente, substituídos por imagens como papel, lápis, bailarina, tinteiro, borracha, tinta. Nesse mundo de vontade e inspiração, nasce a obra de arte, diferente da obra natural. Maravilhado, o poeta, que o suscitou, duvida da sua validade:

Como um ser vivo
Que é um verso
Um organismo
Com sangue e sopro
Pode brotar
De germes mortos?

O verso é fruto de uma técnica, por meio da qual, conscientemente, invoca os mistérios adormecidos:

A tinta e lápis
Escrevem-se todos
Os versos do mundo.
Que monstros existem
Nadando no poço
Negro e fecundo?

Não lhe parece que da sua vontade, dos seus recursos, seja possível brotar uma natureza tão válida quando a natureza natural, que, essa, existe por obra e graça de uma força mágica e extra-humana:

Os homens podem
Sonhar seus jardins
De matéria fantasma

A terra não sonha
Floresce na matéria
Doce aos olhos.

O engenheiro-poeta percebe o seu artifício de animal-que-sonha e fica meio preso entre a realidade incriada em que a terra floresce e o impulso interior de criar, ordenar a revelação dos sentidos. Haverá razão para isso? Qual o valor dessa concorrência à natureza? Um dos temas principais do livro é o problema da criação poética, cujos símbolos o sr. João Cabral procura renovar, conforme vimos. Haverá um certo alexandrinismo nessa substituição de metáforas – lápis e caneta em vez de lira; engenharia em vez de inspiração etc. Não se pode negar, todavia, que sejam sugestivas e adequadas a um poeta que se coloca entre a inspiração e a fatura do verso com uma ansiedade que revela a sua consciência artística.

O mundo criado pelo sr. João Cabral tem aparições, habitantes, monstros, cenas que o tornam autônomo e rival do mundo cotidiano. Stefan George criou um mundo subterrâneo em que imperava Heliogábalo e onde os valores se transmutavam para simbolizar a sua concepção da vida. Lendo *O Engenheiro*, sentimos certos apelos de uma outra vida, em que os tinteiros são reservatórios de monstros, as pessoas se calcificam em monumentos e as bailarinas pertencem a uma fauna original. Não obstante (e nisto reside um dos encantos do livro), o sr. João Cabral se esforça por dotar a natureza do seu livro com a espontaneidade e a beleza sem artifícios que o impressionaram na natureza natural (*A terra não sonha...*). Daí a sua busca de simplicidade essencial, como o bom engenheiro, que faz beleza com um máximo de poupança:

A luz, o sol, o ar-livre
Envolvem o sonho do engenheiro
O engenheiro sonha coisas claras:
Superfícies, tênis, um copo d´água;

ou:

O jornal dobrado
Sobre a mesa simples
A toalha limpa
A louça branca
E fresca como o pão (...)
E o verso nascido

De tua manhã viva
De teu sonho extinto
Ainda leve, quente,
E fresco como o pão[3]

Estas citações de um despojamento tão acolhedor, embora extremamente elaborado, mostram o encanto do sr. João Cabral pelo mundo tangível. A outra metade do livro, como indiquei acima, é pois uma aceitação da natureza, posta no mesmo plano que o mundo da arte. O resultado consiste numa síntese em que o poeta, depois de ter criado um mundo à parte, volta ao mundo natural e o interpreta novamente. E não ficamos sabendo quais as leis que predominam, tanta é a fusão de ambos. Ora a natureza nos parece interpretada segundo as leis da engenharia poética, ora o mundo forjado por esta parece regido pelas leis da natureza.

Graças a esta posição humana e compreensiva, o sr. João Cabral dá dignidade à poesia intelectualista, frequentemente construída sobre as ruínas do mundo exterior e provida de um orgulho insuportável hoje em dia. Em *O Engenheiro*, e apesar do nome, não encontramos mais o preconceito, corrente até pouco, de que a liberdade e a autonomia do artista consistem em substituir a natureza pela mecânica. O sr. João Cabral despreza a invocação às máquinas, às turbinas, compreendendo que essa maneira de afirmar o domínio sobre a natureza pertence ao técnico, e não ao poeta, que tem outros recursos: para ele as criações da técnica são também natureza, opondo-se igualmente ao mundo da ordenação artística. Desprezando sabiamente esta poesia de mecano[4] – idolatrada pelo futurismo e pelo modernismo *tout court* –, o sr. João Cabral animou os tinteiros, as borrachas e os lápis com um sopro panteísta, em vez me mecanizar as árvores e drenar os ventos. Daí a vibração do seu verso, a riqueza das suas paisagens de sonho e das suas visões da natureza. A jovem poesia brasileira nada produziu de melhor que "Estações", poemas em que a estilização funde os dados da sensibilidade em símbolos e imagens de uma beleza extraordinária.

* * *

Bem diferente é *Canção da partida*, da sra. Jacinta Passos.[5] A jovem poetisa baiana passa de uma concepção totalmente diversa da de seu colega pernambucano. Os ritmos populares, a melodia elementar e o canto de esperança formam a matéria de seu livro. Em vez de criar um mundo à margem do nosso, a sra. Jacinta Passos mergulha de alma e corpo nos ritmos e nas realidades que a vida oferece.

[3] Neto, João Cabral de Melo. *O Engenheiro*. Rio: Amigos da Poesia, 1945. (Nota do texto original).
[4] No original: "mécano".
[5] Passos, Jacinta. *Canção da partida*. S.Paulo: Edições Gaveta, 1945. (Nota do texto original)

Do ponto de vista plástico o mundo lhe basta tal qual é; a sua sensibilidade esposa ardentemente as formas da vida e encontra nelas um deleite sem maiores exigências.[6] O seu desejo de transformação é menos estético do que social, por isso em vez de se deter no estudo das formas como o sr. João Cabral, procura sempre o conteúdo humano das experiências. Canta recordações, lembra cenas e fatos, dá expansão aos sentimentos, se exalta nas profecias e no desejo de transformar a vida:

Levantai-vos, párias de todo o mundo!
Não vedes? Ela vem vindo, a Estrela do Oriente,
alta, bela, imponente, os pés plantados no chão,
traz o fogo no olhar e uma foice na mão.

Este tom solene e meio profético me faz lembrar as poesias da primeira fase da sra. Jacinta Passos, de que ela guardou a austeridade formal e a elevação de tom. Prefiro-a, todavia, nos poemas de metro curto, onde revela uma imaginação mais fresca e um encantamento rítmico cheio de seiva folclórica.

Urupemba
urupemba
mandioca aipim!
peneirar
peneirou
que restou no fim?

Peneira massa peneira,
peneira peneiradinha,
(Ai! vida tão peneirada)
peneira nossa farinha.

Para a sra. Jacinta Passos o mundo do exterior e a vida existem com uma soberania à qual não há fugir. Daí o seu apego às recordações, ao som das palavras, aos ritmos de movimento, à associação das imagens visuais e auditivas. Não se pense, todavia, que a sua poesia seja barulhenta e colorida. Há nela zonas de silêncio e de ternura, a fazerem contraponto com a relativa exuberância da maioria dos poemas. Todavia, o tom normal dos versos é a exaltação e o movimento – imagens que se sucedem em borbotão, visões ampliadas da realidade. Mesmo nos poemas de amor há entusiasmo e ruído:

---

[6] No original: "sem maiores existências."

Somos amantes
queremos amar!

Hurra!

Se o adjetivo não fosse tão vulgar, eu diria que *Canção da partida* nos revela uma poesia dinâmica. Os seus versos estão sempre se deslocando em planos diversos; vertigem de ritmos, desejo de mudança social, projeção no futuro, volta ao passado. Lendo-os, sentimo-nos envolvidos por uma atmosfera viva e opulenta, criada pela sensibilidade de uma poetisa cujos pés se fincam resolutamente na realidade experimentada. Este senso de apego às coisas e às pessoas talvez seja responsável pelos defeitos do livro, ou seja, uma certa vulgaridade discursiva, um sentimentalismo por vezes fácil demais e, não raro, uma demagogia que a autora não sabe evitar. Mas, por outro lado, é também a ele que devemos a sugestão dos bons poemas, que formam a grande maioria do livro. Poemas como o admirável "Canção da partida", que abre o livro, ou "Canção simples", que o encerra. Penso que a sra. Jacinta Passos se firmou com este livro numa posição de primeira plana na moderna poesia brasileira.

Fevereiro 28[1]

Sérgio Milliet[2]

Jacinta Passos estreia com um belo livro de poemas.[3] *Canção da partida* se caracteriza por uma sensibilidade que, por ser bem feminina, nada tem de piegas. Há em seus versos um tom grave, um certo recato arisco, uma ternura calma e penetrante a um tempo, que me agradam de verdade. Essa voz de acalanto não desdenha os ritmos populares dos quais, como artista, sabe tirar efeitos felizes. A riqueza por assim dizer melódica de nosso folclore está longe de ter sido esgotada. Mas é no Norte, sobretudo, que os poetas a tem sabido explorar. Um Ascenso Ferreira, em Pernambuco, alcança acentos épicos por vezes. Uma Jacinta Passos, na Bahia, atinge uma expressão de comovedora ternura. Alma aberta para o mundo, Jacinta Passos não quer confinar-se ao lirismo simples de seus melhores versos. Tenta penetrar sentimentos mais complexos, e com seu entusiasmo e sua honestidade moral embrenha-se pelas selvas traiçoeiras da poesia social. É certo que consegue vencer o maior dos obstáculos: a demagogia, mas não é menos evidente que ainda não se acha bastante amadurecida para arrancar de tão ingrato tema notas percucientes. Com grande dificuldade evita, então, o convencional. A seu favor sobra, contudo, o ritmo largo encontrado para os versos, como ainda fica a seu crédito a discrição das imagens. Muitas vezes, porém, ambas as coisas se unem e temos os melhores poemas. Ao *leitmotiv* folclórico agrega-se o pensamento social. Ao lirismo individual se acrescenta a consciência de uma participação mais ampla:

[1] Publicado em *Diário Crítico de Sérgio Milliet* – Volume IV - 1946. 2. ed. S.Paulo: Livraria Martins Editora / Editora da Universidade de São Paulo, 1981. O título deste artigo, portanto, é o da data (28 de fevereiro de 1946) em que Sérgio Milliet o inseriu em seu diário. Não se localizou a publicação do texto em outro veículo.

[2] O paulista Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1996) foi poeta, escritor, jornalista, tradutor e crítico literário de méritos reconhecidos e muita influência sobre nossa cultura. Participou na Semana de Arte Moderna, criou revistas culturais e dirigiu, entre outras, a Biblioteca Municipal de São Paulo, a Associação Brasileira de Escritores e a Associação Brasileira de Críticos de Arte. Publicou livros, como *Poemas* (1937), *Alguns poemas* (1957), *Cartas à dançarina* (1959), *De ontem, de hoje e de sempre* (2 vls.,1960 e 1962) e *Diário crítico* (vários volumes).

[3] Jacinta Passos em verdade estreou com o livro *Nossos poemas*, de 1942, em coautoria com o irmão, Manoel Caetano Filho. A parte deste livro que contém os poemas de Jacinta intitula-se "Momentos de Poesia", constando da presente edição.

Menina, minha menina,
carocinho de araçá.
cante
estude
reze
case
faça esporte e até discurso
faça tudo o que quiser
menina!
não esqueça que é mulher.

Minha terra tem gaiola
onde canta o sabiá

Jacinta Passos nunca se esquece de que é mulher. Mas a poetisa tem gaiola em sua terra e sente forrar-se subterraneamente um mundo melhor.

O país para onde vamos,
Vitalina!
fica aqui, fica na China,
fica nas bandas do sul,
fica lá no Polo Norte,
principia onde termina,
muito além daquele monte,
lá na linha do horizonte,
onde a terra encontra o céu.

O verso de sete sílabas, não raro rimado, reintegra na música popular a poesia que certas decomposições mais sabidas do ritmo haviam antes requintado. De costume a autora parte do popular e do coletivo para o lírico pessoal. Chega mesmo a abusar do método, o que parecer irritante a muitos, mas a mim não incomoda.

Eu fui por um caminho.
Eu também.
Encontrei um passarinho.
Eu também.
Passarinho! Queres um ninho?
Eu também.

Passarinho virou um homem.
Ai! meu bem.

Agora és tu.
Agora eu sou,
amar é doce,
meu corpo eu dou.

Agora muda o sol.
Eu também.
Agora muda a terra.
Eu também.

Logo adiante, no segundo poema de amor, a solução é repetida. E satisfaz:

Entrou por uma porta,
saiu pela outra.
....
Não queiras nunca ser dono,
negro!
Ah! negro, do meu amor!

Menos feliz porque já demasiado usado no início do modernismo, na época gloriosa de *Pauliceia Desvairada*, do *Poema giratório* e outros, é a solução das associações de ideias:

Estamos morrendo!
Ninguém arranja um remédio
nem mesmo alegórico?
Elixir paregórico!
Vacina!
Mandem comprar penicilina,
ligeiro.

De quando em quando o popular cai francamente na embolada. Então, embora o ritmo agrade, nem sempre se tem a convicção de sua necessidade no poema.

Olhe o rombo
olhe o rombo

olhe o rombo arrombou!
Olhe o cisco
olhe o risco
Urupemba furou.

A autora parece tomada pelo encanto (no sentido mágico) das palavras, dos sons onomatopaicos. Com volúpia se entrega ao feitiço e acaba caindo no hermetismo. Sua poesia, por isso, age no sentido comunicativo antes por contágio, sugestão ritual, que por expressão essencial. Esta é ainda primária e quase nunca se percebe através de uma síntese aguda (imagem), mas se revela em estados de transe provocados por movimentos vindos de outros epicentros. Isto é, a poesia da autora nasce o mais das vezes na periferia de sua sensibilidade e se propaga em direção do centro. Assim ela é antes uma repercussão de emoções alheias, percebidas por meio de leituras e de intuições, que uma exigência imperiosa, urgente, frenética da própria personalidade.

Ainda padece Jacinta Passos de uma certa carência de malícia na técnica do verso. Precisa sem dúvida alguma superar a sua inocência um pouco primitivista, e portanto saborosa, mas algo primária e monótona. Há simplicidade e simplicidade. Simplicidade inocência e simplicidade decantação. A esta é que se deve chegar.

A Coluna[1]

Paulo Dantas[2]

A legenda heroica da Coluna Prestes serviu como roteiro e motivo principal para o poema em quinze cantos de Jacinta Passos, poetisa baiana de muita autenticidade e talento. Autora já de três livros de poesia (*Momentos de poesia*, 1942; *Canção da partida*, 1945 e *Poemas políticos*, 1951), Jacinta Passos não é nome desconhecido na moderna poesia nacional. Na feição do poema participante, do poema de luta e de reivindicação social, fez sucesso, destacando-se como uma das vozes mais claras e gritantes da nossa poética militante.

A sua volta em livro reveste-se, pois, de significação neste momento em que a moderna poesia brasileira debate-se à procura de caminhos novos e de saídas populares. O que mais impressiona neste poema de Jacinta Passos é a enorme percepção folclórica de conteúdo heroico-popular que soube imprimir no ritmo dos seus quinze cantos.

Poema que participa das formas do abc e do canto épico, das expressões colhidas no seio do povo, *A Coluna* de Jacinta Passos, apesar de certas desarticulações líricas ou de pequenos vácuos mentais, é peça literária digna da nossa atenção. Realizou-a uma sincera vocação poética, toda ela impregnada das exatas acentuações da heroicidade popular nativa.

Livro que atesta o poder da "brava gente" brasileira, cantada e enaltecida num dos seus mais positivos movimentos de arrancada social, de redescoberta do Brasil e dos caminhos de sua miséria, *A Coluna* de Jacinta Passos, além de

---

[1] Publicado em *Revista Brasiliense*, nº 15, jan./fev. 1958, p. 199-201. Fundada em 1955, em São Paulo, pela Editora Brasiliense, como uma revista de esquerda independente, por um grupo de intelectuais e militantes comunistas – entre os quais, Caio Prado Júnior (proprietário da Editora Brasiliense, que publicava a revista), Elias Chaves Neto (seu primeiro diretor), David Rosemberg e Salomão Schattan —, a Revista Brasiliense foi um veículo importante para o debate no meio da esquerda, num período em que, por diversas razões, os espaços para esse debate haviam se reduzido muito. Agradeço a Gilfrancisco a localização deste texto.

[2] O autor assina apenas "P.D.", porém a autoria de outras críticas na mesma revista permite identificá-lo como Paulo Dantas (Neto), que, à época, integrava o conselho de redação da *Revista Brasiliense*. O jornalista, escritor e crítico Paulo Dantas (1922- 2007), nascido em Sergipe e morador em Salvador, Rio e Brasília, foi um intelectual de esquerda, durante anos membro do PCB. Publicou mais de trinta títulos, entre romances, ensaios, biografias e antologias, sendo os mais populares *Cidade Enferma* (1950) e *Capitão Jagunço* (1959). Foi especialista em figuras históricas como Delmiro Gouveia e Antonio Conselheiro – tornou-se um dos maiores estudiosos da Guerra de Canudos –, e em escritores como Monteiro Lobato, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha.

grito de amor é peça histórica que agora se incorpora ao nosso cancioneiro, colocando-se ao lado de outros poemas no gênero, cuja tradição vem desde "O navio negreiro" de Castro Alves ou dos cânticos guerreiros de Gonçalves Dias.

A poetisa não esconde o ardor do seu entusiasmo pelo feito heroi-co do *Capitão Prestes, comandante sem par*, epigrafando assim o seu poema:

Coluna, tu és a herança
que os pais transmitem aos filhos
como abc de criança.

E num baianismo típico, à Castro Alves, rompe as nuvens de fogo do seu poema, exaltando e cantando:

Ó céus e terras, tremeí
que a Coluna já partiu
Neste ano de Vinte e Quatro
todo o Brasil sacudiu
será Coluna de fogo[3]
que o viajante já viu
Coluna de vento e areia
dos desertos desafio?
Ó céus e terras, tremei
que a Coluna já partiu

Neste ritmo, jamais superado porque participa do fôlego popular da nossa gente, inicia a poetisa a marcha heroica da Coluna cantada, a qual se desdobra em várias peças líricas, que poderão ser lidas inde-pendentemente da organicidade geral do poema, já que subdividido em vários episódios A *Coluna* procura ser sinfonia e participação, história e quadro, visando e atingindo o mural nordestino.

Como na guerra de Canudos, a Coluna Prestes também possui isto de grande e de fundamental: a presença dos humildes nas páginas da História nacional, já que nela lutaram bravos filhos do povo, verdadeiros heróis de espantar.

Canudos foi o protesto da plebe rural contra a incompreensão do litoral, da civilízação que o ignorava, protesto explosivo e meio in-consciente. Já a Coluna Prestes, episódio mais lúcido e orientado em busca de uma saída, foi a marcha da redescoberta do "Brasil brasileiro", do "sertão sertanejo." Embora o oficialismo dos compêndios históricos, com medo e no pavor que as convenções criam, não

[3] Para uma análise literária do significado desta expressão, cf. adiante, nesta Fortuna Crítica, o texto "Coluna de Fogo", de Ildásio Tavares, escrito para a atual edição.

proclamem nem exaltem episódios tais, dando-lhes o merecido e exato valor, eles se impõem na imaginação popular, que exige o seu reconhecimento, Os heróis anônimos de Canudos e da Coluna Prestes fazem parte *daqueles que se tombaram, foi no chão da História.*

Daí o nosso regozijo quando aparecem vozes do porte de uma Jacinta Passos para restaurar feitos de tal natureza, arrancando do limbo heróis do porte de um José Tomás, *treze anos tão valentes,/ menino do Piauí*, de um camponês Joel, *do sertão /,(...) soldado de Prestes, Seu Capitão*, de um Zé Viúvo, jagunço de pontaria certeira, *o olhar luzindo/ aceso na escuridão.* Ou então daquelas quarenta mulheres guerreiras, na passagem difícil que a guerra provou, como aquela "*Onça" mulata,/ de belos quadris/ que dança maxixe/ carrega fuzis*, Hermínia, perita enfermeira, *Tia Maria, rezadeira de corpo fechado.*

O desfile dos heróis que combateram duro combate prossegue nas entonações líricas do poema de *A Coluna,* tecido em cantos por Jacinta Passos, sensitiva tecedeira e poetisa de vibrante coração.

Da força que sai de dentro de um telurismo épico, Jacinta Passos soube arrancar o seu poema, revestindo-o de diademas em quinze cânticos que colocou na fronte do povo em marcha, guiado pelo "comandante sem par". Apoiada no coração da massa, poetando com a ajuda poderosa do afluxo heroico de um punhado de bravos, feito a Coluna a rasgar a indolência nacional do Sul ao Norte, Jacinta Passos escreveu um belo poema de ritmo e pulsação brasileira.

A poetisa muitas vezes atinge um estado lírico total, que ficamos a imaginar o quanto de ingenuidade ela não teve de arrancar do seu coração para atingir cristalizações como estas:

Que medida para medir
esse caminho de esperanças
e lutas que abriu tão fundas
sementeiras de lembranças.

Entre lirismo e ideologia[1]

José Paulo Paes[2]

Nota editorial:

Quando Janaína Amado Figueiredo me convidou para organizar esta reedição da obra poética de sua mãe, aceitei o convite com alegria. Conheci pessoalmente Jacinta Passos em 1947 e dela guardo até hoje uma enternecida lembrança. Tampouco se me apagou da memória, estes anos todos, a impressão que me causou a leitura da sua *Canção da Partida.* Eu começava a ensaiar os primeiros passos como poeta e, à semelhança de alguns dos meus companheiros de geração, preocupava-me a questão da arte dita participante. Foi na desafetação do engajamento lírico-folclórico de Jacinta Passos e de Sosígenes Costa, onde não havia lugar para a demagogia nem para o sectarismo, que encontrei a primeira resposta às minhas interrogações. O tempo e as buscas haveriam de me ensinar mais tarde outras respostas, mas aquela foi decisiva no abrir-me os caminhos da poesia.

Em 1977, graças ao empenho do James Amado, que já me ensinara a admirar os versos de Sosígenes Costa, pude, através de "uma tentativa de descrição crítica" aparecida em volume sob o sosigenesiano titulo de *Pavão Parlenda paraíso,* amortizar a minha dívida para com a memória do poeta. Agora é a filha de James Amado e de Jacinta Passos quem me dá a oportunidade de, no estudo que serve de prefácio a esta reedição, organizar noutra tentativa de descrição crítica as minhas notas de leitura de uma obra poética que, com justiça, Antonio Cândido situou em "posição de primeira plana na moderna poesia brasileira".

---

[1] Paes, José Paulo. "Entre lirismo e ideologia". Escrito especialmente para a segunda edição do *Canção da Partida* (Salvador: Fundação das Artes, 1990), este texto foi publicado parcialmente na revista *Exu*, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, nº 7, jan/fev. 1989, p. 28-35. Agradeço a Dora Paes a autorização para republicar o texto.

[2] O paulista José Paulo Paes (1926-1998) foi um dos mais respeitados poetas, críticos literários e tradutores do país na segunda metade do século XX. Começou a vida literária no Paraná, prosseguindo-a em São Paulo, onde se radicou desde 1949. Entre seus muitos títulos de poesia (para adultos e crianças) e de ensaios, estão *Poemas reunidos* (1961), *Gregos e baianos* (1985), *A poesia está morta mas juro que não fui eu* (1988), *Poemas para brincar* (1991), *Prosas seguidas de odes mínimas* (1992) e *A meu esmo* (1995). Sua obra poética foi postumamente reunida em *Poesia completa* (S.Paulo: Cia. das Letras, 2008). José Paulo Paes traduziu escritores do porte de Lewis Carroll, William Carlos Williams, tendo apresentado, via traduções, diversos poetas gregos modernos e contemporâneos aos leitores brasileiros, tais como Konstantinos Kaváfis, Giorgios Seféris e Nikos Kazantzákis.

Entre lirismo e ideologia

I

Nas abas dos *Poemas Políticos*, terceira e ultima coletânea de versos de Jacinta Passos, publicada em 1951, estão transcritas opiniões da crítica acerca de seu livro anterior, *Canção da Partida*, de 1945**.** Roger Bastide louvava ali a "síntese entre o sabor das formas folclóricas e o sentimento da miséria dos homens, da solidariedade no sofrimento, a profecia de um mundo mais justo e mais fraternal", ao passo que Aníbal Machado sublinhava a sua amplitude de "canto de poesia que vai da ternura mais íntima ao grito largo de libertação, voz da maioria das mulheres conscientes e profundas". Também Sérgio Milliet chamava a atenção, naquele a seu ver "belo livro de poemas", para a afirmação de uma "sensibilidade que, por ser bem feminina, nada tem de piegas". Mário de Andrade, por sua vez, não se furtava a reconhecer-lhe "realidade poética" fora de qualquer dúvida, e Antonio Cândido ia mais longe quando dizia que "Jacinta Passos se firmou com este livro (...) numa posição de primeira plana na moderna poesia brasileira".

Diante de opiniões tão favoráveis, se não é de surpreender, é sempre de lamentar esteja a poesia de Jacinta Passos ausente das livrarias há tantos anos, já que nenhuma de suas obras foi jamais reeditada. Para essa ausência, há razões de vária ordem, desde o reconhecido descaso do leitor brasileiro de hoje pelos livros de poesia, o que os condena, com raríssimas exceções, a uma vida editorial lamentavelmente curta, até as perturbações mentais que, pouco depois da publicação dos *Poemas políticos*, enfermaram sua autora e que acabariam por levá-la à morte. Com isso truncou-se uma vocação cuja legitimidade se anunciava desde *Momentos de poesia*. Neste volume de 1942 estavam reunidos os primeiros versos de Jacinta ao lado dos de seu irmão Manoel Caetano Filho. Versos, os dela, de uma forte religiosidade que diria inspirada pelo *genius loci* do seu nascimento, Cruz das Almas. Não foi porém na sede do município que ela nasceu, a 30 de novembro de 1914, e sim numa fazenda das proximidades, a de Campo Limpo, propriedade de seu pai. Nesta típica fazenda do interior baiano, cujos hábitos patriarcais seriam rapsodicamente evocados no poema-título da *Canção da partida*, viveu Jacinta uma parte de sua infância; a outra seria passada numa cidade vizinha, São Félix, à beira do rio Paraguaçu, que defrontava Cachoeira, onde seu pai foi fiscal de imposto de consumo, todos esses toponímicos aparecem também no mesmo poema. Nele é referida ainda a mudança da família para Salvador, quando o seu chefe foi eleito deputado estadual na legenda de UDN, investidura que voltaria a conquistar outras vezes e que em duas ocasiões alternaria com a de deputado federal constituinte.[3] Na capital da Bahia, Jacinta cursou a Escola Nor-

[3] *Deputado federal constituinte*: deputado estadual constituinte

mal, diplomando-se em 1932 com distinção. No ano seguinte, passou a ensinar Matemática e depois Literatura Brasileira no instituto Isaías Alves.

Os seus anos de juventude foram marcados por uma religiosidade que, como já se disse, transparece ostensivamente nos 38 poemas que lhe formam o livro de estreia. Pouco tendo a ver com os lugares comuns de catecismo em que, por sua condição de Filha de Maria, ela era então doutrinada, essa religiosidade nascia de um temperamento místico para o qual só a comunhão da alma com seu Criador se podia construir na desejada via de transcendência. Segundo o depoimento de familiares, a Jacinta dessa época "costumava comunicar-se diretamente com Deus, sem intermédio de orações, através de intensa concentração".[4] O sinal estilístico de tal comunicação é a frequência com que o vocativo "Senhor" e o imperativo na segunda pessoa do singular – a flexão verbal da súplica – aparecem nos versos de *Momentos de poesia*. Como não podia deixar de ser, estes pagavam tributos aos modelos da poesia religiosa postos em circulação entre nós pelo *renouveau* católico dos anos 20 e 30. Não me refiro aos modelos mais radicais do surrealismo do Murilo Mendes e Jorge de Lima, mas aos modelos mais conservadores de espiritualismo conceituoso de Tasso da Silveira. Esta filiação ajudaria a explicar a modernice ainda tímida dos poemas de estreia de Jacinta Passos, onde o verso livre, de amplo respiro e tom discursivo, nem sempre dispensa o apoio retórico da rima nem obsta o eventual recurso ao verso metrificado. Ajudaria a explicar, além disso, o gosto por motivos convencionais como a tristeza do fim do dia, em "Crepúsculo", ou a ânsia do inatingível, em "O mar", tanto quanto a adjetivação redundante de frases-feitas como *negro abismo insondável* de *Vida morta*, ou *fecundo labor humano*, do "A guerra", que logo trazem à lembrança os reparos feitos por Péricles Eugênio da Silva Ramos a "certas debilidades" da poesia de Tasso da Silveira, sobretudo à sua "adjetivação fraca e por demais repetida".[5]

Há inclusive algo de condoreiro no destemor juvenil com que os *Momentos de Poesia* enfrentavam os chamados grandes temas, a exemplo de a glória e a beleza da vida, a desumanidade do mundo moderno, os enigmas do universo, a integração dos seres no mistério do Ser, e outros que tais. Esses grandes temas são versados, as mais das vezes, numa linguagem cujo poder de convencimento parece ser inversamente proporcional aos recursos de ênfase por ela mobilizados. É o que se pode ver em poemas do tipo de "Momento eterno", em que a efusão amorosa assume, hiperbolicamente, dimensões cósmicas:

---

[4] Esta informação, assim como as demais informações biográficas aqui utilizadas, me foram fornecidas por Janaina Amado Figueiredo, filha de Jacinta Passos. (Nota do texto original).

[5] Ramos, Péricles Eugênio da Silva."O modernismo na poesia", in: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. Rio: Livraria São José, Vol. III, T. I, 1959, p. 560. (Nota do texto original).

Apagaram-se todas as limitações porque tu e eu desaparecemos.
Existimos fundidos num ser único
que ignora a sucessão no tempo,
que desconhece as fronteiras onde sua vida termina e a vida cósmica se inicia.
perdido no êxtase imenso
como um astro sem memória perdido no espaço sem princípio e sem fim.

Ainda que lances assim hiperbólicos possam ser tidos como consubstanciais a uma alma vocacionalmente mística, ansiosa de unir-se com o seu Criador – cuja infinitude, numa redução panteísta frequente na poesia religiosa, é confundida à multiplicidade da Sua criação –, não é neles que se faz ouvir a voz mais característica da autora de *Momentos de poesia*. Esta soaria antes naquelas passagens em que, à semelhança de Poverello do "Cântico das criaturas", ela se identifica com as coisas mais simples para através delas celebrar, por diminuição ou hipérbole às avessas, a grandeza do universo-Deus. É o que acontece nesta estrofe de "Súplica":

Quebra todas as ásperas durezas do meu ser,
Identifica-me com todas as coisas
para que possa captar as mínimas vibrações da vida cósmica
e elevar para ti
o canto do louvor da terra toda.

A vontade de captar o mínimo irá adquirir aos poucos conotações de índole antes social do que estritamente mística. Em "Comunhão", por exemplo, o *canto de amor universal* que ali se propõe, embora proclame abranger *homens de todas as raças, de todas as nações e de todas as classes*, acima das *barreiras criadas pelo egoísmo do homem*, já se compraz em estabelecer certas distinções não destituídas de consequências, extremando.

Homens ricos e pobres,
pobres escravizados aos ricos e ricos escravos do dinheiro,
capitalistas importantes e proletários humildes,
gordos burgueses satisfeitos,
operários que ruminais o surdo rancor das injustiças acumuladas,
reacionários conservadores da desordem estabelecida,
Comunistas que tendes sede de comunhão humana (...)

A consciência social a que, por via de suas inquietações religiosas, chegara a autora de *Momentos de poesia*, vai-se precisar ainda mais na *Canção da parti-*

da, ali adquirindo nítida dimensão política, mas por sob cujo utopismo transluz, não obstante, uma religiosidade residual ou fantasmática. De outro lado, o pendor franciscano pelas *coisas mais simples* proclamado em "Poesia perdida", a peça de abertura do livro de estreia – onde, num paradoxo típico da psicologia do misticismo, convive com a soberba de uma alma que, noutra peça do mesmo livro, se confessa *faminta de beleza*, *ávida de perfeição* e tomada de *ânsia infinita* –, esse pendor irá encontrar na simplicidade de linguagem das cantigas de roda e dos cantos de trabalho o clima ideal para o seu florescimento. Tanto que, mais para o fim de *Momentos de Poesia***,** o discursivo do verso longo começa a dividir terreno com o cantábile do redondilho, e os grandes temas vão sendo preteridos por motivos do cotidiano. Três poemas, "Canção simples", "Cantiga das mães" e "Carnaval", são particularmente ilustrativos dessa mudança de registro, prenunciando a dicção icástica da *Canção da partida.* Daí não estranhar fossem aproveitados, com pequenas modificações de forma, no novo livro.

A "Canção Simples" tematiza a desigualdade de direitos e deveres do homem e da mulher na empresa amorosa. Ainda que tal desigualdade possa ser vista como historicamente condicionada, fruto dos *mores* da sociedade patriarcalista, nem tudo nela é redutível ao social. Foi o que D. H. Lawrence viu muito bem ao dizer que "o verdadeiro problema das mulheres é terem sempre de procurar adaptar-se às teorias masculinas acerca da mulher".[6] Infundindo outras conotações ao símile tradicional da flor arrastada pelo ímpeto do rio, Jacinta Passos exprime desafetadamente, nas primeiras quadras da "Canção simples", a dependência da mulher para com a vontade de poder do desejo masculino:

A flor caída ao rio
que a leva para onde quer,
sabia disso e caiu,
seu destino é ser mulher.
Leva tudo e segue em frente,
amor de homem é tufão,
o de mulher é semente
que o vento enterrou no chão.
....
Mulher quando ama, empobrece
porque dá tudo o que tem,
homem recebe, enriquece,
vai receber mais além.[7]

[6] "Give her pattern", *Selected Essays*. Harmondsworth: Penguin Books, 1950, p.19. (Nota do texto original).
[7] Esta última estrofe do poema aparece apenas em *Momentos de poesia*, tendo sido suprimida pela autora, a par de outras mudanças, quando republicado em *Canção da partida.*

Patenteia-se nessa e em outras passagens não apenas aquela sensibilidade marcadamente feminina ressaltada por Sergio Milliet na *Canção da partida* como sobretudo de uma visão *crítica* da condição da mulher, rara de encontrar-se na poesia brasileira. Visão eminentemente poética, entenda-se, não conceitual ou conceituosa, sendo dela a parte integrante um vincado sentimento maternal que informa a temática e a simbólica da poesia de Jacinta Passos. Na "Canção simples", a imagem da semente enterrada no chão, imagem tectônica de que iremos encontrar outras variantes na *Canção da partida*, foi agenciada, por esse sentimento, assim como dele provêm as constantes referências à infância rastreáveis nos dois livros posteriores ao *Momentos de poesia*. E é ainda a partir de um símile tradicional, o das árvores a perder seus frutos maduros, que ele aparece pela primeira vez tematizado em "Cantiga da mães":

Fruto quando amadurece
cai das arvores no chão
o filho depois que cresce
não é mais da gente, não.
Eu tive cinco filhinhos
e hoje sozinha estou.
Não foi a morte, não foi
oi!
foi a vida que roubou.

O fato de este poema ter sido aproveitado na *Canção da partida* mostra que, a despeito da preocupação do social ali tão imperiosa, não vai ficar esquecido o existencial, vale dizer, aquilo que diz respeito antes à condição humana em si do que à sua circunstância histórica. Do mesmo modo que na "Canção simples", aqui também a visada ultrapassa o histórico e o social: o rompimento do vínculo mãe-filho, natural e necessário, como o dá a entender o símile do fruto caído, em nível biológico, acarreta em nível humano um sentimento, de perda, nele não menos natural e necessário.

Quanto a "Carnaval", o terceiro dos poemas ilustrativos de uma mudança de rumos na poesia de Jacinta Passos, ele se faz notar tanto pelo localismo do seu enfoque quanto pelo timbre coloquial da sua linguagem, um e outro em contraste frontal com a visada universalista de *Momentos de Poesia* e com a sua linguagem as mais das vezes empostada, "literária". O interesse da poetisa por essa manifestação tão característica da vida popular da Bahia não decorre tão só de seu pitoresco folclórico – ainda que o folclórico vá ser uma das matrizes da *Canção da Partida* –, mas principalmente da efêmera mistura de raças e classes por ele ensejada, irrupção de uma *nova realidade sem nome que dança na rua* e que, numa recorrente ima-

gem tectônico-maternal, vemos emergir de um ainda ignorado "subsolo" cuja natureza os futuros poemas de Jacinta Passos cuidarão de precisar.

II

Canção da partida foi publicado em 1945. Nos anos imediatamente anteriores, sua autora estivera ligada, na Bahia, a movimentos populares encabeçados por grupos de esquerda, o que deixou a sua marca em *Momentos de Poesia*. Não nos versos de inquietação religiosa escritos entre 1937 e 1940, mas naqueles dos dois anos seguintes, em que à inquietação religiosa se vem somar a humanitária. Quando saiu a *Canção da partida*, Jacinta estava recém-casada com o escritor James Amado, militante do PCB, partido então na ilegalidade e a que ela se filiou em fins de 1945. Mas nem seria preciso recorrer a dados de ordem biográfica para explicar a preocupação participante dos poemas da *Canção da partida*. Eles eram, nisto, o espelho da consciência eminentemente social de uma época a que a resistência antifascista e as agruras da guerra haviam ensinado o sentido prático dos versos de John Donne acerca de que "homem nenhum é uma ilha, completa em si; cada homem é uma parte do continente, uma parte do todo".

É o generalizado sentimento de solidariedade dessa época, o seu sonho de um mundo só, tão depressa desmentido pela realidade de pós-guerra, que se reflete na *Canção da Partida*. Isso não quer dizer estejam dele ausentes certos exclusivismos de partido. Ainda que fugazmente, eles transparecem numa invocação de "Pânico no planeta Marte", o quinto poema da coletânea, quando os donos da vida (antonomásia então usada por Mário de Andrade e que não tardou a popularizar-se) pedem a Trotski que ressuscite para salvá-los da aniquilação. A caracterização dos trotskistas como lacaios da reação era, como se sabe, o espantalho a que o *establishment* stalinista recorria para prevenir quaisquer veleidades de cisma nas suas bem disciplinadas fileiras. Em favor da *Canção da Partida*, é de justiça ressaltar que fugia inteiramente aos moldes da poesia dita social, tal como era praticada entre nós. Para justificar o diapasão de oratória de comício em que costumavam incorrer, alegavam os seus praticantes alguns precedentes ilustres, como os de Castro Alves e Walt Whitman, mas sem poder amparar-se nem no "melhor pragmatismo", [8] tão bem lembrado por Mário de Andrade a propósito do primeiro, nem na "maior e estranha delicadeza, originalidade e sensibilidade", que para Randall Jarrell faz o segundo muito mais do que um mero "retórico arrebatado".[9] O mesmo Mário de Andrade, resenhando um dos livros de poesia

---

[8] "Castro Alves", *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins. s. d., p. 133. (Nota do texto original).

[9] "Alguns versos de Whitman". *A Poesia e a Época*, trad. E.C. Caldas, Rio: Revista Branca. s.d., p. 94. (Nota do texto original).

participante característicos dessa quadra, assinalava que estava eivado dos "vícios técnicos da demagogia", entre os quais enumerava o "excesso de interjeições, excesso de invocações, apelos aos amigos, aos companheiros, aos irmãos, ar profético". Terminava o crítico por confessar sua irritação com a "piedade... quase vicentina" da maior parte da literatura social daqueles dias, onde ele encontrava não "uma verdadeira e dura fraternidade, tal como a que vibra nos melhores versos de um atual Aragon, do Maiakowski da boa fase, ou do Whitman, mas os vícios de uma desigualdade tradicional, glutonamente cheirosa e esmoler".[10]

Os vícios técnicos da demagogia em que, no arrebatamento místico de sua adolescência, incorreu mais de uma vez a poetisa de *Momentos de poesia*, estão felizmente ausentes da *Canção da partida*. Se aqui se faz sentir ainda um certo ar profético, ao que parece substancial à poesia politicamente idealista, bem como um certo pendor pelas invocações, estas de índole mais afetiva que oratória, um e outras nada têm a ver com qualquer piedade vicentina, originando-se antes de um sentimento de fraternidade que, não sendo exatamente "duro", adjetivo aliás incompatível com a sensibilidade feminina, é sem dúvida verdadeiro, desde que se dê a este segundo adjetivo, como cumpre em se tratando de arte literária, a acepção de convincente. Tenho para mim que o poder de convencimento dos 18 poemas enfeixados na *Canção da partida* advém sobretudo do seu timbre inconfundivelmente lírico, a que não falta de vez em quando, por amor da variedade, uma nota de sátira.

Ao fazer-se uso de um conceito tão fluido quanto o de lirismo, convém ter em mente, com Hegel, que "o conteúdo de um poema lírico é (...) a maneira como a alma, com os seus juízes subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma no âmago desse conteúdo".[11] Foi essa lírica tomada de consciência de si no próprio ato de exprimir-se que salvou Jacinta Passos do escolho das generalizações retóricas em que, por equivocadamente fiéis às abstrações de uma ideologia, naufragaram outros poetas, como ela animados – para repetir as palavras com que Roger Bastide saudou a *Canção da partida* – do mesmo "sentimento da miséria dos homens, da solidariedade no sofrimento", do mesmo ideal de "um mundo mais justo e mais fraterno". Em vez de simplesmente tentar pôr em verso as palavras de ordem de uma doutrina política impessoal, cuidou ela de interrogar-se acerca das raízes do seu sentimento do mundo. Tal anamnese, de par com a matéria vincadamente pessoal do seu canto, que Aníbal Machado disse bem ir "da ternura mais íntima ao grito largo de libertação", deitando assim por terra a falsa barreira entre o individual e o coletivo, lhe daria, de

---

[10] Mário de Andrade, "Três faces do eu". *O empalhador de passarinho*. S. Paulo: Martins, s. d., p. 57-58. (Nota do texto original).

[11] Apud Massaud Moisés, *Dicionário de Termos Literários*. S. Paulo, Cultrix, 1974, p. 309. (Nota do texto original).

quebra, o instrumento linguístico mais adequado para exprimi-la, qual seja a singeleza folclórica das cantigas de roda e de trabalho. Uma análise do poema-título da *Canção da Partida* nos possibilitará entender melhor os nexos de necessidades entre matéria e expressão lírica na poesia de Jacinta Passos.

Fez-se referência, mais atrás, aos elementos autobiográficos que lastreiam esse poema, marcos de uma viagem de retorno aos dias da infância. A contradição que, do ponto de vista da lógica estrita, se possa enxergar entre a partida anunciada no seu título e o retorno por ela tematizado, se resolve em termos de lógica poética pela circunstância de o passado ser apenas porto de escala numa viagem que em verdade *parte* do presente para o futuro. Quando a poetisa refaz o percurso de sua vida, é para recolher familiares e amigos disseminados ao longo dela e levá-los consigo no rumo da utopia:

O país para onde vamos,
Estelita!
é uma terra tão bonita,
parece até invenção
(...)
Já não vou sozinha agora,
vamos, meu povo,
diga adeus, vamos embora.

A figuração da passagem ou viagem da vida – e neste sentido "Canção da Partida" pode ser vista como um rito de passagem da inconsciência social à consciência social – se faz pelo desenvolvimento das sugestões formais de uma cantiga de brinquedo cujo refrão, *passa passa passará / derradeiro ficará*, abre o poema, que está escrito em redondilha maior ocasionalmente entremeada de versos mais curtos, de andamento quase sempre anapéstico, duas sílabas não-acentuadas seguidas de uma acentuada, num ritmo martelado de marcha ou galope. Acresce notar a pertinência ou isomorfia de essa reversão à infância se exprimir por via da estilização de uma brincadeira tradicional, mais adiante enriquecida com de outras toadas folclóricas, inclusive cantos de trabalho, como os da manocadora de fumo e do canoeiro:

– Vitalina!
manoca o fumo, menina,
você hoje vadiou.
(...)
Rema
rema

remador,
caranguejo peixe é,
remar contra sua morte
é remar contra a maré.

Só se tiver presente que, no curso na anamnese, a elocutora do poema vai focalizando sobretudo personagens da sua infância e da adolescência ligadas ao mundo popular, trabalhadores rurais da fazenda Campo Limpo, empregados domésticos e operários de Salvador, percebe-se não ser gratuito ou meramente ornamental o recurso a material folclórico como parâmetro da invenção poética. Trata-se, ao contrário, de um lance típico de estabelecimento de nexos de necessidade entre significante e significado, por meio dos quais o poeta luta contra a arbitrariedade do signo linguístico.

Durante o processo de evocação dos figurantes proletários do seu passado – processo que se assinala na frequência de vocativos cujo tom afetivo, não ideológico e/ou retórico, impede capitulá-los entre os "vícios técnicos da demagogia" verberados por Mário de Andrade – se vai progressivamente afirmando a consciência social da evocadora. A cada evocação avulta um destino marcado pelo ferrete da desigualdade, donde a significatividade da repetição do verso *Nós somos gente marcada*. Marcada é Dade, a ama-de-leite de Campo Limpo, que trabalhou a vida inteira na roça e na casa dos patrões, criou-lhes *cinco filhos brancos*, além dos dez que ela própria deu ao mundo, e mesmo assim *morreu sozinha*. Marcado é Augusto Braço Cotó, que entrega doces no Triunfo, tanto quanto Bernadete, *preta que nem tição* e *pobre sem um tostão*, ou José, *que desde menino/ trabalhas nas Sete Portas*, ou Manuel da Maria, *compadre estivador*. A marca da desigualdade pode ser tríplice:

– Pelo sinal da pobreza!
– Pelo sinal de mulher!
– Pelo sinal
da nossa cor!

Ao ferrete da pobreza, ainda que remediada, não escapará a própria elocutora. Quando a família se transfere para Salvador, e as meninas são postas a estudar na Escola Normal porque é *mais seguro / professora é meio de vida, / ninguém sabe do futuro*, a mãe passa o dia fazendo doces para fora, conquanto, em nome da respeitabilidade pequeno-burguesa, seja preciso esconder o comércio vexatório:

Minha mãe, minha mãezinha,
todo dia na cozinha,

faz doce para vender:
– Augusto Braço de Cotó,
vá entregar no Triunfo
e cobre!
Não diga nada a ninguém,
meu bem.
Sou pobre!

O ferrete da condição feminina, de que já encontramos vislumbres críticos na "Canção simples" e na "Canção das mães", é alusivamente referido nesta passagem onde o cediço símile da "canção do exílio" serve para ironizar a liberdade vigiada da mulher dentro dos limites do estereótipo em que a encarcera o desejo masculino:

Menina, minha menina,
carocinho de araçá,
cante
estude
reze
case
faça esporte e até discurso
faça tudo o que quiser
menina!
não esqueça que é mulher.
Minha terra tem gaiola
onde canta o sabiá.

Mesmo na série "Três canções de amor", de notável limpidez e despojamento de expressão, o abandono amoroso não exclui uma consciência crítica diferenciadamente feminina. A primeira canção, que desenvolve uma parlenda infantil, *Eu fui por um caminho / Eu também. / Encontrei um passarinho. /Eu também*, aponta no amor menos a segurança matrimonial do ninho que os riscos de uma aventura a dois, um *vai-e-vem* sujeito, *como tudo*, a mudanças e rupturas: *Podes virar um passarinho. / Eu também.* Na segunda canção, motivos de contos de fadas configuram o amor como gruta sombria em cujo recesso se embosca a vontade proprietária do homem:

Nunca se fie no seu sono,
sono de El-rei, meu senhor.
Não queiras nunca ser dono,

negro!
Ah! negro, do meu amor.

Em "Chiquinha", o tema da sujeição feminina se historiciza num desfile de séculos e o corpo-mercadoria da mulher vai assumindo seus diferentes avatares: escrava do Egito, prostituta da Mesopotâmia, pária da Índia, odalisca da Arábia, matrona-serva de Roma, *mistério e tabu* do Medievo, ventre paridor de escravos na aurora dos tempos modernos, operária da era da máquina – a mesma máquina que, ao pôr abaixo as *fronteiras / do lar, doce lar/ – prisão milenar*, traz afinal ao *corpo, / cansado, / explorado* dessa obstinada metamórfica Chiquinha uma esperança de libertação.

É bem de ver que o sentimento libertário difuso por toda a *Canção da Partida* ecoa menos as teses de uma ideologia ou as palavras de ordem de um partido que a voz de uma sensibilidade a fazer-se consciência no próprio ato de se enunciar por via da indissolúvel unidade de vivência e expressão característica do lirismo. O timbre inconfundivelmente feminino dessa voz, ao mesmo tempo que lhe garante a autenticidade, a singulariza no quadro da nossa poesia participante ou engajada. E dentro da mesma ordem de ideias, impõe-se ainda lembrar a componente maternal dessa feminilidade, que já apontava nos *Momentos de Poesia*. Ela vai avultar na *Canção da Partida*, quando mais não fosse pela ênfase ali dada ao mundo da criança, mundo do qual, por força da tarefa a ela confiada pela maternidade, de ter de acompanhar passo a passo os primeiros anos de vida dos filhos, a mulher está muito mais próxima do que o homem. A ternura de que a infância é o objeto na *Canção da Partida* não fica restrita à esfera do individual. Tanto quanto a feminilidade de que provém, reveste-se de implicações sociais, mesmo nos momentos em que menos seriam de esperar, como na "Cantiga de ninar", onde a refrões e motivos de nanas brasileiras tradicionais vem-se juntar um novo ingrediente utópico-político:

Senhora Onda do Mar
vestida de verde com franjas de luar.
ninai meu filhinho fechai seu olhinho
seu soninho velai
que mamãe precisa fazer com papai
Senhora Onda do Mar,
um planeta novo para neném morar.

Esta conexão do infantil com o social, apenas insinuada no cantábile de "Cantiga de ninar", vai-se explicitar no discursivo de "Mensagem às crianças do mundo", onde a mudança de tom, do sugestivo para o exortativo, se faz sentir

desde a troca do redondilho por um verso de medida mais longa, de até 16 sílabas. Ademais, na designação "mensagem" está implícita certa solenidade retórica, consentânea com a amplitude de visada do poema, o qual abandona a área do familiar, do local, do vivido – de onde procede o melhor da poesia de Jacinta Passos –, para tentar abarcar o universal, numa como que recaída nos esquemas generalizantes de *Momentos de poesia.* Entretanto, ao dirigir-se às crianças sofredoras das várias partes do mundo – asiáticas, em especial chinesas; europeias, dos países então ocupados pelos exércitos nazistas; alemãs, *que aprendem somente a odiar*, judias, russas, oceânicas, africanas, americanas –, a poetisa lhes transmite uma mensagem que não se pode a rigor chamar de ideológica. Lembra-lhes que, para além da *hora terrível* da guerra, permanecem as *alegrias elementares pelas quais os homens lutam* e permanece a vida, do que é lícito esperar:

(...) um tempo no tempo
em que a polícia, a moral, as leis e todas as coisas
acidentais
serão inúteis para a comunidade humana
como remédios para um organismo que recuperou a saúde
Chegará um tempo no tempo
em que a terra conquistada, os homens, todos os homens, como vós, minhas puras criancinhas
Receberão a vida, a vida simplesmente, como o dom
Supremo.

A aceitação da vida como um valor absoluto, impossível de ser medido pela escala de uma teoria ética ou filosófica, qualquer que ela seja, parece ser aliás a tônica da *Canção da partida*, cuja epígrafe, *Que vontade de cantar: / a vida vale por si*, pode ser vista como uma definição do próprio lirismo que lhe anima as páginas. Entretanto, o fato de, na "Mensagem às crianças do mundo", o discursivo desembocar num fecho de ouro lírico, transideológico, não impede a ideologia de ali assomar a certa altura:

Crianças da Rússia, a pátria misteriosa
cujo roteiro os donos do mundo ocultavam
como os antigos roteiros dos tesouros que os bandeirantes
ávidos, buscavam,
crianças da Rússia, a pátria misteriosa
que Stalingrado revelou ao mundo.

A vinculação desta referência à fé política de sua autora é de ordem imediata, instrumental e, como tal, ideológica, o mesmo se podendo dizer da *Estrela do Oriente* do poema homônimo, a qual por trazer "uma foice na mão" se despe de sua aura de conotações para adquirir uma obviedade emblemática capitulável entre "os vícios técnicos da demagogia". E quando, no poema em questão, nos é dito que *só na voz da própria* Estrela / *podemos cantar*, eis o lírico posto a reboque do ideológico. Desse perigoso atrelamento se salvam outros poemas na linha de "Estrela do Oriente", como "Pânico no planeta Marte" e "Louvação do dinheiro", pela finura do tom de ironia e sátira com que a mensagem ideológica é ali veiculada, enquanto em "Metamorfose" o tema da mudança (e traição) de classe fica felizmente implícito na série de perguntas que balizam o poema, perguntas que, respondidas, o teriam convertido em mera peça de propaganda.

Se em "Sangue negro", em que não há ironia ou sátira, e tampouco obliquidade sugestiva, a louvação do operário mestiço dos poços de petróleo do Recôncavo como fator do progresso do Brasil não descai no lugar comum ideológico, isso se deve às ressonâncias de sua estrutura simbólica, cujas imagens de base aparecem nas duas estrofes que abrem e fecham o poema à guisa de refrão:

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
no teu subsolo circula
sangue negro cor da noite,
da cor do preto africano,
preto cujo sangue escravo
regou o solo baiano.
Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
de tuas veias abertas
escorre
o petróleo baiano,
sangue negro do Brasil.

A ordem que aqui prepondera, governando a semântica do poema, é a do telúrico, do subterrâneo, do oculto, a ordem primordial da Terra-Mater nas curvas de cujo seio acolhedor o oceano – vínculo geográfico entre África e Bahia, reiterado pela simetria fônica da rima unindo "oceano" a "africano" e "baiano" – vem adormecer num apequenamento metafórico ao gosto da ternura maternal, tão afeita aos diminutivos. A referência a "subsolo", no terceiro verso, articulada a "Recôncavo", no primeiro, traz logo à lembrança articulação semelhante que já encontráramos em "Carnaval", uma das peças finais de *Momentos de poesia*,

transferida para a *Canção da Partida*. Ali, era do subsolo de Salvador que irrompia uma *nova realidade sem nome* a dançar na rua o efêmero mito carnavalesco da mistura e/ou indistinção de classes. Agora, é nas veias do operário mestiço dos poços de petróleo do Recôncavo que o sangue branco dos senhores e o sangue negro dos escravos confluem, não para reconciliar-se, mas para denunciar o embuste da supremacia racial: o que surde das entranhas do Poço é "sangue negro", o petróleo de que se nutrem as máquinas para levar "mensagens de aproximação" do metalúrgico de Volta Redonda ao gaúcho dos pagos, o seringueiro da Amazônia, o vaqueiro do Nordeste e o proletariado das grandes cidades brasileiras. A ordem tectônica do subsolo vai-se completar, mais adiante no poema, com o mineralógico "ventre da terra" de onde são extraídos o ferro e os metais: com as "forças primordiais" adormecidas no vale amazônico, simétricas das "forças latentes" do interior do Poço; com o chão nordestino de onde o homem tira "a chuva que o céu não dá". E à mesma topologia do subterrâneo e do oculto implícita na simbólica da Terra-Mater se vincula ainda o sangue, espécie vital e sacrificial que dá nome ao poema. Neste, ela assume cor negra para poder identificar-se metaforicamente ao petróleo do Recôncavo, metaforização por meio da qual o escravo-Cristo, com redimir da terra a sua paixão – no sentido evangélico do martírio –, com o sangue-petróleo de suas "veias abertas", passa a emblematizá-la e a fazer da Bahia *locus* de redenção, célula-mater da fraternidade proletária.[12]

Vem a propósito lembrar, nesta altura, que ao motivo do Filho vítima e redentor, a um só tempo, está ligada de perto, no simbolismo cristão, a figura da Mater Dolorosa, com o que se explicita a sua ligação profunda à ordem do telúrico. É apropositado sublinhar, outrossim, que o recurso à mítica religiosa não se confina a "Sangue negro", mas é encontrável em outros textos da *Canção da Partida*. Já vimos, no seu poema-título, o gesto litúrgico do pelo-sinal revestir-se de implicações sociais ao ser traçado em nome da pobreza, da mulher e da cor, cor cujo ferrete seria exorcizado em "Sangue negro"; mais para o fim da mesma *Canção da partida*, a travessia do Mar Vermelho por Moisés figura o trânsito do passado para o futuro, o rumo da utopia. Em outra chave, a irônico-satírica, "Louvação do dinheiro" parodia, com a enfiada de epítetos (*Chave do mundo / porta do céu, / poder divino, / submarino, / louvado seja / o vosso nome*), as ladainhas do culto mariano. "Estrela do Oriente" retoma o motivo da estrela que guiou magos e pastores a Belém para colocar, como vimos, a causa dos *párias de todo o mundo* sob o signo partidário da Foice. E em "Navio de imigrantes', as alusões são, como seria de esperar, ao dilúvio, à arca da aliança, e à terra prometida.

---

[12] Também na poesia de Sosígenes Costa, com a qual a de Jacinta Passos tem mais de um ponto de afinidade, a Bahia é vista como *bendito fruto da África* e como *locus* de fraternidade e paz. Cf. meu ensaio *Pavão Parlenda Paraíso* – uma tentativa de descrição crítica da poesia de Sosígenes Costa. S. Paulo: Cultrix-CGL, PACCE, 1977, p. 51-56. (Nota do texto original).

Se bem se possa traçar um nexo mediato de coerência entre estas alusões bíblicas e o profetismo salvacionista apontado por mais de um crítico como ponto de fuga do sistema de Marx, há um nexo imediato delas com *Momentos de poesia*. Ao analisar este último livro tive ocasião de observar haver sido através das suas inquietações místicas que a poetisa chegara a uma consciência social, donde não estranhar transluza, por sob a dimensão abertamente política da *Canção da partida*, uma dimensão religiosa fantasmática ou residual. Tal caráter fantasmático calha bem, de resto, à obliquidade, à finura alusiva que faz da *Canção da partida* a melhor das três coletâneas de verso de Jacinta Passos. A anamnese lírica e localista em que se funda o tocante sentimento de mundo desse livro intermédio dá-lhe um poder de convencimento muito maior, sem dúvida, do que as abstrações religiosas do livro anterior ou o sectarismo político do livro seguinte.

III

No título eluardiano[13] daquela que seria a sua derradeira coletânea, *Poemas Políticos*, Jacinta Passos deixava bem patentes as suas preocupações à época. Em 1946 havia-se ela candidatado a deputada estadual pelo PCB da Bahia, sem conseguir todavia eleger-se. No ano seguinte, depois de sete meses de repouso obrigatório, conseguiu ela dar à luz a sua única filha, Janaína. De 1947 a 1950, viveu no sul da Bahia, numa fazenda de propriedade do sogro, então administrada pelo marido, onde escreveu os *Poemas políticos*. Estes foram editados no Rio em 1951, logo que para ali se havia transferido. Por essa época, era das mais intensas a sua atividade política, na qual parecia pôr o mesmo ardor religioso que a animava nos dias de juventude. Além de haver participado de três congressos de escritores, militava em organizações empenhadas na defesa dos direitos da mulher, da paz e da legalização do PCB, e colaborava na imprensa de esquerda (*Voz Operária*; *Imprensa Popular*, *Hoje*, *Paratodos* etc.). A primeira crise da sua doença mental manifestou-se em fins de 1951 e daí por diante ela passou por sucessivos períodos de internamento hospitalar; nos intervalos, continuava a desenvolver atividades políticas, sobretudo com mulheres e crianças da periferia de Salvador. Quando do golpe militar de 1964, sua família, por precaução, resolveu queimar os originais dos poemas e peças de teatro adulto e infantil por ela escritos, com o que se perdeu definitivamente toda a sua produção posterior aos *Poemas Políticos*. Isso não obstou a que Jacinta fosse então presa; ulteriormente, por diligência de familiares, foi transferida para um hospital psiquiátrico. Seus últimos anos, já num estágio avançado da doença, ela os passou num sanatório de Aracaju, onde viria a morrer em 28 de fevereiro de 1973.

[13] O volume *Poemes politiques* de Paul Eluard havia sido publicado em 1948. (Nota do texto original).

Os 5 textos reunidos na primeira parte do volume de 1951, ou seja, os "Poemas Políticos" propriamente ditos – a segunda parte se compõe de 5 "Canções líricas" e a terceira de 9 poemas da *Canção da partida* –, trazem a marca desses anos de militância partidária. Estava-se no começo da Guerra Fria e no crepúsculo do stalinismo; a cassação do registro do PCB em 1947 levara a uma natural radicalização de posições, acoroçoada, no plano intelectual, pelo pronunciamento de Zhdanov contra o cosmopolitismo em arte (1946). A tal cosmopolitismo, expressão da "decadência da arte burguesa", eram contrapostas as "virtudes exaltantes da literatura otimista" cuja inspiração eram os "valores essenciais (que tinham) a sua fonte na luta das massas", a luta da "classe operária sob a direção do Partido Comunista". As frases entre aspas foram tiradas de um livro de Laurente Casanova, *Le parti comuniste, les intelectuels et la nation*,[14] um dos muitos testemunhos da repercussão na França e nos demais países do mundo capitalista, das palavras de ordem do credo zhdanovista.

No caso específico do *Poemas políticos*, a fidelidade a esse credo acarretava um estreitamento de foco: o sentimento de mundo da poetisa se diminuía em sentimento partido. É o que dão a perceber os dois textos mais longos e mais representativos do volume, a saber, "O rio" e "Elegia das quatro mortas". No primeiro, o *Partido, esperança nossa*, aparece como um *rio de águas inúmeras* cujo curso histórico as 9 secções do poema se ocupam em celebrar. Do nascimento dele, em 1922, tratam as duas primeiras secções, em que imagens maternais – o Partido, *criatura de desejo e sonho*, é uma *criança concebida / na injustiça* – e personagens de contos de fadas – a burguesia traveste-se de *velha / bruxa criminosa avara* para morrer pelas mãos do Partido – convivem canhestramente com alusões a Marx, que viu a História com *olhos novo. / E exatos*, e a heróis cívicos como Zumbi dos Palmares e Tiradentes. A dicção não consegue mais fugir dos "vícios técnicos da demagogia", entre os quais avulta o abuso de antíteses do tipo de *leito de pedras e pranto* ou *carne do luar na boca das profecias*. Essas fórmulas retóricas recorrem no *novembro / de esperança e precipício*, *novembro de sangue e heróis* com que é metaforizado, na quarta secção do poema, o malogrado levante de 1935, e se ampliam na *Palavra inédita / de gume e fogo e rumo e onda* dos *comícios de pétalas e palmas* com que é figurada a conquista pelo partido, em 1945, de legalidade e representação parlamentar. Ambas logo cassadas pela mesma Câmara que, na sexta parte de "O rio", quando o verso livre é substituído pelo redondilho de rimas ocasionais, assume a elocução na primeira pessoa. O tom passa então de solene a irônico, como em "Pânico no planeta Marte", da *Canção da partida*, embora menos convincente do que ali, talvez por culpa do traço excessivamente carregado, de que é exemplo a alusão ao marechal Dutra no sexto e sétimo verso desta estrofe:

[14] Paris, Editions Sociales, 1949, p. 41 e 46. (Nota do texto original).

Agora meus instrumentos
de uso revelarei.
Meu olho policial,
togas sujas, meus partidos,
os inventores da lei
e cabeça sifilítica
do meu curto presidente.
ora aqui lembrarei
com licença, nosso dólar.
Prazer de servir o rei.

O caricatural cede lugar ao patético na "Elegia das quatro mortas". A primeira das mortas é Olga Benário Prestes, cujo martírio, num campo de concentração da Alemanha, se inspira justa indignação à poetisa, não lhe consegue inspirar qualificativo menos convencional que o de *crime de feras contra flor tão pura.* Militantes políticas como Olga são também Zélia e Angelina, ambas mortas a tiros pela polícia, uma em 1948, no Rio de Janeiro, em meio a uma manifestação de protesto, a outra dois anos depois, no Rio Grande do Sul, durante uma passeata de 1º de maio. Aqui tampouco alcança a poetisa ultrapassar os "vícios técnicos da demagogia" quando promete a Zélia que o seu sonho *de fartura e paz* será um dia realizado *Pelas mãos dos pobres que têm fome e sede de justiça na terra*, ou quando nos descreve, *Levantando a bandeira (...) / Era o dia da classe operária. / Na frente. / Protetora da pátria, Angelina*. Já a comoção suscitada pela morte de Dade, malgrado a moral da fábula dela extraída (*foi de morte matada que morreste* (...) *o latifúndio acabou contigo* e de certas imperícias, como o hipérbato do verso final, *é de esperança flor recuperada,* alcança transmitir-se ao leitor. Sendo Dade uma das personagens da infância da poetisa evocadas na "Canção da Partida", talvez não seja de todo despropositado supor fosse tal vínculo de ordem pessoal, favorável ao trânsito do impulso lírico, o responsável por a seção dedicada à morte de Dade ter maior poder de convencimento que as outras da "Elegia das quatro mortas". A ilação valeria também para as "Canções líricas" da segunda parte dos *Poemas Políticos*, as quais, pela dicção cristalina, pelo feliz aproveitamento de refrãos de cantigas de roda, pela discrição da nota de engajamento político que nelas ocasionalmente reponta, são comparáveis a peças homólogas da *Canção da Partida***.**

Visto deste prisma, o último livro de Jacinta Passos[15] se constitui numa dramática ilustração de como podem ser nocivos os efeitos do sectarismo político no terreno das artes. Com exigir da poesia uma ação prática imediata, natureza por

[15] Jacinta Passos publicou ainda *A Coluna.* Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Fº Editor, 1957. 47 p.

assim dizer de apostólica, e com impor ao poeta diretivas e restrições de todo exteriores à sua oficina de criação, o sectarismo atua de maneira quase sempre desvirtuadora. No caso de Jacinta Passos, um indício desse desvirtuamento é a abrupta separação, em grupos estanques, dos "Poemas políticos" e das "Canções líricas", como se a ideologia tornasse a erguer, entre individual e coletivo, aquela mesma barreira que o impulso lírico da *Canção da partida* deitara por terra, convertendo, sem contradição nem conflito, o sentimento de si em sentimento do mundo. Ao acumpliciar-se com a restauração dessa barreira por amor ao partido, Jacinta Passos pagou o alto preço que a ortodoxia costuma exigir de quantos se dispunham a servi-la. Mas, em defesa da autora dos *Poemas políticos*, acentue-se que nem a ortodoxia conseguiu secar a fonte do seu lirismo. Esta, mesmo reprimida, continuou a fluir e a cantar, quando mais não fosse por saber, desde sempre, que *a vida vale por si*.

A lírica da crítica social[1]

Júlio César Lobo[2]

A Fundação das Artes e a Empresa Gráfica da Bahia lançaram no último dia 11, a reedição de *Canção da Par-tida,* livro de poemas da baiana Jacinta Passos (1914-1973), publicado pela primeira vez em 1945, com textos líricos e de crítica social numa dicção modernista, mas bem distante do estilo neoclássico da maioria da poesia que se fazia naquela época, cristalizada na heterogênea e, em geral, de baixa qualidade, geração de 45. Este volume foi organizado pelo poeta, ensaísta, tradutor e crítico José Paulo Paes, responsável também pela revalorização de outro poeta baiano, o falecido Sosígenes Costa.

Em seus melhores momentos, a poesia de JP lembra, pelo estilo, o tex-to coloquial de um Manuel Bandeira:

Eu só tenho a vida minha.
Eu sou pobre, pobrezinha,
tão pobre como nasci,
não tenho nada no mundo,
tudo que tive, perdi,
que vontade de cantar: ...

A influência do folclore retrabalhado de um Ascenso Ferreira:

Benedito tem cem anos:
negro duro!
Cem anos de escravidão.
....
Passa
passa

---

[1] Publicado no jornal *A Tarde*, Salvador, 29 de dezembro de 1990, Suplemento “A Tarde Cultural”, p. 11.

[2] Júlio Cesar Lobo é doutor em Ciências da Comunicação pela USP, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Tem formação também em Letras, atuando ainda como jornalista. É coautor do livro *Gláuber, A Conquista de um Sonho*: Os Anos Verdes. B. Horizonte: Ed. Dimensão, 1995, e autor de diversos capítulos de livro e de artigos publicados em periódicos acadêmicos.

passará
derradeiro ficará.

E a postura participativa do Drummond de *Rosa do Povo,* também lançado em 1945:

Não queremos morrer!
Vamos criar outro Hitler!
Vamos virar curinga,
cafuringa
Salazar!
Mistura o preto com o branco,
Franco!

Se o livro *Canção da Partida,* no seu lançamento há quase meio século, representou a enunciação de uma voz clara e distinta no discurso de participação social – em meio ao fim da Segunda Guerra Mundial e do início dos embates ideológicos da Guerra Fria – e na recuperação do folclore, no entanto, por outro lado, muito pouco prenunciou do que seria a dicção poética feminina no Brasil nos anos seguintes, por exemplo. Se, no âmbito de um partido, a expressão "companheiro" irmana a todos, indistintamente do sexo no engajamento de uma luta, no campo do simbólico, o partido sexual é importante, fundamental, homens e mulheres são educados – infelizmente – de maneiras muito distintas, e isto se reflete na prática, muito mais na prática simbólica de alto grau que é a poesia.

A reedição de *Canção da Partida,* se pode ter resgatado mais uma escritora baiana do esquecimento – apesar de não se tratar evidentemente de uma grande poeta –, mostra também que o discurso político de seus versos acabou ficando defasado, solto num tempo, como o nosso, que vive sob os reflexos da queda do Muro de Berlim, da falência do marxismo na Europa e da discussão acirrada do engajamento.

Uma poeta esquecida[1]

Célio Nunes[2]

O caso não é raro. Ao contrário: existem seres especiais, ligados às artes, à literatura ou a outra área qualquer, que passam pela vida marcando sua presença singular e, depois que morrem, são esquecidos. As causas? São várias, desde a despreocupação do próprio ente, que, embora criador, se despreocupou e não teve pessoas que se preocupassem com isso, de se inserir em contextos sociais e culturais que lhe valeriam futuros registros. Mas, por vezes, nem isso vale porque, mesmo os que conviveram com ele ou ela, esqueceram-se e não tiveram a atenção de perpetuar a memória desses seres. E existem realidades menos cruéis, digamos, justiceiras e compreensíveis: figurantes que pensavam ser protagonistas, que, em vida, produziram falácias, obtiveram generosas divulgação e exaltação da mídia e de grupos, mas depois não permaneceram porque suas produções não tinham mesmo valor cultural e estético. Nada a fazer quanto a esses...

Mas tudo a fazer quanto aos que deixaram um legado de criações de qualidade, quer seja na literatura ou em qualquer área. Felizmente existem os que assumem a garimpagem do passado dessas vidas e de suas obras e, submergindo nos escondidos dos arquivos e bibliotecas, dos depoimentos e lembranças, emergem com preciosidades que servem para resgatar muita coisa valiosa. É isso o que estão fazendo agora em torno da figura de Jacinta Passos, poeta e militante comunista, nascida em Cruz das Almas, Bahia. Ao que sei, a partir de 90, começaram algumas iniciativas visando registrar sua vida e a sua poesia; uma delas, a publicação, em Salvador, em 2000, de uma monografia da professora Dalila Machado. Informa-se que sua filha, residente em Maceió, professora Janaína Passos Amado, e o pesquisador Gilfrancisco, residente em Aracaju, estão trabalhando na publicação de tudo o que se pôde arrecadar sobre essa poeta esquecida.

[1] Publicado no jornal *Cinform*. Aracaju, 27 dez 2004 a 2 jan. 2005, ano XXII, n. 1133, p.2. Republicado em Gilfrancisco, op. cit., p. 50-51.

[2] O sergipano Célio Nunes (1938-2009) foi intelectual de esquerda, militante do PCB, fundador e, durante vários mandatos, dirigente de associações de jornalistas em Sergipe. Jornalista atuante, foi também escritor e estudioso de literatura. Entre outros títulos, publicou *Réquiem para José Eleutério*, 2000; *Trajetória para a Ilha dos Encantados,* 1992; *Prosa sergipana* (coord.), 1992 e *Diário de W. J. e outras histórias* (2005).

Jacinta Passos viveu para inquietar aos demais e, ela própria, se inquietar. Nasceu em 1914, numa família de fazendeiros no interior da Bahia; estudou em colégio católico, foi professora e, já no início da década de 40, estava ligada ao movimento esquerdista, começando a colaborar na imprensa e a publicar livros, casando-se com o jornalista e escritor James Amado (irmão de Jorge Amado).

Nos seus poemas, Jacinta se esforça para que a sua poesia não fique nos limites do estilo panfletário tão adotado por muitos literatos, mas, centrando a sua poesia no social e no amor, ela consegue elaborar uma escrita poética particular, a começar do seu livro *Canção da partida*. O crítico Sérgio Milliet aponta na poesia de Jacinta uma sensibilidade sem pieguice, às vezes em tom grave, e uma ternura clara e penetrante. Jacinta buscou ritmos populares tirando efeitos melódicos, mas não se desligando da realidade, mesmo em poemas simples, a exemplo de *menina, minha menina, carocinho de araçá*..., e vai conversando com uma menina, finalizando com um *minha terra tem gaiola / onde canta o sabiá,* numa flagrante desmontagem dos sabiás livres de Gonçalves Dias. Signo: pássaro e homem aprisionados no mundo desumano. A esse tempo, a poeta, como acentua Milliet, se encanta com as palavras, com os sons onomatopaicos.

Participou de grupos de intelectuais, morando em diversas partes do país, sendo reconhecida por autores como Roger Bastide, Aníbal Machado, Mário de Andrade, Antônio Cândido e Hélio Pólvora. Sombras e luminosidades envolvem a sua personalidade (não enferma, como a consideraram) complexa, ansiosa e criadora. Publicou livros e colaborou com a imprensa e, já separada de James, veio parar (a partir de 62) na Barra dos Coqueiros e Aracaju. Aqui viveu dias de tormento e de incompreensões e perseguições radicais. Presa em 64, foi internada no Adauto Botelho, removida depois para a Clínica Santa Maria. Internada como "louca" durante 9 anos, para o sossego dos que não toleram comportamentos diferentes e contestadores. Depois de muitos eletrochoques, veio a falecer em 1973.

Sempre inquieta, Jacinta viveu em Sergipe o período de vida mais obscuro da sua biografia. Esperemos o resgate dessa biografia, junto com o da sua obra.

Jacinta Passos: trajetória humana e estética. Breves comentários[1]

Ângelo Barroso Costa Soares[2]

A professora Lizir Arcanjo é a pioneira na Bahia no resgate de escritoras do século XIX. Segundo o escritor e jornalista Afonso Costa, em *Poetas de outro sexo,* a primeira baiana escritora a ser registrada pela história oficial foi Ildefonsa Laura. A literatura de autoria feminina na Bahia não é uma exclusividade do século XX, como muitos pensavam, pois um poema encontrado na Fundação Biblioteca Nacional aponta para a existência de escritoras ou pelo menos para o desejo das mulheres de se inserirem como tal numa área que sempre foi destinada aos homens. O poema encontrado, sem assinatura da autora, traz ao final, no lugar do nome, apenas "huma Bahiana" e trata dos desdobramentos da Independência da Bahia.

Desde o século XIX, as mulheres vêm ocupando e ganhando espaço, bem como público leitor, mesmo que muitas sejam expulsas deste espaço. Algumas foram banidas para sanatórios, como é o caso da poeta Jacinta Passos, que retomaremos adiante; outras, por questões ideológicas, sociais e políticas, conseguem alçar voos. O certo é que a literatura de autoria feminina, apesar dos espaços alcançados, continua sendo rotulada, desqualificada e marginalizada por não corresponder aos parâmetros do cânone estabelecido.

Boa parte das escritoras baianas já foram resgatadas por projeto de pesquisa encabeçado pela Professora Ívia Alves no Instituto de Letras e NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Mulher), ambos da Universidade Federal da Bahia, que começou em 1994 com o resgate de Amélia Rodrigues e, a partir de 1996 a 2002, resgataram-se as mulheres escritoras da segunda metade do século XIX até 1950. No ensaio "Pioneiras das letras da Bahia", do jornalista Jean Wyllys, ele afirma que a intenção do grupo de pesquisadores da UFBA não é discutir se os textos das escritoras devem ou não entrar no cânone brasileiro, e sim utilizar-se

[1] Publicado em Gilfrancisco. *Jacinta Passos: a busca da poesia.* Aracaju: Edições GFS, 2007, p.42-48.

[2] O baiano Ângelo Barroso Costa Soares nasceu em 1968 e faleceu em 2006, aos 38 anos de idade, vítima de infarto. Foi professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em literatura, doutorava-se em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense. Publicou textos em jornais e revistas.

das teorias feministas e de alguns instrumentos da análise do discurso. Interessa contextualizar, observar na construção de outro discurso, o diálogo com o discurso literário masculino que foi considerado oficial e legitimador.

Muitas escritoras se tornaram "invisíveis" mesmo tendo leitores; existe, portanto, um traço de misoginia. A literatura escrita por mulheres até bem pouco tempo era policiada pela sociedade patriarcal. Exemplo disso é a poética de Jacinta Passos, que além de policiada pelo regime político foi também policiada pela sociedade machista. Daí a necessidade de resgate dessa escritora, das mais combativas do século XX, que não se calou apesar de ser encerrada num manicômio.

O período que vai de 1930 a 1945 talvez tenha sido palco das maiores transformações ocorridas no século XX. A década de 30 começa com a quebra da bolsa de Nova Iorque, seguida do colapso financeiro. Assim, cada país procura solucionar internamente a crise, mediante a intervenção do Estado na organização econômica. Ao mesmo tempo, a depressão leva ao agravamento das questões sociais e ao avanço dos partidos socialistas e comunistas, provocando choques ideológicos, principalmente com as burguesias nacionais, que passam a defender um Estado autoritário, pautado por um nacionalismo conservador, adotando uma postura anticomunista e antiparlamentar.

Nesse panorama conturbado a literatura vai deixar de ser apenas lúdica para ganhar uma função social, combativa. É natural que o socialismo seja sua tônica, pois, muito mais do que mostrar a miséria dos pobres em contraste com a opulência dos ricos, era preciso revelar as contradições de uma organização social em crise. A literatura desse período adquire profunda significação humana e universal na medida em que representa uma nova tomada de consciência da realidade contemporânea.

Num momento em que a poesia brasileira passa pela crise de se fazer ainda uma poesia neoclássica, surge na década de 40 a poeta Jacinta Passos, e para tanto é necessário mais uma vez evocar a antológica frase do poeta Maiakovski: "Não há arte revolucionária sem forma revolucionária". Sua produção poética se inicia ainda na década de 40; inspira-se na poética da modernidade pelo cuidado e rigor com que trabalha um lirismo de alta voltagem. A chamada poética da modernidade tem em Baudelaire e Mallarmé seus maiores representantes; os dois vão assinalar a consciência de que fazer poesia é romper com a linguagem esclerosada de uma poesia de salão, feita apenas para deleite. A arte literária vai à busca da originalidade, uma vez que é preciso fazer uma ruptura com a tradição. Fazer diferente, "fazer o novo", diria Ezra Pound. Para Baudelaire, "a modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente, a metade da arte da qual a outra metade é o eterno e o imutável".

A poética de Jacinta Passos deixa marcas dessa inovação na linguagem, expõe a transitoriedade da vida, de que fala Baudelaire, sem abdicar do lirismo e

do humor como modo de enfrentar o fugitivo e o contingente. Sua criação poética não faz concessão aos modismos de época, mantém-se obstinada para falar de solidão, angústia, dos sentimentos da nossa condição humana. Como diria Foucault: "O saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar". (Foucault, NGH, p. 28), e certamente a poesia de Jacinta Passos reflete esse cortar de palavras, que como lâminas afiadas, serviu para cortar os pulsos da burguesia conservadora, mas serviu também para cortar uma vida num manicômio.

Embora a produção poética de um autor seja o único dado capaz de nos fornecer os elementos para a compreensão de uma visão de mundo, na maioria das vezes se faz necessário buscar o momento histórico, político, social para maior compreensão do fenômeno literário.

Jacinta Passos, filha de família abastada, da aristocracia rural do Recôncavo Baiano, como toda jovem, evolui de uma forte ligação com o clero baiano, para uma ativista comunista, filiada ao PCB; torna-se escritora e deixa-se confinar num sanatório para doentes mentais (MACHADO, p. 15). Após um período de estudo em São Félix, Jacinta passa a morar em Salvador com toda a família, onde vai estudar na Escola Normal, formando-se em 1932, sendo aluna destaque.

De forte formação intelectual de bases humanísticas, Jacinta, apesar de pai político ligado à UDN, que tinha como líder o fascista Plínio Salgado, sempre se mostrou transgressora e inquietante, pois não buscou a comodidade de manter-se apática ao momento político, sempre demonstrando interesse em lutar e defender as causas que julgava justas, haja vista o episódio em que se negou a cumprimentar o educador Isaías Alves, bem como quando deu aulas noturnas para empregadas domésticas na Escola Paroquial de Nazaré.

Assim, a tendência para uma literatura de cunho político já havia se consolidado no Brasil no chamado romance de 30, por meio de Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; no entanto, Jacinta inaugura uma poesia totalmente voltada para a militância do Partido Comunista Brasileiro. Ela não vai só mostrar as desigualdades sociais, mas reivindica mudanças, pregando a revolução do proletariado, como já havia acontecido na antiga União Soviética, com a Revolução de 1917.

O fazer poético de Jacinta Passos desde logo obteve um bom respaldo da crítica especializada. Assim manifestou-se Carlos Chiacchio (1884-1946), titular do coluna "Homens & Obras", do jornal A Tarde, na coluna publicada em 6 de outubro de 1937:

"Poesia, é o título arbitrário que adotei para revelar o nome de Jassy Passos. Os versos, ademais, não me foram mandados para nenhuma revelação. Eu é que reputaria um crime se não dissesse deles a surpresa agradabilíssima que me causariam. Por quê? Há entre nós uma inteligência harmoniosa de artista do verso, como Jassy Passos, e deve-se trazê-la à admiração justa do público que ainda

tenha em apreço espiritual as espontaneidades do talento. Não é possível o silêncio. Perdoem me os delicados melindres da jovem poetisa. Os versos é que não carecem de pedir perdão. Defendem-se com toda a força da sua indiscutível pureza. Vamos ler, sem mais comentários, o soneto Maria" (Apud Gilfrancisco. In: *A lírica da crítica social na poesia de Jacinta Passos*)

Em 1946, Jacinta Passos casa com o escritor James Amado em São Paulo. Nesse período, vivendo felizes em Monte Serrat, Jacinta escreve para o Jornal do Partido Comunista Brasileiro e prepara o livro *Poemas políticos*. Artigos e poemas que mostram uma intelectual combativa, consciente do seu tempo e da necessidade de mudança. Por tudo isso, aparece estampada no jornal O Momento uma foto da nossa escritora. Assim se manifesta Dalila Machado:

"Por tais atitudes corajosas, ela aparece numa foto na primeira página do "O Momento", no dia 17 de abril de 1946, fazendo parte do elenco de escritores e artistas que iriam receber no Rio o *carnet* do Partido Comunista Brasileiro, por haverem colocado a sua inteligência e sensibilidade a serviço das lutas da classe operária e do povo, militando nas fileiras do PCB". (Machado, p.23).

Em os *Poemas políticos,* 1951, vamos ter o resgate do maior símbolo de luta pela liberdade do Brasil, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que vai funcionar como uma espécie de fantasma que a todo o momento é invocado como herói maior da historiografia oficial; não se questiona o porquê de Tiradentes ser o único levado a forca, enquanto os outros, bacharéis em direito, foram poupados da morte, indo para o degredo ou exílio.

(...)
Recebi os mensageiros
Mister do rei venerável.
Beijei-lhe a mão no Palácio
Tiradentes. Dei discursos
Castiços salamaleques
E banquetes até rosa
Eu lhe cedi, respeitosa.
(...)
(Passos, 1951, p.21).

Ninguém viu a face. Seus longos cabelos
De mártir, alumiando o mar.
Contam que ele desce das montanhas, noite
Alta e vigia.
(Op.cit., p.31).
(...)

Aqui é Brasil. A infâmia outra vez. Te lembras, Tiradentes?
O quinto do ouro, a família real, e o vinte-e-um de abril?
Eu sei do medo e da cobiça. O demônio nascendo
No turvo. O demônio da guerra
Nascendo no cérebro dos cavaleiros do lucro: – Não podemos parar. Não queremos morrer.
E a terra sob os pés estrangeiros. Aqui é Brasil:
Ódio puro ódio, florestas e cidades acesas,
punhos altos se multiplicando
Ah! Cavaleiros do lucro como sois pequenos.
Sangue do asfalto de Esplanada aos campos de Tupã.
(...)
(Op. cit., p. 32).

Depois de alguns abortos, e após uma gravidez complicada que fez com que Jacinta Passos ficasse internada por seis meses na maternidade em Salvador, finalmente, em abril de 1947, nasce Janaína, o que parece a realização de Jacinta enquanto mulher, para quem ela escreve *Canção para Jana,* indo os três viver em Ilhéus. Em 1950, a família muda para o Rio de Janeiro, onde o marido passa a escrever na Imprensa Popular e a poeta lança o livro *Poemas políticos.* A publicação desse livro, bem como a militância revolucionária, levam Jacinta à prisão. A partir dessa prisão ela passa a apresentar distúrbios nervosos; data daí sua primeira internação em clínica psiquiátrica, segundo Dalila Machado, acompanhada do marido. Daí deriva a mania de perseguição.

A partir de 1953, Jacinta é transferida para um hospital psiquiátrico em São Paulo, onde fica internada sozinha, submetendo-se ao tratamento, hoje cruel e ultrapassado, de eletrochoque, choques insulínicos e barbitúricos, quando os médicos dão o diagnóstico de esquizofrenia paranoide. Escreve nesse período seu terceiro livro, *A Coluna*, publicado em 1957. Apesar do tratamento psiquiátrico a que foi submetida, Jacinta demonstra profunda lucidez ao resgatar a história da Coluna Prestes do ponto de vista do perdedor, uma vez que a história oficial é narrada sempre do ponto de vista do vencedor. Assim, Jacinta demonstra extrema lucidez ao rememorar um dos mais importantes movimentos de resistência da história do Brasil. Outra prova da lucidez de Jacinta está na dedicatória de próprio punho, no livro *Poemas Políticos,* para sua filha, a qual transcrevemos na íntegra:

Para minha filha
Janaína
Lembrança de sua

Mamãe
Jacinta
Bahia, ano-bom de 56

Portanto, não compreendemos por que Jacinta quis se isolar num hospital psiquiátrico. Quais motivos levaram Jacinta a buscar a solidão ao invés do seio da família? Seria a necessidade de ser só? Buscar seus próprios fantasmas? A esquizofrenia? O certo é que Jacinta jamais perdeu a altivez, nunca se fez de coitada; ao contrário, quando internada em Aracaju, ela fazia questão de dizer que estava trabalhando para pagar a estadia.

Após obter alta do Hospital psiquiátrico de São Paulo, retorna à Bahia, de onde segue para Petrolina, na divisa da Bahia com Pernambuco, permanecendo de 1958 a 1961, já separada do marido, que ficara com a filha. Em 1962, querendo ficar mais perto de Salvador, passa a residir na região metropolitana de Aracaju, mais precisamente em Barra dos Coqueiros.

Em Sergipe, Jacinta leva uma vida singela. Durante a noite escreve e durante o dia tenta vender seus escritos para complementar a quantia que a família remetia de Salvador. Vivia modestamente, isolada de tudo e de todos, fechada em si mesma. Passa a levar uma vida ainda mais pobre quando é despejada, indo viver num casebre tosco, sem cama, mas a beira da praia. Porém a pobreza absoluta nunca a fez parar de escrever; nunca deixou de responder com altivez àqueles que a importunavam.

Cabe destacar aqui o episódio descrito por Dalila Machado, quando Jacinta foi assistir ao filme “A balada do soldado” em Aracaju; ao terminar a exibição do filme, Jacinta, como boa intelectual e pessoa “antenada” com as questões do seu tempo, propôs um debate sobre o filme, o que não foi aceito por não estar bem vestida. Então ela conclama os estudantes de um respeitado colégio, O Ateneu, e os estudantes ficaram e debateram o filme. Mais um momento de lucidez de Jacinta Passos, que ao mesmo tempo que se isola da família, não perde de vista as questões de mobilização política.

Jacinta continuou a viver na contramão, transgredindo, fazendo manifestações. Discursava, muitas vezes não era entendida, sendo mais uma vez colocada à margem, mas ela sempre reagia às agressões, o que começa a incomodar os políticos do lugar. Interrogada várias vezes, Jacinta nunca baixou a cabeça; soube ser irônica, exaltada, demonstrando independência de ideias. Foi presa e recolhida ao sanatório público do Estado de Sergipe. Nesse ínterim a família é avisada, e Jacinta é transferida para uma clínica particular.

Em depoimento ao médico Dr. Hercílio Cruz, Jacinta demonstra profunda lucidez sobre sua vida e seu comportamento. Cabe aqui a transcrição da última parte da ficha médica:

"Em 1950 foi presa no Rio de Janeiro por causa da literatura política, livros de poesia que publicou – *Poemas políticos*; por essa prisão e pela perseguição política ficou "nervosa" e foi internada em estabelecimento cujo nome não se recorda, seguindo para o sanatório Charcot em São Paulo, onde se submeteu ao último tratamento em 1955, e, obtendo alta como curada, regressou à Bahia. De 1958 a 1961 residiu em Petrolina. Em julho de 1962 veio para Barra dos Coqueiros, porque achava mais perto de Salvador (sic)." (Apud Machado, p.30-31).

Com o golpe militar de 64 as autoridades passaram a perseguir todos aqueles que tinham ideias revolucionárias, sempre na contramão da burguesia, suportando as dores do mundo como dores individuais. Torna-se mais fácil colocá-la mais uma vez num sanatório psiquiátrico, tentando calá-la. Na casa de saúde em Aracaju, Jacinta assistia televisão, ouvia rádio, ficava afastada dos demais enfermos, demonstrando mais uma atitude de lucidez quando se negava a tomar remédios, afirmando ser presa política, tratada inclusive por funcionária do hospital como intelectual, jornalista.

Jacinta Passos, assim, fechou-se em si mesmo. Na sua solidão buscava sua própria liberdade, um lirismo sofisticado e ao mesmo tempo infantil, com imagens que remetem à sua infância em fazenda, família abastada e poderosa do Recôncavo Baiano, uma mulher de educação primorosa, que mesmo cerceada da sua liberdade de ir e vir, nunca deixou de alçar voos através de sua escrita, incomodando as elites da época, chocando por querer conquistar um espaço num lugar que foi destinado aos homens. Uma mulher que quebrou o cânone literário brasileiro, que foi reconhecida como grande poeta pelos mais renomados críticos literários; uma mulher que sofreu para realizar-se como mulher. Fez do cárcere, dos tratamentos dolorosos, sua vontade de viver, afinal, poderiam lhe tirar os dedos e ela continuaria manipulando o bem; poderiam cortar suas mãos e ela ergueria os pulsos; só não lhe poderiam tirar o amor, a vergonha e o poder da palavra, a escrita, pois assim ela morreria.

Para consolo de uma burguesia, falece aos cinquenta e nove anos Jacinta Passos, no dia 28 de fevereiro de 1973. Daí a necessidade de resgatar a poética e a vida de Jacinta, para que seja colocada no panteão das grandes escritoras do Brasil, e dos heróis que deram a vida pela abertura política – para que sirva de exemplo a gerações futuras.

A lira que brada[1]

José Umberto Dias[2]

Letras negras sobre folha branca compõem o estrado que espicaça a imaginação. O leitor inventivo submerge na mina de palavras à guisa de um repertório. Bebe-se então da fonte, com satisfação. A poética concêntrica de *Jacinta Passos*, sobretudo simpática e mutante, é um convite generoso à leitura sensível daquele que se afasta do feitio acadêmico. Ela desperta o refino de sentimento, pela via do útero com o rigor de sentido, esgarçando-se em rotações. Poesia parida ao corte umbilical da existência partida.

Viagem sem ancoradouro. Teto de vidro, quebrado. Errância em fome de absoluto. Certeza da simplicidade, embora paradoxal. A poeta bissexta brota do massapé do recôncavo baiano e logo descobre o luto geotectônico submetido à [des]ordem amorosa patriarcal. A intuição de feminismo inaugural se choca com a ortodoxia ideológica de conteúdo, cujas lâminas retalham seus nervos aturdidos, para depois experimentar o cárcere do manicômio e sucumbir contemplando o calvário na barra dos coqueiros de Sergipe d'El Rey.

O véu e a grinalda conspiram como fetiches de idealização nupcial da odalisca. *Jacinta* enjoa da boneca e os ovários fecundam vocábulos. Embora cultive e libere a maternidade como ofertório da criação em rito de sacrifício doador. A oralidade da cantiga de roda cadencia sua entonação. E o eco de criança se propaga na partitura das trovas. Num discurso que é voz com timbre de notas musicais. A vate compõe ode pela acústica de romança embalada em cordas de cristais. São estrofes inspiradas em modinhas cujo cântico das quadras configura a fuga em lá maior. Nesse estúdio da alma de bardo se solta a privacidade e escancara a alcova ao tom de confissão pública. Uma trovadora de repercussão vibratória. O verso em reversos de desdobramentos. Menestrel que convida ao outro. Dar-se pela

[1] Publicado em *Informe Sergipe*, republicado em Gilfrancisco. *Jacinta Passos: a busca da poesia*. Aracaju: Edições GFS, 2007, p. 39-41.

[2] Nascido em Sergipe em 1949, José Umberto Dias reside em Salvador há muitos anos. Sociólogo e cineasta, dirigiu vários curtas-metragens, como *O Doce Amargo* (1968), *A Musa do cangaço* (1981), e *Lua Violada* (2005), além do longa-metragem *Anjo Negro* (1972). Publicou, entre outros: *Dadá*. Salvador: EGBS/Fundação Cultural Estado da Bahia, 1988, a peça teatral *Desconhece-te*. Salvador: EDUFBA, maio, 2000, e, em coautoria, *Alexandre Robatto, Filho* - Pioneiro do Cinema Baiano. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1992.

janela de rua na perspectiva de construção. Canto de trabalho: didática de sedução. Viola que comunga; lira que reune.

Sua verve embola a cantiga num tropel de sons que nina a humanidade numa esquina do cosmo. Essa infância perdida e reencontrada na esperança de palavras abandonadas numa arca debaixo da ponte que rola o vapor de argonautas do Paraguaçu ao enlevo de seus ancestrais. A correnteza deságua no oceano, que acena para o mundo, ali mesmo onde as estrelas piscam mistérios de sete portas sujas e escancaradas. A atalaia da salvação adentra as igrejas barrocas em que anjos azuis mijam água benta nos umbrais. Mas a morte inquieta e o amor se projeta na solitude. E ampliando o panorama, a força que gravita o capital elege a exploração do ser pelo não-ser a desfilar no talude como Miss. A beleza por sua vez recua, na condição de mercadoria. A criança afasta o brinquedo, uma vez que se proíbe sonhar o sonho dos justos. Enquanto o trabalho se troca por frustrações e na oficina amorosa se compra desilusão. *Jacinta* recebe o lápis de cera e rabisca o silêncio que incomoda os corações cinzentos divididos em classes sociais.

Despede-se da "gente marcada" na direção das plagas do encantado. O canto alegre prenuncia o interregno, sem delongas. Orienta-se, porém, pela estrela do Oriente, sua guia que não cobra pedágio à revelação do segredo, das malhas invisíveis. E o tesouro que leva, escondido no púbis, antes distribuiu democrática aos camaradas de catacumbas. Segue a jornada, inteira e altaneira. As partículas encarregam de juntar-se ao junco. União ou fissura, importa a ternura. Já que a caminhada de pés descalços perdura sem a convenção do tempo ao espaço sem fronteiras. Transfigurada, beija a face do mundo, e perdoa a tristeza. A trilha não tem fim nem começo. Ela, de cabelos molhados na chuva, autorrecria sem lágrima sequer adeus, quando no percurso não faz alusão à saudade da "gaiola / onde canta o sabiá". Pois *Jacinta* não buscou a tradição do exílio, mas a revolta pacífica de reconciliação. Abandonou a aparência para o ingresso na essência, da palavra. A matéria, desse modo, possuindo uma segunda natureza, imprevista. A coragem consiste em enfrentar porquanto a servidão está em ignorar. A pureza, cristalina, desta feita transita à luz tão veloz quanto o idílio, indissolúvel.

Galope fugaz ao ventre que gera a desigualdade e aborta o mal. Território da miscigenação cordial com o travo de sangue pisado. O País do Entrudo cuja máscara de felicidade acolhe o ninho do infortúnio. E a mulher habita essa "prisão milenar". Quando então *Jacinta* ousa anunciar o seu canto de rua e o lamento do lar. São estrofes bifurcadas, posições oblíquas, gestos assumidos de nariz arrebitado, irreverentes. Uma semântica onde as contradições dançam embaladas em ritmo andante. De provincial à cosmopolita campônia. Superando a estreiteza do ego em busca do ilimitado mítico. A individuação cede espaço especial ao inconsciente coletivo. O seu coração bate no seio da comunidade. O totem comunista é o falo que corresponde ao jogo dum orgasmo espiritual pleno. E do

alto da impessoalidade, da renúncia à tribo personalista, da denúncia à armadilha gramatical corporativa, da negação à indiferença cínica, a voz coletivista vibra e evoca melodias no plano horizontal do arquétipo na anterioridade do relógio. O segredo íntimo da placenta cósmica estando para além da couraça de individualidade. Limitada, e ilusória. Exigindo-se de todo pênis e de toda vagina uma carinhosa e épica metamorfose: ultrapassagem. Voltas que o mundo dá, câmara.

Canção que se funde à ética. De compromisso, partilhada, engajada na pulsação de vida. De palavras, ritmo e comunhão, ecos-musicais, espontâneas e sinceras. Simplesmente, acrescentaria o visionário Rimbaud colorindo as vogais num palimpsesto comunitário.

Só o verbo redime essa mulher de fibra. E os poemas sentam no seu colo forrado de jasmins. Ela aí acaricia as contradições em versos livres que, às vezes, rimam ao ritmo das trovas populares ouvidas nos quintais de goiabeiras. Uma sonoridade embalada na redondilha de uma lira que se contém. Ao intervalo respira fundo, mas chora, indignada. Já que o verso não liberta, de imediato, ao menos desperta a pupila da menina num mundo adulto, de doer. Uma realidade em metamorfose. Uma rosa escarlate gerada à beira do asfalto poluído. Militante *à gauche* da comuna que brada por Lampião, companheiro esdrúxulo da vingança histérica nos sertões. Evoca a picareta fincada na cabeça de Trotsky exilado no México, onde a caveira da morte se come doce no velório de tequila. Para na penumbra se vislumbre que a criação do poder é o fantasma da liberdade de Buñuel de mãos dadas com o bardo Shakespeare. A política se mostra incapaz de produzir poesia. A fraternidade não se olha ao espelho. A igualdade se fragmenta em ambiguidades. À poeta resta ouvir a música de seus versos e sorrir ao ricto da loucura.

A escritora nomeia pessoas do seu afeto, mas impõe uma postura distanciada da melancolia e que lhe assegura o patamar de dimensão lendária. Esse foco narrativo, tomando de empréstimo elementos folclóricos, como contraponto de paródia, sublima o real pela categoria alegórica, em montagem de metalinguagem, a fim de pontuar possíveis conflitos de luta de classes numa taba que prima pelo regime da exclusão. Pontua a periferia do capitalismo tardio sem tropeçar em esquematismo doutrinário. O naturalismo das situações transcende a descrição para se atentar ao domínio da fábula. Uma operação transubstanciosa que beira o ingênuo. Mas a atitude é consciente de um olhar infantil. Os versos possuem o relevo das descobertas primárias. O coração fala por si. Não por mera paixão. Mas imbuído de uma preservação da candura nascida de baixo-ventre. Inaugurando paisagens, sem o filtro da convenção sisuda. Mostrando e escondendo, ao mesmo tempo. Descortinando, sem o véu da culpa. Brincando de inventar. Num exercício suave, ambivalente, às vezes tenso, provisório, incerto, indefinido, sem perder a fé, seu laço místico, até messiânico, cujo eixo central do redemunho

poético fosse a mandala infante diante do desconhecido. O intelecto, na instância, põe-se oblíquo. O entendimento vem por trás da intuição. Que se abre ao inesperado. E o fabuloso se encaixa na consciência pelo véu da transparência. As palavras partem da lembrança e jorram por livre associação. O jogo então tá armado. O resto é combinação, de sorte ou azar no tabuleiro da História.

A lírica da crítica social na poesia de Jacinta Passos[1]

Gilfrancisco[2]

Em novembro do ano passado (2004), a poeta baiana Jacinta Passos (1914-1973) completaria 90 anos de idade. E mais uma vez esta data passou despercebida dos estudiosos baianos. Apesar de ter sido uma das pioneiras na luta contra as injustiças sociais, esta militante comunista, que atuou em vários estados da federação brasileira, continua desconhecida entre as novas gerações. Jacinta Passos possui uma obra quantitativamente pequena, mas constituída de força e vigor, que deverá merecer a toda evidência as melhores referências críticas.

Poeta de alma popular, Jacinta Passos lutava entre a tempestade e o sentimento, para salientar a força da imagem e a originalidade poética dos seus textos. Por isso produziu uma obra em plena consciência crítica da condição/realidade humana, uma poesia para a vista, poesia para o ouvido.

Entretanto, só nos resta esperar a publicação, que ocorrerá ainda neste semestre, da reunião de sua obra, Canção Atual (4 livros), acrescida de novos textos, estudos críticos, iconografia e fortuna crítica, edição organizada por sua filha, a professora e escritora Janaina Amado.

* * *

A partir do modernismo brasileiro, vemos formar-se em nossa literatura um extraordinário conjunto de obras poéticas. Extraordinário não só por suas virtudes enquanto poesia, mas também – ao que tudo indica – por não encontrar paralelo em nenhum dos períodos anteriores. Este conjunto de obras oferece ainda uma característica singular, o intenso e produtivo diálogo entre os poemas e a política de seus autores.

---

[1] Este texto baseia-se em outro do mesmo autor, intitulado “Jacinta Passos: a busca da poesia”, publicado no *Diário Oficial do Estado da Bahia* nº 14659 , Caderno 4, 11. jan. 1991, por ocasião da publicação da segunda edição de *Canção da Partida*. “Revisado e ligeiramente ampliado”, segundo o autor, o texto foi republicado em: Gilfrancisco. *Jacinta Passos:* A busca da poesia. Aracaju: Edições GFS, 2007.

[2] Gilfrancisco (1952), baiano atualmente fixado em Aracaju, participou de grupos culturais e do Grupo Experimental de Cinema da UFBA. Licenciado em Letras pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), atualmente trabalha como professor universitário, pesquisador e jornalista em Aracaju, especializado em literatura baiana e sergipana. Além do livro sobre Jacinta Passos, é autor de, entre outros, *Gregório de Mattos, o boca de todos os santos.* (BDA/UNIT: 1997); *Crônicas & poemas recolhidos de Sosígenes Costa* (Fundação Cultural de Ilhéus, 2001); *Flor em Rochedo Rubro*: A Poesia de Enoch Santiago Filho (Secretaria de Estado da Cultura, 2005) e *Musa Capenga:* poemas de Edison Carneiro (2009). Escreve também para jornais, revistas e mídia eletrônica.

Embora a produção de um autor seja o único dado capaz de fornecer os elementos necessários à compreensão de uma visão de mundo, muitas vezes temos de perseguir, no momento histórico que envolveu a obra, as pistas para a compreensão do fenômeno literário. O conhecimento do contexto social, econômico, político e artístico que a cercou pode ajudar a compreender melhor sua temática, sua linguagem e até mesmo suas intenções, principalmente porque (sua concepção de que a poesia só tem sentido quando muda alguma coisa) poderemos estabelecer relações entre sua produção e cada um dos momentos que a envolveram. De sua obra tem-se melhor impressão pelas provas que nos dá de lucidez e competência ao lidar com as palavras; por isso é fácil deixar-se atrair pela elegância, pela clareza e pelo sentido rítmico de sua linguagem.

Jacinta Passos tem a poesia como forma de indagação e conhecimento do mundo, como uma luta em busca do sentido das coisas, da própria vida e da literatura, como a necessidade de resgatar a experiência da vida, de não deixar que ela se perca. Acompanhou as trajetórias da arte, durante todo o percurso crítico que empreendeu, no sentido de compreender, aceitar e participar das tendências por que passou a poesia brasileira, a partir da Semana de Arte Moderna em 1922. Jacinta Passos espanta pelo arrebatamento que marca não só sua obra, mas também sua vida, povoada de atividades múltiplas, porque as ações humanas implicam uma relação com a verdade. Por isso vê o poema como objeto construído com medida e rigor.

Nascida em 30 de novembro de 1914, na Fazenda Campo Limpo, no município de Cruz das Almas, sendo seus pais Berila Eloi Passos e Manoel Caetano da Rocha Passos, viveu alguns anos na cidade de São Félix, passando em seguida a residir em Salvador, juntamente com a família, por ocasião do ingresso do pai na carreira política, quando este foi eleito deputado estadual pela legenda da UDN-União Democrática Nacional e deputado federal constituinte.

Diplomada pela Escola Normal da Bahia, em 1932, com distinção, Jacinta Passos passou a lecionar nesse mesmo estabelecimento de ensino as disciplinas de Matemática e Literatura Brasileira no curso secundário. Jacinta Passos é uma das maiores poetas baianas, uma figura marcante no cenário político brasileiro, uma poeta de características construtivistas, que pesquisa e trabalha a forma, mas a linguagem que utiliza quase sempre é coloquial, simples, da mesma maneira como fala. A jovem baiana vive sua infância e juventude no interior do estado, em plena transformação, período cuja política se apoia na hegemonia dos grandes proprietários de terras. O panorama social que começa a se transformar em fins do século XIX, com a Abolição da Escravatura e o início da imigração, tem seu processo acelerado com a Primeira Guerra Mundial.

O domínio que a poeta da "Canção da Partida" foi adquirindo sobre as palavras, com uma sólida base humanista, vem desde "Momentos de Poesia", coletâ-

nea de versos, que mesmo inédita e sem título definitivo na época, foi submetida à apreciação do crítico literário Carlos Chiacchio (1884-1946), colaborador efetivo que mantinha no jornal *A Tarde* uma coluna intitulada "Homens & Obras" (1928-1946), onde publicou 957 rodapés, principalmente de crítica literária. O referido comentário, publicado em 6 de outubro de 1937, diz o seguinte: "Poesia, é o título arbitrário que adotei para revelar o nome de Jassy Passos. Os versos, ademais, não me foram mandados para nenhuma revelação. Eu é que reputaria um crime se não dissesse deles a surpresa agradabilíssima que me causariam. Por quê? Há entre nós uma inteligência harmoniosa de artista do verso, como Jassy Passos, e deve-se trazê-la à admiração justa do público que ainda tenha em apreço espiritual as espontaneidades do talento. Não é possível o silêncio. Perdoem-me os delicados melindres da jovem poetisa. Os versos é que não carecem de pedir perdão. Defendem-se com toda a força da sua indiscutível pureza. Vamos ler sem mais comentários, o soneto Maria":

Ergue-se a cruz no cimo do Calvário
Após cumprir sua missão, Jesus,
que por nós nasceu pobre e solitário
por nós agora vai morrer na cruz.
Já se fez o divino donatário
de tudo o que era seu. Bênção da luz
que desceu sobre o mundo tumultuário,
é doutrina de amor que ao céu conduz.
Prisão, tortura, sede, fundas dores
desprezo, ingratidões, açoites, horrores,
tudo sofreu por nós, pobres mortais.
E ainda nos dá, no instante da agonia,
santificado, o vulto de Maria
que é o bem maior que todos os demais.

"Dir-se-á que, nem o assunto nem a forma são essas novas. Quem já não escreveu sobre Maria? Antologias se contam. Quem já não fez sonetos? Só os que ainda não nasceram para poesias. O que há, porém, em Jassy Passos, é a concepção nova do sentido estético da fé – que há uma ética da fé – naquela chave, verdadeiramente de ouro, se já não fosse tão mal usada a expressão". Repitamo-la:

E ainda nos dá no instante da agonia,
santificado, o vulto de Maria
que é o bem maior que todos os demais.

"Nunca ninguém disse com mais simplicidade sobre um dos maiores temas do catolicismo, que é esse "bem maior que todos os demais", legado por Jesus.

Não se pense, todavia, que a arte de Jassy Passos se valha do sentimento místico para vingar louvores ou captar simpatias. O seu espírito é sincero. Em outras mostras dá mérito, acusa uma sensibilidade notável para os aspectos da natureza, como no poema 'Manhã de Sol', cujo fecho demonstra, apesar da homofonia, a emotividade lírica de Jassy Passos":

E todo esse esplendor se comunica
à alma da gente que vibrando fica,
e, com alta emoção, esplêndida e feliz bendiz
numa alegria incontida
a glória de viver e a beleza da vida.

"Já, agora, integra um dos poemas inéditos de Jassy a nova poesia baiana":

Meu sonho

O meu sonho
mais risonho
é suave e pequenino
resumindo entretanto o meu destino.
É de cor azul sonora
como o mar que longe chora.
É cor de infinito e de ânsia,
cor de céu, cor do mar, cor de distância.
Tem a leve suavidade
da saudade.
E a cantante doçura
de um regato que murmura.
Macio e encantador
É caricia de pluma e perfume de flor.
O meu sonho
mais risonho
é para mim, cada momento:
o motivo maior de doce encantamento.

"Sem nenhuma pretensão a gênio, mas com toda a espontaneidade de alma, Jassy Passos é uma das mais legítimas expressões do nosso lirismo feminino."

Seu livro de estreia: "Nossos Poemas". Dividido em duas partes, Momentos de Poesia, de Jacinta Passos, e a segunda, Mundo em Agonia, de Manuel Caetano

Filho – seu irmão, quatro anos mais moço. Salvador, Gráfica Popular, 1942, onde a religiosidade, marcada pelos anos de juventude, transparece ostensivamente nos 38 poemas. Muitos destes, publicados em vários periódicos de grande circulação nacional, como a revista cultural A Ordem, do Centro D. Vital, do Rio de Janeiro, fundada pelo sergipano Jackson de Figueiredo (1891-1928), onde publicou dois poemas em 1940: A missão do poeta, Vol. XXIII; Sacerdócio e Alegria, Vol. XXIV.

Embora "Momentos de Poesia" seja sempre citado como inicio da produção poética de Jacinta Passos, obra que reúne poemas marcados pelos motivos que Salvador e algumas cidades do interior baiano lhe haviam oferecido até aquele momento, são poemas latentes, ainda vagos, que a poesia luta para transformar em palavras concretas, buscando um caminho poético próprio, para quem o poema depende essencialmente da lógica de sua construção, procurando desmistificar os mecanismos de funcionamentos da linguagem. Por isso mereceu, quando do seu lançamento, um pequeno comentário publicado na revista Seiva nº 14, out. 1942: "Não importa, assim, que o sr. Manuel Caetano Filho seja mais cerebral do que sentimental – o que talvez seja uma qualidade da sua poesia; como não importa igualmente que a sra. Jacinta Passos ainda não encontrasse claramente o seu caminho. Mas não tardará a encontrá-lo. As qualidades de sua poesia são excelentes, nada ficando a dever, em expressão poética propriamente dita, a qualquer dos poetas que fizeram os grandes poemas a que nos referimos".

Sua segunda coletânea, *Canção da partida*. São Paulo, Editora Gaveta, 1945, o mais importante dos seus livros, apresenta uma edição limitadíssima de 200 exemplares em papel *bouffond* de 1ª qualidade, sendo 45 numerados e assinados pela autora e 10 exemplares contendo uma ponta-rica original do artista plástico Lasar Segall, marcados de A a J, tendo 121 páginas, onde a poesia de Jacinta Passos assumiu aspecto de maior espessura e ganhou condições de fluir em outros poetas, por ter sido um exato e comovido exercício de busca pelo ser. Porque a poesia se faz com as palavras com que homens e mulheres amam, se entendem, se complementam e indicam novos rumos, inserindo-se na ação divina no que ela tem de mais criador.

É a partir desse livro, que mereceu em 1990 uma 2ª edição, em comemoração aos 45 anos de sua publicação e 76 de nascimento da autora, através da Empresa Gráfica da Bahia/Fundação das Artes, com tiragem de dois mil exemplares, num belíssimo trabalho cuidadosamente apresentado pelo crítico paulista José Paulo Paes (1926-1998), que surgem as preocupações com os grandes temas do homem do cotidiano, as recordações de infância, a dor, tristeza, a solidão. Jacinta Passos vai criando uma tonalidade; suas experiências, suas lembranças, todos os seres formam uma continuidade dentro dela e dentro da história, um universo em que nos faz penetrar, povoado de símbolos expressivos que, aparecendo sob diferen-

tes formas, constroem imagens e metáforas reveladoras de um estado poético transcendente.

Em 1945, recém-casada com o escritor e tradutor James Amado, se candidata a deputada estadual pelo PCB da Bahia, sem conseguir eleger-se. É ainda o ano em que termina a guerra, com a vitória dos aliados, delineando-se a partir de então os caminhos da redemocratização no país, com o aparecimento de vários partidos políticos, inclusive o PCB, culminando com a destituição do presidente Getúlio Vargas. No ano seguinte, o Brasil ganha sua quinta Constituição e o PCB, que fora legalizado um ano antes, volta à clandestinidade em 1947. Em 1948, o país rompe novamente suas relações com a extinta União Soviética.

A partir daí, o país vivendo as influências da Guerra Fria, alinha-se ao Bloco Ocidental, que realiza uma política de contestação do avanço comunista. Transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1951, onde intensifica sua atividade política, passa a colaborar na "imprensa de esquerda": Voz Operária, Hoje, Imprensa Popular, dentre outros, e milita em organizações empenhadas na defesa dos direitos humanos e pela legalização do seu partido.

Jacinta Passos publica seu terceiro livro – "Poemas Políticos", Rio de Janeiro, Casa do Estudante, abril de 1951 –, dividido em três partes: Poemas Políticos; Canções Líricas e Canção da Partida, um pequeno livrinho de 87 páginas que totalizava 19 poemas. Sua presença também se estendia à política, na natural complementação de uma luta por uma sociedade justa e fraterna que abraçava todos os campos.

A própria instabilidade social do país favorecia essas oscilações, daí uma série de marchas e contramarchas estéticas. Desse exercício de adolescência, passou diretamente para a maturidade, cujos resultados seriam registrados nesse livro, obra composta de poemas reveladores das suas preocupações à época, que lhe garantiria um posto de destaque na poesia brasileira.

São poemas em que ela exprime a totalidade de suas experiências no plano da vida e da literatura, por versos carregados de paixão corporal, buscando na poesia uma forma de expressar suas mudanças e seu aprofundamento de visão da realidade: a solidariedade para com os menos favorecidos é um dos temas mais explorados por poemas longos, líricos em sua maioria.

Audaz, inovadora da linguagem poética e nutrindo o mais profundo respeito pela tradição, Jacinta Passos abriu, com sua solitária voz, as portas do cenário poético baiano em que a poeta, a cronista e a militante confluem para "agudizar-lhe" ao extremo a compulsão de mergulhar cada vez mais fundo em busca do novo, do moderno.

Ao desabrochar sua potencialidade literária muito jovem, Jacinta Passos está marcada por uma profunda unidade, com o seu perfil inquieto e revolucionário. Poeta da poesia, ela deixou uma obra – apesar de pequena, em termos de produ-

ção, mas de grande importância para nossas letras, que certamente sobreviverá à sua própria morte, verdadeiro tesouro que se manteve escondido por todos esses anos.

Jacinta Veloso Passos atinge uma tensão emotiva ainda rara em nossas letras, e através de combinações, o sagrado fogo da eterna poesia de extraordinária riqueza e lirismo, no mais espontâneo de sua criação poética, não altera nem perturba o seu prodigioso domínio sobre si, porque sabe de onde vem e para onde vai, com a mesma consistência e igual intensidade, desde o primeiro poema de "Momentos de Poesia" ao último verso de "A Coluna". Assim era a poeta Jacinta Passos, em permanente estado de poesia.

Ao conquistar lentamente um estilo pós-moderno, pós-guerra, onde já revelara o gosto pelo jogo de sons e ritmos, num "trabalho em constante progresso", exerce Jacinta desde seu livro de estreia uma função de unificadora de relações e de semelhanças, numa convivência perfeita entre a militância política nas fileiras do Partido Comunista desde 1945 com a habilidade de versejar.

Jacinta, poeta de muita autenticidade e talento na feição do poema participante, do poema de luta e de reivindicações sociais, fez sucesso, destacando-se como uma das vozes mais claras e gritantes da nossa poética militante, apesar de ser hoje um nome praticamente desconhecido na moderna poesia nacional. Com a publicação do livro "A Coluna", Rio de Janeiro, Coelho Branco Editor, 1957, longo poema em quinze cantos, servindo como roteiro o motivo principal, a legenda heroica da Coluna Preste, onde Jacinta Passos atesta o poder da "brava gente" brasileira, cantada e encantada num dos seus mais positivos movimentos de arrancada social de redescoberta do Brasil e dos caminhos de sua miséria.

A Coluna, seu último trabalho publicado, além de um grito de amor é peça histórica que se incorpora ao nosso cancioneiro, colocando-se ao lado de outros poemas no gênero, cuja tradição vem desde "O Navio Negreiro" de Castro Alves ou dos "Cânticos Guerreiros" de Gonçalves Dias. Jacinta Passos muitas vezes atinge um estado lírico total, principalmente quando narra o desfile desses heróis. A poeta cruz-almense soube compor o seu poema, revestindo-o de diademas em "quinze cantos" que colocou na fronte do povo em marcha, guiado pelo "comandante sem-par".

Portadora de um caráter descritivo, de originalidade de imagem e simplicidade de forma, ela canta desde o legado mítico, histórico e político de sua Pátria, sem se deixar abater. Essa postura de militante acompanhará até o fim sua longa e penosa trajetória, pois com a sensibilidade aguçada, a personagem funciona no poema como o desdobramento da personalidade poética da autora.

Essa mesma postura, sempre mais requintada, permanece ao longo de sua carreira literária, onde predominam as preocupações sociais. Na realidade, a poesia realiza um processo de autoescavação – é a luta entre a essência e aparência,

entre o eu que se mostra e o que se esconde. Com o título de "Canção da Partida", ele por si diz tudo – é que a leva a cantar a vida e o mundo que a cerca, ao mesmo tempo que se indaga sobre as relações humanas, sobre sua relação com o outro. Às vezes a autora tenta recuperar o tempo passado, vencer a distância que a separa das terras interioranas, onde ficou parte da infância.

À medida que percebe que o passado se torna presente, através da herança cultural legada pela terra, uma inquietação manifestada na sua autoconsciência, responsável pelo mergulho nesse passado, caminha para o entendimento com os que a cercam, forma de a eles se associar, o que conduz a poeta baiana ao questionamento da poesia. Desde "Momentos de Poesia", explícita ou implicitamente, o amor e a religiosidade ocupam significativo espaço em sua obra, como realidades que se afirmam e se negam ao mesmo tempo.

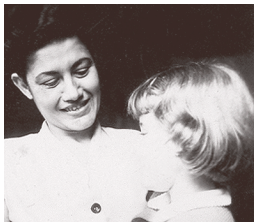
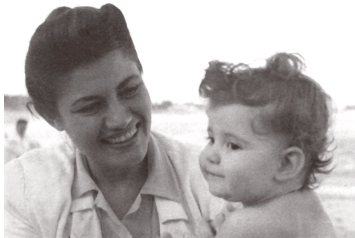
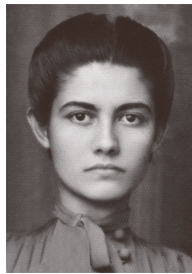
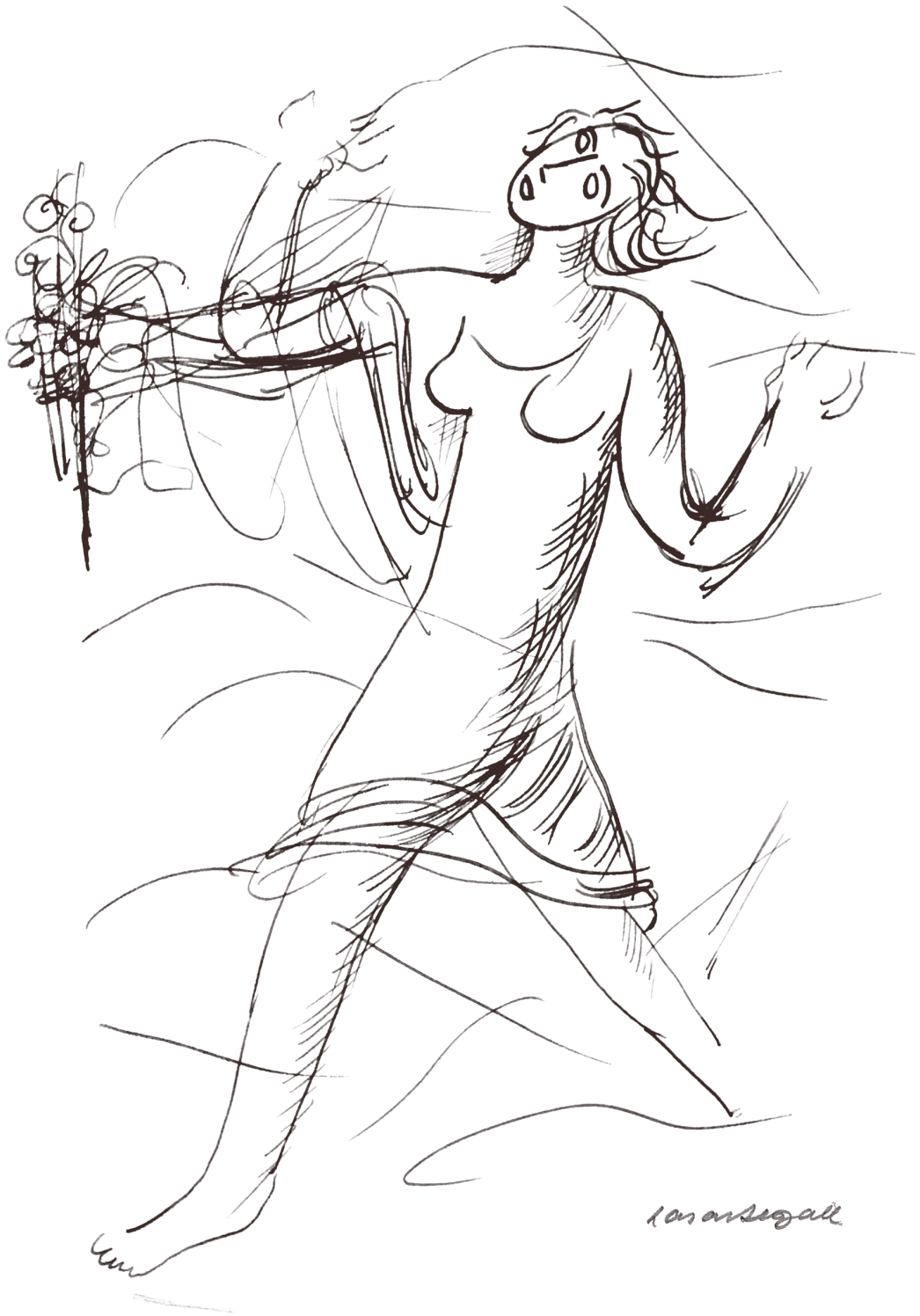
Talvez porque o que angustia a poesia seja a consciência do momento que passa, é a descoberta do tempo – não propriamente do tempo passado, mas do tempo puro, tempo original absoluto, idêntico à eternidade, que só a arte pode proporcionar. A primeira crise da sua doença mental manifestou-se em fins de 1957, e daí por diante passou por sucessivos períodos de internamento hospitalar. Entre 1958 e 1961, já separada do marido, James Amado, Jacinta Passos passa a residir na cidade de Petrolina, em Pernambuco, às margens do rio São Francisco, a qual faz limites com o município de Juazeiro, no estado da Bahia.

Entre 1962 e 1963, foram lançados no Rio de Janeiro, pela Editora Civilização Brasileira, as antologias dos cadernos do povo brasileiro – "Violão de Rua", em colaboração com o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, que saiu com três números dirigidos por Álvaro Vieira Pinto e Ênio da Silveira, sob coordenação do poeta Moacyr Félix. "Violão de Rua" era uma tentativa de manter uma posição de vanguarda sem comprometimento com o formalismo estético, utilizando todas as formas poéticas, inclusive as folclóricas e populares. O sucesso comercial da coleção foi tal que foram vendidos cerca de quarenta mil exemplares. Dentre os poetas, encontravam-se três baianos: José Carlos Capinan, Francisco Pinto e Jacinta Passos com dois poemas: "A morte do coronel" e "Elegia das quatro mortes" (fragmento), ambos publicados na edição extra nº III, de 1963.

Quando do golpe militar de 1964, marco de um longo período fustigado pela repressão, pela censura e pelas perseguições políticas, sua família, por precaução, resolve queimar os originais de seus livros inéditos: poemas e peças de teatro adulto e infantil, com o que se perdeu definitivamente toda a sua produção posterior a "A Coluna".

Desde julho de 1962, Jacinta Passos encontra-se em Aracaju e passa a residir em Barra dos Coqueiros, num povoado de pescadores localizado às margens do rio Sergipe, em frente à capital do estado, onde desenvolve suas atividades políticas junto à comunidade local. Presa no município Barra dos Coqueiros em maio

de 1965 pela tropa do Exército do 28º BC, é submetida a longos interrogatórios, permanecendo detida por alguns dias. Diagnosticada como doente mental, Jacinta Passos Amado é recolhida ao sanatório público Adauto Botelho e, em seguida, transferida em 3l do mesmo mês para a "Casa de Saúde Santa Maria", onde fica internada até morrer, em 28 de fevereiro de 1973, aos 58 anos de idade.

Jacinta Passos dirigiu por algum tempo o Departamento de Publicidade da LBA, além de colaborar com artigos polêmicos e explosivos em jornais e revistas de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, tendo exercido atividade jornalística diária no jornal *Estado da Bahia* e no *Imparcial*, durante a Segunda Guerra.

Textos escritos para esta edição

Novos estudos sobre Jacinta Passos

Os ensaios aqui agrupados foram escritos especialmente para esta edição por intelectuais, escritores, poetas e críticos que, a meu pedido, sem nada receber em troca, generosamente se debruçaram sobre a obra de Jacinta, em especial sobre sua obra poética. Cada um escolheu determinado assunto de seu interesse para analisar, um prisma do qual partir, um conjunto de impressões ou convicções a expressar, e o fizeram com total liberdade. Nenhum teve acesso aos textos dos outros.

Os ensaios heterogêneos aqui reunidos têm algo em comum: todos significam uma contribuição contemporânea, um olhar cheio de frescor sobre a obra de Jacinta Passos. O conjunto crítico traz Jacinta para o mundo de hoje, aproxima-a das nossas maneiras de vivenciar literatura e jornalismo, das sensibilidades atuais.

A colaboração que estes novos textos oferece é inestimável, já que constituem a ponte, a ligação (que pode se apresentar como ruptura) entre o que se vinha pensando e escrevendo a respeito de Jacinta Passos e o que se começa a pensar hoje. Por isso, eles também acendem polêmicas, já que alguns se opõem, explícita ou implicitamente, a idéias ou análises dos ensaios anteriores – reunidos na Fortuna Crítica –, estabelecendo com estes saudável diálogo crítico.

As perspectivas atuais dos textos que se seguem serão enriquecidas, estou certa, pelo surgimento de novos estudos, a partir das sugestões e provocações dos que aqui estão, e também a partir do acesso à obra completa da autora e à sua mais recente biografia. Há numerosos aspectos tanto da obra e como da vida de Jacinta inteiramente abertos à pesquisa e à análise, que jamais foram pensados de forma organizada. Entre eles, e somente a título de exemplo, lembro a relação da poesia de Jacinta Passos com o Modernismo e com a Geração de 1945, o excelente estudo de caso que ela oferece para discutir as ligações entre criação literária e loucura, o conjunto dos cadernos do sanatório, que em parte permanecem inéditos, a sua rica atuação política, as convergências entre essa atuação e a obra que escreveu, o conjunto da sua produção jornalística, o estudo (após complementação) da fortuna crítica, os anos obscuros em que viveu em Petrolina, os vínculos entre sua poesia e a dos artistas baianos da época, as ligações entre sua biografia e sua poesia, além de temas e problemas importantes em seus livros, como o *locus* do amor, da infância, da espiritualidade, da política, do gênero etc. A lista é numerosa, desdobra-se em muitas.

Ângela Baptista, Gerana Damulakis, Fernando Paixão, Florisvaldo Mattos, Hélio Pólvora, Guido Guerra (que infelizmente já nos deixou), Ildásio Tavares e Simone Lopes Pontes Tavares, os autores dos textos escritos para esta edição, nem imaginam o quanto lhes sou e serei para sempre grata. Por minha culpa, eles em geral produziram textos curtos, pois à época, num desvario de otimismo baseado no meu desejo e não em fatos, pensei poder terminar e publicar este livro muito mais rapidamente do que consegui, e por isso os apressei a entregarem seus textos. Meu consolo por atitude tão inadequada é o brilho de suas contribuições.

As notas redigidas pelos autores estão assinaladas como "Nota do texto original", para diferenciar daquelas que redigi.

Presença do humanismo militante na poesia de Jacinta Passos

Florisvaldo Mattos[1]

Na introdução à segunda edição de *Canção da partida* (Salvador: Fundação das Artes, 1990), José Paulo Paes lamentou estivesse a poesia de Jacinta Passos (1914-1973), àquela altura, "ausente das livrarias" desde a publicação de sua última coletânea de versos, *Poemas Políticos,* 39 anos antes, precisamente em 1951. Atribuía tal ausência a "razões de vária ordem", como "o reconhecido descaso do leitor brasileiro" pelos livros de poesia, o que condenava estes, "com raríssimas exceções, a uma vida editorialmente curta", e a problemas de saúde que afetaram a vida da poeta.

Ponho-me a cavaleiro desse vexame editorial, já que coube justamente a mim, por razões que atribuo à ingerência dos fados, então na presidência da Fundação das Artes (1987-1990), na gestão do governador da Bahia Waldir Pires, o privilégio de apoiar e favorecer as iniciativas que resultaram na segunda edição de *Canção da partida*, de cuja organização e estudo crítico se incumbira José Paulo Paes.

Atendendo a um gentil convite de Janaína Amado, sua única filha, volto agora a me encontrar com a poesia de Jacinta Passos. E não poderia imaginar quanto me iria oferecer de aprendizagem e deleite espiritual essa auspiciosa homenagem. Primeiro, retirando-me do desconforto de leitor de um único livro da poeta, o já citado *Canção da partida,* em sua edição baiana; depois, por me permitir a leitura de outros, desde o inaugural, *Momentos de poesia*, 1942, a própria *Canção da partida*, na edição de 1945, com ilustrações a bico-de-pena de Lasar Segall, *Poemas políticos*, de 1951, e a sua poesia de nítido vinco ideológico de *A Coluna*, de 1957.

[1] Baiano de Uruçuca, Florisvaldo Mattos (1932) é poeta, jornalista, crítico literário e escritor de méritos reconhecidos no país. Professor aposentado da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ocupa a Cadeira nº 31 da Academia de Letras da Bahia. Entre outros livros, publicou *A Caligrafia do Soluço e Poesia Anterior* (1996), *Mares Anoitecidos* (2000) e *Galope Amarelo e Outros Poemas* (2001), de poesia; e *Estação de Prosa & Diversos* (1997), *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates* (1998) e *Travessia de Oásis – A sensualidade na poesia de Sosígenes Costa* (2004). Foi durante anos editor do "Suplemento Cultural" do jornal "A Tarde", de Salvador, onde também tem exercido cargos de direção jornalística.

Confesso que saí dessas leituras altamente reconfortado, como que liberto de uma culpa, e enriquecido pelo que me trouxe a ampla gama de significados presentes no corajoso lirismo de Jacinta Passos. E foi percorrendo as latitudes desse estuário que atentei para as singularidades de um norte temático, responsável por rupturas na criação poética, para as quais o ano de 1939 se oferece como ponto de partida, justo com o poema intitulado "Campo Limpo", quando paulatinamente começa a desaparecer de sua poética o que José Paulo Paes chamou, em seu estudo, de "flexão verbal da súplica", elemento condutor de símbolos por meio dos quais anteriormente se expressavam o espírito religioso e o temperamento místico de Jacinta Passos.

"Campo Limpo" parece estabelecer uma divisa. A índole poética como que, gradativamente, se desvia, se exila das invocações místicas, em busca de outras cogitações, outros cenários, onde o nome de "Senhor", conquanto presença ainda não indispensável, vai se ausentando, substituído por outras formas de satisfação espiritual e existencial.

Poemas são janelas, e poetas, faces, prontas para descobertas, há de ter pensado Jacinta, em fins de 1939, provavelmente quando redigiu este poema, que a fez vislumbrar, primeiramente, o ardor da "natureza viva", brotando do ardor da seiva de campos, a ondular ante novo olhar de assombro para as formas da existência real. Vê profundidades de noites e estrelas, num esplendor de beleza, que a faz perceber em si "uma estranha alegria" – a terra, os campos, a paisagem, como pedaços vivos de si própria, vibrações de uma vida amanhecente.

Realmente, amanhece ali outra Jacinta Passos, e logo se produz um encadeamento vibrante de temas. No primeiro poema de 1940, "Alegria", mente a perscrutar, a poeta descobre o "irmão desconhecido e anônimo", cuja "face marcada pelo sofrimento" tem o "traço de semelhança" com a verdadeira "face perfeita de todos os homens".

Tudo doravante tornar-se-á matéria de descoberta. Neste mesmo 1940, já com a guerra de Hitler avançando – "A guerra", "Poema" –, veredas de amor e ternura se abrem pela via mais larga da solidariedade; o olho e o olhar se aproximam de seres humanos carentes de cuidado e afeto.

> *Simplesmente,*
> *tranquilamente,*
> *eu me abandonarei a ti num gesto de oferenda.*
> *Encontrarás no meu olhar a compreensão das palavras que não disseres.*
> ("Poema", *Momentos de poesia*)

A virada se acentua em 1941 com a assunção plena da consciência solidária, a introspecção reflexiva mostrando o sentido da vida em favor de outrem, em

poemas como "Compreensão" (*Esquecida / de todas as dores do mundo, do mal profundo da vida*), "Mensagem aos homens" (*Inteira, pura e livre como a luz, a livre luz das alvoradas*), "Mistério carnal" (*Corpos humanos que a morte tocou. / Por que esperam os corpos abandonados / na branca solidão do vasto cemitério?).*

No processo de libertação da transcendência para a progressiva assunção de uma consciência social, antes mesmo de firmar-se uma opção de cunho ideológico sob os ditames de uma agremiação política (sabe-se que ela em 1945 filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro), Jacinta Passos começa a delinear um panorama temático com a sensibilidade voltada para uma gama de preocupações e anseios que futuramente se vão desdobrar e se firmar, a par com as marchas e contramarchas de um processo político, através de movimentos, campanhas, organizações, bandeiras, cuja força de atuação irá se afirmar e crescer, abarcando sucessivos decênios, à medida que o século XX avança, para se transformar em uma quase neurose, ao irromper o XXI.

Esse amálgama ideológico que busca se definir numa contracorrente das mudanças políticas cristaliza-se em torno de um feixe temático que, agindo como doutrina de múltiplas faces, vai concentrar-se em fenômenos sob a forma de lutas em defesa da cidadania, do meio ambiente e da internacionalização de propostas globais de total afirmação das potencialidades do humanismo.

Tenho para mim que esse painel temático se escalona, arbitrariamente, na seguinte ordem:

1 - a mulher, a condição feminina, inserida num processo de afirmação e ascensão;
2 - a criança, que desperta a confiança no futuro, a merecer atenção, sendo até objeto de projetos e programas, em escala mundial, que impeçam venha ela mergulhar no desamparo;
3 - a natureza, expressada como um bem a serviço da felicidade geral dos homens, refletindo-se em todos os passos da existência humana, o que pressupõe uma luta permanente pela sua preservação;
4 - finalmente, a eleição exaltada das manifestações populares como refúgio dos desassistidos e vencidos pelos desajustes da própria ordem opressora, na qual se inserem todas as vítimas das desigualdades sociais.

Configurando o que já era uma tendência no livro anterior, *Canção da partida* se apresenta como uma síntese do engenho antecipativo desse humanismo militante, que, por vezes, na dimensão das ações práticas, toma a forma de humanitarismo. Ao longo deste livro, a poeta constrói poemas, que vão acumulando, concentrando as potencialidades de uma energia humanista, que não seria demasiado chamá-la de raiz precursora de atitudes, comportamentos,

posturas e ações, englobadas sob os rótulos de cidadania, ambientalismo e internacionalização de hábitos e signos culturais.

Instala-se um campo magnético de implementação de vontades, na esfera de criação, de aspirações positivas, de ações em defesa dos mais carentes e mais fracos, símil daquele momento posterior à Segunda Grande Guerra, que fez acender ânimos e crenças – aquele "*suelo de creencias"*, vislumbrado por Ortega y Gasset – , ao tempo que se desmoronavam velhas e caducas formas de afirmação e poder, sob o pálio de novas ideias e padrões de convivência humana e social. Ruem os modelos de dominação do homem pela porta do individualismo, instalando-se uma nova ordem pontuada pelas ideias de liberdade, democracia e socialismo.

Hoje, ao fim de uma trajetória que levou de roldão mitos e crenças, alçam-se bastiões de propagação das criações do espírito, como a se instalar um estado de necessidade regido pela lucidez, cujo universo se manifesta e se codifica por meio de novas palavras, novos signos, novos gestos, propagados como compromisso de teor universal.

Em face disso, numa linha de premonição, a poesia de Jacinta Passos distingue-se como uma luz precursora de etapas e realidades futuras e se afirma, apesar de editorialmente curta, como um farol, a iluminar múltiplas sendas, planaltos e planícies, onde se vão empreender marchas fatigantes, porém essenciais.

Vejamos como se apresenta a poesia de Jacinta Passos nesta sugerida grade temática.

Três poemas de *Momentos de poesia* – "Mulher", "Mistério carnal" (ambos já anteriormente aludidos) e "Canção simples" – deflagram o processo em que a condição feminina rompe o grilhão da religiosidade, a que a poeta se filiara por doutrinação espiritualista e inclinação mística, para adquirir expressão de independência em "Três canções de amor", "Canção da alegria" e, principalmente, num poema de mais fôlego estrutural, "Chiquinha" – todos de *Canção da partida*.

No primeiro dos três últimos, valendo-se de reiterações de uma cantiga de roda do folclore infantil, no ato de oferecer o corpo de mulher ao amado, porque assumida a condição com naturalidade, sabe que *amar é doce*, enquanto o efeito da entrega *agora muda o sol*, que *muda a terra*, ela e também o parceiro, para ambos virarem passarinho, símbolo de pureza e liberdade. E logo a série de perguntas emblema:

Cadê a Princesa?
A Princesa fugiu?
A terra tremeu?
A torre caiu?

O amor é grande, porém ainda sobram determinações, regras. Logo a poeta decide mandar, e é uma ordem:

Abra a porta,
queremos entrar!
(...)
Que porta pesada.
Que porta caturra!
Empurra!
(...)
Já cresce o gigante
maior que o mar.
A porta de bronze
vai arrombar!

No segundo poema, "Canção da alegria", elementos do folclore infantil de matriz rural se unem no ato de fazer para sugerir um outro fabrico, além da farinha, quando a urupemba, de tanto peneirar, não resiste, e logo sobrevém o aviso, o grito:

Olhe o rombo
olhe o rombo
olhe o rombo arrombou!
olhe o cisco
olhe o risco
urupemba furou!
(...)
Escorra! Escorra!
Tirai essa borra!

E restará no fim:

Farinha fininha
Peneiradinha!
Ai! vida, que vida
minha! nuinha!

Vida igualzinha à da "Nêga Fulô", de Jorge de Lima.

Dedicado a sete mulheres – todas certamente de linha participante, como a poeta –o poema "Chiquinha" tematiza a condição feminina numa perspectiva his-

tórica que enfileira geografias e impérios remotos, séculos, humanidades e conflitos, rumo à libertação do indivíduo mulher em plena sociedade burguesa capitalista, onde a máquina, símbolo de escravização mecânica, se torna o instrumento ideal de, por artes da perseverança e da determinação, alcançar-se a salvação.

A máquina, típico meio de extensão de braços e mãos, depois do inexorável passar de sofrimentos e humilhações, liberta na mulher operária o corpo *de serva doméstica* e, arrancando-a de casa, *derruba paredes / limites, fronteiras / do lar, doce lar / – prisão milenar.*

E um corpo liberto constrói o mundo, pela dignidade do trabalho, bom e valoroso – o bastante para a poeta proclamar e concluir, indagando afirmativamente:

Chiquinha
tu sabes que a máquina
que move
o mundo moderno
te vem libertar?

Em "Canção simples", o recurso ao verso em redondilha patenteia vontade de alteração, de mudança, com um dinamismo rítmico que acondiciona o impulso de vencer a adversidade da submissão feminina, refletida comparativamente na imagem da *flor caída no rio, que a leva para onde quer*, como fatal destino. Mas, encadeando paralelismos, a poeta maneja uma dialética em que subsiste a ideia da "mulher semente", da entrega da virgindade como uma divisão que não deixa resto, das confissões masculinas de amor infinito que contrastam com a finitude da vida, para por fim rotular a submissão chancelada pela relação sexual como expressão da "fraqueza humana".

Não sem razão, José Paulo Paes, em seu estudo crítico, invoca observação de Sérgio Milliet, que ressaltava, em Jacinta Passos, uma sensibilidade "marcadamente feminina", a abrir-se para "uma visão crítica da condição da mulher rara de encontrar-se na poesia brasileira" até ali, basicamente por meio da criação poética projetada na *Canção da Partida*.

"Cantiga das mães", de *Momentos de Poesia*, encara o tema da criança numa clave de fatalidade, subjacente na inevitável perda maternal do filho, por efeito de um determinismo existencial, imposto pela ordem natural das coisas.

Fruto quando amanhece
cai das árvores no chão
e filho depois que cresce
não é mais da gente não.

Porém, não é a cadeia do afeto possessivo, supervisionada por um desígnio da natureza, capaz de impedir que filhos cresçam – *antes ficassem meninos / os filhos do sangue meu*, geme o coração materno –, pois quem leva o filho não é a morte, mas a própria vida, na dialética de uma realidade cíclica.

Amargamente, para a mãe, os filhos partiram – *foram viver seus destinos, / isto sempre foi assim*, consente a razão conformista –, longe, bem distante de *berço, riso / coisas puras, / brigas, estudos, travessuras / tudo isso já passou*, rematando com o doloroso refrão:

Foi a vida que roubou.

Depois da "Canção para Jana" (*Poemas Políticos)*, na qual, ferida no mesmo bordão de perda irrecusável – *Flor buliçosa / rosa, crescei* –, suspira a incerteza da volta, para agasalhar-se na *sombra aqui destas asas / até um dia*, é na "Canção de brinquedo" que o estado de resignação se impõe, na certeza de que *no reino da terra / riso será*, riso que (avisa) *não é de graça*, porque para *a flor de sangue* invocada (a criança) *tempo virou / tempo virá*. E mostra a linha de risco, marco de desafio, já que a menina não é *flor sozinha*, logo novo aviso:

Um olho aceso
entre as mulheres
criatura minha.

E então manda o destino de ser liberto, que segue (a menina) puxando o novelo:

Agora sim.
Flor no cabelo
entra na roda e dança, ó jasmim.

Obra seminal desta antecipação de temáticas que irão proliferar num contexto de humanismo universalizante, *Momentos de Poesia* apresenta o poema que traduz o sentimento inaugural de devoção e reconhecimento do primado da natureza – "Campo Limpo", justamente o nome da fazenda onde nasceu Jacinta Passos, nas proximidades de Cruz das Almas, no Recôncavo baiano.

É lá que, nos seus *campos banhados de sol*, literalmente viceja *o ardor da seiva rebentando nessa natureza viva*, propagado em doçura de céu crepuscular, árvores frondosas *que se alongam como fantasmas quando a noite desce*, cujo esplendor de beleza provoca *uma estranha alegria*, por de lá provirem *sombra e flor e fruto* – paisagens que fazem reviver, interiormente, *todos os instantes perdi-*

dos para sempre, ocultos, de uma infância já morta, mas conservada no ser profundo.

Nessa poética de descortino virtual do mundo, o amor livre, presumido e desejado em canção, não acontece apenas com o despir da roupa da mulher, mas no instante em que o *corpo é fruto* ("Canção do amor livre"). Traduzido em escrita despojada:

Peixe e pássaro, cabelos
de fogo e cobre. Madeira
e água deslizante, fuga
ai rija
cintura de potro bravo.

E o corpo masculino aflora como

Relâmpago depois repouso
Sem memória, noturno.

A predisposição de amar, de dar-se ao amor ("Chamado de amor"), não se consuma como exorcismo carnal, mas como forma delineada a partir de potencialidades da natureza que se manifestam:

Tanta laranja madura
ai tanta!
que aroma vem do quintal.

A maré já deu passagem
cresce meu canavial.
(...)

Jasmim da noite floriu.
Jasmim.
Acabou-se o bem e o mal.

Desde o recurso à inserção de formas líricas oriundas do universo infantil, usando refrões de cantigas de roda – *Passa / passa / passará / derradeiro ficará* ("Canção da Partida"); *Eu fui por um caminho. / Eu também. / Encontrei um passarinho . / Eu também* ("Três canções de amor"); *Su su su / neném mandu / quem dorme na lagoa / é sapo cururu* ("Cantiga de ninar") –, de formas folclóricas (samba-de-roda), até toadas de trabalho – *Urupemba/ urupemba / mandioca aipim! / peneirar / peneirou / que restou no fim?* ("Canção da alegria"), como observa José

Paulo Paes, a poesia de Jacinta Passos avança para latitudes criativas em que ressaltam preocupações com as adversidades do ser humano, centradas no sofrimento e em estados de infortúnio que se apossam de almas desamparadas pela sociedade, de que são exemplos, para resumir, os poemas "Navio dos Imigrantes", "Sangue Negro" e "Carnaval".

O primeiro deles, dedicado ao pintor Lasar Segall, que ilustra a primeira edição de *Canção da Partida*, exalta a triste saga aventurosa de seres humanos impelidos aos quadrantes do mundo por vicissitudes diversas, como *corpos largados / desamparados, / límpido tempo / de primavera / mora no fundo / de vossa espera.*

Corpos humanos
suportam corpos,
seus desenganos.

Corpo, cansaço
longa viagem,
busca um regaço
terra ou miragem.

O segundo, "Sangue Negro", lavrado em vertente nitidamente social, irradia um halo de confiança plena na extinção do flagelo da miséria que se abate sobre seres humanos, através de forças latentes criadoras do progresso material, como no fazer jorrarem as reservas petrolíferas das profundezas do solo baiano – *sangue negro cor da noite / da cor do preto africano*, em alusão ao braço que muito deu à terra de que foi escravo –, energia libertadora, que impulsiona transformações múltiplas, refletida até mesmo no aboio de indício mutante do vaqueiro nordestino – *O homem tira da terra / a chuva que o céu não dá*. E até, com a alma transbordante de fé,

O lavrador
largará a enxada que dos pais recebeu
e moverá os arados mecânicos
que os homens de outras terras lhe ensinaram
através da distância e dos ventos oceânicos.

Em "Carnaval", manejando o verso-livre – uma particularidade formal da poética modernista –, a linguagem se solta, variam timbre e ritmos, aflora um estado de ânimo que, penetrando numa expressão da vida popular, acompanha o seu desenrolar, impelido pela imaginação plural, em flagrante manifestação de liberdade ao longo dos espaços urbanos, chancelado pela mistura de raças e classes, cores e ritmos, própria da cultura da Bahia.

É ali que, pelos cantos e batuques, o *negro é rei.*

Negro é rei
no carnaval,
tem manto, tem cetro,
e o chapéu de sol
é pálio real.

É no carnaval que *gritos humanos, interjeições, / lança-perfumes, desejos sem rumo* (...) / *um cheiro forte de todas as raças, / vibram no ar.*

Uma massa humana,
todas as cores,
todas as raças,
todas as classes,
em confusão.
De que subsolo irrompeu, informe, nua,
essa nova realidade sem nome que dança na rua?

E prossegue a poeta, registrando em versos a mistura sem fim – homens, mulheres chiques que têm amantes, vagabundos elegantes, literatos de academia, gente graúda, gente pobre, louro estrangeiro, ondas humanas, cuja voz se perde na multidão e no asfalto.

Um povo surgiu, surgiu não sei donde
dançando, cantando, um povo surgiu.

Universo de símbolos em que se reflete a alma de Jacinta Passos, porque a um só tempo está no seu sangue, em que se concentram sementes de vida popular.

No meu sangue,
as raças,
as classes,
os povos
misturam-se.
Eu sou a Bahia.
Viva o Rei Momo! hoje é seu dia.

A permanência da poesia de Jacinta Passos há de ser analisada pelas virtualidades que antecipa o seu humanismo militante em relação a temas hoje

mundialmente disseminados sob rótulos e bandeiras diversas em defesa de princípios como cidadania, meio ambiente e solidariedade internacional na luta contra a ignorância, a violência e a miséria, por efeito das palavras que usa para expressar seus estados de alma, na busca de si mesma.

Desta maneira, poemas, versos, timbres e variados ritmos de sua obra, lastimavelmente curta, fazem-na uma precursora de ideias, movimentos e campanhas hoje agasalhados sob o vasto pálio da ação humanista patrocinada por organizações não governamentais (ONGs), instituições nacionais e internacionais, em vários países, proclamados e consagrados como vias capazes de assegurar ao homem paz e sobrevivência produtiva na terra. Uma poesia que propaga sonhos e metamorfoses, pela força de seu lirismo.

Jacinta Passos, a travessia

Hélio Pólvora[1]

Chega a ser perturbadora, no nosso empenho de bem compreendê-la para justificá-la, a travessia da poeta Jacinta Passos do seu inicial lirismo simples, espontâneo e algo ingênuo, para a poesia de embate ideológico. Viveu um período de agitação política e despertar de consciência social, no Brasil e no mundo inteiro, marcado pelos mais profundos transtornos do ser – e, no entanto, em vez de acomodar-se, ou simplesmente pôr-se à margem, como fez a maioria, ela alistou-se no pelotão dos insatisfeitos e dos combatentes.

Olhamos para trás, para o Brasil do decênio de 1930, marcado pela revolução que acabaria por instituir o Estado Novo, em 1937, impor a ditadura durante largos anos e sacrificar opositores. Um Brasil agrícola e pastoril, resignado exportador de produtos primários, porque não iniciara ainda o seu processo de industrialização. A população menor e a resignação dos ânimos quanto a direitos sociais feridos haviam instaurado um modelo de vida mais calma, mais contemplativa, sem obstar, no entanto, a fermentação das ideias. Logo viria a guerra ao modelo nazifascista, da qual o Brasil da era getuliana participaria por força da opinião pública. As esperanças de um mundo melhor no pós-guerra cederam vez à guerra-fria, com a bipolarização Estados Unidos-União Soviética, ou capitalismo contra socialismo.

No seu penúltimo livro, *Poemas Políticos*, estampado no Rio de Janeiro em 1951, a poeta interpela Chiquinha, figura do povo, a propósito de uma máquina. E pergunta-lhe, ironicamente:

Tu sabes
Chiquinha

1 Natural de Itabuna, Bahia, Hélio Pólvora (1928) fez estudos secundários em Salvador e curso superior no Rio de Janeiro, onde residiu 32 anos, a partir de janeiro de 1953. Nesta cidade iniciou longa carreira literária e jornalística. Seu primeiro livro de contos, *Os Galos da Aurora*, data de 1958 e foi reescrito e reeditado em 2002. Escreveu mais de 12 coletâneas de histórias curtas – tornando-se um dos mais respeitados e premiados contistas brasileiros –, entre elas *Estranhos e Assustados* (1966), *O rei dos surubins* (2000), *Contos da Noite Fechada* (2004) e *Memorial de Outono* (2005), além de ensaios de critica literária e volumes de crônicas; é também tradutor para o português de cerca de oitenta livros. Reside em Salvador e pertence à Academia de Letras da Bahia.

Que a máquina que move
o mundo moderno
te vem libertar?

Mas, retomando o tom sério, de denúncia, adverte logo:

Tu sabes
(isto sim, tu sabes)
a máquina tem dono
e tu tens apenas
teu corpo de carne
que pede comida
e roupa
e abrigo,
teu corpo de carne
agarrado à vida.

A máquina
precisa mover
dinheiro! dinheiro!
e tu
precisas viver.

Esses versos valem para os dias de hoje, de destruição em massa do Afeganistão e do Iraque, de matança de palestinos em suas próprias terras invadidas – atos que fazem recrudescer o terrorismo gerado, à sua vez, pela dominação econômica. Comprovam, tais versos, a atualidade da poeta Jacinta Passos, tocada na sua sensibilidade aguda de mulher solidária e de poeta das causas nobres pela crueldade anticristã.

E note-se que, na breve poética de Jacinta Passos, a sua nascente trouxera apenas águas claras, remansosas, de um lirismo bem comportado, com um toque de religiosidade que beirava o misticismo. É a fase da iniciação, da tentativa de captar instâncias de poesia que ela sente dentro de si, em efervescência, mas não sabe definir direito. Sua primeira coletânea de poemas, *Momentos de Poesia* (Salvador, 1942, portanto ainda em plena Segunda Guerra Mundial) traz versos ainda com um resíduo da adolescente de Campo Limpo, no interior do município de Cruz das Almas, onde nasceu: vaqueiros, folguedos infantis, amas, as paisagens campestres que se estampam para toda a vida na memória, imagens, em suma, de um berço de moldura senhorial, como costumavam ser, nos primeiros decênios do século passado, os clãs de origem rural. Outras imagens do Vale do rio

Paraguaçu, por onde passou a família, e, depois, Salvador – o fórum, enfim, do aprendizado regular, da assimilação progressiva de ideias e da controvérsia que sustentam com os rígidos modelos da educação pequeno-burguesa.

A poesia dessa quadra vital de Jacinta Passos é mais um estado de abertura à poesia do que de realização poética propriamente dita. O seu lirismo de inspiração popular, quase que transplantado sem recriação, tem nutriz folclórica, traz ecos de cantiga de roda, persiste na poeta a menina que anseia sem saber exatamente o porquê e o para quê. Ânsias vagas, aspirações indefinidas, sonhos, devaneios – como se a sua consciência se pusesse a moldar em tal instante a sua maneira de ser, e a abrir o seu caminho. A religiosidade é-lhe inata, ela invoca constantemente o Senhor, apostrofa-o em voz humilde, abafada, sem o clamor e a ira de Castro Alves. Longe, porém, de ser aquela religiosidade de comunhão de fé católica e de prosternação perante o altar da divindade, Jacinta Passos arde e suspira no afã da confraternização, do diálogo, da participação que aos poucos dilui o universo cósmico para introduzir a realidade imediata e circunstancial, a ambiência em que vive e procura identificar-se. Um processo, este, que sentimos lento, tumultuado, agônico, à procura de uma referência maior – que será o credo. Se não religioso, então o credo estético ou o crédito político.

É o que se dará aos poucos, na movimentação incessante da consciência da poeta. Porque, conforme já observara o ensaísta José Paulo Paes, os *Momentos de Poesia*, a par da sua singeleza lírica, já se deixam impregnar por atitudes sociais em que desponta a insatisfação e assoma a revolta. Este trecho de poema é significativo:

– E ele disse o que é pátria?
– Disse que pátria é tudo o que nós temos.
É a nossa terra, e tudo de bom que esse nome encerra.
É o alimento que nos vem do solo,
É o pão,
A água que bebemos,
O fogo que nos aquece,
A casa onde vivemos.

– Pátria é tudo o que nós temos.
Meu filho doente,
Sem remédio,
Sem alimento,
Sem um cobertor para a hora do frio.
Água comprada por três mil-réis a lata.
Fogo no candeeiro de gás que a vizinha emprestou.

O dono da casa exigindo o aluguel.
Será que a gente tem mesmo pátria, Manuel?

Já é um avanço. Nos seus diálogos com o Ser infinito, a poeta admite que ele não pode criar nenhum ser à sua semelhança. Nisso consiste *a dor absoluta*, e para amenizá-la cumpre à poeta devassar o território *onde dormem todas as realidades possíveis*. Conforme observou Mário de Andrade a respeito da poesia católica de Murilo Mendes, diríamos que Jacinta, ao abeberar-se do catolicismo, não encontrou paz, porque já esperava luta. Distante vai aquele instante de incerteza, de 1940, em que escreveu: *Aceitemos a vida, é inútil lutar*.

Embora pratique versos de variada métrica, por vezes aproximando-se do sentimento popular por meio da cantiga e da redondilha, Jacinta Passos exercitou mais comumente o verso largo, livre, tentacular – aquele versículo bíblico que estava então em voga, na época da poesia militante, a propósito da resistência de Stalingrado, acerca da esperança injetada pela nova Rússia socialista, sobre a Guerra Civil Espanhola, quanto à até então utópica união de todos os povos do mundo etc. Tanto a prosa quanto a poesia exportavam da Europa para nós o fermento de um posicionamento estético revolucionário, voltado para a construção do homem novo num mundo menos injusto e desigual. A poesia vazada em forma de versículo bíblico se aprestava a esse tipo de mensagem condoreira, que eventualmente pecava pelo prosaísmo, não obstante o ardor das atitudes. Poucos versos "ideológicos" daquela época permanecem sob o prisma artístico (*A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, parece-me um feliz encontro de sentimento e forma), mas tenha-se em vista o *feeling* da época, a sinceridade, ainda que circunstancial, da mensagem solidária, da manifestação de companheirismo.

Em Jacinta Passos, força é admitir, a poesia em tom de lamento pessoal, circunscrita à sua sombra, cresceu de forma a absorver as dores alheias – e nesse sentido, deixa de ser circunstancial para ressoar como coletiva voz profunda. Esse fato há de ter tocado alguns críticos, entre eles Antonio Cândido, Mário de Andrade, José Paulo Paes. Seu lirismo, que se robustece na *Canção da Partida*, de 1945, tem acentos pessoais também de afirmação, de reconhecimento da condição feminina em processo de mudança:

A flor caída no rio
Que a leva para onde quer
Sabia disso e caiu,
Seu destino é ser mulher.

Leva tudo e segue em frente,

Amor de homem é tufão,
E de mulher é semente
Que o vento enterrou no chão.

Mulher que tudo já deu,
Homem que tudo tomou,
É mulher que se perdeu,
É homem que conquistou (...)

Mas a mulher que se desenterra e se encontra, companheira na travessia existencial de Jacinta Passos, não se reaproxima do companheiro para, quem sabe, substituí-lo, senão para ir com ele, ombro a ombro, nas invernadas da vida. Essa mulher nova cantada pela poeta de Cruz das Almas marchará em pensamento com a Coluna Prestes, pelos sertões, contra o autoritarismo dos coronéis, e, com ela, se entranhará na Bolívia. Ela, a mulher, sonhou, como a Coluna, com a verdadeira pátria da justiça social e da liberdade. E em quinze cantos de estrofes diferentes, em versos ora curtos ora longos, ora livres ora aproximando-os da literatura de cordel, ela celebra a página gloriosa, porque entende que

Coluna, tu és a herança
Que os pais transmitem aos filhos
Como abc de criança.

Herança. A herança da esperança. A esperança que feneceu. Enquanto se busca, a esperança está viva, mas, muitas vezes, a busca resulta em nada. Aliás, a busca não implica necessariamente o encontro. A busca é um objetivo a cumprir, e felizes dos que têm a capacidade de empreendê-la. Quanto à perda da esperança, estamos todos sujeitos a essa aflição tantas vezes renovada. Faz parte da vida, e viver é buscar. Foi o que fez a corajosa poeta Jacinta Passos, falecida em 1973, em sanatório de Aracaju. A travessia acarretou-lhe provavelmente mais sofrimento do que poderia suportar.

A infância como ponto de partida

Fernando Paixão[1]

1945 foi o ano em que apareceu no cenário da poética brasileira o livro *Rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, reunindo poemas emblemáticos do espírito dominante daquele fim de Guerra e coincidente com a deposição do Estado Novo. Náusea, noite, mulher-mito e até o anúncio da rosa aparecem nas páginas desse poeta declaradamente crítico e engajado numa atitude de mudança social. Logo no primeiro poema, ele mesmo se apresenta com um *poeta do finito e da matéria / cantor sem piedade, sim, sem frágeis lágrimas, / boca tão seca, mas ardor tão casto. / Dar tudo pela presença dos longínquos, / sentir que há ecos, poucos, mas cristal.*[2]

Versos que bem podem ser tomados como uma possível definição para a poesia de fundo político e que raras vezes transmite uma voz original e de ressonância efetivamente poética. Qualidade essa, sem dúvida, que deve ser reconhecida em Jacinta Passos, autora de C*anção da partida*, livro muito louvado quando de seu aparecimento, mas que logo caiu no esquecimento dos círculos literários. Tem a propriedade de ter sido escrito por uma militante do PC, identificada com a orientação marxista do partido, ao mesmo tempo que reúne poemas marcados por traços de oralidade e singeleza – sob os ecos subliminares da imaginação.

Impresso igualmente no fatídico ano de 1945, em tiragem restrita e ilustrada por belas ilustrações de Lasar Segall, o livro logo teve o elogio da crítica, enfatizando-lhe o vigor da voz feminina e da fatura poética bem acabada. Mas é o diagnóstico de Aníbal Machado, apontando nela um arco de imagens que vai da "ternura mais íntima" ao "grito largo da libertação", que mais chama a atenção. Formula um raciocínio que possibilita um atalho diferente para compreender a arte de Jacinta, para além do grito rebelde do engajamento.

---

[1] Fernando Paixão nasceu em Portugal (1955) e vive em São Paulo desde os 6 anos de idade. Sua produção poética iniciou-se com *Fogo dos rios* (Brasiliense, 1989), seguido de *25 Azulejos* (Iluminuras, 1994), *Poeira* (Editora 34, 2001) – este último ganhou o Prêmio APCA e apresenta fortes vínculos com a sua origem portuguesa –, e *A parte da tarde* (Ateliê, 2006). Publicou ainda *Narciso em sacrifício* (Ateliê, 2003), um estudo sobre o poeta Mário de Sá-Carneiro, e também poemas para crianças, como em *Poesia a gente inventa* (Ática, 1995). Profissionalmente, atua na área editorial há mais de duas décadas.

[2] Versos presentes no primeiro poema do livro *Rosa do povo*, sob o título "Consideração do poema". (Nota do texto original).

De fato, é expressiva a presença de imagens ternas de que se serve a autora para configurar o seu canto. Ternura essa, por sua vez, associada com frequência ao universo da infância, tomado como fonte geradora de inúmeros "fragmentos" que ressoam em contraste e ampliam o significado do texto. Dito em outros termos: a infância e a poesia política encontram nestes poemas uma convivência fecunda e original.

Chegamos, então, ao ponto que nos interessa desenvolver. Não deixa de ser curioso que uma poeta dedicada à voz coletiva desenvolva tal afinidade com o universo infantil. Mais que uma curiosidade, porém, é um indício importante para se compreender como a autora concebe a função poética e de que modo ela articula o seu pensamento. Linha forte do imaginário, a infância cumpre nesta poesia uma função simbólica de origem, matriz que se impõe desde a partida.

Exemplar, nesse sentido, é o poema "Metamorfose", que sugere um amplo arco de sentidos e principia pela evocação de reminiscências:

Fui moleque,
jornaleiro,
nunca tive opinião
ajudante de pedreiro
fui chofer de caminhão...

Começa, portanto, com uma enumeração simples de atividades do passado, ligadas ao chão pobre da província, e que se renova pelo aspecto rítmico dos versos. Mas logo o sujeito é confrontado com a transformação:

Nem eu sei como foi isso,
foi feitiço,
arte do Cão
mas um dia fiquei rico
que nem o rei Salomão.

Não por acaso, o poema aproxima-se de uma cadência típica da poesia oral e das composições populares de folclore; consegue então soar natural aos ouvidos, e acena igualmente para uma inquietação que transcende as primeiras experiências. Optando pelo voluntário confronto de elementos, sua escrita dramatiza o impasse do indivíduo ante a realidade:

Chave do mundo,
tenho na mão.
Desceu o céu!
Subiu o chão!

Apoiado na singeleza das imagens, os versos seguintes se desdobram em encantamento. Lançado, pois, à metamorfose, o sujeito se divide em múltiplas faces:

virei até um rei mouro,
virei sábio, virei gentleman,
meu cabelo virou louro,
virei genro, industrial...

Mas, resta ainda a marca original que não se corrompe no esquecimento e, ao contrário, permanece como referência:

Agora cheguei em cima,
agora vi que eu sou dois.
Quem sois?
Minhas senhoras:
Meus senhores:
O meu drama começou.

A seguir, o poema chega à ultima parte do ciclo imaginoso. O moleque que tudo começara vê-se levado à vertigem dos papéis, acabando por misturar planos e hierarquias até o ponto em que perde as referências de si mesmo:

Serei eu e serei tu,
serei Sancho e D. Quixote,
serei Deus e Belzebu?
Não posso viver assim!

O drama se expressa, pois, por uma identidade cindida e que não se resolve nem nos derradeiros versos:

Serei foice e serei sigma?
Enigma!
Quem serei eu afinal?
Ai de mim!
Serei o princípio e o fim?

Portanto, resta em aberto o sentido da metamorfose anunciada no título. As cenas da infância e do crescimento desencadeiam não o surgimento de uma pessoa outra, e sim a de um múltiplo desconhecido. Entregue à prova do tempo, a

infância desdobra-se em atribuições diversas cujo sentido escapa ao entendimento, mas cujos ecos (*de cristal*, como lembra Drummond) acabam por delinear uma privilegiada experiência.

Que o leitor não se iluda, porém, com a aparente simplicidade dos versos, reforçada pelos traços de musicalidade presente no texto. Seu jogo de imagens, ora revelando ora ocultando referências, na verdade ambiciona fazer eco aos temas fortes da existência. Aproximando-se da clave ingênua e valorizando o conteúdo simbólico das referências, os poemas permitem visualizar um contraste que diz respeito ao mundo em que vivemos.

Até mesmo o poema que inicia o livro, e que lhe dá título, segue a estratégia de apresentar um rol de evocações e memórias, entrelaçadas, configurando uma bagagem adquirida e formadora de recortes, flagrantes, registro do que *passa / passa / passará / derradeiro ficará*. São várias as recorrências ao conteúdo infantil que aparecem no texto, reforçadas inclusive pelo uso de vários diminutivos e o recorrente evocativo da *maninha*.

Simultaneamente, o poema figura o embate de contrastes sociais por meio do encontro poético de alguns ícones da vida social. De um lado, a canção cai em exaltação (*o meu pai é deputado / democrata liberal / – viva a eleição!*), mas já algumas linhas adiante deparamos com o seu oposto: *Minha mãe, minha mãezinha, / todo dia na cozinha, / faz doce para vender*. Outras vezes, a infância comparece através de um recurso metonímico: *Menina, minha menina / carocinho de araçá*.

Forma-se o poema a partir dessa trama de imagens – e que representam um entrelaçar de vozes sociais, vale a pena lembrar –, de modo que a sensação geral se aproxima da vertigem e do atrito de evocações. Colocar a matéria da infância em confronto com o processo histórico parece ser a pedra de toque que anima esse movimento contínuo e caótico da poesia de Jacinta Passos.

Mas não tão caótico assim. Ao fim do poema, nos é dado entender a pergunta que dá sentido aos dizeres anteriores:

O país para onde vamos,
Vitalina!
fica aqui, fica na China,
fica nas bandas do sul,
fica lá no Polo Norte,
principia onde termina,
muito além daquele monte,
lá na linha do horizonte,
onde a terra encontra o céu.

Sem solução, entregue a rumo indefinido, o sujeito poético termina compelido à partida, obrigado a afastar-se das ressonâncias primeiras.

Procedimento semelhante aparece na "Cantiga de ninar", explicitamente inspirada no acalanto popular. O poema incorpora desde as primeiras palavras a singeleza das formas populares (*Su su su / neném mandu / quem dorme na lagoa / é sapo cururu.*), fazendo depois com que esses versos totalmente rítmicos e instintivos se sobreponham a outros de natureza inversa, buscando elo com um sentido mais amplo:

Menino não dorme menino faz manha,
brinquedo não ganha não ganha vintém,
seu pai é pobre e mãezinha também.

Nos versos finais, a cantiga de ninar incide novamente no questionamento irresoluto, inserindo o poema num horizonte bem mais dramático do que se poderia supor no início:

– Que disseste, meu bem?
Esse gosto, donde será que ele vem?
Corpo mortal.
Águas marinhas.
Virá da morte ou do sal?
Esses dois que moram no fundo e no fim.
– De quem falas amor, do mar ou de mim?

Dúvida essa que amplia o significado do poema, incapaz de produzir o sono típico das canções infantis. Resulta, portanto, uma voz que se destaca pela delicadeza no modo como se aproveita de elementos de raiz sonora e popular para representar uma dramaticidade outra, ligada à terra baiana, tão arcaica e necessitada de sentido: partir para onde? Com que identidade?

Jacinta acerta quando vai beber na fonte da infância os elementos inspiradores desta poética intensa, entregando-se à liberdade de criar canções a partir de sons e imagens carregadas de energia expressiva. Na voz de Drummond, essa mesma inquietude ganhou palavras que sintetizam a opção estética da autora: *A rosa do povo despetala-se, / ou ainda conserva o pudor da alva? / É um anúncio, um chamado, uma esperança embora frágil, / um pranto infantil no berço?* [3] À sua maneira, os poemas deste belo livro de Jacinta giram em torno da mesma questão. Melhor a ternura da pergunta que a crença nas respostas.

[3] Versos de "Mário de Andrade desce ao inferno", poema também incluído em *Rosa do povo*. (Nota do texto original).

A coluna de fogo

Ildásio Tavares[1]

Breve consideração da linguagem

O século passado envidou esforços ingentes, buscando o entendimento da linguagem – alguns linguistas, por um lado, a partir das descobertas pioneiras de Saussure e da Escola de Praga, na Europa; por outro lado, as inovadoras posturas da Escola Americana, a partir das conclusões de Edward Sapir, labutando com línguas indígenas dos Estados Unidos, e da lucidez de Leonard Bloomfield, ambos dedicando largo tempo e páginas substanciais ao campo da linguagem. Basta lembrar que os livros instauradores, tanto de Sapir como de Bloomfield, chamam-se *Language*.

Filósofos os mais atilados se dedicaram ao campo da Filosofia da Linguagem, ressaltando Wittgenstein e Heidegger, este último colocando postulados básicos, como, por exemplo, o famoso "*Sprache ist sein*". É desta assertiva que buscaria um ponto de partida para situar a arte da poesia no território específico da linguagem e tentar demonstrar que é com a linguagem e pela linguagem que a poesia se define e se delimita. Assim, evitarei qualquer escolho epistemológico que venha a macular o discurso poético, ou vesti-lo, teleologicamente ou não, de um traje alheio a seu verdadeiro sentido fenomenológico. Segundo Husserl, todo objeto cultural tem um suporte fáctico e um sentido. E o sentido situa-se num lugar muito além do simples significado, literal ou não.

A poesia não é um discurso ideológico. A poesia não é um discurso político, a poesia não é sequer um discurso estético, ético ou moral. A poesia é um discurso poético. Etimologicamente, "discurso" vem de discorrer, que vem do latim *discurrere,* correr em diversas direções, *to and from*, diríamos em inglês, *de ça, de*

---

[1] Baiano de Ubaitaba, Ildásio Tavares (1940) é doutor em Letras, com pós-doutorado na área. Professor titular aposentado de Literatura Portuguesa na Universidade Federal da Bahia (UFBA), poeta e escritor detentor de prêmios nacionais, crítico literário, organizador de antologias literárias, tradutor, jornalista e letrista da MPB, publicou numerosos artigos em periódicos, além de vários livros, entre os quais *O Canto do homem cotidiano* (1977), *Poemas seletos* (1996), *Odes brasileiras* (1998), *IX Sonetos da Inconfidência* (1999), poesia; *Roda de fogo* (1980), *A Ninfa* (1993) e *O domador de mulheres* (2003), romances; e o drama lírico *Lídia de Oxum*, encenado a partir de 1995.

lã, em francês, pra lá e pra cá, ou, mais ainda, daqui pra ali e de lá pra cá. Todo discurso realiza esta façanha dialética de vaivém, e no caso particular do discurso poético, este vaivém constrói o tema, *discorre sobre ele, dando-lhe existência poética*. Pouco importa se a circunstância temática exista como fato real, ou não. Jamais existiu uma Emma Bovary. Ela só é uma realidade a partir da construção da linguagem. O Capitão Luiz Carlos Prestes foi um ser humano real de carne e osso. Todavia, ao ser objeto da prosa de Jorge Amado ou de um poema de Jacinta Passos, Prestes deixa de ser um indivíduo real para tornar-se um personagem, que, para ser poético, terá de ser tão bem construído como qualquer outra figura literária e, portanto, terá de se desrealizar como pessoa para começar a existir como personagem, não importa usem ambos, cada um, a sua máscara.

A maior falácia será sempre a da avaliação temática da obra que por seu conteúdo moral ou ideológico deveria receber o aval da crítica. O aforismo "Não pode haver uma estética sem uma ética" chancelou a mediocridade no Brasil durante muito tempo, queimando escritores de alto nível por sua ideologia, e endeusando a mediocridade pela sua adesão ao código ideológico epocal, ditado pelo Partido Comunista Brasileiro. Esta mesma postura, depois, serviu para queimar tudo aquilo que cheirasse a comunismo ou a política. Mário de Andrade, como vemos citado em antológico artigo de José Paulo Paes, cunhou a expressão "demagogia, demagógico", para queimar qualquer poema que parecesse de longe pregação doutrinária. O artigo de José Paulo Paes, equivocadamente, e até com uma boa dose de maniqueísmo, acata esta classificação do poeta desvairado. Veremos que não é exatamente assim. Ambos estão situados no âmbito factual do discurso. A verdade poética está na linguagem.

Todas essas considerações virão a ter como corolário que a famosa assertiva de um poeta *blasé* se esfacela sob o bombardeio da sintaxe, pois *meaning* situa-se no canal dialético da dupla articulação que Martinet aventou para entender melhor o discurso linguístico. Poesia não se faz com palavras e sim com a escolha, combinação, arrumação ou ordenação das palavras, ou, num nível mais sofisticado, no *swing* das palavras. Frequentemente, a graça do discurso poético não está no significante nem no significado – não está na *quidditas*, mas no *how* ou no *know how*.

"Saco vazio não se põe de pé". Mas, de uma certa distância, tudo o que vemos é o saco e podemos presumir que está cheio, e até o seu conteúdo, sem precisar abri-lo. Há definições externas que são *self-evident*, mas o discurso poético ainda está distante da maiêutica aristotélica e mais ainda de qualquer tipo de álgebra.

Chegamos com alguma fluência a estas palavras-chave que variam no tempo e no espaço e que pretendem, em sua dicotomia cartesiana, explicar o inexplicável. O século passado assistiu à instalação do primado da crítica sobre a criação.

Nunca se escreveu tanto sobre grandes e pequenos autores. Nunca se leu tantos artigos, ensaios, teses, monografias sobre estes autores, alguns dogmaticamente canonizados pela crítica. Nunca se leu os próprios autores tão pouco e tão superficialmente – estudá-los era enquadrá-los redutivamente em alguma gramática engendrada em algum gueto beletrista, destes o pior a universidade.

Os autores do cânone eram eleitos pela crítica e pairavam acima do Bem e do Mal, acima de qualquer julgamento negativo que, aliás, ninguém ousava fazer, para não ser acusado de oligofrênico. Tornavam-se, estes autores, pontos de referência, parâmetros analógicos, para julgar qualquer autor emergente. Se não parece com fulano, não é poeta. O discurso deixava de ser literário e passava a ser metaliterário ou paraliterário, qualquer coisa que não fosse puramente literatura. E o discurso poético passava a ser um jogo, muitas vezes infantil, engendrado para o consumo dos iniciados, banido o deleite das considerações dos engenhosos acrobatas. Pior que isso, qualquer obra que pudesse ser consumida com deleite pelo grosso da população era execrada, tachada de comercial e chula.

A poesia tornou-se uma cerebralização erudita, mecanicista e estéril, um jogo de palavras cruzadas, charadas e logogrifos que só podia ser entendido com as proverbialmente imprescindíveis notas ao pé de página.

Nos limites dessa discussão teórica é que pretendemos situar Jacinta Passos nestas páginas que se seguem, e, por uma catarse / purificação de conceitos mostrar que foi, muito além dos equívocos banais**,** verdadeiramente poeta.

O poeta, esse desconhecido

Minha experiência como professor de literatura numa universidade federal me fez, cada vez mais, compreender o ostracismo em que a poesia brasileira vive. Enquanto em Portugal (para citar nosso país de origem) existem editoras e livrarias especializadas em poesia, aqui, ela corre o risco de desaparecer do mercado. Não há edições confiáveis dos clássicos brasileiros – Gregório, Gonzaga, Bilac, Vinicius, etc. –, o que mostra claramente a ausência de demanda universitária. Por outro lado, na presença, nas livrarias, de determinados autores canônicos vemos a comprovação do gosto dirigido por um código universitário, calcado sobre os modismos da corrente crítica adotada na faculdade, mormente na pós-graduação. Dominam o mercado editorial os livros, teses ou não, *sobre* os autores.

Quando eu preparava uma antologia dos poetas baianos do século XVII ao XX, vali-me de Janaína Amado, que me deu vistas a parte de seu *corpus*, o que foi suficiente para que eu percebesse estar a braços com um genuíno poeta, esquecido pela pátina do tempo e pelo perverso cânone dos sudestinos. Ao ler toda a obra publicada de Jacinta, me dei conta de que era uma das mais significativas

poetas de sua geração, e, não pelo seu corpo de obra, mas pelo fino lavor de seus versos, um dos melhores poetas brasileiros, cuja obra sofria, curiosamente, dos preconceitos tanto contra como a favor.

No artigo a que me referi de José Paulo Paes, apesar de uma postura nitidamente favorável, ele elogia Jacinta com motivos equivocados e, propositadamente, ou não, põe-se míope perante alguns dos mais evidentes traços de maestria poética da baiana, tanto no admirável artesanato que preside a criação, como nos recursos dialéticos entre a superfície e os mais profundos rincões do seu discurso, que nunca será uma cova rasa a sepultar o olhar. Logo no início do artigo, este ilustre tradutor e poeta (mais tradutor que poeta), ao listar as opiniões amplamente favoráveis sobre Jacinta, exaradas por algumas das mais importantes figuras da literatura brasileira de então, esboça claramente o perfil de uma crítica ideologicamente impressionista.

Roger Bastide, com sua posição eurocêntrica, não podia deixar de falar em folclore, Aníbal Machado não podia deixar de falar num "grito largo de libertação", todos exaltam-na, até com machismo – Sérgio Milliet a vê feminina, mas não piegas, como se feminino fosse necessariamente piegas. O Mestre Antonio Cândido a põe gratuitamente "na primeira plana na moderna poesia brasileira". Todos paulistocêntricos, menos Bastide, autor de um dos livros mais imprecisos e erráticos sobre o candomblé na Bahia. Nenhum desses elogios diz o porquê. Nenhum desses críticos vai além do mero impressionismo.

É a velha história: é de esquerda, é bom.

Comecemos pelo que o francês rotula de folclore, neste trecho sobre os poemas de Jacinta Passos: "esta síntese entre o sabor das formas folclóricas e o sentimento da miséria dos homens...". As coisas não são tão fáceis assim. O que nós encontramos é Jacinta reapropriando-se das cantigas de ninar e das estruturas populares, como o cordel, para lhes dar um sentido novo, moderno. E o que importa é que o faz com total pertinência e maestria e não simploriamente, como em inúmeros momentos do "Cobra Norato", um poema intragável que não consegue ultrapassar a simples listagem do pitoresco, ou como o falsamente caipira e moderno "Juca Mulato", em que Menotti Del Picchia exibe um verso livre popular que não é livre nem popular, mas parnasiano mal arrumado, afetado, rebuscado e bobo; pior ainda nas contrafações baratas de Mário e de Oswald, edificadas em nome de uma brasileirice ridícula. Mesmo Jorge de Lima, Manuel Bandeira, com sua Irene piegas, Cassiano Cererê e Ascenso com suas piadas nordestinas deixaram-se afetar por esse modernismo de segunda mão.

Jacinta Passos a momentos expõe-se, é verdade, à nudez do panfleto. Mas isso é bem característico de momentos épicos, como em *A Coluna*, umas das mais admiráveis páginas épicas de nossa literatura, que as tem tão raras. É notável, entretanto, como veste de lirismo alegórico o fato político. E aí encontramos um

traço pertinente de toda a obra de Jacinta: o ritmo, a melodia e os requintes retóricos estão plenamente coesos na construção da linguagem final, ofertados à interpretação e não a uma leitura rasa. Os elementos populares entram aí costurando o tecido poético. Em "Canção de Brinquedo", por exemplo, um dos *Poemas Políticos*, a revolução é alegorizada, transformando a justiça social no riso de uma criança:

reino da terra
riso será.

E no corpo do poema vem todo o doce balanço da cantiga de roda, e a imagem vive:

Ó flor de sangue
tempo virou
tempo virá.

As palavras são submetidas a um coerente processo de metaforização, levando ao alegórico, o que é o melhor da poesia. Adiante, em *Canção da Partida*, a brincadeira infantil é retomada por Jacinta, que enxergou muito bem o seu sentido antirrepressivo e a manipulou como palavra de ordem pela liberdade, mas após um primoroso jogo metafórico. Aqui cabe observar que interessa à interpretação da linguagem a sua capacidade de reinventar o popular poeticamente, o que Jacinta faz no poema todo, a instantes com um virtuosismo alquímico, transformando o popular em lirismo pelo condão da linguagem:

Três, três, passará
....
Dá licença de passar
....
São Félix!
olhe o rio Paraguassu,
vou morar junto da ponte,
Cachoeira
Bananeira
quanta água desceu do monte!

Note-se no verso 3 a artesania ao lidar com a dicção popular, pois o normal seria "vou morar debaixo da ponte", e ela optou por *junto da ponte*, mantendo o significado circunstancial sem quebrar a redondilha que lhe vem imposta por *dá*

licença de passar. O poema está cheio desta dialética erudito/popular e, neste caso, como no anterior, não encontramos a folclorização do pitoresco que 22 inoculou em nossa poesia. Como disse acima, é uma perita reapropriação do popular para lhe dar um sentido inteiramente novo, porém sem trair as raízes. Na doce "Cantiga de ninar", Jacinta elabora em vaivém sobre o mundo da criança, o mundo medo e o mundo real, inserindo em um determinado momento, discretamente, o projeto socialista, o sonho em forma de prece, reforçando o desejo com uma sintaxe infantil para melhor com ele contaminar a criança:

que mamãe precisa fazer com papai,
Senhora Onda do Mar,
Um planeta novo de neném morar.

Portanto, a utilização, por Jacinta Passos, de elementos do cancioneiro e do imaginário popular recebe um tratamento alquímico para se integrarem no discurso poético, poetizam-se. E isto só acontece devido ao talento poético da autora, que intenta e consegue transformar pessoas, fatos, locais, ideias e sonhos em lirismo. Converter qualquer que seja a coisa em lirismo é um dom de poucos.

O ser e o não ser

A questão que me parece fundamental ainda vai ficar por algum tempo no território imponderável do talento, sobre o qual as mais diversas colocações aparecem, às vezes até de forma jocosa. Thomas Alva Edison dizia que gênio requer um pequeno percentual de talento e um grande percentual de suor. Que dizer dos artistas que chegaram a cumeadas do gênio com pouco suor? Mozart fez uma sinfonia aos nove anos. Rimbaud deixou de escrever com 18 anos. Castro Alves tinha 17 anos quando fez um dos mais belos poemas da língua portuguesa, "Mocidade e Morte". A vida atribulada de Jacinta Passos não permitiu que suasse muito sobre o papel. Mas o pequeno *corpus* que deixou é suficiente, todavia, para aquilatar o seu talento.

Jacinta Passos tinha o dom da poesia. Sabia digerir a realidade e devolvê-la transubstanciada em poesia, lirismo – sempre –, uma dramaticidade pungente e, quando necessário, o sopro do épico. E isso se deve a uma imensa habilidade que ela possuía para versejar; para a metaforização e a alegoria, que são pedras de toque do discurso poético. Outra qualidade básica que Jacinta possui é sua pulsação rítmica. Seus poemas são evidentemente calcados na oralidade, o que é óbvio quando ela recria certas cantigas e folguedos infantis; outras vezes, quando a poeta labora com um verso eminentemente erudito, como o trímetro anapéstico, o eneassílabo acentuado de três em três sílabas, comum no romantismo, como em Gonçalves Dias:

Tu choraste em presença da morte?
Na presença da morte choraste?
Não descende o cobarde do forte,
Pois choraste, meu filho não és.

Ou em Castro Alves:

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Em Jacinta:

Cavaleiro que passa a galope
tão veloz no cavalo alazão
o seu nome é Luiz Carlos Prestes,
Comandante sem par, Capitão.

Ela, com incrível habilidade poética, consegue arrumar nomes e coisas prosaicas num metro ágil, veloz, guerreiro, que serviu ao bardo maranhense para seu clássico poema épico "I-Juca-Pirama", e a Castro Alves, para definir a saga do negro. Muito mais do que a simples habilidade de versejar, já chamava a atenção Otto Maria Carpeaux, está a capacidade de ajustar o metro ao tema, ou o tema ao metro de forma a produzir poesia. Foi o que o ouvido privilegiado de Jacinta percebeu no nome do Capitão. Colocou um *é* na frente, e já tinha os dois anapestos finais. Com *o seu nome*, fazendo a sinérese do *e* de *nome* com *é*, ela já armou o trímetro:

O seu no—meé—Luiz—CarlosPres—(tes) hípercatalético

Tratando-se de um poema épico, o que mais se pode desejar é a eufonia da narrativa. Isto conseguiram os grandes mestres, inclusive professando uma linguagem grandiloquente, belicosa. Em Camões:

Dai-me uma fúria grande e sonorosa
E não de ruda frauta e agreste avena.

Neste poema épico, "A Coluna", Jacinta Passos realiza, de cabo a rabo, o desiderato técnico da linguagem poético-narrativa e se situa ao nível de qualquer

outro poeta do gênero no Brasil. Em verdade, são poucos poetas tupiniquins que sabem narrar em verso – o mais é pomposo, afetado e formalista. Não há poesia épica sem hipérbole. Mesmo assim, Jacinta maneja seu discurso hiperbólico com muita desenvoltura neste poema exemplar. E pouco importa que o herói seja Ulisses, o Diabo, um nobre franco, ou um obscuro capitão do exército brasileiro que deu a louca e caiu no mundo em luta pela liberdade. Quando Torquato Tasso canta a libertação de Jerusalém, ele começa:

Canto gli arme ed il pietoso capitano.

Ora, esse piedoso capitão foi um franco que comandou uma chacina de árabes e judeus tão grande em Jerusalém que o sangue, correndo nas ruas, dava no peito dos cavalos. Piedoso, não é? Piedoso, sim. Piedoso porque a serviço da fé católica, que não passava de camuflagem para um massacre nitidamente econômico e urgente para uma Europa sufocada pelo domínio comercial dos muçulmanos. Já Prestes, o Cavaleiro da Esperança, como o chamou outro poeta, só queria salvar a humanidade, messianismo que Jacinta coloca com muita propriedade, sem abrir mão de uma esplendorosa hipérbole:

será Coluna de fogo
Que o viajante já viu
Coluna de vento e areia
dos desertos desafio?

A poeta nos remete claramente para *Exodus* 13-22:

A coluna de nuvem de dia, a coluna de fogo de noite, não se afastam nunca diante do povo (na tradução de André Chouraqui).

Pois Jacinta, com sua sutil perícia poética, sabe que todo mito é no fundo religioso e constrói a narrativa da Coluna Prestes em uma dimensão mítica e, o que é mais importante, texturizando uma saga popular com uma mitologia em que o personagem é o povo, como no "Encouraçado Potemkim".

O poema não abre com o herói, e sim com a coluna. Exalta o coletivo, e não o individual. O poema do herói é o segundo, e ele pouco aparece no poema. Outrossim, o poema não se intitula "A Coluna Prestes", como esta passou a ser conhecida, e sim, simplesmente, "A Coluna". O herói, como mostrei acima, é cantado em trímetros anapésticos. Mas o povo, e tudo o mais, será cantado por Jacinta em redondilha e nos seus quebrados, que são os verdadeiros metros das narrativas populares. Salta aos olhos a intenção de Jacinta de realizar um poema épico popular em que o herói fosse o povo, e a análise cuidadosa vai descobrir que ela conseguiu o seu desiderato. E para isso, a poeta usa recursos épicos

tradicionais, mas também recursos líricos e dramáticos. O poema "Encontro" é todo tecido em diálogos, como numa cena teatral:

– Soldados, onde acampamos?
– No oeste do Paraná.
– Soldado, e aquela tropa
que vem vindo para cá?

Um diálogo militar ao sabor da rima e da redondilha. Não há nenhuma dúvida de que Jacinta Passos tenha realizado em "A Coluna" uma primorosa projeção do épico popular ao nível erudito, ou seja, ela se apropriou do espírito narrativo do povo e o devolveu crescido e com roupagem nova.

Mítica e mística era, sem dúvida, Jacinta, imbricando em suas raízes religiosas familiares. Mas ela já traz, nos seus mais verdes poemas místicos, o sinete da boa poesia, e o sentido de estranhamento que iria fazer dela um dos poetas mais significativos da literatura brasileira. O poema "Solidão" mostra outro lado da Jacinta melodiosa, rítmica, sonora. Aqui a vemos lançar mão de um recurso estético que só seria explorado largamente mais tarde, no Concretismo: a espacialização do verso, da palavra, o vazio do papel em mimetismo à palavra e, por extensão, à solidão. O poema começa com sete palavras e vai minguando até que termina com

vazio

E depois vem o branco do papel.

Por outro lado, Jacinta estava sempre em busca do infinito, e ela mesma declara, no poema "Cântico do exílio":

Minha alma insaciável,
a minha alma faminta de beleza,
ávida de perfeição

E esta não é só uma verdade textual – é uma verdade estética na obra de Jacinta, produzida com apuro e escandida com régua e compasso. Desleixo é uma palavra que não existe em sua poesia, ela nunca escreveu versos mal acabados. Leio poesia nos jornais, nas revistas, poesia de certos contemporâneos. Leio versos em livros. Muito me parece um rascunho que o autor se esqueceu de passar a limpo. Jacinta, não. Seus versos finamente acabados me parecem pequenas joias reluzentes. Desde o verso medido, como sua redondilha lapidar, até seu verso livre incrivelmente ritmado, com contrapontos majestosos. Versos mesmo, e não o diarreico arrumar de palavras prosaicas que vejo por aí.

Estes versos do magistral poema "Mulher" nos dão uma excelente medida da maestria de Jacinta em esgrimir o contraponto rítmico, fazendo um verso de poucas sílabas seguir-se de um verso de hausto largo, encolhendo e espichando um pensamento que oscila, que quer romper desabrido em mimetismo a sua ânsia ou aflição. São versos de 6, 7, 8 palavras, seguidos de versos de 15, 16. Neste caso, o contraponto é audaciosamente feito com 2 versos de uma palavra, seguidos de dois versos longos, um de 13, o outro de 11, mas com uma palavra tão grande que o verso não cabe na mancha:

Este ciúme envolvente,
solícito,
tenaz,
que se enrola em ti como a roupa que protege o teu corpo.
Ciúme do espaço onde estás sem que eu possa simultaneamente estar.

O poema citado atrás, "Solidão", é das primícias da autora, que o escreveu na faixa dos vinte anos, assim como "Mulher", tempo em que já cometia essas elegantes e apropriadas ousadias rítmicas. Cai por terra, portanto, qualquer assertiva de um amadurecimento progressivo, ou mesmo que a mudança temática lhe acarrete um maior ou menor grau de poeticidade. O título do artigo de José Paulo Paes, "Lirismo e ideologia", é redutivo do complexo mundo artesanal, técnico, afetivo e espiritual de uma mulher que, atribulada pela vicissitude, conseguiu transformar seu tumulto interior em beleza. Sonhando sempre, Jacinta Passos jamais abandonou o sonho. Encravada num mundo pequeno e mesquinho, ela desvendou seu sonho, alçando-se bem alto, no tapete mágico da Poesia

Uma voz, um grito

Guido Guerra[1]

A evocação de Venâncio, um doido de rua que amava declamar Casimiro de Abreu, devolve-me uma cena de infância na terra de Senhor do Bonfim: o fogueteiro Anjinho, exímio no fabrico de espadas e bombas-de-parede, também amava declamar poemas: exigia ouvidos e atenção para os versos de Fagundes Varela. Ninguém atravessava o Beco do Bazar sem que ele inflasse o peito, colocasse uma mão no bolso, com a outra gesticulasse comedidamente, impostasse a voz e falasse de amor e paixão.

Não era desse amor não correspondido, dessa paixão de que *também se morre*, de que falaria a poesia de Jacinta Passos, a admirável autora de *Canção da partida*, pois não era o *eu* particular que lhe inspirava o verso – era o *eu* coletivo, pelo qual a densidade social se refletia na obra de arte, mesmo que o criador não fosse politicamente revolucionário, no sentido de captar a realidade em movimento e transgredir seu espaço temporal. A ressalva de que, se a poesia de Mário Quintana não omitia o social, não excluía o conservador que ele também era no condicionamento político.

Embora não proponha uma arte de catequese, de propaganda ideológica, que era a que resultava no engajamento e na militância, Jacinta Passos não sugere a exclusão como alternativa estética, mas a inclusão como afirmação ética e lança um alerta para a poética de Cruz e Souza que, à sombra da problemática da escravidão, omite sua condição de negro para realizar um projeto literário voltado para o malabarismo verbal que caracterizava o Simbolismo. O entendimento de Jacinta era de que, a serviço de suas dores e angústias, a arte deveria realizar o destino do homem, na medida em que fosse necessariamente um espelho de seu tempo.

---

[1] O baiano Guido Guerra (1942-2006) foi um dos escritores mais populares e queridos da Bahia. Escreveu dezenas de livros de ficção, entre eles os romances *Lili Passeata* (1984) – que conheceu várias reedições –, *As Aparições do Dr. Salu e outras histórias* (1981), *O último salão grená*, *Percegonho céu azul do sol poente* (1976), *Quatro estrelas no pijama* (1989) e o volume de contos *Vila Nova da Rainha Doida* (1998). Foi também editor e jornalista muito atuante, com posições claramente opostas às da ditadura instalada a partir do golpe militar de 1964. Pertencia à Academia de Letras da Bahia

Não por acaso, Jacinta Passos aproxima três grandes obras literárias, não pela convergência artística ou temática, mas por marcar seu tempo, a realidade de seu chão e a grandeza de seu momento histórico: *Os Lusíadas*, de Camões, *A Divina Comédia*, de Dante, e os *Salmos*, de Davi: estes versos ("o Senhor é meu pastor / nada me faltará") atravessam anos, séculos, com a permanente atualidade do instante em que foram escritos. Dentro desse raciocínio, que implica reconhecer que o construtor de módulos poéticos não precisa necessariamente viver sua criação, embora admita que só um judeu, no caso Davi, poderia ter escrito *Salmos*, pelo componente de religiosidade e pelo que essa fé lhe acrescentava de esperança.

Pode-se inferir que, aliada à resignação trágica, as poéticas *casinhas de sapé*, tão presentes na paisagem do sertão, nos sambas do morro, somam-se ao real imaginário, incorporam a visão de quem cria sobre um universo que não viveu, sobre emoções que não experimentou, ainda que saiba captar a poesia da região que não conheceu: "enquanto a onça lá na verde capoeira / espera uma hora inteira / vendo a lua meditar". Jacinta especifica ainda que, se Catulo da Paixão Cearense realizou o grande canto do nordestino, que é o *Luar do sertão*, por polêmica que seja sua autoria – também atribuída a João Pernambuco –, prescindiu de conhecer essa região para descobrir "o canto da sururina chorando a sua viuvez" ou identificando uma *gente fria de uma terra sem poesia* "que não se importa com essa lua / nem faz caso do luar".

A prosa jornalística de Jacinta Passos, basicamente veiculada através de dois órgãos de imprensa – "O Momento", que era a voz oficial do Partido Comunista na Bahia, e "O Imparcial", que era dirigido por Wilson Lins e mantido por um coronel da Guarda Nacional, Franklin de Albuquerque Lins, não só mergulha na análise de temas literários, da participação da mulher no conflito político, mas também reflete o seu engajamento ideológico. Sua prosa libertária não exclui sequer o grande momento de indignação em que madame Chiang-Kai-Chek surge no Senado norte-americano com uma postulação que tanto estarrece quanto comove pelo apelo dramático para defender sua China das agressões do mundo, o que só seria possível através do fornecimento de armas. Jacinta expunha um ser que vivia à margem da vida – a mulher – e marca sua trajetória, que vai do silêncio opressivo ao grito de liberdade.

No artigo *Lamentações do Führer*, desenha-se, por um lado, a queda do fascismo e, por outro, afirma-se a indignação da autora. Seu texto não comporta hesitações, é duro e direto, ágil e envolvente: se apresenta um Franco "marcado pelo ódio dos povos", considera que igualmente ele representa, ou pelo menos representou, "as forças que ensanguentaram a Espanha", como Mussolini significou a tirania na Itália e Hitler maculou a Alemanha com campos de concentração e uma estatística desesperadora: seis milhões de judeus assassinados em nome

da pureza ariana. Em outras palavras, esse inventário não permite esquecer o extermínio de índios ou a crueldade da segregação racial.

A voz da militante esbarra no tom panfletário, sobretudo quando se eleva em reverência a Luiz Carlos Prestes, mas não comete o exagero de chamar Stálin de "pai da classe operária". Mas talvez seu texto mais contundente seja *Caricatura do nazismo*, por não pretender ser político no sentido da militância partidária, do comprometimento ideológico, mas por penetrar fundo na realidade de *O grande ditador*, filme em que Chaplin expõe Hitler ao ridículo, com um humor cáustico e mordaz.

Jacinta Passos: Uma poeta como outra qualquer?*

Angela Baptista[1]

Não se podia falar de Jacinta e, no entanto, sua fala ecoava em mais uma geração da família Passos, de Cruz das Almas, pacato interior da Bahia. Aquilo intrigava: como uma moça tão bonita e inteligente havia sido condenada a passar boa parte de sua vida enclausurada em hospitais psiquiátricos? Na família, evitava-se o tema loucura, como se evitava contato com outras famílias que trouxessem na sua história casos mal contados de outros supostos loucos.

Que segredos escondia a não falada "loucura" de Jacinta Passos? E a sua poesia, por que também ela estaria condenada a não ser escutada, como se todas as vozes humanas houvessem se negado a eternizar o seu dizer poético?[2] A dimensão trágica que a sua vida tomou em um determinado momento seria suficiente para provocar o silêncio acerca da sua obra, mesmo esta sendo tão elogiada por intelectuais e críticos importantes? Após as chamadas perturbações mentais apresentadas por Jacinta, sua poesia se fez ausente das estantes do leitor brasileiro por longo tempo, como se uma inevitável relação entre loucura e escrita fosse a partir daí construída, iniciada no seio da sua própria família. Não se podia falar de Jacinta, não se podia falar da sua obra: tudo "coisa de maluco"!

Uma interessante passagem do conto "Píncaros precipícios"[3] de Janaína Amado pode ser tomada como metáfora desse incômodo causado por toda e qualquer obra escrita, à qual, segundo a cultura familiar, poderia ser atribuída a gênese da loucura:

"– Era só o que faltava, essa mania de escrever!

– O que você tanto escreve nesse caderno? Escrever – segurava agora um dos pulsos da filha – deixa as pessoas malucas!"

---

* Título inspirado no livro do poeta José Paulo Paes, *Quem, eu? Um poeta como outro qualquer*. São Paulo: Atual Editora, 1996 (2ª ed.). (Estas notas e as próximas são do texto original).

1 Angela Baptista é psicóloga, psicanalista e editora de Ágalma. Sua avó materna, Zilda Passos Boaventura, nascida em 1900, era prima-carnal (como se diz na Bahia) de Jacinta Passos, além de muito amiga das irmãs dela, Zete e Lourdes. Angela passou boa parte da infância e adolescência viajando com seus pais e irmãos de Salvador para Cruz das Almas e para a Fazenda Campo Limpo, onde, nas reuniões da família Passos, brincava ou conversava debaixo das suas *árvores seculares*.

2 Referência ao poema "Poesia perdida", de Jacinta Passos. In Passos, J. e Passos, M.C. Filho. *Nossos poemas*. Salvador: A Editora Bahiana, 1942.

3 Amado, Janaína. Píncaros precipícios. In *Dezamores*. S.P.: Editora Escrituras/Sesc-SP, 2003.

Haveria então uma teoria da função da escrita na família Passos, transmitida de geração a geração? Porém o irmão de Jacinta, Manoel Caetano Filho, também escrevia, chegando a publicar junto com a irmã um livro de poemas,[4] sem que com isso sua vida fosse atravessada pela dimensão trágica da loucura e do silêncio. É fato que Manoel Caetano Filho, o Nelito, como era chamado na intimidade familiar, abandonou o ofício de poeta, dedicando-se à medicina, diferentemente de Jacinta, que jamais abriu mão do fazer poético, mesmo quando ameaçada por questões políticas, mesmo quando internada nas instituições psiquiátricas. Questões políticas sim: Jacinta Passos foi membro do Partido Comunista Brasileiro, e em boa parte da sua obra comparece um forte conteúdo político-social. Esta obra, porém, transcende tais conteúdos, não se prestando a ser mera porta-voz de uma ideologia.

Tampouco se restringe à poesia – Jacinta escreveu contos, uma peça de teatro, crítica literária, artigos para jornais. Traz, com ousadia e determinação, uma "novidade atrevida no meio da nossa rotina".[5] É à rotina do seu lar, do seu *heim*, que os passos de Jacinta inicialmente nos conduzem. Como disse José Paulo Paes, é da "área do familiar, do local, do vivido – de onde procede o melhor da poesia de Jacinta Passos" .[6] Na fazenda Campo Limpo, propriedade de Manoel Caetano e Berila, seus pais, em "campos banhados de sol", entre "árvores seculares",[7] nasce Jacinta. Ali ela define o seu *heim*, onde estão mergulhadas as raízes mais profundas do seu ser.[8]

A palavra *heim* (lar) foi empregada por S. Freud no seu texto de 1919 *Das Unheimlich*, traduzido para o português como *O Estranho*.[9] Os termos *unheimlich* (estranho, sinistro) e *heimlich* (familiar), embora opostos no que diz respeito ao significado, possuem a mesma etimologia, e no texto em questão, Freud, de modo bastante original, aproxima as duas experiências: para cada um, em determinados momentos, o reencontro com o familiar produz surpreendentemente uma sensação de estranhamento. Por isso a tradução mais correta do termo *Das Unheimliche* seria "o familiarmente estranho". Assim é que o ser de Jacinta, sob *a sombra das árvores que se alongam como fantasmas / quando a noite desce*, sente *inesperada, uma estranha alegria* e vai pouco a pouco aparecendo num e noutro poema inundado pela tristeza, por um enorme sentimento de angústia e de impotência.

---

[4] Passos, J. e Passos, M. C. Filho. *Nossos Poemas*. Op.cit.

[5] Cândido, Antonio. Dantas, Vinicius (seleção, apresentação e notas). Textos de Intervenção. S.P.: Duas Cidades/Ed. 34, 2002.

[6] Paes, José Paulo. Prefácio a *Canção da partida*, de Jacinta Passos. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1990 (2ª ed.).

[7] Passos, J. Campo Limpo. In *Nossos Poemas*, op. cit.

[8] Id. Ibid.

[9] Freud, S. O Estranho. In *E.S.B.* Vol. XVII. R.J.: Imago, 1976.

O que despertava a tristeza em Jacinta? A pobreza, a condição feminina, a injustiça, o preconceito, tudo enfim que fosse capaz de suscitar alguma espécie de dor nos homens. Porém, mais forte do que tudo isso, sua tristeza era causada pela profunda consciência de que não adianta fugir[10] dessa realidade que se expande mundo afora, distanciando-a cada vez mais das limpas cancelas do seu Campo.

A vida, junto a sua inquietude intelectual, levou-a para longe: Salvador, Ilhéus, Rio de Janeiro, São Paulo, Aracaju. Nessas outras paisagens Jacinta pode perceber melhor o quanto passa o momento, o sonho murcha, a esperança finda.[11] Depara-se com um poder maior que o sopro criador do Senhor (que faz surgir os poetas e o poder da poesia): o poder do dinheiro. Demonstrando uma mestria inconfundível na arte da ironia, louva-o como *Chave do mundo, / porta do céu, / poder divino, / submarino... venha a nós todos / o vosso reino, / de sumo bem / para sempre / amém.*[12]

Esse poema, intitulado "Louvação do dinheiro", foi concebido em 1944. Um ano depois, Jacinta filia-se ao Partido Comunista Brasileiro, seguindo os passos do seu marido, o escritor James Amado.[13] Sabe-se, porém, que em data anterior seu irmão Manoel Caetano, que com ela comungava alguns ideais, levou-a a interessar-se pelo referido partido, e em agosto de 1942 Jacinta publica seu primeiro artigo na Revista Seiva, encarregada de "transmitir o pensamento da intelectualidade democrática e antifascista do Brasil".[14]

Não cabe aqui retomarmos essa fase da história e tantos destinos trágicos que engendrou. A própria Jacinta o faz no poema "Elegia das quatro mortas",[15] onde fala de mulheres cujos sonhos eram tão simples, e que, no entanto, não conseguiram nem as miudezas dos seus desejos, dentre as quais Olga Benário.

A poeta, empunhando sua pena tão feminina, como já assinalado por Sérgio Milliet,[16] havia se referido em outros poemas ao destino de ser mulher e à desigualdade entre os sexos.[17] A condição feminina é por ela cantada como assujeitada a uma outra voz, essa sim capaz de se fazer ouvir e realizar seus intentos, a voz do homem que "recebe, enriquece, / vai receber mais além".[18]

Apesar dessas constatações, Jacinta ousa apostar num outro destino para a mulher, que possa levá-la para onde ela mesma queira ir, à revelia das corrente-

---

[10] Passos, J. Pânico no planeta marte. In *Canção da partida*, op.cit.
[11] _____. Incerteza. In *Nossos Poemas*, op.cit.
[12] _____. Louvação do dinheiro. In *Canção da Partida*, op.cit.
[13] Paes, José Paulo. Entre lirismo e ideologia. In Passos, Jacinta. *Canção da Partida*, op.cit.
[14] Machado, Dalila. *A história esquecida de Jacinta Passos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/ Fundação Cultural do Estado/Empresa gráfica da Bahia, 2000.
[15] Passos, J. Elegia das quatro mortas. In *Poemas políticos*. R.J.: Livraria-Editora da casa do estudante do Brasil, 1951.
[16] Paes, J.P. Entre lirismo e ideologia, op. cit.
[17] Passos, J. Canção simples. In *Nossos poemas*, op. cit.
[18] Id. Ibid.

zas do rio.[19] Numa época e num país onde só restava à mulher um lugar da mais extrema ignorância e acomodação, a poeta se engaja pessoalmente para permitir que a mulher brasileira, especialmente a operária brasileira, reflita sobre sua própria condição, abrindo para si mesma um espaço transformador.[20]

Gênio, coragem, diligência, perseverança fizeram de Jacinta uma digna representante do que chamamos a mulher moderna. Impasses, conflitos, mal-entendidos acompanharam esse deslocamento da posição de assujeitamento absoluto para uma condição de autonomia. Na Viena *fin de siècle* tal transformação conduziu algumas dessas mulheres à clínica de S. Freud, para inventar com ele a psicanálise.[21] Jacinta Passos, no Brasil dos anos 30, faz da sua poesia o caminho para permanecer atrelada às suas convicções, para assegurar o seu lugar de sujeito, o seu *heim*, mesmo quando chega aos mais longínquos dos lugares, nos quais permanecerá, em internações sucessivas, até o final da sua vida: os Sanatórios Charcot, Adauto Botelho e a Casa de Saúde Santa Maria.

A poesia possibilitou que o seu destino enquanto sujeito permanecesse intacto em cada momento da sua trajetória, apesar das perseguições e violências que sofreu. Já no seu primeiro livro a poeta nos traz tão bem dita a questão que constitui e anima o seu sujeito, que o faz desamparado e errante por um lado, mas que o faz continuar, não desistir, desejar enfim:

– Por que esse desejar que não se cansa,
Por que este destino errante de correr
Sempre atrás dum bem que não se alcança?...[22]

---

[19] Id. Ibid. *A flor caída no rio / que a leva para onde quer, / sabia disso e caiu, / seu destino é ser mulher.*

[20] Só unidas as mulheres resolverão seus problemas. Entrevista de Jacinta Passos para o jornal *O Momento*, 10.12.1945. Apud Machado, Dalila. *A história esquecida de Jacinta Passos.* Op.cit.

[21] Kehl, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino – A mulher freudiana na passagem para a modernidade.* R.J.: Imago, 1998.

[22] Passos, Jacinta. O mar. In *Nossos poemas*, op. cit.

Outros passos pela poesia

Simone Lopes Pontes Tavares[1]

Aprendi com a primavera a deixar-me cortar.
E a retornar sempre inteira.
(Cecília Meireles)

Um profundo respeito me liga a Jacinta Passos. No meu entendimento, sua qualidade primordial reside na ousadia de uma personalidade marcante: tanto na virtude de seu espírito incansável quanto na firmeza inaudita de seus propósitos. Jacinta Passos leu o mundo à sua volta. O momento histórico em que viveu foi a grande personagem de sua tessitura poética. E a liberdade, seu canto. É visível que o conjunto de seus poemas não compõe uma obra extensa, mas "apreende a realidade íntima das coisas".

Foi por volta de 1998 que enredei meu primeiro contato com a poesia de Jacinta Passos, através de seu livro "Canção da Partida". Logo depois recebi, também pelas mãos de sua gentil filha Janaína, três outras coletâneas de seus versos: Momentos de Poesia, parte integrante de "Nossos Poemas"**; "**Poemas Políticos" e "A Coluna", poema em 15 cantos que seria uma parte de "Histórias do Brasil e Outros Poemas", livro não editado. Pouco a pouco, percebi que sua poesia se realizava pelo movimento das palavras numa pulsação rítmica orgânica e seus versos sugeriam ao leitor trilhas que se multiplicavam e se completavam, num universo onde *a vida vale por si*. Recordo-me ainda de, naquela época, ter passado horas a conviver com a força de sua linguagem enigmaticamente simples. Com efeito, ficou vivamente marcado em minha memória que ela estabelece uma cumplicidade com o leitor, através dos versos, nos quais declara sua voz poética: *quando eu não for mais um indivíduo, eu serei poesia*. Desse modo, Jacinta voltará, sempre inteira, viva nas asas de seus versos, partilhando conosco a plenitude

---

[1] Simone Lopes Pontes Tavares, mestre em Letras pela UFBA, especializou-se em Literatura Baiana. Publicou artigos em periódicos, organizou a antologia *A Paixão premeditada* – Poesia da Geração 60 na Bahia. Rio de Janeiro/Salvador: Imago Editora/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2000, e foi autora das notas biobibliográficas e da seleção dos poemas de poetas – entre os quais Jacinta Passos – incluídos em: TAVARES, Ildásio. (Org.). *Poetas da Bahia* – Século XVII ao Século XX. Rio de Janeiro: Imago Editora/Fundação Biblioteca Nacional – Departamento Nacional do Livro, 2001.

do seu desejo de infinito e a fantasia da divinização, tantas vezes expressos em seus poemas. Em outras palavras, estes versos traduzem a sua ânsia de alcançar uma dimensão cósmica cada vez mais ampla, mas, também, nos concedem licença e nos dão a chave para perscrutar sua tessitura poética. Por conseguinte, eles instauram um movimento pendular, renovado a cada leitura, de descoberta e redescoberta, encontro e reencontro entre poesia, poetisa, leitor. Então, abre-se um leque de possibilidades na tentativa de, seguindo os rumos de seus versos, elaborarmos um perfil de seus itinerários.

Agora, passados seis anos desse nosso primeiro encontro e 90 anos do nascimento de Jacinta Passos, reencontro sua poesia, seus versos fixados por uma camada específica de brasilidade, coragem, religiosidade, resistência, sensibilidade, e articulados por um discurso que se expõe e se desenvolve no embate com as representações de poder estabelecidas, através de uma ironia e de uma sátira cambiantes. Ao mesmo tempo, Jacinta Passos comove, emociona quando, em seu empenho poético, expressa momentos de pura inocência lírica, ou ainda, quando equilibra palavra e criação para construir belas imagens e elaborar sons, mesclando tons de musicalidade. Os seus versos têm uma fisionomia lastreada no místico e são peculiares na medida em que revelam uma sensualidade sutil e uma surpreendente força telúrica. Jacinta Passos viveu sua infância na fazenda Campo Limpo, espaço que levaria sempre consigo, transportando-o para seus poemas, na busca de revivê-lo e eternizá-lo:

Campo Limpo,
as tuas paisagens se identificaram
com todas as vibrações de minha vida amanhecente.
As tuas paisagens parecem humanas.
Parece humano o murmúrio do vento nas tuas árvores seculares
e a branca silhueta da velha casa antiga.
Tuas paisagens revivem a minha vida já morta,
todos os instantes perdidos para sempre
e que eu quisera integrados num momento eterno.
Como a árvore que dá sombra e flor e fruto
esconde as raízes na terra de onde veio,
estão mergulhadas no teu solo
as raízes mais profundas do meu ser.

Eis a gênese de Jacinta Passos. A semente dos versos de “Campo Limpo” será transplantada mais tarde para o poema “Canção da Partida” – expressão e mosaico de seu imaginário e de sua *vida amanhecente*. Desta maneira, aqueles *instantes perdidos para sempre*, aos quais se refere sua voz poética, germinarão, estarão

afinal fixados, reunidos, *integrados num momento eterno* e serão reconstruídos, embora em outro tom e em outro matiz, na viagem lírica realizada dos versos de "Campo Limpo" para os de "Canção da Partida", que será, por sua vez, uma composição jocosa, mas repleta de ironia. O toque de brasilidade virá na alquimia das tintas, na musicalidade poética obtida também pela introdução de cantigas infantis populares, presentes, no meu entendimento, para compor os versos de modo a explicitar a qual identidade se filia sua tessitura poética. Assim, as paisagens que surgem dos versos de "Campo Limpo" trazem consigo o privilégio de gerar transmutações, pois são capazes de despertar vibrações místicas e transcendentes de um reviver, e se delinearão – através do conjunto destes e de outros elementos – em nova forma e com novo vigor nos versos de "Canção da Partida":

Passa
passa
passará
derradeiro ficará

Não me prenda
bom vaqueiro
bom vaqueiro
eh!
dá licença de passar,
levo a noite e levo o dia
que alegria!
levo tanto o que acabar.

Mandioca tem veneno,
dá farinha e dá beiju.

Campo Limpo, lobisomem,
menina de calundu,
medo de cobra e trovão,
escuridão!

A Campo Limpo revisitada nos versos cadenciados de "Canção da Partida", apesar de conter um frescor trazido pela alegria de sua forma, possui atributos que definem a diversidade de cada personagem, cada coisa, cada instante e transmuta-se em algo distinto pela força da palavra criadora, mas, também, pela incessante ação corrosiva do tempo, pelo peso da ausência e de um agora outro, inevitável, novo olhar de Jacinta Passos, ressignificado por ela a cada verso e, também, a cada leitura nossa. Com isso, Jacinta Passos estabelece em seu proces-

so de elaboração poética uma simetria entre viver e escrever e se fará presente, e será representada, pela via indireta da sua poesia. Os seus poemas dialogam com o percurso de suas vivências: a infância rodeada pelo imaginário popular dos mitos, das lendas, das canções de trabalho, das cantigas de ninar e de roda; a religiosidade; o amor; a trajetória de sua combatividade política; as alegrias; as perdas. Assim, o lirismo poético de Jacinta Passos é arte plena de puro ludismo da linguagem e de sua preocupação em representar o contexto sociopolítico em que vivia e procurava interagir, firmando sua posição enquanto mulher, baiana, professora, militante comunista, escritora.

No horizonte do processo de composição poética de Jacinta Passos, vislumbra-se um movimento catalisador dos vários elementos que conferem um sentido metafórico, múltiplo, às vivências da escritora, e estas, por sua vez, disseminadas ao longo dos versos, irão convergir para o espelho de sua linhagem. Ao longo de sua poesia, uma armadilha perpassa e tece os fios da rede de seu texto e pode causar ao leitor desatento uma impressão de linearidade enganosa. E esta cilada, precisa, presente nos seus versos, está na clareza e na simplicidade obtidas pela escolha de palavras comuns, onde residem as dimensões encontradas no cotidiano, uma das principais matérias-primas de sua criação poética. A simplicidade e a clareza são os fios condutores de seus versos e nos revelam a inventividade, bem como a sutileza de todo o labor de sua poesia. E será esta simplicidade da linguagem que irá, ao mesmo tempo, pluralizar, unificar, ressignificar, presentificar e tornar sua poesia definitiva, como tudo que é simples. Aliás, é sua própria voz poética quem roga, nos versos do poema "Súplica", pela perfeição da clareza e da simplicidade, no intuito de alcançar o sublime:

Crucifica o meu espírito e a minha carne.
Quero experimentar todas as formas do sofrimento humano,
a dor universal,
para que, purificada pelo sofrimento,
a minha voz se erga, clara e simples como a voz das criancinhas.
Põe na minha boca o canto definitivo,
o canto perfeito, o louvor perene
do absoluto esplendor de tua beleza divina.

E sua voz poética ainda arremata esta concepção artística, dizendo-nos que o belo pulsa é na simplicidade, nos versos de "Poesia Perdida":

Ó! a poesia deste momento que passa,
a grande poesia vivida nesse instante
por todos os seres da terra,

que palpita nas coisas mais simples
como um rastro luminoso da Beleza.

Paradoxalmente, sua voz poética, demonstrando descrença, irá rejeitar essa busca pelo divino e se insurgirá contra si mesma, contra o ato e o gesto da elaboração da escrita poética. Sua voz trará um tom veemente: a criação é agora algo que entorpece a percepção, tanto a sua quanto a divina. E nesta negação, a criação torna-se um fardo no que pode conter tanto de afastamento da realidade e das mazelas humanas quanto de ser um ato fatidicamente solitário, refletindo-se nos versos de sua "Canção atual" um momento de profunda cisão de suas concepções, onde conclui, de modo enfático:

Não quero a sina de Deus
nem a que trago na mão.

Plantei meus pés foi aqui
amor, neste chão.

Ainda em 1938, no poema "Contrição", sua voz poética irá chamar o desencadear desta cisão de "infidelidades à minha vocação eterna". Então, em 1944, o poema "Louvação do dinheiro" funde sagrado e profano, transubstanciando em poder divino o poder material do dinheiro – ao qual irá denominar, dentre outras coisas, de *chave do mundo* –, através do tratamento laudatório que dará ao tema e da ironia mordaz, mas indispensável neste caso tanto para demolir quanto para recriar sentidos e realizar a catarse necessária e proveniente do clímax desencadeado pelo conflito instalado em convicções místicas que surgem, aparentemente apaziguadas, em outros poemas de Jacinta Passos:

Chave do mundo,
porta do céu,
poder divino,
submarino,
louvado seja
o vosso nome
que mata a fome,
vence a floresta,
afronta a morte,
asa, transporte
ao reino místico,
ar do cativo

contemplativo
da pura essência
da existência
(bola de gude:
beatitude)
eixo da terra,
sol do nascente,
onipotente,
varinha mágica
do rei real,
de todo o mal
livrai-nos senhor
mediador,
venha a nós todos
o vosso reino
de sumo bem
para sempre. Amém.

Em seu tecer poético, Jacinta Passos elabora um universo refratado pela sua receptibilidade sagaz e capta a dramaticidade do exato instante do cotidiano – individual ou coletivo – em que as impressões se cristalizam. O registro dessas impressões revela-se matizado em seu texto através das várias gradações do tom de sua voz poética. No que tange à voz de suas canções líricas, o expressar poético irá se imprimir e se configurar em determinados momentos, como no poema "Diálogo na sombra", num tom bastante volátil que trará consigo um desprendimento leve, um sentimento da transitoriedade de tudo, mas que terá, por sua vez, a força perene do que é dúctil. E é esta possibilidade de ir além, este alçar voo, esta volatilidade lírica que trará um toque tênue, uma fluidez à leitura dos poemas de outros tons, reunidos no conjunto de sua poesia:

– Que disseste, meu bem?

Esse gosto.
Donde será que ele vem?

Corpo mortal.
Águas marinhas.

Virá da morte ou do sal?
Esses dois que moram no fundo e no fim.

–De quem falas amor, do mar ou de mim?

Jacinta Passos, sem dúvida uma mulher fascinada pela magia das palavras, deixa-nos expressos em seus poemas o legado e a riqueza de suas vivências, de seu misticismo intrigante, de seus ideais. Sua poesia recria a tradição, na medida em que se movimenta por aspectos que ora se afastam, ora se voltam para ela. Sua poesia, fruto da finura de sua percepção, é o depoimento de quem viveu ativamente um dos períodos históricos mais efervescentes do século XX.

“Eu serei poesia”

Gerana Damulakis[1]

Sendo apenas a leitora, é claro que as impressões que trago após a leitura dos quatro livros de Jacinta Passos estão longe de alcançar o patamar de um estudo crítico. Os livros são: *Momentos de poesia*, de 1942, *Canção da partida*, de 1945, *Poemas políticos*, de 1951 e *A Coluna*, de 1975.

Não há o estofo da exegese, apenas a leitura com coração, ou seja, a leitura cordial. Especialistas na poesia de Jacinta Passos já levantaram com segurança as características que evidenciam sua obra, assim como o valor que ela carrega.

A poesia de Jacinta Passos é essencialmente social, embora o lirismo de tantos momentos e embora muitas vezes também a mistura do lirismo e da indignação com a lamentável condição humana. Ela tem muita consciência de que a leitura de um poema requer a atenção, a escuta, pois uma outra voz, antes de mais nada, se quer ouvida e entendida. Tal é a sua meta. E, assim, intitulei este pequeno texto justamente com um verso perfeitamente adequado.

À guisa de registro: o livro *Momentos de poesia* abre com “Poesia Perdida” e fecha com “Eu serei Poesia”.

É necessário trazer alguns versos deste “Eu serei Poesia”, do livro *Momentos de Poesia*, para justificar completamente a intenção supracitada de dizer por todos, de clamar por todos: *Quando eu não for mais um indivíduo, / eu serei poesia*. E, mais adiante, para finalizar o poema, o arremate é o êxtase poético em sua plenitude, como segue:

> *Meu nome não importa.*
> *Eu não serei eu, serei nós,*
> *Serei poesia permanente,*
> *Poesia sem fronteiras.*

---

[1] A crítica literária Gerana Damulakis, sediada na Bahia, é autora dos títulos *Guardador de mitos* (Salvador: Edição do Autor, 1993), *Sosígenes Costa – O poeta grego da Bahia* (Salvador: EGBA, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996)) e *O rio e a ponte – À margem de leituras escolhidas* (Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, EGBA, 1999). Organizou e apresentou *Antologia panorâmica do conto baiano – século XX* (Ilhéus, BA: Editus, 2004). Participou de várias coletâneas de ensaios, manteve colunas literárias em jornais e tem um *blog* de divulgação literária: http://leitoracritica.blogspot.com.

Bastante conhecido, o poema "Canção simples" é admirável e emblemático, estruturado sobre um jogo de oposições entre a mulher e o homem, a que perde e o que

leva tudo e segue em frente
amor de homem é tufão, homem que tudo tomou,
(...)
é homem que conquistou.

Impressiona como há uma tensão permanente, um propósito constante que acaba exaurindo a poeta: "Estou cansada, Senhor", no poema "Cântico do exílio". Já em "A missão do poeta" o chamamento é por Jesus, Senhor, Maria, mas a importância da poesia está nas mãos e isto é tão belo; no entanto, é no canto que está a celebração do mundo.

Ficou claro que estas linhas são as impressões de uma leitora. Uma curiosidade: a leitora se pegou com a mão no peito, como se estivesse orando, tanto pela cadência dos versos, quanto pelo conteúdo, como quando clamamos, quando estamos tocados, seja pela tristeza, seja pela perplexidade diante da vida. O poema em questão está no livro, sabe-se, mas seria experimentado agora, se lido abaixo, enquanto sensação do dizer uma oração.

Nós, os cristãos

Senhor,
na realidade eterna de tua vida divina,
contemplas dentro do teu Verbo
todas as criaturas.
Contemplas os cristãos
que não continuam através do tempo
a presença do teu Verbo encarnado.
Não somos a tua imagem.
Somos apenas uma caricatura,
nós, os cristãos
que aceitamos a injustiça na face da terra.

Os demais, seja "Contrição", "Oferenda", "Consagração", ou "Comunhão", induzem o mesmo posicionamento, uma concentração com um toque de sagrado no momento em que os lemos.

Jacinta Passos escreveu poemas que são preces, escreveu canções que pedem o canto devido a certo deslizamento melódico, versos que dizem de um eu

com fome de amor, permeada pela dolorosa procura do Ser. Cada leitura traz mais elementos para explorar e, diga-se, é recente a minha intimidade com a sua poesia na totalidade. Não vou deixar passar a procura do Ser, responsável pelo uso das palavras “abismo”, “ânsia”, “angústia”; no poema “Cântico de exílio”, já referido anteriormente, porque há um verso belíssimo que diz: *eu me abismar em ti*. É a procura do Ser, aquele vazio que, paradoxalmente, existe por conta das inúmeras possibilidades, algo que acontece aos que buscam algo que lhes falta: falta algo realmente, por serem assim tão fartos de capacidades. Jacinta Passos escreve:

A certeza de que, tendo tudo no mundo,
Nada
pode encher o vazio do meu desejo,
do meu desejo profundo.

Nas canções, outras canções são chamadas para funcionar como lembrança ou chamamento de interpretações que, talvez, até então não tenham sido sentidas pela maioria. É a sensibilidade da poeta que deseja incluir frases, versos, trechos de refrões para dentro de sua poesia, para que todos a compreendam, porque é com eles – este todos – que ela almeja a comunicação.

Em “O canto de amanhã” é explícita a voz que diz:

Desabem sobre mim os grandes sofrimentos
As dores elementares,
a fome,
o frio,
o cansaço,
a miséria,
que marcam como fogo o ser humano total,
desabem sobre mim.

Vale insistir na vivência da dor que é cantada, a “dor universal” é experimentada e é ela que leva até a palavra “abismo”, palavra recorrente.

A perspectiva é mais evidentemente crítica em poemas tais como “Carnaval”, quando a ironia está presente para auxiliar aquela definição da Bahia de então – e, certamente, atual –, a Bahia que é mescla de raças, de classes, mas se disfarça, quer-se apenas grã-fina e branca: *Negro é rei / no carnaval*. Ressalto o poema “Diálogo num país qualquer”, bastante significativo à luz do momento que, talvez, poderia ser ainda um “hoje” numa pátria que, todavia, não olha igualmente por todos. Notória a instrumentação moderna da poeta.

O livro *Canção da Partida*, de 1945, enfatiza características já anteriores: o diálogo dentro do poema, a canção e seu tom peculiar. Aliás, o valor erigido é o canto mesmo na evocação da terra e do povo. De *Canção da Partida*, há em "Canção da Liberdade" o eco de *Eu sou pobre, pobre, pobre de marré marré de si*, basta escutar: *Eu só tenho a vida minha. / Eu sou pobre, pobrezinha, / tão pobre como nasci, / não tenho nada do mundo, / tudo que tive, perdi.* O mesmo ocorre com o primeiro poema deste livro, o qual lhe empresta o título, "Canção da partida": *Passa / passa / passará / derradeiro ficará.*

E a poeta segue seu cantar: em "Três canções de amor", o toque erótico no canto III (encontrado algumas vezes no primeiro livro, como, por exemplo, no poema "Limitação"); em "Estrela do Oriente", uma louvação ao comunismo, citando a foice; enfim, a mulher escrava, pobre, sempre inferior ao homem, mas que se revela forte, com igual direito a usufruir sua sensualidade, atenta ao mundo político e social, como para mostrar que há apenas o ser humano; então, esqueçamos o gênero, minimizemos o sofrimento da humanidade, "a dor universal".

As canções, ao trazerem a grandeza de seu lirismo, podemos encontrá-lo nas suas palavras, principalmente nas recorrentes, usadas, todas elas, com firmeza e, ao mesmo tempo, doçura.

O domínio estético permite a expectativa de uma troca de ideias, de diálogos, como a própria poeta intitula um deles. São tais os poemas: "Diálogo na sombra", "Canção da Liberdade", "Mensagem às Crianças do Mundo". Em "Diálogo na sombra" há um jogo metafórico de primeira, usando um processo dialético significativo do conflito existencial. Ao passar para as canções que lembram os povos do mundo, os sofrimentos do mundo, a necessidade de conscientização dessas existências, a poeta é a mesma, mas é tomada de uma força diferente, quer-se voz universal, poeta que denuncia, aquela que defende quem sofre.

Diálogo na sombra

– Que disseste, meu bem?
– Esse gosto.
Donde será que ele vem?
Corpo mortal.
Águas marinhas.

Virá da morte ou do sal?

Esses dois que moram no fundo e no fim.
– De quem falas, amor, do mar ou de mim?

Tudo aqui colhido, foi enfatizado desde o início, não tem outra pretensão, é apenas resultado de leitura, isto é, tanto a tendência ao diálogo, quanto a incorporação de canções e nomes populares, os especialistas na obra de Jacinta Passos já devem ter apontado nos seus estudos.

O terceiro livro, *Poemas Políticos*, de 1951, além dos versos políticos (destaco "as fúrias e a carta"), como reza o título, inclui canções líricas. *A Coluna*, de 1975, é um épico sobre a Coluna Prestes. Construído como quem conta, sem esquecer o comprometimento com o verso, o épico vem somar como testemunho maior de seu engajamento com o político e o social.

Senti o inconformismo social trazido para tão perto, como se a poeta, antes mesmo do verso, trouxesse para si toda a indignação do mundo. Desde logo, há este acréscimo que distingue sua poesia. Se não há gritos que reivindicam, há a voz alta, ardente e furiosa voz, plena de aversão pela época insensível que é vivida. Neste ponto, a poesia avança e domina.

A linguagem é ousada, ou melhor, atrevida, porque não se esconde do que realmente quer dizer; cristalina, portanto, pede revolução através da literatura. Todo leitor dirá que o valor da obra de Jacinta Passos está confirmado, passada a leitura na íntegra, pois que ela mesma, a poeta, se confirma e se fez poesia.

Bibliografia

De Jacinta Passos

Livros

Nossos poemas. Salvador: A Editora Bahiana, 1942, 144 páginas. Compõe-se de duas partes: a primeira (p. 1 a 98), intitulada "Momentos de poesia ", reúne 38 poemas de Jacinta Passos; a segunda parte (p. 102 a 144), "Mundo em Agonia" contém 22 de Manuel Caetano Filho, irmão de Jacinta.

Canção da partida. São Paulo: Edições Gaveta, 1945, 121 páginas. Reúne 18 poemas, 3 transcritos do livro anterior. Contém 5 desenhos de Lasar Segall, incluindo-se o da capa, elaborados especialmente para a publicação. Edição de 200 exemplares, numerados e assinados pela autora, além de dez exemplares acompanhados de uma ponta-seca original de Segall.

Canção da partida. Salvador: Fundação das Artes, 1990, 2ª ed 77 páginas. Antecedido do ensaio crítico "Entre lirismo e ideologia", de José Paulo Paes, escrito especialmente para a edição.

Poemas políticos. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951, 87 páginas. Reúne 19 poemas, dos quais 10 inéditos, subdivididos em "Poemas políticos" e "Canções líricas". Os outros 9 poemas foram selecionados de *Canção da partida*.

A Coluna. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Fº Editor, 1975, 47 páginas. É composto do poema épico homônimo, em quinze cantos, sobre o episódio histórico da Coluna Prestes.

Participação em antologias e afins

CD *O Prazer da Poesia na voz de José Mindlin*. Incluído o poema "Cantiga das mães". S. Paulo, Gravadora Eldorado, 1998.

Assis Brasil (organização, introdução e notas). *A poesia baiana no século XX – Antologia*. Contém os poemas "Canção da liberdade", "Estrela do oriente" e "Canção da alegria", antecedidos de biografia e breve apreciação crítica do conjunto da obra. Salvador/Rio de Janeiro, Fundação Cultural do Estado da Bahia/Imago Editora, 1999.

Site "Escritoras baianas" (http://www.escritorasbaianas.ufba.br), um dos resulta-

dos do projeto "A literatura baiana de autoria feminina nos séculos XIX e XX". Contém breve bio-bibliografia, foto e comentário crítico sobre a obra de Jacinta Passos.

Ildásio Tavares (organização) e Simone Lopes Pontes Tavares (notas bio-bibliográficas). *Poetas da Bahia - Século XVII ao século XX*. Inclui nota bio-bibliográfica e os poemas "Canção simples", "Diálogo da sombra", "Louvação do dinheiro", "1935" e "Canção atual". Salvador/Rio de Janeiro: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Imago Editora, 2001.

Izabel Brandão e Ivia Alves (organização). *Retratos à margem*: *antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950)*. Contém breve bio-bibliografia, foto e comentário crítico sobre a obra de Jacinta. Maceió: Edufal, 2002.

Oscar Dourado (coordenação). Vídeo *Mídia Poesia*. Salvador: Incluído o poema "Canção da Partida", recitado por atriz profissional. Salvador: Da Rin Produções, 2003. Segunda edição ampliada, 2005.

Roberto Leal (organização). *Salvador 460 Anos de Poesia*. Contém poema de Jacinta Passos. Salvador/Rio de Janeiro: Fundação Omnira, 2008.

Raimundo Gadelha (poemas), Mauricio Simonetti e Rogério Reis (fotos) e José Inácio Vieira de Melo (organização e seleção dos fragmentos poéticos nos rodapés). *Brasil – retratos poéticos*. Inclui fragmentos de "Cantiga das mães", "Canção da partida" e "Canção atual". S. Paulo: Editora Escrituras, 2009.

Site http://www.jacintapassos.com.br. Iniciativa de Janaína Amado, contém informações biográficas e poemas de Jacinta Passos, bem como notícias atualizadas sobre estudos e atividades a ela referentes, 2010.

Sobre Jacinta Passos

Livros

Machado, Dalila. *A história esquecida de Jacinta Passos*. Salvador: Fundação Cultural do Estado/ Empresa Gráfica da Bahia, 2000

Gilfrancisco. *Jacinta Passos: a Busca da Poesia*. Aracaju: Edições GFS, Coleção Base 2, 2007.

Monografia

Fuad, Danielle Spinola. *Passagem de Jacinta Passos pelo Jornal "O Imparcial" (1943)*. Monografia de Especialização apresentada ao Centro Universitário Jorge Amado, área de Jornalismo Contemporâneo, com foco de interesse na História da imprensa feminina da Bahia. Orientanção do Prof. Dr. Luís Guilherme Pontes Tavares. Salvador, 2008.

Agradecimentos

No longo caminho até a publicação deste livro, muitas pessoas e instituições me ajudaram, de diversas maneiras. Isto *não é* um chavão: este trabalho jamais teria sido possível sem o apoio de cada uma delas, a quem sou grata de todo o coração.

Luiz Carlos Figueiredo, meu marido, me ajudou em tudo o que pôde. Acompanhou-me na fase baiana da pesquisa, e me auxiliou durante toda a construção do livro, oferecendo sugestões sempre fundamentadas e equilibradas, apoiando-me quando eu desanimava, me suportando quando estive insuportável, sempre me incentivando, com seu amor e firmeza. Sem você ao meu lado, Luiz querido, eu simplesmente não teria conseguido.

James Amado, meu pai, participante de momentos especiais da vida de Jacinta, concordou em compartilhar comigo, nos últimos anos de sua vida, recordações muito antigas, algumas extremamente dolorosas, que até então havia guardado apenas para si. Meu pai sempre considerou a poesia de Jacinta digna de visibilidade e reconhecimento, e torceu muito para este livro ser publicado. Luiza Ramos Amado, minha madrasta – a quem chamo de mãe, pois me criou desde os onze anos de idade –, compreendeu o significado deste livro para mim, e apoiou meu trabalho de todas as formas possíveis. Aos dois sou imensamente grata.

José Mindlin, mesmo recém-saído de uma internação de um mês no hospital que o enfraquecera muito, escreveu o texto absolutamente pessoal que abre este livro, no qual atesta sua admiração pela poesia de Jacinta – já patente quando incluíra o poema "Cantiga das mães" no CD de suas poesias preferidas, *O prazer da poesia*. Sou profundamente agradecida a ele e a Guita, assim como a Betty, que intermediou nosso último contato.

Jorge Schwartz, diretor do Museu Lasar Segall, com rapidez e simpatia autorizou a reprodução das imagens que o grande artista desenhou para a primeira edição do *Canção da partida*, e que hoje, com exceção de uma, integram a coleção do museu. Graças a Jorge essas imagens embelezam as páginas deste livro, corroborando o imenso talento e sensibilidade de Segall.

Agradeço a todos os que concordaram em conversar sobre Jacinta – seus nomes estão relacionados em "Fontes", ao final da biografia –, compartilhando comigo informações, experiências e sentimentos a respeito de fases e acontecimentos da vida de minha mãe que eu desconhecia ou conhecia apenas parcialmente. Essas

pessoas trouxeram mamãe e a sua trajetória para perto de mim, fazendo-me imenso bem pessoal e tornando possível a biografia que integra este livro.

Meu comovido obrigada aos intelectuais que, mesmo sem pagamento, aceitaram escrever textos para este volume, enriquecendo-o com seus conhecimentos e olhares contemporâneos sobre a vida e a obra de Jacinta. Angela Baptista, Fernando Paixão, Florisvaldo Mattos, Gerana Damulakis, Guido Guerra, Hélio Pólvora, Ildásio Tavares e Simone Lopes Tavares responderam prontamente ao meu pedido de colaboração, produzindo em tempo recorde textos de qualidade. Sua contribuição permanecerá.

Na Bahia, Lita Passos sempre me apoiou, especialmente em Cruz das Almas, onde sua presença me abriu portas, inclusive as do Campo Limpo, fazenda onde nasceu minha mãe e da qual Lita é hoje a proprietária. Lita partilha da mesma admiração de seu marido Luciano Passos, já falecido, pela poesia de Jacinta, que ajuda a divulgar. Aos dois, minha gratidão.

Em Aracaju, Maria José e José Rodrigues de Andrade gentilmente me hospedaram, assim como Gizelda e Jane Moraes, com a amizade de sempre. Geraldo Santana de Moraes forneceu dados importantes sobre a atuação do Exército no Estado, enquanto Wagner Menezes Fontes tornou-se valioso auxiliar de pesquisa. A todos, os meus agradecimentos.

Em Maceió, sou muito grata a Aurila Costa Quartiermeiester, Graça Freitas de Miranda e Lygia Coutinho, que em outro nível me ajudaram a seguir com o trabalho e a concluí-lo.

Gente de toda a minha confiança, amigos e parentes com quem em diferentes momentos compartilhei emoções, medos, dificuldades e descobertas dessa trajetória, foram imprescindíveis. Eles me acolheram, incentivaram e ajudaram: nos nomes de Elizabeth Santos Ramos, Gizelda Moraes, Inaê Amado, Letícia Canêdo, Luiz Henrique Dias Tavares, Maria Helena Simões Paes, “o grupo dos primos”, Paloma Jorge Amado, Terezinha Siqueira Andrade, Wael de Oliveira e Zinda Vasconcellos, simbolizo todos. Albano Martins Ribeiro, meu cunhado, é o criador do site http://jacintapassos.com.br, no qual divulgamos obra, biografia e notícias de Jacinta, mantendo contato com os leitores e pesquisadores.

Rina Angulo, Maria Aparecida Nobre e Arlete Soares, as “meninas da Corrupio”, e Flávia Garcia Rosa, diretora da EDUFBA, desde o início acreditaram neste livro e lhe devotaram esforços, pelo que sou grata. Ao “quarteto de ouro” que trabalhou diretamente na produção deste livro agradeço, pela competência, amabilidade e capacidade de diálogo: Bete Capinan como *editor*, Sidney Wanderley na revisão, Ângela Dantas Garcia Rosa no projeto gráfico e Gabriela Nascimento, na produção gráfica.

Sou grata à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo fundamental apoio financeiro a esta publicação, sem o qual este livro demoraria muito mais tempo para vir a público.

Índice